

Universidade Federal de Santa Catarina
Programa de Pós-Graduação em História
Tese de Doutorado

Esses moços do Paraná...

Livre circulação da palavra nos albores da República

Sílvia Gomes Bento de Mello

Florianópolis, fevereiro de 2008.

Universidade Federal de Santa Catarina
Programa de Pós-Graduação em História
Tese de Doutorado

Esses moços do Paraná...

Livre circulação da palavra nos albores da República

Sílvia Gomes Bento de Mello

Tese apresentada como requisito parcial para a obtenção do grau de Doutor.

Programa de Pós-Graduação em História Cultural

Linha de Pesquisa: Políticas da Escrita, da Imagem e da Memória

Orientadora: Professora Dr^a. Maria Bernardete Ramos Flores

Florianópolis, fevereiro de 2008.

Dedico este trabalho àqueles cuja convivência comigo alterou a minha maneira de pensar, a minha maneira de agir, a minha maneira de sentir. Alguns sabem o quanto contribuíram para que eu me tornasse quem sou, outros desconhecem a sua importância. Alguns são bastante próximos, outros só conheço dos sonhos e dos livros. No entanto, sem qualquer um deles, este trabalho não seria o que é.

Agradecimentos

Este trabalho só se tornou possível porque pude contar com pessoas e instituições que me apoiaram e me incentivaram de inúmeras maneiras ao longo dos últimos anos. Gostaria de registrar o meu agradecimento, aos menos, as que foram indispensáveis.

Maria Bernardete foge às regras de uma orientadora comum. Generosa e exigente, Bernardete soube, com seu sorriso, seu rigor historiográfico, sua paciência encorajar que eu andasse com as minhas próprias pernas, inventasse os meus próprios caminhos de pesquisa e, nesse processo, constituísse a mim mesma como pessoa e profissional.

Durante os anos de doutorado tive o privilégio de conviver com amigos verdadeiramente especiais. Formamos um grupo carinhosamente denominado *Girafas*. Com Marilange, Jacqueline, Mário e Edgar dividi as angústias e euforias da tese, as alegrias e dificuldades da vida. A postura generosa que têm diante da História, das Artes e da Vida constituiu uma influência decisiva na escrita deste trabalho, da qual me sinto credora.

Os professores Marlon Salomon e Henrique Pereira Oliveira foram criteriosos e exigentes no exame de qualificação. A eles sou grata pelas críticas pertinentes e desafiadoras, decisivas para a finalização deste trabalho.

Não poucas vezes, nos últimos anos, os caminhos da pesquisa me conduziam aos acervos de Curitiba. Lá fui sempre calorosamente recebida ora por Bernardete, Juliana e Mariana, ora por Ana Paula e Luiz Fernando. A esses amigos especiais devo a acolhida generosa, as longas conversas, a cama quentinha, as aventuras gastronômicas que tornavam leves as noites que sucediam às longas horas de pesquisa.

Nos acervos de Curitiba – Arquivo Público do Paraná, Biblioteca Pública do Paraná, Instituto Histórico Geográfico e Etnográfico do Paraná, Centro de Letras do

Paraná, Museu Paranaense, Casa da Memória – pude contar com funcionários atenciosos e que respeitam o trabalho de pesquisa.

De perto ou de longe, meus familiares torceram e apoiaram esse audacioso projeto de escrita de uma tese, provendo-me do vigor e da coragem que necessitava para prosseguir. Dentre eles, alguns foram verdadeiramente imprescindíveis: Elizabeth apoiou-me de todas as maneiras possíveis, se desdobrando para que não me faltasse tudo quanto precisava para que me dedicasse ao trabalho. Heródoto me fez perceber que a tese não é maior que a vida. Mariana oxigenava-me com sua alegria e suas histórias infindáveis, além das indispensáveis acessórias em assuntos de informática.

Maristela foi um feliz reencontro na fase final desse trabalho: seu bom-humor e sua serenidade faziam tudo parecer mais fácil.

Durante quatro anos contei com uma bolsa do CNPq que me permitiu o privilégio da dedicação exclusiva ao doutorado e que pude cumprir de maneira mais compenetrada essa etapa tão importante na formação de um professor-pesquisador. Sou grata ao país por ter me proporcionado isto.

Sumário

Introdução – Livre circulação da palavra nos albores da República, 1.

1.º capítulo – Mocidade das letras, 14.

1. Vidas literárias, 14.

2. Caminhos da escrita, 34.

O curso preparatório e o gosto pelas letras, 34 – Escola de Belas Artes e Indústrias: um espaço de fomento cultural, 41 – Curitiba em novo ritmo, 43 – As livrarias como espaço das letras, 47 – Leôncio Correia e Rocha Pombo: elos e alicerces de uma geração, 49 – Ufanismo e desencantos: o caso da Revolução Federalista, 60 – Desvios biográficos, caminhos literário, 65.

3. Reunindo-se em torno da palavra, 73.

Os Clubs estudantis e outras associações congêneres, 73 – As Sociedades Literárias, as bibliotecas e a circulação dos livros, 83 – O grupo Cenáculo, 95.

2.º capítulo – Suportes da escrita, 105.

1. Sobrevivências da palavra escrita, 105.

A livre circulação da palavra, 108 – Em vias de profissionalização: o desafio de viver da escrita, 129.

2. O Paraná tipográfico, 139.

Tipos, tipografias e tipógrafos: elementos para uma história da imprensa, 144 – Periódicos em revista, 156.

3.º capítulo – Literatura, estética e política, 173.

1. Pela Literatura (civilização, história e cultura escrita), 173.

Uma civilização artístico-literária, 174 – Uma literatura simbolista, 189 – Uma mocidade republicana, 209 – Uma busca pelas origens: a literatura de Fernando Amaro e Julia da Costa, 227.

2. Histórias Paranaenses (tradição, ficção e cultura popular), 241.

A poesia popular em *Bento Cego*, 248 – O caboclo nos *Costumes Paranaenses*, 259.

Considerações Finais – Esses moços do Paraná..., 280.

Fontes, 288.

Bibliografia, 297.

Resumo

MELLO, Sílvia Gomes Bento de. **Esses moços do Paraná...Livre circulação da palavra nos albores da República.** Florianópolis, 2008. Tese (Doutorado em História) – Programa de Pós-Graduação em História. Universidade Federal de Santa Catarina.

Orientador: Maria Bernardete Ramos Flores

Defesa: 25/02/2008

Este trabalho trata de uma mudança de regime de escrita operado nas últimas décadas do século XIX, no Paraná – um momento de modernização e urbanização, instalação do regime republicano, que trazia consigo questões ligadas à maior democratização dos meios de vida. O centro da abordagem desta tese é a emergência da livre circulação da palavra: até então o exercício da escrita e da oratória estava restrito a uma elite letrada e que se envolvia nos meios políticos e burocráticos do governo. Assim, era através da tribuna, do parlamento que se discutia e se decidia sobre os rumos da comunidade. A livre circulação da palavra subverte esta ordem de coisas: a escrita livre – aquela que não sabe a quem se destina – é a grande novidade que se instaura então. O alargamento daqueles que podem valer-se da palavra compõe um tripé: *qualquer um* pode escrever, *qualquer um* pode ler, *qualquer um* pode ser motivo de escrita. Esse acontecimento efetiva-se através do envolvimento nas letras de uma mocidade que se dedicava às atividades de leitura, escrita e oratória; da formação e do fortalecimento de associações ligadas às letras; da imprensa; dos temas e questões que se investem na escrita dos moços. Constituindo, assim, novas maneiras e novos lugares para se defender idéias: a literatura, as associações literárias, a ação dos intelectuais fora do parlamento.

Palavras-chave: Escrita; Mocidade; República;

*Os reis caem, as cidades perecem, nada do
Que Roma era permanece.
O passado está vazio. Nada.
Somente aquelas coisas de aprendizagem e
Livros que dão fama e respeito
Escapam da pira fúnebre criada
Pelo tempo e a morte.*

Florentius Schoonovius, 1618

*Certamente precisamos de história, mas não como o
passeante mimando no jardim do saber. [...] precisamos dela para a vida e para a ação [...] Somente na medida em que a história serve à vida queremos servi-la.*

Friedrich Nietzsche

Nunca se faz senão reescrever algo já escrito, e o próprio mundo é como uma vasta biblioteca onde não se faz senão reviver algo já vivido, já escrito.

Jacques Rancière, inspirado em Jorge Luis Borges

Livre circulação da palavra nos albores da República

(à guisa de introdução)

*“Vemos o quanto é forte esta alavanca – a palavra
– que alevanta sociedades inteiras, derriba tiranias
seculares...”*

Euclides da Cunha

A palavra, esta alavanca forte, no dizer de Euclides da Cunha gozou, de fato, de grande prestígio entre os intelectuais da virada do século XIX para o XX. No caso de Euclides da Cunha, sua obra capital, *Os Sertões*, expressa insatisfação e denúncia contra a violência e a covardia praticadas em Canudos e, em última instância, contra os rumos que vinham tomando a República brasileira. O livro constitui-se também em uma interpretação do país, realizada através do entrecruzamento entre literatura, história e ciência, priorizando o meio e o homem¹. Nesta interpretação, a escrita torna-se uma

¹ Sobre Euclides da Cunha e *Os Sertões*, ver: VENTURA, Roberto. *Euclides da Cunha – Esboço biográfico (retrato interrompido da vida de Euclides da Cunha)*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003; VENTURA, Roberto. *Os Sertões*. São Paulo: Publifolha, 2000 [coleção Folha Explica].

arma de combate: através dela, se intervém, se denuncia, se propõe, se reflete sobre as grandes questões nacionais. A literatura, a palavra, a retórica, o jornalismo são investidos, assim, de um cunho de missão, pois que, com eles, acreditava-se contribuir para a constituição de um país forte e próspero. A tese que ora se inicia insere-se nesse contexto. Preocupa-se em compreender a maneira como intelectuais, no final do século XIX, envolveram-se com a palavra e acreditaram na sua eficácia.

No Paraná da instalação e consolidação da República, despontava uma mocidade que se atrelava aos circuitos da palavra, acreditando com ela poder delinear as características e as condições necessárias para a prosperidade paranaense. Assim, a constituição de um Paraná autônomo e autêntico ganhava corpo através da escrita de moços que se envolviam em atividades de leitura, escrita e oratória. Moços que se dedicaram ao jornalismo e à literatura, valendo-se da palavra para defender as causas nas quais acreditavam. Viviam em um momento de transformações, de aceleração do tempo, de modernidade que se insinuava em Curitiba – a capital que aglutinou os moços tratados nesta pesquisa –, afastando-a do ritmo de vida provincial. Tratava-se, portanto, de uma cidade bastante diferente daquela onde seus pais viveram e esses moços se colocaram questões e se dedicaram a atividades que também se desviavam do que era habitual para as gerações precedentes. Nesse contexto de transformações, fizeram-se intelectuais, homens das letras participando, diretamente, do processo de incremento da circulação de notícias, novidades e idéias tão característico da modernidade daquela virada de século.

Esses moços operaram coisas novas nas letras, não apenas pelo conteúdo do que escreveram, mas pela relação que estabeleceram com a palavra, com a escrita. Aproximaram-se e associaram-se entre si de diferentes formas e foram agentes da livre circulação da palavra: não falavam apenas entre si, nas reuniões das associações que criaram; mas, fundaram periódicos, ou escreveram para os já existentes e publicaram livros – propiciando, assim, que as suas palavras, as suas idéias extrapolassem os seus círculos de convivência. Foram moços que se envolveram com o jornalismo e com a literatura e firmaram essas áreas como legítimos lugares para se falar e se propagar idéias e convicções. Observa-se, inclusive, que muitos destes que se envolveram com a palavra na mocidade se farão homens eminentes das letras paranaenses, reconhecidos posteriormente como figuras angulares do desenvolvimento literário do Estado. Em *Paraná mental*, por exemplo, obra de Mariana Coelho que veio a público em 1908, os

nomes desses literatos ganham destaque². Tal obra teria sido escrita em resposta ao livro *O Brasil mental* (1898) do lusitano Sampaio Bruno (pseudônimo de José Pereira Sampaio), no qual defende que a antiga colônia não tinha vida intelectual apreciável. Mariana Coelho, também lusitana, mas residente em Curitiba, argumenta em seu livro em favor da intelectualidade paranaense, elencando nomes que, em sua maioria, estavam ligados, justamente, ao momento histórico que tratamos neste trabalho.

De fato, a literatura é o gênero artístico que Mariana Coelho mais abordou em seu livro (que também trata de teatro, musicistas e pintores)³: “*em literatura, principalmente, tem progredido [o Paraná] de uma maneira notável desde muito recente data*”⁴, salienta a lusitana, citando os nomes que seriam responsáveis por esse progresso. Rocha Pombo, Nestor Victor, Leôncio Correia, Emiliano Pernetta, Silveira Netto, Emilio de Menezes, Dario Vellozo, Domingos Nascimento, Julio Pernetta, Antonio Braga, Ricardo Lemos, Gabriel Pereira, Nestor de Castro, Jaime Ballão, Lucio Pereira, Romário Martins, compunham a lista. Eram estes, intelectuais que se vincularam à palavra nos moldes do que tratamos nesta pesquisa. Homens que viveram as suas mocidades nas últimas décadas do século XIX e atrelaram-se às letras de maneira inédita para o contexto paranaense. Dessa forma, será através da biografia e da obra desses nomes citados por Mariana Coelho que se desenvolverá boa parte das análises e argumentações desta tese.

A questão que motivou Mariana Coelho a escrever *O Paraná mental* – qual seja, a defesa de que o Paraná tinha vida intelectual e cultural ativa e apreciável – é ratificada no prólogo da obra, assinado por Rocha Pombo (figura proeminente entre a mocidade que será tratada no correr deste trabalho), do qual destacamos a seguinte passagem:

[...] Mas assim mesmo como [o livro] está, preparado rapidamente e quase sem plano, é uma lição que nos deixa, pelo menos, inteirados da tendência notável daquele povo para as coisas de espírito; é uma cópia exata da abundância e da espontaneidade com que temos por ali a nossa visão dirigida para um vasto horizonte de larga vida moderna; e com segurança pode julgar-se, pelo que nos dá a autora, da

² COELHO, Mariana. *O Paraná mental*. 2ª ed. Curitiba: Imprensa Oficial do Paraná, 2002. [coleção Brasil Diferente].

³ *O Paraná mental* esta dividido em quatro partes, assim designadas: Literatura (apreciação artística; poetas, prosadores, jornalistas), Teatro (comediógrafos e dramaturgos), Belas Artes (musicistas; pintores), Escola de Belas Artes e Indústrias do Paraná. Dessas partes, a dedicada a literatura conta com 55 páginas, enquanto as demais somadas contam 26 páginas.

⁴ COELHO, Mariana. op.cit: 31.

*originalidade, do que tem de incisivo, no seu modo de ser, na sua natureza moral, na sua índole e na sua capacidade de cultura, o povo paranaense.*⁵

Quando o paranaense José Francisco da Rocha Pombo assina tal proêmio, em maio de 1908, residia há um pouco mais de uma década no Rio de Janeiro. De modo que a sua escrita estaria embebida de uma *evocação à saudade e ao seu amor à pátria terra*⁶. No entanto, independente de uma possível nostalgia provocada pela distância, a afirmação a tendência às *coisas de espírito* e à *capacidade de cultura* do paranaense eram convicções antigas de Rocha Pombo. Desde bastante moço engajara-se no propósito de ver o Paraná próspero e, para ele, isso se materializava, em boa medida, no desenvolvimento intelectual e cultural do Estado.

Este propósito não caracteriza apenas Rocha Pombo, mas identifica outros tantos moços literatos – aqueles nomeados por Mariana Coelho – para os quais Rocha Pombo, o mais velho dentre eles, era uma verdadeira referência. Estes escritores comprometeram-se amplamente com a constituição da cultura paranaense, notadamente no que diz respeito à cultura escrita. Concebiam que fossem agentes de uma missão em relação ao Paraná que se realizaria através da palavra, da escrita literária e jornalística. Acreditavam na palavra de maneira semelhante a Euclides da Cunha: como alavanca forte, capaz de engendrar uma sociedade nova. Nesse sentido, infere-se que a relação com a palavra que caracterizou a mocidade paranaense em questão não era uma exclusividade local, mas estava em consonância com anseios, desejos e propósitos que marcavam a intelectualidade brasileira de então. Em um momento em que o país entrava na modernidade – após a abolição e a Proclamação da República – os intelectuais impuseram-se a atribuição de pensar um projeto para o país, de refletir sobre suas possibilidades e limitações de progresso⁷. Ao mesmo tempo em que as novidades e os avanços técnicos faziam crer que não houvesse entraves para o futuro, havia legados de um passado imperial e escravista que desestabilizava as certezas quanto ao destino do país.

⁵ POMBO, José Francisco da Rocha. Proêmio. IN: COELHO, Mariana. op.cit: 15.

⁶ Idem: Ibidem.

⁷ Nicolau Sevcenko, em *Literatura como missão*, aborda, especialmente a partir de Euclides da Cunha e Lima Barreto, o envolvimento com a palavra da intelectualidade brasileira da Primeira República. A obra aponta para o sentimento de missão em relação à escrita que marcou os dois escritores e a maneira como eles concebem, através da literatura, um projeto de país que levasse em conta as contradições históricas brasileiras. SEVCENKO, Nicolau. *Literatura como missão: tensões sociais e criação cultural na Primeira República*. 2.^a ed. São Paulo: Cia das Letras, 2003. Ver também: VENTURA, Roberto. *Estilo Tropical: história cultural e polêmicas literárias no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

Delineava-se, assim, as especificidades do pensamento intelectual de uma época, na qual História, Ciência e Cultura entrecruzavam-se nas explicações e projeções feitas a respeito da Nação. Em passagem supra-citada, Rocha Pombo, escrevendo na primeira década do século XX, refere-se ao *vasto horizonte de larga vida moderna* que marcaria o Paraná. A modernidade – por tudo que ela trás de novidades, expectativas e contradições – fez-se fortemente presente no pensamento da intelectualidade brasileira do período, seja para ser negada ou afirmada. Euclides da Cunha, por exemplo, foi um intelectual que viveu e refletiu sobre a experiência moderna tanto de maneira otimista, quanto crítica em relação às suas limitações e esgarçamentos. No que se refere a Curitiba, salienta-se que a cidade viveu a experiência de modernização entre as últimas décadas do século XIX e as primeiras décadas do século XX. Destaca-se como um acontecimento decisivo nesse processo a inauguração da Estrada de Ferro Paranaguá-Curitiba, em fevereiro de 1885: encurtando a distância com o porto, propiciava-se a aceleração da chegada de mercadorias e notícias na capital. Tornando possível que chegasse a Curitiba artigos e materiais (para a construção de edificações, por exemplo) que antes não era possível – afinal nem tudo poderia ser carregado, Serra do Mar acima, em carros puxados por cavalos ou no lombo de burros.

Depois de efetivada a ligação férrea com Paranaguá, inaugurou-se em Curitiba casas bancárias e de câmbio, fábricas, o comércio incrementou-se, a cidade expandiu-se, foram construídas linhas de bonde, aumentou o fluxo de forasteiros e visitantes na capital⁸. Contudo, mesmo nos anos que antecederam a inauguração de tal estrada (que começou a ser construída em fevereiro de 1880), Curitiba já não era a mesma dos seus primeiros tempos provinciais – a Província do Paraná foi criada em 19 de dezembro de 1853, a partir da emancipação da 5ª Comarca de São Paulo. A inauguração da estrada da Graciosa em 1873 (ligando Curitiba a Antonina e Morretes) favorecera consideravelmente o maior trânsito entre as regiões litorâneas e a capital – amortecendo o problema de se ter uma capital longe do porto. Com a maior facilidade das comunicações, muitos ervateiros – a erva-mate era o principal produto da economia paranaense –, transferiram suas residências para Curitiba e interessavam-se em ver a

⁸ Sobre a chegada do trem em Curitiba, ver: MELLO, Sílvia Gomes Bento de. Trilhos do progresso: notas sobre a estrada de ferro Paranaguá-Curitiba. IN: Salomon, Marlon; Silva, Joana Fernandes; Rocha, Leandro Mendes. *Processos de Territorialização: entre a História e a Antropologia*. Goiânia: UFG, 2005: 105-118.

cidade prosperar. A indústria do mate cresceu nos arredores da capital, pois *agora o produto poderia chegar ao porto mais facilmente, através dos carroções*⁹.

Foi na cidade em modernização das últimas décadas do século XIX que os intelectuais contemplados nesta pesquisa viveram suas mocidades e refletiram sobre o futuro do Paraná. Inseriram-se nas discussões sobre República, desde o tempo em que tal regime de governo era ainda uma aspiração (e que tal mocidade se filiava a clubes republicanos) até os tempos em que colocavam em questão os meios de se efetivar as promessas republicanas, depois de instalado o regime. No entanto, o cerne desta pesquisa não é propriamente o ‘conteúdo’ do pensamento destes moços – apesar de que isto tenha um peso considerável, um valor imprescindível no conjunto deste trabalho. Mas, essa pesquisa partiu e tem a sua espinha dorsal na relação que esses moços estabeleceram com a palavra (especialmente com a palavra escrita), na maneira como a fizeram circular, propagando, assim, suas idéias e convicções; na forma como acreditaram no poder e na eficácia das palavras e se dedicaram às atividades intelectuais e de escrita, fazendo delas o centro de suas vidas. A relação peculiar que estabeleceram com as letras constituía uma novidade no contexto paranaense, rompendo com a maneira como se lidava com a palavra anteriormente. E é esta novidade que instigou a escrita deste trabalho.

Nas primeiras décadas da Província observa-se que a palavra estava atrelada à burocracia governamental. Os letrados de então (filhos de uma elite econômica que estudavam nos principais centros do país) ocupavam os cargos mais importantes da administração provincial ou tornavam-se padres. Assim, o direito à voz estava vinculado a determinados lugares fixos, o parlamento e o púlpito (lugares que dão autoridade ao falante). A palavra servia para governar, para administrar. Este era seu uso nobre. Assim, os homens de governo faziam leis, decretos e relatórios; encerravam-se nas assembléias para discutirem e decidirem os rumos da comunidade: esses homens sentiam-se plenamente legítimos para tomar decisões quanto ao que se referia ao comum e o faziam sem convocar voz externa. A palavra ficava, então, circunscrita à esfera governamental. Governar era coisa para poucos: eram poucos os que poderiam

⁹ Ver: LINHARES, Temístocles. *História econômica do mate*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1969. WACHOWICZ, Ruy. *A evolução da Província do Paraná*. IN: História do Paraná. 10 ed. Curitiba: Imprensa Oficial do Estado, 2002: 130-133; POMBO, José Francisco da Rocha. *Incremento das Indústrias: a erva-mate. a lavoura, madeiras*. IN: O Paraná no Centenário (1500-1900). 2.^a ed. Rio de Janeiro/Curitiba: José Olympio/Secretaria da Cultura e do Esporte do Estado do Paraná, 1980: 91-95.

discutir, falar, decidir sobre a comunidade. A palavra não circulava, portanto. Ou tinha uma esfera de circulação muito restrita.

E esses homens do governo valiam-se dessa exclusividade como mecanismo para reforçar a autoridade de seus cargos: em um momento em que governar e falar (não uma fala qualquer, mas aquela que é ouvida, autorizada) eram atributos de uma elite, a palavra estava a serviço de manter privilégios e marcar diferenças (sociais, econômicas, políticas, culturais). Dessa forma, o conjunto maior da população não apenas não tinha direito de participar das discussões e decisões que diziam respeito à comunidade, como mantinha-se alheio ao que era decidido na esfera governamental. Não tinha, assim, acesso à palavra, estava apartado do universo da leitura, escrita e oratória.

O que se observa no final do século é que a palavra começa a constituir novos nichos de autoridade. O jornalismo e a literatura – do qual se ocupava uma mocidade não mais oriunda necessariamente de uma elite econômica – propunham uma reordenação do uso da palavra e do seu lugar na comunidade. Diferenciando-se do exclusivismo no acesso à palavra que caracterizava a esfera governamental, para esta mocidade que surgia, a força e a eficácia do que diziam e escreviam imbricava-se à sua difusão, à sua proliferação, à sua circulação. Dessa forma, envolvidos, por exemplo, em *clubes republicanos* ou *confederações abolicionistas*, necessitavam que suas convicções e ideais chegassem a qualquer parte, fossem ouvidos por *qualquer um*, como condição de efetivação do que propunham. Era preciso trazer cada vez mais adeptos e simpatizantes para as causas que defendiam. Assim, seja em discursos, seja em artigos para periódicos, o que importava era ser ouvido, tornar conhecidos os ideais republicanos e abolicionistas para fortalecer estas causas.

Esses moços estabeleceram uma relação fortíssima com a palavra, pois seria através dela que se operaria uma sociedade nova, mais democrática. Para tanto, se fazia necessário o alargamento da própria partilha da palavra: tornar a palavra acessível a um número maior de pessoas. De maneira que lidaram com a palavra como se essa não lhes pertencessem: queriam proclamá-la e vê-la ganhar mundo, circular livremente. Provavelmente, por isso, elegeram o jornalismo e a literatura como os gêneros a se dedicar: estes são, por excelência, gêneros da livre circulação da palavra; escritas absolutamente sem destinatário, podendo (e devendo) ser lidos por *qualquer um*. As atividades intelectuais e de escrita tenderam a preencher boa parte do tempo e da vida desses moços e talvez se possa dizer que fossem, nisso também, semelhantes a Euclides

da Cunha que dizia *escrever, como fumava, por vício*¹⁰. No entanto, para além do conteúdo do que escreviam, a própria escrita causava fascínio nesses moços. Queriam escrever, estar ligados aos circuitos da palavra. Não escreviam para manter a palavra encerrada e restrita a seus círculos de convivência, mas para que ela se disseminasse.

Estamos, então, no âmago da constituição de um novo ordenamento no uso da palavra. Os moços tratados neste trabalho organizam-se em torno dela de múltiplas maneiras, expandindo-a; arrancando-a da exclusividade dos seus círculos de convivência. A palavra deixava de estar fechada, restrita a poucos, para tornar-se aberta, conhecida, ter multiplicado o seu uso e sendo usada em suas várias potencialidades. Para tanto, como meio de fortalecer a palavra, agruparam-se em clubes e associações; fundaram e trabalharam em periódicos. Usufruíram ou criaram espaços para discutirem, lerem, escreverem, publicarem. Constituíram redes de empréstimos de livros. A tônica deste interesse pelas letras investe-se, portanto, de um movimento de expandir o acesso à palavra, tanto no que se refere àqueles que escreviam, quanto àqueles que liam.

O fortalecimento da palavra operado por esses moços implicou também na constituição de um meio literário: fazendo a palavra circular, formavam-se ambientes literários, de circulação de idéias e fomento da escrita. Dito de outra maneira, antes destes moços a literatura era exercida de forma diletante e isolada, sem o amparo de um ambiente que favorecesse a proliferação deste tipo de escrita. Não havia, por exemplo, periódicos destinados a publicações literárias e editar livros no Paraná não era fácil. Livrarias e bibliotecas também eram praticamente inexistentes: o acesso a livros ou periódicos era difícilimo, especialmente no que concernia às últimas novidades literárias. A literatura não circulava, não estava atrelada a círculos que a disseminassem. E essa é também uma novidade que se constitui no final do século XIX: na medida em que a literatura se fortalece, que se torna um gênero nobre, amplia-se também as suas possibilidades de circulação. E os moços, ao empenharem-se em publicar o que escreviam, juntarem-se em clubes e associações, fundarem bibliotecas populares ou fortalecerem a rede de circulação de livros, favoreceram a constituição do meio literário, ambientes e circuitos através dos quais a literatura fortalecia-se e disseminava-se.

Observa-se, então, como a literatura e os literatos se fizeram agentes da livre circulação da palavra. São, justamente, esses que irão constituir o saber autorizado e a legitimidade do direito à voz que marcou o final do século XIX e se estendeu nas

¹⁰ CUNHA, Euclides da. Apud: Ventura, Roberto. *Os Sertões*. op.cit: s/p.

primeiras décadas do século XX. Nesse sentido, os escritores que viveram suas mocidades neste período e tornaram-se referência nas letras (lembramos da lista de Mariana Coelho) fornecem subsídios imprescindíveis para se pensar o processo de livre circulação da palavra. Através de suas biografias, seus escritos, bem como das associações e instituições a que se vincularam (clubes estudantis, republicanos e abolicionistas, associações literárias) abordar-se-á a forma como se tornaram *seres falantes*: a maneira como alçaram a legitimidade de serem ouvidos, como desviram-se das atividades comuns a seus pais para enveredarem-se pelas letras. No entanto, *esses moços do Paraná* que deram título a esse trabalho extrapolam aqueles que me foi possível nomear: juntamente com aqueles que se consolidaram nas letras, outros tantos – alguns absolutamente anônimos – engrossam as fileiras daqueles que se envolveram com a palavra, voltados para a sua livre circulação, nas décadas finais do século XIX.

Homens que na sua mocidade participaram de associações estudantis, republicanas ou abolicionistas, que se envolveram na fundação de bibliotecas, escreveram para pequenos periódicos (alguns dos quais, quiçá, não restou nenhum exemplar), contudo, não é possível determinar ao certo quem eram. Essa impossibilidade de se determinar identidades e a percepção de uma falta de centralidade na movimentação¹¹ dos moços em torno da escrita, da leitura e da oratória é uma característica crucial do fortalecimento da palavra operado então. Trata-se de uma dispersão, de um movimento sem centro. E isto vale para os demais elementos que participaram do processo de livre circulação da palavra (incremento da educação e da imprensa, urbanização, sociedades estudantis, literárias, republicanas): estão todos em dispersão. Com isto se quer dizer que não se trata de uma seqüência de acontecimentos que resultaram no alargamento do alcance da escrita. Ao invés de uma linearidade, proponho que se pense em uma constelação: as estrelas podem ser vistas isoladamente, mas, as vezes, o seu conjunto forma uma imagem nova e inesperada. A constelação é o inesperado e o surpreendente. Um alinhamento que foge a qualquer regra de causalidade (ficando, talvez, mais na esfera da casualidade), propondo uma novidade atraente que se sobrepõe às estrelas isoladas. Trataremos, assim, neste trabalho, de olhar a constelação: de *ligar* processos que se desenrolavam aqui e ali para perceber a constituição de algo novo.

¹¹ Quando me refiro à movimentação dos moços em torno da palavra, não se trata de algo organizado (um movimento organizado). Mas sim da agitação, do alvoroço que os animava envolverem-se com a leitura, escrita e oratória.

No que se refere às concepções teórico-metodológicas que norteiam esta pesquisa, a leitura do francês Jacques Rancière¹² consistiu uma influência decisiva. A partir deste filósofo fui levada a questionar sobre o que significa reunir-se em torno da palavra e a dar ênfase ao acontecimento da sua livre circulação. Pensar a palavra não mais apenas restrita a uma função – a de governar –, mas circulando sem destinação. Fazendo, assim, da reflexão sobre a escrita o grande motivo deste trabalho. Rancière concebe que o próprio ato da escrita seja um acontecimento. De modo que pensar a formação de uma comunidade de leitores e de escritores a partir das suas propostas implica em deter-se na própria materialidade destas formações; em perceber como os corpos são *apanhados* pelos livros: antes de pensar que os corpos se liguem ao universo das letras como uma maneira de se distinguir ou de obter ascensão social, Rancière prefere pensar que haja uma captura. Os corpos se enredam na leitura e na escrita e se *mantém a elas vinculados mesmo que padeçam uma vida de dificuldades, sofrimentos e expiações*¹³.

Interessa, então, pensar os homens presos aos circuitos da palavra e o fato de seus corpos serem arrancados dos lugares e funções a que são destinados na ordem social, pelo encontro com os livros. Nas palavras de Rancière, referindo-se ao homem moderno: “*O homem é um animal político porque é um animal literário, que se deixa desviar da sua destinação ‘natural’ pelo poder das palavras*”¹⁴. No que concerne a esta pesquisa, salienta-se que uma das suas tônicas é, justamente, pensar o encontro dos moços com os livros e os desvios que operam em suas trajetórias pessoais para atrelarem-se aos circuitos da palavra, para viverem para a leitura e a escrita. Para Rancière, as próprias escritas constituem corpos que se desviam, pois são “*blocos de palavras circulando sem pai legítimo que os acompanhe até um destinatário*

¹² RANCIÈRE, Jacques. *Políticas da Escrita*. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1995; RANCIÈRE, Jacques. *A Partilha do Sensível: estética e política*. São Paulo: Exo experimental/Ed. 34, 2005; RANCIÈRE, Jacques. *O Desentendimento: Política e Filosofia*. São Paulo: Ed. 34, 1996.

¹³ Jacques Rancière, em seu livro *Políticas da Escrita*, insiste nesta questão, fornecendo vários exemplos. Citaremos um para que o leitor se ambientar com o pensamento de Rancière. Trata-se de uma análise de *O Cura da Aldeia*, de Balzac: a protagonista da história, Véronique, era filha de um dono de um ferro-velho de Limoges. Ainda na infância, Véronique lê o romance Paul e Virginie, de Bernardin de Saint-Pierre. A partir da leitura do livro passa a ter sonhos e expectativas para sua vida baseados no romance. Aspira viver uma história de amor tal qual descrito por Bernardin de Saint-Pierre. Rancière mostra como, por ter tido contato com o livro, Véronique se envereda por caminhos na vida que se desviam do que estava destinado a ela (a submissão e um casamento sem amor, mas que contentava os desejos de seu pai). Acaba vivendo uma vida de dificuldades e sofrimentos por ter sido capturada pelo livro. Nas palavras de Rancière, “*a história da desgraça do ser cuja vida entrou no livro*”. Ver: RANCIÈRE, Jacques. *O crime do livro ou as duas escritas*. IN: *Políticas da Escrita*. Idem: 81-89.

¹⁴ RANCIÈRE, Jacques. *A Partilha do Sensível: estética e política*. op.cit: 59-60.

autorizado”¹⁵. Essas especificidades modernas da palavra que rola livremente, que não depende mais de um destinatário autorizado ou de um enunciador legítimo e que opera desvios e dispersões em sua trajetória, ajuda a compreender a formação do regime de escrita que se constituía no Paraná: não mais a escrita administrativa e burocrática, mas jornalística e literária.

E seriam a escrita jornalística e a literária (não a administrativa) que atenderiam às exigências de uma escrita política, de acordo com o pensamento de Rancière. Aquelas alargariam a partilha dos que poderiam participar do que dizia respeito ao comum, não sendo de se estranhar que tenham sido gêneros que se fortaleceram na modernidade. De fato, na modernidade há uma reordenação dos que *têm competência para ver e qualidade para dizer*¹⁶: não mais lugares fixos de autoridade hierarquizando os corpos. Essa modernidade que rompe com hierarquias e inclui novos contingentes de pessoas para uma participação efetiva na comunidade gozou de simpatia entre os moços escritores paranaenses. O que pode ser percebido, especialmente, nas suas concepções de escrita e de arte/literatura. De fato, observa-se entre eles o interesse por temas e questões que os filiavam a uma modernidade literária: questionavam as hierarquias de produção, de recepção e de objeto de arte, o que interferia diretamente na maneira como a escrita era partilhada. Assim, o alargamento no acesso à palavra ecoava na materialidade de seus escritos, em seus pensamentos e nas suas posturas e atitudes em relação à escrita.

O processo de alargamento da partilha da palavra deflagra-se como um processo moderno. Assim, se ele insurge nos pensamentos e nas ações dos moços, manifesta-se também em outros movimentos. Em última instância, tratava-se de construir um Paraná moderno em um momento em que a modernidade era o grande paradigma: neste sentido, abordamos neste trabalho as especificidades paranaenses de um processo que se fortalecia em outras partes, não apenas do país, mas do mundo Ocidental. O fortalecimento da imprensa e da palavra impressa foram acontecimentos constitutivos da modernidade do final do século XIX e trazia consigo outras questões, como a criação de uma esfera pública, para a qual a circulação de notícias era fundamental – afinal sem um público que lia e discutia não se alargaria a possibilidade de opinar e de participar do que dizia respeito ao comum. A modernidade era marcada também pelo entusiasmo pela técnica, que crescia em investimentos. No que concerne à reprodutibilidade técnica,

¹⁵ Idem: 60.

¹⁶ Ibidem: 17.

fundamental para a efetivação da livre circulação da palavra, salienta-se melhorias no processo tipográfico paranaense, indicando a importância dos suportes técnicos para o alargamento no acesso à palavra.

De fato, a imprensa proporcionava que a palavra escrita chegasse a um número incontável de leitores. Juntamente com isto, formando uma espécie de tripé sob o qual se apoiava tal alargamento da partilha da palavra, aumentava o contingente daqueles que escreviam, bem como daqueles que eram contemplados pela escrita. Articulava-se, assim, uma modernidade que se estabelecia colocando em questão quem poderia participar do meio letrado. *Qualquer um* pode escrever, *qualquer um* pode ler, *qualquer um* pode ser motivo de escrita: isto é o que propõe o rearranjo de tal partilha, sintonizado com os pressupostos da arte moderna. Ainda que a palavra continuasse não sendo para todos, o que se colocava em questão era o alargamento do seu acesso, que tampouco continuava restrita a uma elite que a se valia dela no exercício de governar. Esse tripé no qual se assenta o alargamento da circulação da escrita será tratado no correr desta tese: cada um dos capítulos dará ênfase especial a uma das hastes deste tripé.

Para a realização deste trabalho, nos valem, sobremaneira, de publicações em livros e periódicos produzidas nas décadas finais do século XIX. Através delas, se refletirá tanto sobre a escrita quanto sobre sua circulação, bem como sobre os meios tipográficos. No entanto, conforme previamente insinuado, nos interessa também pensar sobre os próprios moços que se enveredaram pelas letras, a maneira como suas vidas encontraram-se com o universo dos livros. Para tanto, suas biografias são decisivas. Na abordagem da constituição de círculos letrados e da circulação da escrita se faz importante também o uso de fontes oficiais, produzidas pelo governo: são relatórios, anais. O leitor entrará em contato com o universo desta tese também através de imagens: em sua maioria fotografias referentes aos escritores e aos ambientes que freqüentaram, ou ainda referentes às publicações a que se vincularam. Salienta-se, no entanto, que não é proposta deste trabalho tratar essas imagens como texto, como discurso. Elas terão um cunho ilustrativo, fornecendo visualidade ao trabalho.

Um último esclarecimento, antes que o leitor *entre* definitivamente nesta tese: a identificação de que o fortalecimento da palavra e da sua circulação imbricava-se a determinados moços, torna-os decisivos no texto que se segue. A referência primeira do termo *moços* é a pouca idade daqueles que pesquisamos. Optamos por este termo também por ser uma designação de época: ao se pesquisar os documentos do final do

século XIX, percebe-se que esse era o termo utilizado para designar os que estavam entrando na vida adulta. Salienta-se, no entanto, que este termo ganha expressividade neste trabalho, na medida em que sintetiza uma mocidade específica: aquela que será tratada ao longo da tese. Assim os *moços* são aqueles que mostravam especial interesse pela palavra (escrita, leitura e oratória). Interesse este que os aproximam e os associam em torno das suas identificações comuns, estabelecendo, assim, uma nova relação com a palavra. Neste sentido, trata-se de um termo cunhado por mim, no processo de elaboração da tese. É importante deixar claro, portanto, que não foram os moços de quem trato que se denominaram *moços*, se diferenciando de outros grupos (os velhos, talvez). Sou eu quem circunscrevo um grupo ao criar uma designação que os identifique.

Para realizar as reflexões propostas, o presente trabalho está dividido em três grandes partes. A primeira, denominada *Mocidade das letras*, está centrada nos moços e na maneira como eles se reuniram em torno da palavra. Para tanto, as trajetórias pessoais e os lugares de sociabilidade (que criaram ou dos quais usufruíram para o exercício da leitura, escrita e oratória) ganharão ênfase. Na segunda parte, denominada *Suportes da escrita*, a questão é refletir sobre a livre circulação da palavra a partir da reprodutibilidade técnica. Ou seja, o capítulo versará sobre a imprensa, o surgimento e o incremento de tipografias e litografias, as características das publicações e a maneiras como os moços se envolveram no ambiente gráfico. Em *Literatura, estética e política*, parte final desta tese, o foco das análises desloca-se para o que os moços escreviam, ou seja, o conteúdo de textos que publicavam em periódicos ou livros. Na seleção destes textos, levou-se em consideração a sua pertinência para refletir como os moços articulavam suas concepções de arte e política com o Paraná, percebendo que através de suas escritas realizavam uma missão em relação a este/esta Província/Estado.

Mocidade das letras

1. Vidas literárias

No final da década de 1880, o poeta paranaense José Henrique de Santa Rita (1872-1944) expressava, em uma edição de uma revista estudantil, o seu encantamento pela literatura¹⁷. O fazia através do relato da leitura de um livro de Victor Hugo, realizada quando Santa Rita tinha 15 anos. O livro, que muito o impressionara, marcava o seu primeiro contato com a obra do escritor francês que, até então, só conhecia de nome. A experiência deixara marcas significativas em sua formação, tendo considerado a obra extraordinária e superior a tudo que havia lido até então. A leitura lhe tomara o espírito e lhe preencher a alma, conforme ele mesmo confessa: “*senti-me pela primeira vez extasiado ante os esplendores da arte, arrebatado ante a região mística do ideal, pela leitura agradabilíssima de um livro de V. Hugo, intitulado Notre Dame de Paris [sic]*”¹⁸.

¹⁷ SANTA RITA, José Henrique. *Victor Hugo*. A Idea – órgão do Club dos Estudantes. Publicação Semanal. Redacção: Alfredo Pirajá. Curityba, 6 de junho de 1889. Anno I. N.º 16: 1-2.

¹⁸ Idem: 1.

A magia de tal experiência não se devia apenas à qualidade literária do livro em questão, mas era acrescida pelo ambiente que envolvia a leitura. Santa Rita descreve uma localidade *pitoresca e poética*¹⁹, na qual “*a natureza se expandia jubilosa*”²⁰. Enquanto novinhos passeavam e pássaros cantavam à sua volta, protegido pela sombra fresca das árvores e “*ouvindo d’um lado o mar que bramava e soluçava o seu poema infundo, e d’outro lado a floresta que sussurrava ao sopro da aragem*”²¹, o moço, deitado em uma rede, lia. Ler era, assim, um momento ímpar de deleite e prazer, bem como de descobertas e recolhimento. José Henrique de Santa Rita parece conhecer bem essas especificidades modernas do ato de ler, pois se preocupa em afirmá-las na escrita do seu artigo. Compreende a leitura como ato que requeria concentração e dispersão na mesma medida. Ou seja, ainda que fosse um ato eminentemente de recolhimento era também ocasião de se deixar extasiar e arrebatado, permitindo-se *viajar* pelo universo do livro.

Acrescido a isso, havia o próprio fascínio causado por nomes de escritores consagrados. “*O genio é sempre assim; tem não sei o que de divino que causa admiração e incute respeito [sic]*”²², salienta Santa Rita. E, em seguida, arrola uma lista de escritores, nomes que vão desde a Antiguidade até a Modernidade – Homero, Virgílio, Dante, Camões, Goethe, Schiller, Shakespeare, Balsac, Flaubert –, e que concentravam, no entender do poeta paranaense, grande força e magia. *Nomes que inspiram admiração, apoderam-se do nosso espírito, causando uma sensação que é um misto de tremenda e enlevadora, suave e opulenta*²³. Nomes que se perenizaram no tempo, que atravessaram espaços e que ficaram marcados para a posteridade, legando para o presente o esplendor cultural de outros tempos. Tal qual aconteceria com Victor Hugo, recém falecido quatro anos antes da publicação do artigo de Santa Rita²⁴. Para este, aquele seria o maior gênio do século XIX, sobretudo pela sua polivalência: “*Ora vemos a sua imaginação vulcânica, amoldando ao soneto ora a ode os seus magicos ideais, ora vemol-o precipitando-se insofrida, como o corcel fogoso do gaúcho, pelo vasto campo do romance ou do poema, da tribuna ou da imprensa ! [sic]*”²⁵. Aliado a sua capacidade de atuar em vários gêneros, Victor Hugo teria a prerrogativa de ter a

¹⁹ Ibidem: Ibidem.

²⁰ Ibidem: Ibidem.

²¹ Ibidem: Ibidem.

²² Ibidem: Ibidem.

²³ Ibidem: Ibidem.

²⁴ Victor Hugo, que nascera em Besançon em 1802, faleceu em Paris, em 1885.

²⁵ SANTA RITA, José Henrique. *Victor Hugo*. op. cit: 2.

nacionalidade ligada ao país que fornecia o maior contingente de grandes escritores, a França²⁶.

À época que publicou o artigo aqui em questão, Santa Rita contava apenas uns 17 anos e ensaiava os seus primeiros escritos. O fascínio pela literatura e pelos grandes literatos, expressos no seu artigo, não esconde seu próprio desejo de enveredar-se pelas letras. Conforme ele mesmo formula, a partir da leitura do escritor francês que tanto admira, aquele que tem o domínio da palavra escrita manifesta um poder, não apenas de organizar e verbalizar seus pensamentos e seus sentimentos, mas também de nominar e significar o mundo²⁷. E era neste turbilhão, neste exercício de pensar-se e pensar o mundo que Santa Rita insere-se como escritor.

* * *

Final do século XIX. Uma movimentação em torno das letras começava a se operar no Paraná. É nesse movimento que se enreda o fascínio de Santa Rita pela obra de Victor Hugo, bem como o próprio ato de registrar, de dar testemunho da sua leitura e de quanto ela fora significativa para a sua formação. Imbricado ao exercício da escrita, o poeta paranaense não apenas dava visibilidade a Victor Hugo, mas também a si próprio, a sua escrita e à movimentação em favor do fortalecimento da literatura, que marcou a sua geração. Pode-se contar um bom número de moços que, assim como José Henrique de Santa Rita, se interessavam pela leitura e pela escrita. Juntos, eles movimentaram as suas forças e estruturaram uma rede de inter-relações a partir da qual não apenas produziram literatura como fizeram circular suas produções. A palavra tornara-se, então, o grande acontecimento: ela engendrou uma geração de moços, que em torno dela se reuniu, promovendo-a.

Como bem apontou Santa Rita, a leitura tinha algo de arrebatador e de extasiante. Essa percepção marcou a geração de moços que é alvo dessa tese. O fascínio por Victor Hugo é típico desse glamour que envolvia a literatura. Victor Hugo, esse *gigante assombroso*²⁸, no dizer de Santa Rita, sintetizaria o poder e a magia das letras. O que pode ser verificado também em outras fontes, como em uma citação de Renan publicada em uma das muitas revistas de cunho literário que tiveram lugar em Curitiba

²⁶ Santa Rita cita: Musset e Baudelaire na poesia; Alfredo de Vigny, Soulié, Deschamps e Molière no teatro; Chateaubriand, Flaubert e Dumas no romance.

²⁷ SANTA RITA, José Henrique. *Victor Hugo*. op.cit.

²⁸ Idem: 2.

nas últimas décadas do século XIX: “*Victor Hugo foi creado por um decreto Eterno; nós outros viemos ao mundo por uma simples portaria*”²⁹. O escritor francês seria, então, o poeta supremo, que gozava das melhores prerrogativas. Sua presença no mundo espelharia uma grandeza divina, que o fazia único. Tal aura que envolvia Victor Hugo e sua obra revela a nobreza que era atribuída às artes pela geração de literatos que surgia no Paraná naquele final de século. Tal nobreza foi um aporte importante na escrita desses moços, servindo de fundamentação e justificativa para muitas das suas crenças e projetos.

Assim como sucedeu com José Henrique de Santa Rita, o interesse pela literatura manifestou-se muito cedo na geração de escritores de que tratamos. Foi dominante, entre eles, a percepção de que haveria relações entre o desenvolvimento cultural de um povo e o progresso geral de uma/um Província/Estado ou Nação. Para Santa Rita, por exemplo, a grandeza de Victor Hugo se espelhava na grandeza da França e vice-versa. No entanto, o que os reuniu no propósito da escrita extrapolava o ensejo de promover culturalmente o Paraná. Este pode ter sido o sentido, a missão que atribuíram a seu trabalho, mas o *élan* primeiro que os motivava vinculava-se àquele êxtase, estado de arrebatamento, mencionado por Santa Rita; a maneira como foram *capturados* pelos livros. A leitura dos europeus foi uma influência forte entre esses moços. Conforme se verá de maneira mais detida oportunamente, Charles Baudelaire foi uma das referências mais significativas do período. A obra desse francês constituiu-se uma verdadeira novidade que animou o tímido meio intelectual curitibano e ajudou a alguns tantos moços a encontrarem os caminhos para a sua própria escrita.

Foi Emiliano Pernetta (1866-1921), um dos mais eminentes poetas paranaenses desta geração, quem introduziu Baudelaire em Curitiba. Pernetta, depois de cursar o preparatório na capital paranaense, seguiu para São Paulo, a fim de freqüentar a faculdade de Direito (1885). Lá, teve a oportunidade de alargar seus horizontes literários e, em uma de suas férias em Curitiba, apresenta a obra baudelaireana a outros moços, amantes das letras como ele, que ali residiam³⁰. Da mesma forma que seu amigo José

²⁹ RENAN. Apud: A Penna – revista de Arte. Redactor: Romario Martins. Editor: Adolfo Guimarães. Curitiba, 2 de maio de 1897. Vol. 1. N.º 5: 36.

³⁰ As informações a respeito da vida de Emiliano Pernetta contidas neste trabalho, retiramos dos autores que se seguem. Não se fará nota de roda-pé para assinalar a proveniência das informações que se mostrarem como um consenso entre os biógrafos. MURICY, José Cândido de Andrade. *Panorama do Movimento Simbolista Brasileiro. Vol. 1.* 2ª ed. Brasília: Conselho Federal de Cultura e Instituto Nacional do Livro, 1973: 283-291; CAROLLO, Cassiana Lacerda. Emiliano Pernetta: da fuga e dissipação à busca do absoluto. IN: Pernetta, Emiliano. *Ilusão & outros poemas*. Curitiba: Prefeitura Municipal de Curitiba, 1996: vii-xliii. [coleção Farol do Saber]; *Dicionário histórico-biográfico do Paraná*. Curitiba:

Henrique de Santa Rita, Emiliano Pernetta também fizera as primeiras experiências na imprensa ainda na adolescência: aos 18 anos – antes de seguir para São Paulo, portanto – já colaborava em *A Vida Literária*, uma revista curitibana dirigida por Jaime Ballão e dedicada ao fomento da letras.

Juntamente com Emiliano Pernetta, outros moços ensaiaram as suas primeiras experiências de escrita no periódico em questão. Dessa forma, anunciava a redação de *A Vida Litteraria* em um dos seus primeiros números: “*É com a maior satisfação que transmitimos aos nossos leitores a boa nova de que diversos moços de boa nomeada [...] de nossas letras, taes como Leôncio Correia, Nestor Victor, Emilio de Menezes, Sebastião Paraná, prometem-nos collaboração assídua [sic]*”³¹. E completa que as colunas da revista seriam franqueadas ainda a nomes como o de Rocha Pombo, Domingos Nascimento e o de Emiliano Pernetta³². A importância de Emiliano Pernetta para os moços tratados nesta pesquisa vai além da admiração e do respeito que conquistou, ao longo da sua vida, entre os seus colegas escritores e os seus conterrâneos paranaenses. Foi coroado o *príncipe dos poetas paranaenses*³³ e, segundo Andrade Muricy, eminente crítico do movimento Simbolista, “*daquele incomparável palestrador emanava verdadeiro prestígio. Era o centro de toda a vida intelectual de sua terra*”³⁴.

Emiliano foi, certamente, um dos aglutinadores desta geração de literatos. Se seu nome tornou-se uma referência nas letras paranaenses, o fato de ter passado praticamente toda a vida morando em Curitiba – em uma pensão na rua XV de Novembro – vincula-o profundamente ao Paraná e à sua capital. Conforme era de praxe acontecer no Brasil, muitos dos que se destacavam nas letras paranaenses ou almejavam um crescimento artístico ou uma maior visibilidade para sua obra seguiam para o Rio de Janeiro, onde se estabeleciam temporária ou definitivamente. Emiliano Pernetta residiu fora do Paraná apenas na mocidade: primeiramente, no período em que estudou em São Paulo (1883-1889) e posteriormente na capital da República (1890-1892), onde

Chain/Banco do Brasil, 1991: 359-367 [verbete de Cassiana Lacerda Carollo]; BEGA, Maria Tarcisa Silva. Emiliano Pernetta, o excêntrico. IN: *Sonho e Invenção do Paraná: geração simbolista e a construção de identidade regional*. Tese [doutorado em Sociologia]. São Paulo: USP, 2001: 185-215.

³¹ *A Redação*. *A Vida Litteraria*. Director: Jaime Ballão. Curitiba, 8 de julho de 1887. Ano I. N.º 2: 1. [Sem indicação de autor].

³² Idem: *Ibidem*.

³³ Segundo Andrade Muricy, “*ninguém estranhou quando se começou a chamar-lhe [a Emiliano Pernetta] ‘príncipe dos poetas paranaenses’*. *Esse título vinha exprimir o que todos sentiam e tiveram prazer em proclamar*”. O coroamento de Emiliano Pernetta aconteceu em agosto de 1911, no lançamento do seu livro de poesias *Ilusão* (considerada pela crítica sua mais importante obra). MURICY, José Cândido da Silva. op.cit: 287.

³⁴ MURICY, José Cândido de Andrade. op.cit: 286.

trabalhou no jornalismo. E ainda no interior de Minas Gerais (1893-1896), para onde se dirigiu na esperança de se reabilitar de uma cardiopatia, que vinha se agravando nas rodas boêmias cariocas³⁵. Lá trabalhou como promotor e juiz. No entanto, a sua produção literária se fez, em grande medida, na sua terra natal.

Além de ter sido o introdutor da obra de Charles Baudelaire entre os paranaenses, Emiliano Pernetta é também um nome central do Simbolismo paranaense, uma das vertentes mais significativa do movimento literário operado em Curitiba no final do século XIX. Para tanto, sua estada, tanto em São Paulo como no Rio, foi decisiva. Emiliano esteve rodeado de intelectuais nesses dois centros. *Em São Paulo, Emiliano Pernetta fez do seu quarto – a que os amigos chamavam ‘autocracia da anarquia’ – na Rua da Glória, um centro de literatura revolucionária freqüentado por Venceslau de Queiroz, Rodrigo Otávio, Leopoldo de Freitas, Dias da Rocha Filho, Horácio de Carvalho, Julio Prestes, entre outros*³⁶. Além de ter trabalhado em inúmeros órgãos da imprensa paulistana. A respeito do tempo em que morou no Rio de Janeiro, Andrade Muricy, considera:

*Esses três anos foram de extrema importância para a formação de seu espírito e, mais do que isso, para a história do Simbolismo brasileiro. Chegado à Capital do País, acolheu-o José do Patrocínio, que o convidou para redator da Cidade do Rio, função exercida paralelamente à de secretário da redação da Folha Popular (diretor Leopoldo Cabral), jornal situado na rua do Ouvidor n.º 134-B. Colaborou também no Novidade, de que eram redator-chefe Bandeira Junior e secretário Oscar Rosas. [...] No Rio, suas tendências se definiram melhor, e a redação da Folha Popular tornou-se o centro das atividades iniciais do nosso simbolismo [sic].*³⁷

Dessa forma, infere-se que Emiliano não foi apenas decisivo para a articulação do Simbolismo no Paraná, mas esteve envolvido na constituição desse movimento no país. É certo que há controvérsias a respeito de qual teria sido o primeiro grupo a se interessar e a propalar a obra baudelaireana no Brasil, mas Andrade Muricy defende ter sido aquele que se formou no Rio, em torno do jornal no qual Emiliano Pernetta era o redator-secretário, o que lançou o movimento no país. “*Em 1891, na Folha Popular, ressoaram as primeiras notas nítidas e definidas do simbolismo brasileiro. Eram, dos*

³⁵ BEGA, Maria Tarcisa Silva. op.cit: 189-190.

³⁶ MURICY, José Cândido de Andrade. op.cit: 283-284.

³⁷ Idem: 284-285.

*manifestos, autores: B. Lopes, Emiliano Pernetta, Oscar Rosas e Cruz e Sousa. [...] Na Folha Popular, era Emiliano Pernetta o anfitrião, e a sua influência [...] faz dele um 'grande precursor do Simbolismo'”*³⁸. Muricy cita ainda, entre aqueles de convivência próxima a Emiliano Pernetta neste período e simpáticos ao movimento, Gonzaga Duque, Lima Campos, Artur de Miranda, Virgílio Várzea³⁹.

Foi nesta época em que Emiliano Pernetta morou no Rio de Janeiro que chega à capital da República Nestor Victor dos Santos (1868-1932). Este era paranaense também e integrante da geração de moços tratados neste trabalho, muito embora tenha vivido praticamente toda a vida adulta fora de seu Estado natal⁴⁰. Logo que se muda para o Rio, em 1891, Nestor aproxima-se de Cruz e Souza, Emiliano Pernetta e do grupo que os rodeava. A Emiliano, já conhecia de Curitiba, dos tempos em que estudava no *Instituto Paranaense* (1885-1887) e Pernetta vinha passar as férias acadêmicas no Paraná. “*Foi Pernetta quem pela primeira vez me falou de Charles Baudelaire*”⁴¹, lembra Nestor Victor a respeito daquele tempo. E acrescenta:

*O certo, porém, é que já nesse momento sua predileção decisiva era pelo ‘perigoso mestre’, o extravagante e raro autor das Flôres do Mal. [...] Foi êle quem me confiou afinal o livro por empréstimo, para que ao menos pudesse perpassá-lo, não havendo em Curitiba, naquele tempo, onde adquiri-lo, de modo que êsse favor vinha a representar uma prova de rara estima e confiança de sua parte para comigo [sic]*⁴².

Nestor Victor caracterizava, assim, o caráter da relação que teria por toda a vida com Emiliano Pernetta: uma amizade nutrida pelo interesse comum pela literatura. Assinala ainda, com a passagem anterior, a importância do contato com livros para a constituição dos seus próprios referenciais, da mesma forma como Santa Rita fizera com Victor

³⁸ *Ibidem*: 285.

³⁹ *Ibidem*: *Ibidem*.

⁴⁰ Os dados referentes a biografia de Nestor Victor contidos neste trabalho foram retirados dos autores que se seguem. Sempre que as informações a respeito da vida desse literato mostrarem-se consenso, opta-se por não se fazer referência explícita em nota de rodapé. MURICY, José Cândido da Silva. *op.cit*: 326-333; Nestor Vítor: um olhar do crítico sobre o Paraná. IN: Santos, Nestor Vítor dos. *A Terra do Futuro (impressões do Paraná)*. 2ª ed. Curitiba: Prefeitura Municipal de Curitiba, 1996: vii-xix. [coleção farol do saber]; *Dicionário histórico-biográfico do Paraná*. *op.cit*: 430-437. [verbete de Cassiana Lacerda Carollo]; BEGA, Maria Tarcisa Silva. Nestor Victor: paixão e medida. IN: *op.cit*: 381-403; CARVALHO, Alessandra Izabel de. *Nestor Vitor: um intelectual e as idéias de seu tempo (1890-1930)*. Curitiba: aos quatro ventos, 1998.

⁴¹ SANTOS, Nestor Vítor dos. Emiliano Pernetta. IN: *A Obra Crítica de Nestor Vítor. Vol.I*. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa/Ministério da Educação e da Cultura, 1969: 426.

⁴² *Idem*: *Ibidem*.

Hugo. Em se tratando de aspirantes a escritores, sobretudo em uma/um Província/Estado sem tradição literária, a leitura era a motivação, a porta-voz das novidades, o que os mantinha animados. Era o archote que iluminava não apenas as suas compreensões de mundo, mas também as expectativas que tinham para as suas próprias vidas. A relação que Nestor Victor tinha com Emiliano Pernetta ajuda a dimensionar essa questão. O primeiro lembra que lia, quando ainda era bastante moço e morava em Paranaguá (sua cidade natal), os textos que Pernetta enviava de São Paulo para serem publicados em periódicos curitibanos:

[...] *não me recorda que jornal de nossa terra começou a publicar umas cartas de Emiliano Pernetta, que então iniciava o seu curso acadêmico em S. Paulo. Ele é filho de Curitiba, onde eu nunca fôra até então, de modo que nem sequer o conhecia de nome. Essas cartas eram feitas de curtos períodos áticos e eram muito breves, não contendo novidade alguma pròpriamente dita, não comentavam nem graves nem fúteis acontecimentos. Sem êle saber, decerto, valiam pelo prelúdio da obra para que viera o poeta; descreviam paisagens a rápidos traços, fixavam passageiros estados d'alma, registravam as indiossincrasias de um temperamento singular [sic]*⁴³

Evidencia-se, assim, como, mesmo de longe, Emiliano Pernetta nutria os moços de sua terra. Mesmo estando em São Paulo (e, talvez por isso mesmo) ele era uma referência para os que permaneciam no Paraná. Observa-se também como a aproximação e a amizade desses homens se amarrava no interesse pelas letras. Como a palavra escrita era capaz de engendrar relações: as cartas de Emiliano, publicadas em um jornal curitibano, davam corpo ao interesse pelas letras, tanto para ele que escrevia quanto para Nestor Victor que as lia. Ainda que Emiliano nada tivesse de concreto para contar – conforme Nestor Victor constata na passagem anteriormente citada –, apenas a existência das cartas operava um deslumbramento no jovem de Paranaguá. “*No meu atraso e na minha incultura de bárbaro quase intacto, aquelas epístolas maravilhavam-me*”⁴⁴, confessa. Caracterizando-se, dessa forma, um processo típico da literatura moderna em que *a palavra desvia-se da sua função comunicativa*⁴⁵. Ou seja, não é preciso ter algo para dizer para se escrever; *qualquer coisa* pode transformar-se em

⁴³ Ibidem: 422. [Grifo meu]

⁴⁴ Ibidem: Ibidem.

⁴⁵ RANCIÈRE, Jacques. *Políticas da Escrita*. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1995. [coleção Trans].

motivo literário: “‘escrever um livro a respeito de nada’ é isto: transformar qualquer coisa, qualquer não sentido em expressão transparente de uma idéia dentro de sua matéria”⁴⁶. E Nestor Victor funda, nessas experiências epistolares de Emiliano Pernetta, a própria escrita artística do amigo: “Sem êle saber, decerto, valiam pelo prelúdio da obra para que viera o poeta”⁴⁷.

Para Nestor Victor, apenas dois anos mais moço que Emiliano, os passos que este já havia dado – a publicação em jornais e revistas paranaenses e a presença em círculos literários de São Paulo e do Rio de Janeiro – despertava-lhe admiração. Nas suas próprias palavras: “[...] eu passei a ter Emiliano Pernetta como um irmão mais velho realizando antes de mim o ideal que já me andava latente. Não admira, assim, que [...] ansiasse por conhecê-lo”⁴⁸. Nesta época, Nestor Victor ainda estava circunscrito às debilidades culturais de Paranaguá, contudo já almejava um maior contato com a literatura e com meios literários:

*Na pequena e melancólica cidade de Paranaguá, onde nasci, e de que ainda me não apartara nem um dia, pouco a pouco eu despertava para a vida do espírito, em atividade relativamente febril, por um lado cheio de iniciativa para a convivência e associação com os outros rapazes do meu tempo, mas por outro propenso a leituras mais árduas e mais intensas do que as que são naturais naquela idade, principalmente onde o meio nada tem da superexcitação próprias às estufas que os grandes centros representam.*⁴⁹

Apesar de ligado a um ambiente onde *deparava-se com poucos jornais e uma ou outra revista e que rarejavam os autores mais contemporâneos*⁵⁰, o moço de Paranaguá lembra que nessa época “um tanto à lei do acaso, um tanto já levado por predileções que se iam querendo revelar, eu começava a fazer o meu círculo pelo mundo do espírito, mundo que a todos nos liberta das contingências, ainda as mais estreitas, a que materialmente estamos subordinados, e associa-se a grande vida geral dos homens”⁵¹. Sendo assim, quando chega a Curitiba para cursar o preparatório, aos 17 anos (1885), Nestor Victor já carregava o desejo de se libertar, através do conhecimento de *novos universos* aos quais os livros conduzem, das contingências mundanas. Sentia-

⁴⁶ Idem: 91.

⁴⁷ SANTOS, Nestor Vítor dos. Emiliano Pernetta. op.cit: 422.

⁴⁸ Idem: 423.

⁴⁹ Ibidem: 421.

⁵⁰ Ibidem: 422.

⁵¹ Ibidem: 421.

se animado também a conviver com outros moços que tivessem semelhante interesse que ele pela leitura, como acontece com Emiliano Pernetta, de quem se tornou amigo. E, ao falar da extensão que a presença de Emiliano teve em sua vida, Nestor Victor dimensiona: “*fui-lhe apresentado então, e aí nos ligamos para sempre, sendo sua amizade uma das mais influentes na minha vida*”.

Emiliano Pernetta não foi apenas uma espécie de *irmão mais velho*, a quem Nestor Victor admirava. Aquele que primeiro dera passos para longe de casa e voltava cheio de novidades. Quem falava de livros e autores desconhecidos e inusitados, mas cheios de atrativos. Emiliano foi também o conterrâneo que Nestor Victor encontrou na capital da República quando para lá se mudou, em 1891. Nesse contexto, sedimenta-se a amizade e Nestor Victor passa a conviver com um meio intelectual, conforme admirava em Emiliano. Já havia saído de Paranaguá havia uns seis anos, estudara em Curitiba e lá também tivera as suas primeiras experiências no jornalismo, caminho de exercício das letras para o qual se dirigiam muitos dos moços com vocação literária. Já tivera também os primeiros contatos com autores que serão decisivos na sua formação, tais como Charles Baudelaire e Friedrich Nietzsche. Convivera, da mesma forma, com outros moços com igual inclinação para as letras que ele e que já começavam a despontar no cenário curitibano, tais como Domingos do Nascimento, Sebastião Paraná, Leôncio Correia e Emiliano Pernetta⁵².

Portanto, ao fixar residência no Rio de Janeiro, Nestor Victor tinha experimentado um amadurecido intelectual e literário em relação ao tempo em que vivera em Paranaguá. Não era mais aquele menino que lia fascinado os textos de Emiliano Pernetta no jornal, apesar de não ter deixado de se deslumbrar e de se sentir de certa forma retraído ante a vida intelectual na capital da República⁵³. A sua timidez, no entanto, não o impediu de reencontrar e estreitar laços com uma das figuras mais significativas de sua vida, João da Cruz e Souza – poeta que Nestor Victor conhecera no *Café Londres*, em sua primeira estada na capital da República, dois anos antes (1889). Ali encetara-se uma amizade profícua que marcou não apenas a vida, mas a obra de Nestor Victor. “*Confessa que nenhuma amizade pudera proporcionar-lhe o alimento*

⁵² SANTOS, Nestor Vítor dos. A Velha Curitiba. IN: A Terra do Futuro (impressões do Paraná). op.cit: 79.

⁵³ Sobre os primeiros tempos de Nestor Victor no Rio, ver: SANTOS, Nestor Vítor dos. Como nasceu o Simbolismo no Brasil [A Propósito do *Luar de Hivero*]. IN: *A Obra Crítica de Nestor Vítor. Vol. III*. Rio de Janeiro/Curitiba: Fundação Casa de Rui Barbosa/Secretaria de Estado da Cultura e do Esporte, 1979: 76-80.

substancioso, o alto inebriamento espiritual que lhe valia o trato com o poeta negro”⁵⁴. O encantamento e a admiração que este lhe causara, reverteu-se em grande devotamento: além de ter sido amigo íntimo em vida – auxiliando-o, inclusive, financeiramente em tratamentos de saúde – Nestor Victor foi divulgador da obra póstuma de Cruz e Souza, editando alguns de seus livros e produzindo estudos (monografias, artigos) sobre sua obra. “*Sua obra não é apenas o livro, é a sua vida de todas as horas, de todos os instantes*”⁵⁵, salienta o paranaense, enfatizando como seu trabalho de crítico levou em consideração uma coexistência entre vida e obra.

Nestor Victor tem, dessa forma, sua carreira nas letras profundamente ligada a Cruz e Souza: salienta-se que, apesar de ter produzido poemas e contos, aquele estabeleceu seu nome na literatura como um dos mais importantes críticos literários do Simbolismo brasileiro, destacando-se seu trabalho para com a obra do poeta desterrense. Foi ele, por exemplo, quem editou, pela primeira vez, as obras completas de Cruz e Souza, em 1923, na qual é o responsável pelo ensaio introdutório. Enquanto crítico literário, Nestor Victor prestou um serviço de sustentação a muitos escritores, ajudando a dar-lhes visibilidade e prestígio. Mostrava-se também bastante solícito com os seus colegas literatos paranaenses que chegavam ao Rio de Janeiro: aproximou, por exemplo, José Henrique de Santa Rita de Cruz e Souza, Oscar Rosas e outros simbolistas de vanguarda, no período em que aquele paranaense morou na capital da República⁵⁶, para cursar a faculdade de Direito (primeira metade da década de 1890). E apoiou Rocha Pombo, quando este se mudou para o Rio de Janeiro, aos 40 anos, em 1897⁵⁷.

Apesar de viver longe do Paraná – depois de fixar residência no Rio, aos 23 anos, não voltará mais a morar em seu Estado natal –, Nestor nunca se desligou completamente de sua terra. Continuou cultivando vínculos com ela. Como fez ao

⁵⁴ MURICY, José Cândido de Andrade. op.cit: 327.

⁵⁵ SANTOS, Nestor Vítor dos. Cruz e Souza. IN: Muricy, José Cândido de Andrade. op.cit: 347. Sobre a admiração de Nestor Victor por Cruz e Souza e a maneira como aproxima vida e obra deste poeta, acrescenta-se: “*Parece-me que até hoje ainda não existiu um artista com qualidades mais particularmente suas do que Cruz e Souza. Não basta que se o leia, é preciso privar com ele, de braços abertos, de alma aberta, translúcido em todos os recantos de nossa alma, estabelecer-se com ele a comunhão intelectual mais absoluta que se pode dar entre dous espíritos humanos, para colocarmos no ponto de vista de que melhor se pode abranger sua individualidade estranha e transmitir aos outros profunda emoção que nos fica dessa convivência formidável.*”. Idem: Ibidem.

⁵⁶ MURICY, José Cândido de Andrade. op.cit: 566.

⁵⁷ Ver: SANTOS, Nestor Vítor dos. *Rocha Pombo no Paraná*. IN: *A Obra Crítica de Nestor Vítor*. Vol. III. op.cit: 72; CAROLLO, Cassiana Lacerda. No hospício: entre a estufa e a utopia social. IN: Pombo, José Francisco da Rocha. *No Hospício*. Curitiba: Prefeitura Municipal de Curitiba, 1996. [coleção Farol do Saber].

publicar *A Terra do Futuro (impressões do Paraná)*⁵⁸, livro em que relata, com pormenores, uma viagem que fez ao Paraná em 1912, depois de longos anos afastado, no qual entrecruza o testemunho do presente com as suas memórias do tempo em que lá vivera. Este constitui um verdadeiro elogio ao Paraná. Seus laços com o seu Estado foram reafirmados ainda com a sua eleição como deputado pelo Paraná, em 1917 e como membro da *Academia Paranaense de Letras*, em 1923. Costumava também colaborar com a imprensa de sua terra enviando textos (não apenas de sua autoria) para revistas locais, como *Turris Ebúrnea*, *Breviário* e *O Sapo*. Acrescido a isso, vinculou-se ao Simbolismo, movimento literário que teve grande expressão em Curitiba – forjado, aliás, por muitos dos moços tratados nesta pesquisa.

Escreveu ainda textos críticos sobre a obra de vários dos escritores paranaenses que lhe eram contemporâneos: Emiliano Pernetta, Rocha Pombo, Silveira Netto, Dario Vellozo tornaram-se alvos de uma escrita que, invariavelmente, ressaltava a relevância que teriam para as letras. Nesses textos, Nestor Victor não estava tratando apenas de nomes que aprendera a respeitar ao longo da sua carreira literária, mas de amigos com quem compartilhara o amor e o interesse pela leitura e pela escrita, com quem partilhou descobertas e sonhos na mocidade. Tais artigos são, assim, mais do que textos de crítica, mas espaços de testemunho e de memória. Neles, Nestor Victor fala de si, do seu tempo, das suas amizades, dando não apenas testemunho do processo de constituição de um meio literário do qual fez parte, mas também dando visibilidade a essa constituição, às suas vivências e aos nomes que considerava significativos nesse processo.

Dessa forma, um dos seus textos mais conhecidos e citados, *Como nasceu o Simbolismo no Brasil*⁵⁹, é, na verdade, um elogio a *Luar de Hivero*, considerado o mais importante livro de Silveira Netto (1872-1942), literato paranaense contemporâneo aos demais que viemos tratando. Nele, Nestor Victor lembra a ocasião em que intensificou o contato com Silveira Netto: “[...] veio do Paraná e bateu-me à porta um rapaz que eu lá conhecera ainda quase menino e trabalhando modestamente numa oficina impressora. Era Silveira Neto, que me deu a ler um manuscrito seu: as páginas do Luar de Hivero”⁶⁰. De fato, Silveira Netto é um dos mais importantes escritores

⁵⁸ SANTOS, Nestor Vítor dos. *A Terra do Futuro (impressões do Paraná)*. Curitiba: Prefeitura Municipal de Curitiba, 1996. [coleção farol do saber].

⁵⁹ SANTOS, Nestor Vítor dos. *Como nasceu o Simbolismo no Brasil* [A propósito do *Luar de Hivero*]. op.cit.

⁶⁰ Idem: 80.

paranaenses de sua geração e o episódio mencionado por Nestor Victor tratava-se de sua primeira estada na capital da República, em 1896⁶¹.

Luar de Hivero – cuja primeira edição se deu apenas em 1900, no Rio de Janeiro – reúne textos que Silveira Netto vinha publicando desde 1895, em revistas paranaenses de cunho artístico e literário, como *O Cenáculo*, *Pallium*, *Club Curitibano*⁶². E era uma expressão vigorosa da estética Simbolista, como bem enfatiza Nestor Victor: “cheia de defeitos como ainda estava, essa coletânea, contudo, surpreendeu-me deveras. Era o livro de relevo mais forte, dentro do simbolismo, que eu já vira no Brasil, depois dos livros de Cruz e Souza”⁶³. Como outros de sua geração, Silveira Netto sofreu influência de Baudelaire via Emiliano Pernetta – apesar de ser seis anos mais moço que este. O interesse pela literatura havia sido despertado em uma situação peculiar: trabalhando, aos 18 anos (1890), como Conservador da *Biblioteca Pública do Paraná*. Marcou-se ali, o início de uma relação com os livros que seria decisiva em sua vida.

Silveira Netto fez sua trajetória literária vinculado, em boa medida, ao Simbolismo, ainda que tenha uma importância ímpar na estruturação da imprensa paranaense, fundando revistas e trabalhando na redação de inúmeros periódicos. Mas é, sobretudo, como poeta que Manoel Azevedo da Silveira Netto fixa seu nome nas letras ocupando, por exemplo, a cadeira número 1 da *Academia Paranaense de Letras*. Seus méritos literários foram reconhecidos mesmo por gerações posteriores a sua: segundo Andrade Muricy, “como qualidade da substância poética, a obra de Silveira Neto é das mais preciosas do Simbolismo brasileiro; duma gravidade e nobreza que a aproximam da dum Vigny [...], com o próprio Baudelaire e Antonio Nobre”⁶⁴. *Luar de Hivero* é a síntese desses elogios: o livro, não muito espesso como costumava ser as obras Simbolistas, expressaria a originalidade e a sensibilidade de seu autor: “a poesia de *Luar de Hivero* é duma morbidez trágica, dolorosa, de uma eloquência torturada,

⁶¹ As informações biográficas a respeito de Silveira Netto contidas neste trabalho foram retiradas dos autores que se seguem. Quando informações forem consenso entre os biógrafos, opta-se por não se fazer referências que explicitem a sua origem. MURICY, José Cândido de Andrade. op.cit: 500-504; CAROLLO, Cassiana Lacerda. *Luar de Hivero* de Silveira Netto – expressão do decadismo. IN: Silveira Neto, Manoel Azevedo da. *Luar de Hivero*. Curitiba: Prefeitura Municipal de Curitiba, 1996: 7-19. [coleção Farol do Saber]; *Dicionário histórico-biográfico do Paraná*. op.cit: 451-454; BEGA, Maria Tarcisa Silva. Silveira Netto: entre poesia e artes plásticas. IN: op.cit: 253-277.

⁶² CAROLLO, Cassiana Lacerda. *Luar de Hivero* de Silveira Netto – expressão do decadismo. op.cit: 7.

⁶³ SANTOS, Nestor Victor dos. op.cit: 80.

⁶⁴ MURICY, José Cândido de Andrade. op.cit: 503.

uma tormenta de subjetividade iluminada de estranhos deslumbramentos, de relâmpagos lívidos, de fantasias espectrais e sinistras”⁶⁵.

Com o lançamento desta obra, Silveira Netto, que tinha então cerca de 28 ou 29 anos, atinge uma certa visibilidade nacional, um reconhecimento por parte de colegas ligados à literatura: “*Luar de Hivero teve enorme sucesso. Medeiros Albuquerque, Artur Azevedo, Veiga Miranda, Frota Pessoa, Oliveira Gomes, todos os críticos de mentalidade aberta à nova corrente, e ainda Mello Moraes Filho, Alberto de Oliveira, Sílvio Romero, reconheceram o mérito raro, a emotividade original desse simbolista representativo, tão característico*”⁶⁶. A boa aceitação da poesia de Silveira Netto acabava por dar, por extensão, exposição e visibilidade ao Paraná: Curitiba era reconhecida – graças à quantidade e à qualidade dos escritores que produzia – como um centro significativo de irradiação literária. Por outro lado, o reconhecimento nacional da obra de Silveira Netto o aproxima de outros paranaenses, como Emiliano Pernetta, Nestor Victor, Rocha Pombo, Emílio de Menezes (1866-1918)⁶⁷ que também atingiram semelhante reconhecimento e visibilidade. E esses escritores, vivendo longe do Paraná, se aproximavam, se reconheciam e se apoiavam. Serviam de suportes uns para os outros: ajudavam-se financeiramente, com indicações para emprego, apoiando-se em projetos.

Por tudo isso, não foi à toa que Silveira Netto procura Nestor Victor quando se muda para o Rio. O seu conterrâneo já estava estabelecido na capital da República havia cinco anos, encontrava-se bem entrosado com o ambiente literário da cidade e tinha igual interesse que ele pela escrita Simbolista. Fizeram-se amigos. Nestor Victor menciona, inclusive, que Cruz e Souza ficou meio enciumado daquela relação⁶⁸. Enquanto se manteve no Rio (1896-1897), Silveira Netto frequentou o círculo literário ao qual Nestor Victor estava ligado.⁶⁹ O autor de *Luar de Hivero*, a quem Andrade

⁶⁵ Idem: 502.

⁶⁶ Ibidem: Ibidem.

⁶⁷ Emílio de Menezes, poeta parnasiano, natural de Curitiba (nasceu em uma casa no Largo da Matriz, atual Praça Tiradentes). Iniciou suas atividades literárias colaborando para periódicos curitibanos e, em 1887 se muda para o Rio de Janeiro onde consolida sua carreira. Ganhou muito dinheiro aplicando na bolsa de valores na época do *Encilhamento*, o que o permitiu viver confortavelmente. Vestia-se elegantemente, fazia luxuosas recepções em sua casa e era frequentador assíduo das rodas boêmias cariocas, especialmente a Confeitaria Colombo. Foi eleito para a Academia Brasileira de Letras em 1914. Ver: CAROLLO, Cassiana Lacerda. Emílio de Menezes: expressão de seu tempo. IN: Menezes, Emílio de. *Poesia lírica & satírica*. Curitiba: Prefeitura Municipal de Curitiba, 1996: XIII-XIX. [coleção Farol do Saber].

⁶⁸ SANTOS, Nestor Victor dos. Como nasceu o Simbolismo no Brasil [A propósito do *Luar de Hivero*]. op.cit.

⁶⁹ Idem.

Muricy descreve como “*homem de beleza serena e clássica, de maneiras graves, [mas que] era intimamente um inquieto, um exaltado e um triste*”⁷⁰, aproveita a estada na capital do país para alargar seus horizontes literários e consolidar suas relações e referências.

Da mesma forma como Nestor Victor, Silveira Netto nascera no litoral paranaense. Mais especificamente, na cidade de Morretes. Contudo, diferentemente do crítico literário, Silveira Netto muda-se para Curitiba ainda criança, aos sete anos (1879), com a família. De qualquer forma, ambos se identificavam na experiência de terem nascido em cidades culturalmente inexpressivas do litoral paranaense e se deslumbrarem com toda a diversidade e riqueza cultural da capital brasileira. De origem pobre – era filho e neto de operários –, Silveira Netto não tivera as mesmas facilidades de acesso à educação formal que Emiliano Pernetta ou Santa Rita, por exemplo. Frequentou a *Escola de Artes e Indústrias do Paraná* (1888), já que antes de se interessar pelas letras, Silveira Netto já manifestava talento para o desenho. Mas, não pôde seguir os estudos na *Escola de Belas Artes do Rio de Janeiro*, para a qual havia sido selecionado, por falta de recursos.

Assim, a experiência de morar na capital do país só se efetivou oito anos mais tarde, dessa vez a propósito de assumir o cargo de 4º Escrivão do Tesouro Federal⁷¹ – Silveira Netto sempre se dividiu entre a literatura, o desenho e o emprego público, que lhe garantia o sustento. Morar no Rio, era a oportunidade de conviver em um meio de grande efervescência cultural, privando do contato com artistas de várias partes do país, que lá residiam e com grande volume de livros e periódicos que vinham sendo publicados ou passavam de mão em mão entre os intelectuais ou ainda poderiam ser acessados em bibliotecas. Era uma maneira de vivenciar, enfim, uma movimentação ímpar de idéias, tendências e estilos que corriam nas tipografias, nas livrarias, nos cafés. Sua estada no Rio lhe garante, sobretudo, a convivência com escritores ligados ao Simbolismo, como Cruz e Souza, Gonzaga Duque, Antônio Austregésilo, além do próprio Nestor Victor⁷². Uma convivência importante para um escritor que até então estava circunscrito aos limites do Paraná.

Esse trânsito de intelectuais paranaenses por outros circuitos literários, conferia uma certa visibilidade ao Paraná como centro literário e produtor de cultura, além de

⁷⁰ MURICY, José Cândido de Andrade. op.cit: 503.

⁷¹ CAROLLO, Cassiana Lacerda. Luar de Hivero de Silveira Netto – expressão do decadismo. op.cit: 15.

⁷² Idem: Ibidem.

nutrir os paranaenses com leituras e discussões que revigorariam o meio cultural curitibano. Aos quarenta anos, em 1912, Silveira Netto torna a mudar-se para o Rio de Janeiro, desta vez em caráter definitivo. No entanto, enquanto literato, esteve fortemente ligado ao Paraná. Lá se deu a maior parte de sua produção escrita, bem como seu trabalho na imprensa, como fundador, redator, ilustrador ou chargista de periódicos. Para lá continuou a enviar seus artigos para serem publicados até o final da vida. É, sobretudo, ao círculo literário paranaense que ele se liga, tanto no processo de consolidação de um meio literário quanto no que concerne às amizades que estabeleceu: os mais significativos amigos literatos que teve, com quem partilhou as experiências de escrita e leitura, fundamentais para a sua formação intelectual, eram paranaenses como ele. Moços tão compromissados com a escrita quanto ele.

Dario Vellozo (1869-1937) e Julio Pernetta (1869-1921) foram grandes amigos de Silveira Netto, entre os literatos paranaenses. Homens que, diferentemente de Emiliano Pernetta, Nestor Victor e do próprio Silveira Netto, não tiveram nos seus currículos a experiência de viver entre os intelectuais da capital da República. Ainda que Dario Vellozo fosse carioca: sua família mudou-se para Curitiba quando ele tinha 15 anos (1885)⁷³. Enquanto intelectuais e literatos, ambos se fizeram completamente nos círculos curitibanos, entrelaçados pelo convívio, pelo interesse pelas letras que atraía moços e amalgamava amizades. Aproximava-se também pela identificação ao Simbolismo. E, em ambos os casos, tal identificação teve influências de Emiliano Pernetta: Dario fica maravilhado com a intimidade que Emiliano Pernetta demonstra ter com a obra de Verlaine, em conversas com este poeta, no ano que ele volta de Minas, para morar definitivamente no Paraná (1896)⁷⁴. A essa época, Dario Vellozo estava com os seus 26 anos e já se mostrava entrosado com muitos dos escritores que pautarão suas leituras por toda a vida. Notadamente os de caráter esotérico: Helena Blavatsky, Papus, Barlet, Guymiot, Levi, Guaita, Bosc, são escritores que, juntamente com os poetas Simbolistas, compõem as referências literárias de Dario Vellozo⁷⁵.

⁷³ As informações biográficas referentes a Dario Vellozo contidas neste trabalho foram retiradas dos autores que se seguem. Não se fará referências das informações que se mostrarem como consenso entre estes autores. MURICY, José Cândido de Andrade. op.cit: 388-390; CAROLLO, Cassiana Lacerda. Decadismo e Simbolismo. IN: *O Cinerário & outros poemas*. Curitiba: 1996: xiii-Lii; *Dicionário histórico-biográfico do Paraná*: op.cit: 539-544 [verbete de Cassiana Lacerda Carollo]; BEGA, Maria Tarcisa. Dario Vellozo: a aventura helênica nos trópicos. IN: op.cit: 215-253;

⁷⁴ *Dicionário histórico-biográfico do Paraná*. op.cit: 541. [verbete Dario Vellozo, elaborado por Cassiana Lacerda Carollo].

⁷⁵ Idem: *Ibidem*.

No que concerne a Julio Pernetta, a influência de Emiliano se dá, inicialmente, no âmbito familiar: como o próprio sobrenome propõe, Julio era um dos quatro irmãos de Emiliano Pernetta⁷⁶. Segundo Andrade Muricy, “*Grandes afinidades físicas e artísticas tinham esse poeta com o seu grande irmão Emiliano [...]. Ambos eram de movimentos ágeis e graciosos, e de pronta e sedutora ebriedade imaginativa e verbal. Palestradores invulgares.*”⁷⁷. Tinham uma diferença de idade de quatro anos – Julio era o mais moço. E a admiração que nutria por Emiliano não se restringe à costumeira relação de irmãos, mas liga-se também à ascensão intelectual que este tinha no meio curitibano. Diferentemente do irmão, que foi poeta reconhecido e respeitado, Julio constituiu os seus caminhos nas letras mais ligado ao jornalismo e à fomentação da imprensa. Seu nome não carrega, nem de longe, o *glamour* que envolve o nome de seu irmão mais velho. “*Nos dias de hoje, seria considerado apenas escritor regionalista hábil*”⁷⁸, pondera Andrade Muricy, dimensionando o lugar que Julio Pernetta teria nas letras paranaenses.

No entanto, tem uma importância que não deve ser desprezada no processo de engendramento das letras paranaenses: além da sua presença nos grupos literários, esteve à frente de inúmeros periódicos, articulando a circulação daquilo que era escrito pelos seus contemporâneos. Amigos seus, companheiros de interesse e gosto pelas letras. Nisso, aliás, aproxima-se de Silveira Netto, que também destacou-se pelos serviços prestados à fundação e editoração de periódicos. Juntos, Silveira Netto e Julio Pernetta fundaram periódicos importantes, como *O Cenáculo* (1895) e *Pallium* (1900). Dario Vellozo também se fez presente neste círculo de fundação de revistas vinculadas às Artes – à literatura especialmente. Foi companheiro de Julio Pernetta, por exemplo, na fundação da *Revista Azul*, quando tinham ambos 23 anos (1893). E, um pouco mais tarde, estiveram presentes na fundação de *O Cenáculo*, considerada uma das mais importantes publicações de cunho Simbolista editadas no Brasil.

Dario é reconhecido com um dos mais importantes escritores da sua geração, no Paraná. Aproxima-se de Emiliano Pernetta na sua popularidade: Nestor Victor, em artigo de 1921, menciona o quanto a presença de Dario Vellozo (já beirando os 52 anos)

⁷⁶ As informações biográficas referentes a Julio Pernetta contidas neste trabalho foram retiradas dos autores que se seguem. Opta-se por não se criar nota de rodapé para referenciar as informações que se mostrarem como consenso entre esses autores. MURICY, José Cândido de Andrade. op.cit: 403-404; *Dicionário histórico-biográfico do Paraná*. op.cit: 365-367.[verbete de Cassiana Lacerda Carollo]; BEGA, Maria Tarcisa. Julio Pernetta: o polemista. IN: op.cit: 287-302.

⁷⁷ MURICY, José Cândido de Andrade. op. cit: 403.

⁷⁸ Idem: *Ibidem*.

reverberava no ambiente curitibano. “*Nas grandes festas cívicas [...] nas solenidades comemorativas, é a sua voz que interpreta ou cria o sentimento unânime. Ele e Emiliano, enquanto este foi vivo, é que ali dominavam o auditório. Depois José de Santa Rita veio constituir com ambos uma trindade*”⁷⁹. Tendo em comum o fato de terem vivido praticamente toda a vida em Curitiba e, sobretudo lá envelhecido, Emiliano Pernetta e Dario Vellozo, desfrutaram nesta cidade, do prestígio dos escritores com carreira consolidada. De fato, Emiliano Pernetta e Dario Vellozo sintetizam no final de suas vidas, como nenhum outro intelectual do período, o reconhecimento e a identificação por parte dos seus conterrâneos.

José Henrique de Santa Rita, citado por Nestor Victor, foi amigo daqueles dois, presença constante neste período mais avançado de suas vidas. Daí compor com eles uma trindade, conforme as palavras de Nestor Victor. José Cândido de Andrade Muricy também comenta esta relação:

[Santa Rita] *foi para ambos companheiro dedicado e compreensivo. De Emiliano Pernetta mais do que isso: amigo exemplar, confiante seguro. Na fase final do poeta de Ilusão, foi ele o estimulador incansável, o apóstolo fraterno e maravilhado. Era o parceiro para os longos devaneios peripatéticos, naquelas luminosas tardes curitibanas, o último dos quais na véspera da morte do grande poeta*⁸⁰.

Diz-se que ninguém ousava interromper as costumeiras andanças de Emiliano e Santa Rita pelas ruas de Curitiba, como se a sua passagem fossem momentos de suspensão da realidade⁸¹.

De fato, a relação que José Henrique de Santa Rita tinha com Emiliano Pernetta é semelhante àquela existente entre Nestor Victor e Cruz e Souza: Santa Rita foi amigo, divulgador e crítico da obra de Pernetta. Sobreviveu vinte três anos a Emiliano, tempo suficiente para empreender um trabalho de sustentação e divulgação da obra do amigo morto. Mesmo em vida, Emiliano Pernetta já havia se tornado uma das figuras curitibanas mais populares do seu tempo, envolto por uma certa magia. “*Emiliano parece que sempre anda com uma banda de música à frente, observou, certa vez,*

⁷⁹ SANTOS, Nestor Victor dos. Dario Veloso. IN: *Obra Crítica de Nestor Vitor. Vol III*. Rio de Janeiro/Curitiba: Fundação Casa de Rui Barbosa/Secretaria de Estado da Cultura e do Esporte, 1979: 57.

⁸⁰ MURICY, José Cândido de Andrade. op.cit: 566-567.

⁸¹ Segundo José Cândido de Andrade Muricy: “*O seu [de Emiliano Pernetta] inseparável amigo José Henrique de Santa Rita acompanhava-o nos seus passeios durante os longos crepúsculos curitibanos. Nesses momentos ninguém, por deferência instintiva, os abordava.*”. Idem: 287-288.

*Nestor Vitor*⁸². O fato é que Emiliano – assim como Dario, em certa medida – estabeleceu uma relação peculiar com Curitiba. Identificou a sua imagem de poeta – o “*chefe incontestável do mundo intelectual paranaense*”⁸³, nas palavras de Nestor Victor – com a de uma cidade que crescia e se modernizava, naqueles primeiros tempos do século XX. Suas caminhadas vespertinas, sua presença nas solenidades, ou na sacada de seu quarto na rua XV de Novembro, de onde *toda Curitiba* o via dia após dia⁸⁴, eram ocasiões em que se sedimentava essa identificação. O poeta projetava-se na cidade e a cidade projetava-se no poeta.

A respeito de Dario Vellozo, Nestor Victor considera, em artigo para o periódico carioca *A Tribuna*, de 1821: “*é o tipo mais popular e prestigioso dentre quantos homens de letras existam hoje no Paraná*”⁸⁵. Voltado durante toda a vida a leituras esotéricas e desenvolvendo uma religiosidade peculiar, Dario costumava realizar obras de caridade junto a pessoas de baixa renda. Nestor Victor refere-se a ele como um *consolador dos aflitos*⁸⁶ e um *espírito humanitário fora do comum*⁸⁷. Isto gera uma identificação particular dos paranaenses com ele, ao menos por parte daqueles que se beneficiavam dessas ações. Diferentemente de Emiliano, não era tão fácil encontrar Dario passeando pela região central da cidade: morando por quase toda a vida em uma propriedade nos arredores de Curitiba (chamada carinhosamente de *Retiro Saudoso*), costumava ficar recluso por lá. No entanto, não deixava de participar de eventos e cerimônias ocorridas na cidade. O lugar de honra que se costumava atribuir a ele e a Emiliano nas cerimônias públicas, quando já eram escritores estabelecidos, propõe a identificação de suas imagens com a Curitiba moderna que se construía. Os dois sintetizavam a imagem de um Paraná culturalmente fértil.

A identificação que se tinha em Curitiba com esses escritores bem se mostra na ocasião de seus falecimentos. A comoção gerada em ambas as mortes, não se compara a qualquer outra dessa geração. Emiliano falece em 1921, aos 55 anos. Uma morte fulminante e inesperada: “*No dia 21 de janeiro às 18:30 horas, após um ligeiro jantar, Emiliano Pernetta falece de colapso cardíaco, na Pensão Otto Kröhne, na Rua XV de*

⁸² *Ibidem*: 286.

⁸³ SANTOS, Nestor Vitor dos. Emiliano Pernetta. *op.cit*: 428.

⁸⁴ Segundo Nestor Victor: “[Emiliano Pernetta] *morou talvez durante mais de vinte anos na rua principal da cidade, a Rua Quinze, que é lá como entre nós a Avenida Central. Na sacada via passar Curitiba toda, e toda a Curitiba sorria gentilmente tarde por tarde*”. SANTOS, Nestor Victor dos. Emiliano Pernetta no Paraná. IN: *Obra Crítica de Nestor Vitor. Vol. III.* *op.cit*: 54.

⁸⁵ *Idem*: 58.

⁸⁶ *Ibidem*: *Ibidem*.

⁸⁷ *Ibidem*: 57-58.

Novembro, 84.”⁸⁸. Sua morte abalou a cidade e mobilizou inúmeras homenagens póstumas, tanto de cidadãos comuns, quanto de autoridades, além de seus colegas literatos. O infausto acontecimento repercutiu, inclusive, na capital da República⁸⁹, através de homenagens em reconhecimento a um poeta que tinha uma certa dimensão nacional, apesar de todo o brilho que emanava localmente:

*No trigésimo dia de seu falecimento, realizou-se no salão de conferências do Jornal do Comércio, no Rio de Janeiro, uma sessão em sua homenagem presidida por Alberto de Oliveira, ladeado por Jackson de Figueiredo, Rodrigo Octavio, Xavier Marques, Goulart de Andrade, Nestor Victor, Rocha Pombo, Moyses Marcondes.[...] Trinta dias após sua morte intelectuais paranaenses e cariocas prestam uma homenagem ao poeta*⁹⁰.

O funeral de Dario, falecido em 28 de setembro de 1937, aos 67 anos, foi um acontecimento em Curitiba. Por desejo do poeta, foi sepultado em um caixão extremamente simples, feito de madeira do Paraná. Sob sua cabeça, foram depositados alguns manuscritos. “*O cortejo fúnebre partiu de sua residência, no Retiro Saudoso, quando os ipês floriram. Também deixou escrito sua vontade de que o féretro em carro de terceira classe, passasse pelos bairros pobres da cidade, até chegar ao Cemitério Municipal, onde foi enterrado em cova rasa*”⁹¹. Entrecruzava-se, assim, no ritual de seu sepultamento, a reverência ao Paraná – Estado que lhe acolhera desde os quinze anos –, o amor às letras, as quais havia se dedicado desde a mocidade, o carinho pelo *Retiro Saudoso*, onde morou por quase toda a vida e costumava receber os amigos literatos e a sua identificação aos menos favorecidos. O ritual seria também uma afirmação de simplicidade, de humildade. Sua morte não teve a visibilidade nacional que tivera a do seu amigo, falecido dezesseis anos antes. Dario não tivera em vida o trânsito nacional que tivera Emiliano, sobretudo na mocidade.

⁸⁸ CAROLLO, Cassiana Lacerda. Emiliano Pernetta: da fuga e dissipação à busca do absoluto. IN: Pernetta, Emiliano. *Ilusão & outros poemas*. Curitiba: Prefeitura Municipal de Curitiba, 1996: xLiii. [coleção Farol do Saber].

⁸⁹ A respeito da repercussão da morte de Emiliano Pernetta na imprensa do Rio de Janeiro, seu amigo Leôncio Correia, declara: “[...] *é um relativo consolo a unanimidade com que, registrando o infausto acontecimento, a imprensa carioca se refere ao Poeta e à sua obra. Toda ella – quase sempre esquecida dos grandes nomes provincianos – revela que sabia da existência, no Paraná de um Poeta, e que esse Poeta foi dos maiores que o Brasil tem produzido. Alguns dos jornais dão-lhe o retrato, outros publicam-lhe os versos.*”. CORREIA, Leôncio. *A bohemia do meu tempo*. Rio de Janeiro: F. Lemos, 1935: 143.

⁹⁰ CAROLLO, Cassiana Lacerda. Emiliano Pernetta: da fuga e dissipação à busca do absoluto. IN: Pernetta, Emiliano. *Ilusão & outros poemas*. op.cit: xLiii.

⁹¹ CAROLLO, Cassiana Lacerda. Introdução: Decadismo e Simbolismo. IN: Vellozo, Dario. *Cinário & outros poemas*. Curitiba: Prefeitura Municipal de Curitiba, 1996: Li. [coleção Farol do Saber].

As homenagens rendidas aos dois poetas paranaenses de maior popularidade em Curitiba das primeiras décadas do século XX, apontam não apenas para o prestígio que alcançaram, mas a importância adquirida pela literatura. De fato, na ocasião da morte destes poetas, o meio literário paranaense já se encontrava bastante estruturado, com uma rede de escritores constituída, que poderiam editar seus livros no Paraná, bem como vendê-los nas livrarias locais. Já se poderia encontrar em Curitiba as novidades literárias de outros centros, inclusive europeus. E haviam sido fundadas instituições que reuniam os intelectuais e abrigavam as letras, como a *Academia Paranaense de Letras*, o *Centro de Letras* ou mesmo o *Instituto Histórico Geográfico e Etnográfico do Paraná*. Emiliano e Dario, bem como todos os demais anteriormente apresentados vivenciaram e foram agentes ativos do fortalecimento da palavra e de sua circulação. O prestígio que escritores e escritura gozavam nos anos 20 e 30 do século XX – que se revela, por exemplo, por ocasião da morte dos literatos supracitados – é algo que só pode ser compreendido visto na historicidade que está inscrito. Trataremos em seguida, justamente de tal fortalecimento das letras operado a partir do final do século XIX.

2. *Caminhos da escrita*

Acompanhando a biografia dos literatos percebe-se que, quando moços, se aproximaram uns dos outros, graças ao interesse comum que tinham pela leitura e pela escrita. Constituindo uma rede de relações que foi decisiva para o fortalecimento das letras no Paraná, nas décadas finais do século XIX. Através da história de amizade que tiveram, entrevê-se como essas relações eram nutridas pelo devotamento comum pela palavra escrita. Com efeito, uma das tônicas desta tese é pensar o processo de constituição do fortalecimento da palavra escrita e da sua livre circulação a partir de pequenos gestos, corriqueiras amizades. E o presente capítulo se dedica a isto de uma forma especial. No trecho que se segue, aborda-se como a constituição de um meio intelectual e literário esteve implicado a redes de relações fomentada pelos moços, bem como a um conjunto de transformações que se operavam na capital paranaense.

2.1 *o curso preparatório e o gosto pelas letras*

Biografias de literatos indicam que Curitiba tenha sido o espaço privilegiado de reunião desses escritores, quando moços. Observa-se que aqueles que não eram da

capital, para lá afluíram, muitas vezes a fim de cursar o preparatório no *Instituto Paranaense*. Este foi um espaço fundamental de aproximação dos moços: lá encontraram-se, fizeram descobertas e perceberam afinidades comuns, apoiaram-se e uniram-se em torno de projetos e sonhos. O *Instituto* era, de fato, a principal instituição de ensino secundário do Paraná, principalmente a partir do último quartel do século em questão. Por esta instituição passou, como alunos, essa mocidade que o leitor está tendo oportunidade de conhecer, uma geração que frequentou o curso preparatório na década de 1880. Emiliano Pernetta, quando trouxe *As Flores do Mal* para Curitiba, introduziu o livro entre moços que estudavam no *Instituto Paranaense*.

Enquanto um espaço vinculado à educação, o *Instituto Paranaense* abrigou o desejo de muitos moços de desfrutarem da leitura e da escrita, ou despertou em outros o mesmo desejo. Afinal, a escola é, por excelência, um lugar de cultivo das letras. Lá, os estudantes secundaristas tinham a oportunidade de estudar português e retórica, filosofia, geografia e história, latim, francês, inglês e matemática⁹². Disciplinas que, no seu conjunto, estimulavam o interesse pelo que era relativo às letras, à cultura e às artes, pelo que se relacionava ao estrangeiro, proporcionando que descobrissem o Paraná por contraste às demais Província/Estados e Nações. A estrutura curricular lhes proporcionava também o exercício da leitura e da escrita e a construção de valores e referências. Contribuiu ainda para que se desenvolvesse entre os alunos um sentimento de amor e de valorização das letras, que acabou por constituir a tônica da geração de literatos que se forma no Paraná, no final do século XIX.

O fortalecimento das instituições de ensino secundário no Paraná deu-se com a reforma de ensino ocorrida na Província, em 1876. Esta previa a equiparação das disciplinas lecionadas no Paraná com o currículo estabelecido pelo governo Imperial no decreto 5429 de 2 de outubro de 1873, uniformizando a formação dos estudantes secundaristas brasileiros. Segundo Nestor Victor, “*a vida intelectual [nos primeiros tempos da Província] era muito limitada e muito pobre. Desde 1857 se criara o Liceu de Curitiba, com três cadeiras: matemática, latim e francês. Depois, com a reforma de instrução pública em 1876, converteu-se o antigo Liceu no Instituto Paranaense, em que afinal já podiam os estudantes fazer curso preparatório completo*”⁹³. Esta reforma

⁹² Ver: Relatório apresentado á Assembléa Legislativa do Paraná no dia 15 de fevereiro de 1876 pelo presidente da provincia, o excellentissimo senhor doutor Adolpho Lamenha Lins. Provincia do Paraná, Typ. da Viúva Lopes, 1876: 52 [sic].

⁹³ SANTOS, Nestor Vítor. *A Terra do Futuro: Impressões do Paraná*. 2ª ed. Curitiba: Prefeitura Municipal de Curitiba, 1996. [coleção Farol do Saber]: 78-79.

do ensino já vinha sendo executada nas demais Províncias, fazendo Adolpho Lamenha Lins, presidente do Paraná, considerar a urgência de realizá-la na Província que administrava: “*Medida sábia, previdente e fecunda deve ser aproveitada por todos que aspiram ás carreiras superiores. E seria para lamentar que o Paraná, onde o interesse e o alvoroço pelos progressos litterarios attestam a intelligencia de seus filhos, occupe o ultimo plano entre todas as suas irmãs [sic]*”⁹⁴.

Com a reforma no ensino era possível que o estudante cursasse o preparatório em sua Província de origem e posteriormente ingressasse em um curso superior, em São Paulo ou no Rio de Janeiro. Tal qual aconteceu com Emiliano Pernetta, por exemplo, que fizera o preparatório no *Instituto Paranaense* para só então mudar-se para São Paulo a fim de freqüentar a faculdade de Direito. A novidade estava no fato de que, até então, os paranaenses que almejavam o ensino superior e podiam custeá-lo, eram obrigados a cursar o ensino secundário em centros maiores, se dirigindo para lá muito jovens. Com a unificação do currículo nacional, os secundaristas poderiam cursar o preparatório onde moravam. As vantagens de tal inovação eram alardeadas em relatório que Adolpho Lamenha Lins apresentou à Assembléia Legislativa do Paraná:

*Um curso de preparatórios, habilitando ao ingresso de cursos superiores no império; perfeitamente validos os respectivos exames obtidos diante de uma commissão que, por funcionar na mesma provincia é assumpto de elevada economia e incentivo ao estudo, parece-me a cousa mais necessaria a pôr-se em immediata execução. As despezas extraordinárias, as longas ausências dos filhos, os incommodos de toda a especie que d’ahi emanam ; tudo isso evitado, e, em troco, os mesmos resultados para uns ; o augmento de idéias que para todos deve provir do contacto com os proprios frequentadores da nova instituição, eis ahi resultados, cujos méritos são indubitáveis [sic]*⁹⁵.

Subtrai-se do relatório de Lamenha Lins que a reforma de ensino teria implicações que extrapolariam o âmbito estritamente educacional, justificando-se pela perspectiva de progresso geral da Província. Era também uma maneira de aproximar e mesmo incluir esta, que foi a última Província brasileira a se constituir politicamente, no movimento geral da Nação. As instituições de ensino, potencializadas pela reforma

⁹⁴ Relatório apresentado á Assembléa Legislativa do Paraná no dia 15 de fevereiro de 1876 pelo presidente da provincia, o excellentissimo senhor doutor Adolpho Lamenha Lins. Provincia do Paraná, Typ. da Viúva Lopes, 1876: 52 [sic].

⁹⁵ *Ibidem*: 53.

curricular, concentrariam a força e o desejo de progresso e modernização latente na esfera administrativa. Acrescido a isso, a reforma favoreceria que se extirpasse debilidades existentes no meio educacional paranaense, segundo a avaliação de Lamenha Lins:

A falta de proveito imediato para os alumnos que cursavam as diferentes aulas do lyceu ; a invalidade dos exames para os cursos superiores do império ; e, como natural corollario, a pouca assiduidade e desgosto dos discípulos, a negligência e nenhum estímulo dos professores ; eram as causas promotoras do decahimento e imprestabilidade do estabelecimento de ensino secundário [sic]⁹⁶.

No que diz respeito a esta pesquisa, tal reforma teve implicações imprevisíveis e decisivas. Proporcionando que moços permanecessem no Paraná durante o curso secundário e, sobretudo, facultando o estudo àqueles cujas posses familiares não permitiriam que se dirigissem a outras partes do país para estudar, contribuiu para a criação de um ambiente de grande vitalidade intelectual em Curitiba. Ambiente este ligado ao fortalecimento das letras e à constituição de um meio literário, o qual tratamos nesta pesquisa. Estudantes com vocação e interesse na reflexão e no debate, na leitura e na escrita, nas artes e na filosofia encontraram nos ambientes estudantis espaço para partilhar seus conhecimentos. A maior parte deles não cursará faculdade depois do preparatório: o Paraná ainda não oferecia esta possibilidade e não eram todos que tinham recursos para estudar em outras regiões. Assim, os espaços de socialização mostravam-se verdadeiramente decisivos para moços que deviam contar com um certo autodidatismo para fortalecer sua formação intelectual.

Não era uma novidade, no Paraná, homens com título superior. As famílias mais abastadas costumavam encaminhar seus filhos para estudarem nos principais centros do país ou mesmo no exterior. Muitos desses homens, voltando para o Paraná, destacaram-se nas suas carreiras e tornaram-se figuras eminentes e respeitadas⁹⁷. Ocuparam cargos burocráticos na administração pública, responsabilizando-se pelas decisões dos rumos

⁹⁶ Ibidem: 51.

⁹⁷ Segundo José Francisco da Rocha Pombo: Nas primeiras décadas da Província, “*muitos filhos das famílias mais abastadas de Curitiba, de Paranaguá, de Castro e da Lapa estudavam em São Paulo, chegando a formar-se e a distinguir-se um grande número dele.*”. POMBO, José Francisco da Rocha. Progresso Intelectual. Criação da Imprensa. IN: *O Paraná no Centenário (1500-1900)*. 2ª ed. Rio de Janeiro/Curitiba: José Olympio/Secretaria da Cultura e do Esporte, 1980: 101.

políticos da Província. Outros tornaram-se padres⁹⁸. Mas, não encontramos, entre eles, interesse literário. Não com as características e a intensidade encontrada entre os moços do final do século. “*Não passavam de simples letrados, sem aspirações de arte e principalmente sem a paixão exclusiva da poesia*”⁹⁹, interpreta Rocha Pombo. E completa: “*esta geração, como dissemos, não deixou nome algum que se destacasse. A política imperava e a fase não era a mais própria para preocupações puramente literárias*”¹⁰⁰.

A carreira pública era a grande realização para as primeiras gerações de homens da Província. Sentiam-se com a responsabilidade de construir o Paraná, de fazê-lo forte e soberano. Este sentimento não desapareceu no final do século: por um lado, a vida pública continuava sendo atraente e promissora. E, por outro, mesmo aqueles que se dedicaram às letras não perdem de seus horizontes um sentido de responsabilidade, de dever em relação ao Paraná. Acreditavam que as suas atividades intelectuais tinham um compromisso e uma função insubstituível na construção da (o) Província/Estado. Apostavam no desenvolvimento cultural como caminho para constituir um Paraná diferenciado e com caráter próprio. A criação ou o fortalecimento de instituições ligadas à educação e à cultura foi, certamente, um elemento constitutivo de todo o processo de sedimentação das relações da mocidade em questão. Ligaram-se por laços de amizade, formaram círculos de convivência e isto foi decisivo para a constituição de um ambiente intelectual e literário no Paraná.

O que operaram de novo é uma dada relação com a escrita que se diverge do que encontramos entre aquelas primeiras gerações de moços da Província, com vocações políticas. Os moços do final do século movimentam-se no sentido de expandir suas vozes, de colocá-las para fora, de modo a qualquer um poder ouvir. Enquanto que os que os precederam (ou mesmo foram contemporâneos, visto que continuava a haver moços que faziam política no final do século) falavam entre si, mantinham a palavra restrita a seus círculos. Falar para qualquer um ouvir, escrever para qualquer um ler, essa postura é a grande novidade instaurada no final do século, modificando a relação

⁹⁸ São nomes desse tempo: Conselheiro Manoel Francisco Correia, Conselheiro Jenuíno Marcondes de Oliveira e Sá, Dr. Salvador José Corrêa Coelho, Dr. José Francisco Corrêa (médico), Dr. Francisco José Corrêa (advogado), Padre Damaso José Corrêa, Dr. Antonio Cândido Ferreira de Abreu (advogado), Dr. José Mathias Gonçalves Guimarães, Dr. José Lourenço de Sá Ribas, Dr. José Mathias Ferreira de Abreu, Dr. João Manoel da Cunha, Padre Isaías Ribeiro de Andrade e Silva, Leocádio Pereira, Padre Lourenço Justiniano Ferreira Bello, Padre José Antonio de Camargo e Araújo, Padre Agostinho Machado Lima, Padre João Batista Ferreira Bello. Ver: POMBO, José Francisco da Rocha. Idem: 101-102.

⁹⁹ Ibidem: 104.

¹⁰⁰ Ibidem: 105.

com a palavra escrita. Talvez, por isso, a literatura tenha sido o grande gênero cultivado e venerado por essa geração: afinal, ela é a escrita sem destinatário por excelência. Os círculos de amizade que estabeleceram (que se formaram e se efetivaram, por exemplo, nos espaços estudantis) fomentaram a constituição de um ambiente literário, que impulsionou a livre circulação da palavra. Pois, se havia quem escrevesse literatura no Paraná antes dos moços que aqui tratamos, sua escrita não teve a força de circulação que encontramos no final do século.

O alargamento do contingente de escritores e leitores esteve implicado à constituição de uma rede de sociabilidade: nota-se que, na medida que os moços com interesse literário se descobriam e se associavam, fortaleciam o debate em torno da escrita, bem como a própria prática da escrita. Juntos, tiveram forças para operar ações que não lhes seriam possível isoladamente. Pensemos nos exemplos já fornecidos anteriormente: as conversas sobre as novidades literárias com quem voltava de centros maiores; as redes de empréstimo de livros; os textos publicados nos periódicos locais, às vezes sem nem muito ter o que se dizer: ações simples, mas que promoveram a circulação da palavra. Falava-se, lia-se e escrevia-se com vigor. Fortalecendo os circuitos de circulação da palavra favorecia-se a criação de um meio literário. E isso é o que os distingue das gerações de escritores que os antecederam: até então, a escrita literária não tinha visibilidade, escrever literatura não tinha expressividade. E aqueles que o faziam, de forma diletante forçosamente, trabalhavam silenciosa e isoladamente.

Já os moços do final do século fizeram-se ouvir. E conseguiram fazer barulho porque eram muitas vozes, porque estavam unidos, próximos, ligados. E o gosto e o interesse pela leitura e pela escrita foi o fator que os identificou, que os aproximou, que inspirou amizades e afetos. Dessas relações, surgiram iniciativas de fundar jornais ou revistas, grupos e associações que foram decisivos na visibilidade adquirida pelas letras e na constituição de círculos literários e o fortalecimento de um ambiente intelectual no Paraná. Salienta-se, todavia, que esse meio literário, marcado pelo intuito de promover a livre circulação da palavra, constituiu-se, justamente, quando as letras deixaram de ser de acesso exclusivo das elites. Não são os moços das famílias mais abastadas que operam tal fortalecimento da palavra escrita, ainda que possamos encontrar representantes destes entre os amantes e propulsores das letras.

O fortalecimento das instituições de ensino e a maior democratização do acesso à educação tiveram um papel decisivo neste processo, conforme viemos assinalando. O *Instituto Paranaense* funcionou como um importante espaço de formação e

sociabilização, reconhecido, inclusive, por aqueles que estavam inseridos no processo em questão. Leôncio Correia, figura das mais significativas do ambiente intelectual que se forma em Curitiba no final do século XIX, salienta: “[...] a pleiade estudiosa que freqüentou os bancos escolares de 1878 a 1880 na capital do Paraná, foi impulsionadora do trabalho intelectual que aqui se opera hoje, como advento a um futuro luminoso [sic]”¹⁰¹. Ele se referia a moços como Emiliano Pernetta, Domingos do Nascimento, José Eugênio Machado Lima, Clarimundo Rocha e João Regis¹⁰², que teriam sido os primeiros a se utilizarem do ambiente escolar para unirem-se em torno do interesse pela leitura e pela escrita, inaugurando uma prática que se tornará corrente e marcará a geração de estudantes do *Instituto Paranaense*, sobretudo até o final do século XIX. O próprio Leôncio Correia compunha o grupo daqueles primeiros moços a se organizarem em torno da leitura e da escrita, nas instalações do *Instituto Paranaense*.

Em fotografias, vemos posar ordenadamente alunos do *Instituto Paranaense*, com ares de certa solenidade, característico desse tipo de registro fotográfico. Tais fotografias, que quando efetuadas tinham por sentido registrar turmas de estudantes, perpetuando a imagem do *Instituto Paranaense*, adquirem um alcance e uma importância inesperados, com a notoriedade adquirida por vários daqueles moços posteriormente, graças ao seu trabalho nas letras. Tratava-se, assim, de um registro da convivência e da proximidade estabelecida por aqueles homens na mocidade, justamente no ambiente escolar, que foi tão eficaz para aproximá-los. As imagens podem ser compreendidas ainda como uma forma de afirmação da educação: o registro referendaria a importância a ela atribuída em uma sociedade que se pretendia moderna, em um tempo em que os ideais republicanos se difundiam. De fato, a instrução através da educação formal era percebida como a esperança de um novo tempo:

*A lucta pelo saber, – o infatigavel trabalho em prol da
instrucção – quando se opera nas camadas de uma população,
indica claramente que uma nova vida dá nova alma a essa
população, si ella por muito tempo, esteve n’um estado quase
indifferente pela vida intellectual [sic]*¹⁰³.

¹⁰¹ CORREIA, Leôncio. *Domingos Nascimento*. A Vida Litteraria. Curityba, 10 de agosto de 1887. Ano I. N.º 06: 01.

¹⁰² Idem: *Ibidem*.

¹⁰³ *Club Dr. Pedrosa*. A Idea – órgão do Club dos Estudantes. Publicação Semanal. Comissão redactora: Alfredo Pirajá, Azevedo Macedo e C. Costa. Curityba, 20 de março de 1889. Anno I. N.º 12: 1. [Sem indicação de autoria].

Observa-se como se fortalecia, neste contexto, o discurso referendando a educação como capaz de transformações decisivas numa sociedade, especialmente no que concerne aos aspectos culturais e intelectuais. Daí se acreditar que a educação não poderia ser para poucos privilegiados, conforme artigo de jornal do *Club dos Estudantes*: “*Que todo homem estude, que todo homem mergulhe cada vez mais fundo o seu espírito na instrução, que a instrução se difunda por todas as classes [sic]*”¹⁰⁴. Delineava-se, assim, um cenário de crescente proliferação de instituições de ensino, caracterizando a importância que estas adquiriam nas sociedades que se pretendiam modernas e engajadas no discurso republicano em voga então no país. Conferia-se, dessa forma, uma importância à educação por se acreditar no seu caráter iluminador, salvacionista e libertador, de matriz tipicamente Iluminista. Uma educação universal, que chegasse indistintamente a todos os paranaenses, era condição para se constituir um Paraná próspero e que se destacasse no conjunto da Nação.

2.2 *Escola de Belas Artes e Indústrias: um espaço de fomento cultural*

Foi Antonio Mariano de Lima – um artista plástico português que viera para Curitiba contratado para decorar o teatro São Teodoro¹⁰⁵ – o idealizador da *Escola de Belas Artes e Industrias*. Concebe uma escola onde se pudesse estudar pintura, escultura, música e arquitetura, além de artes industriais. A escola, que durou vinte anos (1886-1906), foi importante para a articulação de um ambiente intelectual em Curitiba. Enquanto esteve em funcionamento, abarcou aqueles que tinham gosto ou talento específico para as artes e desejavam obter uma formação e um ofício nesta área. Contudo, mais do que isto, acabou por constituir um lugar de discussão e fomento das artes, uma referência para aqueles que se interessavam por uma vida cultural, incluindo

¹⁰⁴ *A Instrução*. A Idea – órgão dos Club dos Estudantes. Publicação Semanal. Redactore e Collaboradores diversos. Curityba. terça-feira, 16 de outubro de 1888. Anno I. N.º 2: 2. [Sem indicação de autoria].

¹⁰⁵ O teatro São Teodoro foi uma iniciativa da *Sociedade Teatral Beneficente União Curitibana*, com o apoio do governo do Paraná (interessado em dotar Curitiba de um teatro condizente com sua posição de capital da Província). As obras iniciaram em janeiro de 1874, em terreno doado pelo governo, na atual rua XV de Novembro. Por dificuldades financeiras, a *Sociedade Teatral Beneficente e União Curitibana*, entrega a obra para a Província terminar. O teatro foi inaugurado em 28 de setembro de 1884. Sua capacidade era de, aproximadamente, mil pessoas. O palco e o salão do teatro abrigavam solenidades oficiais, comemoração de datas cívicas, bailes e espetáculos. Durante a Revolução Federalista (1893-1894), o teatro serviu de prisão e permaneceu de portas fechadas após o fim do conflito. Foi reformado e voltou a funcionar em 3 de novembro de 1900, com o nome de teatro Guaíra, em funcionamento até hoje. Ver: verbete TEATRO SÃO TEODORO. IN: *Dicionário histórico-biográfico do Paraná*. op.cit: 506-509.

nisto os adeptos da escrita. José Francisco da Rocha Pombo, refere-se ao potencial que teria a escola de revelar vocações que se tornassem notáveis no país: “[...] *é preciso reconhecer que esse instituto criou na capital o gosto pela pintura, em cuja arte têm aparecido vocações capazes de se tornarem notáveis no país*”¹⁰⁶. Isto propõe que houvesse uma certa expectativa, pelo menos entre alguns grupos, de se conferir uma certa visibilidade ao Paraná, digo, às artes lá produzidas.

A *Escola de Belas Artes e Indústria* do Paraná foi a segunda do gênero criada no Brasil¹⁰⁷. Até então havia apenas a *Escola Nacional de Belas Artes*, no Rio de Janeiro. Esse pioneirismo indica que o desejo de se fomentar as artes obtinha um certo respaldo governamental, dado que o estabelecimento era mantido pela administração pública. Para garantir que os estudantes que se destacassem localmente pudessem seguir seus estudos no Rio de Janeiro, além do governo do Paraná fornecer bolsas de estudo, o currículo em vigor na escola do Paraná era semelhante aos da *Escola Nacional de Belas Artes* e do *Instituto Nacional de Música*¹⁰⁸. Da mesma forma como ocorria com os alunos secundaristas, a estratégia era facilitar o acesso à educação, fortalecendo as instituições locais, favorecendo que posteriormente uma porcentagem desses moços pudesse chegar às instituições de ensino mais importantes do país.

No que concerne às artes industriais, a escola oferecia cursos de mecânica, tipografia, litografia, fotografia, desenho aplicado, encadernação, marcenaria e funilaria¹⁰⁹. Algumas dessas áreas eram imprescindível para o êxito da imprensa, condição para a efetivação de um meio literário: a possibilidade de reproduzir tecnicamente os escritos foi fundamental para o fortalecimento das letras, para a realização da livre circulação da palavra. Formando profissionais habilitados a trabalharem na parte técnica das publicações, a *Escola de Belas Artes e Indústrias* foi, assim, decisiva na viabilização dos projetos literários que surgiam nas rodas dos moços escritores paranaenses, bem como na qualidade gráfica do material. Salienta-se que a escola tinha uma revista própria, ilustrada e com uma boa qualidade gráfica para os padrões da época. Com o sugestivo nome de *A Arte*, a publicação era um espaço tanto de exercício das técnicas tipográficas e litográficas quanto da escrita, além de ser espaço

¹⁰⁶ POMBO, José Francisco da Rocha. Instrução Popular. Belas Artes: a música, a pintura. Sociedades Literárias. IN: O Paraná no Centenário. op.cit: 123-124.

¹⁰⁷ Ver: verbete LIMA, Antonio Mariano de. IN: *Dicionário histórico-biográfico do Paraná*. op.cit: 256-257.

¹⁰⁸ Ver: *Expediente e Archivo*. A Arte – órgão ilustrado da Escola de Artes e Industrias. Segunda época. Curitiba, 1895. Anno I. N.º 2: 17. [Sem indicação de autor].

¹⁰⁹ Verbetes LIMA, Antonio Mariano de. IN: *Dicionário histórico-biográfico do Paraná*. op.cit: 256-257.

de discussão de arte. O periódico referendava, assim, as propostas da escola. E ambos engrossavam a onda modernizante que começava a se organizar em Curitiba e se revelava de uma maneira especial na criação de instituições vinculadas à cultura, tais como teatro, museus, bibliotecas, escolas.

2.3 Curitiba em novo ritmo

Folheando um exemplar da revista do *Club Curitibano* do ano de 1890, encontra-se um artigo do qual destacamos a passagem: “*um povo que não tem literatura própria não é povo. é... não sei o que...* [sic]”¹¹⁰. As artes de uma maneira geral e a literatura em particular eram cada vez mais entendidas como termômetro do desenvolvimento de um povo. Esta idéia era dominante no pensamento de intelectuais escritores deste momento. A escrita mostrava-se como um elemento constitutivo da civilização. Assim, implicado ao fato da leitura e da escrita terem *capturado* e aglutinado uma geração de moços, estava o próprio desejo de ser moderno e civilizado. “*O mais interessante é perceber como uma postura de vida, de profissão, pode também significar ser moderno, como no caso do literato, que se vê portador do que é novo através do seu trabalho*”¹¹¹. A disseminação da leitura, da escrita, bem como das artes vinculavam-se, em última instância, à constituição de uma/um Província/Estado que se modernizava e que tinha na sua capital o esplendor máximo de tal processo.

Os suportes da escrita dos quais a mocidade se valeu para difundir suas produções (jornais e revistas, especialmente) acabaram por se constituir elementos urbanos, elementos que circulavam em uma Curitiba que se transformava rapidamente. De fato, na Curitiba das últimas décadas do século XIX, surgiu um número significativo dessas publicações. Eram resultado tanto do desejo e da organização de homens em torno da palavra, quanto vinculava-se ao próprio movimento de uma cidade que se modernizava, na qual os mecanismos de proliferação e difusão da palavra escrita passavam a ser essenciais. “*E, assim, se no momento a pena não surte efeito azequível, ella virá a tona da civilização, como uma aptidão nova, filha de um trabalho silencioso*”

¹¹⁰ A.P.C. *Da Critica Litteraria*. Club Curitibano – Instrução e Recreio. Revista quinzenal. Curitiba, 1º de dezembro de 1890. Anno I. N.º 22: 5.

¹¹¹ BERBERI, Elizabete. *Impressões: a modernidade através das crônicas no início do século em Curitiba*. Curitiba: Aos quatro ventos, 1998: 04.

das gerações [sic]"¹¹², sentenciava um artigo da *Revista Paranaense*, estabelecendo, dessa forma, uma clara relação entre escrita e civilização. Relação essa que permeava toda a movimentação em prol do fortalecimento das letras, bem como era pulsante nas transformações urbanas ocorridas em Curitiba.

Os jornais curitibanos do final do século mencionam, orgulhosamente, o *surgimento* de uma nova cidade: novos espaços, novas configurações urbanas iam se constituindo na capital paranaense. A cidade crescia e se tornava, cada vez mais, uma referência para os paranaenses. Já foi previamente mencionado como a criação e o fortalecimento de instituições de ensino atraiu moços para a capital. De fato, é relevante que a cidade tenha se tornado uma opção real para os estudantes da Província/Estado, que antes se dirigiam para São Paulo ou Rio de Janeiro. Nestor Victor e José Henrique de Santa Rita são exemplos de moços nascidos e criados no litoral (ambos em Paranaguá) e que se mudam para Curitiba para cursar o ensino secundário no *Instituto Paranaense*. O último seguiu posteriormente para o Rio de Janeiro, onde bacharelou-se em Direito, em dezembro de 1895¹¹³. Curitiba materializava-se, assim, como uma cidade plural e diversificada em opções.

A chegada do trem, com a inauguração da linha Paranaguá-Curitiba em 1885 contribuiu igualmente para a sensação de novidade, encurtamento das distâncias e aceleração do ritmo de vida tão típicos da modernidade Ocidental do século XIX. Constituía-se, assim, uma cidade na qual os suportes da escrita se faziam cada vez mais necessários: a proliferação das notícias através dos jornais, bem como das novidades e do entretenimento através de revistas e livros. O periodismo local ganhava fôlego, com significativa proliferação de novos títulos. Por outro lado, livros, jornais e revistas de outras regiões chegavam ao Paraná de maneira mais fácil que em décadas anteriores e essas leituras agiam no espírito da mocidade. Assim, José Henrique de Santa Rita impressionara-se com Victor Hugo, Emiliano Pernetta introduz *As Flores do Mal* em Curitiba, onde, até então, Baudelaire era desconhecido. Todas essas novidades se infiltram no pensamento e nas ações dos moços leitores paranaenses.

Assim, aquilo que chegava em Curitiba pela ferrovia, pelos forasteiros ou pelos paranaenses que viajavam e depois voltavam à terra natal, se substancializava através da escrita de homens ligados às letras. Notícias e novidades ganhavam *carne* através da

¹¹² *O Crime e a Pena*. Revista Paranaense. Editor: Luiz Coelho. Curitiba, 1881. Anno I. N.º I: 52. [Devido a danos na preservação da revista, perdeu-se a referência do autor deste artigo].

¹¹³ MURICY, José Cândido da Silva. op.cit: 566.

escrita. Da mesma forma acontecia com as idéias e discussões que se configuravam nos ambientes estudantis, ou em qualquer outro que abrigasse a mocidade adepta às letras. A escrita conferia *corpo*, materialidade às palavras. Garantia a sua perpetuação. Assim, a efetivação da livre circulação da palavra aflorava um desejo e uma necessidade, cada vez mais latente, de inscrever as palavras no mundo. Deixá-las marcadas, atestando a existência de uma geração, os valores de um tempo.

Estava a cargo dos escritores, sujeitos que se fortaleciam nessa cidade fecunda em transformações, fazer da palavra escrita uma marca daquele tempo veloz. Conforme acredita Mallarmé, filho da modernidade parisiense, *a música da alma e da cidade se tornavam assunto de poeta*¹¹⁴. Caberia a esses apreender a poesia da vida, a alma do mundo. No Paraná, os literatos ganhavam as ruas e os espaços curitibanos, afirmando-se através de escritos cunhados como arte. Fortalecia-se com isto uma escrita com densidade e espessura própria, a literatura. Que se materializava, muitas vezes, em suportes de rápida e fácil circulação, de vida efêmera: os jornais e revistas. Nesses, encontraram lugar para circular a sua escrita bem como para refletir sobre ela. Expressavam, assim, duplamente o desejo e o empenho pelo êxito das letras. Nas considerações de Rocha Pombo:

*Como no Paraná, em parte alguma do país se lida nas letras. Uma plêiade seleta de moços de talento ali trabalha incessantemente, e com uma atividade e uma perseverança que constituem a afirmação mais perfeita e mais solene de que ali há elementos valiosos, suficientes para se fazer a integração de um belo período na vida [...] do país*¹¹⁵.

Observa-se, assim, como a projeção tanto da produção intelectual paranaense quanto do próprio Paraná era feita através da pena de seus escritores. Ao escrever, inscreveriam o Paraná em um circuito mais amplo, inserindo-o em um contexto nacional. Com efeito, os moços que aqui tratamos não deixaram de vincular a sua escrita ao Paraná e de projetar uma concepção de futuro para as letras paranaenses: “A mocidade em geral tem gosto para o estudo e faz seus ensaios litterarios ; de cada canto reverbera uma influencia, em cada cabeça se accende a convicção de que as lettras devem ser amadas ! E isto é um bello prognostico da grandeza futura da

¹¹⁴ Ver: Rancière, Jacques. op.cit: 43.

¹¹⁵ POMBO, José Francisco da Rocha. Eclosão Intelectual. O vasto movimento literário dos nossos dias. IN: O Paraná no Centenário (1500-1900). op.cit: 127.

*litteratura do Paraná : caminha-se e caminha-se sempre... [sic]*¹¹⁶. O afã pelo progresso impregnava-se, assim, nos vários meandros da vida da capital. Ser moderno era um imperativo. E o cultivo das letras não deixou de ser vinculado ao movimento modernizante da capital, de ser significado como um elemento que configuraria a idéia de novos tempos, tão acalentada naquele momento: “*lá é pronunciado o maior amor pelas letras, característico do povo que adora o progresso, do povo que deseja a Luz!...*”¹¹⁷, sintetiza um artigo de uma revista local.

Estabelecia-se, portanto, uma permeabilidade entre o amplo conjunto de transformações que ocorriam em Curitiba e o interesse pelas letras entre os moços paranaenses. Para José Francisco da Rocha Pombo, historiador e escritor paranaense que se empenhou tanto pela modernização do Paraná quanto dedicou-se ao fomento da palavra escrita, os dois processos estavam imbricados:

*Quem viu a Curitiba acanhada e sonolenta, de 1853, não reconhece a Curitiba suntuosa de hoje, com as grandes avenidas e boulevards, as amplas ruas alegres, as suas praças, os seus jardins, os seus edifícios magníficos. A cidade é iluminada a luz elétrica [...] O movimento da cidade é extraordinário, e a vida de Curitiba é já a vida afanosa de um grande centro. Existem para mais de trinta sociedades, clubes e instituições de ordem popular. Contam-se seis colégios particulares, cinco livrarias, nove tipografias, muitas de primeira ordem, e uma litografia.*¹¹⁸

O texto, escrito na virada do século XIX para o XX, marca as diferenças entre a Curitiba atual e a cidade colonial, da época da independência da Província, enfatizando os progressos conquistados. A passagem, que nos dá a sensação de um *dejà-vu* dado à semelhança com a descrição da modernização de outros centros que já são bastante familiares da nossa historiografia, evidencia o surgimento de instituições ligadas à proliferação das letras no Paraná e a sua relação com uma cidade que ganhava novos aspectos, que se modernizava.

Rocha Pombo refere-se a colégios, sociedades, clubes, livrarias, tipografias, litografias que surgem nesse contexto de modernização urbana. Instituições que vão

¹¹⁶ *A literatura Paranaense*. O Santelmo – órgão de estudantes. Publicação Quinzenal. Redactores diversos. Curitiba, 2 de julho de 1888. Anno I. N.º 9. [Sem indicação de autoria]

¹¹⁷ *Revista Azul*. Revista Azul. Director Proprietário: Julio Pernetta. Redactor: Dario Vellozo. Curitiba, setembro de 1893. Anno I. N.º 3: 2. [Sem indicação de autoria]

¹¹⁸ POMBO, José Francisco da Rocha. Golpe de vista geral sobre o Paraná dos nossos dias. IN: *O Paraná no Centenário (1500-1900)*. op.cit: 141. [Grifo meu].

ancorar o fortalecimento dos círculos de leitura e escrita e as quais estiveram ligados, em diferentes medidas, os moços amantes das letras. Ressalta-se que, na passagem de Rocha Pombo, as instituições de fomento das letras são citadas encadeadas a um conjunto mais amplo de transformações, tipicamente modernizadoras. Ao tratar de uma Curitiba que se modernizava, o fortalecimento das letras através do surgimento de revistas, jornais e instituições que primavam pelo seu fomento, ganhava visibilidade. Da mesma forma, enfocando-se a movimentação que gerou tipografias e litografias no Paraná, bem como círculos de leitura e fóruns de escrita, percebe-se o quanto todos esses acontecimentos estavam engendrados ao desejo de modernidade. Assim, nota-se que no interior da movimentação em torno das letras ocorreu também a promoção da modernidade.

De fato, um incipiente mapeamento das transformações urbanas que ocorriam em Curitiba já demonstra como estas vinham no mesmo bojo do interesse pelas letras. É relevante perceber como determinadas instituições que surgiam ou se fortaleciam naquele momento estavam estritamente vinculadas às letras, ao ensejo de leitura e escrita: tipografias, livrarias, bibliotecas, escolas, clubes e associações literárias são materializações da importância que as letras vinham tomando em uma cidade que se movimentava para se conectar com o mundo vibrante da modernidade Ocidental. *“Aquele espírito de iniciativa, que dava clubes e associações literárias por toda parte, revelava que no seio do povo paranaense agia um novo impulso vigoroso, a arrastar para o convívio do mundo a alma palpitante de uma nova família moral, que se levantava trazendo na frente altiva e serena todos os sinais do belo céu azul, da natureza prodigiosa em cujo meio nascia para a história”*¹¹⁹. Tratava-se, então, de festejar o ímpeto e o vigor que impulsionava toda essa movimentação, percebendo-a como a entrada em um tempo marcado pelo movimento e pela novidade, conforme Rocha Pombo.

2.4 as livrarias como espaço das letras

As livrarias foram um dos espaços que se fortaleceram nessa capital em processo de modernização. Lá os interessados em leitura iriam buscar novos títulos, as novidades vindas de outros centros ou mesmo produzidas por paranaenses, além de serem pontos

¹¹⁹ POMBO, José Francisco da Rocha. *Eclosão intelectual. O vasto movimento literário dos nossos dias*. IN: Idem: 126.

de encontro dos intelectuais locais. No entanto, apesar de Curitiba possuir estabelecimentos que vendiam livros já nos anos de 1860, é apenas na década de 1890 que as livrarias passarão a constituir ambientes eminentemente voltados à venda de livros e capazes de atrair a presença massiva da mocidade inclinada à leitura e à escrita, que percebia esses estabelecimentos como propícios para estar em contato com as letras, acessar as novidades ou encontrar colegas. Próximo à virada do século, a inauguração da *Livraria da Impressora Paranaense*¹²⁰, vinculada a um dos mais fortes estabelecimentos tipográficos do Estado – a *Impressora Paranaense* –, possibilita um trânsito mais direto com a produção livresca, tanto nacional quanto estrangeira. Os mais importantes títulos publicados no país, além dos portugueses e franceses, chegavam a Curitiba com uma frequência nunca antes vista.

O responsável por isso foi Leocádio Cisneiros Correia (1875-1963), moço inclinado às letras e que trabalhou em vários periódicos ao longo da vida. Leocádio que tinha um cargo importante na *Impressora Paranaense* – estabelecimento que pertencia à viúva de seu tio – foi quem tratou para que a livraria vinculada à impressora pudesse ser mais representativa, trazendo para Curitiba os títulos que faziam sucesso em outras partes do mundo. Era uma maneira de manter a capital sintonizada com o que havia de mais moderno, de mais contemporâneo na literatura, possibilitando aos leitores paranaenses usufruírem boa qualidade e variedade de títulos. Da mesma forma, promoveu a publicação de obras de autores locais, criando uma coleção chamada de *Biblioteca da Impressora*, que começou a ser publicada em 1900. Na década de 1890, outras livrarias haviam surgido em Curitiba como a *Livraria Econômica*, o *Atelier Novo Mundo* e a *Livraria Popular*, todas elas incrementavam uma capital na qual crescia o número de leitores e a necessidade de suportes da escrita.

A *Livraria Econômica* e o *Atelier Novo Mundo* localizavam-se na rua XV de Novembro, bem no coração da cidade. A rua para a qual toda a cidade afluía e que concentrava o burburinho de uma Curitiba que se modernizava. De forma que as livrarias faziam parte desse cotidiano urbano movimentado pelo vai-e-vem de pessoas, pela novidade de novas construções e o surgimento de novos estabelecimentos comerciais. Será também nessa rua que se instalará, no início da década de 1910, a *Livraria Mundial*, estabelecimento de renome que além de ter liderado a venda de livros

¹²⁰ Sobre a *Livraria da Impressora Paranaense*, ver: CARNEIRO, Newton Isaac da Silva. *Surto e Desenvolvimento das artes gráficas em Curitiba*. Curitiba: edições Paiol, 1975: 22-23.

por quase trinta anos, constituirá o ponto de encontro da intelectualidade curitibana¹²¹. Pertencentes a uma cidade que se modernizava, as livrarias que aparecem em Curitiba a partir da década de 1890 marcavam a sua diferença em relação aos modestos estabelecimentos que vendiam livros nos tempos provinciais. Salienta-se que a maior procura e interesse por livros no final do século estimulou o surgimento de um maior número de estabelecimentos, mais especializados e com melhores ofertas de títulos.

No entanto, diferentemente do final do século, marcado pela proliferação de casas especializadas em venda de livros, a oferta deste produto, nas primeiras décadas que sucederam a criação do Paraná, era escassa na capital. Apenas em 1876 foi fundada a primeira livraria de Curitiba, a *Pêndula Meridional*, por Luís Coelho, um dentista carioca que se estabelecera no Paraná. Não vendia apenas livros, mas também jóias, relógios, perfumes¹²²: a venda de livros não era o carro-chefe do negócio e nem seria suficiente para mantê-lo. Da mesma maneira acontecia com a *Loja de Papel*, uma papelaria fundada pelo carioca José Cardoso na década de 1860, que também vendia livros e revistas¹²³. Localizada no *Largo da Matriz* (atual Praça Tiradentes), logradouro central de Curitiba naquele tempo, a papelaria tinha a simplicidade típica das casas comerciais das cidades coloniais, que tinham a igreja matriz como referência. Condizente com a cidade pacata, o comércio em questão também era modesto, com uma oferta restrita de livros e periódicos, que afinal, nem eram os seus principais produtos de venda. No tempo das lojas de José Cardoso e Luís Coelho as livrarias não eram uma referência forte na cidade como serão nos anos de 1890, quando este tipo de estabelecimento ajudará a compor o ambiente moderno que se constituía em Curitiba.

2.5 *Leôncio Correia e Rocha Pombo: elos e alicerces de uma geração*

Estar ligado às manifestações da palavra – fala, escrita e leitura – era o grande ensejo de muitos moços naquelas décadas finais do século XIX. De fato, a palavra exercia grande fascinação e era investida de grande poder. Movidos por isto, freqüentavam instituições e organizavam encontros, centrados na experiência da escrita, da leitura e da oratória. A respeito disso, Rocha Pombo atesta o destaque que a presença

¹²¹ Na mesma época que a *Livraria Mundial* foi inaugurada surgem também outras duas livrarias importantes em Curitiba, *Moderna* e *Livraria Polaca*. Ver: Idem: 25.

¹²² Idem: 22. Dezenove de Dezembro – Propriedade da Viúva Lopes. Editor: Candido Martins Lopes. Curityba, sabbado, 26 de fevereiro de 1876. Anno XXIII. N.º 1686: 4

¹²³ Idem: Ibidem.

de seu colega Leôncio Correia (primo de Leocádio Cisneiros Correia, dez anos mais velho que este) gozava nesses ambientes:

De 1885 em diante, um novo enlace toma toda a vida intelectual da província, e principalmente em Curitiba aparecem os primeiros sinais do renascimento que vem. Surgiu logo o vulto de LEÔNCIO CORREIA, poeta e orador que se tornou por assim dizer o ídolo dos paranaenses. Quando ele apareceu, dizendo versos nos teatros, com todo o calor dos 20 anos, falando às massas nos meetings abolicionistas, nas festas literárias da Arcádia¹²⁴ – todo mundo começou a compara-lo a Castro Alves¹²⁵.

Com efeito, Leôncio Correia (1865-1950) juntamente com Rocha Pombo (1857-1933) foram figuras que desfrutavam de grande respeito e admiração nos círculos intelectuais que se formavam, especialmente em Curitiba. Eram reconhecidos como grandes contribuições à constituição desses círculos, verdadeiras referências para os demais. Leôncio Correia, conforme delineou Rocha Pombo, destacava-se pela sua eloquência e carisma: em torno dele os moços se reuniam, sua simpatia e sua irreverência tornaram-no uma espécie de líder da mocidade¹²⁶. Seu diferencial estava no domínio e na elegância que demonstrava no trato da palavra, quando falava. Ainda que tenha produzido esparsamente poesias, peças teatrais, crônicas e contribuições em jornais e que a precocidade com que publicou seus primeiros livros – *Flores Agrestes* (um volume de poesias) aos 17 anos, em 1882 e o romance *Talento e ouro* no ano seguinte – contribuisse para engrandecer a sua presença junto aos demais. Aliado a isso, Leôncio era ligeiramente mais velho que os outros moços que viemos tratando até aqui. Regulava em idade com Emiliano Pernetta – era apenas três meses mais velho que este – e lembremos que Emiliano também se tornara uma referência por ter despontado nas letras quando os mais novos ensaiavam ainda os primeiros contatos com esse universo.

Leôncio era um espírito irrequieto e inconstante. Quando despontou entre os moços curitibanos, foi tido como uma promessa, dada a desenvoltura da sua oratória.

¹²⁴ Segundo Rocha Pombo: “A Arcádia Paranaense foi uma associação fundada em 1887 por iniciativa de Nivaldo Braga e com adesão e apoio de toda a elite intelectual de Curitiba. Tinha por fim comemorar as épocas mais notáveis de história da Província e a festa mais pomposa era a que se fazia a 19 de dezembro de cada ano.” POMBO, José Francisco da Rocha. *Eclôso*. Intellectual. O vasto movimento literário dos nossos dias. op.cit: 130.

¹²⁵ *Ibidem*: *Ibidem*. [Caixa alta do autor].

¹²⁶ As informações biográficas de Leôncio Correia foram retiradas de: *Dicionário histórico-biográfico do Paraná*. op.cit: 102-103; *Ultimo Exemplar da Boemia. Promotor daa letras paranaenses*. IN: BEGA, Maria Tarcisa. op.cit: 352-360.

Seus colegas, que acompanhavam seus discursos inflamados em favor da República, da abolição ou da literatura, acreditavam que ele seria um grande expoente das letras paranaenses. O que não se realizou. Na ponderação de Rocha Pombo,

O mal consistiu em lhe darem logo a mãos-cheias aquilo que só ele devia conquistar e à custa de sacrifícios. Aconteceu, portanto, o que seria fácil prever: um belo cérebro não se fez bela cerebração; um moço inteligentíssimo não se fez um verdadeiro espírito, porque não se completou. Capaz da mais ampla eclosão intelectual, ficou entretanto numa esfera tão restrita de cultura, que o que ele tem feito não é senão uma parcela de que poderia fazer. Mas é tal o fulgor da sua inteligência, que assim mesmo é Leôncio Correia um dos paladinos mais afanosos da nossa imprensa e um dos primeiros nomes da literatura paranaense¹²⁷.

No entanto, à parte do que foi considerado malogro na carreira literária de Leôncio, ressalta-se a importância ímpar que ele teve na aglutinação dos seus colegas e o carisma com que incitava, através da força de sua oratória, o amor e a dedicação às letras.

A maneira apaixonada com que falava acabou por alavancar a própria palavra. Mais do que propriamente aquilo que ele dizia, a sua eloquência cativava e despertava admiração. Crescia, assim, entre os moços amantes das letras a sedução pela palavra, pelo seu poder e pela sua beleza. Uma sedução fundamental para o sentido de devoção pela escrita que marcará a geração e pelo sentido de nobreza que atribuem ao trato com as palavras. Fechava-se o circuito da palavra: ela não era apenas lida e escrita, mas falada também. E neste caso, como nos demais, era valorizada pela preocupação de um uso esmerado. Leôncio Correia foi exemplo máximo disso. E, ao conferir centralidade à palavra, ele contribuía efetivamente para sua livre circulação. Sua presença, movimentando a vida intelectual curitibana, no final da década de 1880, foi assim, significativa para o fortalecimento das letras que se operava na Província. Contudo, sua importância extrapola ao já caracterizado: Leôncio Correia, além de ter trabalhado na redação de várias publicações paranaenses, deu sustentação ao movimento promovendo escritores e periódicos do Paraná.

Valendo-se de que era oriundo de uma das famílias paranaenses mais ricas e influentes de então, Leôncio consolida sua função e seu espaço na imprensa paranaense: “*com pendores literários limitados, marcado por um eletismo que camufla a sua*

¹²⁷ POMBO, José Francisco da Rocha. Eclosão Intelectual. O vasto movimento literário dos nossos dias. op.cit: 131.

indefinição, é pela posse dos trunfos econômicos e de relações sociais e políticas que poderá influenciar o espaço literário local”¹²⁸. Assim, colaborou esparsamente com textos nas publicações locais, mas seu nome se destaca por ter criado jornais, e por ter promovido colegas escritores, seja através de palavras elogiosas, seja através de ajuda financeira. Os periódicos que criou constituíram-se em espaços de defesa de seus posicionamentos políticos – República, educação pública e laica – bem como de divulgação do universo intelectual e literário paranaense. Nesse sentido, pode-se encontrar traços das paixões de sua mocidade na sua vida adulta e profissional: acreditou sempre na palavra como meio e mecanismo de defesa de seus ideais. Valeu-se da palavra para a promoção da própria palavra. E, no que se refere aos periódicos aos quais esteve ligado, favoreceu-os por poder financiar o melhor tratamento gráfico de que dispunha o Paraná. A exemplo de *O Quinze de Novembro*, jornal por ele criado na década de 1890, impresso pela *Tipografia e Litografia do Comércio* com toda a estrutura e os recursos da então recém-extinta *A Galeria Illustrada*, uma requintada revista de arte¹²⁹.

A confortável situação financeira familiar permitiu igualmente que ele pudesse estudar despreocupadamente, alternando a residência entre Curitiba e Rio de Janeiro. Assim como Nestor Victor e José Henrique de Santa Rita, Leôncio Correia nascera em Paranaguá. Era sobrinho do influente Barão do Serro Azul¹³⁰, homem tido como *aberto aos novos tempos* e impulsionador da cultura – *o ambiente doméstico do Barão misturava política e cultura*¹³¹. Na casa do tio, Leôncio teve acesso, desde menino, a uma vasta biblioteca que ajudou a lhe despertar o gosto pela leitura: “*livros de literatura, de ciências, de artes, e, principalmente os clássicos, desde Homero e Virgílio, até Camões e o padre Antônio Vieira, desde Platão e Aristóteles até Descartes,*

¹²⁸ BEGA, Maria Tarcisa Silva. op.cit: 356.

¹²⁹ As informações referentes as atividades de Leôncio Correia na imprensa foram retiradas de: BEGA, Maria Tarcisa Silva. Promotor das Letras Paranaenses. IN: Idem: 355-360.

¹³⁰ Ildefonso Pereira Correia, o Barão do Serro Azul (título que recebeu em 8 de agosto de 1888), foi uma das figuras mais influentes e dono de uma das maiores fortunas do Paraná de então. Possuía engenho de erva-mate em Antonina e era o maior exportador do gênero da Província/Estado. Foi vice-presidente do Paraná por um brevíssimo período em 1888. Esteve ligado a instalação de telégrafo e indústria gráfica em Curitiba, sendo por isso, considerado incentivador do progresso. Organizou a associação comercial e a infra-estrutura para a indústria da erva-mate e do café produzidos no Paraná. Foi um dos fundadores e presidente do primeiro banco Mercantil e Industrial do Paraná. Foi responsável pela instalação da primeira gráfica industrial do Paraná, a Impressora Paranaense e fundador do Clube Curitibano. É bastante lembrado também pelas condições trágicas da sua morte: foi fuzilado, em 20 de maio de 1894, no quilômetro 65 da estrada de ferro Paranaguá-Curitiba, pelos legalistas, que o acusavam de colaboração com os federalistas, na chamada Revolução Federalista (1893-1894). Salienta-se que seu sobrinho, Leôncio Correia, que então andava bastante enfronhado com a política, alinhou-se ao lado dos legalistas.

¹³¹ Ibidem: 352.

Comte e Spencer”¹³², conta ele próprio. O poderio familiar diferencia-o dos demais moços amantes das letras como ele, mas não o afasta deles. Foi aluno do *Instituto Paranaense*, onde conviveu e enturmou-se com moços que tinham interesses e afinidades comuns às suas. No tempo em que morou no Rio para cursar a faculdade de medicina – dos 20 aos 27 anos (1886-1892) – também freqüentou as rodas literárias, aproximando-se de muitos dos mais eminentes literatos de então, das mais variadas tendências estéticas: “*amigo de Machado de Assis como de Cruz e Souza, de Bilac e Coelho Neto, de Emiliano Pernetta e Artur Azevedo (...) Iria longe a lista*”¹³³. Foi colaborador também em diversos periódicos cariocas, fundando, inclusive, em parceria com o amigo e conterrâneo Emiliano Pernetta¹³⁴, um jornal, a *Folha Popular*, em 1890¹³⁵.

Voltando a Curitiba sem ter terminado a faculdade, devido, segundo seus biógrafos, à indisciplina e à boemia¹³⁶, envolve-se em política, elegendo-se deputado federal em 1897. O que o leva de volta à capital da República, desta vez em caráter definitivo. Aí, então, termina o curso de medicina. Da mesma forma como Nestor Victor, Leôncio Correia constrói a sua vida no Rio de Janeiro sem, contudo, se desligar do seu Estado Natal: colaborou em jornais e revistas paranaenses até o final da vida e foi eleito membro da Academia Paranaense de Letras¹³⁷. Continuou valendo-se da sua influência para ajudar os conterrâneos que chegavam ao Rio de Janeiro: ajudou tanto Nestor Victor quanto Rocha Pombo seja com indicações para trabalho no jornalismo, seja para cargos públicos. Participou, dessa forma, do núcleo de escritores paranaenses residentes no Rio de Janeiro, muito embora seu nome não tenha o brilho e a sua obra não tenha a consistência daqueles dois últimos recém-citados. De qualquer forma, Rocha Pombo e Nestor Victor foram os únicos, dentre todos esses moços que estamos

¹³² CORREIA, Leôncio. *Barão do Serro Azul*. Curitiba: Dr. Dicesar Plaisant, 1942: 35.

¹³³ CORREIA, Leôncio. Apud: BEGA, Maria Tarcisa Silva. op.cit: 358. Sobre o convívio de Leôncio Correia com as rodas literárias cariocas, ver: CORREIA, Leôncio. *A boemia de meu tempo*. Rio de Janeiro: F. Lemos, 1935.

¹³⁴ Sobre a amizade com Emiliano Pernetta, Leôncio Correia diz, por ocasião da morte do poeta: “*A infância nos fez encontradiços na vida; a mocidade nos ligou por laços espirituais e affectivos, que nunca enfraqueceram, e nesta maturidade ingrata, se os nossos olhos se separaram para a mutua contemplação material, jamais estiveram distantes os nossos corações e as nossas almas*”. CORREIA, Leôncio. *A boemia de meu tempo*. op.cit: 142.

¹³⁵ BEGA, Maria Tarcisa Silva. op.cit: 352.

¹³⁶ Ver: Idem: *Ibidem*.

¹³⁷ Além do reconhecimento por parte dos colegas literatos, expresso na eleição para APL, o governo do Estado do Paraná publica suas Obras Completas, editadas em dez volumes, em 1954 (quatro anos após a sua morte, ocorrida no Rio de Janeiro em junho de 1950). Compõe a coleção: *Meu Paraná* (crônica), *Fruita de Outono* (poesia), *Brasilíada* (poema), *Perfis* (sonetos), *A boemia de meu tempo* (crônica), *Panóplias* (crônica), *Evocações* (crônica), *Vultos e Fatos do Império e da República* (ensaio) e *Parlendas e palestras* (discursos).

tratando, a extrapolarem a marca de escritores paranaenses e alcançarem evidência nacional, pertencendo ao cânone literário brasileiro: o primeiro, sobretudo como historiador¹³⁸ e o outro como crítico literário, especialmente pela crítica de sustentação à obra de João da Cruz e Souza. Rocha Pombo foi, inclusive, eleito para a Academia Brasileira de Letras¹³⁹.

O reconhecimento nacional obtido por esses dois escritores foi favorecido, certamente, pela projeção no meio intelectual e cultural do país que a residência na capital da República fornecia. Nestor Victor lá viveu desde os 23 anos (1891) até a sua morte, em 1932, aos 64 anos. Já Rocha Pombo, mudou-se para o Rio de Janeiro aos 39 anos (1897), lá falecendo em 1933, quando contava 75 anos¹⁴⁰. As condições que trouxeram Rocha Pombo a residir no Rio de Janeiro foram bastante diversas da do seu amigo Nestor Victor: enquanto este para lá se mudou movido pelo desejo de sorver a magia e a riqueza do ambiente cultural da capital da República, Rocha Pombo chega ao Rio após sucessivas decepções nas suas atividades políticas, percebendo que a sua permanência no Paraná se tornara impossível. De fato, o envolvimento de José Francisco da Rocha Pombo com a escrita – com o jornalismo, em um primeiro momento – é tributário dos ideais políticos que nutria: concebia que através dela daria corpo às suas crenças e lutaria por ela. “[...] *a imprensa [era] o único refúgio possível para os legitimamente desesperados da justiça social, para os inamoldáveis a toda e*

¹³⁸ Rocha Pombo desloca sua produção da literatura para a história, depois da mudança para o Rio de Janeiro (ocorrida em 1897). Torna-se um dos historiadores oficiais da República Velha e divulgador da história brasileira em caráter pedagógico, escrevendo livros que tiveram representativas vendas, como *Nossa Pátria*, com 63 edições e *História do Brasil (curso fundamental)*, com 23 edições. Escreveu ainda: *História da América* (1899), *O Paraná no Centenário (1500-1900)* (1900), *História do Brasil* (obra em dez volumes, escrita entre 1905-1917), *História de São Paulo* (1918), *História do Rio Grande do Norte* (1821), *El espíritu municipal em los tiempos de colonia* (1925), *História Universal* (1928), *Historia do Paraná* (1929), *Para a História – notas sobre a invasão federalista no estado do Paraná* (obra póstuma). A escrita e a publicação de suas obras de história garantiram-lhe a sobrevivência no Rio de Janeiro, ainda que ele também tenha trabalhado no jornalismo e no magistério neste período. Foi escrevendo obras de história que ele teve a experiência, inédita na sua vida, de ser escritor assalariado: foi contratado pelo editor Benjamin de Áquila para escrever *História do Brasil*, que foi publicado em fascículos, durante doze anos (1905-1917), finalizando ao final, dez volumes. Suas obras historiográficas costumam ser adjetivadas como medíocres pelos historiadores. Salienta-se que a sua obra literária mais conhecida, *No hospício*, publicada em 1905 também contribuiu para conferir projeção nacional a Rocha Pombo: o livro costuma ser mencionado nos manuais, textos técnicos e de Teoria Literária por ser considerado o único exemplar brasileiro de prosa Simbolista.

¹³⁹ Foi eleito para a ABL em dia 16 de março de 1933 (ano de sua morte). Não teve tempo de assumir (falece em 26 de junho). A eleição para a ABL veio depois de duas derrotas (1928 e 1931/1932). Ocupou a cadeira 39, que havia sido ocupada por Oliveira Lima e Alberto Faria e cujo patrono é o historiador Francisco Adolfo Varnhagen.

¹⁴⁰ As informações biográficas de Rocha Pombo contidas neste trabalho foram retiradas dos seguintes autores: CAROLLO, Cassiana Lacerda. *No hospício: entre a estufa e a utopia social*. IN: Pombo, José Francisco da Rocha. *No hospício*. Curitiba: Prefeitura Municipal de Curitiba, 1996. BEGA, Maria Tarcisa Silva. Rocha Pombo: precursor de uma geração. IN: BEGA, Maria Tarcisa. op.cit: 156-177.

*qualquer classificação comum*¹⁴¹, pondera Nestor Victor, na tentativa de explicar o encaminhamento do amigo para o jornalismo. Encaminhamento este que se dera cedo na vida de Rocha Pombo: aos 17 anos (1875), fundou o jornal *O Povo*, em Morretes, sua cidade natal, no qual publicava inflamados artigos em favor da abolição e da República.

Nos idos da década de 1880, Rocha Pombo já era um jornalista influente. Mudara-se para Curitiba em 1880 e posteriormente (1883) para Castro¹⁴², sempre vinculado ao jornalismo. Nesta época, publicava também seus primeiros livros: *A Honra do Barão* (1881) – que foi transcrito, em forma de folhetim, no jornal *A Pátria*, de Montevidéu –, *Dada, ou a boa filha* (1882), *A Supremacia do Ideal* (1882/1883) e *A Religião do Belo* (1883). Os dois primeiros são romances e os outros são reflexões. A respeito desse tempo, Nestor Victor considera:

*Não havia, assim, como Rocha Pombo deixar de assumir proporções únicas e ganhar desusado prestígio naquele nosso pobre horizonte [...]. Até aí nenhum paranaense subira intelectualmente tão alto perante a opinião de seu meio, nenhum fizera carreira tão vertiginosa na imprensa e nas letras*¹⁴³.

E é justamente esta expressividade intelectual que faz de Rocha Pombo uma figura significativa no processo de fortalecimento das letras no Paraná. Não bastasse a sua produção literária e o seu empenho para fomentar o jornalismo, os moços que aqui tratamos reconhecem e admiram nele autoridade e prestígio no trato com as palavras, adquirido no próprio exercício da escrita. Era mais velho que os demais tratados neste trabalho: enquanto a maioria desses nasceu na segunda metade da década de 1860, alguns já na década de 1870 – caso de Silveira Netto e José Henrique de Santa Rita (ambos em 1872) –, Rocha Pombo nascera em 1857. Assim, quando esses moços começam a se interessar pela leitura e pela escrita, Rocha Pombo já era um nome de expressão.

¹⁴¹ SANTOS, Nestor Vítor dos. Rocha Pombo no Paraná. IN: *Obra Crítica de Nestor Vitor (vol. III)*. Op.cit: 60.

¹⁴² No mesmo ano em que chega a Castro, funda o jornal *Echo dos Campos* e se casa com Carmelita Madureira Azambuja, que vinha de uma família de grandes proprietários rurais. Nestor Victor considera um erro um homem com o talento de Rocha Pombo sair de Curitiba para ir morar em Castro: “*Rocha Pombo cometeu [...] [um] erro: casando-se lá nos Campos como um Cincinato ficou, abandonando a capital da Província, de onde em geral os rapazes inteligentes ainda hoje só deliberam sair quando podem levantar vôo para o Rio*”. Idem: 64.

¹⁴³ Ibidem: 63.

Em 1887, Rocha Pombo volta para Curitiba. Havia sido eleito deputado provincial pelo partido Conservador¹⁴⁴ e o cargo pedia que se transferisse para a capital. No entanto, não abdica do seu trabalho no jornalismo. Em Curitiba, se vê novamente envolvido com a fundação de um jornal, o *Diário Popular*. Nestor Victor menciona que o amigo tencionava fazer uma folha independente, sem envolvimento com as divergências políticas que marcavam então a Província¹⁴⁵. Salienta-se que, paralelamente, Rocha Pombo era redator da *Gazeta Paranaense*, jornal vinculado aos interesses do partido Conservador e patrocinado por Ildefonso Pereira Correia, seu protetor e amigo pessoal. O *Diário Popular* talvez fosse um espaço de evasão das questões partidárias e de expressão de certos princípios com os quais ele era comprometido desde moço, tais como a luta pela República e pela abolição. O propósito do periódico e, principalmente, a admiração nutrida por Rocha Pombo – que agora residia em Curitiba –, atraiu os moços secundaristas amantes das letras, conforme lembra Nestor Victor:

*Já nesse tempo nos movíamos ali uns quantos rapazes, representando nova camada em relação àquela com que ele [Rocha Pombo] viera, sujeitos quase todos vadios, que éramos, como preparatorianos, mas já exercitados, mais ou menos, em fazer jornal e com propensão acentuada para as letras. Rodeamo-lo, como a um prezado mestre, embora ainda bem moço, e aí se começou a organizar o núcleo que deu mais tarde os primeiros escritores paranaenses conhecidos de todo o Brasil.*¹⁴⁶

Tornando-se uma referência para os moços que começavam a despontar no meio intelectual paranaense, através das publicações dos seus primeiros artigos em periódicos locais, Rocha Pombo acaba por constituir um dos elos de união entre os moços que se

¹⁴⁴ No Paraná, a identificação com os partidos Conservador ou Liberal obedeceu muito mais a uma ordem de interesses locais ou de manutenção da tradição familiar do que propriamente uma afinidade com as idéias do partido. A grosso modo, os donos de engenho de erva-mate, instalados na região litorânea ligavam-se ao partido Conservador, destacando aí, Ildefonso Pereira Correia (Barão do erro Azul), maior ervateiro do Paraná, líder do partido Conservador e protetor de Rocha Pombo. O partido Liberal era composto, de sobremaneira, pelos donos de fazenda de gado, situadas em regiões mais interioranas. Castro, por exemplo, era um grande reduto de Liberais. Menos vinculados à oligarquia rural, os membros do partido Conservador mostraram-se mais facilmente simpáticos à causa republicana. Salienta-se que as posições políticas de Rocha Pombo – defensor da República, da abolição da escravatura e da modernização da economia – não representava uma unanimidade entre os Conservadores. Na defesa de seus ideais, Rocha Pombo acaba por se afastar dos interesses do partido que representava, criando divergências dentro dele.

¹⁴⁵ SANTOS, Nestor Vítor dos. Rocha Pombo no Paraná. op.cit: 66-67.

¹⁴⁶ Idem: 67.

identificavam com as letras. Indo no mesmo sentido, José Cândido de Andrade Muricy também reconhece na figura de Rocha Pombo uma força que concentrou esses moços: “Os expoentes da geração então ‘nova’: Domingos do Nascimento, Leôncio Correia, Emiliano Pernetta, Sebastião Paraná, outros, andavam dispersados. Rocha Pombo conseguiu reuni-los em agrupação muito atuante, de que ele foi a alma”¹⁴⁷. Dessa forma, ao mesmo tempo em que servia de eixo – sendo referência de escritor ativo e que vinha obtendo êxito nas suas atividades de escrita em uma Província onde não se tinha essa tradição – Rocha Pombo nutria nesses moços ideais, além do ardor, da paixão pela escrita. Em contra-partida, a convivência com os moços também preenchia a vida e oxigenava a escrita de Rocha Pombo, conforme Nestor Victor:

*Pombo era [...] um homem inteiramente simples, de alma paranaense como se pode ser, com muita simpatia por seus jovens patrícios [...], de hábitos sedentários, lendo ou escrevendo sempre, para o jornal ou para si [...] ele não nos acompanhava nas batidas em que andávamos por toda parte, conforme aquele, por então, mui estreito ambiente nos permitia, ou até fora da cidade, pelos magníficos arredores curitibanos, ainda cobertos de pinheirais, chorões e salgueiros. Quando, porém, nas nossas revoadas, invadíamos a sala da sua redação ou lhe fazíamos em casa uma visita, acolhia-nos Pombo de braços abertos, pedindo-nos lisonjeiramente artigos, ou deixando-nos acariciar ao colo um dos seus adoráveis filhinhos, se era na encantadora atmosfera do lar*¹⁴⁸

Nestor Victor caracteriza, assim, uma relação marcada por afinidades, companheirismo e uma certa intimidade, sedimentados com a convivência. Aquela figura austera e reservada, de hábitos simples encontrava nos moços o apóio de que precisava, embora estivesse envolvido com problemas e questões que extrapolassem o conhecimento e a participação deles¹⁴⁹, visto que à mocidade permite-se certas despreocupações. Reunidos em torno de Rocha Pombo, os moços tiveram a oportunidade de participar com artigos de *O Diário Popular*, embora o jornal tenha tido vida curta¹⁵⁰ – aliás, como acontecia com a maioria dos periódicos (tanto jornais, quanto revistas) lançados no Paraná então. A convivência com Rocha Pombo, o compartilhar de experiências, as trocas de idéias fomentou as expectativas daqueles moços quanto a

¹⁴⁷ MURICY, José Cândido de Andrade. Apud: BEGA, Maria Tarcisa Silva. op.cit: 167.

¹⁴⁸ SANTOS, Nestor Vitor dos. Rocha Pombo no Paraná. op.cit: 67.

¹⁴⁹ Idem: Ibidem.

¹⁵⁰ Ibidem: 68.

uma vida e uma carreira dedicadas às letras. Rocha Pombo alimentava nos moços também os ideais da República e da abolição, que havia impelido a ele próprio à escrita. Nisso, lembrava a liderança estabelecida por Leôncio Correia: tanto Leôncio quanto Rocha Pombo associavam o talento que tinham com as palavras – seja na oratória, seja na escrita – à defesa dos princípios republicanos e abolicionistas.

A propósito, o próprio Leôncio Correia salienta essa identificação em um artigo que escreve sobre o amigo: *“Juntos trabalhamos em alguns jornais; juntos estivemos na Confederação Abolicionista Paranaense clamando contra a iniquidade da escravidão e pregando o evangelho da liberdade”*¹⁵¹. A nobreza dos ideais pelos quais ambos lutavam contribuía para que fossem figuras que reunissem os moços ao redor de si, exercendo uma certa ascendência sobre eles, o que, aliás, também é ressaltado por Leôncio Correia: “[...] [O] destino nos irmanou, por anos a fio, na mesma tarefa de educar a mocidade; êle com o prestígio e o saber dos mestres; eu com a meia tinta do melhor desejo de ser útil [sic]”¹⁵². Com tal assertiva, Leôncio marca uma identificação com Rocha Pombo na função de liderar a mocidade. No entanto, conforme ele mesmo evidencia, o escritor morretense também exerceu sobre ele uma ascendência: *“eu o conheci, e comecei a querê-lo, a amá-lo quando, menino, já ROCHA POMBO era o moço de maior renome no Paraná”*¹⁵³.

A ascendência que Rocha Pombo exerceu sobre a geração de escritores que se formava em fins do XIX foi marcada, por um lado, por ele ser identificado como um precursor e por outro por seu espírito aguerrido e pelo destemor com que lutava pelos seus ideais. Esses elementos consolidaram a importância do seu nome para a mocidade paranaense do período em questão. No que se refere ao seu envolvimento na defesa da abolição e da República, Nestor Victor atesta que estas lutas também animaram os moços, identificando-os ainda mais a Rocha Pombo¹⁵⁴. Não nos esqueçamos que as causas políticas eram tão fortes neste escritor, que o moveram para a vida pública. Daí pode-se inferir o ardor com que propalava a República e a abolição e que as incutiu no espírito dos moços que tanto o admiravam. A identificação aos ideais republicanos constituía, de fato, um traço comum entre os moços que são alvo desta pesquisa: da mesma forma que idealizavam um Paraná culturalmente forte, projetavam um país

¹⁵¹ Rocha Pombo. IN: Obras de Leoncio Correia (Vol. 1 – Meu Paraná). Curitiba: Edição do Estado do Paraná, 1954: 35.

¹⁵² Idem: Ibidem.

¹⁵³ Ibidem: Ibidem. Caixa Alta do autor.

¹⁵⁴ SANTOS, Nestor Victor dos. Rocha Pombo no Paraná. op.cit: 68.

republicano. Salienta-se que, como Rocha Pombo, outros escritores desta geração se ligaram à vida pública em algum momento de sua trajetória pessoal. É o caso, por exemplo, de Leôncio Correia, deputado pelo Paraná entre 1892 e 1897 e Nestor Victor eleito para o mesmo cargo, em 1917.

No entanto, Rocha Pombo provavelmente seja o exemplo mais contundente de conciliação entre as atividades literárias e as políticas. No entrelaçamento entre ambas, funda o próprio sentido da sua escrita. Sua mudança para Curitiba, em 1887, para assumir o mandato de deputado, a fundação de *O Diário Popular* e a publicação de mais um livro, *Nova Crença*, naquele mesmo ano, indicam que é na atribuição do seu cotidiano que sedimentava as suas argumentações, seja através da escrita, seja através da oratória, nas reuniões da Assembléia Legislativa. Paralelamente, como bem nos familiarizou Nestor Victor, sua mudança para a capital marca a sua aproximação com os moços secundaristas, seus novos companheiros no interesse pela leitura e pela escrita, que oxigenavam o seu cotidiano com visitas à redação ou à sua casa. Os anos que se seguem – os últimos que viverá no Paraná –, serão igualmente marcados por intenso trabalho: no jornalismo, assumiu, por um período, as direções dos jornais *O Paraná* e *O Diário do Comércio* e contribuiu com artigos para revistas locais. Publicou *À Guáira* (poema, 1890/1), *Visões* (contos e poesias, 1890/1) e *Petrucello* (romance, 1892). Intensificou as suas atividades na vida pública, fazendo dela uma forma de concretizar aquilo que seu jornalismo militante e combativo clamava: a modernização do Paraná. Envolvendo-se, assim, na elaboração e defesa de vários projetos que, no conjunto, revelam a natureza das expectativas e intenções que tinha para o futuro do Paraná.

Propõe a implantação de núcleos coloniais na zona rural paranaense, para acolher imigrantes, prevendo a transferência das despesas do processo imigratório (viagens, aberturas de estradas) do Estado para os proprietários rurais, beneficiados com a chegada do imigrante em suas terras¹⁵⁵; defende a fomentação da industrialização e da urbanização; idealiza a criação da Universidade do Paraná. Nenhum desses projetos, que constituíram a espinha dorsal das suas lutas na vida pública, concretizam-se: enfrentou grandes desgastes na Assembléia Legislativa, controlada, então, por fazendeiros de gado vinculados ao partido Liberal. Suas relações acabaram por ficar

¹⁵⁵ Rocha Pombo apostava na imigração européia como elemento de *purificação* e civilização do paranaense. Com ela, conseguiria-se “*aumentar os elementos da nossa produção agrícola e industrial, deve trazer-nos novos recursos de educação, costumes mais adiantados, princípios mais fecundos de trabalho, e até deve trazer-nos um outro sangue que ao menos renove o temperamento e a índole da nossa raça*”. POMBO, José Francisco da Rocha. IN: *Gazeta Paranaense*. N.º 139. Curitiba, 22 de abril de 1882.

difíceis também no seu próprio partido, visto que suas idéias contrariavam, muitas vezes, os interesses dos Conservadores. As adversidades não terminavam por aí. Apesar de partidário da causa legalista na Revolução Federalista, Rocha Pombo não simpatizava com as idéias e as ações de Vicente Machado, que assumiu interinamente a presidência do Paraná quando os federalistas invadiram o Estado. Ao fim do conflito, com a vitória florianista, Vicente Machado fica politicamente ainda mais fortalecido. Esboçava-se, assim, uma conjuntura nada favorável a Rocha Pombo.

A partir daí, não mais encontra lugar ou acolhida no meio político curitibano. Ironicamente, seu envolvimento extremo com a política, seu empenho desmedido em modernizar o Paraná o compeliram a deixar seu Estado natal. Seu mandato de deputado já havia, então, terminado. O Barão do Serro Azul, amigo com quem poderia contar, inclusive, – e por que não dizer, principalmente – como protetor político, falecera. Essas circunstâncias fazem da sua permanência no Paraná algo cada vez mais difícil: ainda assim, lá persiste por mais três anos após o fim do conflito Federalista, para só então (1897) decidir-se pela mudança para o Rio de Janeiro – lugar mais indicado para um intelectual, um homem das letras do Brasil de então. Conforme sintetizou seu amigo Nestor Victor, que bem conhecia a natureza do seu comprometimento com o Paraná, *“para atirar-se, pois, ao mar, pensava eu, era mister que lhe faltasse de todo a terra aos pés, que moralmente o reduzissem à situação de um proscrito”*¹⁵⁶. De fato, foi Nestor Victor o primeiro a ir ao encontro de Rocha Pombo na terra carioca: *“recebi algumas linhas suas dizendo-me que vinha [...]. Fui encontrá-lo à noite do mesmo dia em que chegou, instalado com oito pessoas num hotel, aparentemente tranqüilo, até mesmo alegre, embora com cinqüenta mil reis apenas no bolso”*¹⁵⁷. A mudança marcaria um divisor de águas na sua vida pessoal e profissional.

2.6 ufanismos e desencantos: o caso da Revolução Federalista

Rocha Pombo sentia-se abatido e decepcionado: percebia que os ideais pelos quais lutara desde a mocidade não tinham dado em nada. Seus projetos fracassados, seus sonhos frustrados. Questionava-se sobre os rumos da República brasileira e sua ineficiência para realizar o que dela se esperava. As violências cometidas durante a

¹⁵⁶ SANTOS, Nestor Vítor dos. Rocha Pombo no Paraná. op.cit: 72.

¹⁵⁷ Idem: Ibidem. As oito pessoas as quais Nestor Victor se refere são a esposa de Rocha Pombo, Carmelita Madureira e os filhos do casal.

Revolução Federalista, especialmente as circunstâncias brutais que envolveram a morte do Barão do Serro Azul – fuzilado pelos legalistas no quilômetro 65 da estrada de ferro Paranaguá-Curitiba, acusado de cumplicidade com os federalistas –, contribuíram imensamente para sua desilusão em relação ao regime. A respeito disso, desabafa:

O que se passa ante meus olhos já não se limita à esfera dos erros que as nações podem cometer impunemente e que lhes fornecem o grande e inestimável benefício de provações de que elas tiram a consciência dos seus destinos. O que se passa ante meus olhos excede todas as loucuras humanas, filia-se à ordem dos crimes monstruosos que vêm da negação moral, que bradam para as alturas e que parecem ficar pesando eternamente sobre a cabeça dos povos¹⁵⁸.

As reverberações que a Revolução causou na vida de Rocha Pombo dimensionam, certamente, o grande envolvimento que ele tinha com as questões pertinentes ao Paraná. Contudo, evidencia também o grande impacto que o conflito causou no Estado, o grande terror lá vivenciado: episódio sangrento, com cercos e saques em cidades, grande número de mortes, a Revolução Federalista gerou o clima de instabilidade e pânico característico das guerras civis. O conflito marcou a geração de moços de que estamos tratando nesta pesquisa: *“Viram colegas e parentes tombarem em combate, assistiram ao esgarçamento de laços familiares e de companheirismo; vivenciaram a ruptura das experiências construídas ao longo da infância e adolescência, ao se entrincheirarem em frentes antagônicas de luta”¹⁵⁹*. Ainda que o grau de envolvimento de cada um deles no conflito não tenha sido o mesmo, todos tiveram em alguma medida o seu cotidiano entrecortado, afetado pela Revolução. Afinal, as tensões do confronto estavam muito próximas exigindo, se não uma tomada de partido, ao menos a tomada de opinião.

Alguns deles envolveram-se de uma maneira mais efetiva, lutando no fronte de batalha. É o caso de Leôncio Correia que, aliando-se aos legalistas, participou das lutas do *Cerco da Lapa*. Julio Pernetta também lutou ao lado dos florianistas, no chamado *batalhão patriótico*. Dario Vellozo era tenente-secretário do 6º Batalhão de Infantaria da Guarda-Nacional da Capital, mas adoeceu e se afastou do conflito, recolhendo-se no *Retiro Saudoso*, que, lembremos, localizava-se nos arredores de Curitiba. Lá dispunha da tranquilidade de que necessitava e aproveitou o afastamento para se dedicar à leitura

¹⁵⁸ POMBO, José Francisco da Rocha. Apud: BEGA, Maria Tarcisa Silva: op.cit: 170.

¹⁵⁹ Idem: 230-231.

e à escrita¹⁶⁰. Silveira Netto que, apesar de não ter pego em armas, era simpatizante dos legalistas, lembra que, naqueles tempos conturbados, costumava visitar Dario com frequência: “*todas as tardes quase, apesar da distancia, era infallivel a visita minha [...] à vivenda do Dario [sic]*”¹⁶¹. E completa, “[...] *passamos os atribulados mezes do predomínio revoltoso na calma germinadora do gabinete de trabalho [sic]*”¹⁶².

Domingos Nascimento (1862-1915), militar que, no início dos anos de 1880 estava em constante idas e vindas entre o Paraná, seu estado natal (era natural de Guaraqueçaba) e o Rio de Janeiro – sendo, assim, um portador das novidades literárias para os moços de Curitiba –, era comandante de um dos batalhões legalista. Dono de uma extensa obra relativa à história e às técnicas militares, que desenvolveu ao longo da consolidação da sua carreira militar, Domingos Nascimento, quando moço, publicou dois livros de cunho poético: *Revoadas* (1883) e *Trenos e Arruído* (1887). Constituía, dessa forma, uma referência aos moços paranaenses dos quais tratamos: mais velho que eles, com obras publicadas e contribuições constantes nos periódicos locais, ainda transitava no principal centro cultural e intelectual do país, o Rio de Janeiro. Sua estada no Paraná, por ocasião da Revolução Federalista, como tenente-coronel, à frente de um dos batalhões florianista, o aproxima dos moços inclinados às letras, para os quais ele se mostra bastante simpático. A amizade se intensifica nos anos que segue, dado que Domingos Nascimento torna a residir no Paraná – havia ficado doze anos (1881-1893) em formação militar e, posteriormente, trabalhando pelo país. A partir de então, frequenta algumas reuniões literárias, funda jornais – *A Tarde* (1897) e *Noticia* (1905) –, participa da redação de revistas e contribui, ainda que esparsamente, com textos ou poesias para vários periódicos locais¹⁶³.

Outra figura que, apesar de não ter tido um envolvimento efetivo na Revolução Federalista, teve a sua vida marcada pelo conflito foi Nestor de Castro (1867-1906). Simpatizante da causa federalista, Nestor refugia-se no Rio de Janeiro durante o período *revolucionário*¹⁶⁴. Por intermédio de Emiliano Pernetta, consegue emprego no periódico *Cidade do Rio*, de propriedade de José do Patrocínio. Aproxima-se também de Cruz e

¹⁶⁰ Ver: SILVEIRA NETTO, Manoel Azevedo da. *O Cenáculo*. Revista do Club Curitibano. Corityba, 31 de janeiro de 1895. Anno VI. N.º 5: 6.

¹⁶¹ Idem: 7.

¹⁶² Ibidem: Ibidem.

¹⁶³ Ver: BEGA, Maria Tarcisa Silva. op.cit: 328-332.

¹⁶⁴ As informações biográficas referentes a Nestor de Castro foram retiradas de: *Dicionário Histórico-biográfico do Paraná*. op. cit; BEGA, Maria Tarcisa Silva. op.cit: 333-336. Sempre que se possa encontrar a informação citada em ambas as autoras, opta-se por não se fazer citação explicitando a sua origem.

Souza a quem, mais tarde, dedicará uma de suas obras, um volume de contos e poemas em prosa, *Brindes* (1899). Sua estada na capital da República foi curta, mas, os contatos que fez influenciaram sua escrita e sua formação. De volta a Curitiba, ao final do conflito, Nestor de Castro encontra dificuldades de empregar-se no jornalismo, uma espécie de rechaça pela sua simpatia por Gumercindo Saraiva e seus comandados. Sobrevive precariamente de contribuições avulsas e esporádicas para os periódicos locais. Somente em 1902 consegue um emprego efetivo, no jornal *A República*, onde permanece até a sua morte, em 1906.

Nestor de Castro, como os demais anteriormente apresentados, carrega certas singularidades: é um dos mais velhos e também o mais pobre dentre os moços já citados, tendo a questão da sobrevivência atravessado a sua produção. Aproximou-se dos demais de uma forma transversal: não estudou no *Instituto Paranaense*, nem freqüentava os ambientes e as situações que costumava reunir os moços. De origem bastante pobre e tendo tornado-se órfão cedo, suas tias lhe mandam para o Seminário em São Paulo, como uma forma de encaminhá-lo na vida. Em torno de 1883-1884, quando seminarista, funda um jornal e colabora com outro, *O reflexo* e *O Iguapense*, respectivamente. Desiste do sacerdócio em função do seu gosto pela escrita¹⁶⁵ e volta para Antonina, sua cidade natal (1886), matriculando-se no colégio Moretzsohn para cursar o ensino secundário. No ano seguinte, casa-se e muda-se para Curitiba, onde passa a viver do jornalismo. Assim, enquanto os demais moços ainda freqüentavam o curso preparatório, visitavam Rocha Pombo ou faziam passeios despreziosos pela cidade e seus arredores, Nestor de Castro já tinha que se preocupar com o sustento familiar.

Apesar de ter se dedicado a escrever para jornais e revistas e disso ter tirado seu sustento – com todas as dificuldades que teve para tanto –, Nestor também escrevia prosa e poesia. Sob a influência de Cruz e Souza, de Emiliano Pernetta e dos demais Simbolistas com quem conviveu no tempo em que morou no Rio de Janeiro, desenvolve, por um certo período, um cunho intimista em sua escrita. No entanto, à medida que amadurece desvia-se desta tendência, tornando-na mais formal, aproximando-se do parnasianismo, na poesia. No que se refere aos textos que escrevia para os periódicos curitibanos, revelam uma escrita irônica e demolidora. Eram

¹⁶⁵ Ver: BEGA, Maria Tarcisa Silva. Idem: 335.

marcadamente polemistas, preocupados em denunciar as mazelas sociais e políticas do cotidiano¹⁶⁶:

*Viveu, apesar dos constrangimentos de ordem econômica e do autodidatismo inerente aos jornalistas de origem pobre, sem abrir mão de suas convicções políticas, preferindo o enfrentamento das polêmicas de seu tempo, à ‘torre de marfim’ a que recorriam Emiliano e Silveira Netto. Ao enfrentar de frente as agruras da vida pobre, responsável pela perda de oito dos doze filhos que tivera e que o leva à morte precoce com 38 anos, não consegue construir as condições subjetivas da reclusão, da possibilidade de culto à vida interior e à espiritualidade, fermentos necessários para o cultivo da poesia simbolista*¹⁶⁷

A maneira aguerrida com que viveu o jornalismo faz lembrar o seu colega Rocha Pombo. Ambos valeram-se da escrita para manifestar os seus posicionamentos políticos. Por extensão, também se identificaram no ostracismo que foram levados a viver, especialmente pelos seus posicionamentos na Revolução Federalista. Nesse sentido, as marcas do conflito extrapolaram seu marco temporal, afetando vivências e relações mesmo após a retirada dos federalistas do Paraná. Outro que viveu situação semelhante foi Silveira Netto: apesar de ser florianista declarado, foi acusado de traidor da República, sendo exonerado do cargo que ocupava na Fazenda Federal em 4 de setembro de 1894¹⁶⁸. Conforme previamente dito, Silveira Netto não pegou em armas, preferindo dedicar o seu tempo à leitura e à escrita, nas visitas quase diárias ao amigo Dario Vellozo.

No entanto, Silveira Netto não se furtou a registrar na imprensa, já após ser demitido, sua impressão sobre o conflito, não perdoando nem legalistas, nem federalistas: “*Em janeiro de 1894 fora o estado invadido pela horda revolucionária. O desequilíbrio foi completo. A ineptia e a cobardia de uns chefes e o banditismo e a pusillanimidade de outros puzeram-se em evidencia [sic]*”¹⁶⁹. Da mesma forma como aconteceu a Nestor de Castro, o período que sucedeu ao fim do conflito federalista foi marcado, para Silveira Netto, por dificuldades econômicas: também casara-se cedo, aos 20 anos (mesma idade, aliás, que Nestor de Castro) e vivia as dificuldades de sustentar

¹⁶⁶ Idem: Ibidem.

¹⁶⁷ Ibidem: Ibidem.

¹⁶⁸ CAROLLO, Cassiana Lacerda. Luar de Hivero de Silveira Netto – expressão do Simbolismo. op.cit: 14.

¹⁶⁹ SILVEIRA NETTO, Manoel Azevedo da. *O Cenáculo*. Revista do Club Curitibano. Corityba, 31 de janeiro de 1895. Anno VI. N.º 5: 6.

esposa e filhos, em um contexto de conflito armado e perseguições políticas. Aliado a isso, enfrentou situações dolorosas com doenças na família. Em 22 de outubro de 1894 – logo após ser exonerado do cargo que ocupava na Fazenda Federal, portanto – sua filha, Eloah, falece. Ao longo da vida, Silveira Netto assistirá a morte de cinco, dos seus nove filhos.

A experiência da Revolução Federalista, entrecortando a vida dos moços paranaenses tem, certamente, uma dimensão pragmática e violenta, conforme viemos assinalando. À exceção de Emiliano Pernetta, Nestor Victor e José Henrique de Santa Rita que então residiam fora do Estado, todos os demais foram afetados. Ainda que, considerando que aqueles três tinham família e amigos no Paraná, não devem ter permanecido desligados do confronto. Acrescido ao que já foi tratado, ressalta-se que a Revolução Federalista foi uma experiência vigorosa na vida desses moços também por colocar a República em causa. Sendo todos republicanos, o conflito mexia diretamente com as convicções e os ideais que tinham. Rocha Pombo talvez tenha sido quem viveu mais intensamente, a partir da Revolução Federalista, os conflitos entre a República que idealizara e a realidade do regime em vigor. Dado que a República trazia consigo a promessa de uma maior soberania, participação e respeito popular, o enfrentamento entre federalistas e legalistas acabou por acarretar um certo desencantamento: as violências, as perseguições e a falta de hombridade e de sentido de humanidade nada tinham a ver com os ideais republicanos que se acalentava.

2.7 desvios biográficos, caminhos literários

Os moços tratados nesta pesquisa operam algo de novo: ligam-se de uma maneira inédita às letras. Tomam-nas como um sacerdócio, verdadeira nobreza. Em um único e mesmo movimento, eles ligam-se entre si e sedimentam suas relações com a palavra. Justapondo suas biografias, evidenciam-se certas convergências que os identificam e faz de suas trajetórias pessoais um elemento importante para as discussões que nos interessam. Os caminhos que levaram os moços em questão a interessarem-se pela escrita a ponto de fazerem dela a ocupação principal (e primordial) das suas vidas, não estiveram isentos de encruzilhadas e desvios. Haja vista que foram agentes de algo novo, aventuraram-se por veredas ainda não percorridas, não mapeadas. Os rumos que seguiram na vida e que conjuraram para o fortalecimento da circulação da palavra

escrita no Paraná foram entrecortados por decisões e escolhas nas suas vidas pessoais, sobretudo na mocidade.

Assinalamos anteriormente que a novidade de uma escrita aberta, que circulava livremente foi gestada na medida que se ampliava o acesso à palavra, que se constituíam espaços que favoreciam a sua circulação, que os interessados na leitura e na escrita se associavam. E, sobretudo, o fato disso ter sido operado na medida que a palavra não fosse mais de acesso restrito a uma elite, as famílias paranaenses mais abastadas. Ainda que haja exceções, como é o caso de Leôncio Correia, trata-se de moços cujas famílias, predominantemente, não tinham grandes posses econômicas e nem a tradição de possuírem acesso a uma educação formal, sobretudo de maior solidez. Pensemos em Silveira Netto, nome tão significativo desta geração. Filho e neto de operários tanoeiros¹⁷⁰, Manoel Azevedo da Silveira Netto envereda-se pelas artes graças a sua inclinação para o desenho: trabalhava na oficina paterna, onde aprendeu a talhar aduelas, quando, aos 15 anos (1888), ingressa no curso de Belas Artes, da *Escola de Artes e Indústrias*. Largou o ofício passado de pai para filho na sua família, profissão de seu avô, de quem havia herdado o nome, para seguir a carreira artística. Opera aí um desvio que será decisivo na sua vida. Suas escolhas consolidam seu gosto e sua intenção de viver da arte: ingressa no *Instituto Paranaense*, estuda litografia na *Litografia do Comércio*, com Narciso Figueiras – um dos introdutores da litografia no Paraná – e, aos 17 anos (1890), trabalha como conservador da *Biblioteca Pública do Paraná*.

Abandona, assim, de todo, o ofício que herdara do progenitor. Rompe com a tradição familiar ao enveredar-se por um caminho novo que se liga, em última instância, aos seus próprios desejos e talentos. Arrisca-se a desafios, desviando-se daquilo que estava traçado, destinado a ele. Apropria-se das artes plásticas e da escrita – que não são destinadas aos *filhos do povo*¹⁷¹ – e faz delas mais que uma ocupação ou um ofício, mas uma espécie de sacerdócio. Trata-se de atividades que exigiam devotamento, envolvimento de alma, dado a nobreza que os moços atribuíam a elas. O enlaçamento decisivo de Silveira Netto com as letras se deu quando foi trabalhar na *Biblioteca Pública do Paraná*. Diferentemente da *Escola de Belas Artes e Indústrias*, onde foi estudar movido pelo seu gosto pelo desenho, o emprego na biblioteca, era, a princípio, uma maneira de obter uma fonte de renda, já que não mais trabalhava na oficina do pai.

¹⁷⁰ O pai de Silveira Netto foi um líder operário importante em Curitiba, fundador da Sociedade Protetora dos Operários e do Congresso dos Operários (1890).

¹⁷¹ Tomo a expressão *filhos do povo* e a idéia de que as artes e as letras não estão destinadas a eles de Jacques Rancière. *Políticas da Escrita*. op.cit.

Contudo, lá tem as suas primeiras grandes experiências de leitura. Entra em contato com os primeiros grandes títulos e escritores da sua vida, alguns dos quais marcarão a sua trajetória intelectual¹⁷². Essa experiência se fez decisiva na sua opção de tornar-se também um escritor: foi enquanto leitor assíduo e voraz das obras do acervo da biblioteca onde trabalhava que Silveira Netto foi capturado pelos livros. A partir de então, toma a leitura e a escrita como atividades essenciais na sua vida.

Novamente afasta-se de qualquer caminho preestabelecido, desvia-se de tudo quanto era esperado dele e para ele. Os livros acabam por aproximá-lo de outros moços, que tinham igual paixão pela leitura, ajudando a enredar uma geração que encontra nas atividades de leitura e escrita a motivação e a vitalidade de que necessitava. Assim como se sucedera com muitos dos seus colegas, as primeiras experiências de escrita de Silveira Netto deram-se com colaborações em periódicos locais. A imprensa era o veículo que materializava toda aquela energia e vontade de escrita que animava os moços, dando corpo às palavras, conferindo registro à polifonia de vozes. Dessa forma, Silveira Netto fundara em 1886 (quando tinha 13 ou 14 anos) um jornal, *A Luta*, do qual foi também redator¹⁷³. Deste, não conseguimos um maior volume de informações, mas dado a pouca idade de Silveira Netto, presume-se que tenha sido um projeto simples, de curta extensão. O que, no entanto, não invalida o que estamos caracterizando: o esforço e a motivação da mocidade por reunir-se em torno das letras, dando materialidade e circulação a elas. Basílio Costa e Manoel Pernetta (irmão de Emiliano e Julio Pernetta), que regulavam em idade com Silveira Netto, foram parceiros dele na fundação do periódico em questão. Posteriormente, quando era aluno da *Escola de Belas Artes* (1888) colaborou também com *A Arte*, revista desta instituição.

Caso semelhante é o de Nestor de Castro. Também foi capturado pelas letras ainda bastante moço, em um período em que o futuro começava a esboçar-se para ele: suas tias já haviam lhe determinado o destino, seria padre. Ao declinar do que lhe estava destinado, Nestor de Castro rompe com a certeza das tias de que o único futuro possível para um menino pobre e órfão de pai e mãe era o Seminário. Fez valer o seu gosto pela escrita ao desistir do sacerdócio. Por cometer tal desvio, no entanto, pagou com o sofrimento do próprio corpo: viveu beirando a miséria, morreu precocemente. Deu o corpo em sacrifício dos seus ideais. Sacrificou a carne para garantir que as suas palavras

¹⁷² Ver: CAROLLO, Cassiana Lacerda. Luar de Hivero de Silveira Netto – expressão do decadismo. IN: Silveira Neto, Manoel Azevedo da. op.cit: 14.

¹⁷³ Idem: 13.

ganhassem corpo. Trocando o certo pelo incerto – ou seja, a vida sacerdotal por uma carreira nas letras –, Nestor viu-se entregue a uma vida de dificuldades, marginal e sem garantias. Por adonar-se de livros – que não são destinados aos *filhos do povo* – padece, sofre e expia em uma vida de privações¹⁷⁴.

A sedução pelos livros, responsável por desvios tão decisivos nas vidas de Silveira Netto e Nestor de Castro, se fez presente na vida de outros tantos moços. Em algum momento das suas trajetórias pessoais fizeram escolhas que os desviaram dos caminhos comuns aos moços como eles. Afinal, o gosto pela leitura e pela escrita, as motivações para reunirem-se em torno da palavra, da maneira como esses moços fizeram, eram algo inédito no Paraná. Nestor de Castro recusa a solução apontada pelas tias para escapar da pobreza – o Seminário e a carreira eclesiástica – e sacrifica-se em uma vida dedicada às letras, que o entrega e o condena, justamente, à pobreza da qual, em vão, as tias haviam tentado lhe salvar. Domingos Nascimento, que dividiu-se entre a carreira militar e as letras, também se viu diante da questão de como escapar à pobreza. A solução para ele foi a carreira militar, uma das poucas possibilidades de ascensão para moços que, como ele, eram oriundos de famílias pobres. Da mesma forma que o Seminário, a Escola Militar apontava-se como uma oportunidade de acesso à educação.

Rocha Pombo encontrou no jornalismo a maneira de escapar à pobreza: filho mais velho de uma prole de dez irmãos, cedo se viu compelido a inserir-se em alguma atividade que lhe desse algum rendimento econômico. Primeiramente trabalha como professor, alfabetizando crianças em Anhaia (arredores de Morretes), aos 17 anos (1875). No mesmo ano, publica seu primeiro artigo, sobre educação, na revista *A Escola*, do Rio de Janeiro. Insere-se no mundo do trabalho, portanto, introduzindo crianças no universo letrado, ensinando-as a prender as palavras no papel, dando corpo, registro, materialidade a elas, que, de outra maneira, estariam fadadas a perderem-se no vento. No ano seguinte, funda o seu primeiro jornal, *O Povo*, através do qual dá substancialidade às suas convicções políticas: a República e a abolição, principalmente. A partir daí, conforme já é de conhecimento do leitor, desencadeia-se uma vida dedicada às letras: ao mesmo tempo em que foi movido pelas palavras e conhecia a importância de dar-lhe um registro escrito, também moveu a engrenagem do

¹⁷⁴ Inspiro-me em Jacques Rancière para fazer a relação entre o enveredar-se pela leitura e pela escrita daqueles que não são destinados a essas atividades (*os filhos do povo*, na expressão de Rancière) com as imagens de sacrifício do corpo, expiação, padecimento físico. De fato, no pensamento rancièriano, os livros não são destinados *por natureza* aos *filhos do povo*, e quando eles se apropriam dos livros, o fazem por um desvio na sua trajetória pessoal e pagam com o próprio corpo, com o padecimento da carne. Ver: RANCIÈRE, Jacques. O Corpo e a Letra (da inteligibilidade do literário). IN: op.cit: 25-102.

fortalecimento da circulação da palavra escrita e da constituição de um meio literário no Paraná.

Dedicar a vida às letras não era, para Rocha Pombo, um ato de conformismo, uma forma banal de garantir a sobrevivência. Não foi a escolha por um caminho largo e linear. Ao contrário, preferiu o atalho tortuoso e sem garantias de que conduzisse a algum lugar. No entanto, apesar de todas as dificuldades que teve na vida, construiu uma carreira nas letras, sobrevivendo delas em grande medida. O caminho singular foi trilhado por outros tantos moços. Juntos, eles foram decisivos no processo de fortalecimento e proliferação da palavra escrita no Paraná. Esta foi a grande obra que realizaram. A maneira como acreditaram na eficácia da palavra como meio para defender suas convicções – espécie de *missão* a qual se sentiam atribuídos – enredou-os profundamente nas atividades de escrita, leitura e oratória. Suas histórias de vida pessoal guardam, assim, uma relação com os rumos que tomaram as letras no Paraná.

Tomemos agora o exemplo de Emiliano Pernetta. Teve oportunidades privilegiadas de estudo, sobretudo tendo como perspectiva as possibilidades ofertadas pelo Paraná e as posses de sua família. Seu pai, Francisco David Antunes era um português cristão-novo, alfaiate e comerciante e se esforçou para que os filhos – Emiliano, Julio, João, Manoel e Evaristo – tivessem boas oportunidades de estudo¹⁷⁵. No que concerne a Emiliano (é possível que isso também se estendesse a seus irmãos), fez o ensino elementar no *Colégio Muller* e no *Colégio Nossa Senhora da Luz*¹⁷⁶, considerados então os melhores de Curitiba e onde estudavam os filhos das famílias abastadas da capital. No ensino secundário, já estudando no *Instituto Paranaense*, foi um aluno de destaque. Posteriormente, completou sua formação bacharelando-se em Direito em São Paulo. Para a tradição e os recursos de sua família, sua formação era requintada. Apesar do pai ter experimentado uma certa prosperidade nos negócios que o permitiu investir na educação dos filhos, não deixa de ser salientável que ele tenha tido essa preocupação, ou mesmo, essa prioridade.

Francisco Antunes propicia que os filhos se desviassem da tradição familiar, enveredando-se por caminhos que se desvirtuavam do que ele mesmo e seus antepassados trilharam. De fato, uma educação formal tão consistente era uma novidade na família. Todos os seus filhos mostraram interesse pelas letras e manifestaram tendência para escrita, apesar de Emiliano e Julio terem sido os que mais se destacaram

¹⁷⁵ Ver: BEGA, Maria Tarcisa. op.cit: 186.

¹⁷⁶ Idem: Ibidem.

(e, provavelmente, também os que mais se dedicaram) nas atividades intelectuais e de escrita. João formou-se engenheiro, Evaristo trabalhou no serviço de correios e na redação de jornais e Manoel morreu cedo, mas mostrava interesse pela escrita¹⁷⁷. A figura de Francisco Antunes mostrou-se ativa nos rumos profissionais tomados pelos filhos. Ao menos, proporcionou que eles estudassem e observa-se que nenhum dos filhos seguiu a profissão do pai. O que parece interessante neste caso é que o próprio progenitor esforçou-se para que os filhos se desviassem da tradição familiar, a começar por não perpetuar neles o sobrenome da família. Possivelmente para romper com os vínculos judaicos, preservando a sua descendência de sofrer rechaças, preconceitos e perseguições.

O nome Pernetta que dá aos filhos era, na verdade, sua alcunha, que recebera em referência a um defeito que tinha na perna. Os filhos não carregaram nem o nome, nem a profissão paterna: não seguiram o ofício do comércio, tão característico dos judeus. Emiliano, ao escrever sobre as memórias da infância, refere-se à imagem do pai negociando atrás de um balcão¹⁷⁸. Essa não será a sua realidade, nem a dos irmãos que buscarão a sobrevivência em outros ramos de atividade. O rompimento que se identifica aí foi incentivado pelo pai, ainda que os filhos tenham efetivado tal desvio ao interessarem-se e enveredarem-se por caminhos profissionais diferentes daquele no qual viram o pai trabalhar durante toda a vida. Salienta-se essa possibilidade moderna de se romper com a tradição, de fazer diferente dos antepassados, de se dedicar a atividades que não se vinculam com o saber cultivado pelas gerações anteriores. A escola como possibilidade de formação, as desagregações estimuladas pela cidade que crescia e ofertava novas opções, configuravam-se como elementos decisivos na efetivação dessa possibilidade de se constituir a sua individualidade, a sua história, as suas preferências desvinculando-se das gerações anteriores.

Seguindo os rastros dos percursos biográficos, encontra-se outra figura cujo encontro e o enlaçamento com as letras constituiu-se um entroncamento em sua vida. Trata-se de Leôncio Correia. Sua paixão pelos livros e pelas coisas da cultura de uma maneira geral surgiu, em grande medida, ao freqüentar a casa do tio, Ildefonso Pereira

¹⁷⁷ *Ibidem*: 187.

¹⁷⁸ “Hoje fui a Tindiquiera, onde residi dos seis aos sete anos. Cheguei junto à porta, vi o balcão onde meu pai negociou, pude olhar de fora o interior da casa, onde minha mãe passou tão contente, durante quase dois anos, divertida a não poder mais com suas macaquices, com as danças – com as troças de tia Juliana, uma negra d’Angola, um coração a refulgar de graça e formosura como um astro”. CAROLLO, Cassiana Lacerda. Emiliano Pernetta: da fuga e dissipação à busca do absoluto. IN: Pernetta, Emiliano. *Ilusão & outros poemas*. op.cit: xxxvii.

Correia. Aliado a isso, as posses familiares permitiram que tivesse uma educação esmerada. Contrariamente ao que se sucedeu com muitos dos seus futuros colegas escritores, Leôncio teve livre e fácil acesso aos estudos. Não era surpreendente, assim, que o menino que se maravilhava com os livros da biblioteca do tio, alcançasse, quando adulto, visibilidade e importância; que freqüentasse o curso superior e construísse uma carreira sólida. Até aí, não se desvia nem se desvirtua do que era esperado para ele. Contudo, o seu envolvimento com as letras na mocidade foi tamanho a ponto de ser tomado por elas, de ter a sua vida completamente preenchida por elas. Havia sido capturado pelos livros e pelas palavras.

Dessa forma, enquanto esteve no Rio de Janeiro para cursar a faculdade de medicina (1886-1892), teve mais motivação para freqüentar as rodas boêmias e literárias do que para os estudos. Era ali que encontrava os estímulos para o cultivo da palavra, pelo qual tomara gosto nos tempos em que vivia no Paraná – época em que escrevia textos para jornais republicanos, participava da *Confederação Abolicionista Paranaense* e empolgava os demais moços com os seus discursos. Sua paixão pelas palavras, manifestada, sobretudo, pela sua desenvoltura e habilidade na oratória, enlaça-o aos intelectuais cariocas. Freqüentar os ambientes que reuniam tal intelectualidade torna-se, então, sua principal ocupação, roubando o tempo em que deveria se dedicar ao curso de medicina. Até que a vida boêmia o leva a abandonar a faculdade¹⁷⁹.

Constituiu-se, assim, um período da vida de Leôncio Correia em que, longe de se preocupar com a sua formação e com o seu futuro – o que seria esperado para alguém proveniente de uma família abastada e tradicional como a dele –, entretia-se nas rodas boêmias e literárias. Os deveres para com os bens da família exigiriam-lhe uma postura séria e responsável e que não desperdiçasse o seu tempo com outros assuntos. Lembremos que era isso que faziam os demais moços paranaenses oriundos de famílias com maiores posses e recursos: seguiam para centros importantes do país para garantirem uma formação que lhes proporcionassem perpetuar a tradição e os bens familiares. Cursavam, geralmente, Direito. E, voltando para o Paraná, estabeleciam-se profissionalmente, muitas vezes ingressavam na vida pública, e tinham uma postura ativa diante do que lhes cercavam: inscreviam suas existências no mundo através de suas obras, do seu trabalho, do que conseguiriam construir e transformar. Acreditavam que essa fosse a verdadeira escrita, indelével: “*escrever ‘direto no solo’ os sinais da*

¹⁷⁹ BEGA, Maria Tarcisa Silva. op.cit: 352.

prosperidade vindoura do povo”¹⁸⁰. Uma escrita que não se utilizava de palavras: se escreveria diretamente na própria carne das coisas¹⁸¹.

Ainda que Leôncio Correia acabe assumindo uma postura mais *séria* e *responsável* quando já se aproximava dos trinta anos (casou-se, elegeu-se deputado federal, terminou a faculdade e assumiu definitivamente as responsabilidades com o governo das suas posses), sua mocidade marcada pela descontração e despreocupação, e, sobretudo, pelo envolvimento nos meios intelectuais e literários, faz dele um caso peculiar entre os moços com a sua origem social. Esse desvio de Leôncio Correia nos reporta a uma passagem de Jacques Rancière na qual, ao tratar de *Dom Quixote*, constata que o cavaleiro tem um envolvimento singular com os livros, com os quais se ocupa de tal maneira que subverte as ordens de prioridade que deveriam guiar a sua vida: “*Ele [Dom Quixote] é aquele que se mete com tudo aquilo com que não deveria se meter: a leitura de livros e a demonstração da verdade deles em vez de servir e administrar seus domínios*”¹⁸². Tal qual *Dom Quixote*, Leôncio fizera das letras sua prioridade, tomando a palavra como o dispositivo em torno do qual ordenara e dispusera sua vida: ao invés de ocupar-se com os bens e a reputação familiar, entretivera-se nas rodas literárias, nos *meetings* abolicionistas, na escrita de textos que defendiam seus posicionamentos políticos.

Nota-se, por fim, a partir das biografias dos moços paranaenses que viemos tratando, como a escrita se insurgiu na vida deles e ocupou um lugar privilegiado nelas. As atividades de leitura e escrita tomaram-lhes as almas, ocuparam-lhes as cabeças e preencheram-lhes o tempo, constituindo-se o sentido maior de suas vidas. Para tanto, seus corpos desviaram-se das funções que lhes eram esperadas ou destinadas, graças ao poder que as palavras operaram em suas vivências, em seus cotidianos. A partir de Jacques Rancière podemos considerar que “*o caminho da literatura passa por um desvio radical, pela experiência de que não há corpo mudo*”¹⁸³. Tal experiência constitui-se o próprio alicerce do fortalecimento da palavra e da formação de um

¹⁸⁰ RANCIÈRE, Jacques. O Corpo e a Letra (da inteligibilidade do literário). IN: op.cit: 88.

¹⁸¹ Idem: 87. Salienta-se que Rancière utiliza-se dessa passagem para caracterizar que o trabalho braçal e de transformação do meio seria a única escrita possível aos *filhos do povo*, dado que ‘*por natureza*’ são destinados a leitura e a escrita. “*Utopia da escrita certa, da comunicação certa, que envia para gente do povo não livros, nem mesmo sermões ou livros piedosos, mas água bem canalizada, estradas e ferrovias*”. Ibidem: 88. Partimos então da idéia Rancieriana, mas invertemo-la: percebemos que, no contexto desta pesquisa, era a elite que se sentia incumbida da transformação do meio.

¹⁸² RANCIÈRE, Jacques. O Corpo e a Letra (da inteligibilidade do literário). IN: op.cit: 76.

¹⁸³ Idem: 101.

ambiente literário: estes só foram possíveis quando as letras se fizeram acessíveis e foram apropriadas por um maior número de pessoas.

Formava-se, assim, no Paraná, uma comunidade de leitores que não estava atrelada a hierarquias ou privilégios relativos a origens sociais ou posses econômicas. “*Uma comunidade [...] desenhada tão somente pela circulação aleatória da letra*”¹⁸⁴, diria Jacques Rancière. A essa *circulação aleatória da letra*, que estava no princípio da igualdade entre os leitores, aliava-se a não hierarquização de escritores e de temas¹⁸⁵ – ou seja, *qualquer um* pode escrever e *qualquer coisa* pode ser escrita – para constituírem o próprio cerne de uma relação nova com a palavra escrita que se efetivava no Paraná.

3. Reunindo-se em torno da palavra

A *explosão de escrita* ocorrida nas décadas finais do século XIX se constituía, em grande medida, vinculada a instituições que surgiram ou ganharam força revigorada naquele momento. Além das já citadas – escolas, livrarias, tipografias –, clubes, associações, sociedades e grupos de estudo tiveram um papel significativo neste processo. Através de organizações que tinham por finalidade promover ambientes de discussão, leitura e escrita, incrementava-se o processo de fortalecimento da palavra e da sua livre circulação e da constituição de um meio literário. Assim, no trecho que se segue tratar-se-á da maneira como simples encontros de moços para ler, a organização de pequenos jornais, projetos de formação de bibliotecas conjuraram para a estruturação das letras, gestando sua disseminação.

3.1 os *Clubs estudantis e outras associações congêneres*

Os *clubs estudatis*, espaços de congregação e sociabilização da mocidade, reuniam os interessados em discutir questões pujantes e atuais, na luta republicana e abolicionista, ou mesmo em freqüentar um ambiente de descontração e

¹⁸⁴ RANCIÈRE, Jacques. Da Partilha do Sensível e das relações que estabelece entre política e estética. IN: *A Partilha do Sensível: estética e política*. São Paulo: Exo Experimental/Ed. 34, 2005: 19.

¹⁸⁵ Esta igualdade de leitores e temas caracterizaria, para Jacques Rancière, o que ele denomina de *Regime Estético das Artes*: “*pode-se dizer que o regime estético das artes é o verdadeiro nome daquilo designado pela denominação confusa de modernidade*”. RANCIÈRE, Jacques. Dos regimes da arte e do pouco interesse da noção de modernidade. IN: *Idem*: 34.

confraternização. Citamos o *Club dos Estudantes*, o *Club Dr. Pedrosa*, o *Fiat-Lux*¹⁸⁶. Os dois primeiros funcionavam nas dependências do *Instituto Paranaense* e eram formados por alunos desta instituição, que organizavam encontros paralelos às aulas. O outro reunia alunos de várias escolas de Curitiba. Os *clubs estudantis* proporcionavam, pela maneira como estavam estruturados, a realização do *desejo da palavra* que marcava esta mocidade. Dessa forma, como lhes era característico, os moços atraíram-se e agruparam-se; andavam juntos, compartilhavam experiências e nutriam-se de descobertas comuns.

O gosto pela palavra os identificava. As reuniões dessas associações eram espaços de discursos e debates, onde os moços exercitavam suas habilidades na oratória, discutiam calorosamente, sobretudo questões relacionadas à República e à abolição da escravatura: “*No anno passado [o club Dr. Pedrosa] tomou uma parte importante nos trabalhos da benemerita Confederação Abolicionista Paranaense, cujo fim era extinguir a escravidão do solo desta provincia [sic]*”¹⁸⁷. Aproximava-se, enquanto espaço da oratória e do debate, de outras associações congêneres, como a *Arcádia Paranaense*, fundada, em 1887, com o intuito de lembrar e festejar as datas importantes da Província. Conforme mencionado *en passant* anteriormente, Leôncio Correia costumava tomar a palavra e discursar nas reuniões da *Arcádia*¹⁸⁸. Espaço semelhante foi criado com a fundação dos *clubs republicanos*: a Província contou com duas dessas agremiações, uma em Curitiba (fundada em 1885) e outra em Paranaguá (fundada em 1887)¹⁸⁹.

A luta pela República sustentava-se, em boa medida, na capacidade de argumentação dos seus simpatizantes. Tratava-se, então, de fortalecer a oratória e a escrita. Assim, os *clubs republicanos* notabilizavam-se pelos discursos e conferências de seus sócios em defesa da causa que os unia. Entre os diversos encontros promovidos pelos republicanos no Paraná, salientamos a conferência de Emiliano Pernetta, na cidade da Lapa, em 26 de dezembro de 1888¹⁹⁰. A experiência da oratória foi constitutiva dessa

¹⁸⁶ É possível que tenha existido outros *clubs estudantis* com características semelhantes se formando em Curitiba nas últimas décadas do século XIX. No entanto, não encontramos referências explícitas sobre eles em nossas pesquisas.

¹⁸⁷ *Club Dr. Pedrosa*. A *Idea* – órgão do club dos Estudantes. Publicação Semanal. Comissão Redactora: Alfredo Pirajá, Azevedo Macedo e C. Costa. Curitiba, 20 de março de 1889. Anno I. N.º 12: 2.

¹⁸⁸ Ver: POMBO, José Francisco da Rocha. *O Paraná no Centenário (1500-1900)*. op.cit: 130.

¹⁸⁹ MARTINS, Romário. *História do Paraná*. Curitiba: Travessa dos Editores, 1995: 402. [coleção Farol do Saber].

¹⁹⁰ Idem: 401. A respeito das manifestações de Emiliano Pernetta a favor da implantação da República, é mencionado, com frequência, que no seu discurso como orador em sua formatura, em 15 de novembro de

geração e angular na formação dos moços e nas suas familiarizações com a palavra. O engajamento nas causas da República e da abolição deu, certamente, importantes subsídios para o exercício da oratória, dado a natureza destas questões, que lidavam com o convencimento e a paixão. Lembramos, a este respeito, a maneira ardorosa com que Rocha Pombo e Leôncio Correia envolveram-se na *Confederação Abolicionista*. Aliás, Rocha Pombo, em artigo em que se referia às condições necessárias para se promover a abolição no país, atribui aos moços todas as possibilidades de luta e êxito da causa em questão: “a mocidade é a única esperança que nos resta”¹⁹¹, afirma. Incentivando, dessa forma, que os moços continuassem a se engajar na luta pela abolição, fortalecendo suas argumentações, proferindo discursos, encampando debates, exercitando a escrita.

Nestas buscas por oportunidades de dar vez a palavra, por ocasiões em que se pudessem articular idéias e ideais, encontramos o cerne do processo de fortalecimento da palavra. A constituição de um meio literário e da livre circulação da palavra só foram possíveis graças a uma *vontade de palavra* que se manifestou através da fala, da leitura e da escrita. Na medida em que se exercitava essas faculdades, potencializava-se as letras. Neste sentido, os *clubs estudantis*, bem como os *clubs republicanos* foram associações absolutamente inseridas no processo de fortalecimento da palavra. Além da valorização da palavra através de discursos que reverberavam pelos salões e discussões de temas palpitantes, os membros destas agremiações também manifestavam-se através da escrita. Produziam seus próprios periódicos ou buscavam veículos em que pudessem se expressar. Esse foi um dos imperativos desse tipo de associação: tão logo estruturadas, aventava-se a questão da fundação de uma publicação própria. O *Apostulado Literário*, por exemplo, um centro de estudos que surgiu em Curitiba em outubro de 1899 e que tinha características bastante parecidas com os *clubs estudantis*, tem logo na sua reunião de fundação colocado o “*magno problema: a publicação do orgam do Apostulado* [sic]”¹⁹².

Os periódicos estudantis eram espaços de exercício da escrita, assim como as reuniões da *Arcádia* e dos *clubs republicanos* possibilitavam o exercício da oratória.

1889, Emiliano aproveita para defender a implantação do novo regime de governo, sem saber que a República havia sido proclamada algumas horas antes. Ver, entre outros: MURICY, José Cândido de Andrade. *Panorama do Movimento Simbolista Brasileiro*. op.cit: 284.

¹⁹¹ POMBO, José Francisco da Rocha. *A Questão Negra*. Revista Paranaense. Editor: Luiz Coelho. Curitiba, 1881. Anno I. Tomo I. N.º 1: 54.

¹⁹² *Apostulado Literário*. O Sapo – Semanario Litterario e Humoristico. Redactores: Diversos. Curityba, 22 de outubro de 1899. Anno II. N.º 43: 1. [Sem indicação de autor].

Tratava-se, em ambos os casos, de movimentar as palavras, ativando sua livre circulação. Isto era decisivo para os objetivos deste tipo de associação. Restrita aqueles que falavam e escreviam, a palavra não cumpriria suas funções. Era preciso promover a sua circulação, fazer circular as idéias. No que concerne à escrita, destacamos como as publicações estudantis expressavam o interesse existente entre a mocidade em ser agente de tal processo. Assim, no número inaugural de *A Idea*, seus redatores anunciam que a simplicidade do periódico guardaria a nobreza de sua realização: “*Apresentamos a luz da publicidade este periodico, organ do Club dos Estudantes. Simples e modesto é o seu porte, porem nobre e elevado é o seu intento [sic]*”¹⁹³. Juntamente com outras iniciativas de elaboração e fundação de periódicos, que marcou a Curitiba das últimas décadas do século XIX, as publicações estudantis, como *A Idea* e *O Reverbéro*, estavam inseridas no processo de fortalecimento das letras, funcionando como lugares e oportunidade de exercício de escrita.

Mais do que propriamente ter algo para dizer, queria-se dizer. Reivindicava-se a própria palavra, como corpo que pudesse proliferar-se, rolar indeterminadamente. E a escrita tinha justamente esse cunho de exterioridade, era o meio através do qual se garantiria a perenidade de tal proliferação. Uma escrita aberta, em busca de um leitor. Indeterminada, portanto, no ato de sua execução. Era disso que se tratava. O que se inscreve em um contexto mais ampla, vinculado ao crescimento urbano, à aceleração do tempo, ao incremento da imprensa e ao surto de publicações ocorridos no Paraná. Salientamos a importância da estruturação de um meio gráfico para a livre circulação da palavra escrita e para o fortalecimento das campanhas republicana e abolicionista, tão dependentes do convencimento, do bom uso da palavra para atingir seus objetivos. Assim, surgiu em Curitiba, em 1886, um jornal de aspecto simples, chamado *O Mosqueteiro*. Este é um bom exemplo de experiência com a escrita reunindo moços interessados em defender os propósitos das campanhas supracitadas. Seus fundadores usavam pseudônimos: Atos (Mário Tourinho), Portos (Lúcio de Carvalho), Aramis (Dario Vellozo), Dartagnan (Julio Teodorico Guimarães), Commingues (Miguel Azevedo), Rochefort (Agostinho de Paula), Richelieu (Aníbal Carneiro), DeWinter (Canrobert da Costa)¹⁹⁴.

¹⁹³ *A Idea*. *A Idea* – organ do Club dos Estudantes. Publicação Semanal. Redatores e Collaboradores Diversos. Curityba, segunda –feira, 1º de outubro de 1888. Anno I N.º 1: 1. [Sem referência de autor].

¹⁹⁴ Ver: *Dicionário histórico-biográfico do Paraná*. Curitiba: Chain/Banco do Brasil, 1991: 540 [verbete Dario Vellozo, de Cassiana Lacerda Carollo]

O periódico não se restringia à defesa da República e da abolição, tratando de outros temas e contendo mesmo escritos de cunho mais literário. Da mesma forma como os *clubs estudantis* e de outros semelhantes agrupamentos de moços, *O Mosqueteiro* materializava o desejo e a necessidade de se reunir em torno da palavra de seus fundadores. No que concerne às associações, como importantes vínculos de congregação da mocidade amante da palavra, destaca-se a fundação, em 1892, do *Grêmio Ensaios Literários*, por Dario Vellozo, Augusto Stresser e Basílio Costa, que funcionou nas dependências do *Club Curitibano*¹⁹⁵. E ainda que Emiliano Pernetta “fundou [em 1879] com Rodrigo Octávio, cujo pai era presidente da província, o Clube Juvenil, depois Clube Pueril, que funcionava na casa do major Teodolindo Ribas”¹⁹⁶. Quanto às associações vinculadas diretamente às instituições de ensino, salienta-se que alguns dos moços que vieram a se tornar nomes importantes das letras paranaenses também as freqüentaram:

*Houve um tempo, no Instituto [Paranaense], em que uma fileira de illustres moços, hoje dispersos, e dos quais alguns já teem bonito nome nas letras d’esta província, emprestavam uma vida ridente á juvenil literatura paranaense, possuindo n’aquelle estabelecimento de instrucção duas sociedades litterarias, que eram servidas por dous belíssimos periodicos litterarios, um dos quais o ‘Reverbero’, teve em sua redacção o malogrado moço Clarimundo Rocha. Podem affirmar a verdade desse facto, Emiliano Pernetta, D. Nascimento, Leoncio Correia e outros [sic]*¹⁹⁷.

A passagem, retirada de uma publicação estudantil, dá um duplo testemunho da necessidade de escrita da mocidade e de como buscaram dar corpo a ela: ao mesmo tempo em que o dispositivo de veiculação do artigo – uma revista estudantil – denota o ensejo que tinham para dar corpo às palavras, o seu conteúdo confirma esta intenção. Armava-se, assim, as condições de fortalecimento e livre circulação da palavra: formava-se leitores e exercitava-se a escrita. Sem elas, a constituição de um meio literário também não seria possível. As instituições de ensino – o *Instituto Paranaense*, especialmente – confirmam-se novamente como lugares que reuniam os moços

¹⁹⁵ Ver: Idem: 541.

¹⁹⁶ CAROLLO, Cassiana Lacerda. Emiliano Pernetta – Cronologia. IN: Pernetta, Emiliano. *Ilusão & outros poemas*. op.cit: xxxvii. A respeito do *Club Juvenil*, ver também: *Club Juvenil*. O Reverbero – Orgam do Club dos Estudantes. Curitiba, 30 de outubro de 1879. Anno I. N.º I: 3.

¹⁹⁷ *Club Dr. Pedrosa*. A Idea – órgão do Club dos Estudantes. Publicação Semanal. Comissão redactora: Alfredo Pirajá, Azevedo Macedo e C. Costa. Curitiba, 20 de março de 1889. Anno I. N.º 12: 1. [Sem referência de autor].

interessados nas letras e possibilitavam que se organizassem em torno delas. Leôncio Correia, ao lembrar dos seus tempos de preparatoriano, dimensiona a importância que tiveram as associações estudantis para a formação literária da sua geração: “*fizemos os nossos ensaios oratorios no Club dos Estudantes e no Reverbéro, vimos alguns pela primeira vez as nossas produções em letras redondas [sic]*”¹⁹⁸.

A formulação da importância do surgimento de tais associações ganhou fôlego nas suas próprias publicações. Essas, pela sua própria existência, nutriam o processo de fortalecimento das letras e da livre circulação da palavra. A isso se aliam artigos veementes, que se arvoravam por defender a importância desse processo e testemunhar o que vinha sendo feito nesse sentido. A exemplo do que dizia um artigo da revista do *Club dos Estudantes* a respeito da fundação de associações desse gênero: “[nelas] *os homens unem-se, procurando trabalhar em commum para repartirem a instrução litteraria entre si [sic]*”¹⁹⁹. O *Club dos Estudantes* fomentariam, dessa forma, uma dupla operação: reuniriam os moços e possibilitariam que compartilhassem seus conhecimentos literários. E completa:

*Elles, hoje procuram trabalhar juntamente, como membros de uma mesma familia ou como obreiros de uma mesma officina ; uns costumam guiar-se pelos conselhos de outros ; e, assim, como esta união, com esta unidade de ponto de vista, terá brevemente a classe uma phalange robusta de intelligencias, que unidas, com o mesmo ideal, darão boas provas da classe estudantil [...] e irão beneficiar a marcha da litteratura na provincia, com a diffusão entre si, do bom gosto pelas peças litterarias [sic]*²⁰⁰

A mocidade se encarregava, assim, de empreender a tal *marcha da literatura na Província*. Atribuía-se, aliás, um papel angular nesse processo, acreditando que dela – da sua articulação e do seu trabalho – dependia o futuro das letras paranaenses. Por isso, creditava tamanha importância às associações, aos clubes e aos periódicos que organizavam. A mocidade ocupou os espaços educacionais e culturais curitibanos e soube se valer disso para fomentar as letras. Só ela poderia realizar as junções necessárias entre o ardor, a curiosidade e o ímpeto de novidade – típicos da mocidade –

¹⁹⁸ CORREIA, Leôncio. *Domingos Nascimento (perfil litterario)*. A Vida Litteraria. Curityba, 10 de agosto de 1887. Anno I. N.º 6: 1.

¹⁹⁹ *Club dos Estudantes*. A Idea – órgão do Club dos Estudantes. Publicação Semanal. Redactores e Collaboradores diversos. Curityba, Segunda-feira, 1º de outubro de 1888. Anno I. N.º 1: 2. [Sem referência de autor].

²⁰⁰ Idem: *Ibidem*.

e o gosto pelas atividades intelectuais, fomentado em um Paraná que se modernizava. Nesse sentido, os moços eram formadores e incitadores de algo novo: o processo de fortalecimento da palavra, da constituição de um meio literário e da livre circulação da palavra se constituíram a partir de uma atitude radical e imprevista diante das letras e do mundo.

Contudo, não era tarefa tida como fácil: “*neste bello Paraná, infelizmente, ha pouco estímulo para os empreendimentos grandiosos [sic]*”²⁰¹, sentenciava um artigo da revista *A Arte*. Seria preciso, então, saber lidar com as adversidades. Saber tomá-las a favor, como elemento construtivo: “*fiquem certos esses moços de que a luta, para ser gloriosa, precisa ser travada em terreno inhospito e cheio de espinhos [sic]*”²⁰². Das adversidades, dos contextos que se mostravam pouco ou nada favoráveis viriam os êxitos e as grandes vitórias. Depreende-se, a partir disso, que os triunfos da vida, não estariam atrelados, necessariamente, a situações que anunciassem seu fim de antemão, um resultado certo, seguro e aguardado. Afinal, “*é, sempre são, sempre duradoura, sempre cheio de brilhantismo o progresso que nasce dos elementos que se entrechocam pela vida! [sic]*”²⁰³. Tratava-se da valorização de um processo que festejava a vida, no qual a mocidade, como seu agente, ganhava destaque.

Evidencia-se, então, a singularidade de um processo que seria protagonizado por moços. Em uma época – o século XIX – em que a mocidade não gozava de tamanho prestígio e crédito, justamente a ela era atribuída uma missão da mais alta responsabilidade e nobreza. Compreendida e afirmada como algo singular, a mocidade ganha visibilidade ao ser identificada como arauto e agente do novo. E isso graças ao seu frescor de vida, à sua impetuosidade:

*A mocidade sempre foi imprevista e incauta.
Por mais que a velhice experimentada e pratica trace-lhe
normas, ensine-lhe a abrir caminhos curtos e rectos, com limites
definidos e determinados, ella tergiversa, descreve curvas e
zigue-zagues, embarafusta pelas muitas bifurcações que acha a
sua frente, e segue para diante, ferindo-se, cahindo, indecisa e
vacillante [sic]*²⁰⁴

²⁰¹ *O Cenáculo*. *A Arte* – Orgam ilustrado da Escola de Artes e Industrias do Paraná. Segunda época. Curitiba, 15 de abril de 1895. Anno I. N.º 5: 53. [não há referência de autor].

²⁰² Idem: *Ibidem*.

²⁰³ *Ibidem*: *Ibidem*.

²⁰⁴ HYALINO. *Notas Falsas*. *A Penna* – Revista de Arte. Redactor: Romario Martins. Editor: Adolfo Guimarães. Curityba, 06 de junho de 1897. Vol. I. N.º 9: 70.

O artigo do qual foi retirado o trecho que antecede tinha um cunho de positividade da mocidade. Seu autor, José Moraes, contribuía assiduamente para a revista *A Penna*, com o pseudônimo de Hyalino, tendo, inclusive, uma coluna própria, *Notas Falsas*. José Moraes tornara-se uma referência para os moços das décadas finais do século por ter sido um dos primeiros paranaenses a publicar um livro, *Semprevivas*, um volume de versos, em 1874, aos 20 anos. Quando publicava seus artigos em *A Penna*, José Moraes era um homem maduro, com mais de quarenta anos, que vinha testemunhando o aparecimento de novos moços com interesse pelas letras. Afirma acreditar no potencial da mocidade, afinal havia também começado cedo. Os moços carregariam, para ele, um vigor e um entusiasmo que os tornavam singulares e aptos a empreender caminhos novos e inesperados, conforme sugere na passagem anteriormente citada.

Assim, ao caracterizar a mocidade como imprevista e incauta, longe de querer desmerecê-la, criticá-la ou desprestigiá-la, José Moraes reconhecia em tais atributos, potencialidades. Não seria através de caminhos retos, curtos e lineares, já bastante percorridos, marcados e mapeados por gerações anteriores que se chegaria a algo novo e imprevisto. Apostava, assim, na força dos impulsos, dos instintos e da vontade da mocidade²⁰⁵. Na sua capacidade de desviar-se, de enveredar-se por bifurcações, de escapar do instituído. Nesse contexto, ser *imprevisto* e *incauto* eram características positivas, instrumentos necessários para não se deixar render ao normativo ou se enredar ao habitual. Indo no mesmo sentido, acreditava ainda que os tropeços e quedas, inerentes a este tipo de caminho, eram experiências constitutivas à busca e ao encontro com o inédito e o inesperado.

Entender a mocidade a partir dessas bases de concepção e traçando um risco em direção ao *fazer* dos moços que se envolviam em atividades de oratória, leitura e escrita no Paraná nas últimas décadas do século XIX, permite supor que tenham tido esses também semelhante postura perante a vida; que tenham sido também os moços paranaenses imprevistos e incautos e que o que realizaram em relação às letras tenha sido, justamente, resultado de tal caráter. Não dimensionavam o processo que estavam envolvidos, pareciam não se dar conta da grandeza de suas intenções, talvez por isso

²⁰⁵ Tal problemática conduz-nos diretamente ao pensamento de Nietzsche, especialmente as suas concepções de *Vontade de Potência* e *Espírito Livre*. Ver, por exemplo: *Ecce homo*; *O nascimento da tragédia*; *Além do Bem e do Mal*; *Humano, Demasiado Humano*.

tenham dado conta delas²⁰⁶. Tinham em seu favor, portanto, uma certa falta de malícia, uma ingenuidade – típica da mocidade, conforme a inferência de José Moraes – que corroborava para a realização de seus desejos. Precisa-se de uma certa *ignorância* para a ação: a *ignorância* mostrou-se encorajadora e decisiva para arriscarem-se ao desconhecido, pois que ela vem acompanhada, de acordo com Nietzsche, de outros tantos atributos: *liberdade, imprevidência, despreocupação, impetuosidade, jovialidade na vida, para gozar a vida*²⁰⁷. Daí, viria, então, o novo e o imprevisível, já que o conhecimento não pode prescindir da ignorância para constituir-se²⁰⁸.

Os moços que criaram e freqüentaram os *clubs estudantis* como atividade paralela às aulas, não poderiam dimensionar a complexidade do processo em que estavam se envolvendo. Muitos deles, mal supunham que as suas reuniões, espaços de confraternização e descontração, conjuravam para o fortalecimento da palavra escrita no Paraná. A maioria dos seus membros não se tornou literato ou homem que vivesse da escrita ou para a escrita. Contudo, enquanto amantes e ativadores da palavra, integraram o processo de sua livre circulação. O que permite inferir que tal processo também tenha sido obra daqueles que, por ventura, não tenham tido intenção de realizá-lo. De moços que, apesar de não terem se dedicado, na vida adulta, a intensificar e consolidar o fortalecimento da escrita, foram agentes disso. Mesmo aqueles que não participaram, através de suas produções, do momento em que a circulação da escrita ganhou maior força, tiveram um papel efetivo na sua realização, graças à maneira como se envolveram com a palavra quando estudantes secundaristas. Moços, anônimos para nós, que se encantaram e se envolveram com a palavra (discutiam, liam e/ou escreviam), da mesma forma que outros tantos moços – hoje famosos e reconhecidos – os quais acompanhamos as biografias ao longo do capítulo.

Infere-se, ainda, que a livre circulação da palavra não seja resultado apenas de intenções reveladas e deflagradas, de esforços voluntários e conscientes. Havia um encantamento, uma magia que animava esses moços a se enveredarem pelo universo das letras. Uma *vontade* que funcionava como força movente de suas ações²⁰⁹. E era,

²⁰⁶ Ao falar das intenções desses moços, refiro-me a missão que se atribuem em relação ao Paraná que se realizaria através da escrita, conforme se abordará no terceiro capítulo.

²⁰⁷ NIETZSCHE, Friedrich. O Espírito Livre. IN: *Além do Bem e do Mal: prelúdio a uma Filosofia do Futuro*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992: 31.

²⁰⁸ Segundo Nietzsche: “*E foi apenas sobre essa base de ignorância, agora firme e granítica, que a ciência pôde [se] assentar até o momento*”. Idem: *Ibidem*.

²⁰⁹ O termo *vontade* é utilizado a partir dos escritos de Nietzsche, ou seja, como força atuante e movente, como afirmação dos instintos e negação da razão e do método. Ver: NIETZSCHE, Friedrich. O Espírito Livre. IN: *Além do Bem e do Mal: prelúdio a uma filosofia futura*. op.cit: 42-43.

justamente, de tais *vontade*, encantamento e magia que vinham as motivações para ligarem-se às palavras, em exercícios de oratória, leitura e escrita. O que denota que o que os moços realizaram em relação às letras não poderia ser oriundo tão somente de uma racionalidade. Observando-se os *clubs estudantis*, por exemplo, a maneira despreziosa e descontraída com que se reuniam denota que eram movidos pela alegria do estar juntos, da confraternização. Identifica-se, a partir de então, que o que ajudaram a realizar em relação às letras paranaenses esteve perpassado por uma dimensão de não-intencionalidade. Nesse sentido, o fortalecimento da palavra e o processo de sua livre circulação beneficiaram-se de uma postura de imprevisibilidade e não controle do futuro que caracterizava a mocidade.

De acordo com Nietzsche, “o valor decisivo de uma ação está justamente naquilo que nela é não-intencional”²¹⁰. Pois que, a sua intencionalidade, aquilo que dela é consciente e voluntário, relaciona-se apenas à sua superfície, à pele. E, como toda a pele, se revela algo, esconde também²¹¹. O que os moços que estamos estudando realizaram extrapolou, certamente, qualquer expectativa ou intenção que pudessem ter. A projeção que ajudaram a conferir às letras teve proporções tamanhas que, além de efetivarem um meio literário, perenizou e perpetuou os nomes de muitos daqueles que compunham a geração, que se tornaram, alias, dos mais festejados da literatura paranaense. A maneira como se organizaram para discutir, ler e escrever nos permite inferir sobre as relações que estabeleceram com a palavra. Salienta-se que, especialmente a partir da década de 1890, encontra-se textos desta mocidade em periódicos locais nos quais elaboravam um sentido e uma função para a escrita, notadamente para a literatura. Observa-se, então, que já se constituía aí, entre os moços uma maior percepção do processo no qual estavam inseridos.

No que concerne às associações de sociabilização, como foram os *clubes estudantis*, ressalta-se a formação do *Apostulado Literário* em plena virada do século XIX para o XX: foi fundado em outubro de 1899. Entre os moços deste centro de estudos, nota-se uma maior consciência do processo de escrita. Seus participantes inserem-se em um processo já em boa medida constituído: eles próprios, em artigo produzido à propósito da fundação de tal associação, mostram-se declaradamente

²¹⁰ Idem: 39.

²¹¹ Ibidem: Ibidem.

escritores. Mais do que isto, literatos²¹². Ao apresentar o nome de seus fundadores (em um total de doze moços), o artigo faz referências explicativas a respeito de cada um deles: invariavelmente são apresentados como homens da escrita, da literatura. São mencionados como fazendo parte de uma nova geração, que continuava o trabalho iniciado por outros moços, nas duas décadas anteriores.

Entre os fundadores do *Apostulado Literário*, encontramos, por exemplo, Evaristo Pernetta, Leocádio Correia (lembramos que este era um primo, dez anos mais moço, de Leôncio Correia) e Antonio Francisco de Santa Rita Junior (irmão sete anos mais jovem de José Henrique). Percebe-se, então, que os vínculos com os moços que já estavam envolvidos com a escrita há mais tempo davam-se, inclusive, por parentesco. Surgiam, então, novos moços que também se associavam graças ao interesse comum que tinham pelas letras. Espelhavam-se em nomes que já nos são bastante familiares e que experimentavam os primeiros êxitos e reconhecimentos. Filiavam-se, assim, a um movimento que começava a delinear seus contornos. Mostravam-se orgulhosos do processo ao qual se vinculavam, bem como da carreira na escrita que principiavam. A própria nomenclatura que dão ao centro de estudos – *Apostulado Literário* – evidencia o desejo de afirmarem a vinculação e o propósito literário que tinham.

3.2 as Sociedades Literárias, as bibliotecas e a circulação dos livros

Na década de 1870, nota-se uma proliferação de criação de bibliotecas no Paraná. A Província que, até então, contava apenas com a *Biblioteca Pública do Paraná* funcionando em situação precária e sem instalação própria vê surgir, especialmente nas suas localidades litorâneas, inúmeras bibliotecas fruto de iniciativas particulares. O surgimento de tais bibliotecas vincula-se às chamadas *sociedades literárias*: associações que se alastravam pela Província e que tinham por finalidade, em linhas gerais, difundir e fomentar a instrução e a cultura, responsabilizando-se pela fundação de teatros e bibliotecas, em modelo que se assemelhava ao que acontecia na Corte e em outras partes do país. Muitos dos filhos de famílias paranaenses abastadas que estudavam em outros centros, quando voltavam ao Paraná criavam ou se envolviam em *sociedades literárias*:

²¹² *Apostulado Litterario*. O Sapo – Semanário Litterário e Humorístico. Redactores: Diversos. Curityba, 22 de outubro de 1899. Anno I. N.º 43: 1. [Sem referência de autor].

*Os paranaenses diplomados que regressavam à sua província iniciaram também – a exemplo da Corte e de outras províncias – a fundação de clubes literários, sociedades teatrais ou simples bibliotecas, ou ainda sociedades recreativas com pequenas bibliotecas*²¹³.

Podemos encontrar igualmente, entre os membros de tais sociedades, homens que nunca saíram do Paraná. Unidos por propósitos e ideais comuns, formava-se uma rede de associações que disseminavam bibliotecas pela Província. A motivação que identificava estes homens – “[uma] *classe média composta de militares, profissionais liberais (sobretudo bacharéis), religiosos, pequenos produtores agrícolas, funcionários públicos e professores*”²¹⁴ – inseria-se em uma lógica de difusão do saber. Marcando um contexto em que, de acordo com Nelson Schapochnik, a proliferação de bibliotecas caracterizava “*uma tendência de dessacralização e sociabilização do conhecimento*”²¹⁵. Com efeito, no período que se estende entre 1861-1880, o número de bibliotecas no país saltou de 28 para 136, espalhando-se por Províncias periféricas que, até então, não contavam com este tipo de instituição²¹⁶. Crescia no país o esforço, não necessariamente vinculado ao Estado, por se montar acervos: eram frutos de iniciativas particulares, de associações ligadas a um determinado grupo (como imigrantes ou profissionais de uma mesma área) que encontravam nos *gabinetes de leitura* que organizavam, não apenas um lugar de leitura, mas também de sociabilização e convívio. Ou ainda, de sociedades que surgiam com a finalidade de montar *bibliotecas populares*, instituições abertas ao público, que visavam instruir o povo²¹⁷.

Encontramos no Paraná, um certo número de registros referentes à proliferação de *bibliotecas populares*, montadas pelas inúmeras *sociedades literárias* que lá se organizavam. Estas últimas, não deixavam de estar atreladas a uma tendência nacional de surgimento deste tipo de associação, conforme fica evidenciado em um ofício enviado pelos fundadores do *Club Litterario de Paranaguá* ao presidente da Província:

²¹³ LACERDA, Maria Thereza B. Subsídios para a história do teatro no Paraná. IN: Boletim do Instituto Histórico, Geográfico e Etnográfico Paranaense. Vol. XXXVII. Curitiba, 1980: 123.

²¹⁴ Idem: 122.

²¹⁵ SCHAPOCHNIK, Nelson. A leitura no espaço e o espaço da leitura. IN: *Cultura Letrada no Brasil: objetos e práticas*. Campinas: Mercado de Letras/Associação de Leitura do Brasil, 2005: 232.

²¹⁶ Ver: Idem: 231-234. A respeito da contagem de bibliotecas existentes no Brasil no final do século XIX, Shapochnik exclui as instituições eclesiais, as vinculadas ao ensino superior (faculdades de Direito, Medicina e Engenharia), as bibliotecas corporativas (Institutos Históricos, Academia Imperial de Medicina, Marinha, Exército e de alguns museus) e as bibliotecas escolares (de liceus).

²¹⁷ Ver: Ibidem.

A idéia que progressivamente cresce no Império e em os paizes mais civilizados do mundo de levar a instrucção a mais humilde choupana, idéia cujos resultados já são notórios em nosso século; o empenho que tem mostrado o nosso sabio Monarcha por meio de seu governo de fazer progredir a instrucção publica; o exemplo de crearem-se repetidamente sociedades literarias na corte e nas provincias do Imperio, que tem sido auxiliadas pelo governo, echoaram no sólo paranaguense. No intuito de acompanhar as idéias do seculo e contando com o valioso apoio do governo, os abaixo firmados fundaram nesta cidade uma associação sob o título Club Litterario, inclinados a organizar uma bibliotheca popular, para cujo fim já algumas pessoas aqui residentes tem feito algumas dadas de livros [sic]²¹⁸

Políticas imperiais de fortalecimento da educação, visando desenvolver o país e instaurar uma unidade nacional, repercutiam em discursos e ações de homens que viviam bem longe da Corte, na litorânea Paranaguá, ajudando a propulsar o fortalecimento das letras no Paraná. Como foi o caso da reforma de ensino que propunha a unificação dos currículos nacionais dos cursos preparatórios, anteriormente citado. O incentivo do governo imperial à criação de bibliotecas populares²¹⁹ expressava um ensejo de uma maior difusão e socialização do conhecimento, que acabou, todavia, por favorecer uma rede de interesse pelas letras que se estruturava no Paraná.

Acompanhando relatórios da Província em questão, observa-se o semelhante interesse do governo local pela proliferação de bibliotecas: *“O progresso material e moral de qualquer população depende em grande parte das uteis e sãs leituras, facto intuitivo e demonstrado pela experiência das nações cultas [sic]”²²⁰*, dizia um relatório assinado pelo presidente Adolfo Lamenha Lins, em 1877. Sua intenção, explicitada algumas linhas adiante, era *“fornecer ao agricultor, ao operario, ao professor, a todas as classes livros instructivos, que elevem o nivel intellectual de cada uma dellas*

²¹⁸ *Club Litterario de Paranaguá*. Ofício de Barnabé de Carvalho Pinheiro (presidente do *Club Litterario de Paranaguá*) para Oliveira Lisboa (presidente da Província do Paraná). Paranaguá, 26 de agosto de 1872. Apud: LACERDA, Maria Thereza. op.cit: 123.

²¹⁹ Segundo Fernando de Azevedo, em 1872, uma lei de responsabilidade do ministro do Império João Alfredo Correia de Oliveira estabeleceu incentivo e auxílio à criação de bibliotecas populares no Brasil, *“no intuito de propagar e amparar a instrução no nosso país”*. Com efeito, o ministro em questão notabilizou-se por suas políticas na área educacional: instituiu a obrigatoriedade do curso primário, a criação de escolas profissionalizantes, mudanças no funcionamento de algumas faculdades. Ver: AZEVEDO, Fernando de. *A Cultura Brasileira: introdução ao estudo da cultura no Brasil*. 2º Tomo. 3ª edição. São Paulo: Melhoramentos, 1958: 160-162. AZEVEDO, Fernando de. *A Transmissão da Cultura*. São Paulo: Melhoramentos, s/d: 105. LACERDA, Maria Thereza B. op.cit: 120-121.

²²⁰ Relatório apresentado á Assembléa Legislativa do Paraná, no dia 15 de fevereiro de 1877 pelo presidente da provincia, o excellentissimo senhor doutor Adolfo Lamenha Lins. Curityba, typ. da Viuva Lopes, 1877: 63.

[sic]”²²¹. Os livros estariam, assim, a serviço da instrução: enquanto agente educador, contribuiriam para ‘*tirar da ignorância*’ os adeptos da leitura. Cabia então favorecer o acesso ao livro, ampliar o círculo de leitores. Adolfo Lamenha Lins foi, de fato, um presidente que mostrou essas preocupações: seu governo (1875-1877) não desprezou as questões relativas ao fomento da educação e a formação de bibliotecas. Sendo, inclusive, responsável pela instalação de uma associação – a *Sociedade Propagadora do Ensino* – cujas motivações aproximavam-se daquelas que moveram a criação de *sociedades literárias* por iniciativas particulares.

Dessa forma, a fundação daquela associação previa:

A sociedade Propagadora do Ensino tem por fim especial a criação de uma aula normal e cursos normaes periódicos. A associação pretende instituir conferencias litterarias, e nocturnas, que tão bons fructos tem produzido em diferentes paizes da Europa e da América, e que já poderam acclimatar-se em nosso paiz, na corte do império, graças a animação do nosso sabio Monarcha, e á cooperação desinteressada e constante dos nossos mais distinctos homens de letras.[sic]²²²

A associação em questão atrelava-se tanto a uma tendência que se esboçava no país de maior sociabilização e difusão do conhecimento, quanto engrossava uma conjuntura local de interesse pela literatura e pelos livros. Favorecia que os seus integrantes desenvolvessem suas habilidades argumentativas, e, sobretudo, conferia-lhes uma maior intimidade com as palavras. Os encontros, as conferências literárias previstas no estatuto da associação, corroboravam para o fortalecimento da palavra por ser da mesma natureza de outros tantos encontros em torno da palavra que se disseminavam no Paraná: os debates acalorados dos membros dos *clubs estudantis* e da Arcádia Paranaense, os sem-número de conferências dos integrantes da *Confederação Abolicionista* e dos clubs republicanos, as reuniões do grupo Cenáculo e do *Apostulado Literário*, as inúmeras tardes desfrutadas por estudantes preparatorianos da companhia de Rocha Pombo. Eram através desses encontros – despretensiosos, por vezes – que tinham por finalidade discutir, confraternizar, dividir experiências e projetos que se promovia a palavra e se permitia que ela operasse novas experiências.

²²¹ Idem: 64.

²²² Relatório apresentado á Assembléa Legislativa do Paraná, no dia 15 de fevereiro de 1876 pelo presidente da provincia, o excellentissimo senhor doutor Adolfo Lamenha Lins. Provincia do Paraná, typ. da Viúva Lopes, 1876: 55.

Apesar da peculiaridade de ter sido criada pelo governo, a *Sociedade Propagadora do Ensino* vinha no bojo da proliferação deste tipo de associação no Paraná. Conforme já assinalado quando tratamos dos *clubs estudantis*, organizar-se em associações que congregavam interesses e objetivos comuns foi característico do período em questão. As *Sociedade Literárias*, também inseridas neste contexto, marcaram igualmente a vontade de sociabilizar os interesses comuns, de criar oportunidades de fortalecimento das letras. Neste caso, isso se daria, especialmente, através da criação de bibliotecas. Ou seja, pelo viés da leitura. Ainda que o *Club Litterario de Paranaguá* também tenha criado espaços de escrita, através da fundação de publicações próprias. A associação manteve dois periódicos: o *Echo Litterario*, fundado no ano seguinte ao seu aparecimento, em 1873, e o *Itiberê*, surgido quase uma década depois, em 1882. Este último era impresso em prelo da própria associação, que também se dispunha a publicar outras obras, que lhe fossem encaminhadas²²³. De forma que a sociedade em questão inseria-se no processo de fomentação das letras por diferentes vertentes: propiciava leitura, escrita, circulação da escrita através da veiculação de suas publicações, além de um ambiente propício para encontros e debates.

Proporcionar um ambiente de conagração de pessoas era uma finalidade características das sociedades literárias. Muitas delas tinham isso registrado em seus estatutos que previam o oferecimento de cursos e um ambiente de estudos e discussões. Preenchendo, assim, um requisito norteador da fundação das Sociedades Literárias, a difusão e a sociabilização do saber. No estatuto de uma dessas associações, lê-se:

O art. 1.º [...] diz :

‘A associação Recreio Litterario tem por fim :

Contribuir para o desenvolvimento intellectual de seus membros, proporcionando-lhes um entretenimento util e agradável, por meio do estudo dos bons livros.

Promover discussões sobre theses scientificas e litterarias.

Formar uma bibliotheca de obras nacionaes e estrangeiras, para cujo fim a directoria irá promovendo a aquisição dos de reconhecida utilidade, havendo para esse fim os fundos necessários.

Instituir, quando as circunstancias da associação o permittirem, cursos de rhetorica, historia, geographia e philosophia, e de outros conhecimentos uteis’. [sic]²²⁴

²²³ Ver: LACERDA, Maria Thereza B. op.cit: 149.

²²⁴ Idem: 56.

Montada com o intuito de promover o conhecimento – seja ampliando-o, seja tornando-o mais acessível – o *Recreio Litterario*, uma associação curitibana, aliava a formação de uma biblioteca à fundação de um espaço de estudo. Lugar de encontro, de debate, de se tomar a palavra, de se debruçar sobre os livros, de discutir. Somava, portanto, a outros grupos que se formavam no Paraná que também tinham por característica promover a palavra, reunir homens que se interessassem pelos livros, pela escrita, pela discussão de temas atuais. As sociedades literárias eram, assim, espaços da palavra. Assim como eram espaços de descontração e confraternização: conforme propõe o estatuto do *Recreio Litterario*, a leitura era uma forma de entretenimento, uma maneira ‘útil e agradável’ de passar o tempo. Nisso também não se distinguem das demais associações de moços que vimos enumerando e caracterizando.

As *bibliotecas populares*, realização angular das sociedades litterarias – que em alguns casos também se dedicaram às atividades teatrais²²⁵ – constituíram-se, assim, espaços de encontro, para além da sua função de guardar livros. Nelas, os amantes dos livros se esbarravam, quiçá trocavam opiniões e indicações de leitura ou discutiam questões pujantes a respeito de alguma obra. Espalhava-se pelo Paraná um tipo de instituição até então praticamente inexistente, as bibliotecas, e com elas, instaurava-se novas formas de sociabilização, independente de quem eram os seus frequentadores. É difícil mapear quais grupos acessavam as bibliotecas e faziam empréstimos de livros. No entanto, a mera existência destas instituições evidencia o interesse pela leitura e propõe que se estabelecia uma circulação de livros. Quadro este que incrementa o interesse geral em torno das letras que se estruturava no Paraná.

A proliferação de bibliotecas remete-nos, portanto, a uma rede que perpassa o interesse pela leitura, a circulação dos livros e a formação de leitores. Como bem aponta Nelson Schapochnik, há uma espécie de consenso tácito, quando se pensa no século XIX, de que a leitura estivesse restrita a uma parcela diminuta da população, uma elite escolarizada e com algum poder aquisitivo. O que se torna, no entanto, relativizado quando se percebe a existência de lugares de leitura e de meios de circulação dos livros: depreende-se, a partir de então, que o ato de ler não corresponde ao que prescrevem

²²⁵ Além da montagem de peças, as associações que se dedicaram às atividades teatrais também se preocuparam com a construção de teatros. O teatro São João (da cidade da Lapa), existente ainda hoje, o teatro de Antonina e o Teatro São Teodoro (de Curitiba, rebatizado como teatro Guaíra, em 1900) são exemplos de iniciativas de *sociedades literárias*, embora nos dois últimos casos, tenha havido também investimento público nas construções. Sobre a questão, ver: LACERDA, Maria Thereza B. op.cit.

afirmações apressadas, ditas a partir de impressões e generalizações²²⁶. No Paraná, as *bibliotecas populares* contavam, em alguns casos, com acervos expressivos que igualavam ou superavam o número de obras da *Biblioteca Pública do Paraná*. É certo que esta última também tinha inúmeras dificuldades para se estruturar: não dispunha de prédio próprio – entre a sua fundação (1858) e a construção de um edifício próprio em 1954, trasladou-se constantemente, tendo sido alojada no *Liceu de Curitiba*, na *Tesouraria Provincial*, no *Museu Paranaense* e na *Câmara Municipal de Curitiba*, apenas nos restringindo ao século XIX – e seu acervo sofria constantes desfalques, devido a danos e extravios de obras²²⁷. Contudo, o que se quer ressaltar é a expressividade que as bibliotecas organizadas pelas *sociedades literárias* ganhavam, sobretudo em uma Província carente deste tipo de instituição.

Enquanto a *Biblioteca Pública do Paraná* dispunha, por exemplo, de 834 livros em 1875²²⁸, a biblioteca do *Recreio Litterario* – para citar uma associação que também se localizava na capital paranaense –, contava com 851 obras, na mesma época²²⁹. Apesar de serem organizações particulares, as *sociedades literárias* ganharam espaço nos documentos oficiais indicando que o próprio governo reconhecia a importância destas iniciativas. Assim, conforme registro sobre a situação das bibliotecas de Curitiba: “A biblioteca publica, ou antes, os poucos livros que a constituem, acham-se depositados n’uma sala do Instituto Paranaense [sic]”²³⁰. Em contra-partida, prossegue o documento: “Esta cidade, [...] possui um club de leitura mantidos pelos louváveis esforços de alguns cidadãos amantes das letras, e vê crescer de dia para dia, graças á animação dos particulares. É tempo de animar disposições que se revelam tão

²²⁶ SCHAPOCHNIK, Nelson. op.cit: 229-243.

²²⁷ As dificuldades enfrentadas pela *Biblioteca Pública do Paraná* estão registradas em vários relatórios de governo, especialmente na década de 1870. Para ilustrar a maneira como era abordada a questão, citamos uma passagem do presidente de Província Alfredo d’Escagnolle Taunay, que governou o Paraná entre 1885-1886. No seu governo, a biblioteca em questão ganhou uma sede própria e teve seu acervo bastante incrementado. “Quando cheguei a Província causou-me desagradável impressão a resumida collecção de livros que, fechados em armario de vidro, e n’um recanto do Instituto Paranaense, tinha o pomposo nome de *Bibliotheca do Paraná*, e ainda mais vexatório se me afigurou esse estado de cousas, quando tive sciencia certa de que muitas das obras alli existentes estavam truncadas [sic]”. Exposição com que S. Ex. o Sr. Dr. Alfredo d’Escagnolle Taunay passou a administração da Província do Paraná ao Exm. Snr. Dr. Joaquim de Almeida Faria Sobrinho, 1º vice-presidente a 13 de maio de 1886.

²²⁸ Ver: Relatório com que o excellentissimo senhor doutor Frederico José Cardoso de Araujo Abranches abriu a 2.ª sessão da 11.ª legislatura da Assembléa Legislativa Provincial no dia 15 de fevereiro de 1875. Curitiba, typ. da Viuva Lopes, 1875: 36.

²²⁹ Ver: Relatório apresentado á Assembleia Legislativa do Paraná no dia 15 de fevereiro de 1876 pelo presidente da provincia, o excellentissimo senhor doutor Adolpho Lamemha Lins. Provincia do Paraná, typ. da Viuva Lopes, 1876: 56.

²³⁰ Relatório apresentado á Assembléa Legislativa do Paraná no dia 15 de fevereiro de 1877 pelo presidente da provincia, o excellentissimo senhor doutor Adolfo Lamemha Lins. Curitiba, typ. da Viuva Lopes, 1877: 63.

felizmente por parte dos habitantes da capital [sic]”²³¹. As iniciativas particulares constituiriam não apenas a possibilidade de se montar bons acervos como de propagar bibliotecas pelo interior do Paraná, realizações que o governo da Província se sentia impotente para operar: “*Se não nos é possível fundar uma bibliotheca em cada um dos povoados da provincia, corre-nos o dever de corresponder, quando esteja em nossas forças, aos esforços dos nossos concidadãos, que se mostram possuidos dos mais dignos e louvaveis estimulos [sic]*”²³².

Com efeito, o número de *sociedades literárias* que surgiram no Paraná é significativo, bem como a maneira como se proliferavam pelo interior da Província, como se estruturavam em localidades pequenas, destituídas de muitos recursos. Uma tabela organizada por Maria Thereza Lacerda registrando as 61 associações por ela encontradas, indica não apenas as localidades em que estas surgiram, como as atividades a que se dedicaram (teatro e/ou biblioteca) e o nome de seu primeiro presidente²³³. As *sociedades literárias* mais ativas do Paraná foram as de Curitiba (*Recreio Litterario* e *Club Litterario Curitybano*), Paranaguá (*Club Litterario de Paranaguá*), Morretes (*Club Alpha*), Antonina (*Club Democratico Antoninense*), Lapa (*Associação Litteraria Lapeana*), Porto de Cima (*Club de leitura Portocimense*) e Campo Largo (*Club Litterario Campo Larguense*)²³⁴. Ainda que este tipo de associação também tenha surgido em outras localidades, como Arraial Queimado, Palmeira, Guaratuba, Superagui, Assungui, Rio Negro, Castro, São José dos Pinhães, Ponta Grossa, Guarapuava. E, mesmo estas associações menores, por mais modestas e tímidas que fossem as investidas, centraram-se no interesse pelos livros e pela leitura, através da criação de bibliotecas. Apenas o *Club Litterario Guarapuavano* não conseguiu montar o seu acervo²³⁵.

Tais bibliotecas surgiam e se estruturavam com a mesma ordem de dificuldades: contavam com doações particulares, requeriam ajuda ao Estado, não dispunham de sede própria, sendo, por isso, obrigadas a transladar-se constantemente de endereço. As dificuldades financeiras eram, portanto, uma constante. Isso não impediu, contudo, que algumas sociedades conseguissem montar bibliotecas com número expressivo de livros, como é o caso do *Club Litterario de Paranaguá* que contava com 1101 volumes já no

²³¹ Idem: *Ibdem*.

²³² *Ibdem*: *Ibdem*.

²³³ LACERDA, Maria Thereza B. *op.cit*: 126-128.

²³⁴ Idem: 130.

²³⁵ *Dicionário histórico-biográfico do Paraná*. *op.cit*: 478. [verbete Sociedades Literárias, de Cassiana Lacerda Corollo].

ano de sua fundação (1873), chegando a 2860 exemplares em 1882²³⁶. Tais números são significativos para o contexto que estamos tratando. A *Biblioteca Pública do Paraná* – para o leitor ter uma referência – contava com 2161 volumes em 1886, depois do trabalho de uma comissão estipulada pelo então presidente da Província, Alfredo d’Escragnolle Taunay, para angariar donativos em dinheiro e livros para equipar a biblioteca, que acrescentou 1597 livros ao acervo que contava com 564²³⁷. No entanto, em se tratando das *bibliotecas populares* – ainda que o raciocínio também valha para a *Biblioteca Pública* –, o êxito de tais projetos não pode ser medido apenas pelo volume de livros em suas estantes. O mero esforço por se montar bibliotecas, acervos que ficariam à disposição de uma coletividade, propõe que se organizava no Paraná um circuito de livros através da formação de *espaços formais de leitura*²³⁸. Os livros ganhavam, pouco a pouco, lugar e interesse.

A constituição de espaços que guardavam e disponibilizavam livros, em torno do qual homens se organizavam, não apenas a fim de estruturar um acervo, como para desfrutarem de um espaço comum de socialização e leitura, contribuía para congregá-los, integrando e estruturando uma rede de circulação de livros. E isso se dá mesmo em bibliotecas que não tivessem um número excessivo de obras: ao organizarem-se em torno destas instituições, seus freqüentadores marcavam o interesse e a importância que conferiam aos livros e à leitura. Vale lembrar que montar uma biblioteca exige recursos financeiros e que isso era uma dificuldade para as *sociedades literárias*. A existência de bibliotecas e a forma como se proliferavam propõem também que houvesse – ou se formasse então – leitores. Se é difícil determinar exatamente quem eram os freqüentadores das *bibliotecas populares*, pode-se dizer, ao menos, que esses existiam; que tais bibliotecas conseguiram angariar leitores e que estes não estavam restritos a seus sócios, ainda que fossem majoritariamente freqüentadas por estes. Assim nos indica as próprias administrações das bibliotecas que costumavam contabilizar a freqüência dos usuários. Aleatoriamente, selecionamos alguns desses indicativos:

Club Litterario Curitybano – Possue a bibliotheca 702 volumes de diversas obras. Durante o anno de 1876 foi visitada por 166 pessoas de fóra, que consultaram diferentes obras e jornaes. O

²³⁶ LACERDA, Maria Thereza. op.cit: 139.

²³⁷ Ver: Exposição com que S. Ex. o Sr. Dr. Alfredo d’Escragnolle Taunay passou a administração da Província do Paraná ao Exm. Snr. Dr. Joaquim de Almeida Faria Sobrinho, 1.º vice presidente a 3 de maio de 1886: 84-85.

²³⁸ SCHAPOCHNIK, Nelson. op.cit: 231.

*numero de visitas feitas pelos sócios subiu a 1058. Foram consultadas pelos menos 237 obras em 304 volumes [sic]*²³⁹.

*Associação Litteraria Lapeana – Fundada em 29 de Julho de 1873, possui a bibliotheca deste club, actualmente, 400 volumes dos quaes foram consultados 209 por 39 leitores [sic]*²⁴⁰.

*Club Democratico Antoninense – Durante o semestre passado a frequencia dos socios elevou-se a 2241 vezes. Alem das dos socios recebeu o club mais 75 visitas de pessoas do município, e de fora delle [sic]*²⁴¹.

As *bibliotecas populares* eram, caracteristicamente, instituições abertas ao público²⁴², apesar de serem resultado de iniciativas particulares e serem mantidas, em boa medida, pelo pagamento de mensalidade de seus sócios. Como as *sociedades literárias* (da qual, aliás, eram iniciativas), tais bibliotecas tinham por finalidade contribuir para uma maior difusão do conhecimento, alcançar um público leitor mais amplo que seu quadro de sócios. Não se montava bibliotecas apenas para si, mas para disponibiliza-las a uma localidade e a uma coletividade. Nesse sentido, operavam um processo de incremento à formação de leitores e ao círculo de leitura. Além de serem espaços de leitura, as bibliotecas permitiam o empréstimo de livros. Com isso, favorecia que os usuários pudessem melhor desfrutar dos livros e da leitura, fortalecendo o processo supracitado. Favorecia igualmente que mesmo quem não frequentasse as bibliotecas tivesse acesso ou contato com os livros, que circulariam em ambientes domésticos. Salienta-se ainda, com relação à formação de um círculo de leitores, a presença feminina nestas instituições: conforme indica o *Club São Joseano* (de São José dos Pinhães), sua biblioteca contou nos primeiros meses que seguiram a sua fundação com visitas de leitores de ambos os sexos²⁴³. Os estatutos das *sociedades literárias* não

²³⁹ Relatório apresentado á Assembléa Legislativa do Paraná no dia 15 de fevereiro de 1877 pelo presidente da provincia, o excellentissimo senhor doutor Adolfo Lamenha Lins. Curityba, typ. da Viuva Lopes, 1877: 64.

²⁴⁰ Idem: 65.

²⁴¹ Relatório apresentado á Assembléa Legislativa do Paraná no dia 15 de fevereiro de 1876 pelo presidente da provincia, o excellentissimo senhor doutor Adolfo Lamenha Lins. Provincia do Paraná. typ. da Viuva Lopes, 1876: 57.

²⁴² Ver: Idem: 240.

²⁴³ “*Club S. Joseano – Foi fundado este club na villa de S. José dos Pinhães em 15 de Outubro de 1876 e possui a sua bibliotheca 50 volumes, tendo sido visitada por 25 leitores de ambos os sexos*”. Relatório apresentado á Assembléa Legislativa do Paraná no dia 15 de fevereiro de 1877 pelo presidente da provincia, o excellentissimo senhor doutor Adolfo Lamenha Lins. Curityba, typ. da Viúva Lopes, 1877: 65.

costumavam vetar a participação de mulheres, ainda que fossem associações eminentemente masculinas.

Esboça-se, assim, algumas referências sobre possíveis leitores e condições de leitura. O empenho pela formação de bibliotecas e pela difusão da leitura, o registro da frequência de leitores nas dependências das bibliotecas e o empréstimo de livros denotam que a circulação dos livros acontecia em uma rede mais ampla que aquela circunscrita aos moços já previamente identificados e nomeados nesta pesquisa. Por diferentes vias, incrementava-se o gosto pela leitura no Paraná, importante peça no processo de difusão, de livre circulação da palavra escrita. Afinal, sem leitores, a escrita e os escritores não teriam como se estabelecer. Com a formação de leitores, ampliava-se o circuito de circulação da palavra. O aparecimento e o incremento das bibliotecas ampliavam, assim, as possibilidades de experiências de leitura e de circulação da escrita, participando do processo de fortalecimento das letras.

Havia, portanto, diferentes forças conjurando em favor do fortalecimento das letras, da escrita, dos livros, da leitura. Movimentavam todos a mesma engrenagem. Lendo, escrevendo, proferindo discursos, discutindo questões políticas ou literárias, moços paranaenses envolviam-se no processo de constituição de um meio literário e de livre circulação da palavra. Na tabela organizada por Maria Thereza Lacerda, alguns nomes dos presidentes de associações são facilmente identificáveis por terem se destacado na política. Citamos assim, Ildefonso Pereira Correia – já conhecido pelo leitor – primeiro presidente do *Club Curitibano*. Agostinho Ermelino de Leão, Joaquim de Almeida Faria Sobrinho e Generoso Marques dos Santos foram vice-presidentes de Província. O último foi também deputado e senador. O primeiro foi idealizador, fundador e diretor do *Museu Paranaense*. Esses homens da política também tiveram, assim, sua participação no fortalecimento das letras. O fizeram, não no exercício de cargos públicos, mas presidindo associações particulares que fundaram bibliotecas.

As bibliotecas – seja as das sociedades literárias, seja a *Biblioteca Pública do Paraná* – participavam do processo de fortalecimento das letras ao fomentar, apenas pela sua existência, a leitura. Ainda que também constituíssem espaços de encontro para reunir os amantes das letras, propiciando outras experiências ligadas ao fomento da palavra: assim, a *Arcádia Paranaense* teve a sua fundação solene no salão da *Biblioteca Pública*, em 19 de dezembro de 1887²⁴⁴. Da mesma maneira, a formação do grupo

²⁴⁴ LACERDA, Maria Thereza B. op.cit: 139.

Cenáculo – que o leitor conhecerá em breve – aconteceu, em boa medida, a partir de um encontro entre Dario Vellozo e Antonio Braga na biblioteca do *Club Curitibano*²⁴⁵. Além dessa indicação de que Dario Vellozo e Antonio Braga freqüentavam a biblioteca recém-referida, não foi possível determinar ao certo se outros dos moços que se tornaram literatos freqüentavam as bibliotecas da Província/Estado. No entanto, tal hipótese não é descartada: tendo em vista que as *bibliotecas populares* surgiram e mantiveram-se em funcionamento, predominantemente, entre 1871 e 1892 (começaram a declinar após a Revolução Federalista)²⁴⁶, período em que os moços tornavam-se leitores e sedimentavam suas relações com os livros e com a literatura. Aliado a isso, tais bibliotecas ocuparam regiões nas quais nasceram e cresceram muitos dos nomes que tratamos nesta pesquisa, o que permite inferir que esses moços possam ter freqüentado *bibliotecas populares*.

Quanto à *Biblioteca Pública do Paraná*, sabe-se que Silveira Netto – que lá trabalhou – costumava levar livros desta instituição para os amigos lerem²⁴⁷. “A biblioteca, n’um concílio ecumênico das Letras, ostenta, repleta e rica, o seu poder superior de crisalida fecunda das civilizações”²⁴⁸, sustenta aquele poeta, defendendo a importância desse tipo de instituição. Sua presença na *Biblioteca Pública* facilitou que obras literárias chegassem às mãos de outros moços, colegas seus e amantes da leitura como ele. Assim, atos de repassar o que liam uns para os outros estimulavam a formação de circuitos de circulação dos livros. Lembramos que isso também acontecia por outras vias: Emiliano Pernetta, quando estudava em São Paulo, trazia as novidades literárias que passavam a circular entre os moços de Curitiba como verdadeiras preciosidades. Assim, a relação entre leitura e a constituição de um meio literário dá-se também porque os escritores eram – e foram primeiramente – leitores. Daí a inferência de que possam ter sido freqüentadores das bibliotecas que, por sinal surgiram no Paraná justamente no período que coincide com as suas mocidades.

Nas bibliotecas, os moços em questão bem como todos aqueles que as freqüentassem acessariam, predominantemente, romances. As obras técnicas não tinham

²⁴⁵ SILVEIRA NETTO, Manoel Azevedo da. *O Cenáculo*. Revista do Club Curitibano. Curitiba, 30 de novembro de 1894. Anno V. N.º 18: 2.

²⁴⁶ LACERDA, Maria Thereza B. op.cit: 123.

²⁴⁷ Idem.

²⁴⁸ SILVEIRA NETTO. *Em riste*. Revista do Club Curitibano – Orgam da Associação. Revista Quinzenal. Instrução e Recreio. Redacção: Alberto José Gonçalves, João Ferreira Leite, Silveira Netto. Curitiba, 6 de janeiro de 1895. Anno VI. N.º 14:6.

muito lugar nas *bibliotecas populares* e, ao que tudo indica, na *Biblioteca Pública* também não²⁴⁹. A respeito daquelas, Maria Thereza Lacerda aponta:

*Em todas as coleções de bibliotecas associativas predominavam as humanidades. [...] Evidentemente, as bibliotecas das associações tinham por objetivo o recreio, a distração. Visavam o lazer de seus associados, não pretendendo fornecer material para estudo e pesquisa. Era natural, pois, que 80% das obras fossem romances e que este fosse o gênero de leitura mais procurado*²⁵⁰.

Sendo assim, o alargamento do círculo de leitores e a preferência manifestada pelas humanidades – pela leitura de romances franceses, portugueses ou dos autores românticos nacionais²⁵¹ – propõem que a literatura não era voz que não produzisse ecos no Paraná.

3.3 o grupo *Cenáculo*

Um grupo de moços começava a se reunir em Curitiba nos idos em 1893. O grupo, chamado *Cenáculo* pelos seus integrantes, tinha por finalidade possibilitar encontros que proporcionassem experiências de leitura, escrita e oratória, comungando identificações comuns. Aproximava-se, nesse sentido, de outras tantas iniciativas que se articulavam no Paraná de promoção da palavra, nas suas múltiplas possibilidades de expressão. As tais reuniões e a própria montagem do grupo tinham, assim, o mesmo espírito das visitas de certos estudantes secundaristas a Rocha Pombo ou do habitual empréstimo de livros efetuado entre a mocidade paranaense amante das letras. Ou seja, aos tais cenaculistas interessavam forjar momentos em que pudessem congregar e dividir idéias, conhecimentos, projetos e produzir coisas novas. Nesse sentido, o fortalecimento da palavra foi um acontecimento que teve uma dimensão de coletividade.

No que concerne ao *Cenáculo*, o grupo ficou marcado na história literária do Paraná, sobretudo por ser considerado um dos núcleos principais de gestação do Simbolismo. Era formado por um pequeno número de componentes: Dario Vellozo,

²⁴⁹ Os relatórios de governo, quando tratam da importância de se adquirir livros para a Biblioteca Pública ou da liberação de verbas para esse fim, falam sempre de obras de cunho literário tanto em língua portuguesa, quanto estrangeira. Isto não quer dizer, em absoluto, que a biblioteca não dispusesse também de um acervo de obras técnicas.

²⁵⁰ LACERDA, Maria Thereza B. op.cit: 145.

²⁵¹ Idem: *Ibidem*.

Silveira Netto, Julio Pernetta e Antonio Braga formavam o quarteto. Deles, o leitor já tem algumas referências, exceto de Antonio Braga, poeta parnasiano que não teve muita expressão no meio literário curitibano²⁵². Tratamos, assim, de um grupo cujos membros fizeram nome nas letras paranaenses. Para Emiliano Pernetta, “*o grupo Cenaculo marcou a epocha mais luminosa e productiva da Litteratura no Paraná [sic]*”²⁵³. A experiência de agruparem-se foi constitutiva da formação desses moços, além de referendar o já conhecido interesse que tinham pelas letras e por ser agente da sua propagação. Diferentemente de outras experiências semelhantes de exercício da palavra que se estruturavam no Paraná, o grupo *Cenáculo* contou com o testemunho escrito de um de seus membros detalhando como procediam as reuniões e as motivações que os identificavam e os irmanavam. Tal testemunho permite o acesso ao funcionamento *por dentro* de tais reuniões, permitindo verificar como percebiam e se relacionavam com a palavra e com o processo da escrita no qual se inseriam.

Silveira Netto é quem nos fornece os detalhes da formação do grupo e os pormenores sobre o desenvolvimento das suas reuniões, em uma série de artigos publicados na revista do *Club Curitibano*, entre o final de 1894 e o início de 1895. Nesses textos, ele delinea o caráter do *Cenáculo* e os elementos que identificavam seus componentes. Silveira Netto conta que o grupo formou-se paulatinamente: “*Um dia, não sei quando e nem por que, fui apresentado á um rapaz muito moço, imberbe como eu e como eu myope [sic]*”²⁵⁴. Tratava-se de Antonio Braga, simpatizante da lira e do “*plecto generoso de Casimiro de Abreu e de Varella [sic]*”²⁵⁵. O estreitamento das relações entre ambos parecia algo certo, irremediável, devido aos “*sentimentos homogêneos, ainda não accentuados, ainda não bem definidos [sic]*”²⁵⁶, despertados logo no princípio da convivência. Uma empatia recíproca estabeleceu um forte elo entre eles. Uma afinidade mútua os identificava. Uma afinidade que faz lembrar a mencionada por Goethe em um de seus romances: “*aos corpos que, ao se encontrarem, se prendem ao*

²⁵² As referências biográficas a respeito de Antonio Braga são bastante escassas. Não encontrei vinculações do seu nome fora de referências ao grupo *Cenáculo*. Nasceu em Curitiba, em 1874. Colaborou com publicações locais, como a revista do *Club Curitibano*, *O Futuro*, *Revista Azul*, *O Cenáculo*. Desta última foi redator. Ver: *O Cenáculo*. Revista do Club Curitibano. Curitiba, 15 de maio de 1895. Anno VI. N.º 9: 5.

²⁵³ PERNETTA, Emiliano. Litteratura. Revista do Club Curitibano – Orgam da associação. Revista mensal. Instrução e recreio. Distribuição gratuita aos sócios. Director litterario: Dario Vellozo. Curityba, 03 de maio de 1900. [Número especial: O Paraná no centenário do descobrimento do Brasil].

²⁵⁴ SILVEIRA NETTO. *O Cenáculo*. Revista do Club Curitibano – Orgam da associação. Revista quinzenal. Instrução e Recreio. Redacção: Alberto José Gonçalves, João Ferreira Leite, Dario Vellozo. Curitiba, 30 de novembro de 1894. Anno V. N.º 18: 02.

²⁵⁵ Idem: 03.

²⁵⁶ Ibidem: 02.

*mesmo instante, um ao outro, e mutuamente se fixam, chamamos afins*²⁵⁷. De modo que era apenas uma questão de tempo a partilha de um maior número de vivências e experiências entre os dois.

Mais tarde, Silveira Netto conhece Dario Vellozo, “*outro moço imberbe também, mas não myope, que merecia o nosso respeito pela intelligencia que revelava e nobre afinco ao labor dos livros [sic]*”²⁵⁸. No entanto, a princípio davam-se apenas por cortesia²⁵⁹. Dario trabalhava então na redação da revista do *Club Curitibano* e escreveu folhetins em que se referia a Antonio Braga com uma certa ironia²⁶⁰. Então, em um desses “*rudes encontrões do acaso*”²⁶¹, Dario Vellozo e Antonio Braga esbarram-se na biblioteca do *Club Curitibano* e protagonizam uma discussão: “*sentados á meza, em frente um do outro, punhos cerrados, olhares firmes e desafiantes, discutiam a razão e os corolários dos folhetins [sic]*”²⁶². As palavras revelavam-se, então, como as grandes *armas* daqueles homens. Contudo, passando o ímpeto inicial da discussão, aquelas vão se tornando mais brandas, “*a aragem da calma toma o logar ao tufão da cólera [sic]*”²⁶³ e enceta-se ali uma profícua amizade, resultado de um fecundo *jogo de polaridades, atrações e repulsões*²⁶⁴. As restrições iniciais acabam se revertendo em uma amizade sincera, sobretudo depois que Silveira Netto e Antonio Braga percebem que o Dario “*trilhava egual vereda de sonhos e de sentimentos [sic]*”²⁶⁵ que eles. Assim, no dizer de Silveira Netto sobre o estreitamento da amizade entre os três, “*formámos então a triplice alliança [sic]*”²⁶⁶.

A entrada de Julio Pernetta no grupo deu-se, sobretudo, pela aproximação que este já tinha com Dario Vellozo, que era, inclusive, freqüentador da casa deste poeta. Segundo Silveira Netto: “*Pernetta há muito que privava intimamente com o Dario, eram amigos velhos; tinha relações amistosas com o Braga e eu o conhecia*

²⁵⁷ GOETHE, Johann Wolfgang. *Afinidades Eletivas*. [Tradução: Conceição G. Sotto Maior]. Rio de Janeiro: Ediouro, s/d: 56.

²⁵⁸ SILVEIRA NETTO. O Cenaculo Revista do Club Curitibano – Orgam da associação. Revista quinzenal. Instrução e Recreio. Redacção: Alberto José Gonçalves, João Ferreira Leite, Dario Vellozo. Curitiba, 30 de novembro de 1894. Amo V. N.º 18: 02.

²⁵⁹ Idem: 03.

²⁶⁰ Ibidem: Idem.

²⁶¹ Idem: Ibidem.

²⁶² Ibidem: Ibidem.

²⁶³ Ibidem: Ibidem.

²⁶⁴ GOETHE, Johann Wolfgang. op.cit.

²⁶⁵ SILVEIRA NETTO. O Cenaculo. Revista do Club Curitibano – Orgam da associação. Revista quinzenal. Instrução e Recreio. Redacção: Alberto José Gonçalves, João Ferreira Leite, Dario Vellozo. Curitiba, 30 de novembro de 1894. Amo V. N.º 18: 02

²⁶⁶ Idem: 03.

ceremoniosamente [sic]²⁶⁷. Estava, dessa forma, formado o grupo *Cenáculo*, que teve lugar no cenário intelectual e cultural curitibano da última década do século XIX. Os quatro amigos foram responsáveis pela publicação de diversos artigos em periódicos locais, além de terem fundado uma revista própria, *O Cenáculo*, que circulou em Curitiba entre 1895 e 1897. Quando a revista surgiu, por ocasião do afastamento de Antonio Braga – que seguia para São Paulo a fim de ingressar na faculdade de Direito – o grupo, que se formara em 1893, já estava consolidado²⁶⁸.

Além da publicação de uma revista própria, os moços também projetavam lançar livros de poesia ou prosa escritos por paranaenses, com o ensejo de formar uma biblioteca: “*a bibliotheca será, naturalmente, resumida, porem contendo o bastante para attestar aos centros mais desenvolvidos do Brazil o quanto já fazemos pelo fecundo cultivo educador das Lettras, pela regeneradora implantação luminosa da Arte* [sic]²⁶⁹”, explica Silveira Netto. A primeira obra a ser publicada seria *Peregrinas*, um livro de poemas de Lycio de Carvalho, poeta que falecera precocemente, de um colapso cardíaco, em janeiro de 1893²⁷⁰. Com o lançamento de livros, da revista ou mesmo a publicação de artigos nos periódicos locais, os moços do *Cenáculo* engrossavam o interesse pelas letras que se arrematava com a palavra escrita, ganhando corpo e perenidade no papel. Referindo-se à fundação de uma biblioteca de títulos paranaenses, Silveira Netto enfatiza: “*urge que mais um brado se levante em favor da educação e da instrucção do povo em geral, e esse brado é da Arte e da Sciencia que há de sahir: a Arte e a Sciencia em toda a severa plenitude magestosa com que têm arabescado as mais severas paginas da Historia* [sic]²⁷¹. Os livros e as revistas estariam, assim, a serviço da efetivação, do fortalecimento das artes e da ciência no Paraná.

Era em meio a xícaras de café, a leitura de algum livro ou um momento de descontração que surgia, entre os cenaculistas, a palpitante questão da publicação de livros, revistas e artigos. Os quatro moços costumavam se encontrar na casa de Dario Vellozo, a propriedade nos arredores de Curitiba a qual este chamava, carinhosamente,

²⁶⁷ SILVEIRA NETTO. *O Cenaculo*. Revista do Club Curitibano – Orgam da associação. Revista quinzenal. Instrucção e Recreio. Redacção: Alberto José Gonçalves, João Ferreira Leite, Dario Vellozo. Curitiba, 28 de fevereiro de 1895. Anno 6. N.º 04: 07.

²⁶⁸ SILVEIRA NETTO. *O Cenáculo*. Revista do Club Curitibano – Orgam da associação. Revista quinzenal. Instrucção e Recreio. Redacção: Alberto José Gonçalves, João Ferreira Leite, Dario Vellozo. Curitiba, 15 de março de 1895. Anno VI. N.º 06: 02.

²⁶⁹ SILVEIRA NETTO. Respingas. Revista *O Cenáculo*. Anno I. Tomo I., 1895: 25.

²⁷⁰ Sobre Lycio de Carvalho, ver: *Lycio de Carvalho*. Revista do Club Curitibano – Orgam da associação. Revista quinzenal. Instrucção e Recreio. Distribuição gratuita aos sócios. Redacção: Alberto José Gonçalves, João Ferreira Leite, Dario Vellozo. Curityba, 31 de janeiro de 1893. Anno IV. N.º2: 01.

²⁷¹ SILVEIRA NETTO. Respingas. Revista *O Cenáculo*. Anno I. Tomo I., 1895: 25.

de *Retiro Saudoso*, em referência a propriedade em que passara a infância, no bairro de São Cristóvão no Rio de Janeiro, que tinha o mesmo nome. No porão da casa, onde se alojava a vasta biblioteca da família, os cenaculistas se reuniam. Pelas paredes do cômodo, junto às *pesadas e repletas estantes de livros*²⁷², contemplava-se retratos de poetas nacionais e estrangeiros²⁷³, formando, assim, um ambiente acolhedor e propício para moços voltados a reverenciar o saber. Lá, conforme lembra Silveira Netto, “*passávamos horas inteiras manuseando livros, discutindo questões de musculo e de intelligencia, estabelecendo planos de trabalho e sonhando [sic]*”²⁷⁴. Estas ocasiões foram essenciais para a constituição do caráter do grupo e o ajuste das afinidades e diferenças entre aqueles homens, que *não tinham relações consangüíneas, mas eram espiritualmente parentes pela alma*²⁷⁵.

Uma afinidade especial os unia e, como o próprio nome do grupo propunha, idéias e objetivos comuns eram os elementos que sedimentavam a amizade que nutriam entre si e davam coesão às reuniões que, conforme mencionou Silveira Netto, constituía uma verdadeira *celebração das letras*²⁷⁶. Inspirado na leitura do romance *Au Maroc*, de Pierre Loti, Silveira Netto faz uma digressão nos seus escritos sobre a maneira como se montou o grupo *Cenáculo*, para refletir sobre o valor e a raridade de se encontrar amizades verdadeiras. A partir do escritor francês, sentencia: “*existe a amizade intellectual; esta irmanisa [...] os corações, porque ela se firma na Arte e a Arte não mente [sic]*”²⁷⁷. O cenaculista apontava, dessa forma, não apenas a natureza da amizade que unia os quatro moços, como fundamentava a arte como portadora de uma verdade que a tornava imprescindível para eles.

A amizade, tão rapidamente iniciada, efetivou-se pela identificação e respeito intelectual que tinham entre si e foi consolidando-se com a convivência, na sucessão de

²⁷² SILVEIRA NETTO. O Cenáculo. Revista do Club Curitibano – Orgam da associação. Revista quinzenal. Instrução e Recreio. Redacção: Alberto José Gonçalves, João Ferreira Leite. Curitiba, 30 de setembro de 1894. Anno V. N.º14: 02.

²⁷³ Idem: Ibidem.

²⁷⁴ SILVEIRA NETTO. O Cenáculo. Revista do Club Curitibano – Orgam da associação. Revista quinzenal. Instrução e Recreio. Redacção: Alberto José Gonçalves, João Ferreira, Dario Vellozo. Curitiba, 30 de novembro de 1894. Anno V. N.º 18: 03.

²⁷⁵ GOETHE, Johann Wolfgang. op. cit: 57.

²⁷⁶ SILVEIRA NETTO. O Cenaculo. Revista do Club Curitibano – Orgam da associação. Revista quinzenal. Instrução e Recreio. Redacção: Alberto José Gonçalves, João Ferreira Leite. Curitiba, 15 de dezembro de 1894. Anno V. N.19.

²⁷⁷ SILVEIRA NETTO. O Cenaculo. Revista do Club Curitibano – Orgam da associação. Revista quinzenal. Instrução e Recreio. Redacção: Alberto José Gonçalves, João Ferreira Leite. Curitiba, 31 de janeiro de 1895. Anno VI. N.05: 06.

reuniões que realizavam. Nessas, organizavam atividades ligadas à oratória, escrita e leitura. Conforme lembra Dario Vellozo,

Líamos e discutíamos: idéias anavahantes, fabulosas empresas avultavam, desmoronavam, num fragor de catapultas, num trágico estrugir de dinamites reivindicadoras. Rápidas, fugiam as horas, imperceptíveis, esfolhando roas, esgarçando arminhos. Declamávamos Hugo e Murat, penetrávamos corajosamente Darwin, Haeckel, Leautréamont, Comte, Spencer... Leconte de Lisle e Shakespeare usufruíam cultos particulares; através de Dante, amávamos Beatriz; através de Petrarca, beijávamos os cílios de Laura [sic]²⁷⁸.

Esses estudos tinham, assim, um cunho arrebatador na vida e na formação desses moços cenaculistas. Juntos, descobriam a pujança da vida intelectual. Para estimular os trabalhos, organizaram concursos entre si, nos quais um tema ou uma obra (artística ou literária) era escolhido em comum acordo e era tratada, por cada um deles, em prosa ou em verso²⁷⁹. Promoviam também conferências uns para os outros, o que implicava em uma preparação que incluía um diversificado exercício da palavra (além da defesa de seus argumentos através da oratória, preparavam-se previamente lendo e escrevendo). Liam textos conjuntamente, por vezes escolhidos na hora, diretamente das estantes da biblioteca da casa do *Retiro Saudoso*; liam e discutiam seus próprios escritos ou debatiam questões relativas aos interesses do grupo. Qualquer uma dessas atividades eram momentos de análise e criação, seriedade e descontração, como era característico, aliás, das reuniões cenaculistas.

Conforme, Silveira Netto a respeito de tais experiências de exercício da palavra: “A ideia que resultou para nós labutar da palavra escripta e falada não representa somente a amizade intellectual, mas a afinidade de vistas e de sentimentos [sic]”²⁸⁰. Assim, os unia também a partilha de momentos agradáveis, de descontração e riso, que poderia contar com as anedotas de Julio Pernetta – *onde ele se encontra a anedota e a*

²⁷⁸ VELLOZO, Dario. Apud: Dicionário histórico-biográfico do Paraná. Curitiba: Chaim, 1991: 64-65 [verbete O Cenáculo: o grupo, a revista].

²⁷⁹ Serviu de mote para os concursos, entre outros: o *Cântico do Calvário* de Fagundes Varela e o quadro *Jesu-Christ*, de Luiz Veullot. Este último gerou sonetos de autoria de Dario Vellozo, Silveira Netto e Antonio Braga. Ver: SILVEIRA NETTO. *O Cenáculo*. Revista do Club Curitibano – Orgam da associação. Revista quinzenal. Instrução e Recreio. Curitiba, 15 de fevereiro de 1895. Anno VI. N.º 03: 8.

²⁸⁰ SILVEIRA NETTO. *O Cenáculo*. Revista do Club Curitibano – Orgam da associação. Revista quinzenal. Instrução e Recreio. Redacção: Alberto José Gonçalves, João Ferreira Leite, Dario Vellozo. Curitiba, 31 de janeiro de 1895. Anno VI. N.º 05: 06.

*gargalhada franca predominam*²⁸¹ –, com os retratos feitos a lápis ou à pena por Silveira Netto, bem como com o Dario tocando flauta ou o Braga dedilhando o piano²⁸². Esse ambiente de simpatia e coleguismo, marcado pela predisposição e pelo desejo de estar juntos, compartilhar experiências, conhecimentos e afetos, em muito lembra um tipo de relação *elevada*, a qual Goethe chama de *afinidade eletiva*:

*Nesse desprendimento e nessa atração, nessa figura e nessa busca, julgamos ver, em verdade, uma determinação mais elevada; conferimos a esses seres uma espécie de vontade e preferência, e assim se justifica completamente o termo 'afinidades eletivas'*²⁸³

O porão da casa de Dario Vellozo, onde os cenaculistas exercitavam a sua arte e estreitavam cada vez mais as relações, chegou, em certos períodos, a recebê-los em visitas diárias²⁸⁴. A respeito desta época, Silveira Netto menciona que Dario Vellozo trabalhava na escrita de um livro de versos, futuramente publicado com o título *Esquifes*²⁸⁵. Tratava-se do seu segundo livro, pois já havia publicado um volume de poesias (*Efêmeras*), em 1890. Sobre a preparação de *Esquifes*, Silveira Netto nos dá a entender que o espaço das reuniões do *Cenáculo* era importante, pois lá Dario poderia ler de antemão seus escritos e contar com as críticas dos amigos. É numa dessas reuniões também que Silveira Netto, valendo-se do seu talento para o desenho, ilustra o frontispício do livro, bem ao gosto dos poetas simbolistas: “*tive a satisfação de fazer á penna um desenho onde se estendia silencioso e fatal, morturio canto do cemiterio, com frondoso e desolado salgueiro derramando seos compridos galhos esguios sobre uma catacumba [sic]*”²⁸⁶. O gosto pelo desenho também o leva a retratar o grupo e elaborar o

²⁸¹ SILVEIRA NETTO. O Cenaculo. Revista do Club Curitibano – Orgam da associação. Revista quinzenal. Instrução e Recreio. Redacção: Alberto José Gonçalves, João Ferreira Leite, Dario Vellozo. Curitiba, 28 de fevereiro de 1895. Anno VI. N.º 04: 06.

²⁸² Idem: Ibidem.

²⁸³ Goethe, Johann Wolfgang. op. cit: 59.

²⁸⁴ Silveira Netto. O Cenáculo. Revista do Club Curitibano – Orgam da associação. Revista quinzenal. Instrução e Recreio. Redacção: Alberto José Gonçalves, João Ferreira Leite, Dario Vellozo. Curitiba, 31 de janeiro de 1895. Ano VI. N.º 05: 07.

²⁸⁵ SILVEIRA NETTO. O Cenáculo. Revista do Club Curitibano – Orgam da Associação. Revista quinzenal. Instrução e Recreio. Redacção: Alberto José Gonçalves, João Ferreira Leite, Dario Vellozo. Curitiba, 30 de setembro de 1894. Anno V. N.º 14: 03.

²⁸⁶ Idem: Ibidem. Susan Buck-Morss apresenta em seu livro *Dialética do olhar: Walter Benjamin e o Projeto das Passagens* alguns estudos feitos para o frontispício de *Flores do Mal* e neles encontramos imagens de cemitério, caveira, árvores desfolhadas, destruição, morte. Ver: BUCK-MORSS, Susan. Natureza Histórica: Ruína. IN: *Dialética do olhar: Walter Benjamin e o Projeto das Passagens*. Belo Horizonte/Chapecó: UFMG/Argos, 2002: 240-245.

brasão cenaculista, ambos perdidos, infelizmente, em um incêndio no *Templo das Musas*, em 1987²⁸⁷.

O porão era um lugar de partilha, um lugar onde se dividia experiências e se agregava e se construía conhecimentos. Era lugar onde trabalho e lazer se confundiam dado o prazer que tinham em estar juntos, ler, escrever e discutir. Nesse sentido, o cômodo no qual se reuniam era um lugar especial, envolto por uma certa magia: “*alli aspiravamo o ar de uma vida superior, na independencia de espirito e de character, genuflexando extasiado resoluto o nosso esforço ao genio e ao trabalho, contidos em tantas paginas que nos rodeavam [sic]*”²⁸⁸. Logo na entrada, o visitante era prevenido com a seguinte inscrição: “*Vós que entraes, deixas fora o burguesismo [sic]*”²⁸⁹, à inspiração da inscrição da porta do inferno de *A Divina Comédia*, de Dante Alighieri, onde lia-se: “*Vós que entrais, deixai toda a esperança*”. Assim, com a frase pregada sobre a porta, os cenaculistas indicavam que, da mesma forma que para se adentrar no inferno Dantesco, era necessário deixar algo para traz. No caso do porão de Dario Vellozo – chamado de Karoim pelos cenaculistas – o que se requeria era o abandono de visões estreitas e preconceituosas e da falta de inclinação para as coisas de cultura e arte, geralmente associadas ao burguês. O ambiente exigia certos despojamentos, ou melhor, os trabalhos que interessavam aqueles moços fazer – que implicava na produção de arte – demandava a disponibilidade de se despojar de certos *vícios* para se obter a abertura e a leveza necessárias para a constituição de algo novo.

O desejo do *novo* era algo que atravessava a própria condição de artistas que eram, recaindo diretamente nas suas produções. Ligava-se também ao desejo que tinham de contribuir para a constituição de um Paraná cultural e intelectualmente forte, o que só poderia se dar na medida que concebesses novidades nestes âmbitos. Acrescenta-se, ainda, que a própria convivência em grupo impulsionava transformações nos seus integrantes e nas suas produções artísticas. Assim, conforme sugere Goethe, relações de *afinidades eletivas* geram transformações naqueles que as partilham,

²⁸⁷ *Templo das Musas* é o nome da sede do *Instituto Neopitagorico*, fundado por Dario Vellozo em 1909 e que em 1918 passa a ter sede própria, construída no próprio *Retiro Saudoso*. Em 25 de agosto de 1987, a edificação sofre um incêndio que destrói sua biblioteca, tombada pelo patrimônio estadual e que com 30 mil volumes, além de documentos, fotos, obras de arte e objetos. A imagem do brasão se conservou por ter sido previamente fotografada, mas o original não teve a mesma sorte.

²⁸⁸ SILVEIRA NETTO. O Cenaculo. Revista do Club Curitibano – Orgam da associação. Revista quinzenal. Instrução e Recreio. Redação: Alberto José Gonçalves, João Ferreira Leite, Dario Vellozo. Curitiba, 30 de novembro de 1894. Anno V. N.º18: 03.

²⁸⁹ Idem: 7.

fazendo-os ressurgir “numa forma revigorada, nova e imprevista”²⁹⁰. O *Cenáculo* era, então, um espaço fecundo, não apenas por proporcionar um ambiente de discussão, a partir do qual se pensava arte, política, ciência ou literatura, mas pela repercussão que o convívio amistoso entre os cenaculistas teve nos seus pensamentos e nas suas produções.

Para tanto, longe de ser espaço para exclusivismos, as reuniões na casa de Dario Vellozo recebiam os amigos do grupo, simpatizantes do *Cenáculo*. Os quatro amigos diziam-se abertos à pluralidade de opiniões e engajamentos filosóficos ou literários, o que favorecia o recebimento de visitas. O que lhes interessava era *reagir contra a inércia e a apatia da ignorância*²⁹¹, contribuindo para o engendramento da literatura no Paraná²⁹², explicita Dario Vellozo. Para isso, a heterogeneidade pode mostrar-se como um campo bastante fértil. Na apresentação do primeiro número da revista *O Cenáculo*, em abril de 1895, Dario Vellozo, ao esclarecer sobre o caráter da publicação, caracterizava também a flexibilidade que sempre marcara o grupo. Assim, rechaçava-se *exclusivismos partidários, fanatismos ortodoxos e dogmas filosóficos ou literários*²⁹³. Silveira Netto, nos seus escritos sobre a formação do *Cenáculo*, publicado na revista do *Club Curitibano*, comenta sobre algumas visitas recebidas pelo grupo. Eram colegas que tinham semelhante inclinação para as letras que eles. Vinham ao Karoim para desfrutar de momentos agradáveis: “*serenas tardes foram passadas entre a analyse de um verso, a discussão de um livro e o picante sabor das anedoctas [sic]*”²⁹⁴.

Entre os mencionados por Silveira Netto estavam Leoncio Correia, Domingos Nascimento e Rocha Pombo. “*Leoncio tem sido um dos principaes agitadores do nosso meio litterario: de rica imaginação, mas de pouco afinco ao labor do estudo, elle dá, entretanto, á sua terra natal um nome que a honra [sic]*”²⁹⁵, pondera Silveira Netto. Sobre o amigo Domingos Nascimento, o cenaculista diz: “*é uma das figuras mais sympathicas da nossa litteratura; [...] como poeta, ou como jornalista é um character independente e uma penna deliciosa [sic]*”²⁹⁶. Rocha Pombo – que no ano em que

²⁹⁰ GOETHE, Johann Wolfgang. op.cit: 59.

²⁹¹ Dario Vellozo. *O Cenaculo*. Revista *O Cenáculo*. Anno I. Tomo I, 1895: 05.

²⁹² Idem: 05-06.

²⁹³ Ibidem: Ibidem.

²⁹⁴ SILVEIRA NETTO. *O Cenaculo*. Revista do Club Curitibano – Orgam da associação. Revista quinzenal. Instrução e Recreio. Redacção: Alberto José Gonçalves, João Ferreira Leite, Dario Vellozo. Curitiba, 15 de março de 1895. Anno VI. N.º 05: 02.

²⁹⁵ Idem: Ibidem.

²⁹⁶ SILVEIRA NETTO. *O Cenáculo*. Revista do Club Curitibano – Orgam da associação. Revista quinzenal. Instrução e Recreio. Redacção: Alberto José Gonçalves, João Ferreira Leite, Dario Vellozo. Curitiba, 28 de fevereiro de 1895. Anno VI. N.º 04: 07.

participa das reuniões do grupo *Cenáculo* (1893) enfrentava os embates políticos que acabaram por afastá-lo do Paraná e encontrava nos jovens amigos o vigor e o oxigênio para suportar as dificuldades – é reconhecido por Silveira Netto como uma importante liderança a aglutinar a mocidade: *Orador eloqüente, pensador e idealista, Rocha Pombo, o chefe cenobita e modesto dos nossos homens de letras, o mais fecundo e mais incansável escritor paranaense, deu-nos também o jubilo de sua patriarcal presença*²⁹⁷.

Fizeram-se presentes também no *Retiro Saudoso* para as reuniões cenaculistas, Julio Theodorico Guimarães e Silveira Sobrinho, ex-alunos do *Instituto Paranaense* com os quais Silveira Netto conviveu nos tempos de preparatório²⁹⁸. O primeiro, era comerciante e grande amigo de Dario, desde que este se estabelecera no Paraná. Já Silveira Sobrinho era tenente de artilharia. “*Julio é um espírito alegre e activo, pae extremoso e amigo dedicado; Silveira cumpridor mathematico de deveres, pessemista, violinista, admirador, em parte, das theorias de Comte e apreciador, no todo, dos livros e do bello-sexo [sic]*”²⁹⁹. Trata-se, assim, de moços que seguiram carreiras não ligadas às letras, sem contudo perderem o interesse por elas. Continuaram a cultivá-las, conforme faziam nos tempos de estudantes: contribuía, de maneira diletante, com artigos para publicações locais. Enredavam-se, pelo interesse que tinham em escrever, publicar e participar de reuniões como as do grupo *Cenáculo* ao processo de fortalecimento da palavra que se operava no Paraná. Reiterando, assim, que foi através de múltiplas movimentações e motivações de leitura, escrita e oratória que se gestou um meio literário e a propagação da livre circulação da palavra.

²⁹⁷ Idem: *Ibidem*.

²⁹⁸ SILVEIRA NETTO. O *Cenáculo*. Revista do Club Curitibano – Orgam da associação. Revista quinzenal. Instrução e Recreio. Redacção: Alberto José Gonçalves, João Ferreira Leite, Dario Vellozo. Curitiba, 15 de março de 1895. Anno VI. N.º 05. Pág. 02.

²⁹⁹ Idem: 02.

Suportes da escrita

1. Sobrevivências da palavra escrita

A edição especial da revista *O Sapo* que chegava a público por ocasião das comemorações do 4º centenário do descobrimento do Brasil³⁰⁰ é fortemente marcada por homenagens feitas às letras paranaenses, aos sucessos e progressos que vinham sendo experimentados nesta área. A partir dessa publicação se infere sobre a importância do lugar que se atribuía à cultura escrita naquela passagem de século. Assim, do entrelaçamento entre as expectativas para o século que chegava, a fixação de uma memória, uma história através das comemorações do centenário e a festividade em torno das letras (especialmente a produção literária) depreende-se como as questões relativas à escrita ganhavam ênfase. Ainda que a edição em questão fosse comemorativa do centenário do descobrimento do Brasil, nela se celebrava as letras, os homens das letras e os suportes das letras. Percebe-se, assim, os mecanismos utilizados para positivar e promover o meio literário que se constituía; ao que era interessante atrelar tal positivação das letras (neste caso, à comemoração do descobrimento, à virada do

³⁰⁰ Revista *O Sapo*. Fundadores: Leite Junior, Gabriel Ribeiro e Thales Saldanha. Redactores: Leocadio Correia e Leite Junior. Curitiba, 3 de maio de 1900. Anno III. N.º17.

século); a maneira como a escrita era agente de afirmação da própria escrita, ou seja, dos meios letrados, dos círculos literários, dos mecanismos tipográficos.

De todas as iniciativas para se afirmar os progressos das letras naquela virada de século que se pode depreender da edição da revista *O Sapo* em questão, destaca-se, por ora, uma tabela que ocupa a parte inferior das últimas páginas da publicação. Apesar de seu posicionamento periférico, ela traz informações que bem se coadunam com a proposta daquele número comemorativo. Sob o título *Jornais e Revistas publicados no Paraná (1854-1900)*³⁰¹, a tabela engrossa os festejos em torno das letras apontando para a estruturação e o fortalecimento dos meios tipográficos na/no Província/Estado. Colocava-se em destaque, dessa forma, os mais importantes suportes da escrita das décadas finais do século XIX: os periódicos. Em torno deles, organizaram-se os moços apresentados no capítulo anterior: estiveram presentes em suas fundações, no trabalho intelectual e, por vezes, braçal para que revistas e jornais se efetivassem. Os periódicos constituíram-se no meio mais forte e mais comum de se atribuir corpo, materialidade às palavras no período em questão. O que leva ao interesse por conhecer os mecanismos utilizados para que as palavras ganhassem o papel (funcionamento das tipografias, configuração das publicações), conforme tratar-se-á no capítulo que ora se inicia.

Voltando à lista de jornais e revistas publicados no Paraná entre 1854 e o final do século, apresentada pela revista *O Sapo*, salta aos olhos a quantidade de periódicos que já haviam sido lançados, especialmente em Curitiba. De acordo com a tabela, desde a fundação do *O Dezenove de Dezembro* – primeiro jornal do Paraná, surgido logo após a emancipação da Província –, 179 títulos haviam sido lançados na capital. Tratava-se de periódicos com as mais diversas especificidades: jornais ou revistas; folhas ilustradas e requintadas ou em papel barato e sem grandes refinamentos gráficos; edições diárias, semanais, quinzenais ou mensais; que duraram longos anos ou que desapareceram depois dos primeiros números; ligadas a clubes e associações ou patrocinadas por homens endinheirados; de arte ou de caráter esotérico, combativos ou de variedades; fruto de iniciativa de imigrantes, operários, estudantes ou literatos. Enfim, as características que tomaram os periódicos poderiam se multiplicar aqui. O que interessa, no entanto, é perceber nesta diversidade os contornos que conferem uma certa unidade à proliferação de publicações que teve lugar no Paraná, no período assinalado.

³⁰¹ Idem: 6-8.

A própria listagem dos periódicos evidencia que se queria dar ênfase à tal proliferação. O número expressivo de títulos lançados indicaria os progressos das letras e da imprensa no Estado. Com efeito, jornais e revistas constituíram-se em suportes da escrita decisivos: era através destes, predominantemente, que os moços davam corpo à sua voz, que realizavam o ensejo de escrita que os movia. Através de tal listagem tomamos ainda conhecimento de títulos que possivelmente não deixaram outros rastros de sua existência: não foi possível, pelo menos, encontrar exemplares nos acervos pesquisados. Por isso, vistos em conjunto, os títulos nos permitem inferir, com maior propriedade e precisão, sobre a emergência desses suportes de escrita.

Nota-se, por exemplo, que as últimas duas décadas do século (1881-1900) concentraram a maior parte dos lançamentos: quase 160 novos títulos teriam surgido em Curitiba neste período, enquanto nos primeiros vinte anos da instalação da Província (1854-1874) menos de 10 periódicos lá teriam aparecido. É patente um *aquecimento* dos meios tipográficos nos anos mais avançados da segunda metade do XIX, coincidindo com o período em que a mocidade que estudamos está se organizando em torno da escrita, conforme caracterizado no capítulo anterior. As letras disseminavam-se vigorosamente e eram investidas de uma ênfase inédita. Em certas localidades litorâneas e do interior verifica-se igualmente uma proliferação de periódicos denotando a importância que estes veículos tomavam em uma/um Província/Estado que se modernizava. Lembremos que mesmo nestas publicações não curitibanas trabalharam ou publicaram alguns dos moços contemplados diretamente nesta pesquisa, como é o caso, por exemplo, de Rocha Pombo que fundou o primeiro jornal de Castro, o semanário *Echo dos Campos*, em 1883, no qual trabalhou como editor por alguns anos. Ou de Nestor Victor que escreveu para periódicos de sua terra – Paranaguá – mesmo já não mais lá residindo.

A respeito de Curitiba, elucida-se que o que motivou a instalação da imprensa e o surgimento dos primeiros periódicos locais foi a premência de se ter uma folha na qual fossem emitidos os atos oficiais, além da necessidade de circulação das notícias locais: elevado à Província, era preciso investir em certos elementos que conferissem contornos de autonomia ao Paraná. Dentre eles, a imprensa. A *Tipographia Paranaense*, fundada logo após a emancipação da 5.^a Comarca de São Paulo – que teve como primeira publicação o jornal *O Dezenove de Dezembro* – deveria, justamente, suprir aquelas necessidades. Os primeiros títulos lançados fora da capital também tinham um cunho noticioso. No entanto, o que se verifica, avançadas as primeiras décadas de

instalação da Província, é o surgimento, em Curitiba, de um número cada vez maior de periódicos que não mais se prestavam àqueles fins: trata-se de publicações ligadas a associações, revistas literárias ou de variedades. Caracterizando um momento em que a palavra escrita se insinuava em domínios diferentes da esfera pública que havia motivado a instalação da imprensa no Paraná, bem como de seu caráter majoritariamente noticioso.

Nota-se, a partir da tabela com a listagem de jornais e revistas publicados no Paraná, a diversificação da imprensa ao longo da segunda metade do século. A palavra escrita começava ocupar-se de artes e entretenimento, cumprindo novas funções, disseminado-se por novos espaços, ganhando novos leitores. Ela rolava livremente, desorganizando padrões e hierarquias. Na medida em que a escrita não estava mais circunscrita à esfera pública, aumentava não apenas o número daqueles que escreviam, mas diversificava-se os leitores e o conteúdo do que se escrevia. De tratar das implicações e das características que tomaram a escrita ao ser multiplicada pela imprensa tratar-se-a o presente capítulo.

1.1 *a livre circulação da palavra*

O aumento e o incremento das atividades tipográficas no Paraná, ao longo da segunda metade do século XIX, está imbricado, na perspectiva desta pesquisa, ao processo de difusão da palavra escrita e, sobretudo, a uma mudança em relação aos grupos que têm legitimidade para fazer uso dela, aos seus interlocutores e ao próprio conteúdo do que se escrevia. Com efeito, a imprensa permite e garante que a palavra escrita role livremente: sem destinatário, compõe um quadro em que *qualquer um* pode ter acesso a ela. É este processo que interessa aqui circunscrever. Os moços amantes das letras, entretidos no processo de escrita, necessitavam do aparato gráfico para difundir o que escreviam, indicando que a efetivação de um meio literário e da livre circulação da palavra extrapolava o trabalho de criação, requerendo uma gama de serviços técnicos. No Paraná da virada do século, esboçava-se uma relação com a palavra escrita que se vinculava às páginas da imprensa: os inúmeros jornais e revistas lá publicados – aqueles listados na edição especial da revista *O Sapo* supracitada – foram um meio decisivo para a propagação e o fortalecimento da palavra escrita.

O que se percebe, findo o século, é a difusão, em Curitiba, de publicações que não tinham uma finalidade informativa, mas visavam entreter o leitor: eram revistas de

artes, literatura, variedades. Tais publicações expressavam um desvio na utilização da palavra escrita: ela, que nos primeiros tempos provinciais ocupava-se dos assuntos de governo, estando circunscrita à esfera administrativa e aos homens com cargos públicos, circulava em novos domínios. Não mais restrita ao trato de assuntos governamentais, através de relatórios, correspondências, leis ou decretos, mas imiscuindo-se no que se referia à cultura, às artes e à ciência. Dela se valiam não mais apenas os filhos de uma elite que, tendo estudado em outras províncias, voltavam ao Paraná e se ocupavam da coisa pública. Mas, *filhos do povo*, que capturados pela palavra, dedicavam suas vidas à escrita. Refiro-me a moços como aqueles apresentados no capítulo anterior. Estes propõem uma nova maneira de fazer uso das letras: trabalham para ampliar o acesso àquilo que escreviam (seja fundando revistas, publicando livros ou dedicando-se à melhoria das condições tipográficas no Paraná); atrelam a sua escrita à vida, em toda a sua pujança.

Contrapunham-se, assim, aos moços da geração anterior, bem como a outros moços, contemporâneos a eles, que optavam por ocupar-se das coisas do governo. De fato, os moços em questão estiveram implicados na instituição de uma nova ordem no que concerne aos usos da palavra, que caracterizou uma nova partilha do sensível³⁰², ou seja, uma nova maneira de se vivenciar o que dizia respeito à comunidade. Disponham-se a viver da escrita e para a escrita, embaralhando a lógica de quem poderia ou não fazer uso da palavra – da palavra escrita, especialmente. Estamos aí no âmago de uma questão decisiva no pensamento de Jacques Rancière, que serve de inspiração a esta análise: a legitimidade para se fazer uso da palavra dá-se por meio de uma partilha, de forma que, apenas na medida em que existam aqueles que não comungam de determinada(s) prerrogativa(s), a comunidade se efetiva. “*Uma partilha do sensível fixa, portanto, ao mesmo tempo, um comum partilhado e partes exclusivas*”³⁰³, explica

³⁰² Apoio-me no pensamento de Jacques Rancière para a formulação teórica de toda essa sub-parte denominada *A livre circulação da palavra*. A respeito do termo sensível, esclarece-se que é bastante usado por Rancière, especialmente no seu livro *A Partilha do Sensível*. Refere-se ao comum partilhado por uma dada comunidade, as evidências sensíveis que revelam a existência de um comum.

³⁰³ RANCIÈRE, Jacques. Da partilha do Sensível e das relações que estabelece entre política e estética. IN: *A Partilha do Sensível: Estética e Política*. São Paulo: Exo Experimental/Ed. 34: 2005: 15. Em *Políticas da Escrita*, Rancière formula sua compreensão de Partilha do Sensível: “*Partilha significa duas coisas: a participação em um comum e, inversamente, a separação, a distribuição dos quinhões. Uma partilha do sensível é, portanto, o modo como se determina no sensível a relação entre um conjunto comum partilhado e a divisão de partes exclusivas*”. RANCIÈRE, Jacques. *Políticas da Escrita*. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1995: 7. A respeito da partilha, ver também: RANCIÈRE, Jacques. O Dano: Política e Pólicia. IN: *O Desentendimento: política e filosofia*.. São Paulo: Ed. 34: 35-54.

Rancière. A questão está, então, em questionar como um comum – neste caso, a escrita – se presta à participação da comunidade, como uns e outros tomam parte nesta partilha.

A escrita, antes circunscrita aos meios burocráticos, executada no exercício de governar, toma novos domínios, fazendo-se presente entre moços que acreditavam no poder da palavra em si, ela própria como agente constituidor de um Paraná autônomo e vigoroso. Há, portanto, um desvio do lugar atribuído à palavra: antes ela dizia respeito à esfera pública, caracterizando uma maneira de governar, de administrar. Através de relatórios, correspondências, atas e leis os homens públicos administravam o Paraná e davam voz e corpo às suas concepções a respeito da Província. Eram escritos circunscritos à esfera administrativa, com destinatário e função certos, estabelecidos: circulavam apenas entre aqueles homens que tinham o poder e a autoridade de pensar e decidir sobre o Paraná. A palavra escrita estava praticamente restrita à função administrativa: em uma Província em que o analfabetismo era dominante e que não havia um meio intelectual constituído, uma elite letrada, que se estabelecia em cargos públicos, mantinha a legitimidade do domínio da palavra e da escrita. A constituição de um meio letrado – implicado ao processo de urbanização, a ampliação da educação – desorganiza aquela partilha. Agora, novos homens fazem-se agentes da escrita, legítimos portadores da palavra. O poder falar está imbricado aí na prerrogativa de ser ouvido: apenas na medida em que conquistam legitimidade e autoridade para falar tornam-se efetivamente seres falantes, reconhecidos como tal.

Os homens do governo não reconheciam a voz daqueles que estavam fora da esfera governamental (especialmente dos *filhos do povo*), apenas eles teriam competência e autoridade para discutir e decidir sobre o Paraná. Fora da esfera pública, dos documentos assinados por presidentes de províncias, secretários ou engenheiros tudo o que se produziria eram ruídos, barulhos; não haveria vozes e pensamentos articulados³⁰⁴. Lembremos de Rocha Pombo que fora capturado pelas letras desde moço: engajara-se no jornalismo, dedicara-se a produzir literatura. No entanto, somente na vida pública encontra legitimidade para dar voz e vez às suas concepções e projetos para a Província. O que se opera com ele, próximo à virada do século, ao romper com a vida pública e decidir-se convictamente pela vida de escritor (a qual se dedicará pelo

³⁰⁴ Inspiro-me aqui em Rancière, que, a partir da *Política* de Aristóteles fundamenta algumas questões a respeito da partilha da palavra. Segundo Aristóteles, o homem seria o único animal a manifestar o útil e o nocivo, o justo e o injusto, pois seria o único a fazer uso da palavra. Os demais animais apenas emitiram voz e com ela indicariam dor e prazer. A partir disso, propõe-se, no contexto específico dessa pesquisa, que aqueles que estavam fora da partilha da palavra produziam apenas ruídos e barulhos. Ver: RANIÈRE, Jacques. O começo da Política. IN: *O Desentendimento*. op.cit: 17-33.

resto dos seus dias), insere-se na fecunda movimentação que instaura uma nova ordem de relações com a palavra. Uma nova divisão da partilha, baseada no alargamento do acesso à palavra e na legitimação dessa nova ordem. Através de Rocha Pombo e seus colegas escritores deflagra-se de que forma novos homens, apartados da esfera governamental, participaram do redimensionamento da partilha da escrita, fazendo-se visíveis e legítimos portadores da palavra.

Assim, desviando-se do que era comum aos seus, das histórias de vida de seus antepassados, os moços “*executaram uma série de atos de palavra que ligam a vida de seus corpos a palavras e a usos da palavra*”³⁰⁵, tornando-se, então, legítimos portadores dela. Inscrevem, assim, sua igualdade na comunidade: igualam-se aos homens públicos no direito à palavra e à escrita. Do ponto de vista da partilha, no entanto, trata-se de uma igualdade cortada por diferenças. Dessa forma, os moços em questão tornam-se seres passíveis de participar das discussões e decisões acerca da vida em comunidade, de ocuparem-se das questões relativas ao Paraná, antes restritas aos homens do governo. Contudo, diferentemente desses que mantinham a circulação da palavra apenas entre si, para os moços da literatura e do jornalismo era imprescindível difundir o que escreviam para além de seus círculos. Não escreviam para si, não mantinham a palavra encerrada entre eles, mas visavam alcançar uma comunidade de leitores. Investiam, portanto, no alargamento dos participantes da partilha da palavra: esta deveria rolar livremente, como o que não sabe a quem se destina, de modo que *qualquer um* poderia, então, apoderar-se dela.

Neste processo em que a palavra rola indeterminadamente, intervindo em antigos mecanismos que restringiam o acesso à escrita e à leitura, esboça-se a novidade de uma nova organização em torno da palavra, de uma nova divisão em torno da legitimidade de se fazer uso dela. Assim,

*[...] A escrita está liberta do ato da palavra que dá a um logos sua legitimidade, que o inscreve nos modos legítimos do falar e do ouvir, dos enunciadores e dos receptores autorizados. É por isso, também, que ela é falante demais: a letra morta vai rolar de um lado para o outro sem saber a quem se destina, a quem deve, ou não, falar. Qualquer um pode, então, apoderar-se dela, dar a ela uma voz que não é mais ‘a dela’, construir com ela uma outra cena de fala, determinando uma outra divisão do sensível.*³⁰⁶

³⁰⁵ RANCIÈRE, Jacques. O Dano e a Política. IN *O Desentendimento: política e filosofia*. op.cit: 38.

³⁰⁶ RANCIÈRE, Jacques. *Políticas da Escrita*. op.cit: 8. [coleção TRANS]

Eis lá uma questão crucial para marcar as diferenças das relações estabelecidas com a palavra escrita pelos homens públicos e os homens da literatura e do jornalismo: escrever, não apenas para seus pares, mas para *qualquer um*, significava um passo decisivo para a constituição de um Paraná marcado pela proliferação da palavra. Bibliotecas, livrarias, tipografias, jornais, revistas – elementos indispensáveis para uma capital que se pretendia moderna –, só foram possíveis graças ao princípio e ao ensejo de fazer a palavra rolar livremente. Entre os homens do governo, isso não fazia sentido: os documentos públicos que produziam circulavam somente entre eles, pois apenas eles eram legítimos portadores da palavra e poderiam discutir sobre o Paraná. A exemplo dos relatórios de expedições feitas pelo interior paranaense, geralmente por engenheiros, a mando do governo: neles, o expedicionário endereçava ao presidente de Província considerações técnicas a respeito da hidrografia e da orografia paranaense, informações sobre limites e distâncias no território, indicações para a construção de uma estrada ou dados sobre algum aldeamento indígena³⁰⁷. Esse tipo de documento, dizendo respeito apenas à administração pública, encerrava-se nos trâmites governamentais: depois de lidos e despachados, tinha cumprido a sua função e poderiam ser esquecidos em algum arquivo.

A palavra escrita constituía-se em instrumento fundamental da administração paranaense, pois era agente ativo na circunscrição dos atos e das determinações que fariam do Paraná uma Província próspera. Para isso serviam os relatórios sobre as expedições técnicas pelo interior paranaense: em um período de grande desconhecimento a respeito do Paraná, especialmente das regiões distantes das povoações litorâneas e da capital, essas expedições forneciam informações que auxiliavam pensar e gerir a Província. A palavra registrada nesses relatórios, bem como nos demais documentos produzidos no exercício da administração pública, identifica-se, neste contexto, ao que Jacques Rancière chama de polícia:

Chamamos geralmente pelo nome de política o conjunto dos processos pelo quais se operam a agregação e o consentimento das coletividades, a organização dos poderes, a distribuição dos

³⁰⁷ Como exemplos desse tipo de expedição, citamos: Exploração do rio Ivahy pelo engenheiro Gustavo Rumbelsperger, em 1865; Exploração do rio Ivahy pelos engenheiros Keller, entre 1865-1866 e do rio Iguaçu, em 1866; Exploração do rio Ivahy pelo Capitão Palm, entre 1874-1875; Exploração para a construção de uma estrada de ferro de Curitiba até Vila Rica, margem direita do rio Ivahy, feita pelo engenheiro William Lloid, em 1874; Exploração para a construção de uma estrada de ferro de Guarapuava a corredeira do rio Ivahy feita pelo engenheiro Rebouças, em 1869; Exploração de Guarapuava à Foz do Iguaçu, passando por Chagú, pelo engenheiro Beaurepaire, s/d.

*lugares e funções e os sistemas de legitimação dessa distribuição. Proponho dar outro nome a essa distribuição e ao sistema dessas legitimações. Proponho chamá-la de polícia.*³⁰⁸

Sendo assim, enquanto uma atividade cujo fim era organizar o poder, agregar as coletividades e distribuir lugares e funções em uma comunidade, o ato de governar constituía-se como policial. Diferente disto são os escritos que rolavam livremente, através de livros ou periódicos, produzidos pelos moços amantes das letras: estes romperam as ordenações, agregações e distribuições instituídas pela esfera governamental, para propor uma nova ordem de lugares e funções para os corpos. Nesta ruptura, configura-se o que Rancière concebe por política:

*A atividade política é aquela que desloca um corpo do lugar que lhe era designado ou muda a destinação de um lugar; ela faz ver o que não cabia ser visto, faz ouvir um discurso ali onde só havia barulho, faz ouvir como discurso o que só era ouvido como barulho*³⁰⁹

A novidade que institui uma ordem política ao invés de uma ordem policial refere-se, portanto, a desvios de lugares ou funções e a rupturas de hierarquias. Pensando como Jacques Rancière, identificamos na vida dos moços trajetórias que rompem com a ordem que determinava quem poderia ou não fazer uso da escrita, quem gozava das prerrogativas de dizibilidade e visibilidade na comunidade. Uma nova partilha se organizava embasada no alargamento do acesso daqueles que tinham legitimidade para se valer da palavra escrita: moços originários de meios que nas décadas anteriores eram absolutamente invisíveis, organizavam-se em torno da palavra (discutiam sobre variados temas, escreviam, publicavam, fundavam periódicos, lançavam livros), intervindo diretamente na distribuição e na legitimidade de fazer, de ver e de dizer em comunidade. Uma nova ordem de impressos começa a se propalar, ocupando-se de novos temas, novas questões, instituindo, assim, novas funções para as palavras, novos lugares para aqueles que as produziam ou liam.

Nesta nova ordem de impressos destaca-se a tendência que se configurava entre as décadas de 1880/1890 de se publicar as experiências de expedições pelo interior paranaense. Seja através de artigos em revistas ou jornais, seja através de livros tais

³⁰⁸ RANCIÈRE, Jacques. *O Desentendimento*. op.cit: 41. No capítulo o qual foi retirado esta passagem (*O Dano: Política e Polícia*, págs. 35-54), Rancière dedica-se longamente a distinguir Política e Polícia.

³⁰⁹ Idem: 42.

experiências ganhavam corpo através de uma escrita não mais produzida e endereçada para o governo, mas direcionada a leitores indeterminados e desconhecidos que se interessassem em saber sobre o interior da/do Província/Estado. Com efeito, o desconhecimento sobre as regiões distantes da capital gerava curiosidades, impulsionando um gênero de escrita marcado, na maioria das vezes, pelo sentido de aventura e novidade de se embrenhar por regiões tidas como paradisíacas e perigosas. Em geral, encontramos nesses escritos passagens de deslumbramento ante a grandeza da natureza, receios frente ameaças de alguma animal ou ataques indígena, considerações sobre progresso, civilização, ciência. Eram escritas que tinham características diversas daqueles relatórios de expedições encaminhados para o governo, ainda que os primeiros relatos de viagens surgidos em forma de livro ou artigos para periódicos fossem resultado de expedições oficiais: cumprida a missão incumbida pelo Estado, o expedicionário redigia um novo relato sobre suas aventuras, desta vez em tom mais descontraído, para entreter leitores ávidos por novidades, que muitas vezes nunca tinha saído de sua localidade de origem³¹⁰.

Enquanto os relatórios dirigidos ao governo estavam subordinados a exigências burocráticas, seguindo todos uma estrutura semelhante e contendo informações técnicas relativas ao que havia motivado a expedição, os textos escritos para periódicos ou livros caracteristicamente eram marcados por uma escrita mais elaborada, entretendo e prendendo o leitor através de enredos que davam detalhes sobre a flora e a fauna, as dificuldades e perigos do caminho, descrições de belos lugares e paisagens. Naturalmente, a qualidade do texto dependia do talento de quem escrevia. Contudo, o que se evidencia é o ensejo de se escrever, não para cumprir o requisito de um trabalho técnico, como era característico dos relatórios escritos para o governo, mas, pelo prazer da escrita e da publicação, pela motivação de comunicar as peripécias de uma aventura tão incomum para a maioria dos paranaenses. Assim, engrossava-se a movimentação da livre circulação da palavra: os relatos de expedições pelo Paraná ganhavam características literárias ao voltar-se para um público amplo e indeterminado, ter a potencialidade de circular por qualquer parte e chegar a *qualquer um*, além de ganhar,

³¹⁰ Este é o caso, por exemplo, da expedição do Capitão Nestor Borba de Curitiba às Sete Quedas do Iguaçu. Tal expedição foi realizada entre o final de 1875 e o princípio de 1876 (governo Lamenha Lins) e teve por objetivo verificar a possibilidade de construção de uma ponte sobre um dos saltos d'água. Além do relatório encaminhado ao governo, Nestor Borba publica a experiência da viagem para o grande público em 1876, reeditando-a em 1897.

por parte de muitos daqueles que produziram este tipo de escrita, um estilo adaptado às suas características de circulação: fluído, leve, agradável.

O interesse por esse tipo de leitura não é uma prerrogativa do Paraná e dos paranaenses, constituindo-se em uma tendência em uma época em que as regiões distantes e desconhecidas despertavam grande curiosidade. “*Os séculos XVIII e XIX viram florescer tais obras, desde o tour de France, às descrições sobre locais exóticos, longínquos ou meramente diferente. A ânsia de explorar os ‘vazios’ dos mapas, de descobrir terras, povos, plantas, seres, de nomeá-los e descrevê-los preencheu grande número de páginas*”³¹¹. Guardando as suas especificidades, os relatos de expedições que tiveram lugar no Paraná, em forma de artigo ou livro, inserem-se nesta ânsia assinalada por Cláudio DeNipoti. Salienta-se o fato de como este tipo de escrita ocupava-se em circunscrever e significar os espaços da/do Província/Estado. Em alguns casos, isso pode ser compreendido considerando que a expedição fora feita no exercício de uma função ou cargo público. A exemplo das viagens de Alfredo D’Escragnolle Taunay pelo interior paranaense, quando era presidente da Província.

Taunay governou o Paraná de 29 de setembro de 1885 a 3 de maio de 1886 e instaurou uma política administrativa baseada na observação *in-loco*, nas experiências do conhecer, ver, experimentar, que lhe motivou em vários deslocamentos pelo interior (visitou os arredores de Curitiba, os Campos Gerais, Guarapuava)³¹². O que mais nos interessa, no entanto, são os relatos originados dessas experiências³¹³: além dos

³¹¹ DENIPOTI, Cláudio. Viagens, viajantes e quedas d’água: as possibilidades de uma série documental. IN: Berberi, Elizabete & DeNipoti, Cláudio. *Relatos de viagem a Guairá e Foz do Uguaçu*. Curitiba: aos quatro ventos, 1998: 2. [série Monumenta. Vol. 1; N.º 4].

³¹² Alfredo Taunay inspira-se na política de Adolfo Lamenha Lins (que governara o Paraná uma década antes, de 8 de maio de 1875 a 16 de julho de 1877) de deslocar-se da capital para conhecer e avaliar *in-loco* os problemas enfrentados pela Província. Lamenha Lins, no entanto, restringira-se à questão da colonização: após sucessivas tentativas frustradas de instalação de europeus em regiões do interior paranaense, este presidente de Província decide avaliar pessoalmente o porquê de tais fracassos e ter instrumentos para estabelecer uma política imigratória eficiente. Taunay era declaradamente admirador de Lamenha Lins e acredita que para bem governar o Paraná era preciso percorrê-lo, conhecer as localidades, conversar com os habitantes. Esse é, certamente, o diferencial da sua administração. A respeito dessa política, anos depois, em seu livro de memórias, ao se referir aos meses que governou o Paraná, comenta: “*Verdade é que não me poupava à fadiga, em continuas viagens, para ajuizar das estradas e caminhos, conhecer as localidades, pôr-me em contato com seus homens e estudar de visu as questões que lhe era atenuantes*”. E tal forma de administrar lhe parecia superior ao governo apenas de gabinete: “*Nem há melhor sistema de administrar. Mais vale um olhar, uma impressão repentina e segura dos fatos, do que os mais minuciosos e bem elaborados relatórios e exposições*”. TAUNAY, Alfredo D’Escragnolle. *Memórias*. São Paulo: Melhoramentos, 1948: 430.

³¹³ Ver: TAUNAY, Alfredo D’Escragnolle. *Curiosidades Naturaes da Provincia do Paraná*. IN: Revista do Instituto Histórico e Geographico Brasileiro. Tomo LIII. Parte I (1.º e 2.º trimestres). Rio de Janeiro: Typographia e Encadernação a vapor, 1890: 193-241; TAUNAY, Alfredo D’Escragnolle. Pelos Verdes Campos (De Curitiba a Palmeira – 1886). IN: ABREU, Aluizio Ferreira. *Campos e Pinheirais*. Curitiba: Fundação Cultural de Curitiba, 1995: 117-130. [coleção Farol do Saber]; E ainda, o artigo sobre os

relatórios técnicos que emitia para a Assembléia Legislativa, Taunay escrevia textos bastante elaborados e longos, que costumava publicar na revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. De fato, esta conceituada publicação nacional era adepta a publicar este tipo de texto, que corroborava com o propósito de constituir o sentido e a grandeza da nação e difundir conhecimentos sobre ela. Curiosamente, Alfredo Taunay era bem mais detalhista nos escritos publicados nos periódicos do que nos encaminhados para a burocracia governamental: eram naqueles que encontrava espaço para delongar-se nas descrições do que lhe despertara deslumbramento, surpresa ou aterramento, para mencionar sobre o dia-a-dia da excursão, rememorar a conversa com alguém que conheceu pelo caminho. E, neste processo de escrita apresentava uma concepção e um projeto de Província mais apurado do que o que encaminhava aos trâmites governamentais: estes acabavam sendo limitados por uma escrita técnica e direta.

Salienta-se o fato dos escritos publicados em periódicos, postos à disposição de *qualquer um*, participarem da partilha das discussões sobre as questões relativas ao Paraná, antes restrita aos documentos que circulavam na esfera governamental. Em se tratando dos artigos de Alfredo Taunay, isto fica relativizado por ser ele um homem de governo, com a peculiaridade de escrever em suportes que circulavam fora da esfera governamental. Contudo, a questão pode ser estendida a partir de escritos de outros homens que também empreenderam semelhante expedição, sem vínculo governamental: José Cândido da Silva Muricy, fez parte de um agrupamento de homens que, saindo de Curitiba dirigiu-se à região onde localizara-se as reduções jesuítas no extremo oeste paranaense, a fim de procurar as riquezas que acreditava-se terem sido deixadas pelos religiosos e pelos indígenas quando atacados pelos Bandeirantes, no século XVII. Na condição de militar, o General Muricy costumava realizar expedições pelo interior do Paraná, já tendo, inclusive, escrito um livro sobre uma delas, publicado por uma tipografia paranaense: *Á Foz do Iguassú: ligeira descrição de uma viagem feita de Guarapuáva á Colonia da Foz do Iguassú em Novembro de 1892*³¹⁴.

Caingang escrito a partir do contato com esses índios: TAUNAY, Alfredo D'Escragnolle. *Os Índios Caingangs (Coroados de Guarapuava): Monographia acompanhada de um vocabulário do dialecto de que usam por Alfredo D'Escragnolle Taunay*. IN: Revista do Instituto Histórico e Geographico Brasileiro. Tomo LI. Rio de Janeiro: Typographia de Pinheiro & C, 1888: 251-310.

³¹⁴ MURICY, José Cândido da Silva. *Á Foz do Iguassú: ligeira descrição de uma viagem feita de Guarapuava á Colônia da Foz do Igaussú em Novembro de 1892*. Curitiba: Imprensa Paranaense Jesuino Lopes & C.^a, 1896.

Na excursão de 1898 – aquela destinada à procura das possíveis riquezas da redução de Guaíra –, Muricy estava à paisana, mas valia-se da experiência de suas expedições oficiais. Apesar de não ter encontrado o que procurava, a expedição lhe proporcionou uma experiência de vida enriquecedora: segundo seu filho, José Cândido de Andrade Muricy, o pai costumava contar e recontar aos familiares e amigos as aventuras daquela viagem³¹⁵. A experiência gerou também um livro (uma publicação póstuma) – *Viagem ao País dos Jesuítas*³¹⁶ – que é, certamente, sua obra mais significativa. Neste, relata os detalhes da viagem – as dificuldades e alegrias do caminho, o dia-a-dia, os lugares comuns e inusitados, os companheiros de jornada e aqueles que conheceu pelo caminho, a diversidade da fauna e da flora – em um grande número de páginas (em torno de quatrocentas). Usou de uma linguagem coloquial, sem perder o sentido analítico. O livro pode ser entendido como uma interpretação do Paraná, a partir da valorização dos seus homens e sua natureza:

A finalidade romanesca de procurar ruínas e tesouros, a realidade decepcionante do que encontraram fez com que ressaltassem para o primeiro plano o reconhecimento antropogeográfico, as aproximações com o geo-humano riquíssimo dos sertões potamográficos paranaenses, na sua intacta beleza e prodigiosa variedade [sic]³¹⁷.

De fato, uma leitura atenta da obra denota que Muricy pretendia mais do que apenas relatar suas aventuras e dar notícias sobre a vida no interior do Estado, tão pouco conhecido até então. *Viagem ao País dos Jesuítas* soa como um projeto mais audacioso, em que o autor dedica-se a refletir sobre o Estado: a característica marcante dessa reflexão é a visibilidade que concede ao caboclo (suas crenças, hábitos, conhecimentos), além da valorização da fauna e flora. Tal livro tem algo de bastante particular, mesmo quando posto ao lado de outros relatos de viagens: carrega um caráter de estudo, de interpretação do Estado. É um bom exemplo de como a prerrogativa de pensar sobre o Paraná migra da exclusividade da esfera governamental para um meio de debate mais amplo, para tomar lugar em suportes que circulavam livremente. Tomar a palavra para falar sobre o Paraná não era mais algo que se

³¹⁵ Ver: MURICY, José Cândido de Andrade. Introdução. IN: MURICY, José Cândido da Silva. *Viagem ao País dos Jesuítas*. Curitiba: Imprensa Oficial do Estado do Paraná, 1975:s/p.

³¹⁶ MURICY, José Cândido da Silva. *Viagem ao País dos Jesuítas*. Idem.

³¹⁷ MURICY, José Cândido de Andrade. Introdução. IN: Idem: s/p.

limitasse aos homens do governo e aos documentos que circulavam na esfera pública, caracterizando um processo de re-ordenamento da partilha.

No século XX, alguns homens ligados à literatura também se aventuraram em viagens pelo interior paranaense e posteriormente lançaram livros em que narravam tal experiência. Aliavam o gosto que tinham por escrever a um gênero de leitura em evidência, além de exercitarem a participação nas discussões do que dizia respeito ao Paraná. No próximo capítulo abordar-se-á de maneira mais detida a forma como os moços em questão inseriram-se na partilha das discussões sobre a/o Província/Estado. Por ora, assinalamos apenas o alargamento dessa partilha e como as narrativas de viagem participaram disso. Domingos Nascimento, Silveira Netto, Nestor Victor e Jaime Ballão foram homens que tiveram uma carreira ligada às letras e empreenderam viagens pelo interior do Estado que motivaram posteriores relatos escritos³¹⁸. Cada qual a sua maneira exprime, em tais narrativas, suas concepções a respeito do Paraná: a palavra escrita tomava, então, uma importante função no processo de organizar e significar o Paraná³¹⁹. De fato, o processo de alargamento do acesso à escrita que caracterizamos nesta pesquisa esteve implicado tanto na estruturação de um Paraná moderno quanto na construção discursiva do seu sentido de ser.

A própria literatura que tomava fôlego entre os moços era justificada, por eles mesmos, como um importante elemento para a fomentação de uma/um Província/Estado próspera(o) e autônoma(o). Quanto às narrativas de viagens, eram espaços privilegiados para se pensar o Paraná, caracterizando um momento em que a constituição de um sentido de ser para tal Província/Estado articulava-se com a ampliação da circulação da palavra. Independentemente do que se escrevia – narrativas de viagens, textos literários ou artigos tratando de artes, política ou ciência –, a

³¹⁸ NASCIMENTO, Domingos. *Pela Fronteira*. Curitiba: Typ. d'A Republica, 1903; SILVEIRA NETTO, Manoel Azevedo da. *Do Guairá aos saltos do Iguassú*. 2.^a ed. São Paulo: Companhia editora nacional, 1939 [viagem realizada em 1910]; SANTOS, Nestor Victor dos. *A Terra do Futuro: impressões do Paraná*. Curitiba: Prefeitura municipal de Curitiba, 1996 [coleção Farol do Saber] [Viagem realizada em 1912]; BALLÃO, Jaime. *A Foz do Iguassú e as cataratas do Iguassú e do Paraná (descrição de viagem)*. Curitiba: Typ. d'A República, 1921.

³¹⁹ Chamamos atenção para o livro *A Terra do Futuro: Impressões do Paraná*, escrito por Nestor Victor para registrar uma viagem que fez ao Paraná (morava então no Rio de Janeiro), em 1912. O livro foi uma encomenda do governo do Estado ao *ilustre* filho da terra que há anos lá não visitava. Diferentemente de outros relatos que se referem a expedições a regiões pouco ou nada conhecidas do Paraná, Nestor visita localidades populosas: segue de trem de Paranaguá até Ponta Grossa e todo o relato é uma mescla de suas memórias do tempo em que vivia no Paraná e dados e estatística que retira de livros, jornais, documentos públicos. Nesse sentido, Nestor Victor escreve mais a partir das referências que tem sobre o Paraná do que propriamente sobre as impressões tidas durante o passeio. O livro faz uma reflexão sobre o Paraná, positivando-o como a terra do futuro. Nestor Victor dos. *A Terra do Futuro: impressões do Paraná*. Curitiba: Prefeitura municipal de Curitiba, 1996 [coleção Farol do Saber].

possibilidade de difundi-los através da imprensa para um número indeterminado de leitores proporciona, certamente, um ambiente de circulação de discussões e disseminação da palavra mais vasto do que aquele circunscrito à esfera administrativa. Nesse sentido, a imprensa foi um elemento fundamental no processo de modernização do Paraná, dado a importância do fortalecimento das comunicações e da circulação das notícias em tal processo.

Toda movimentação em torno da escrita na qual se envolveram os moços imbricava-se na possibilidade técnica de multiplicar seus escritos. Não foi à toa o surgimento de inúmeros periódicos, vinculados a grupos ou associações que tiveram lugar naquele momento. De fato, a questão estava em fazer com que as palavras ganhassem mundo, se proliferassem livremente e, para tanto, a imprensa seria decisiva. Era ela que permitia, pelos recursos da técnica, que a palavra pudesse se multiplicar, chegando a cantos impensáveis por aquele que a escreveu: o escritor perdia, então, controle sobre o destino dos seus escritos, que se dispersavam na medida que se enveredavam por caminhos novos e inusitados. Caracterizando, assim, um momento em que a multiplicação da palavra escrita era essencial para a constituição de um Paraná (Curitiba, especialmente) moderno. No entanto, ressalta-se que apesar de indispensável no processo de proliferação da escrita, a imprensa não é responsável sozinha por tal processo: a técnica permitiu a efetivação de algo que estava latente entre paranaenses.

Conforme previamente caracterizado, havia uma motivação, especialmente entre a mocidade, de se reunir em torno da palavra e produzir, a partir desses encontros, escritos que se propagavam através da imprensa. Independente da esfera de alcance de tais publicações, eram todas movidas pelo ensejo da livre circulação da palavra, que se desviava de suas antigas funções: “*circulando por toda a parte, sem saber a quem deve ou não falar, a escrita destrói todo o fundamento legítimo da circulação da palavra*”³²⁰. A formação de uma comunidade de escritores e de leitores é um traço característico da nova relação com a escrita que se constituía. No texto de apresentação do número inaugural da *Revista Paranaense*, em janeiro de 1881, os responsáveis pela publicação dizem estar se valendo do *ardente gosto pela leitura que se manifestava em todas as classes sociais*³²¹. A revista que declarava não ter *lugar para as incandescentes*

³²⁰ RANCIÈRE, Jacques. Da partilha do sensível e das relações que estabelece entre política e estética. IN: *A Partilha do Sensível: Estética e Política*. op.cit: 17.

³²¹ *Revista Paranaense*. Revista Paranaense. Curitiba, 30 de janeiro de 1881. Anno I. Tomo I: 4.

*questões políticas – que já possuíam seus órgãos apropriados*³²² –, era dedicada às *letras, ciências e artes*³²³:

*[...] introduziremos no espirito do leitor ja uma observação scientifica, ja uma ideia litteraria; hoje um pensamento philosophico, amanhã um bom sentimento religioso; ora um rasgo da historia, ora uma experiência pratica nas artes e officios; noções enfim, respigadas em toda a vasta e fecunda messe dos conhecimentos humanos [sic].*³²⁴

A *Revista Paranaense* foi um dos primeiros periódicos a surgir em Curitiba com a proposta de tratar de temas variados, desviando-se do caráter informativo que costumava marcar as publicações que lá eram lançadas. Os jornais habitualmente tinham por compromisso informar ao leitor os acontecimentos locais, exercendo um importante papel para a autonomia e soberania do Paraná. No entanto, publicações como a *Revista Paranaense* deslocam a palavra desta função: além de propor instaurar um círculo de discussão e um ambiente intelectual, entretinham o leitor. Em seu artigo de abertura do número inaugural, menciona-se que a revista traria ainda o benefício de instruir, educar – importante valor para o final do século em que se vivia³²⁵. Seja como for, o que se percebe é a emergência de outras funções para a palavra escrita, além da informativa e de ocupar-se das coisas relativas ao governo. O *Dezenove de Dezembro*, por exemplo, tinha como principal seção (que ocupava boa parte dos exemplares) a *Parte Oficial*, dedicada a informar sobre os atos e legislações do governo, constituindo um bom exemplo da identificação entre o governo e a imprensa. Ressalta-se que a desvinculação desses dois esteve associada, justamente, aos desvios exercidos no uso da palavra por aqueles que se ocupavam da escrita.

A questão está, portanto, nas dispersões e desvios operados na trajetória da palavra pelos moços. A maneira como ela se dissemina, ganhando novos círculos, novos leitores, perdendo a identificação com antigas funções para se apropriar de novas. Para esses moços a livre circulação da palavra era um imperativo: engajaram-se nos meandros da imprensa, fundaram e trabalharam em diversas publicações. A escrita toma dimensões e atributos que lhe conferem autonomia e o ato de escrever, identificando-se a uma arte – a literatura –, toma impulsos renovados para disseminar-se, livre de

³²² Idem: 5.

³²³ Ibidem: 4.

³²⁴ Ibidem: Ibidem.

³²⁵ Ibidem: Ibidem.

exigências ou sentidos. A revista *Pallium*, uma publicação de 1898, dirigida por Silveira Netto e Julio Pernetta – que contou com colaborações de nomes como os de Emiliano Pernetta, Domingos Nascimento, Antonio Braga, Romario Martins, Ismael Martins, Nestor de Castro, José Henrique de Santa Rita, Leôncio Correia – é um bom exemplo de como a literatura encarnou o livre movimento da palavra, de forma que a publicação se justificava por ela mesma, pelo ensejo de escrita que movia os que nela se envolveram. A revista, que carregava o subtítulo *revista de arte*, era efetivamente uma publicação literária – suas páginas eram completamente preenchidas por poesias e escritos em prosa em menor quantidade.

Pallium não foi a única em seu gênero, que, aliás, consistiu em uma tendência na década final do século: encontramos muitos moços adeptos da literatura envolvidos na fundação ou na manutenção deste tipo de publicação. Elas tinham, em geral, vida efêmera – *Pallium*, por exemplo, teve apenas quatro números³²⁶. No entanto, o empenho por se produzir periódicos literários denota a importância que este tipo de escrita tinha para os moços, além da realização de terem suas produções difundidas, com a promessa de chegar a um número indeterminado de leitores. Afinal, não bastava escrever poesias, era preciso dar a elas a perenidade da folha impressa, inseri-la no *paradigma da escrita confirmada pela encarnação*³²⁷.

Imprensa e literatura tinham estreitado os seus vínculos em um período em que os literatos valiam-se de jornais e revistas para publicarem suas produções. Com efeito, estas publicações – especialmente as revistas – constituíam um importante suporte à produção literária: nelas publicavam-se poesias, contos e outras passagens em prosa. Ainda que a instalação de tipografias no Paraná tenha possibilitado a publicação dos primeiros livros em terra paranaense, os periódicos exerciam papel fundamental como veículos de vinculação da produção literária da/do Província/Estado. Era em torno desse tipo de publicação que se organizavam os moços amantes da literatura, com o intuito de dar corpo às suas idéias e criações. Mesmo que tivessem projetos de produzir (e que tenham produzido) obras literárias – afinal, os livros são, certamente, o *lugar* maior de realização dos escritores –, os periódicos eram uma referência importante de suporte da escrita no período que estamos tratando. Neles, davam corpo às suas lidas diárias, cotidianas com a palavra; enfrentavam as questões da ordem do dia. Além disso, os

³²⁶ Desses quatro números, os três primeiros obedeceram uma periodicidade (setembro, outubro, novembro de 1898); em agosto de 1900 foi lançado um exemplar isolado da revista.

³²⁷ Ver: RANCIÈRE, Jacques. *Políticas da Escrita*. op.cit.

periódicos – diferentemente dos livros – tinham uma dimensão coletiva, sobretudo se considerarmos que muitos dos moços escritores que publicavam seus escritos nas páginas de um dado jornal ou revista também trabalhavam nas oficinas ou na editoração da publicação. Os periódicos reuniam os amantes das letras, colocavam-nos em contato, em debate, fortalecendo a palavra, sua produção e proliferação.

A *explosão de escrita* que se verifica nas décadas finais do século XIX realizou-se, em grande medida, através dos periódicos. Eram eles que, pelas suas características, possibilitavam a livre circulação da palavra, materializando o ensejo de escrita que movia tantos moços paranaenses. Para Rancière, “*essa aventura da letra à procura de seu corpo que talvez seja precisamente a entidade evanescente designada pelo nome de literatura*”³²⁸. A imprensa oferecia o corpo – a página impressa – para a palavra ganhar morada, propalar-se e perenizar-se. A escrita literária valeu-se disso, de modo que, não foi à toa que a estruturação de um meio literário no Paraná se deu concomitantemente à estruturação dos meios tipográficos. Tratamos neste trabalho de moços que tinham grande afinidade com a literatura: interessaram-se pelas letras a partir do contato com textos literários (lembramos da frequência de Leôncio Correia à biblioteca do tio, do emprego de Silveira Netto na *Biblioteca Pública* ou de Emiliano Peretta emprestando a moços paranaenses os livros que circulavam em São Paulo) e quiseram se fazer literatos, homens da literatura. Acreditavam na literatura como força para constituir uma/um Província/Estado, um país autônomo, soberano.

No entanto, esses moços não foram apenas escritores de literatura: eram, sobretudo, homens da palavra e dedicaram suas vidas ao exercício da escrita. Nos jornais e revistas pesquisados para a elaboração desta tese encontramos muitos textos, assinados pelos moços previamente nominados neste trabalho, que não tinham um cunho literário. Eram, muitas vezes, escritos opinativos acerca de ciência, política, arte ou literatura. Este tipo de escrito teve, de fato, uma certa evidência no período que pesquisamos, de forma que alguns periódicos, como a revista *Club Curitibano* e a revista *O Cenáculo*, se caracterizavam por publicá-los. Para além dos moços que posteriormente tornaram-se nomes reconhecidos da literatura paranaense, muitos outros envolveram-se com a escrita e a publicação em periódicos, conforme se observa no conjunto de tais publicações. E é justamente essa multiplicidade de vozes, essa dispersão de movimentos que aqui nos interessa, pois era na circunscrição dessa

³²⁸ Idem: 69.

polifonia que se operava o processo de livre circulação da palavra, no qual os periódicos tiveram papel decisivo.

Seja lá o que publicasse, a imprensa representava um alargamento no alcance e no acesso à palavra. Ressalta-se que a diversificação dos impressos, com o lançamento de publicações de variedades, ciências, artes, literatura, ou mesmo ligadas a grupos ou associações deflagrou, de maneira decisiva, uma nova partilha da palavra. Essa pluralidade de vozes, ganhando corpo através da imprensa efetivou a proliferação da palavra escrita. Por meio de publicações que operavam um desvio em relação àquelas de caráter informativo – periódicos destinados a informar os acontecimentos locais –, efetuava-se o alargamento da circulação da palavra: tratando-se de Curitiba, a maior parte das publicações que lá circulavam eram periódicos pequenos, de baixa tiragem e, sobretudo, vinculados a associações, grupos profissionais ou iniciativas de escritores. Aí esteve a grande força propulsora para ativar a palavra, fazendo-a propagar-se e ganhar cada vez mais espaço.

É bem verdade que folhas de cunho noticioso, como é o *Dezenove de Dezembro* e o *Jornal do Commercio* – ligadas, respectivamente, ao partido Conservador e ao partido Liberal –, também participaram da estruturação de um círculo de leitores e escritores no Paraná e ainda recebiam investimentos financeiros e gráficos que acabavam por favorecer às demais publicações. Contudo, sozinhas não teriam envergadura para gerar toda a amplitude e diversidade da livre circulação da palavra que se configurava em Curitiba. Jornais como os supracitados eram peças importantes para firmar a autonomia do Paraná, tendo sido, inclusive, distribuídos pelo governo para autoridades e corporações, como foi o caso do *Dezenove de Dezembro*³²⁹. Sem embargo, fixando-nos na multiplicidade de publicações lançadas nas décadas finais do século XIX – lembremos da lista apresentada pela revista *O Sapo* –, tem-se uma indicação dos lugares por onde circularam a palavra. Em se tratando de escritos literários (que também ganhavam corpo através da publicação de livros), opinativos (a respeito de ciência, arte, literatura ou política), ou mesmo informativos, o que se destaca é o processo de livre circulação da palavra que se configurava. Nesse sentido, a estruturação de um meio literário estava implicado em um processo mais amplo de movimentação da palavra e promoção da sua livre circulação.

³²⁹ Ver: Relatório do Presidente da Província do Paraná, o conselheiro Zacarias de Góes e Vasconcellos, na Abertura da Assembleia Legislativa Provincial em 15 de julho de 1854. Curitiba, Typ. Paranaense de Candido Martins Lopes, 1854: 46.

De fato, o que se configurava era tanto a constituição de um Paraná da literatura quanto da imprensa: poesias e notícias se fortaleciam, ganhavam espaço em uma/um Província/Estado que se modernizava. O importante a ressaltar é que poesias e notícias, livros e jornais se equivalem no processo que caracterizamos: são escritas que fundamentam uma comunicação e propalam a circulação da palavra. “*Tanto um quanto o outro fundamentam uma comunidade política sensível*”³³⁰, esclarece Rancière. Sendo assim, colocando em causa uma partilha – a daqueles que podem ou não ter acesso à palavra – e rompendo com os antigos domínios que determinavam e circunscreviam os limites de circulação da escrita, a pluralidade dos escritos que ganhavam corpo através da imprensa fortalecia as letras. Esse regime da letra errante, que rolava indeterminadamente em busca de leitores, institui uma nova ordem do sensível, independentemente da natureza do impresso: o que é decisivo aqui é, justamente, o caráter de indeterminação, a priori, do destino ou do destinatário do impresso. Disseminado-se sem saber ao que ou a quem se destinava, a palavra escrita redimensionava relações no interior de uma comunidade.

Institui-se um regime de igualdade entre impressos de características diversas, na medida em que todos eles obedeciam à lógica de promoção da livre circulação da palavra, intervindo na antiga distribuição dos lugares e funções dos corpos na comunidade. Considerando-se que mesmo os moços literatos produziam outros escritos além dos literários, percebe-se que a relação que tinham com palavra e com a escrita sobrepujava estilos ou tendências. No entanto, é preciso marcar que a escrita literária tornou-se, no período que estudamos, um sacerdócio, uma espécie de nobreza – em boa medida por investimentos da própria geração de moços em questão, conforme se abordará no próximo capítulo. Assim, enquanto uma escrita diferenciada, nobre, a literatura foi investida de prerrogativas especiais, tida como fundamental para a constituição da cultura paranaense. Por isso, não foi à toa que ela tenha sido tão afirmada e evidenciada, destacada entre os demais gêneros de escrita. Em um momento em que o próprio Paraná se constituía e elaborava a sua modernidade, a escrita de uma maneira geral e a literatura em particular, seriam decisivas para promover a imagem do

³³⁰ RANCIÈRE, Jacques. *Políticas da Escrita*. op.cit: 42-43.

Estado que se desejava. A produção intelectual mostrava-se, assim, como o melhor espelho e sustentação de uma região que se pretendia moderna³³¹.

Sendo assim, deflagrava-se em pleno movimento de fortalecimento da cultura escrita no Paraná, o processo de autonomização literária. A literatura adquiria autonomia e independência, separando-se de outras formas de escrita, constituindo suas características próprias. “A literatura veio assim a se dar como um modo próprio do discurso, até mesmo um modo de vida próprio, a realização de um dever específico para com a língua, onde ética e estética se confundem”³³². Instalava-se com nobreza, verdadeira preciosidade no meio cultural paranaense, cultivada por moços convictos da força das manifestações literárias para uma/um Província/Estado autônoma(o) e valorosa(o). Indicando que a escrita, além de ser o regime errante da letra, é também “a própria textura da lei, a inscrição imutável do que a comunidade tem em comum”³³³. A literatura potencializava essa propriedade de arregimentar uma comunidade, própria da escrita. Os moços em questão neste trabalho, agentes ativos do fortalecimento da literatura, estavam inseridos nesse propósito de ter na escrita – na literatura, especialmente – um instrumento ímpar para marcar o que constitui o paranaense. Para tanto, engajaram-se não apenas em escritas, o que lhes consumiam o melhor dos seus tempos e de suas energias. Mas dedicaram-se também à efetivação de projetos que pudessem dar suportes a essas escritas, permitindo que elas se proliferassem, tais como revistas, jornais e livros. E fundaram ou vincularam-se a associações ou instituições que tinham por finalidade fomentar as letras, a exemplo de bibliotecas e grupos de estudo. Locais em que se aglutinassem em torno da escrita, da leitura, da literatura e organizassem estratégias para insuflar essas presenças entre os paranaenses.

De fato, o processo de autonomização da literatura se processou em diferentes instâncias, vinculado ao trabalho árduo – ainda que disperso – de uma geração de moços. Além de contar com um movimento de acontecimentos que extrapolava o trabalho de tal mocidade: o crescimento da produção impressa, do qual a literatura se valeu em grande medida, foi decisivo para insuflar o movimento literário. Juntamente com isto, o alargamento do contingente de leitores – ligado ao aumento do número de alfabetizados e do crescimento urbano e populacional, especialmente em Curitiba –

³³¹ Sobre essa questão, ver: ABREU, Márcia. Letras, Belas-Letras, Boas Letras. IN: Bolognini, Carmen Zink. *História da Literatura: o discurso fundador*. Campinas: Mercado de Letras, 2003: 11-69. [coleção Histórias de Leitura].

³³² RANCIÈRE, Jacques. *Políticas da Escrita*. op.cit: 26-27.

³³³ Idem: 9.

estimulou o processo de escrita, não apenas da literatura propriamente dita. Nesse sentido, a autonomização da literatura confundia-se com o próprio processo de constituição de um meio intelectual e cultural no Paraná, com a modernização da/o Província/Estado e com o fortalecimento da escrita. Observa-se, então, no bojo desses processos, a multiplicação das possibilidades de leitura – muitas vezes sem que fosse preciso adquirir o impresso: lembremos das bibliotecas e sociedades de leitura que surgiam então –, a diversificação e a proliferação da produção escrita e dos suportes de leitura, marcadamente os periódicos voltados para o entretenimento e a literatura³³⁴. Assim, em um momento em que a presença de impressos era impulsionada pela vontade de escrita e por novidades técnicas, registra-se o surgimento de novos gêneros, tanto de escrita quanto editoriais.

Considera-se, portanto, que a gestação de um meio literário no Paraná (parcialmente caracterizado ao se focar, no capítulo anterior, a vida e a relação que tinham entre si os moços amantes da escrita e da leitura), foi um acontecimento imbricado ao aparecimento de *novos* leitores, *novos* gêneros, *novos* escritores, *novos* suportes de escrita³³⁵. Salienta-se ainda que nesse movimento de fortalecimento e afirmação da escrita literária, a figura do crítico literário – no Paraná representada especialmente por Nestor Victor, além do trabalho crítico de José Henrique de Santa Ritta com a obra de Emiliano Pernetta – atribuía importantes elementos para a definição dos contornos da autonomização da literatura. Ao hierarquizar os escritores e estabelecer o valor das produções e obras literárias, o crítico circunscrevia o cânone literário. É interessante notar que este processo de definição do valor artístico de escritos e escritores, que acabaria por selecionar o que seria mais representativo da cultura paranaense, tinha ativa participação dos próprios moços escritores que costumavam publicar em periódicos locais notas sobre a vida e a obra de seus colegas (ressaltando o valor e a importância delas) ou mesmo ensaiavam textos em que elogiavam o progresso das letras e circunscreviam os elementos para uma história da literatura no Paraná.

O que se percebe, nesse contexto de considerações, é que o fortalecimento da palavra escrita contou com uma série de elementos de sustentação, que ajudavam a garantir a continuidade e a eficácia de sua proliferação. Assim, o interesse pela

³³⁴ A respeito da autonomização da literatura, ver: ABREU, Márcia. Letras, Belas-Letras, Boas Letras. op.cit.

³³⁵ Ver: Idem: 28.

literatura, a fundação de clubes, associações e instituições atreladas à escrita e à leitura, a disseminação de periódicos, a publicação de livros, a fundação de tipografias e o investimento na modernização das técnicas tipográficas são elementos que se articulavam entre si na promoção da livre circulação da palavra. Com efeito, nessa dispersão de movimentos motivados pelo interesse pelas letras, bem como nos desvios das palavras e daqueles que dela faziam uso, identifica-se os contornos de um acontecimento cuja singularidade suscita este trabalho: a aventura da palavra rompendo domínios e prescindindo de regras que fixasse seu meio de ação ou a relação entre enunciador, enunciado e aquele que o recebe. Articulando uma política que se operava diretamente na distribuição dos corpos em comunidade e que permitia que *qualquer um* pudesse escrever, ler ou se tornar motivo de escrita.

A livre circulação da palavra efetivou-se através de um grande número de escritos, de diversas naturezas. A escrita materializava-se, cada vez mais, como o meio pelo qual os grupos intelectuais se manifestavam, pois ela própria era o mote em torno do qual se reuniam. Não sendo à toa que tantas agremiações e instituições surgidas entre o final do século XIX e o início do XX tenham criado publicações próprias, engrossando o grande contingente de escritos que marcam o período. Produções literárias, jornalísticas, de variedades garantiam a novidade da constituição de um meio em que a palavra era dominante. Nas tipografias, nas bibliotecas, nas livrarias, nos cafés, nos liceus, nas instituições literárias e científicas ou mesmo em casas particulares, amigos se encontravam e discutiam, escreviam e liam sobre arte, literatura, ciência, filosofia ou política e projetavam publicações que abarcassem o desejo de palavra que tinham, o pulular de idéias que os moviam. A literatura constituiu-se como uma forte tendência do momento: para este tipo de escrita voltaram-se as atenções de boa parte da mocidade amante das letras. Contudo, é preciso bem marcar que saberes científicos também se constituíam, dando corpo a outras escritas. Refiro-me à história e à geografia.

Romário Martins (1874-1948) e Sebastião Paraná (1864-1938) foram nomes decisivos para o estabelecimento e a consolidação dos conhecimentos em questão. Os dois foram responsáveis, respectivamente, pela escrita e publicação das primeiras obras a respeito da história e da geografia do Paraná. Corroborando, assim, com a tendência de se tratar do que dizia respeito ao local, que também ocorria em outros gêneros de escrita. Ao circunscrever a história e a geografia como conhecimentos específicos, com autonomia e legitimidade, os moços em questão estabeleciam ciências capazes de

produzir verdades a respeito do Estado. De fato, suas obras se mantiveram como referências incontestáveis, desde o final do século XIX às primeiras décadas do século XX³³⁶. Aliado a elas, a presença ativa desses homens em instituições que reuniam a intelectualidade local (interessados em arte, literatura e ciência), participaram da construção de um certo regionalismo, uma valorização do local justamente em um momento em que discutir sobre o Paraná crescia em importância.

Em se tratando da inclinação e da disponibilidade de ocupar os espaços referentes à proliferação da palavra e das idéias, destaca-se que Sebastião Paraná foi professor de geografia (trabalhou no *Ginásio Paranaense*, na *Escola Normal* e na *Universidade do Paraná*), Romário Martins foi diretor do *Museu Paranaense* por 23 anos (1900-1923). Ambos trabalharam no jornalismo, escreveram livros e artigos para jornais e revistas e tiveram forte presença no *Instituto Histórico, Geográfico e Etnográfico do Paraná*. Através dessas ocupações que implicavam em atividades de leitura, escrita e oratória, esses homens partilhavam da palavra, faziam-se presentes no universo das letras, comungavam do poder dizer, do poder saber. E ampliavam também o acesso a esta partilha, pois agitando a palavra possibilitavam sua livre circulação. Salienta-se ainda que participaram desse alargamento de acesso à palavra através de discussões sobre o Paraná que se perpetuavam entre os paranaenses mais moços: as escolas costumavam se valer dos livros de Romário Martins e Sebastião Paraná para embasar o ensino de história e geografia. Aquele último escreveu vários compêndios para serem usados em sala de aula. E *História do Paraná*, que talvez seja o mais afamado livro de Romário Martins – apresentado originalmente como monografia no *Ginásio Paranaense* – foi publicado e adotado nas escolas públicas³³⁷.

A educação desempenhava um importante papel no processo de difusão da palavra: as escolas, incumbidas de ensinar as letras e cultivar o gosto por elas, ajudavam a criar a necessidade da escrita, da leitura, das discussões. Contribuíam para a consolidação da cientificidade de conhecimentos como história e geografia, além de

³³⁶ Nos anos de 1950, Wilson Martins (autor de *Um Brasil Diferente*) e Temístocles Linhares (autor de *Paraná vivo*) se opõem à interpretação da história do Paraná de Romário Martins (a qual consideravam ufanista). Ver: SZVARÇA, Décio Robert. *O Forjador: Ruínas de um mito (Romário Martins, 1893-1944)*. Curitiba: Aos quatro ventos, 1998: 1-13.

³³⁷ Ver: CAROLLO, Cassiana Lacerda. Romário – Um historiador combatente. IN: Martins, Alfredo Romário. *História do Paraná*. Curitiba: Prefeitura Municipal de Curitiba, 1998: XXIII. A respeito de *História do Paraná*, Cassiana Lacerda Carollo elucida: “Sua primeira História do Paraná foi publicado em 1899, obra de 250 páginas dividida em 14 capítulos que tratavam dos fatos históricos paranaenses, desde a descoberta e conquista do litoral até a criação da província. Romário tinha apenas 25 anos quando publicou a sua História da Paraná”. CAROLLO, Cassiana Lacerda. Romário – Um historiador combatente. Idem: X.

oferecerem um ambiente propício para aproximar a mocidade que se interessasse pelos livros. Da mesma forma, o *Instituto Histórico, Geográfico e Etnográfico do Paraná* era um espaço que reunia a intelectualidade local, especialmente aqueles mais adeptos às ciências, tendo Romário Martins como figura de proa deste a sua fundação:

Em 24 de maio de 1900 [Romário] convidou para uma reunião na biblioteca do Clube Curitibano os nomes mais representativos da intelectualidade local e o Instituto Histórico e Geográfico Paranaense foi fundado, sendo dirigido provisoriamente por uma comissão integrada por Romário Martins, Sebastião Paraná e Ermelino de Leão³³⁸.

O supracitado Instituto foi, certamente, um dos lugares de produção e difusão da palavra e do saber nas primeiras décadas do século XX, apontando para a relevância que adquiria a ciência, a história, a geografia na constituição de um Estado moderno. Lá reuniam-se os intelectuais, havia espaços de debate, promovia-se palestras e editava-se boletins e revistas próprias que, via de regra, continham artigos que tratavam do Paraná. De forma que a instituição não apenas participava da circunscrição, autonomia e afirmação da ciência, como construía e preservava uma memória sobre o Paraná. Além de promover a partilha da palavra, engrossando, assim, o movimento de livre circulação da palavra.

1.2 em vias de profissionalização: o desafio de viver da escrita

Emiliano Pernetta, em texto publicado no número inaugural da revista *O Sapo*, saúda a iniciativa e a coragem dos moços que se empenhavam na publicação daquele novo periódico. Em uma espécie de desabafo, Emiliano enfatiza as dificuldades da literatura firmar-se em âmbito nacional: em *um país de surdos-mudos e cego para tudo que é fino, sutil e intelectual³³⁹*, viver da escrita e para a escrita mostrava-se como um grande desafio. A tônica do texto estava na agrura que era viver da arte e do intelecto no país: “*Oh! quanto! não é preciso revestir-se um homem que no Brasil queira tomar uma penna e ser verdadeiramente um fino homem das letras? [sic]³⁴⁰*”, avalia. Emiliano vale-se da credibilidade que tinha entre os intelectuais paranaenses e do conhecimento

³³⁸ Ibidem: XXIV.

³³⁹ PERNETTA, Emiliano. [Sem título]. *O Sapo – Semanario Litterario e Humoristico*. Redactores: Diversos. Curitiba, 6 de março de 1898. Anno I. N.º I: 1.

³⁴⁰ Idem: Ibidem.

de causa que tinha sobre a questão, afinal, tinha longa história de convivência com moços que, como ele, dedicavam suas vidas à escrita. Seja quando esteve entre intelectuais paulistas, cariocas ou paranaenses acompanhava as dificuldades enfrentadas pelos colegas, além das dele mesmo, para se colocar no mercado, para publicar, para que suas obras tivessem receptividade, para sobreviver.

Contraopondo-se à indiferença que imperaria no país, Emiliano Pernetta valoriza a bravura com que a mocidade de escritores brasileiros tomava as rédeas de suas carreiras, não se resignando diante das adversidades e dando vida às inquietudes e emoções que lhe iam às almas³⁴¹. Sendo assim – e é para isso que chama a atenção Emiliano Pernetta –, viver para a escrita no Brasil estaria longe de ser tarefa fácil ou glamurosa, implicando, pelo menos, em um período de sacrifícios, até que alguma estabilidade se conseguisse. Isso, quando indiferença e privações não marcavam toda a carreira do escritor. Pensemos na mocidade de escritores paranaenses: moços que, em sua maioria, não vinham de famílias que partilhassem do capital cultural e econômico, mas que, no entanto, capturados pela palavra, fizeram da escrita a atividade primordial de suas vidas. Ora, desviando-se das ocupações comuns a seus pais – que eram, via de regra, representantes de classes médias e baixas urbanas –, esses moços necessitavam encontrar um meio de sobrevivência, uma maneira de garantir o ganha-pão, que os mantivessem atrelados à atividade intelectual. Afinal, tal atividade requeria tempo e dedicação e tratamos, justamente, de moços que se empenham para que a leitura e a escrita não fossem ocupações diletantes, mas constituíssem o próprio centro de suas vidas.

Viver exclusivamente dedicado à escrita foi um luxo ao qual não puderam se dar esses moços. Contudo, o que se percebe é que buscavam se estabelecer em atividades eminentemente intelectuais. Afastaram-se do comércio ou da indústria, dos quais seus pais tiraram o sustento, para enveredarem-se por atividades que não prescindiam da intelectualização, do estudo, da escrita. Conciliar o prazer com uma renda foi, portanto, o desafio ao qual se colocaram esses moços: ao mesmo tempo em que se esmeravam para garantir a qualidade do que produziam, precisavam garantir o próprio sustento e o da família. Fazer da escrita um trabalho, através da gestação do processo de profissionalização do escritor, foi um dos meios procurados para viabilizar a sobrevivência. No entanto, esse processo – que não era uma exclusividade paranaense,

³⁴¹ *Ibidem*: *Ibidem*.

mas se elaborava nos principais centros do país – não era algo simples de se efetivar, nem se restringiu a uma única geração.

Sendo assim, observando os moços dos quais conhecemos a bibliografia, percebe-se que, comumente, buscavam a sobrevivência em empregos públicos: na maioria das vezes na burocracia do Executivo (como foi o caso de Silveira Netto, Julio Pernetta e Romário Martins), mas também no Judiciário (lembramos de Emiliano Pernetta e José Henrique de Santa Rita) e até mesmo no Exército (caso de Domingos Nascimento). O magistério foi também um dos caminhos encontrados para garantir o ganha-pão: Dario Vellozo, por exemplo, foi professor de história do *Ginásio Paranaense* a partir de 1899, quando foi aprovado em concurso público³⁴². Emiliano Pernetta prestou concurso para a mesma instituição em 1901, para a cadeira de português. Lecionou também na *Escola Normal*³⁴³. E Nestor Victor, já residindo no Rio de Janeiro, teve várias experiências no magistério: trabalhou entre 1894 e 1901 no *Ginásio Nacional*, onde foi colega de Silvio Romero e João Ribeiro; em 1906, depois de passar quatro anos em Paris, passa a lecionar no *Colégio D. Pedro II* e na *Escola Normal*, efetivando-se, mais tarde, como professor de literatura brasileira desta última³⁴⁴. Sem nos esquecermos de Rocha Pombo, cujo primeiro emprego foi alfabetizar crianças em Anhaia, sua localidade natal. E, mais tarde, já no Rio de Janeiro, torna-se professor da *Escola Normal* (1900) e da *Universidade Popular do Rio de Janeiro* (1912), onde lecionava História Geral.³⁴⁵

De fato, o trabalho na educação proporcionava o exercício da palavra, a difusão de idéias e convicções, o permanecer em contato com os livros e o estímulo ao gosto pela leitura, pela escrita, pela reflexão, pelo saber em novas gerações de moços. Em contra-partida, estimulava as produções daqueles moços escritores: Dario Vellozo, por exemplo, publica, em 1902, *Lições de História*, obra originada de suas reflexões no magistério³⁴⁶. Rocha Pombo, que também encontrou no magistério um meio de sobrevivência ao mudar-se para o Rio de Janeiro, envereda-se, igualmente para a escrita

³⁴² Ver: CAROLLO, Cassiana Lacerda. Decadismo e Simbolismo. IN: Vellozo, Dario. *Cinerário & outros poemas*. Curitiba: Prefeitura Municipal de Curitiba, 1996: xIviii.

³⁴³ Ver: CAROLLO, Cassiana Lacerda. Emiliano Pernetta: da fuga e dissipação à busca do absoluto. IN: Pernetta, Emiliano. *Ilusão & outros poemas*. Curitiba: Prefeitura Municipal de Curitiba, 1996: xI.

³⁴⁴ Ver: CAROLLO, Cassiana Lacerda. Nestor Vítor: um olhar crítico sobre o Paraná. IN: Santos, Nestor Vítor dos. *A Terra do Futuro: impressões do Paraná*. Curitiba: Prefeitura Municipal de Curitiba, 1996: xix-xxvii.

³⁴⁵ Ver: CAROLLO, Cassiana Lacerda. No hospício: entre a estufa e a utopia social. IN: POMBO, José Francisco da Rocha. *No Hospício*. Curitiba: Prefeitura Municipal de Curitiba, 1996:37.

³⁴⁶ CAROLLO, Cassiana Lacerda. Decadismo e Simbolismo. IN: Vellozo, Dario. *Cinerário & outros poemas*. op.cit: xIviii..

de livros de história. Abandonando o jornalismo, ao qual se dedicara arduamente enquanto vivera no Paraná, interessava-lhe agora outras escritas. Além da literatura, a escrita de manuais de história. E logo percebeu que poderia ter neste último uma fonte de renda: sua *História da América*, publicada em 1903, recebeu do *Conselho Superior de Instrução do Distrito Federal* a indicação para ser o livro oficial de ensino desta disciplina³⁴⁷. Escrever obras para serem usadas no magistério mostrou-se, então, para Rocha Pombo, como uma oportunidade real de sobrevivência na nova etapa de vida que encetava no Rio de Janeiro. Uma forma de se manter na atividade intelectual e prover o sustento.

Durante cerca de trinta anos, ocupou-se da escrita desse tipo de compêndios. Foram obras sobre a história da América, do Brasil, de São Paulo, do Rio Grande do Norte, do Paraná, de *História Geral* e de Educação Moral e Cívica. Algumas delas tiveram um grande número de edições, como *Nossa Pátria* (1917), com 63 edições e um volume de *História do Brasil*, destinado ao curso fundamental com 23 edições. A boa vendagem propõe que Rocha Pombo encontrara um nicho vantajoso. Certamente estar na capital do país, onde o mercado de leitores e o meio editorial eram mais aquecidos que no seu Estado natal, favorecia a que pudesse efetivar o ideal de fazer da escrita um ofício, um meio de vida e não apenas uma atividade diletante em sua vida. Mesmo que a qualidade de seus livros fosse questionada e que muitos o considerassem um historiador menor, notabilizou-se como escritor de manuais de história na capital federal³⁴⁸.

Interessa frisar como esse trabalho de historiador lhe valeu o sustento por um período tão longo da vida. Soube conferir à sua produção o volume e a diversidade que requeria o mercado, o que foi importante para firmar o seu nome como um dos historiadores oficiais da *República Velha* e a conseqüente vendagem de seus livros. Ressalta-se ainda como soube tirar proveito da receptividade de suas obras para garantir o sustento: assinou, em 1905, um contrato com o editor *Benjamin Áquila* para redigir um trabalho sobre a história do Brasil, que entregava periodicamente e era vendido em fascículos, para o qual recebia um salário mensal. Conseguiu, assim, um meio para sobreviver que perdurou por um longo tempo: levou doze anos (1905-1917) para escrever os dez volumes que compuseram a coleção. Há quem diga que a morosidade

³⁴⁷ Ver: CAROLLO, Cassiana Lacerda. No hospício: entre a estufa e a utopia social. IN: POMBO, José Francisco da Rocha. *No hospício*. op.cit: 37.

³⁴⁸ Ver: BEGA, Marica Tarcisa Silva. A conversão como historiador. IN: *Sonho e Invenção do Paraná: geração simbolista e a construção da identidade regional*. Tese [doutorado em Sociologia]. São Paulo: USP, 2001: 171-174.

com que a escreveu foi um recurso para prolongar o recebimento do salário³⁴⁹. De qualquer forma, Rocha Pombo é um belo exemplo de alguém que consegue sobreviver largamente, durante toda a sua vida, da sua pena, seja no jornalismo, seja como historiador.

Entre os que permaneceram no Paraná, Romário Martins e Sebastião Paraná publicam, na década de 1890, pela *Livraria Econômica*, livros que tiveram grande alcance didático em Curitiba: *História do Paraná* e *Corografia do Paraná*, respectivamente³⁵⁰. No entanto, o jornalismo foi a atividade profissional que melhor aglutinou os moços amantes das letras. Além de se apresentar como uma solução para a questão da sobrevivência (mesmo que nem sempre fosse fácil sobreviver do jornalismo, não sendo à toa que muitos o conciliassem com outras atividades), o trabalho em jornais e revistas favorecia diretamente o exercício daquilo que os moços mais almejavam: escrever e publicar, além do convívio, no ambiente da redação, com colegas com semelhantes interesses. Com efeito, para o jornalismo se dirigiram a maior parte dos homens das letras no Brasil, na virada do século e era essa atividade que oferecia melhores condições de tornar conhecidos os escritores e as suas produções³⁵¹. Contudo, eram ainda raros aqueles que sobrevivessem unicamente da imprensa. Em se tratando de Paraná, Nestor de Castro é um exemplo: empregou-se apenas na imprensa, durante toda a vida. Rocha Pombo e Nestor Victor também assim o fizeram, no tempo em que viveram no Paraná.

Rocha Pombo e Nestor de Castro têm ainda por peculiaridade a relação singular que estabeleceram com o jornalismo: foram aguerridos como poucos. Firmaram-se nesta atividade e, acreditando no caráter combativo da imprensa, dedicaram-se fervorosamente a ela. Não sendo de se estranhar que, tendo enfrentado grandes dificuldades (inclusive financeira) no período de maior conturbação política que vivenciaram no Paraná – a *Revolução Federalista* – lutaram para continuar tendo voz na imprensa. É no jornalismo que encontramos a mocidade que queria se consolidar nas lidas literárias. Muitos daqueles moços que fundavam clubes estudantis, que se reuniam para ler versos, que proclamavam a urgência de se abolir a escravidão em discursos inflamados, que freqüentavam bibliotecas e livrarias, refugiam-se nas atividades

³⁴⁹ Ver: Idem: 173.

³⁵⁰ Ver: CARNEIRO, Newton Isaac da Silva. *Surto e desenvolvimento da artes gráficas em Curitiba*. Curitiba: edições Paiol, 1975: 23.

³⁵¹ Sobre essa questão, ver: SÜSSEKIND, Flora. *Cinematógrafo das Letras: literatura, técnica e modernização no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

jornalísticas. Apresentaram-se como responsáveis ou colaboradores nos principais veículos de imprensa da época e nas revistas literárias que fundaram.

No entanto, é importante mencionar que parte deles teve experiência também no trabalho técnico das oficinas tipográficas: comumente, este tipo de trabalho mostra-se como a primeira oportunidade de emprego em biografias de moços que figuram nesta pesquisa. Assim, aos 14 anos (1884), ainda residindo no Rio de Janeiro, Dario Vellozo emprega-se como aprendiz de encadernador na oficina *Lombaerts* e, no ano seguinte, transfere-se para a oficina tipográfica *Moreira Maximino & Cia*, tornando-se compositor-tipógrafo. Em seguida, mudando-se com a família para Curitiba (1885), começa a trabalhar na confecção tipográfica do *Dezenove de Dezembro*³⁵². Nesta ocasião, conheceu e fez amizade com Lycio de Carvalho, moço poeta que também lá trabalhava. A amizade entre os dois, nutrida pelo semelhante gosto que tinham pela leitura e pela escrita, marcava-se pelo compartilhamento de obras literárias e longas conversas a respeito de literatura. Juntos, leram *Noite na Taverna*, *Claustros* e outras obras românticas³⁵³. A relação com Lycio marcou o moço recém-chegado ao Paraná, não sendo à toa que cerca de uma década mais tarde, Dario tenha promovido, juntamente com os companheiros do grupo *Cenáculo*, a publicação de *Peregrinas*, livro inédito de Lycio de Carvalho, que morrera em 1893.

Observa-se como, mesmo o trabalho técnico nas oficinas tipográficas, poderia propiciar encontros e experiências intelectuais. Propiciava também que tipógrafos e seus auxiliares mantivessem contato, ao menos, com a leitura dos periódicos que produziam. Naquele tempo, anterior à produção em massa das publicações, em que o trabalho nas oficinas de imprensa ainda guardava algo de artesanal e um pequeno número de funcionários ocupava-se do serviço, facilmente criava-se um ambiente de familiaridade e de amizade entre os que trabalhavam em tipografias. Salienta-se que, embora fosse um trabalho técnico, o ofício de tipógrafo exigia que se fosse alfabetizado, de forma que, dado o expressivo número de analfabetos existentes no Paraná, não era qualquer pessoa que poderia realizá-lo. Por isso, esses moços de tenra idade, mas tão familiarizados com as letras, tinham um perfil bem adequado para trabalhar como ajudantes e aprendizes nas oficinas tipográficas.

³⁵² Sobre o emprego de Dario Vellozo em tipografias, ver: CAROLLO, Cassiana Lacerda. Decadismo e Simbolismo. IN: Vellozo, Dario. *Cinerário & outros poemas*. op.cit: xIv.

³⁵³ Idem: *Ibidem*.

Para alguns, a experiência nos prelos foi mesmo decisiva para passarem à redação: Romário Martins, que aos 14 anos (1889) começa a trabalhar nas oficinas do *Dezenove de Dezembro* e depois na do jornal *A República*, logo migra para o trabalho editorial. Este moço tão aplicado aos estudos, mas cujas posses familiares não permitiam que realizasse o sonho do curso superior no Rio de Janeiro ou em São Paulo, encontrou no ofício de tipógrafo a oportunidade de inserir-se no meio letrado. “As circunstâncias da vida me tiraram da escola e me colocaram numa oficina, onde aprendi o ofício de tipógrafo”³⁵⁴, escreve anos mais tarde. Acrescentando que as tipografias seriam uma espécie de “*universidade do jornalismo*”³⁵⁵. Favorecido por um momento em que as atividades tipográficas estavam em expansão em Curitiba e que moços como Leôncio Correia, Nestor Victor, Julio Pernetta, Rocha Pombo, Dario Vellozo, Sebastião Paraná agitavam o ambiente das redações e promoviam o surgimento de inúmeros novos periódicos, Romário Martins logo deixa o trabalho técnico para consolidar-se como um novo nome das letras e do jornalismo paranaense.

Silveira Netto foi outro dos moços paranaenses a trabalhar na parte técnica das publicações. Foi aluno da escola de Belas-Artes de Mariano de Lima, aprimorando sua habilidade para o desenho, que se mostrará bastante útil para ilustrar os periódicos, além de preparar-se para o ofício propriamente litográfico. Trabalhou na revista *A Arte*, não apenas na parte técnica, mas contribuindo com artigos e ilustrações. Havia sido também aprendiz na *Litografia do Comércio*, com Narciso Figueiras, um litógrafo catalão que se estabeleceu no Paraná nos primeiros anos da década de 1880 e foi decisivo para o estabelecimento e consolidação da atividade tipográfica nessa/e Província/Estado. Silveira Netto é um bom exemplo de como os moços envolveram-se em todo o processo de elaboração dos periódicos: estavam presentes nas oficinas, nas redações, assinando artigos e, no caso específico desse último, até mesmo produzindo ilustrações e charges. E, mais do que isso, evidencia-se como a atividade da escrita exigia, no contexto que estamos estudando, uma intimidade com o funcionamento e o cotidiano das oficinas de impressão. Os moços envolveram-se, assim, em uma ampla gama de ocupações necessárias à efetivação dos serviços de tipografia e litografia no Paraná, à garantia da *livre circulação* daquilo que produziam.

³⁵⁴ MARTINS, Alfredo Romário. Apud: CAROLLO, Cassiana Lacerda. Romário – um historiador combatente. IN: MARTINS, Alfredo Romário. *História do Paraná*. op.cit: xviii-xix.

³⁵⁵ Idem: xix.

Para tanto, tiveram que assumir responsabilidades e compromissos inerentes ao serviço gráfico. Vivenciaram o ambiente das tipografias, principalmente o referente à parte editorial das publicações: de fato, encontramos os nomes de toda essa mocidade de escritores trabalhando como redatores ou diretores nas folhas (especialmente nas revistas) que circularam em Curitiba entre as últimas décadas do século XIX e o princípio do século XX. Muitas vezes, viam-se envolvidos em mais de uma publicação por vez: escrevendo para um determinado periódico, editorando outro, assessorando um terceiro. Marcando, assim, o esforço conjunto para fazer acontecer a imprensa no Paraná. O trabalho requerido para colocar um periódico na rua não era pequeno, implicando em uma rotina que colocava esses moços no ritmo do ambiente técnico que se configurava no país. Assim, a mocidade das letras via-se envolvida a tipos e tipógrafos, a exigências de prazos e o comprometimento de estar presente na redação, como requisitos para verem seus textos na rua, circulando entre os leitores.

Fizeram-se, portanto, essenciais no ambiente tipográfico ao assumirem a responsabilidade pela editoração das publicações. Um trabalho que aprenderam na prática, mas que exigia um certo grau de inteligência e intimidade com o universo das letras, que seria difícil de ser realizado por outros, em um Paraná que ainda se configurava cultural e intelectualmente. Dessa forma, foi decisivo que os moços que se identificavam com as atividades intelectuais se envolvessem no âmbito prático da realização dos periódicos, ainda que isso exigisse que se dedicassem a tarefas que escapavam ao fazer propriamente artístico. A redação impunha uma rotina que fugia ao habitual do trabalho de criação: a premência dos prazos, a realidade da falta de verbas, a disciplina de produção eram elementos comuns ao ambiente tipográfico, essenciais para o seu funcionamento, mas que, no entanto, não faziam parte do ideal da criação artística. Para o poeta Olavo Bilac, que colaborou trinta anos em jornais e revistas cariocas, escrever um texto destinado aos periódicos era um processo diferente de se escrever literatura (especialmente poesias, considerado por aquele o mais nobre dos gêneros da escrita)³⁵⁶.

Nos vocábulos, nas estratégias para se ganhar o leitor, nos gêneros e nos temas escolhidos marcava-se essa diferenciação. Contudo, era o ritmo do trabalho jornalístico que mais se impunha sobre a rotina de moços escritores que se envolviam no ambiente tipográfico. Os periódicos eram, por excelência, veículos sintonizados ao tempo curto,

³⁵⁶ Ver: SÜSSEKIND, Flora. *Cinematógrafo das Letras: literatura, técnica e modernização no Brasil*: op.cit, 21-22.

veloz: precisavam ser produzidos e postos em circulação rapidamente, não podendo contar, muitas vezes, com o esmero comum às produções literárias. Da mesma forma, marcavam-se pela leitura apressada e pelo rápido descarte, enquanto a literatura requeria tempo e recolhimento. Como propõe Olavo Bilac, o trabalho da máquina – indiferente, sem alma, sem pesar, sem alegria – contrasta-se ao do poeta que, assemelhando-se a um artesão que, longe do turbilhão da rua, no silêncio, no sossego e no aconchego do claustro, “*trabalha, e teima, e lima, e sofre, e sua!*”³⁵⁷. Nesse sentido, o trabalho nas redações mexia diretamente no ritmo de produção dos escritores: era preciso seguir a periodicidade das publicações, escrever sobre a pressão dos prazos e nem sempre em ambientes recolhidos e isolados, cumprir cronogramas, disciplinar-se à escrita independente da inspiração.

Comprometidos com jornais e revistas, os moços tinham de se empenhar para garantir que esses fossem publicados. Observa-se, por exemplo, que Dario Vellozo, que esteve envolvido com a publicação da revista *Club Curitibano*, seja como redator, seja como diretor literário, durante praticamente toda a década de 1890, publica seus textos em quase todos os números deste período. Há que se considerar, certamente, que o referido moço encontrava na revista uma boa oportunidade de dar corpo a sua voz, de fazer circular seus escritos. No entanto, a responsabilidade de garantir a publicação da revista o mantinha comprometido em produzir com a frequência e o volume necessários para suprir as necessidades da publicação, além do compromisso de ter de pedir a outros escritores, poetas e intelectuais que enviassem suas produções. Para não deixar lacunas na publicação e garantir a sua periodicidade impunha-se a necessidade de se escrever: assim, aquilo que era um prazer para os moços, às vezes tropeçava nas dificuldades impostas pela pressão do tempo. Nesse sentido, é possível encontrar textos nos periódicos da época que parecem mais motivados pela necessidade de apresentar algo, do que pelo desejo de dizer aquilo que se escrevia. Textos que transparecem, de fato, uma certa falta do que dizer.

Como acontece com um texto de Emiliano Pernetta para a revista *A Arte*. A pedido de Mariano de Lima, diretor do periódico, Emiliano comprometera-se em enviar um artigo para o número inaugural da publicação. Desde a véspera do prazo final da entrega, martelava-lhe a preocupação sobre o que escrever. Enquanto andava pelas ruas, tomava bondes, entrava e saía dos lugares, a questão era uma só: o que haveria de

³⁵⁷ A referência é, respectivamente, as poesias *O tear* e *A um poeta*. Ver: Idem: 22.

escrever? Findo o prazo e nada tendo encontrado que lhe motivasse um artigo, Emiliano Pernetta se escusa através de uma carta, datilografada, ao diretor da publicação. Nesta, menciona os lugares onde havia estado desde o dia anterior, enquanto procurava um assunto para escrever e algumas idéias vagas que lhe haviam ocorrido para o artigo. E termina por admitir:

E hoje que não há mais desculpas a dar, eu digo: Sr. Mariano quer saber de uma cousa? não me foi possível fazer o artigo, queira desculpar – O seu pouco espirituoso, Emiliano Pernetta [sic]³⁵⁸

Com a carta, Emiliano Pernetta consegue o artigo que prometera a Mariano de Lima. Fazendo da falta de assunto, o próprio assunto, Emiliano evidencia as dificuldades que se mostravam aos escritores para atender às necessidades das redações. A premência dos prazos para entregar os textos, para colocar os periódicos nas ruas impôs-se sobre o ritmo de produção dos moços, propondo que interiorizassem as pressões de um ritmo mais acelerado, que começava a se configurar no país. O artigo em questão tem a peculiaridade de assumir categoricamente a falta de assunto e o compromisso de escrever para viabilizar a publicação. Mas, é possível detectar outros tantos textos nos periódicos da época que transparecem que seu autor o escreveu, sobretudo, para cumprir um compromisso com a publicação, pois lhe faltava o que dizer. De fato, a presença nas redações interferiu diretamente no ritmo de trabalho, na rotina e na relação que esses moços tinham com a escrita. No entanto, foi decisiva para os rumos tomados em suas vidas, para conseguirem construir uma carreira nas letras. Os periódicos eram o veículo que tinham para fazer circular com freqüência o que escreviam, além de acenarem como uma via de sustento, tão importante para a sobrevivência desses moços.

A participação efetiva no processo de realização dos periódicos mostrava-se também como o caminho mais promissor para a profissionalização do escritor. Era o jornalismo que mais propiciava o reconhecimento do trabalho desses moços, além de favorecer que seus nomes fossem conhecidos, essencial para que pudessem vender seus próprios livros ou outras publicações que levassem seus nomes ou ainda fossem convidados a escrever em um novo periódico. Afinal, quem pretendia viver da escrita

³⁵⁸ PERNETTA, Emiliano. *ILM. ao Sr. Mariano de Lima*. A Arte. Director: Mariano de Lima. Curityba, 4 de março de 1888. Anno I. N.ºI: 4.

precisava ter leitores, compradores para suas obras. Assim, ao lograrem viver de suas próprias penas, aqueceram o processo embrionário de profissionalização do escritor, apontando para a maneira como a história da cultura escrita passou pelo estabelecimento e o fortalecimento da imprensa. Vivenciaram, contudo, as dificuldades inerentes tanto à consolidação da imprensa no Paraná quanto ao desafio de viver dela: as dificuldades de se consolidar um público leitor, de venda dos periódicos, de dar seqüência à numeração das publicações que lançavam. Tudo isso objetava que vivessem exclusivamente da escrita e que pudessem tomá-la efetivamente como uma profissão, no entanto deram passos significativos nessa direção.

2. O Paraná Tipográfico

Em janeiro de 1881 surgia um novo periódico em Curitiba, a *Revista Paranaense*. A respeito dela, já se mencionou anteriormente: tinha um perfil um tanto diferenciado das publicações lançadas na Província até então. Tratando de *‘letras, ciências e artes’*³⁵⁹, a revista efetivava o propósito de ser um periódico de variedade. Lá o leitor encontraria artigos sobre questões sociais como, por exemplo, o fim da escravidão no país, outros sobre ciência ou filosofia e ainda textos relativos ao Paraná, como a prodigalidade com que se desenvolvia a erva-mate ou os benefícios que trariam a chegada da estrada de ferro em Curitiba, além de trazer poesias escritas por moços paranaenses. Diferenciava-se também por sua diagramação, pela forma como se apresentava aos leitores: textos longos, bem trabalhados e argumentados, um bom número de páginas, todas bastante ocupadas e a paginação de cada novo exemplar seguia a seqüência da edição anterior, de forma que o leitor poderia formar um volume encadernado, uma espécie de antologia. Assemelhava-se, de fato, pelas características dos seus artigos e a maneira como esses eram distribuídos, à estrutura de um livro.

No entanto, o que aqui interessa, por ora, é o artigo de apresentação da revista, localizado nas páginas iniciais do primeiro exemplar. Lá, seus responsáveis justificavam o lançamento da publicação alicerçando-o na importância que atribuíam à imprensa para o progresso dos povos: “*É a imprensa, [o] jornalismo [...] incessante porta-voz da*

³⁵⁹ *Revista Paranaense*. Revista Paranaense. Curitiba, 30 de janeiro de 1881. Anno I. Tomo I: 5. [Não há indicação de autor]. Ressalta-se que no único exemplar desse número da revista encontrado em minhas pesquisas, pertencente ao acervo da *Biblioteca Pública do Paraná*, o texto que ora mencionamos encontra-se bastante danificado, inclusive com partes mutiladas, o que prejudicou bastante a sua leitura.

civilização”³⁶⁰, sentencia. O que o texto expõe, de maneira apaixonada, é uma certa concepção de imprensa, que guiaria a elaboração e a realização do periódico em questão e que toma dimensões especiais, no contexto da presente pesquisa, por comunicar uma compreensão de imprensa comum aos moços amantes da escrita do final do século XIX. A imprensa seria um instrumento libertador, agente da igualdade e da justiça. Nas páginas dos periódicos, *qualquer um* poderia se manifestar, *todos* estariam representados, a informação e o saber estariam democratizados, as injustiças seriam denunciadas, pois “*um traço característico dos povos modernos [é] que com as armas da palavra e da penna todos se podem armar soldados para a revolução pacífica e civilizadora da sociedade [sic]*”³⁶¹. Tratava-se, portanto, da configuração de um contexto no qual a imprensa tornava-se decisiva, afinal, ao se inaugurar um regime de acesso irrestrito à palavra, rompia-se com uma velha ordem de dominação e distribuição de poder.

A positivação da escrita ganhava, dessa forma, vigor renovado ao ser associada ao poder multiplicador dos prelos. Livre, a palavra impressa difundiria as idéias, pensamentos e criações daquele que escrevia, estabelecendo uma igualdade entre os corpos de uma comunidade e operando benefícios para a vida em comum:

*O estadista e o legislador que delineiam [...] os mais numerosos problemas da vida social e economica dos povos ; o medico e o theologo, applicados á cura do corpo e da alma do homem, o litterato, que estuda as phases e o modo da manifestação da idéia do bello no espirito da sociedade antiga e moderna, o viajante, que no aturdimiento de rapido caminhar vae descrevendo as impressões de um passeio de touriste; o mestre que se dedica ao sublime officio de fazer de meninos varões: desde o sábio até o mais obscuro artesão, desde o legislador até o menos douto jornalista, todos podemos, nas lides da imprensa, atirar desassombrados as nossas idéias, com a condição unica de concorrerem quanto em nós couber para o bem commum da espécie humana [sic]*³⁶²

A ampliação do direito à palavra encontrava na imprensa sua morada e realização. Isso não apenas porque eram os impressos que possibilitavam a livre circulação da palavra, condição *sine qua non* para se operar o alargamento da partilha da palavra, mas, de sobremaneira, porque a imprensa carregava consigo o sentido de ser

³⁶⁰ Idem: 4.

³⁶¹ Ibidem: Ibidem.

³⁶² Idem: 3-4.

agente da igualdade e da justiça. Sendo assim, não se tratava somente de permitir que *qualquer um* escrevesse, mas de reconhecer a legitimidade de *qualquer* escrita e de *qualquer um* que escrevesse. De fato, através da folha impressa operava-se a promoção de *todo* corpo e de *toda* voz, instituindo uma igualdade entre eles. Os moços rejubilavam-se, justamente, com essa possibilidade dada pela imprensa. Não esqueçamos que eram engajados nos propósitos republicanos, sensibilizados pelos ideais de uma partilha justa do que dizia respeito ao comum. Nesse sentido, a posituação da imprensa como instrumento a efetivar o direito à palavra a toda a comunidade, justificava o empenho de se lançar e manter a circulação de periódicos.

Salienta-se que tal concepção de imprensa foi dominante entre a mocidade de escritores paranaenses no período contemplado por essa pesquisa. Por isso, talvez, tenham se empenhado tanto em promover a criação de jornais e revistas: reconheciam nesses veículos o meio de efetivar e alargar o direito à palavra, tanto no que concerne à escrita quanto à leitura. Aliado a isso, a imprensa teria uma força incisiva para imprimir e transformar opiniões, modificar comportamentos, derrubar preconceitos, tal qual propõe *A Opinião*, um pequeno jornal de estudantes, em seu número de lançamento:

*A Opinião, qual o vento que gerado no infinito, faz vergar ao seu sopro todas as arvores e borbulhar no ar mil folhas, tentará derrubar falsos preconceitos que se erguerem no seio da sociedade. Será a gota de chuva battendo nas pedras do castello [sic]*³⁶³.

Afirmava-se, assim, o caráter libertador da imprensa advindo, justamente, da sua força provocadora, capaz de questionar, de colocar em cheque. Ao mesmo tempo, a atividade jornalística funcionaria como um dedo indicador a apontar as ilicitudes e injustiças: “*A Opinião é um novo archote que guiarà a mocidade no trabalho penoso do pensamento; é um novo braço, que ora sustentará a espada da justiça, ora o açoite da crítica [sic]*”³⁶⁴.

Nesse sentido, positivava-se uma imprensa que acreditava-se atrelada a valores que edificariam a/o Província/Estado ou a Nação. Como registra o periódico *Imprensa Livre*, uma publicação lançada em 1867, considerada um marco do periodismo

³⁶³ *A Opinião*. *A Opinião* – Orgam dos Estudantes. Publicação quinzenal. Curitiba, 3 de agosto de 1887. Anno I. N.º 1: 1.

³⁶⁴ Idem: *Ibidem*.

paranaense, sobretudo pela postura mantida por seus jornalistas (João José Pedrosa e Sérgio Francisco de Souza Castro):

A imprensa, a nosso ver, mente a sua missão, todas as vezes que se limita ao ridículo papel de instrumento eleitoral. A Imprensa, para nós, tem um fim mais nobre a preencher: Acorçoar o melhoramento do país. Promover a realização prática das medidas e instruções que a necessidade exija. Louvar os esforços do poder que encaminha a situação para a justiça e o progresso, estigmatizando-o sem menor receio, quando apartado desse caminho, para seguir cegamente os impulsos de paixões partidárias, eis o que lhe incumbe [sic]³⁶⁵.

João José Pedrosa, considerado, posteriormente, *o príncipe dos jornalistas políticos do Paraná*, defendia uma imprensa engajada e corajosa. A força e o respeito que inspiravam a sua presença no jornalismo o tornou uma referência no Paraná, entre os seus contemporâneos. Não sendo à toa que seu nome tenha batizado um dos clubes estudantis que surgiram em Curitiba, nos anos de 1880 – o *Club Dr. Pedrosa*. A nobreza da atividade jornalística, residida no seu comprometimento com o progresso do país e o seu afastamento dos jogos de interesse partidários, é atestado por João José Pedrosa e Sergio Francisco de Souza Castro como elemento que deveria guiar a imprensa paranaense. De fato, como era característico daquele fim de século, acreditavam no poder e na força das palavras, como sustentáculo da Nação e da Província que se gostaria de construir. Positivam esta imprensa, separando-a daquela que se curvava aos ventos da política: com efeito, nos tempos do Paraná provincial, não deixaram de surgir publicações no período eleitoral ou de alguma contenda política, para, tão logo resolvida a questão, desaparecerem.

No entanto, da mesma forma como João José Pedrosa, outros tantos moços dedicavam-se a fortalecer a imprensa através de periódicos comprometidos com o Paraná. E afirmavam os atributos da imprensa através de suas próprias penas, em defesas muitas vezes apaixonadas da atividade jornalística. Ressalta-se alguns dos argumentos que engrossavam as razões de tal positivação: circulando por amplos espaços geográficos, os impressos promoveriam a aproximação entre pessoas e instituições; seriam também espaços privilegiados para a manifestação do indivíduo e exposição de seus pensamentos, idéias e reivindicações; além de iluminar, tirar da

³⁶⁵ Ver: PILOTTO, Osvaldo. *Cem anos de imprensa no Paraná (1854-1954)*. Curitiba: Instituto Histórico, Geográfico e Etnográfico do Paraná, 1976: 9.

escuridão, *trazer a verdade* aos homens: *Iluminar a consciência dos povos, tornando-os aptos para a gloriosa conquista de seu bem estar e de sua glória*³⁶⁶, sintetiza uma citação de Quintino Bocaiúva, publicada em artigo da revista *O Sapo*. Na mesma passagem, o republicano refere-se aos homens da imprensa como apóstolos da verdade³⁶⁷.

Nesse sentido, a imprensa era portadora de uma missão como, aliás, eram a palavra e a escrita. E os moços que se envolviam com a escrita e a imprensa, se sentiam imbuídos de uma missão em relação ao Paraná que seria realizada através de suas penas. Essa crença *Iluminista* na imprensa, como esclarecedora e promotora da irmandade entre os homens, é enfatizada em um trecho de Victor Hugo, publicado em um jornal paranaense:

A imprensa é a força, porque é a intelligencia. É o clarim vivo da humanidade ; toca a alvorada dos povos annunciando sua voz alta o reino do direito ; não conta com a noite, sinão para, no fim della, saudar a aurora ; adivinha o dia e adverte o mundo.

A imprensa é a santa e immensa locomotiva do progresso, que leva a humanidade para a terra do Chanaan – a terra futura onde não haverá em torno de nós, sinão irmãos, e por cima de nós o Céu!

A imprensa é a voz do mundo ; é o dedo indicador do dever ; é o auxiliar do patriota e o terror do covarde.

*De todos os circulos, e de todos os esplendores do espirito humano, o mais largo é a imprensa ; o seu diametro e o proprio diametro da civilização [sic].*³⁶⁸

A imprensa fazia-se, assim, imprescindível para a consolidação dos tempos republicanos, pois que além de estar associada à civilização e ao progresso, seria portadora da justiça e combatente da iniquidade. Por isso, sua associação com o raiar do dia, pois era no âmbito da claridade que se estabeleceria a correção, a justiça, a verdade. E era por isso também que seus domínios deveriam ser largos: Victor Hugo fala em humanidade, em povos, em mundo. Afinal, a imprensa era, por excelência, promotora da igualdade entre os homens, instrumento que abarcaria e colocaria em igualdade de condições de falar e de ser ouvido todo aquele que dela fizesse uso. Sua missão efetivava-se, assim, numa dimensão de coletividade: fazer o bem comum, promover a

³⁶⁶ QUINTINO BOCAIÚVA. Apud: *A Imprensa*. *O Sapo* – Semanário Litterario e Humoristico. Redactores: Diversos. Curityba, 14 de maio de 1899. Anno II. N.º 20: 1.

³⁶⁷ Idem: *Ibidem*.

³⁶⁸ VICTOR HUGO. Apud: *A Imprensa*. *O Sapo* – Semanário Litterario e Humoristico. Redactores: Diversos. Curityba, 28 de maio de 1899. Ano II. N.º 22: 1.

igualdade entre aqueles que compunham a comunidade são exemplos disso. Mas, havia também uma dimensão do homem, enquanto ser singular, que tomava forma no pensamento de Victor Hugo: a escrita implicava em um exercício de afirmação e constituição daquele que se dedicava a tal atividade.

Na escrita, o homem se coloca, se individualiza, se constrói. Para Hugo, “*Falar, escrever, imprimir e publicar são círculos sucessivos a intelligencia activa ; são as ondas sonoras do pensamento* [sic]”³⁶⁹. A formação desses círculos, ativando a inteligência e o pensamento, seria decisiva na formação e na caracterização do homem moderno e na efetivação da modernidade. Nesse sentido, os homens que trabalhavam na imprensa, encarnavam com propriedade o espírito do homem moderno. Seja envolvidos no funcionamento de tipografias ou de litografias, seja fundando ou editorando publicações ou ainda escrevendo para posteriormente encaminhar aos prelos, os homens da imprensa exalavam modernidade. Nesta segunda parte deste capítulo, o leitor estará em contato com alguns desses homens e com suas iniciativas nas lidas jornalísticas, compreendendo como eles materializavam suas convicções a respeito do caráter e da missão da imprensa na concepção dos periódicos ou no empenho por fazer funcionar os serviços tipográficos.

2.1 *tipos, tipografias e tipógrafos: elementos para uma história da imprensa*

Dentre as primeiras providências de Zacarias de Góes e Vasconcellos ao assumir a presidência da recém-criada Província do Paraná, em dezembro de 1853, estava a instalação de uma tipografia. Cândido Martins Lopes, dono de uma oficina tipográfica em Niterói, aceita o desafio de fundar a imprensa no Paraná: fechado o estabelecimento fluminense, dedica-se à empreitada de transportar a oficina por via marítima até Antonina e depois serra acima, no lombo do burro, até Curitiba³⁷⁰. Experimentava, dessa forma, as dificuldades de locomoção e de circulação de informações e mercadorias que caracterizavam aqueles tempos que, de certa forma, seu trabalho objetivava minimizar. Funda a *Tipografia Paranaense* que, segundo cronistas de então, tinha a simplicidade possível à época: “*uma pequena mesa de ferro com prancha para a composição manual, sobre a qual deslizava o rolo de impressão, além de caixa de tipos*

³⁶⁹ Idem: *Ibidem*. [negrito do original].

³⁷⁰ Ver: PILOTTO, Osvaldo. *Cem anos da imprensa no Paraná (1854-1954)*. op.cit: 7.

e demais acessórios”³⁷¹. Cândido Lopes trouxera consigo apenas um ajudante, o tipógrafo João Luiz Pereira, sendo sua intenção formar novos tipógrafos na própria oficina da tipografia³⁷², pois sabia que não encontraria esse tipo de profissional no Paraná.

A primeira publicação da tipografia foi o jornal *O Dezenove de Dezembro*, que veio a público em 1.º de abril de 1854 (um ano depois, em abril de 1855, passa a se chamar apenas *Dezenove de Dezembro*). Neste periódico, João Luiz Pereira trabalhou por trinta e quatro anos, até a sua morte, em fevereiro de 1888³⁷³ tornando-se, assim, um nome referência entre os trabalhadores do prelo no período de instalação e consolidação da imprensa no Paraná. A folha em que trabalhou – que também teve vida longa, extinguindo-se cerca de dois anos depois da morte do tipógrafo, em 9 de abril de 1890 – publicava, prioritariamente, os atos da administração provincial. Era preciso informar sobre os atos e resoluções governamentais³⁷⁴. E um jornal – suporte de tamanha força de promoção da livre circulação da palavra – daria às comunidades de um vasto território, sob o domínio da administração provincial, conhecimento do que se decidia nos gabinetes dos homens de governo. Informaria às Câmaras das várias localidades paranaenses por ele alcançadas, o que se regulamentava em Curitiba.

Nos tempos em que era a 5ª Comarca de São Paulo eram também os periódicos que garantiam que lá chegassem notícias da sede do governo: a Câmara de Curitiba assinava o *Paulista Oficial*, o que ajudava os camaristas a manterem aquelas longínquas terras em alguma sintonia com os atos e resoluções da administração paulista³⁷⁵. Neste tempo, quando Curitiba tinha dimensões e população pequenas, era

³⁷¹ Ver: Idem: 8.

³⁷² CARNEIRO, Newton Isaac da Silva. *Surto e Desenvolvimento das artes gráficas em Curitiba*. op.cit 11.

³⁷³ PILOTTO, Osvaldo. op.cit: 8.

³⁷⁴ Pode-se encontrar tanto em relatórios do presidente Zacarias, quanto no próprio *O Dezenove de Dezembro* o propósito de valer-se da folha para registrar sua importância na divulgação dos atos e resoluções administrativas. Conforme o presidente da Província: “*Parece de grande vantagem para a nova província ter huma typografia que isente-a do ônus de recorrer à corte ou ás provincias vizinhas para obter qualquer impresso. E, por certo, se a imprensa acompanha naturalmente o regimen representativo, não se dirá que essa clausura falta á vossa situação [sic]*”. Ver: Relatório do presidente da província do Paraná, o conselheiro Zacarias de Góis e Vasconcellos, na abertura da Assembléa Legislativa Provincial em 15 de julho de 1854. Curitiba, Typ. Paranaense de Candido Lopes, 1854: 46. O número inaugural do *O Dezenove de Dezembro*, informa o programa do jornal: “*informar o público do procedimento do governo da província, e das diversas autoridades della, mediante a publicação de seus actos officiais, apontar e discutir com a devida circunspeção as medidas que mais consetaneas forem ao engrandecimento da procincia, acceitando, nesse sentido, para dar a luz da imprensa, escriptos e informações de quem quer que esteja no caso de lh’os ministrar [sic]*”. Ver: *O Dezenove de Dezembro*. Curitiba, 1º de abril de 1855. Anno I. N.º I. Pág. 1.

³⁷⁵ Ver: PILOTTO, Osvaldo. op.cit: 6.

costume afixar nas portas da igreja ou da Câmara editais com as determinações dos órgãos oficiais, ou valer-se de apregoamentos públicos para informar tais determinações à população³⁷⁶. No entanto, as expectativas em torno de uma capital de Província pediam novos meios tanto administrativos quanto de se pensar o território. Daí, a urgência de se montar uma oficina tipográfica no Paraná, de se colocar nas ruas as primeiras publicações. Constituindo, assim, uma Província cuja autonomia se construía em boa medida através do manejo da palavra, ou melhor, de uma articulação em torno da palavra, especialmente escrita.

O Dezenove de Dezembro, estrategicamente distribuído por *diversas autoridades e corporações* – conforme informa relatório do presidente Zacarias³⁷⁷ – delineia tal organização do poder se articulando e se fortalecendo através da escrita. Da mesma forma, não foi à toa que a partir de 17 de janeiro de 1855 o periódico em questão, que desde o seu primeiro número circulava aos sábados, passa a sair às quartas-feiras, minimizando o tempo que o leitor das localidades fora da capital o teria em mãos³⁷⁸. É que nessa época o serviço de correio saía de Curitiba apenas uma vez por semana, às sextas-feiras. Assim, quando era *O Dezenove de Dezembro* publicado aos sábados, seus leitores não curitibanos recebiam o exemplar com grande atraso. Respondia-se, assim, a necessidade de centralizar e agilizar a circulação de informações, característica dos jornais. E apontava-se para o compromisso da tipografia com a necessidade do governo de que as suas resoluções fossem logo conhecidas e cumpridas.

Além do *Dezenove de Dezembro*, a tipografia de Cândido Lopes, ocupava-se de outras necessidades governamentais como a impressão de relatórios, leis e anais da Província. Seu papel para o bom funcionamento do exercício governamental tem a sua contra-parte na importância que os serviços encaminhados pelos órgãos públicos tinham para a manutenção da tipografia. Levando, por exemplo, ao presidente de Província em exercício em 1870, Antonio Luiz Affonso de Camargo, a solicitar “*á todas as repartições [do governo] que, em igualdade de condições, dessem-lhe [a Tipografia*

³⁷⁶ Idem: 7.

³⁷⁷ Relatório do presidente da província do Paraná, o conselheiro Zacarias de Góis e Vasconcellos, na abertura da Assembléa Legislativa Provincial em 15 de julho de 1854. Curitiba, Typ. Paranaense de Candido Lopes, 1854: 46.

³⁷⁸ Na edição de *O Dezenove de Dezembro* de 13 de janeiro de 1855m lê-se: “*Para satisfazer aos nossos assignantes do interior, que ficão privados de ler a nossa folha por espaço de oito dias, visto que ella sahe dos prelos no dia seguinte áquelle, em que parte o correio, resolvemos mudar o dia da publicação, e d’hoje em diante sahirá as quartas-feiras. Continuaremos a empregar esforços por tornar util e agradavel a folha aos nossos assignantes*”. *O Dezenove de Dezembro*. Sabbado, 13 de janeiro de 1855. Anno I. N.º 42: 4.

Paranaense] a preferencia para a impressão em avulso dos seus trabalhos, como editaes, circulares, mappas e outros semelhantes [sic]”³⁷⁹. De fato, o presidente em questão expressa cabalmente o vínculo, a dependência que se tinha de um bom serviço tipográfico, haja vista registrá-lo em documento administrativo. Reivindica melhorias no *Dezenove de Dezembro* que conservava, segundo ele, as mesmas “*mesquinhas dimensões*”³⁸⁰ desde a sua fundação, havia 15 anos: “*parecendo mais um periodico de remota villa, do que o orgão de uma província, a gazeta official [sic]*”³⁸¹. Com o status de representar o governo, de difundir os seus atos e resoluções, o periódico deveria, assim, ser condizente com uma capital de Província.

Os subsídios e os serviços requeridos pela administração provincial foram, certamente, decisivos para a manutenção do serviço tipográfico no Paraná. No entanto, observa-se também o aparecimento de publicações de pequenos livros ou folhetos, encaminhados à *Tipografia Paranaense* por particulares. É o caso, por exemplo, do trabalho *Campo do Ipiranga* do engenheiro militar Henrique de Beaurepaire Rohan, enviado a Cândido Lopes cerca de um ano depois da instalação da tipografia. O folheto de seis páginas foi a primeira publicação não oficial editada em terras paranaenses³⁸², apesar de seu autor ser o então vice-presidente da Província – aproveitando, dessa forma, as prerrogativas que tinham os homens públicos para falar e se fazer ouvir, para dar corpo a sua voz e perenidade as suas palavras através da escrita. De maneira semelhante, em 1863, o bacharel Luís Francisco da Câmara Leal, considerado homem ilustre da magistratura, além de ter sido vice-presidente da Província publicou, pela *Tipografia Paranaense*, *Apontamentos sobre a suspeição e recusações no Jurídico*. Trata-se da primeira impressão de grande porte publicada em Curitiba (duzentas e três páginas), tendo recebido também maior requinte gráfico que as predecessoras³⁸³. Fora ainda editada, nesses primeiros tempos provinciais, *Pequena Arte da Música*, folheto com doze páginas e *Gramática da Língua Nacional*, ambas em 1857³⁸⁴.

Contou-se, nas duas primeiras décadas de implantação da Província – segundo os pesquisadores que trataram da história da imprensa no Paraná – apenas essas publicações de livros recém-mencionadas. Eram ainda iniciativas tímidas: limitados

³⁷⁹ Relatório apresentado á Assembléa Legislativa do Paraná na abertura da 1.^a sessão da 9.^a legislatura pelo presidente, o illustrissimo e excellentissimo senhor dr. Antonio Luiz Affonso de Camargo, no dia 15 de fevereiro de 1870. Curityba, Typ. de Candido Martins Lopes, 1870: 93.

³⁸⁰ Idem: Ibidem.

³⁸¹ Ibidem: Ibidem.

³⁸² Ver: CARNEIRO, Newton Isaac da Silva. op.cit: 11.

³⁸³ Idem: 12.

³⁸⁴ Ibidem: Ibidem.

recursos técnicos, em volumes pequenos e diminutas tiragens, sem grande alcance geográfico e de público. Contudo, significavam a possibilidade de se publicar, ali mesmo no Paraná. Quanto aos periódicos, contrastando com a perenidade do *Dezenove de Dezembro* – que, enquanto folha oficial tinha mais recursos para resistir às intempéries econômicas e de restrições de leitores – as demais iniciativas de Cândido Lopes não conseguiram dar maiores vãos. Na década de 1860, surgiram *Mascarado*, *Clarim* e *O Constitucional*: nenhum deles consegue sair dos primeiros números. Da mesma forma acontecera com *Jasmin*, em 1857³⁸⁵. As dificuldades podem ser resumidas à falta de verbas para lançar os periódicos e ao reduzido número de leitores. Ainda assim, Cândido Lopes desejava ver seus negócios ampliados: projetava aumentar o *Dezenove de Dezembro*, para o que tinha pleno incentivo do presidente Antonio Luiz Affonso de Camargo, em exercício no início dos anos de 1870 e planejava fundar uma divisão litográfica na sua oficina, dando maior autonomia aos serviços gráficos do Paraná.

Acreditava que a Província tendia a melhorar suas condições econômicas e sociais, podendo comportar uma oficina litográfica, serviço que considerava de grande importância para a estrutura editorial curitibana, que não ficaria mais na dependência de estabelecimentos cariocas e paulistas para produzir ilustrações, rótulos ou imagens decorativas³⁸⁶. Em dezembro de 1871, no entanto, Cândido Lopes falece subitamente ficando – ao menos temporariamente – irrealizados seus projetos tipográficos. João Luiz Pereira foi quem tocou o cotidiano da oficina, até que Jesuíno Lopes, filho e herdeiro de Cândido Lopes – que tinha na ocasião do falecimento do pai 17 anos – estivesse preparado para assumir os negócios da família. Segue-se, então, uma década (os anos de 1870) em que os paranaenses recorrem majoritariamente aos serviços tipográficos do Rio de Janeiro, dado que a *Tipografia Paranaense* (que passa a se chamar *Tipografia da Viúva Lopes* na década em questão), isenta do comando de um proprietário, não pode expandir suas atividades. Mantendo, contudo, as publicações vinculadas ao governo e o seu principal periódico, o *Dezenove de Dezembro*, do qual João Luiz Pereira tornou-se editor.

Até mesmo um livreto póstumo de Cândido Lopes, sobre a vida do Dr. José Cândido da Silva Muricy – pai do General José Cândido da Silva Muricy e avô de José Cândido de Andrade Muricy, primeiro médico de Curitiba, lá chegado no final de 1853

³⁸⁵ Ibidem: 13.

³⁸⁶ Ibidem: Ibidem.

– foi publicado fora do Paraná, no Rio de Janeiro, em 1879³⁸⁷. *Semprevivas*, de José Moraes, é outro desses livros impressos na capital do Império no assinalado período em que as atividades tipográficas paranaenses diminuem de fôlego. Salienta-se que, predominantemente, o que se publicou na década em questão nos prelos cariocas foram obras técnicas, como é o caso de dois trabalhos sobre o mate de Macedo Soares e *Questões de limites entre o Paraná e Santa Catarina*, do Desembargador Bento Fernandes de Barros³⁸⁸. Apesar das dificuldades de se publicar em Curitiba na década em questão, nota-se que novas iniciativas de empresas tipográficas não deixaram de surgir: José Ferreira Pinheiro, que trabalhara na imprensa de Paranaguá, monta uma pequena oficina para imprimir o periódico *Província do Paraná*, órgão que representaria os interesses do *Partido Liberal*, que veio a público em 1.º de janeiro de 1876. No ano seguinte, Benedito da Silva Carrão funda a tipografia *A Perseverança*, responsável pela publicação de *O Paranaense*³⁸⁹. Eram esses jornais noticiosos, comuns de aparecerem nos primeiros tempos da imprensa paranaense. E, apesar de costumeiramente terem vida curta, suas existências assinalam como a escrita encontrava morada nesse modelo de periódico.

Tratando em termos provinciais, apenas Paranaguá, Antonina e Morretes tiveram órgãos de imprensa antes de 1880³⁹⁰, que deram ênfase à publicação de jornais. Esta década foi, aliás, bastante significativa para a imprensa paranaense como para as atividades intelectuais e culturais na sua capital, Curitiba. As rodas literárias, os clubes estudantis, o aparecimento de livrarias, um novo fôlego às atividades tipográficas, além dos incrementos urbanos recebidos na cidade e a agilização das comunicações (refiro-me à inauguração da estrada de ferro Paranaguá-Curitiba), marcaram a década em questão, bem como a posterior. De fato, Curitiba torna-se cada vez mais uma referência para os paranaenses, especialmente para aqueles afetos às atividades intelectuais. No

³⁸⁷ Ibidem: 14.

³⁸⁸ Ibidem: Ibidem.

³⁸⁹ Ibidem: Ibidem.

³⁹⁰ Segundo Rocha Pombo, sobre o aparecimento da imprensa fora de Curitiba: “Só dez anos mais tarde [do lançamento do *Dezenove de Dezembro*], em 1864, é que apareceu em Paranaguá ‘O Povo’, a 18 de agosto. Logo depois, em 1867, também ali se começou a publicar a ‘Fênix’, hebdomadário que fez época, pelo ardor com que se batia na arena dos partidos políticos. No mesmo ano de 1867, em junho, apareceu em Paranaguá a ‘Imprensa Livre’, e em 1870 o ‘Operário da Liberdade’, o qual também deixou tradições. Em ordem cronológica, foi sendo fundada a imprensa nestas localidades: em Antonina, em abril de 1872, com o aparecimento do ‘Antonina’; em Morretes, com a publicação do ‘Povo’, em 1879; em Castro com a criação do ‘Eco dos Campos, em 1883; na Lapa em 1887; em Campo Largo, também em 1887, com o Guaíra. Em regra, era muito curta a duração de quase todas essas publicações e muitas tinham existência efêmera”. POMBO, José Francisco da Rocha. *Progresso Intelectual. Criação da imprensa*. IN: *O Paraná no Centenário: 1500-1900*. 2ª.ed. Rio de Janeiro/Curitiba: J. Olympio/Secretaria da Cultura e do Esporte do Estado do Paraná, 1980: 100.

que tange ao aquecimento das atividades gráficas – que pode ser constatado com o grande número de publicações surgidas, especialmente em comparação com à década anterior³⁹¹ –, engrossam, certamente, todo o burburinho em torno da palavra que se incrementava então. E isso não se devia apenas a uma reestruturação da *Tipografia da Viúva Lopes*, mas, ao surgimento e incremento de outros estabelecimentos tipográficos.

Ainda nos anos de 1870, fixara-se em Curitiba o dentista Luis Antonio da Silva Coelho. Natural do Rio de Janeiro, onde freqüentava rodas literárias e era amigo de livreiros e editores, Luis Coelho logo se aproxima dos círculos intelectuais paranaenses, ao chegar nesta Província e funda a primeira livraria de Curitiba, a *Pêndula Meridional*³⁹². Vivencia, justamente, as rápidas transformações de Curitiba, a indicação de que a imprensa ganhava novas possibilidades com a primeira publicação em língua alemã, *Der Pionier* (apontando para o envolvimento de imigrantes nas atividades tipográficas), e o surgimento de uma nova folha noticiosa, *A Gazeta Paranaense*. Empolgado com as perspectivas de publicação que se acenavam na Província – apesar de todas as limitações técnicas, financeiras e de público que marcavam o Paraná –, Luis Coelho funda, ao lado de intelectuais, escritores e poetas, a *Revista Paranaense*. Lançada em junho de 1881, tal revista tinha por peculiaridade tratar de temas diversos (ciências, artes, literatura, filosofia, política), em um modelo que constituía uma verdadeira novidade para Curitiba. De fato, Luis Coelho trazia consigo uma vivência de jornais e revistas capaz de revigorar os meios gráficos paranaenses.

Sua ousadia não se restringiu à iniciativa de fundar periódicos de características diversas daqueles que a Província se habituara a publicar. Enveredando-se cada vez mais no ambiente gráfico, Luis Coelho introduz mudanças técnicas que implicaram diretamente na qualidade do que se publicava no Paraná. Foi ele quem trouxe o primeiro prelo mecânico³⁹³ para o Paraná, que começou a funcionar em abril de 1880, representando uma mudança significativa nas possibilidades de impressão da Província. Com o equipamento, agilizava-se o processo de impressão e permitia-se diversificar a produção, tornando possível o surgimento de novos periódicos e um impulso na publicação de livros, historicamente sempre difícil de se realizar na Província. A guisa

³⁹¹ De acordo com a tabela apresentada na Revista *O Sapo*, na edição especial de 3 de maio de 1900, previamente citada, na década de 1870, 12 publicações foram lançadas em Curitiba. Na década de 1880, mais de 50 novas publicações surgiram nesta cidade.

³⁹² Sobre Luis Coelho, ver: CARNEIRO, Newton Isaac da Silva. op.cit: 15.

³⁹³ A prensa mecânica foi inventada pelo alemão Friederich Koenig, em Londres, em 1811. O equipamento simplificou o processo de impressão, reduzindo-o de nove para três etapas. Era capaz de imprimir por hora quase o dobro de folhas que as prensas anteriores.

de exemplo, citamos a publicação daquele que foi, provavelmente, o primeiro livro de versos editado em Curitiba, *Sertanejas*, de Gabriel Pereira, impresso pela *Tipografia da Viúva Lopes*, em 1880³⁹⁴. Inaugurava-se, assim, um período em que publicações literárias seriam uma crescente entre os paranaenses. A prensa mecânica também permitiu que o *Dezenove de Dezembro* tivesse edições diárias, a partir de 1884.

A técnica aliava-se, assim, às necessidades de uma capital que se transformava ferozmente, que crescia em número de habitantes e tinha a sua estrutura urbana modificada. Luis Coelho enxergava, certamente, nesse crescimento e nessas transformações o prenúncio de um mercado que se abria para o alargamento da produção gráfica no Paraná, para a introdução de novas técnicas de impressão. Nesse contexto, faz contato com o litógrafo catalão Narciso Figueiras, que chegara na Corte não havia muito, convidando-o a trabalhar em Curitiba. No Rio de Janeiro, o litógrafo fizera amizade com um grupo de jovens escritores que incluía Raul Pompéia, Raymundo Correia, Valentim Magalhães, Assis Brasil e Teófilo Dias³⁹⁵. Ainda assim, aceita o convite de Luis Coelho para estabelecer-se no Paraná, percebendo nisso uma boa chance profissional: afinal, tratava-se de uma Província que não possuía serviços de litografia, mas cujas artes gráficas prometiam prosperar. Juntando suas economias, Narciso Figueiras investe na estrutura necessária para montar a primeira oficina litográfica do Paraná, a *Litografia do Comércio*, em 1884.

Narciso Figueiras foi, nos anos de 1880, uma figura decisiva no meio gráfico paranaense. Sua litografia prestava serviço para estabelecimentos tipográficos como a *Tipografia da Viúva Lopes/Impressora Paranaense*³⁹⁶ e a *Tipografia Pêndula Meridional* (que pertencia a Luis Coelho). Foi o responsável pelos primeiros trabalhos de litografia que apareceram em publicações paranaenses e fez a gravação litográfica de iconografias referentes ao Paraná, consideradas posteriormente documentos preciosos, muitas das quais tiveram seus originais extraviados. Possibilitou, com o seu trabalho, o surgimento de um novo modelo de periódico: as revistas ilustradas. E, não bastasse tudo isso, ajudou a expandir a atividade litográfica no Paraná ao investir em novos profissionais para trabalhar consigo: contratou o litógrafo Jean Philippe Delphache, que “*tem ocupado os mais salientes lugares nos melhores ‘ateliers’ da Alemanha,*

³⁹⁴ Ver: CARNEIRO, Newton Isaac da Silva. op.cit: 16.

³⁹⁵ Idem: Ibdem.

³⁹⁶ Conforme se explicitará adiante, em 1888 a tipografia da família Lopes torna a ter seu nome modificado, passando a se chamar *Impressora Paranaense*.

Belgica, França, Inglaterra e Brasil [sic]³⁹⁷, além de formar profissionais em seu próprio estabelecimento, moços que aprendiam o ofício na prática, no cotidiano da oficina. Silveira Netto, por exemplo, foi um dos alunos da *Litografia do Comércio*.

A carência de mão-de-obra especializada era uma tônica dos primeiros tempos paranaenses, sentida em vários setores da vida provincial: criara-se uma Província cuja autonomia precisava ser construída não apenas em termos políticos, mas também nos serviços e na confecção dos mais diversos utensílios e instrumentos. Observa-se, assim, como a estruturação das artes gráficas no Paraná do século XIX se deu na dependência da vinda de profissionais com experiência em centros maiores e da formação de novos profissionais nas oficinas de tipografia e litografia paranaenses, além da importação do maquinário necessário à imprensa. Esse mecanismo garantiu não apenas a inauguração dos diversos serviços necessários à efetivação da publicação de livros e periódicos, como a continuidade de tais serviços. Curitiba tinha, por exemplo, serviço de encadernação desde a década de 1860, graças à instalação da oficina de José Cardoso³⁹⁸, um carioca que chegou ao Paraná a convite de Candido Lopes e lá fundou, além da oficina de encadernação, uma papelaria. Lembremos que Candido Lopes também trouxe consigo o tipógrafo João Luiz Pereira e contava com ele para formar novos profissionais, que garantissem a sobrevivência do serviço tipográfico na Província.

Dividir o que se sabia para se multiplicar a capacidade de realização da imprensa parece ter sido o segredo dos progressos deste serviço, desde a sua instalação até a virada do século. Aliás, para além da parte técnica, aqueles que se ocupavam da escrita (que posteriormente seguiria para o prelo) também mantinham o hábito de sociabilizar o que liam, pensavam e produziam, caracterizando um processo semelhante ao que acontecia no ambiente gráfico. Assim, nos diversos setores que envolviam a produção de livros ou periódicos observa-se a tendência de aproximação e comunhão de

³⁹⁷ Segue a nota na íntegra da chegada do litógrafo a Curitiba, publicada em uma revista local: “*Chegou a esta capital o distinto lithographo, Mr. Jean Philippe Delphache. Este provectissimo artista, que muito tem se distinguido pelos seus primorosos trabalhos d’arte, reúne em si os mais apreciáveis predicados que tornam um homem digno da estimação publica – a pureza de caracter e cavalherismo. Delphache tem occupado os mais salientes lugares nos melhores ‘ateliers’ da Allemanha, Belgica, França, Inglaterra e Brasil. A – Lithografia do Comercio –, para onde veio este habil chefe de ‘ateliers’, passou por um importantissimo melhoramento com a aquisição de um empregado de tal cathegoria*”. Ver: *Artista. A Galeria Illustrada*. Curitiba, 20 de novembro de 1888. Anno I, N.º 1: 8.

³⁹⁸ Segundo Newton Carneiro: “*Até de encadernadores já dispunha Curitiba, com a instalação da oficina do carioca J. Cardoso, no Largo da Matriz n.º 23 e que anunciava fazer ‘encadernações de todas as qualidades’. Na realidade trabalhava surpreendentemente bem, tinha ferros variados e de bom gosto, além de usar couros de qualidade e papéis de forro do maior requinte.*” Ver: CARNEIRO, Newton Isaac da Silva. op.cit: 13.

experiências entre aqueles que realizavam ou tinham interesse pela mesma tarefa, como condição essencial para a concretização daquelas produções.

Há que se considerar também a relevância da *Escola de Bellas Artes e Indústrias* na formação técnica de profissionais para trabalhar na imprensa. A escola, fundada em 1886, surge, portanto, em um momento em que as atividades gráficas estavam a pleno vapor na Província. Assim, os cursos de tipografia, litografia, desenho aplicado ou encadernação, oferecidos por tal instituição de ensino, respondiam a uma demanda local já estabelecida. Ao mesmo tempo em que se criava a oportunidade de acesso a uma profissão cujos postos de trabalho estavam em ascensão, incrementava-se a qualidade técnica e de criação das publicações paranaenses. A escola estimulou, por exemplo, a criação da oficina litográfica de Alfredo Hoffmann, que embora contasse com uma estrutura modesta, tinha uma boa equipe de tipógrafos e um litógrafo vindo da Alemanha. Fazendo também serviço de encadernação, pautação, douração, carimbo, gravura em metal³⁹⁹. Salienta-se que o aumento de estabelecimentos de tipografia e litografia, da atividade gráfica e, sobretudo, de técnicos para trabalharem nessa área foi tão significativo nos anos de 1880, que tais profissionais começaram a se pensar como classe, com interesses e identificações comuns: “*alcançara tão elevada expressão a atividade, que já se consideram os tipógrafos suficientemente numerosos e prestigiados para criar órgão de classe, a que deram o nome de ‘AGREMIAÇÃO TIPOGRÁFICA’*”⁴⁰⁰.

Outro estabelecimento que prosperou a partir do final dos anos de 1880, contando com um bom número de profissionais em suas oficinas, foi a empresa de Jesuíno Lopes. De fato, a antiga *Tipografia Paranaense* fundada por seu pai três décadas antes experimenta dias de prosperidade quando o Barão do Serro Azul decide investir no melhoramento das técnicas de impressão em uso no Paraná. Seu interesse por esse ramo de atividade veio da necessidade de aprimorar o invólucro que envolvia a erva-mate (da qual o Barão era o maior produtor paranaense). Para atender às exigências da importação, o velho surrão de couro que costumava envolver o produto, foi substituído pela barrica de pinho, com a identificação do fabricante e do importador. Considerando incipiente as técnicas gráficas existentes no Paraná, Ildefonso Pereira Correia decide investir no projeto de expansão que Jesuíno Lopes tinha para a tipografia que fora de seu pai. Surge, então, a *Impressora Paranaense* que, a rigor, era o mesmo

³⁹⁹ Sobre a litografia de Alfredo Hoffmann, ver: Idem: 20.

⁴⁰⁰ Ibidem: 18.

estabelecimento que já se chamara *Tipografia Paranaense* e *Tipografia da Viúva Lopes*, agora renovado com o investimento financeiro e a sociedade do Barão do Serro Azul⁴⁰¹.

Jesuíno Lopes consegue, então, realizar o projeto de seu pai, de inaugurar uma divisão litográfica na tipografia. Dedicada amplamente à produção de rótulos para identificar a erva-mate produzida no Paraná – ainda que não deixe de investir em outros trabalhos gráficos – os primeiros impressos produzidos na *Impressora Paranaense* eram monocromáticos e carregavam apenas as informações requeridas para formalizar a exportação. Contudo, a produção foi rapidamente incrementada: ao mesmo tempo em que se investiu na contratação de especialistas e aprendizes, diversificou-se as técnicas de impressão. A *Escola de Bellas Artes e Indústrias* foi decisiva para tais progressos, pois dela se recrutava novos trabalhadores, já com um certo traquejo no manejo dos instrumentos usados nas oficinas de impressão e que desenvolviam a faculdade do desenho, importante para a criação dos rótulos. Acrescido a isso, a técnica da policromia, desconhecida no Paraná, também era estudada entre os alunos da escola em questão. Ressalta-se que, até então, o que se encontrava nas publicações paranaenses – especialmente nas revistas ilustradas – eram iconografias em preto e branco, de forma que a produção de rótulos para erva-mate foi um marco no processo gráfico paranaense.

Outro ganho para a produção iconográfica da *Impressora Paranaense* foi a contratação do litógrafo espanhol Francisco Folch, iniciativa de Ildefonso Pereira Correia⁴⁰². Segundo Newton Carneiro, “É a Folch que se deve grande parte do renome que laureou a produção curitibana e tão lisonjeiras impressões inspirou, em 1897, aos visitantes da Exposição Industrial do Rio de Janeiro”⁴⁰³. De fato, o nível técnico da imprensa paranaense, especialmente no que concerne à litografia, não ficava aquém de outros centros do país. Francisco Folch marcou não apenas as transformações técnicas pelas quais passou a imprensa no final do século XIX, mas foi também uma figura forte nas décadas iniciais do século seguinte. Preparou muitos técnicos para o trabalho na imprensa e, em 1902, tornou-se dono da *Impressora Paranaense*: depois da morte do Barão do Serro Azul (1894), sua esposa manteve o negócio por alguns anos contando com a ajuda do sobrinho Leocádio Cisneiros Correia. No entanto, acaba decidindo se desfazer da impressora, vendendo-a para Francisco Folch.

⁴⁰¹ Sobre a *Impressora Paranaense* e o interesse do Barão do Serro Azul em tipografias, ver: ibdem: 19-20.

⁴⁰² Sobre Francisco Folch, ver: Ibidem: 20-23.

⁴⁰³ Ibidem: 20.

No período em que Leocádio Correia esteve à frente da impressora, afeto como era à literatura, dedicou-se a ampliar o leque de publicações da empresa prestigiando os escritores locais. Livros como *Brindes*, de Nestor de Castro e *Antonio Nobre*, de Silveira Netto (contendo ilustrações do autor) vêm a público pela primeira vez nesta circunstância⁴⁰⁴. Em 1900, Leocádio incrementa o seu projeto lançando a coleção *Biblioteca da Impressora*, inaugurada com *Psicologia da Placa*, de Romário Martins, livro no qual explica a nomenclatura dos lugares públicos de Curitiba⁴⁰⁵. Salienta-se que os títulos publicados pela *Impressora Paranaense* sob a gerência de Leocádio Correia eram de esmerado padrão gráfico, marcando a preocupação deste moço em promover e dignificar as letras. E foi além, criando a *Livraria da Impressora Paranaense*, um esforço de reverter as debilidades de distribuição e venda de livros em Curitiba: lembremos da importância desta livraria para a capital, a primeira a conseguir trazer com regularidade os títulos publicados pelas grandes casas editoriais nacionais, bem como algumas estrangeiras (sobretudo portuguesas e francesas).

No século XX – já nas suas primeiras décadas – intensificaram-se fortemente as atividades gráficas no Paraná, assim como as vendas e os meios de distribuição de livros, jornais e revistas. No entanto, retendo-se no século XIX, observa-se como os primeiros cinquenta anos de imprensa nesta/e Província/Estado não apenas ativaram as comunicações e viabilizaram a circulação de notícias, como esteve imbricado ao processo produtivo da intelectualidade local. Afinal, as técnicas de impressão mostravam-se como primordiais para a efetivação da livre circulação da palavra. Apenas a imprensa poderia garantir que aquilo que era pensado e escrito se propalaria no tempo e no espaço. Assim, os homens da imprensa – alguns ainda bastante moços –, os projetos gráficos, as possibilidades técnicas diziam respeito ao Paraná da escrita e dos escritores, não sendo à toa que tantos moços escritores tenham se envolvido na parte técnica da preparação dos periódicos. Bem como não era gratuita a preocupação desses moços com a aparência e a estruturação das publicações que levavam seus textos: o esmero e o capricho que conferiam à parte gráfica de suas publicações eram parte integrante daquilo que escreviam, conforme se abordará em seguida.

⁴⁰⁴ Ver: Idem: 22.

⁴⁰⁵ Idem: 23.

2.2 periódicos em revista

Tragamos novamente à baila o número especial da revista *O Sapo* de 3 de maio de 1900. Um exemplar dedicado a laurear as letras, os homens das letras e os suportes das letras. Que lança expectativas futuras, recorrendo ao passado, ao que já havia sido construído e conquistado. Pois bem, além da citada tabela com a listagem dos jornais e revistas publicados no Paraná desde a instalação da *Tipografia Paranaense*, destaca-se, nas páginas centrais da publicação, um grande painel com o desenho do busto de vários escritores paranaenses, muitos deles contemplados diretamente nesta pesquisa. Junto a cada um deles, havia a referência de sua mais importante obra até então produzida, com o respectivo ano de publicação⁴⁰⁶. O desenhista responsável pelo painel, M. A. Clement, confere uma certa solenidade à sua produção. Uma frase, registrada na cabeceira do desenho, para nós se destaca: “*As letras fazem a gloria de um paiz e, se honram quem as cultiva, não menos resplandecem sobre a pátria que é o seu berço [sic]*”⁴⁰⁷. Tocava-se, assim, em uma questão nevrálgica para esta pesquisa: o papel que teriam as letras na constituição de uma nação forte, soberana, moderna. Nesse sentido, os escritores que figuram com o busto estampado no painel eram tidos como fundamentais para alicerçar um Paraná próspero e moderno.

A alta qualidade gráfica do exemplar, superior ao que era o padrão da revista, estava em conformidade com aquilo que o conteúdo da publicação afirmava, afinal, comemorava-se também as possibilidades gráficas que oferecia o Estado. Nesse sentido, a revista em sua própria materialidade (enquanto dispositivo de veiculação), ratificava o fortalecimento das letras no Paraná. De fato, a produção intelectual dos moços escritores relacionava-se diretamente com o suporte da escrita ao qual estava vinculada, daí a preocupação com o aspecto da publicação. No que concerne a edição da revista *O Sapo* em questão, nota-se que era a expressão do melhor que o serviço gráfico paranaense poderia ofertar, um tratamento gráfico caro, por isso nem sempre usual entre as

⁴⁰⁶ Encontramos no painel o busto dos seguintes moços, com suas respectivas obras e datas de publicação: Nestor Victor (*Signos*, 1897), Lucio Pereira (*Contos Paranaenses*, 1896), Chichorro Junior (*O Deus Social*, 1889), Sebastião Paraná (*Chorographia do Paraná*, 1900), Silveira Netto (*Luar de Inverno*), Romário Martins (*Ruínas*, 1898), Emiliano Pernetta (*Musicas*, s/d), Jayme Ballão (*Martyr*, 1897), Emilio de Menezes (*Marcha Fúnebre*, s/d), José Moraes (*Semprevivas*, 1874), Ricardo de Lemos (*Ventarolas*, 1898), Domingos Nascimento (*Revoadas*, s/d), Nestor de Castro (*Brindes*, 1899), Julio Pernetta (*Bronzes*, 1899), Rocha Pombo (*A Religião do Bello*, 1883), Leôncio Correia (*Volatas*, 1887). Nota-se a ausência de Dario Vellozo, o que criou uma certa polêmica na época: deixou de figurar no painel por não ser paranaense de nascimento, apesar de ter se feito, como escritor, no Paraná.

⁴⁰⁷ Revista *O Sapo*. Fundadores: Leite Junior, Gabriel Ribeiro e Thales Saldanha. Redactores: Leocadio Correia e Leite Junior. Curitiba, 3 de maio de 1900. Anno III. N.º17: s/p.

publicações do Estado. A sua diagramação, o seu colorido, a qualidade da impressão, o trabalho litográfico e a variedade de tipos utilizados ajudavam a caracterizar aquela edição comemorativa e a fazer dela efetivamente especial.

Observando o conjunto de periódicos lançados no Paraná nas décadas finais do século XIX percebe-se que não tinha uma unidade no que concerne à qualidade gráfica: contava-se tanto publicações requintadas, quanto sem grandes refinamentos gráficos. Conforme previamente insinuado, conferir qualidade técnica às publicações (ilustrações, variedade de cores e tipos de letras) foi uma preocupação dos tipógrafos e litógrafos que montavam seus negócios no Paraná. Ao mesmo tempo, aqueles que trabalhavam nas redações – que eram, via de regra, moços escritores – também queriam que suas publicações tivessem um bom aspecto. Seguindo os títulos lançados no Paraná ao longo das décadas, acompanha-se o processo de introdução de novas possibilidades técnicas e mudanças na qualidade de impressão. A edição especial da revista *O Sapo*, com todo o seu primor gráfico, é um bom exemplo disso. Antes dela, periódicos como *Breviário*, *Turris Ebúrnea*, *Revista Paranaense*, *Revista do Paraná*, *A Galleria Illustrada* marcaram, cada qual a sua maneira, o requinte que adquiria as publicações paranaenses com as inovações técnicas experimentadas nas oficinas de tipografia e litografia.

Essas publicações requintadas do ponto de vista gráfico, na maior parte das vezes, apresentavam-se como revistas de arte. Os jornais não primavam por este requinte. Da mesma forma, nem todas as publicações de variedade ou mesmo de literatura ou artes tinham semelhante tratamento gráfico. A exemplo da própria revista *O Sapo*, que se apresentava como *semanário literário e humorístico* e nas suas edições ordinárias tinham um aspecto simples, muito semelhante ao dos jornais no que se refere à qualidade do papel, dimensões e aparência. Há que se considerar que era uma tendência daquele final de século as revistas ilustradas e com alto padrão gráfico e os homens da imprensa paranaense não deixaram de se influenciar por ela. Acrescido a isso, havia um certo fascínio pela técnica, pela modernidade, pela novidade que se insurgia no desejo de produzir (e de consumir) esse tipo de produção. No entanto, havia algo ainda mais forte que era o desejo de escrever e publicar, fazer circular as idéias e produções, falar e se fazer ouvir, o que justifica o grande número de periódicos lançados em Curitiba, independente da qualidade do suporte.

Ressalta-se que um núcleo de características identificava todas essas publicações. As revistas, gênero que na capital paranaense era lançado em maior volume que os jornais, marcavam-se pela proposta de descontrair e entreter o leitor,

podendo reunir assuntos de interesses diversos. Os moços se valeram desses suportes como instrumento para dar corpo às suas idéias e representatividade e circulação à escrita e à literatura. As revistas também ajudaram a propiciar que eles próprios – os moços – se colocassem como escritores e promovessem um espaço literário: poesias, pequenos textos em prosa e até mesmo seções de folhetim eram gêneros privilegiados em muitas publicações. Tais periódicos fomentavam também a escrita e os escritores através de seções dedicadas à vida e à obra de moços escritores paranaenses. Várias publicações apresentaram este tipo de seção. *A Vida Litteraria*, por exemplo, o fazia através de uma seção intitulada *Galeria Paranaense – Perfis litterários*, assim justificada:

No intuito de tornar conhecidas as produções de filhos de nossa terra, não devidamente conhecidas ou apreciadas; queremos apresentar, debaixo de uma critica severa, mas honesta todas as personalidades que têm feito ou promettem fazer alguma couza no mundo litterario – pequenino infelizmente – do Paraná, é que abrimos uma secção para isso destinada [sic]⁴⁰⁸.

A Vida Literária, periódico da segunda metade da década de 1880 e que tinha como editor Jaime Ballão, não primava pelo requinte gráfico, guardando uma aparência sóbria. Seus artigos eram diagramados em três colunas, sem qualquer tipo de ornamento ou imagem, em fundo branco e letras pretas. Nela, se poderia ler textos sobre história, literatura, variedades, atualidades e acontecimentos do meio literário paranaense. Contava com um grupo de colaboradores fixos – Rocha Pombo, Domingos Nascimento, Emiliano Pernetta, Luiz França, Álvaro Ramos, Leônidas de Barros, Belém Scherer – que davam sustentação à publicação, garantindo a sua continuidade. A revista em questão fazia parte de um núcleo de periódicos que se dedicavam a questões culturais. Assim como ela, a revista do *Club Curitibano*, com uma diagramação e estrutura bastante semelhante à *Vida Litteraria*, teve uma importância significativa enquanto espaço de manifestação do pensamento filosófico e literário dos moços escritores paranaenses. Sob o subtítulo instrução e recreio, a revista trazia seções literárias, científicas, filosóficas, crônicas de entretenimento, variedades, seções humorísticas.

Diferentemente do que era comum neste tipo de publicação, que costumava ter vida efêmera, a revista do *Club Curitibano* durou uma década (1890-1900), voltando a

⁴⁰⁸ *Perfis Litterarios*. *A Vida Litteraria*. Curitiba, 20 de julho de 1887. Ano I. N.º 4: 1. [Sem referência de autor].

ser publicada posteriormente, em 1912-1913. Um dos segredos de sua longa duração foi, certamente, o fato de ter sido uma revista ligada a uma associação – o *Club Curitibano*⁴⁰⁹ – que a mantinha e a distribuía gratuitamente aos sócios. Com isso, não enfrentava os problemas da falta de verbas e dificuldade de vendas que marcavam o meio tipográfico paranaense. A revista conquistou solidez, tornando-se uma das mais importantes do seu gênero. Isso, não pela sua repercussão entre os leitores (visto que circulava em um universo restrito, aliás, como era característico dos periódicos da época), mas pela representatividade que teve entre os intelectuais e, sobretudo, pela consistência dos seus artigos e o forte propósito de ser um lugar para se discutir estética, filosofia, artes. Dario Vellozo foi seu diretor literário de março de 1894 a dezembro de 1900 e um dos principais responsáveis pelo caráter e pela força da publicação no meio intelectual.

Além dele, envolveram-se com a *Club Curitibano*, como redatores, Julio Pernetta, Silveira Netto, Leoncio Correia, Sebastião Paraná, Azevedo Macedo, Emiliano Pernetta, Romário Martins, entre outros. A mais consolidada das revistas paranaense da década de 1890 constituiu-se como um espaço de aproximação e afirmação de moços com íntimas afinidades intelectuais, propiciando uma maior efetividade destas relações, graças à longevidade da publicação. Segundo Domingos Nascimento: “*Ali [no Club Curitibano] também rodeou-me o grupo de Novos, que enchiam a revista do Club de uns versos exquis e de uma prosa hors ligne, cheirando fin-de-siecle, erguendo o Dario sobre os destroços escolásticos a bandeira nervosa do Estilo*”⁴¹⁰. Mesmo aqueles que não estavam diretamente vinculados à redação do periódico, mantinham-se ligados a ela através dos artigos que enviavam. Os moços do Cenáculo, por exemplo, costumavam mandar seus textos para lá, principalmente antes de fundarem sua revista própria, de forma que para contar a história do grupo é necessário passar pelas páginas da publicação em questão.

A revista do *Club Curitibano* evidenciava-se também por ter consolidado um espaço de publicação de textos de autores franceses e portugueses, principalmente pela influência de Dario Vellozo que defendia o cosmopolitismo da linha editorial da revista. Consolidou-se igualmente como espaço de crítica literária: nela, costumava-se publicar

⁴⁰⁹ O *Club Curitibano*, foi fundado em Curitiba a 6 de janeiro de 1882, por iniciativa de Romão Branco e Ildelfonso Pereira Correia, com o intuito de promover atividades culturais e esportiva. Lugar de entretenimento, lá se reunia a elite local em reuniões e jantares.

⁴¹⁰ NASCIMENTO, Domingos. Apud: *Dicionário histórico-biográfico do Paraná*. Curitiba: Chain/Banco do Brasil, 1991: 79. [verbete Club Curitibano: revista, de Cassiana Lacerda Carollo].

uma espécie de crítica de sustentação às obras literárias lançadas por paranaenses. Salienta-se que esta era uma prática comum na imprensa de então, uma maneira de fomentar o meio literário e fortalecer os nomes dos escritores locais. No mesmo sentido, era comum a publicação de trechos de determinadas obras, conforme fez a revista *Turrís Ebúrnea* com *Bento Cego*, um livro de Nestor de Castro⁴¹¹. *Turrís Ebúrnea* seguia a tendência dos periódicos centrados nas artes, com ênfase na literatura. Em formato pequeno e retangular, com os textos dispostos em apenas uma coluna, tinha uma diagramação diversa das revistas *Club Curitibano* e *A Vida Litteraria*. Diferentemente dessas duas, a *Turrís Ebúrnea*, uma publicação da virada do século (foi lançada em novembro de 1900) trazia também imagens nas suas edições: “todos os números trarão finas gravuras”⁴¹², anunciava a edição inaugural do periódico. Tratava-se da fotografia referente ao homenageado daquela edição: a cada número a revista se propunha a homenagear um nome dentre os escritores paranaenses, com um artigo tratando de sua vida e obra.

A *Turrís Ebúrnea* originou-se da fusão de duas outras publicações, *Breviário* e *Pallium*. Todas elas tinham propostas semelhantes e ligavam-se à estética Simbolista, muito forte entre os moços escritores paranaenses. Seus colaboradores mantinham-se em sintonia com a temática do ideal, do mórbido, do misticismo. Ficaram todas reduzidas a poucos números, desaparecendo logo depois de lançadas. Salienta-se que *Pallium*, apesar de ter tido apenas quatro números, é uma publicação bastante expressiva neste contexto: prima pelo requinte, não apenas gráfico, conferido pela Livraria Econômica, mas pelo esmero que tiveram seus diretores, Silveira Netto e Julio Pernetta, na seleção de textos, todos literários (na sua ampla maioria poesias) e caracterizados pelo decadismo-simbolista. *Turrís Ebúrnea* e *Breviário*, também mantinham seu compromisso com as artes publicando em suas páginas majoritariamente poesias. Era o empenho por se fortalecer o meio literário, bem como a palavra escrita. Apesar de todas as dificuldades para se estabelecer e angariar leitores, o esforço de se lançar essas publicações voltadas às artes valiam por ampliar os domínios da imprensa, marcando a introdução de novas técnicas, novas idéias, novos conceitos.

A revista *A Arte*, vinculada à Escola de Artes e Indústrias do Paraná é outra publicação marcada pelo seu pioneirismo. Além de servir de espaço ao exercício das

⁴¹¹ CASTRO, Nestor de. *Bento Cego (fragmento do livro inedito sobre o titulo supra)*. *Turrís Ebúrnea* – revista de arte. Novembro de 1900. Anno I N.º 1: 14-15.

⁴¹² Idem: contra-capá.

artes gráficas para os alunos daquela instituição, a revista destacava-se pela qualidade dos textos que discutiam estética, artes, filosofia nas suas páginas. Dario Vellozo, Antonio Braga, Nestor Victor e Silveira Netto são alguns dos colaboradores dessa publicação, sendo que o último também contribuía como desenhista e litógrafo. Aliás, um dos diferenciais dessa publicação lançada em 1895 era, justamente, as suas páginas litografadas: aproveitando pinturas européias ou produzidas localmente, imagens de arquiteturas ou paisagens, os responsáveis pela revista ilustravam-na – um requinte já permitido pelas técnicas da imprensa paranaense da época. Segundo o que anuncia a própria publicação:

*A nossa revista não tem pagina especial de honra, - todas o são. Sahirá somente no dia 15 de cada mez, por enquanto, sendo melhorada, principalmente na parte illustrada, que é gravada e lithografada, de numero para numero tanto quanto permittam os recursos do Paraná. Dizemos recursos do Paraná, primeiro porque para maior importância da historia da arte deste, procuraremos fazer tudo com os arranjos da casa ..., segundo porque embora quizessemos procurar meios fóra d'aqui ser-nos-ia difficil sinão impossivel, attentos aos recursos pecuniários de que podemos dispor [sic]*⁴¹³

Antes de *A Arte*, a *Revista do Paraná* (1887) e *A Galeria Illustrada* (1888-1889) inovaram a imprensa paranaense com a proposta de serem publicações ilustradas. Foram possíveis graças às inovações técnicas feitas por homens como Luís Coelho e Narciso Figueiras, mas foram embaladas pela vontade de escrita que organizava tantos moços em torno da imprensa. Segundo o que se anuncia nas páginas de *A Galeria Illustrada* sobre os propósitos da publicação: “*Nunca tivemos outro desejo a não ser o de acoroçoar entre os jovens o amor ás letras e artes, e de proporcionar um agradável passa-tempo litterario á todas as pessoas que nos honrassem com as suas assignaturas [sic]*”⁴¹⁴. Seu diferencial – assim como o da *Revista do Paraná* – estava, no entanto, no alto padrão gráfico que as caracterizava, superando tudo quanto já havia sido editado no Paraná até então. De fato, as requintadas litografias apresentadas pela publicação aproximavam-na das mais modernas revistas congêneres editadas no país: seguindo um modelo europeu, as revistas ilustradas se difundiam nas impressas mais modernas do

⁴¹³ *Expediente e Archivo*. *A Arte* – Orgam Illustrado da Escola de Artes e Industras. Segunda Epocha. Anno I. N.º 2: 17.

⁴¹⁴ *Ultima Hora*. *A Galeria Illustrada*. Propriedade da Lithografia do Comércio. Curityba, 30 de novembro de 1888. Anno I. N.º 2: 16.

Império, consolidando-se como um modelo apurado e sintonizado com as tendências contemporâneas.

A *Revista do Paraná* e *A Galeria Illustrada* consistiram em publicações audaciosas para o seu tempo. Foram iniciativas de Nivaldo Braga, um professor que tivera problemas com o Partido Liberal, então dominante no Paraná, decidindo largar o magistério público e enveredar-se pelo jornalismo. Luís Coelho acolhe-o nas publicações da *Pêndula Meridional* e dá guarita aos seus ambiciosos projetos de criar publicações diferenciadas de tudo quanto o Paraná já conhecera⁴¹⁵. Associado ao trabalho do litógrafo Narciso Figueiras, surge primeiramente a *Revista do Paraná*, uma publicação luxuosa, em papel superior ao que costumavam ser impressos os periódicos locais e trazendo ricas ilustrações. O periódico, no entanto, não passou dos sete números, publicados entre de 23 de outubro e 17 de dezembro de 1887: edições caras, se mostravam difíceis de serem mantidas. No ano seguinte, em 20 de novembro de 1888 é lançada *A Galeria Illustrada* com uma proposta editorial um tanto diferente da *Revista do Paraná*, ainda que fosse também uma revista ilustrada.

A *Galeria Illustrada* marcava-se pela sua pretensão cosmopolita: publicava textos e imagens relativos não apenas ao Paraná, mas ao país e à Europa dita civilizada e desenvolvida (França, especialmente). Seu interesse eram os valores ligados à civilização moderna: trabalho, liberdade, progresso, educação. Em suas páginas encontra-se textos de variedades, voltados a entreter o leitor. Contava com a colaboração de um bom número de escritores, tanto das letras nacionais (a exemplo de Raul Pompéia, Alberto de Oliveira, Virgílio Várzea, Valentim Magalhães) – contatos do período em que Luís Coelho morara no Rio de Janeiro – como paranaenses (Rocha Pombo, Nestor de Castro, Chichorro Jr., Silveira Netto, entre outros). A *Revista do Paraná* tinha um caráter um pouco diverso. Como o seu próprio nome propõe, estava centrada em questões relativas à Província. Seus textos e suas imagens não escapam do propósito de dar visibilidade às localidades, às personalidades ou aos acontecimentos paranaenses.

Guardadas as especificidades de cada uma das publicações, ambas tinham em comum, além do requinte gráfico e de serem ilustradas, a proposta de abarcarem ciência, arte e política. Publicações que explicitam, na sua própria materialidade, as questões referentes à consolidação das artes gráficas; os contornos de uma arte que se

⁴¹⁵ Ver: CARNEIRO, Newton Isaac da Silva. *Revista do Paraná*. IN: *Revista do Paraná – 1887 (edição facsimilar)*. Curitiba: Secretaria de Estado da Cultura e do Esporte, 1881: s/p.

constituía através do trabalho técnico. De fato, nesse entrecruzamento entre técnica e arte configurava-se algo de novo, não apenas na imprensa ou no universo artístico, mas na própria constituição da comunidade. “Uma ‘superfície’ não é simplesmente uma composição geométrica de linhas. É uma forma de partilha do sensível”⁴¹⁶, argumenta Jacques Rancière. Nesse sentido, a página impressa, ao encarnar um novo *regime de identificação das artes*, propõe novas maneiras de *fazer, ver e dizer* em comunidade.

Distinguindo três *regimes de identificação das artes*, que vigoraram em momentos distintos da história, Rancière preocupa-se em evidenciar as ordenações e distribuições que seriam próprias de cada um deles. O *regime estético das artes*, que se localizaria, grosso modo, no século XIX, marcaria a autonomia da arte e a sua identificação com a vida, além de uma nova configuração da comunidade, marcada pela inscrição da igualdade. *Qualquer um* poderia, então, produzir ou estar em contato com as artes. Identificamos este regime *ao fazer* dos moços que tratamos nesse trabalho, conforme se enfatizará no próximo capítulo. Por ora, esclarecemos que o *regime estético das artes* inovou ao questionar a representação, ao propor uma arte regida por uma nova lógica: não mais as regras de correspondência entre o real e o ideal, não mais o princípio mimético da arte como recriação do mundo, como reflexo ou imitação de um ideal. Com efeito, a lógica representativa primava por separar o mundo das imitações da arte, do mundo dos interesses vitais e das grandezas político-sociais. Além disso, ditava uma organização hierárquica que estabelecia o primado da palavra sobre a imagem pintada⁴¹⁷. Em contra-partida, o *regime estético das artes* quebraria hierarquias e distinções, fortalecendo o processo de identificação da arte com a vida. De forma que, de acordo com Jacques Rancière, tal regime “[fundaria], a uma só vez, a autonomia da arte e a identidade de suas formas com as formas pelas quais a vida se forma a si mesma”⁴¹⁸.

É justamente na aproximação entre a cultura tipográfica e a iconografia que Rancière identifica um dos elementos de preparação da revolução pictural moderna, que minou as regras do regime representativo. O entrelaçamento entre os poderes da letra e da imagem embaralharia as regras de correspondência à distância entre o dizível e o

⁴¹⁶ RANCIÈRE, Jacques. Da partilha do sensível e das relações que estabelece entre política e estética. IN: *A Partilha do Sensível* op.cit: 21.

⁴¹⁷ Ver: Idem: 23.

⁴¹⁸ RANCIÈRE, Jacques. Dos regimes da arte e do pouco interesse da noção de modernidade. IN: *Ibidem*: 34.

visível, próprias às regras representativas⁴¹⁹. A revolução anti-representativa teria se alicerçado, em grande medida, no enlace entre diferentes linguagens ou suportes. Nas palavras de Rancière, “é, antes, na interface criada entre ‘suportes’ diferentes, nos laços tecidos entre o poema e sua tipografia ou ilustração, entre o teatro e os seus decoradores ou grafistas, entre o objeto decorativo e o poema, que se forma essa ‘novidade’ que vai ligar o artista, que abole a figuração, ao revolucionário, inventor da vida nova”⁴²⁰. Uma concepção de arte renovada, pronta a questionar hierarquias de suportes, gêneros, linguagens e temas se realizava, assim, nas publicações ilustradas: estas são um bom exemplo de como a fusão daqueles elementos foi decisiva para a constituição de uma arte não mais guiada pelo princípio representativo.

As primeiras publicações ilustradas do Paraná – a *Revista do Paraná* e *A Galeria Ilustrada* –, lançadas, respectivamente, em 1887 e 1888, constituíam projetos diferentes de tudo quanto já havia sido publicado na Província até então. Conferiam centralidade às ilustrações, principal elemento a fazer desses periódicos publicações requintadas. O cuidado gráfico dispensado às ilustrações indicava a força de tal centralidade, desestabilizando a soberania da palavra escrita. Nota-se que mesmo certas publicações que não tinham a proposta de ser ilustradas, traziam elementos ilustrativos, como arabescos, portais, detalhes de pequenos desenhos. Este é o caso, por exemplo, da revista *Pallium*. Ou ainda, o que se encontrava muitas vezes, eram os títulos das publicações trabalhados, com letras diferenciadas e detalhes ilustrativos, embora, via de regra, fossem esteticamente simples. Nesse domínio, se destacam os frontispícios da *Revista do Paraná* e de *A Galeria Ilustrada*, que fugindo à regra, mostravam-se luxuosas: fazendo jus a revistas ilustradas, estas publicações apresentavam suas aberturas ricamente trabalhadas.

Salienta-se, no entanto, que essas publicações ilustradas não rechaçavam a escrita. Apesar de serem projetos que se centravam na possibilidade técnica da ilustração, permaneciam filiados ao ensejo de proliferação dos suportes da escrita e da *livre circulação da palavra*. Folheando as páginas das publicações em questão, percebe-se que a relação entre imagens e palavras nem sempre se davam de forma correspondente ou subordinada. Ou ainda, apesar da relação entre os dois domínios – o da palavra e o da imagem – costumar ser estabelecida nas publicações, isso nem sempre

⁴¹⁹ RANCIÈRE, Jacques. Da partilha do visível e das relações que estabelece entre política e estética. op.cit: 20.

⁴²⁰ Idem: 23.

acontecia. No caso da *Revista do Paraná*, por exemplo, cada ilustração era correspondida por um texto. Sendo uma revista focada nas questões da Província, todos os seus textos e imagens diziam respeito ao Paraná. No seu interior encontramos, então, litografias referentes a paisagens, personalidades ou arquiteturas paranaenses. Ligado a estas, textos que lhe estavam em correspondência. Assim, tratando-se de personalidades, biografias; arquiteturas, o seu histórico; paisagens, referências históricas e geográficas. Segundo o que anunciava a revista a respeito das publicações litográficas:

*[...] intercalando no texto das publicações que houver de fazer vinhetas lithograficas adequadas e consoantes do assunto de que haja de tractar. [...] tornando [...] conhecidos, por meio de gravuras lithographicas, os seus homens notaveis, quer nas sciencias, letras, artes e industria, quer na politica, governança e armas, as suas povôações principaes, os seus estabelecimentos publicos e industriaes mais notáveis, as suas paizagens bem como os phenomenos da Natureza dignos de especial menção etc. [sic]*⁴²¹

As litografias referentes a paisagens eram as mais expressivas da *Revista do Paraná*. Apareciam também em maior volume. A revista destaca o seu interesse neste tipo de imagem pedindo, em suas páginas, que os leitores que as tivessem enviassem à redação. Este foi o caso, por exemplo, da prancha *Resalto da bulha no rio Ivahy, alias Ubahy*⁴²² [sic], um desenho de D. Maria Christina Lustosa de Carvalho, “*copia fiél que tão illustre Paranaense reproduzira, em sua meninice scholar, do desenho com que o Snr. Engenheiro Gustavo Rumblerger, em uma Souvenir d’Amitié, brindára, áo regressar de sua affanosa Exploração do Ivahy, ao Snr. tenete Coronel Antonio Ricardo Lustosa de Andrade*”⁴²³. Observa-se, então, que a publicação em questão preservou imagens relativas ao Paraná, cujos originais vieram a se perder mais tarde e que só são conhecidas hoje graças, portanto, a possibilidade técnica de reprodução que permitiu que fossem multiplicadas ainda no século XIX. Este foi o caso também de gravuras do cartógrafo João Henrique Elliot, que andou pela 5.^a Comarca de São Paulo na década de 1840 e produziu escritos e desenhos tidos como dos mais significativos referentes a esse período.

⁴²¹ *Revista do Paraná*. Revista do Paraná. Director: Nivaldo Braga. Corytiba, 23 de outubro de 1887. Anno I. N.º 1: 2. [sem referência de autor].

⁴²² *Resalto da bulha n o rio Ivahy, aliás Ubahy*. Director: Nivaldo Braga. Corytiba, 1º de dezembro de 1887. Anno I. N.º 6. [litografia].

⁴²³ *Resalto da Bulha*. Revista do Paraná. Director: Nivaldo Braga. Corytiba, 1.º de dezembro de 1887. Anno I. N.º 6: 3. [sem referência de autor].

As prancha *Corytiba em 1855*⁴²⁴ [sic] e *São José dos Pinhães*⁴²⁵ [sic] são litografias feitas a partir de aquarelas de Elliot. De maneira semelhante, abordam vistas das duas localidades, propondo que o artista se localizasse em lugar alto e privilegiado para uma percepção ampla. Somando-se a elas, *São José da Boa Vista*⁴²⁶ [sic] e *Guarakaçaba*⁴²⁷ [sic] engrossam o grupo de vistas de localidades. Nelas identificamos elementos humanos (embarcações, construções, plantações) e naturais (vegetações, lagos, colinas). No conjunto, elas têm ares de uma certa cotidianidade e de uma vida pacata. O que nos interessa, no entanto, é a relação dessas litografias com os textos que lhes dizem respeito. Ao que tudo indica, era a viabilidade de se conseguir uma imagem para ser litografada e publicada que gerava a necessidade de se produzir um texto para ser posto em correspondência: palavras que o significassem e o justificassem. Ou seja, na medida que se obtinham imagens é que se escrevia artigos relacionados a elas, não o contrário. Toda imagem deveria corresponder a um artigo (ou a palavras), apesar de nem todo artigo (palavras) corresponder a uma imagem. A primazia da palavra sobre a imagem e a necessidade de coloca-las em correspondência propõem que a ruptura com o *regime representativo das artes* não tenha sido abrupta. Ainda que a centralidade conferida às imagens nas publicações ilustradas contrabalançava e colocava em cheque a soberania da palavra.

Destaca-se que os textos correspondentes às vistas de povoações marcavam-se por fornecer identificações históricas e geográficas a respeito do povoado. Eram dados referentes a coordenadas e localizações, além da *origem, fundação e evolução histórica* da região⁴²⁸. Imagens e palavras criavam, assim, referências sobre o Paraná. As palavras primavam por uma certa cientificidade: conferir dados, informações precisas que

⁴²⁴ *Corytiba em 1855*. Revista do Paraná. Director: Nivaldo Braga. Corytiba, 30 de outubro de 1887. Anno I. N.º 2: s/p. [litografia]

⁴²⁵ *São José dos Pinhães*. Revista do Paraná. Director: Nivaldo Braga. Corytiba, 17 de dezembro de 1887. Anno I. N.º 7: s/p. [litografia].

⁴²⁶ *São José da Boa Vista*. Revista do Paraná. Director: Nivaldo Braga. Corytiba, 22 de novembro de 1887. Anno I. N.º 5: s/p. [litografia].

⁴²⁷ *Guarakaçaba*. Revista do Paraná. Director: Nivaldo Braga. Corytiba, 1º de dezembro de 1887. Anno I. N.º 6: s/p. [litografia].

⁴²⁸ A guisa de exemplo, citamos um trecho do artigo sobre Guaraqueçaba: “[...] *sobre o dorso de um outeiro, banhado pelas águas da Bahia de Paranaguá, onde este tem os cognomes de Bahia das Laranjeiras, a l’Oeste e de Bahia dos Pinheiros, a l’Este, e, quiçá, das fozes dos Rio Gaurakçatuba e Varadouro, que formão um Promontório, incado dos Morros denominados Pico Torto e Quitambé, bavendo sido benta, sob, sob a invocação de Senhor Bom Jesus de Gaurakçaba, tomando desde então para Orago, a 15 de Junho de 1830. Em 1840, constituía o 6º Quarteirão da Parochia de Paranaguá, em cuja circumscripção territorial havia 97 Fògos, que representavão 593 Almas ; e, em 1850 já era também a Sede do 2.º Districto Policial e de Paz de Paranaguá, tendo, além da Matriz e do Cimiterio Publico, um Capellão Pro Paracho. E foi nobilitada com o predicamento de Freguezia pela Lei Provincial n. 5 de 1.º de Agosto de 1854[...]*”. *Guarakaçaba*. Idem: 3-4.

localizassem a povoação no tempo e no espaço. De fato, história e geografia consistiam em saberes bastante autorizados neste momento. Da mesma forma, os textos referentes a imagens como *Resalto da bulha no rio Ivahy, alias Ubahy e Catadupa do Rio Jordão*⁴²⁹ também se caracterizam pelas informações geográficas: localização, trajeto dos rios, altura dos saltos. É saliente que imagens devessem ser traduzidas por palavras e, sobretudo, que estas se restringissem a informações histórico-geográficas.

A revista *A Galeria Illustrada* estabelecia a relação entre imagem e palavra de uma forma um pouco diferente. Isso se deve, em boa medida, as próprias diferenças de estruturação entre as duas publicações: *A Galeria Illustrada* costumava publicar, além de artigos elaborados, notas curtas, sobre variados temas (o lançamento de um livro ou de um periódico, uma notícia, citação ou anedota, um evento). *A Revista do Paraná* até contou com esse tipo de notas, em alguns números, através de uma folha suplementar que acompanhava a edição, porque a sua estrutura e concepção não comportavam aquele tipo de comunicado. Pois bem, ao invés de publicar longos artigos que se relacionassem com as litografias, conforme fazia a *Revista do Paraná*, *A Galeria Illustrada* publicava pequenas notas referentes às imagens. Nelas, registrava-se curtos comentários sobre o autor e a obra – tratava-se, geralmente, de litografias feitas a partir de obras européias, mas contava-se também com desenhos feitos localmente, retratando paisagens paranaenses – e elogiava-se, por vezes, a qualidade e a beleza da imagem⁴³⁰. Nada que excedesse um pequeno número de linhas: o entrecruzamento entre imagem e palavras não era perseguido de forma tão veemente quanto na *Revista do Paraná*.

Conferia-se uma maior autonomia à imagem. Ainda que, tanto a *Revista do Paraná* quanto *A Galeria Illustrada* centrassem as suas propostas editoriais na ilustração, experimentando, assim, novas possibilidades nos meios tipográficos e o entrecruzamento de linguagens, tão significativo para a constituição do *regime estético das artes*. Salienta-se que *A Galeria Illustrada* inovou também ao publicar charges: a crítica e a irreverência aos acontecimentos da política local e nacional ganhavam corpo

⁴²⁹ *Catadupa do Rio Jordão*. Revista do Paraná. Director: Nivaldo Braga. Corytuba, 17 de dezembro de 1887. Anno I. N.º 7: s/p. [litografia].

⁴³⁰ A guisa de exemplo, segue a nota integral referentes a uma das litografias de *A Galeria Illustrada*: “Cópia de uma gravura de Ed. Yan. Este desenho visto a ‘vol-d’oisau’, parece não encerrar belleza de estylo artístico. Com tudo, se nós nos aprofundar-mos em analysar os traços, as posições da fuguras, veremos que ha no quadro de Yan muita originalidade, muita belleza. Se víssemos dois ‘naturalistas’ preocupados em prescrutar os segredos da natureza, isolados em uma floresta americana, dir-se-hia que ali estavam os sabios imaginados por Yan”. *Um Estudo no Bosque*. *A Galeria Illustrada*. Propriedade da Lithografia do Commercio. Curityba, 20 de novembro de 1888. Anno I. N.º1: 2. [sem referência de autor].

através de imagens. As charges constituem um gênero ilustrativo por excelência, não sendo de se estranhar que tenham se fortalecido como linguagem editorial. De fato, as ilustrações mexeram com a maneira como se concebia as publicações, em tudo quanto concernia a seu projeto editorial (tanto a parte gráfica quanto o trabalho mais propriamente intelectual). Era, no entanto, uma inovação que encarecia a publicação. O que certamente contribuiu para o fim precoce das primeiras publicações ilustradas do Paraná.

É preciso considerar, contudo, que a efemeridade das publicações marcava o meio editorial paranaense das décadas finais do século XIX. Com efeito, eram poucos os periódicos que passavam do primeiro ano, sobretudo em se tratando de revistas (os jornais costumavam ter uma sobrevivência maior). As dificuldades para se afirmar o meio jornalístico eram grandes: o analfabetismo era gritante (apesar de já se falar na maior democratização do acesso à educação), o hábito de leitura e de compra deste tipo de publicação estava longe de ser dominante entre os paranaenses (ainda que isto fosse uma realidade nacional: Olavo Bilac falava no *mal dos sete números*, em referência a pouca durabilidade de grande parte das revistas lançadas no país⁴³¹). A vendagem era, portanto, um problema. E sem a consolidação de um público leitor e comprador, comprometia-se seriamente a possibilidade de se dar continuidade à publicação. A respeito disso, Nestor Victor lembra o período em que trabalhou no *Diário do Paraná*:

*Quando, já em 1890, dirigi uma folha diária naquela cidade [Curitiba], folha que se podia dizer então bastante lida, nossa tiragem ainda não excedia de 400 exemplares. Desconhecia-se a venda avulsa de jornais na cidade; estes eram exclusivamente distribuídos entre seus assinantes.*⁴³²

Como exceção neste contexto, a revista do *Club Curitibano* que não dependia de assinaturas, pois era mantida pelo clube e distribuída gratuitamente aos sócios. A respeito dela, Silveira Netto comenta: *única genuinamente literária dessa nossa boa terra (...) independente, pois não depende de assinaturas; único jornal que nesta terra pacata e civilizada tem atravessado os anos implícitos*⁴³³. O sistema de venda por

⁴³¹ Ver: LUSTOSA, Isabel. O macaco brasileiro: um jornal popular na independência. IN: Scapochnik, Nelson; Abreu, Márcia. *Cultura letrada no Brasil: objetos e práticas*. São Paulo: Mercado de Letras, 2005: 297.

⁴³² SANTOS, Nestor Vítor. *A Terra do Futuro: Impressões do Paraná*. op.cit: 79.

⁴³³ *Dicionário histórico-biográfico do Paraná*. Curitiba: Chaim, 1991: 62-63. [verbete O Cenáculo: o grupo, a revista, de Cassiana Lacerda Carollo].

assinatura (bem como a distribuição feita aos sócios de sua publicação pelo *Club Curitibano*) propõe a existência de leitores certos, cativos – ainda que fossem escassos: cada publicação constituía seu grupo de leitores. Certamente havia a preocupação em ampliar o número de assinantes: era comum se enviar os periódicos para um possível novo assinante, como uma espécie de cortesia. E este seria considerado assinante caso não devolvesse à redação o exemplar que recebera. Havia também casos em que se enviava regularmente e gratuitamente exemplares para certas instituições (educacionais, culturais ou de governo), pois o que interessava era fazer com que esses suportes fossem meios de perpetuação de idéias. Assim como fazia a revista *A Arte*:

A sua distribuição é feita, como propaganda, gratuitamente, aos beneméritos do estabelecimento de que é órgão ; no estrangeiro – aos estabelecimentos de artes e ás revistas congêneres; no Brazil á toda a imprensa, escolas de artes, bibliothecas e a membros proeminentes dos poderes governamentaes, e no Paraná ainda, a todas as repartições publicas estaduais e municipaes, inclusive os juizados e escolas primarias. E havará distribuição remunerada a quem quizer dar-nos a honra de tomar assignaturas [sic]⁴³⁴

Afora a venda, outro meio de se angariar algum recurso com os periódicos era o franqueamento de espaços nas suas colunas para o anúncio de particulares. Ainda que de forma tímida, algumas publicações destinavam espaços para que os interessados anunciassem seus produtos, serviços ou mesmo algum tipo de notificação. Tratava-se de um tempo (o século XIX), no qual a indústria da propaganda não estava constituída. Contudo, mesmo que não se possa falar de uma publicidade comercial, pouco a pouco se configurava espaços de anúncios e, até mesmo, propaganda nos periódicos. O princípio de divulgar algo particular (exterior à publicação) ao público através de veículos de comunicação (os periódicos) se constituía. Observa-se também que a própria tipografia aproveitava o espaço das suas publicações periódicas para anunciar seus serviços. Poder-se-ia fazê-lo de uma forma descontraída e divertida, como era característico de *O Trovão*, um periódico humorístico do final da década de 1880 que sob o título *Três vinténs é barato* convidava o leitor a assinar a publicação e oferecia os serviços tipográficos: “*Temos là em casa uma bem montada typografia; e avisamos que*

⁴³⁴ *Expediente e Archivo*. *A Arte* – Órgão Ilustrado da Escola Ilustrado da Escola de Artes e Industrias do Paraná. Segunda Epoca. Coritiba, 15 de janeiro de 1885. Anno I. N.º 2: 17.

não se ‘fia’ a pessoa alguma, qualquer trabalhos nella executado [sic]”⁴³⁵. Ou, o que era mais comum, de forma estruturada e detalhada. A exemplo de *A Revista do Paraná*:

Typografia – Luiz Coelho

Esta bem montada officina está habilitada a fazer com promptidão toda e qualquer impressão typographica como seja: Cartões de visita. Recibos e guias com talões. Participações de casamentos. Convites para bailes e enterros. Jornaes e qualquer obra.

Primado pela nitidez e barateza de seus preços, visto dispor para isso de pessoal idôneo e de material excellente.

Tem sempre créditos e letras impressas [sic].

As officinas da Lithographia do Commercio, acham-se montadas a capricho possuindo todos os melhoramentos modernos admittidos na arte lithographica, dispondo de excellentes machinas para todos os trabalhos de impressão, gravura, corte, perfuração de papeis, varaidissimo sortimento de papeis, tintas, cartões e um pessoal habilitado a desempenhar qualquer obra.

Encarrega-se tambem de illustrações de jornaes, dezenhos, mappas e todo e qualquer trabalho concernente a esta arte⁴³⁶ [sic].

Em anúncios como estes, identifica-se elementos que propõem um sentido comercial: o oferecimento de variedade, qualidade e, sobretudo, bom preço. Salienta-se, contudo, que embora anúncios como estes aparecessem em algumas publicações, ainda era algo longe de ser dominante no conjunto delas. A propaganda ainda não era algo sistematizado, corrente, como ocorreria no século XX. Em se tratando do primeiro jornal do Paraná, *O Dezenove de Dezembro*, os exemplares da década de 1850 já traziam uma seção de anúncios. Caracterizavam-se, no entanto, pelo caráter pessoal da sua redação. O anunciante oferecia sua mão-de-obra ou mercadoria, o interesse na venda ou na compra de um escravo, as novidades de seu estabelecimento comercial, a procura de um animal fugido, noticiava que passaria uma temporada longe do Paraná ou, até mesmo, agradecia os que estiveram presentes ao enterro de um parente. Funcionavam como uma espécie de avisos redigidos, geralmente, pelo anunciante. Tinham, sobretudo, um cunho extremamente pessoal. Observemos, por exemplo, o anúncio de *Luiz Coelho* sobre as novidades de sua loja, *A Pêndula Meridional*:

⁴³⁵ *Três vinténs é barato*. O Trovão – órgão dedicado às pessoas que não soffrem de pindahiba. Curityba, 10 de maio de 1888. Anno I. N.º 1: 1.

⁴³⁶ Os dois anúncios transcritos aparecem em todos os sete números de *A Revista do Paraná*, sempre em uma página sem numeração e localizada nas últimas páginas da revista.

Luiz Coelho

participa a seus amigos e fregueses que regressou da corte a esta capital e trouxe um variado sortimento de joias modernas, relógios, perfumarias e a afanada e legitima Coagulina para soldar louças, vidro, etc, etc, a 1U000 o vidro

Largo do Conselheiro Zacarias [sic]⁴³⁷.

O anúncio transmite uma tal intimidade do anunciante com os leitores do jornal, que parece se tratar de um bilhete. Percebe-se que Luiz Coelho coloca o seu nome como quem trazia as mercadorias e não o do estabelecimento do qual era proprietário, intensificando o sentido de pessoalidade do anúncio. De fato, no século XIX os periódicos curitibanos não vão contar com as propagandas impessoais e de mensagens curtas para anunciar produtos de venda em maior escala. Isto foi algo que se efetivou no século XX. Ainda que o periódico *O Sapo* no ano de 1900, por exemplo, comece a apresentar anúncios de página inteira, com uma configuração mais objetiva do que se costumava ver até então. Estas mesmas edições de *O Sapo* inovaram também ao publicar fotografias em uma escala significativa (geralmente imagens urbanas, de edificações), inédito em publicações paranaenses.

No que concerne aos anúncios em publicações do século XIX, é válido insistir que não eram uma praxe. A maior parte das publicações não se valeu deles. As que se valeram, angariavam alguma renda com isso para ajudar na manutenção do periódico. No entanto, provavelmente esta renda não fosse significativa. O fato é que no século em questão não havia se descoberto a publicidade como uma forma de resolver o problema de sustentação de jornais e revistas. Aliás, isto não apenas no Paraná. Mas, já havia se descoberto – percebe-se nas publicações paranaenses – a possibilidade de se promover idéias, pessoas, instituições nas folhas jornalísticas. E os homens da imprensa paranaense souberam se valer disso para promoverem artes, artistas e tendências estéticas, especialmente no que tange a arte da escrita. A exemplo de um artigo publicado na revista *Club Curitibano*, na ocasião da publicação de *Ephemeras*, o primeiro livro de poesias de Dario Vellozo: “*Tenho diante de mim, e leio com satisfação, aquelle esplendido livrinho do Dario, que, entre nós, constitue a maior novidade litteraria da época, e que vae deixando um traço liminoso de apreciações*

⁴³⁷ Jornal Dezenove de Dezembro. Propriedade da Viúva Lopes. Editor: Candido Martins Lopes. Curityba, sabbado, 26 de fevereiro de 1876. Anno 23. N.º 1686: 4.

sinceras no seio da imprensa justiceira”⁴³⁸. Estratégias de propagandas como esta eram comuns nas mais variadas revistas literárias.

Destaca-se, por fim, a revista *A Penna*, uma publicação lançada por Romário Martins, Julio Pernetta e Adolpho Guimarães no final do século (1897), que carregava o explicativo *revista de arte*. Esta publicação era rica em artigos sobre escritores, resenhas de livros e textos literários. Trazia também uma seção de notícias, denominada *Bric a Brac*. Nela, informava-se ao leitor sobre eventos que aconteceriam em Curitiba, tais como apresentações musicais ou peças teatrais; sugeria-se livros para leitura. Eram, assim, anúncios feitos de bom-grado pela revista: seus responsáveis selecionavam o que consideravam que valia a pena ser prestigiado. É relevante esse serviço prestado pela publicação, pois era movido pela identificação com as artes, com a leitura que acalentava os moços que se envolviam com a preparação do periódico. Era a efetivação do processo de livre circulação da palavra movendo e propalando, justamente, o que era mais caro àqueles moços. Era a palavra *rolando* com a promessa de comunicar a *qualquer um* e a *qualquer parte* as novidades das artes em geral e da literatura em particular.

⁴³⁸ FRIVOLINO. *Critica do livro Ephemeras de Dario Vellozo*. Revista do Club Curitibano. Publicação quinzenal. Instrução e Recreio. Distribuição gratuita aos sócios. Director: V. de Jesus. Curityba, 30 de abril de 1891. Anno II. N.º 8.

Literatura, estética e política

1. Pela Literatura (civilização, história e cultura escrita)

Dario Vellozo, em artigo publicado na revista *Azul*, refere-se à arte como “*o arauto da vida futura*”⁴³⁹. Dessa passagem, depreende-se a importância, o caráter de nobreza conferido pelo poeta às artes, o que, aliás, é um traço da sua geração de escritores. Enquanto arauto, a arte anunciaria um futuro com determinadas características já pré-definidas, conforme se evidenciará a seguir. Mais do que anunciar, ela própria teria função imprescindível na concretização do futuro que se desejava. Nesse sentido, umas das tônicas do período era a percepção de que artes e artistas, escritos e escritores teriam uma missão a desempenhar na constituição da/do Província/Estado e da Nação. Tal percepção moveu a geração de Dario Vellozo que, sentindo-se comprometida com o futuro do Paraná, empenhou-se na realização de produções literárias, a fim de com elas deixar marcas. Assim, além de promover e

⁴³⁹ VELLOZO, Dario. *A Arte*. Azul – Pela Arte. Redação: Santa Ritta Junior, Evaristo Pernetta, Nicolau dos Santos, Adolpho Werneck, Euclides Bandeira e Thiago Peixoto. Ciryba, 27 de maio de 1900. Anno I. Tomo I: 1.

alavancar culturalmente o Paraná, legariam ao futuro suas realizações, suas contribuições para a prosperidade da Província/Estado.

Enquanto marcas, as obras de arte expressariam o melhor de um tempo. Tal assertiva figura-se como uma unanimidade no pensamento dos moços. Nesse sentido, como artistas que eram, sentiam-se agentes, sujeitos de uma importância ímpar na constituição de referências a respeito do Paraná. Formulavam, através de textos, suas concepções de temas como arte, literatura e beleza, fazendo, assim, das suas atividades intelectuais e artísticas motivo de reflexão. Dario Vellozo, dentre todos de sua geração, foi, provavelmente, quem mais se preocupou em produzir textos com esse caráter. Neles, defendia, invariavelmente, a importância do desenvolvimento das artes no Paraná, vinculando-o à prosperidade futura da Província/Estado. Eles próprios, moços escritores, realizavam através da literatura a missão que se atribuía às artes. De fato, apesar de se referirem ora às artes de uma maneira geral, ora a literatura em particular, ambas equivaliam-se na medida em que identificavam-se na mesma missão, seriam agentes da mesma finalidade. Neste sentido, ao falarem em artes e artistas, incluiriam a literatura e os literatos.

É significativo que os moços tenham se dedicado a formular concepções próprias a respeito do ofício ao qual se dedicaram. Sendo assim, entrecruzar textos que se prestavam a elaborar o sentido e a importância das artes e da literatura para o progresso do Paraná, parece-nos o caminho indicado para conduzir às discussões que se seguem.

1.1 *uma civilização artístico-literária*

Encontramos em diversos textos publicados em revistas paranaenses do final do século XIX a referência ao estabelecimento da arte como uma *Cruzada*. Em analogia com as expedições medievais que visavam *libertar* a *Terra Santa* – Jerusalém – do domínio mulçumano, utilizavam-se poeticamente da imagem de que a arte devia ser conquistada e, para tanto, seria necessário uma ação não menos eloquente, corajosa e gloriosa que a atribuída aos cruzados medievais. Nas palavras de Dario Vellozo, “*Salve! Cavalheiros, que vos vades impávidos e fortes, em defesa de vossa Crença! Vão por longes terras, combater monstros, romper lanças pela dama pulchirissima – D. Arte*

[sic]”⁴⁴⁰. Os cavalheiros dessa *cruzada*, *nobres* escritores que surgiam no Paraná – Emiliano Pernetta, Domingos Nascimento, Leoncio Correia, Emilio de Menezes, Nestor Victor e os moços do *Cenáculo*, na enumeração de Dario⁴⁴¹ – teriam por missão tornar a arte e o belo acessível e próximo, familiar.

Disso dependia a construção de um Paraná próspero, de um Estado que se tornasse referência. Neste contexto, a figura do artista ganhava destaque. Afinal, seria ele o realizador de tal intento, quem se investiria dessa *Cruzada*. Dario refere-se aos seus companheiros de combate como homens valorosos: “*austeros celebrantes da Forma, alchimistas da Idea, sobrios e infatigáveis*, – [...] *eu vos vi cingir as armaduras de aço, impávidos e serenos, atravessando terras de Infiéis, pelejando e vencendo, tramite das mansões beatíficas, em o sidereo paiz da Belleza Immortal* [sic]”. Atribuía a eles papel preponderante, no estabelecimento das artes e das letras no Paraná e, com isso, também no burilamento do que diz respeito à compreensão do belo.

Aproximando o trabalho nas letras realizado pela sua geração das figuras de nobres e destemidos cavalheiros, que enfrentavam grandes batalhas em regiões inóspitas, Dario valorizava a si e aos seus companheiros através, justamente, do que seriam suas mais importantes armas: a escrita e o aperfeiçoamento dos recursos literários. As batalhas às quais se refere, que tinham por finalidade atingir *o sidereo paiz da Belleza Immortal*, eram marcadas, certamente, por uma dimensão solitária, algo vivenciado pelo artista, que se referia apenas às suas experiências e à sua produção. No entanto, apesar de, por vezes, Dario e os demais mencionarem um processo solitário, distante das vivências comuns e ordinárias, visavam que as referências de arte que construía extrapolassem o seu círculo, tomando uma dimensão paranaense. Ou seja, tornando-se referências que identificassem o Paraná e assimiladas pelos que lá viviam.

Muitos textos assinados por moços manifestavam essa preocupação. O que tinha implicações, inclusive – ou, deveria dizer, principalmente –, na concepção de arte que nutriam: essa seria capaz de unir, aproximar, congregar. Tratava-se de uma “*Cruzada que tem, como a do seculo segundo, a vantagem benigna de approximar uns aos outros, de congregar a todos* [sic]”⁴⁴². Às artes e aos artistas caberia, então, irmanar os paranaenses, atribuindo-lhes os predicados necessários para fortalecer a

⁴⁴⁰ VELLOZO, Dario. *Azul*, Azul – Pela Arte. Redacção: Santa Ritta Junior, Evaristo Pernetta, Nicolau dos Santos, Adolpho Wernwck, Euclides Bandeira e Thiago Peixoto. Curitiba, 15 de abril de 1900. Anno I. Tomo I: 25.

⁴⁴¹ Idem: 25-26

⁴⁴² *O Guarany*. O Guarany – Propriedade de uma associação. Curitiba, 21 de janeiro de 1891. Anno I. N.º 1: 02. [Sem indicação de autor].

Província/Estado e, neste processo, torná-los semelhantes e identificados. Lembrando o que diz Jacques Rancière, eram movidos pela “[...] *pretensão nova de inserir arte no cenário de cada vida em particular*”⁴⁴³. Isto se familiariza, em alguma medida, com os ideais republicanos que pregavam: um regime de governo mais democrático e igualitário. Assim, da mesma forma que imbuídos pelo ardor da causa republicana, os moços pregavam uma educação mais acessível, as artes deveriam gozar, para eles, do mesmo prestígio. “*Quereis um povo forte e consciente de sua personalidade? Instrui-o. Quereis um povo feliz e apto para viver? Faze-o artista*”⁴⁴⁴. Propunha-se, dessa maneira, uma nova forma de participação na comunidade, de partilhar o comum, a partir de uma maior liberdade e igualdade entre os homens.

Ao reivindicar maior democratização de acesso às artes e à educação, os moços estavam afirmando um *regime de arte* e questionando uma certa *partilha do sensível*. Tomo esses termos – *regime de arte* e *partilha do sensível* – de Jacques Rancière. A *partilha do sensível* se ocupa da maneira como um *comum* é partilhado: como espaços, tempos e tipos de atividade se prestam ou não à participação de um *comum* e como uns e outros tomam parte nesta partilha⁴⁴⁵. Os moços dessa pesquisa defendiam uma maior democratização ao acesso das artes, o que é próprio, de acordo com Rancière, do *regime estético das artes*⁴⁴⁶. O *regime estético das artes* celebra, justamente, a destruição de hierarquias e de privilégios e a inscrição da igualdade na comunidade. Em um texto de Azevedo Macedo, publicado na revista do *Club Curitibano*, a questão fica evidenciada.

⁴⁴³ RANCIÈRE, Jacques. *A Partilha do Sensível: estética e política*. São Paulo: Exo Experimental/Ed. 34, 2005: 23.

⁴⁴⁴ *A Arte – Ressurreição*. A Arte – órgão ilustrado da Escola de Artes e Industrias do Paraná. Curitiba, 15 de janeiro de 1895. Anno I. N.º 2: 1. Segunda epocha. [Não há referência de autor].

⁴⁴⁵ RANCIÈRE, Jacques. *A partilha do Sensível: estética e política*. São Paulo: Exo experimental org./Ed. 34, 2005: 15.

⁴⁴⁶ Rancière distingue, na tradição Ocidental, três grandes regimes de identificação da arte, a saber: *regime ético das imagens*, *regime poético (ou representativo) das artes* e *regime estético das artes*. O *regime ético das imagens* vigorou na Antiguidade, fundamentado, em boa medida, por Platão. “*Neste regime ‘a arte’ não é identificada enquanto tal, mas se encontra subsumida na questão das imagens.*” (pág. 28). Para Platão, existiriam artes verdadeiras que seriam aquelas fundadas em modelos definitivos e simulacros de arte que imitariam simples aparências. Assim, as imagens eram atravessadas pela questão das suas origens (e conseqüentemente pelo seu teor de verdade) e pela questão do seu destino (os usos que têm e os efeitos que induzem). O *regime poético das artes* coincide com a idade clássica – o período das Belas Artes – e é regido pelos princípios mimético e hierárquico: “*primado representativo da ação sobre os caracteres, a hierarquia dos gêneros segundo a dignidade dos temas, e o próprio primado da arte da palavra, da palavra em ato, entram em analogia com toda uma visão hierárquica da comunidade.*” (pág. 32). O *regime estético das artes* “*è aquele que propriamente identifica a arte no singular e desobriga essa arte de toda e qualquer regra específica, de toda a hierarquia de temas, gêneros e artes. [...] Ela afirma a absoluta singularidade da arte [...]. Funda, a uma só vez, a autonomia da arte e a identidade de suas formas com a forma pelas quais a vida se forma a si mesmo.*” (págs. 33-34). Ver: RANCIÈRE, Jacques. Dos regimes da arte e do pouco interesse da noção de modernidade. IN: Idem: 27-44.

Francisco Ribeiro de Azevedo Macedo (1872-1955), moço de vinte anos, posteriormente formado em medicina e um dos fundadores da *Academia Paranaense de Letras* (1936), aponta, no texto em questão, como as cisões de uma sociedade causavam, no seu entender, prejuízos para a produção artística:

[...] si se considera ‘o trabalho próprio da escravatura’, como queriam os romanos se si considera que ‘uns nascem para ser senhores e outros para ser escravos’, ou ‘uns para mandar e outros para ser mandados’, segundo o pensar dos philosophos gregos; si se considera, finalmente, que ‘um homem é analfabeto em rasão de sua qualidade de nobre’, como nos diz a historia dos tempos medievaes ; si se considera tudo isso, em que deve consistir a arte, sinão em forjar a benevolência e a protecção dos potentados? [sic]⁴⁴⁷

Ao fundamentar sua concepção de arte questionando as relações desta com o trabalho, Azevedo Macedo denuncia a inoperância e a caducidade de uma sociedade baseada na concepção de que uns trabalham e outros pensam e decidem. Esta cisão operada no mundo do trabalho geraria uma arte comprometida com a manutenção daquela ordem de coisas, legitimando a cisão em questão. Uma nova arte necessitaria, portanto, de uma nova organização social, de uma nova concepção de trabalho. Nesse sentido, o que Azevedo Macedo está questionando é uma partilha do sensível: põe em questão quem pode gerar idéias e artes, quem pode participar dos espaços de decisão e criação. Para Platão, por exemplo, os artesãos estariam excluídos de participar da vida pública, da esfera decisória pela ausência de tempo, “*pois o princípio de uma sociedade bem organizada é que cada um faça apenas uma só coisa, aquela à qual sua ‘natureza’ o destina*”⁴⁴⁸. O trabalho encarceraria, assim, o trabalhador no espaço-tempo das suas atribuições, excluindo-o da participação do comum⁴⁴⁹.

Ao propor uma nova ordem de ocupações, Azevedo Macedo, está, portanto, reivindicando um novo *regime de identificação das artes*: refuta a arte praticada na Antiguidade (regime ético das imagens), a arte ligada às instituições monárquicas e

⁴⁴⁷ AZEVEDO MACEDO. *A Arte Moderna – Bases do Naturalismo*. Revista do Club Curitibano. Revista quinzenal. Instrução e Recreio. Distribuição gratuita aos socios. Director: V. de Jesus. Curityba, 15 de abril de 1892. Anno III. N.º 7: 3.

⁴⁴⁸ RANCIÈRE, Jacques. Da arte do trabalho. Em que as práticas da arte constituem e não constituem uma exceção às outras práticas. IN: *A Partilha do Sensível: estética e política*. op.cit: 64.

⁴⁴⁹ Idem: *Ibidem*.

religiosas da *Idade Clássica*⁴⁵⁰ (regime poético das artes) para afirmar uma arte nova, comprometida com a liberdade de expressão e a autonomia do artista (regime estético das artes). A valorização do artista constitui-se um dos eixos de positivação nos escritos dos moços em questão nesta pesquisa e instiga a pensar, justamente, o lugar do trabalho na nova ordem de coisas que se desejava instaurar no Paraná. Trata-se de um momento em que, juntamente com as artes, o trabalho era positivado e isto está subsumido no pensamento de Azevedo Macedo. Conceber o artista não mais como subserviente e preso aos ditames políticos, mas como alguém autônomo e senhor da sua arte é um processo implicado em uma reordenação não apenas do sentido da arte, mas do valor do trabalho. Conforme Rancière, “*é como trabalho que a arte pode adquirir o caráter de atividade exclusiva*”⁴⁵¹. Este processo de quebra com antigos regimes e autonomização das artes atrelou o fazer artístico a novos sujeitos e implicou na exigência de novos requisitos a conferir-lhe legitimidade:

Os artistas deixaram de ser sustentados pelos Mecenas, e já não trabalham por encomenda dos príncipes como nos grandes séculos chamados áureos.

A obra de arte cessou, pois, de ser erudita, culta, convencional, aristocrata.

Feita pelo povo e paga pelo povo, é preciso principalmente que ella seja humana e viva, forte e brilhante, que ella actue como uma simples força da natureza sobre o primeiro sujeito que appareça, que o sugere, que o commova, que o penetre.

Para isto um enorme esforço de exame, de analyse, de inquirição e de factura, esforço poupado á arte antiga, que tinha apenas por fim servir os ideais academicos e lisongear o gosto apurado dos espiritos finos e das naturezas delicadas e subtis [sic].⁴⁵²

Apontava-se para a novidade de uma arte não mais vinculada a uma elite, que a patrocinava e dela usufruía, mas comprometida com uma nova ordem de coisas, na qual o artista ensaiava a autonomia do seu fazer: liberdade de expressar-se sobre os temas e os assuntos que desejasse, de não possuir padrão que o dirigisse ou limitasse. No

⁴⁵⁰ Nas palavras de Azevedo Macedo: “As religiões e as instituições monarchicas e aristocráticas [...] encheram a arte de mentiras [sic]”. AZEVEDO MACEDO. *A Arte Moderna – Bases do Naturalismo*. Revista do Club Curitibano. Instrução e Recreio. Distribuição gratuita aos socios. Director: V. de Jesus. Curityba, 15 de abril de 1892. Anno III. N.º 7: 3.

⁴⁵¹ RANCIÈRE, Jacques. Da arte do trabalho. Em que as práticas da arte constituem e não constituem uma exceção às outras práticas. IN: *A Partilha do Sensível: estética e política*. op.cit: 68.

⁴⁵² RAMALHO ORTIGÃO. *Pensamentos*. Revista do Club Curitibano – orgam da associação. Instrução e Recreio. Redacção: Alberto José Gonçalves, João Ferreira Leite, Dario Vellozo. Curityba, 15 de julho de 1894. Anno V. N.º 9: 3.

entanto, longe das academias e da proteção dos potentados, os artistas necessitavam reconfigurar suas atividades. Nisto estava implicado a questão da sobrevivência e do trabalho. Pensando nos moços paranaenses, sabemos como atrelavam a produção intelectual às atividades práticas nas tipografias e nas redações dos jornais e revistas. Para além da questão do ganha-pão, vislumbra-se aí o imbricamento entre arte e trabalho que se configura então: o trabalho e o fazer artístico materializavam-se nas mesmas ações, no mesmo fazer, tornando-se uma só coisa. Para esses moços, o trabalho abarcava todas as atividades necessárias para que a escrita se efetivasse, não apenas as estritamente intelectuais. Desfizeram, portanto, as hierarquias entre as atividades intelectuais e braçais, entre a erudição e execução, entre o artesanal e a técnica, entre criação e produção, ocupando-se das questões estéticas desde a criação até o trabalho de artes gráficas dos periódicos.

Dessa maneira, constituir e fortalecer um meio artístico, literário e intelectual no Paraná não estava apartado da valorização do trabalho: a mesma intelectualidade que defendia a importância das artes e das letras, nutria calorosamente a crença no trabalho enquanto força positiva e transformadora, vinculada aos ideais republicanos. A inversão do valor do trabalho experimentada no século XIX, que no Brasil ganhou expressividade, especialmente, através do fortalecimento do Positivismo e dos ideais republicanos, operou uma inversão também na partilha das ocupações: embaralhou a bem fundamentada divisão entre aqueles que se ocupavam de pensar e decidir e aqueles que se ocupavam em trabalhar e produzir, aqueles que agiam e aqueles que suportavam as ações. *Pari passu* com isto, os artistas tendiam a repensar o papel e o valor do que realizavam, concebendo suas atividades como trabalho, como produção. Aproximavam-nas do fazer de um trabalhador braçal, a exemplo dos críticos contemporâneos de Flaubert, que consideram-no um quebrador de pedras⁴⁵³. Em tal assertiva não apenas se re-dimensiona e se re-configura a arte do poeta, o fazer do artista: atribuía-se também uma dimensão positiva ao trabalho e ao trabalhador.

Coloca-se, assim, a arte novamente no campo do fazer, como uma atividade, como uma maneira de fazer, conforme propõe a sua etimologia⁴⁵⁴. A arte identifica-se,

⁴⁵³ RANCIÈRE, Jacques. Da arte do trabalho. Em que as práticas da arte constituem e não constituem uma exceção às outras práticas. IN: *A Partilha do Sensível: estética e política*. op.cit: 68.

⁴⁵⁴ Na Antiguidade, entendia-se por arte a habilidade para a execução de uma finalidade prática ou teórica. Para Platão, por exemplo, não existia arte, apenas artes, ou sejam *maneiras de fazer*. Na *Idade Clássica* (século XVIII) o entendimento de arte está desvinculado da noção/concepção de execução de uma atividade: a arte era o saber dos letrados. Nesse sentido, no *regime estético das artes*, a arte torna a ser identificada como atividade de quem realiza, quem faz, não mais como saber daquele que aprecia.

com o trabalho tornando-se seu símbolo⁴⁵⁵. Ao ser identificada como trabalho, a arte intensifica sua relação com a vida, pois constituindo-se como atividade ordinária (no sentido de habitual, comum, cotidiana) ganhava lugar central na existência da comunidade. Conforme Racière, tratava-se de “*suprimir a arte enquanto atividade separada, devolvê-la ao trabalho, isto é, à vida que elabora seu próprio sentido*”⁴⁵⁶. De fato, a arte efetiva-se como uma experiência sensível, agregando e constituindo uma comunidade, deixando de ter apenas um cunho intelectual e de excepcionalidade, para tornar-se também uma experiência ordinária, de trabalho. O nó da questão dá-se, justamente, por ambos – arte e trabalho – constituírem-se, no regime estético das artes, produções: “*identidade de um processo de efetuação material e de uma apresentação a si do sentido da comunidade*”⁴⁵⁷. Ou seja, são guiadas pelos mesmos princípios. Arte e trabalho passam a ter em comum o que tradicionalmente as distinguiam, unem o processo da efetuação material (característico do trabalho) e de visibilidade (característico da arte), estabelecendo, assim, uma nova relação entre o fazer e o ver.

Sendo assim, no embaralhamento e no re-ordenamento de termos como ordinário e excepcional, ação e intelecção, arte e trabalho encontra-se o âmago da formação de um tipo específico de regime de arte. Compreendê-lo interessa-nos na medida em que o *regime estético das artes* carrega características que se aproximam da concepção de arte que encontramos entre os moços dessa pesquisa. Uma maior identificação da arte com a vida, sua eleição como parâmetro para pensar o Paraná são elementos que concorrem para aquela aproximação. Imbricado às preocupações em circunscrever as artes, os moços ocupavam-se em formular suas concepções de ciência, progresso, Nação, civilidade pautados em referenciais como o *Positivismo* e a República. Arte e política entrelaçavam-se no pensamento desses moços. Assim, a partir das novidades que anunciavam e operavam – através de seus escritos, suas reuniões, seus jornais e revistas –, compreende-se a formação de uma nova forma de *partilha do sensível*.

Ver: RANCIÈRE, Jacques. Dos regimes da arte e do pouco interesse da noção de modernidade. IN: *A Partilha do Sensível: estética e política*. op.cit: 27-44; RANCIÈRE, Jacques. *Políticas da Escrita*. Rio de Janeiro: editora 34, 1995: 25.[coleção TRANS].

⁴⁵⁵ RANCIÈRE, Jacques. Da arte do trabalho. Em que as práticas da arte constituem e não constituem uma exceção às outras práticas. IN: *A Partilha do Sensível: estética e política*. op.cit: 67.

⁴⁵⁶ Idem: *Ibidem*.

⁴⁵⁷ *Ibidem*: *Ibidem*.

Em um artigo para a revista *A Arte*, Silveira Netto expressa como a República encamparia e possibilitaria a efetivação dessa nova partilha⁴⁵⁸. Aliás, esta concepção era dominante entre a mocidade. A República possibilitaria o desenvolvimento da poesia, da pintura, da música e da escultura, enquanto a monarquia estaria associada ao atraso, inclusive no que se refere às artes. O regime monárquico favoreceria ao “*embotamento grosseiro do coração e do cérebro* [sic]”⁴⁵⁹ – e a sensibilidade e a acuidade desses dois órgãos eram essenciais ao fazer artístico, conforme se depreende de outro artigo de Silveira Netto⁴⁶⁰. Assim, a República estava associada à civilização, à beleza, às artes. Nesta, “*a Arte estende o seu domínio porque a Civilização avança* [sic]”⁴⁶¹. As expectativas geradas pela instalação do novo regime no país aliado ao fato do Paraná estar ainda em constituição – visto que tinha tido sua emancipação política há apenas algumas décadas – instigava o desejo de mudanças e a convicção de que elas se realizariam. E a tônica de tais mudanças estaria, justamente, na consolidação das artes e em todas as transformações que isto implicava.

Entre os moços, era reinante a concepção de que “*a Arte não é um simples objecto de luxo, é muito mais do que uma prenda de pessoas galantes, é muito mais do que uma filha da moda: é quase um instinto, é uma necessidade social* [sic]”⁴⁶². Democratizava-se o acesso às artes, ao menos em teoria. Longe de ser supérflua, artigo de distinção entre as pessoas ou febre passageira, a arte era tida como constitutiva do próprio Homem, além de ser uma verdadeira necessidade para sua vida em sociedade. Por isso, sua efetivação seria essencial para o Paraná. Refletir sobre o valor e a função da arte era, para os moços, um exercício que fundia projeto para o Estado e reflexão sobre o próprio ofício. A respeito do valor da arte, Dario Vellozo formula: “*A Arte em sua missão fina e magnanima, em sua peregrina missão de Reveladora e Conciliadora, é nobre, immaculada, é impecavel* [sic]”⁴⁶³. Além de estar associada a atributos como

⁴⁵⁸ SILVEIRA NETTO. *A Arte*. *A Arte* – orgam ilustrado da Escola de Artes e Industrias do Paraná. Segunda Epocha. Curitiba, 15 de janeiro de 1895. Anno I. N.º 2: 16.

⁴⁵⁹ Idem: *Ibidem*.

⁴⁶⁰ Ver: SILVEIRA NETTO. *Bellas-Artes*. Revista do Club Curitibano – orgam da associação. Instrução e Recreio. Revista mensal. Director litterario: Dario Vellozo. Curityba, 3 de maio de 1900: CXIX. Número especial: O Paraná no Centenário do descobrimento do Brazil.

⁴⁶¹ SILVEIRA NETTO. *A Arte*. *A Arte* – orgam ilustrado da Escola de Artes e Industrias do Paraná. Segunda Epocha. Curitiba, 15 de janeiro de 1895. Anno I. N.º 2: 16.

⁴⁶² *A Escola*. *A Arte* – orgam ilustrado da Escola de Artes e Industrias do Paraná. Segunda Epocha. Curitiba, 15 de junho de 1895. Anno I. N.º 7: 89. [Não há referência de autor]

⁴⁶³ VELLOZO, Dario. *A Arte*. *Azul – Pela Arte*. Redacção: Santa Ritta, Evaristo Pernetta, Nicolau dos Santos, Adolpho Werneck, Euclides Bandeira e Thiago Peixoto. Curityba, 27 de maio de 1900. Anno I. Tomo I: s/p. [Número dedicado a Dario Vellozo].

a nobreza e a perfeição, Dario frisa que a arte teria uma missão a desempenhar. Esta crença era um verdadeiro traço da época, unanimidade entre os moços paranaenses.

Dario refere-se às obras de arte como *flores da imortalidade*⁴⁶⁴. E nisto encontramos um dos elementos fundamentais da sua concepção de arte, em torno do qual arregimenta hipóteses e argumentações. Para ele, estaria aí o sentido, a nobre missão que a arte teria a realizar: ser marca de um tempo, imortalizar uma época. Através de um conjunto de textos denominados *Pela Literatura*⁴⁶⁵, Dario Vellozo formula a importância da arte. Conforme sugere o título dos artigos, a literatura sintetiza os argumentos do autor, é a *menina dos olhos* de suas reflexões. “A Arte, incontestavelmente, em todas as suas manifestações castiças, concorre para a glorificação dos paizes civilizados. A Litteratura, comtudo, leva mais longe nas edades o espolio de um povo, e melhor traça e reflecte-lhe a característica [sic]”⁴⁶⁶. A literatura encerraria, portanto, como nenhum outro gênero artístico, a capacidade de resistir às intempéries do tempo, propagando para as gerações futuras o melhor de uma época:

*A perversa ambição dos aventureiros e agiotas, e a bruptal ignorancia demolidora dos mediocres podem completar o barbaro atilismo inconsciente do tempo, devastando, desconstruindo as muralhas da Archictetura, da Esculptura e da Pintura; a Litteratura, porem, atravessa as derrocadas, caminha com as gerações humanas, perpetuando o passado, reconstituindo o, – soffra embora os insultos dos impios e dos fanáticos [sic]*⁴⁶⁷.

As artes eram, para os moços, o extrato de um tempo, aquilo que resiste, que guarda, que perpetua. O que perenizaria as características de uma época: através dela, tradições, costumes, valores, hábitos, o sentir de um povo seriam conhecidos pelas gerações futuras. A literatura, no entanto, ganhava ênfase neste contexto, pois ela seria menos susceptível a destruições que outras artes. Além disso, “A litteratura de um povo é o mais delicado thermometro de sua civilisação. Por meio dela se reconstroe toda

⁴⁶⁴ Idem. Ibidem.

⁴⁶⁵ Trata-se de quatro textos, publicados na revista do Club Curitibano entre 15 de junho e 31 de julho de 1894.

⁴⁶⁶ VELLOZO, Dário. *Pela Litteratura III*. Revista do Club Curitibano. Orgam da associação. Revista quinzenal. Director litterario: Dario Vellozo. Redacção: Pe. Alberto José Gonçalves, João Ferreira Leite, Silveira Netto. Coritiba, 15 de julho de 1894. Anno V. N.º 9: 1. Segunda Epocha

⁴⁶⁷ Idem: Ibidem Grifo meu.

uma fhase morta, toda uma epocha irremediavelmente perdida [sic]”⁴⁶⁸, defende o escritor. Atestava, assim, a importância do trabalho da sua geração de moços: através de suas escritas, legariam ao futuro as grandezas do Paraná, comunicariam o quão próspero, belo e civilizado haviam sido aqueles tempos: “*Sem Arte, sem Litteratura como attestaremos porvindouramente a nossa existencia intelectual? Passaremos despercebidos e inuteis, em nada havendo contribuido para o aperfeiçoamento da humanidade [sic]*”⁴⁶⁹. Sendo assim, o sentido da escrita e da sua livre circulação não se encerrava no presente, mas estava apontado para o futuro, como expressão da existência e da grandeza daquele final de século.

Da mesma forma que as artes eram representativas das glórias de um tempo, não se concebia que pudessem existir *tempos de glória* em que elas não experimentassem igual esplendor. Assim,

*Se lançarmos uma vista d’olhos retrospectiva sobre os diferentes paizes do mundo civilisado veremos desde logo que a arte atingiu sempre o seu gráu de perfeição n’uma epocha de grande desenvolvimento intlectual e de aperfeiçoamento do gosto, e isto constitui uma verdade inatacavel, porquanto não se pode comprehender que uma epocha de ignorancia ou de completa indifferença, ergam engenhos comparaveis aos de Miguel Ângelo [sic]*⁴⁷⁰.

Os exemplos, buscados no passado, se multiplicavam. Através deles, falava-se de uma urgência e de uma atualidade: o desenvolvimento das artes no Paraná. Ao se mencionar Egito, Grécia, Roma, Itália, Inglaterra ou França – o adiantamento de suas civilizações e a beleza de sua arte – apontava-se para a confirmação de que arte e progresso material andavam juntos, o que não seria diferente em terras paranaenses.

*É uma grande utopia pensar-se que a epocha de grande commercio e de grande desenvolvimento material dispensa as manifestações da imaginação e do gosto; e não é possível que o nosso seculo em sua gloriosa elaboração, queira aniquillar a faculdade esthetica, companheira inseparavel das grandes ideas que fizeram a gloria e o orgulho de diferentes nações [sic]*⁴⁷¹.

⁴⁶⁸ Ibidem: Ibidem.

⁴⁶⁹ Ibidem: Ibidem.

⁴⁷⁰ CUNHA BRITO. *Das Belas Artes*. Revista do Club Curitibano. Curitiba, 15 de agosto de 1894. Anno V. N.º 11: 5.

⁴⁷¹ Idem: Ibidem.

A concepção de que artes e artistas teriam função, ou, mais do que isto, uma missão, movimentava a grande engrenagem de positividade da escrita na qual os moços estavam envolvidos. Aliás, caracteristicamente a intelectualidade brasileira dos primeiros tempos republicanos se pensava como portadora de uma missão em relação à Nação⁴⁷². Em se tratando de Paraná, os moços escritores, além de produzirem textos em prosa e poesia, questionavam temas de arte, política, economia, filosofia, ciência, religião. Era através da escrita, portanto, que desempenhavam sua missão em relação ao Paraná: contribuir para sua grandeza e progresso, para colocá-lo em evidência, não apenas entre os seus contemporâneos, mas também diante das gerações futuras. Encontravam nas palavras o instrumento de que necessitavam para operar desvios: transformar a realidade que os cercavam, produzir um Paraná próspero e autêntico.

Neste processo de positividade da escrita e da arte, a literatura ganhava destaque e centralidade. Afinal, a literatura é a arte da escrita, da palavra. Entre os seus atributos estaria a peculiaridade de carregar valores civilizacionais – “*Ahi (no romance) [...] também se encontra sciencia, philosophia, arte, politica e religião [sic]*”⁴⁷³ – que se difundiriam e se perpetuariam graças ao alcance e a circulação da palavra escrita. No mesmo sentido, a literatura deveria ser expressão da maneira de ser e dos sentimentos de um povo, comprometendo-se em funcionar como uma memória, um registro:

*o romance nacional e a poesia nacional, desde que traduzam fielmente o sentir do povo, os seus costumes, a sua capacidade ingênita, têm um valor artistico inestimavel. O que deve exigir de um artista é que elle seja humano, que elle saiba interpretar as dores e as alegrias do povo, crystalizando-as de uma forma simples e clara [sic]*⁴⁷⁴.

A literatura incorporava também a concepção reinante de que as artes e os intelectuais tinham uma missão a desempenhar:

o conto deve ser para o povo uma lição util [...] Não sou d'esses que pensam que o conto é uma reunião de meia dusia de palavras sem resultado, em que o autor, depois de falar em

⁴⁷² Ver: SEVCENKO, Nicolau. *Literatura como missão: tensões culturais e criação cultural na Primeira República*. 2ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

⁴⁷³ VELLOZO, Dario. *Pela Litteratura II*. Revista do Club Curitibano. Orgam da associação. Revista quinzenal. Director litterario: Dario Vellozo. Redacção: Pe. Alberto José Gonçalves, João Ferreira Leite, Silveira Netto. Coritiba, 30 de junho de 1894. Anno V. N.º 8 Segunda Epocha.

⁴⁷⁴ CAMINHA, Adolpho. [Sem título]. *A Penna – Revista de Arte*. Redactores: Julio Pernetta e Romário Martins. Editor: Adolfo Guimarães. Curityba, 4 de abril de 1897. Vol. 1. N.º 1: 16.

*flores e brisas, conclue de um modo incompreensível sem ter procurado torná-lo proveitoso e apreciável. O fim do conto é muito mais digno, deve sempre respeitar os bons sentimentos e dar lições proveitosas [sic]*⁴⁷⁵.

Conectada a um tempo em que a educação encarnava – baseado nos ideais republicanos – o ensejo de progresso, se atribuía à literatura a função de ensinar. Devendo, então, estar direcionada a instruir o povo, deixar-lhes mensagens proveitosas. “*Cabe a Litteratura a missão de preparar os espiritos, por meio de ensinamentos sadio e perduráveis [sic]*”⁴⁷⁶, considera Dario Vellozo, fundamentando sua crença no valor e na importância da efetivação da escrita de romances, contos e poemas no Paraná. Dario Vellozo defende ainda que governos totalitários ou crises revolucionárias favorecem um revigoramento, uma renovação das artes: “*as revoluções sociaes após o longo roزاری funebre de sanguinoletas scenas horrorosas, assim como o depotismo das dynastias e dos cezares – trazem geralmente no disforme ventre lacerado e fecundo gérmen prodigioso de renascimento social [sic]*”⁴⁷⁷.

Os exemplos para ilustrar o proposto iam da arte grega à Alemanha de Lessing, Goethe, Schiller e Kant. E apontavam para uma expectativa de que as adversidades brasileiras também desafiassem a produção artística no país: “*antes do seculo XX subirão as letras mais uma transformação progressiva, que imprimirá á litteratura nacional um outro cunho – sadio e dolente – porem menos ataviado e mais humano...* [sic]”⁴⁷⁸. Dario Vellozo escrevia e publicava o texto em questão em plena Revolução Federalista, período em que o Paraná estava abalado por instabilidades e inseguranças. Propício, portanto, para incitar a literatura; para gerar expectativas de um breve progresso das artes. “*É preciso que o Parana se lhe não conserve alheio e silencioso [sic]*”⁴⁷⁹, argumenta, referindo-se ao interesse literário que começava a agitar outros centros nacionais, especialmente o carioca. Dario não faz nenhuma referência às conturbações e apreensões que o cercavam, relativas à presença maragata no Paraná, mas mostra-se esperançoso no futuro literário paranaense. Lançava suas expectativas

⁴⁷⁵ MONTARROYOS, Eliseu. *Do conto litterario*. Revista do Club Curitibano. Revista quinzenal. Distribuição gratuita aos sócios. Director: V. de Jesus. Curitiba, 31 de julho de 1891. Anno II. N.º 14: 4.

⁴⁷⁶ VELLOZO, Dario. *Pela Litteratura (Conclusão)*. Revista do Club Curitibano. Orgam da associação. Revista quinzenal. Director Litterario: Dario Vellozo. Redacção: Pe. Alberto José Gonçalves, João Ferreira Leite, Silveira Netto. Curitiba, 31 de julho de 1894. Anno V. N.º 10: 1. Segunda epocha.

⁴⁷⁷ VELLOZO, Dario. *Pela Litteratura*. Revista do Club Curitibano. Orgam de associação. Revista quinzenal. Director litterario: Dario Vellozo. Redacção: Pe. Alberto José Gonçalves, João Ferreira Leite, Silveira Netto. Curitiba, 15 de junho de 1894. Anno V. N.º 7: 1. Segunda epocha.

⁴⁷⁸ Idem: Ibidem.

⁴⁷⁹ Ibidem: Ibidem.

para dias futuros, de prosperidade econômica e cultural, que sucederiam aos terrores do presente, que o poeta acompanhava a uma certa distância, nas instalações do *Retiro Saudoso*.

Nota-se, a partir do que viemos tratando, que existe um conjunto de questões que estão no cerne da concepção de literatura nutrida pela mocidade: sua associação com os predicados de nobreza e perfeição; sua capacidade ímpar de imortalizar e perpetuar uma época; seu compromisso com a manutenção da memória, tradições, costumes de um povo, servindo mesmo como marca, registro da sua existência; seu caráter de missão e de ensinar lições; sua vinculação com a efetivação de um futuro de civilização e prosperidade. Tomando-as em conjunto, estas questões evidenciam que as concepções de literatura formuladas pelos moços não estavam indissociadas das projeções que faziam para o Paraná. Sentiam-se responsáveis e tomavam mesmo para si a tarefa de realizar um Paraná moderno, próspero, civilizado, já que eram agentes da palavra, da escrita, da retórica e acreditavam nesses recursos como meio de intervenção e transformação, de integração e inclusão. A palavra seria, portanto, suas armas nesta missão, conforme salienta Nestor de Castro:

[...] [aos] *inteligentes da moderna geração paranaense, cumpre enaltecer os destinos de sua terra, lutando pelo Bem com o poderoso canhão da palavra escrita*⁴⁸⁰.

Ressalta-se como essa mocidade se voltou para o futuro, como se preocupou com *os destinos de sua terra*. Suas escritas, engajadas, estariam comprometidas, justamente, com este porvir. No entanto, buscavam no passado subsídios, elementos que ancorassem seus projetos e expectativas. Pois que acreditavam que a história certificava a relação que a literatura teria com tempos de prosperidade. Imbuída desta função – qual seja, de marcar, de servir de memória a respeito da prosperidade de uma época – a literatura funcionaria, na concepção desses moços, como mecanismo de manutenção e perpetuação da memória e da cultura.

Defendiam, portanto, a necessidade de fortalecimento da literatura no Paraná por acreditarem que mais do que qualquer outro registro, ela seria capaz de perpetuar para as futuras gerações a grandeza e a prosperidade daquele presente. Afinal, quem melhor do que ela para resistir às intempéries da passagem do tempo, como bem expressou

⁴⁸⁰ CASTRO, Nestor de. *Atualidades*. Jornal do Comércio. N.º 544, 1892.

Dario Vellozo. Construir um Paraná grande implicava, necessariamente, em um investimento nas artes, na literatura porque além de acreditarem que elas sintetizariam o desenvolvimento de um povo, apenas elas poderiam preservar e testemunhar para o futuro tal progresso e prosperidade. Nesse sentido, a tônica de seus escritos estava em um compromisso com o Paraná, com a cultura paranaense. Aquilo que produziam – poesias, textos em prosa, artigos, livros – se perenizariam como testemunho e memória do seu tempo. Assim, “*toda a palavra tem alma expressiva, emotiva e immortal. O som passa, mas a ideia fica ou na recordação ou no livro que é a memória das raças, a eternidade do pensamento [sic]*”⁴⁸¹. A palavra era percebida, portanto, como voz da memória e da cultura do Paraná. E a literatura seria a própria expressão da alma do paranaense.

Quando nos atemos aos conteúdos dos artigos da mocidade, o que se depreende é tal caráter de missão, de função que se atribuía à escrita, notadamente à escrita literária. O ato da escrita justificava-se, portanto, por um sentido, uma razão de ser. Sendo assim, a escrita não estaria apartada da reflexão sobre si mesma. No entanto, se nos distanciarmos dos conteúdos do que escrevia tal mocidade e darmos ênfase ao próprio ato da escrita, deflagra-se que o que os moços operam nas letras extrapola aquilo que anunciavam. Dito de outra maneira, a motivação que tinham para a escrita excedia qualquer obrigatoriedade ou compromisso que se auto-atribuísem. Assim, a maneira como os moços organizaram-se em torno da palavra – reunindo-se para lerem e compartilharem o que escreviam, trocando livros, freqüentando e inaugurando bibliotecas, publicando artigos e livros, fundando revistas – denota que afirmavam a escrita independente do que escreviam. Afirmavam-na através daqueles atos e atitudes, que fundamentava a livre circulação da palavra.

Eram moços presos aos circuitos da palavra e que a propalavam e a disseminavam para que rolassem livremente. E isto seria o bastante. Neste sentido, proclamam a *intransitividade* da linguagem – ou seja, seu desvio da função comunicativa –, e a *autonomização* da escrita⁴⁸², típicos do *regime estético das artes*⁴⁸³.

⁴⁸¹ Coelho Neto Apud SILVIERA NETTO. *O Cenáculo*. Revista do Club Curitibano. Curitiba, 31 de janeiro de 1985. Anno VI. N.º 5: 6.

⁴⁸² VER: RANCIÈRE, Jacques. O Artista e o Copista. IN: *Políticas da Escrita*. op.cit: 89-95.

⁴⁸³ A discussão que ora realizamos é baseada em Jacques Rancière. Para este, a literatura moderna (ou antes, o *regime estético das artes*) se caracterizaria, entre outras coisas, pela sua desobrigação de sentido ou função. Suas referências são, especialmente, os escritores franceses. Percebemos na leitura dos escritos dos moços paranaenses, no entanto, que defendem justamente o contrário: uma literatura comprometida com uma missão em relação ao Paraná. As discussões que fazemos neste trecho do trabalho remetem-se,

Se a escrita bastava por si, ela estaria livre de sentido ou missão para existir. Esperava-se apenas que circulasse livremente. O que faz lembrar a recusa de Flaubert em confiar à literatura uma mensagem⁴⁸⁴ ou a pretensão de Mallarmé a “*uma literatura que existe ‘com exceção de tudo’, na devoção às vinte e quatro letras*”⁴⁸⁵. Este sentido de devoção à literatura deflagrada pelo poeta francês, também singularizava os poetas paranaenses do final do século XIX, que renderam-se ao caráter absoluto (pleno, independente, soberano, livre de condições, obrigações e limites) da escrita.

Era na materialidade do acontecimento literário mais do que no conteúdo do que escreviam que se revelava a afirmação do caráter absoluto e intransitivo da escrita. Na compulsão que tinham por escrever, na maneira apaixonada como se dedicavam ao seu ofício, na forma como foram capturados pelo universo da leitura e da escrita, depreende-se que a motivação que os moços tinham para a escrita estava para além da necessidade de realizar uma arte presa a sentidos ou missões. Escrever para eles não era apenas uma responsabilidade social ou política, mas também uma necessidade orgânica. Sendo assim, suas produções tinham um duplo caráter: tanto voltavam-se para a interioridade da comunidade (ao defenderem uma escrita comprometida em instruir e ser expressão da cultura e da memória paranaense) quanto para a exterioridade (ao realizarem uma escrita que circulava livremente, podendo chegar a *qualquer um* e a qualquer parte, descomprometida com sentidos ou missões que justificassem sua existência). Assim, inspirando-nos em Jacques Rancière, para quem a arte faz política independente da intenção do artista, infere-se que a escrita dos moços paranaenses tinha um cunho de exterioridade “*quaisquer que sejam as intenções que as regem, os tipos de inserção social dos artistas ou o modo como as formas artísticas refletem estruturas ou movimentos sociais*”⁴⁸⁶.

O que se colocava em questão ao se propalar a livre circulação da palavra (implicada à ampliação de leitores e de escritores), bem como o próprio ato de refletir sobre a escrita e a concepção da arte como trabalho era a constituição de uma nova *partilha do sensível*. Nesta, a arte e a literatura tinham uma forte identificação com a vida e com o aperfeiçoamento humano. A soberania do homem e a autonomia da arte

em última instância, às ‘identificações’ e ‘desencontros’ que verificamos entre as fontes por nós analisadas e as análises de Rancière.

⁴⁸⁴ RANCIÈRE, Jacques. Da partilha do Sensível e das relações que estabelece entre política e estética. IN: *A Partilha do Sensível: estética e política*. op.cit: 19.

⁴⁸⁵ RANCIÈRE, Jacques. *Políticas da Escrita*. op.cit: 42.

⁴⁸⁶ RANCIÈRE, Jacques. Da partilha do Sensível e das relações que estabelece entre estética e política. IN: *A Partilha do Sensível: estética e política*. op.cit: 18-19.

eram, com efeito, elementos constitutivos dessa nova estética. Nas palavras de Dario Vellozo a respeito da importância que ganhava a literatura para os seus contemporâneos: “*Aquilo que nenhuma escola, nenhuma universidade, nenhum estudo particular nos tem podido fazer intelligivel, de repente se mostra aos nossos olhos sob forma viva [sic]*”⁴⁸⁷. A literatura era a *forma viva* capaz de fazer ver o novo ou ver de uma nova maneira, agindo, diretamente, sobre os integrantes de uma comunidade. Proporcionado a estes uma nova maneira de inscrever sua existência, de construir sua singularidade.

Azevedo Macedo acredita que apenas o artista livre seria capaz de operar a arte nova: “*é mais do que evidente que, quando si tolhe a liberdade de consciencia, [...] pelas forças das armas e tradições – abafa-se o gênio do homem restringindo-se sua acção no mundo [sic]*”⁴⁸⁸. Tal estética estaria comprometida com uma identificação entre arte e vida: ao invés de ser atividade apartada da vida, do mundo, a arte imiscuiria-se nestes domínios. A tônica constituía em conceber que a vida abarcava todas as atividades humanas (arte, trabalho, educação). Para além disso, a arte, tal qual concebiam, propunha uma postura nova, revigorada diante do mundo. Sendo assim, teria algo a ensinar a própria vida, ou melhor, aos seres viventes: uma postura ativa, livre e autônoma.

1.2 uma literatura simbolista

Silveira Netto, mencionando as motivações do grupo *Cenáculo*, esclarece que ele e seus amigos eram “*analystas [...] da natureza e dos infortunios que gemem em torno de cada ser humano [sic]*”⁴⁸⁹. O grupo encontrava nas artes o meio de exercitar e manifestar suas crenças e preocupações a respeito da condição humana. Inspirados em Ramalho Ortigão (1836-1915), jornalista, escritor e crítico literário português, os cenaculistas acreditavam que o homem tinha uma dupla natureza, que o fazia ligado tanto às questões terrenas – do ordinário e do cotidiano – quanto a um mundo *ideal*, que transcendesse a materialidade e elevasse a humanidade:

⁴⁸⁷ VELLOZO, Dario. *Pela Litteratura II*. Revista do Club Curitibano – orgam da associação. Revista quinzenal. Director litterario: Dario Vellozo. Redacção: Pe. Alberto José Gonçalves, João Ferreira Leite, Silveira Netto. Coritiba, 30 de junho de 1894. Anno V. N.º 8: 1. Segunda epocha.

⁴⁸⁸ AZEVEDO MACEDO. *A Arte Moderna – Bases do Naturalismo*. Revista do Club Curitibano. Revista quinzenal. Instrucção e Recreio. Distribuição gratuita aos socios. Director: V. de Jesus. Curityba, 15 de abril de 1892. Anno III. N.º 7: 3.

⁴⁸⁹ SILVEIRA NETTO. *O Cenáculo*. Revista do Club Curitibano – orgam da associação. Revista quinzenal. Coritiba, 30 de novembro de 1894. Anno V. N.º 5: 2. Segunda epocha.

É binária a natureza de todo o homem superior. Metade delle pertence ao ramerra passageiro de cada dia; a outra metade pertence ao ideal eterno de um mundo mais perfeito, em cuja obra cada um collabora procurando tornal-o, na orbita de sua aptidão pessoal, ou mais justo, ou mais rico, ou mais bello [sic]⁴⁹⁰.

A passagem de Ramalho Ortigão faz lembrar o que diz Charles Baudelaire a respeito da Arte: “A Modernidade é o transitório, o efêmero, o contingente, é a metade da arte, sendo a outra metade o eterno e o imutável”⁴⁹¹. A crença na existência de algo eterno e imutável – que transcendesse a existência mundana – identificando uma dimensão de perenidade no humano, aproxima o escritor português, o francês e o grupo de escritores paranaenses. Todos eles interessavam-se pelo humano, pelas questões que afetavam a sua existência e finitude, preocupados com uma *essência* que identificaria todos os homens. De acordo com Ramalho Ortigão: “assim cada um tem em si, superior a todas as torpezas da terra, impolluta, inviolavel e sagrada, a mystica torre eburnea em que habita a aspiração immortal do espirito do homem [sic]”⁴⁹². A dupla dimensão humana – o transitório e o eterno – foi, assim, matéria de preocupação e inspiração cenaculista. O interesse por uma *essência* humana, por algo imaterial, que estivesse além da realidade sensível e permeasse a existência humana identificava o grupo à estética Simbolista, que teve em Baudelaire um dos mais eminentes representantes.

O *Cenáculo* é tido como um dos mais importantes focos de introdução e desenvolvimento do Simbolismo no Paraná sendo, inclusive, a revista que editaram considerada uma das mais relevantes publicações nacionais desta tendência. Ressalta-se, contudo, que os integrantes do grupo mostravam-se avessos a hermetismos, declarando-se partidários incondicionais do livre pensamento e da livre expressão, o que se revela nos próprios propósitos da revista que fundaram:

O Cenaculo não vem pugnar dogmaticamente por nenhuma eschola philosophica ou literaria, porquanto não adimite o exclusivismo partidário, nem reza lithurgicamente as litanias psalmodiadas pelo fanatismo ortodoxo; [...] traz a abnegação heroica dos agitadores que reagem contra a inercia e a apathia da ignorancia perniciosa e sudarisadora, a boa vontade dos

⁴⁹⁰ ORTIGÃO, Ramalho. Apud SILVEIRA NETTO. Idem: 3.

⁴⁹¹ BAUDELAIRE, Charles. *Sobre a Modernidade: o pintor da vida moderna*. [organização: Teixeira Coelho]. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996: 25.

⁴⁹² ORTIGÃO, Ramalho. Apud SILVIERA NETTO. O *Cenáculo*. Revista do Club Curitibano. Curitiba, 30 de novembro de 1894. Anno V. N.º 05: 03.

*simples que lutam pertinazmente pela insigne victoria das justas causas magnânimas [sic]*⁴⁹³.

De fato, o próprio Simbolismo identificava-se com esta postura de liberdade de pensamento e expressão, indo ao encontro dos ensejos da revista e do grupo. A identificação a esta corrente literária (e de pensamento) extrapolou, contudo, o grupo Cenáculo, marcando a produção de vários escritores paranaenses, tais como Emiliano Pernetta, Nestor Victor, Rocha Pombo, Nestor de Castro. O Simbolismo não vigorava sozinho, havia outras correntes literárias que circulavam e exerciam certa influência no Paraná de então, como o Naturalismo, o Parnasianismo, o Romantismo. Lembremos que Antonio Braga, um dos integrantes do grupo Cenáculo, era poeta parnasiano. Rocha Pombo, nos seus primeiros romances, identificava-se com o romantismo. O Simbolismo teve, contudo, uma expressividade bastante particular no meio literário paranaense, não apenas pela sua repercussão e a presença forte dos escritores no cenário curitibano, mas também pelo alcance que tiveram para além das paragens paranaenses. Segundo Machado Neto, “*Os simbolistas paranaenses colaboraram não somente na imprensa do Rio e São Paulo, como também em jornais e revistas portuguesas: (...) e ainda aparecem em revistas francesas e italianas*”⁴⁹⁴.

Nota-se como a escrita desses poetas extrapolava os limites do Paraná. De maneira semelhante, José Brito Broca observa a presença de artigos de estrangeiros em publicação paranaense: “*A revista [O Cenáculo] que encontrou receptividade em todo o país, atraiu também a colaboração estrangeira, como a de Ivan Gilkim e Philéas Lebesgue*”⁴⁹⁵. De fato, o Simbolismo era uma tendência literária que propiciava essas aproximações entre intelectuais de localidades e, até mesmo, nações diferentes. Uniam-se todos em torno das questões que diziam respeito à existência humana, para além de nacionalidades. A arte subjetiva, preocupada com sentimentos e emoções, mostrava-se ideal para dar vazão às inquietações dos moços paranaenses; às reflexões a respeito da natureza e dos infortúnios que gemem em torno de cada ser humano, conforme Silveira Netto.

No que se refere ao contexto francês, a obra de poetas como Charles Baudelaire, Stéphane Mallarmé, Paul Verlaine, Arthur Rimbaud – representativa do homem

⁴⁹³ VELLOZO, Dario. *O Cenaculo – Ao público*. Revista O Cenáculo. Anno I. Tomo I, 1895: 5.

⁴⁹⁴ MACHADO NETO. Apud: BEGA, Maria Tarcisa Silva. *Sonho e invenção do Paraná: Geração simbolista e a construção da identidade regional*. São Paulo: USP, 2001: 1 [Tese de doutorado].

⁴⁹⁵ BROCA, José Brito. *A vida literária no Brasil – 1900*. 3ª ed. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1975: 133.

angustiado com a exclusão e a miséria típicas das sociedades industrializadas do século XIX – questionava o sentido da existência humana em uma época em que tudo parecia ruir:

*O poeta pressente seu parentesco com o mundo da decadência romana e do Império de Bizâncio, oprimido por uma história longa demais e grande demais; tudo já foi dito, todos os prazeres foram provados e bebidos, ao horizonte perfilam-se as hordas de bárbaros que a civilização doente não saberá deter; nada mais resta senão mergulhar nas alegrias sensuais de uma imaginação superexcitada e superexcitável, elencar os tesouros de arte, passar as mãos cansadas por entre as jóias acumuladas pelas gerações passadas. Bizâncio, cintilante de cúpulas de ouro, é o ponto de encontro entre a Beleza, a Morte e o Pecado*⁴⁹⁶.

O Simbolismo vincula-se profundamente a esta percepção de um mundo decadente e opressor. Os poetas que se identificavam com esta tendência buscavam, então, conferir à sua arte elementos que expressassem o caos que os cercavam, compondo referências que comportassem suas angústias e questionamentos. Assim, “*ao abandonar a poesia do divino, voltada à forma e bem comportada, [Baudelaire] contrapõe uma poesia satânica, irreverente e cáustica, propelida por uma ânsia trágica de libertação e narcisamento*”⁴⁹⁷.

Baudelaire conseguia exprimir com grande habilidade as misérias humanas, através de uma arte que transformava o feio, o sujo e o mau do mundo em literatura considerada de qualidade. Ao longo do século XIX se desenvolveu uma sensibilidade – que só se consolidou efetivamente no século XX – diferenciada em relação ao belo. Uma nova concepção a respeito do que era arte se constituía e com ela um novo sentido do que fosse beleza. Assim, a deformidade, a feiúra, a miséria, a desordem, o caos transformaram-se nos temas por excelência das artes. Descobriu-se o belo no feio – “*o feio vira de cabeça para baixo a hierarquia estética tradicional transformando-se em belo autêntico*”⁴⁹⁸. Era dessa forma que a arte se mostrava comprometida com a vida: “*a arte exprime o grito de horror que sai da realidade mortalmente ferida, revelando a angústia da vida*”⁴⁹⁹. Com isso, *Baudelaire amplia o espaço de identificação*

⁴⁹⁶ ECO, Humberto. *História da Beleza*. Rio de Janeiro: Record, 2004: 346.

⁴⁹⁷ MOISÉS, Massaud. Apud: BEGA, Tarcisa Silva. op.cit: 47.

⁴⁹⁸ BODEI, Remo. *As formas da beleza*. Bauru: Edusc, 2005: 152.

⁴⁹⁹ Idem: 154.

*humana*⁵⁰⁰ que passa a ser compreendido a partir de novas abordagens. Era, então, possível dizer, em forma literária, o que antes era indizível⁵⁰¹.

Esse *espaço de identificação humana ampliado* carregado por uma *ânsia trágica de libertação* e angústia pelas misérias do mundo também é percebido na obra dos simbolistas paranaenses. Paradoxalmente, o Simbolismo ganha espaço em um Paraná cuja modernidade ainda estava por se realizar plenamente e que era comumente positivada, inclusive por moços que se identificavam com a corrente literária de Baudelaire. Ressalta-se que críticos como Sílvio Romero e José Veríssimo enxergaram no Simbolismo brasileiro um movimento de exportação, alegando a falta de ambiente propício para o desenvolvimento desta estética em solo nacional⁵⁰²: o desencantamento pela modernidade, que teria motivado o movimento na França, ainda não estaria amadurecido para gerá-lo no Brasil. No Paraná, no entanto, se tem o exemplo ímpar de Rocha Pombo, decepcionado com a República, angustiado por não conseguir realizar os projetos aos quais se dedicara por tantos anos e que o fizera um republicano fervoroso desde muito cedo. A identificação com o Simbolismo acontece, na vida deste escritor, justamente na medida em que ele se desencanta com a República e com a modernidade. Neste contexto, destaca-se também a Revolução Federalista como um acontecimento que abalou a confiança de muitos paranaenses na República. Contudo, independentemente do quanto a mocidade de escritores estivesse desencantada ou não, do quanto desejassem dias de prosperidade para o Paraná, o Simbolismo encontrou eco e morada entre eles.

Comumente, os simbolistas se organizavam em pequenos grupos, formando espécies de irmandades, dado a tendência que tinham de ligarem-se afetivamente, através de relações de admiração, respeito e carinho que extravasavam os limites das discussões e interesses meramente literários. A exemplo do grupo *Cenáculo*, do grupo que se formou no Rio em torno de Emiliano Pernetta, dos moços ao redor de Rocha Pombo, ou mesmo da relação de Nestor Victor com Cruz e Souza. Neste caso, observa-se que a amizade e a fidelidade de Nestor Victor sobreviveu à própria morte do poeta catarinense. Esta tendência de se irmanar em pequenas células, unidos por amizades extremas e ávidos por exercitar as suas escritas e constituir novas referências literárias – acalentando sonhos e desejos não apenas de realização pessoal, mas também projetos

⁵⁰⁰ ELIAS, Norbert. *A Peregrinação de Watteau à Ilha do Amor*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005: 52.

⁵⁰¹ Idem: *Ibidem*.

⁵⁰² Ver: BOSI, Alfredo. *O Simbolismo. História Concisa da Literatura Brasileira*. 40ª ed. São Paulo: Cultrix, 2002: 261-300; BROCA, José Brito. *A vida literária no Brasil – 1900*. op.cit: 126-135.

relativos à literatura –, teve importância decisiva no processo de fortalecimento dos meios de escrita, da sua produção e circulação, conforme caracterizado no primeiro capítulo.

Os simbolistas eram artistas empenhados em restituir a dignidade do poeta e da poesia: *reabilitar o culto à poesia e à alta condição do poeta no mundo*⁵⁰³. Em carta a Dario Vellozo, Emiliano Pernetta questiona: “*os artistas não são como frascos que contem a quintessência da Vida, conservada de seculo em seculo, sem perder uma partícula sequer, intacta?... [sic]*”⁵⁰⁴. O poeta, de fato, estaria acima das pequenezas e mesquinhas do mundo. Diz-se, muitas vezes, que os simbolistas viviam em uma espécie de *Torre de Marfim*, afastados da realidade e dos problemas que afetavam a vida ordinária. Crítica, aliás, freqüente aos simbolistas paranaenses. No entanto, ao apontar outras dimensões de vida e de pensamento, não estariam, necessariamente, fugindo das questões do mundo. O que negavam, conforme explica Dario Vellozo, era um mundo opressor, *atormentado de dúvidas e loucuras, de neuroses e desalentos*⁵⁰⁵. Realizam, então, uma arte comprometida em elevar o homem das torpezas do mundo:

*O espírito, á proporção que entra com o Artista a mansão ideal do SONHO, vae se sentindo deliciosamente emocionado, vae se evolvendo deliciosamente, subindo com Elle, enlaçando-se com Elle, muito alto, muito longe, para o ALEM, para o INFINITO, para o MYSTERIO [sic]*⁵⁰⁶.

A arte não elevaria apenas o espírito dos artistas, mas de todos aqueles que entrassem em contato com ela. Nesse sentido, tratava-se de conceber a arte – a poesia de modo especial, já que esse era o gênero estimado pelos simbolistas – como um bálsamo e também como o melhor antídoto contra a crueza e o excesso de racionalidade do mundo. *As sua armas eram as da paixão e do sonho, forças incôscias que a Arte deveria suscitar magicamente*⁵⁰⁷. Emiliano Pernetta, ao lembrar dos seus primeiros contatos com a leitura, faz, certa vez, a seguinte confissão a Dario Vellozo: “*a poesia teve aos meus olhos de creança o prestígio dos exercitos poderosos, das fanfarras e dos*

⁵⁰³ BROCA, José Brito. *A Vida literária no Brasil – 1900*. op.cit: 126.

⁵⁰⁴ PERNETTA, Emiliano. *Litteratura*. Club Curitibano – orgam da associação. Revista mensal. Instrução e Recreio. Distribuição gratuita aos socios. Director litterario: Dario Vellozo. Curityba, 3 de maio de 1900: CXXII. Número especial: O Paraná no centenario do descobrimento do Brazil.

⁵⁰⁵ VELLOZO, Dario. *A Arte*. Azul – Pela Arte. Redacção: Santa Ritta Junior, Evaristo Pernetta, Nicolau dos Santos, Adolpho Werneck, Euclides Bandeira e Thiago Peixoto. Curityba, 27 de maio de 1900. Anno I. Tomo I.: 1. [Número dedicado a Dario Vellozo].

⁵⁰⁶ Idem. *Ibidem*.

⁵⁰⁷ BOSI, Alfredo. *História Concisa da Literatura Brasileira*. op.cit: 264.

milagres [sic]⁵⁰⁸. Quando adulto, Emiliano ainda se enternecia com a magia das poesias, ainda se deslumbrava com a leituras de versos. Afinal, pertencia a um grupo de poetas – os simbolistas – que acreditavam na força dessa magia como força movente, capaz de se contrapor a uma realidade rude, dura, violenta.

Diante de um mundo caótico em que os valores e as referências se mostravam fugazes e transitórios, almejavam valores absolutos como o Bem, o Belo, o Sagrado, o Verdadeiro – valores estes que transcenderiam as contingências mundanas. Propunham uma reflexão a respeito do homem e da vida que se diferenciava do caráter otimista dominante, defendido pela ciência e pelos partidários da modernidade. Investiam em uma arte autônoma e cosmopolita, livre do capitalismo e do utilitarismo que reduzia tudo a mercadoria. A máxima “*Burguês e Real, eis lá os inimigos!*”⁵⁰⁹, ajuda a compreender o pensamento desses artistas. Aliás, é válido lembrar que a aversão à burguesia estava expressa em uma tabuleta na porta de entrada do cômodo no qual os cenaculistas se reuniam, na casa de Dario Vellozo, onde lia-se: “*Vós que estraes deixaes fora o burguesismo* [sic]”⁵¹⁰. Com tal postura distanciada do mundo, esses artistas sinalizavam para uma certa orfandade do homem moderno de valores absolutos, transcendentais, espirituais e marcavam sua necessidade de reconectarem-se a eles⁵¹¹.

Dario Vellozo, em um dos seus muitos artigos publicados na revista do *Club Curitibano*, fundamenta o divórcio entre burgueses e artistas, atestando sua filiação a Baudelaire. “*A arte resvalou do pedestal augusto, e se veio humanizar, entre os homens na complascencia aviltante da Ignorancia pretenciosa* [sic]”⁵¹², diz em tom que misturava lamento e indignação. Protestava contra a transformação da Arte em mercadoria pelos burgueses, lembrando o lugar que essa teria em antigas civilizações: conectar o Homem com o Além e com as perspectivas da Alma. Sintonizá-lo com a emoção e com nobres sentimentos⁵¹³. *O mercadejar do belo* causava repúdio em Dario Vellozo, que acusava: “*o burguez é o parasita social : vive do genio dos homens superiores e do insano labor das classes operarias ; explora o intellectual que concebe*

⁵⁰⁸ PERNETTA, Emiliano. *Litteratura*. Club Curitibano – orgam da associação. Revista mensal. Instrução e Recreio. Distribuição gratuita aos socios. Director litterario: Dario Vellozo. Curityba, 3 de maio de 1900: CXXIV. Número especial: O Paraná no centenario do descobrimento do Brazil.

⁵⁰⁹ CAROLLO, Cassiana Lacerda. Introdução: Decadismo e Simbolismo. IN: Vellozo, Dario. *Cinerário & outros poemas*. Curitiba: Prefeitura Municipal de Curitiba, 1996: XIV.

⁵¹⁰ SILVEIRA NETTO. *O Cenáculo*. Revista do Club Curitibano – orgam da associação. Curitiba, 30 de novembro de 1894. Anno V. N.º 18: 7.

⁵¹¹ CAROLLO, Cassiana Lacerda. Introdução: Decadismo e Simbolismo. IN: Vellozo, Dario. op.cit: XVI.

⁵¹² VELLOZO, Dario. *Da obra de Arte: Burguesismo e Artistas*. Revista do Club Curitibano. Curitiba, dezembro de 1899. Anno X. N.º 12. Pág. 181.

⁵¹³ Idem: *Ibdem*.

e proletario que realiza [sic]”⁵¹⁴. Vistos como um mal a ser combatido, os burgueses também se antagonizariam com os artistas pelo caráter mundano e finito da vida dos primeiros em contraponto com a perenidade da existência dos segundos. “*O reino do Artista não é, por certo, o reino deste mundo, que pertence principalmente ao burguez. O artista começa onde o burguez termina: Para o burguez a existencia se extingue com a morte ; para o Artista começa com a morte a vida inefável [sic]*”⁵¹⁵.

Dessa forma, o poeta ratificava, mais uma vez, a imortalidade da arte e a capacidade dos artistas de se perpetuarem através de suas obras. A arte lidaria com o eterno, as verdades indizíveis, os grandes mistérios, elementos incompatíveis com as práticas e com as concepções burguesas. “*O mercantilismo avassalou a Terra*”⁵¹⁶, lamentava. Um lamento que nutria a sua arte, fazendo do Simbolismo a estética de um mundo decadente, anti-burguês. Por isso, as obras Simbolistas eram tão fortemente marcadas por elementos como o mistério, o crepúsculo, o onírico, a tragicidade e a morte. Da mesma maneira, dissociava-se de valores e conceitos modernos, tais como Nação e nacionalismo, para afirmarem o homem e a condição humana, independente de nacionalidades. Assim, não se preocuparam em ser agentes de uma arte nacional, estando mais preocupados com *o problema não-temporal, não-sectário, não-geográfico e não-racional da condição humana. Com o simbolismo, a arte deixou realmente de ser nacional e assumiu as premissas da cultura ocidental*⁵¹⁷.

Rocha Pombo, em seu romance *No Hospício* – considerado o único exemplar brasileiro de prosa simbolista – mostra-se bastante conectado com a preocupação e os questionamentos a respeito da condição humana. No enredo, a clausura de um hospício configura a crítica à modernidade e à sociedade burguesa. Fileto, personagem central da história, foi internado em um hospício pelo pai – “*tenebroso tipo de burguês enriquecido*”⁵¹⁸ –, que se sentia incomodado com o temperamento do filho: sempre distante, aéreo, introspectivo, descuidado das boas maneiras e do trato social. O motivo sem muita consistência foi suficiente para segregar o moço que, no hospício, constrói, a partir da sua subjetividade, seu mundo e suas referências. Lá, faz amizade com outro interno, o narrador (personagem cujo nome desconhecemos). Este se interna voluntariamente – estabelecendo-se no cubículo ao lado do de Fileto –, com o intuito de

⁵¹⁴ Ibidem: Ibidem.

⁵¹⁵ Ibidem: 183.

⁵¹⁶ Ibidem: 181.

⁵¹⁷ BALAKIAN, Anna. Apud: BEGA, Maria Tarcisa Silva. Idem: 49.

⁵¹⁸ POMBO, José Francisco da Rocha. *No hospício*. Curitiba: Prefeitura Municipal de Curitiba, 1996: 72.

conviver com ele, de tentar entender uma figura tão ímpar, tão cheia de idéias. Alguém que, nas palavras de sóror Teresa, enfermeira dos internos, era “*tão original, ou antes tão singularmente dotada de excelências que se destacou do comum para fazer jus a um hospício*”⁵¹⁹.

Nenhum dos dois – nem Fileto, nem seu amigo do cômodo vizinho – eram propriamente loucos, mas viviam em um hospício, eram tratados como loucos e, por vezes, se faziam de loucos. Compadecido da situação do amigo, o narrador é o porta-voz das críticas aos excessos e egoísmos dos quais os homens são capazes. Contra a burguesia, encarnada na obra pela família de Fileto, o narrador dispara: “*E que luxo aquele da família em visitá-lo, em dar, perante o público, mostras de falsa caridade e solicitude pelo infeliz, quando todos sabiam que ele estava sacrificado ao orgulho de uma ridícula nobreza*”⁵²⁰. A crueldade de largar um parente na solidão de um hospício, o egoísmo e a falta de tolerância com a diferença, que tanto afetavam ao narrador, expressam também a própria insatisfação do autor do livro, Rocha Pombo, com a concepção e as práticas vingadas na modernidade. As instituições de exclusão – mecanismo de tirar das vistas aqueles que causassem incômodos, seja pelas suas aparências, seja por seus comportamentos ou condutas – encarnam, através do hospício, um modelo reprovável, desumano, violento. Nas palavras do narrador:

*Que ciência é esta a que assim condena uma pobre criatura humana sem ouvi-la e abandona assim um espírito à solidão horrível de um hospício... Como é que não há no mundo quem se compunja daquele destino, ao menos para saber o que há de irremediável naquela tristeza!... Que ciência é esta que não cura os loucos!... Que sociedade então fizemos que não salva os perdidos!...*⁵²¹

A passagem soa como um desabafo. Questiona que mundo, que sociedade eram aqueles. O desabafo e o questionamento não eram apenas do narrador, mas, certamente, também de Rocha Pombo. Fileto era como seu autor: um visionário sonhador, que vivia metido nos livros. “*Lia e escrevia, sem cessar, dia e noite*”⁵²², conta sóror Teresa. Essas eram as suas ocupações, tanto no hospício quanto antes de lá ir viver. Isto até a chegada do vizinho do cubículo ao lado, de quem se torna amigo – depois de perceber que se

⁵¹⁹ Idem: 58.

⁵²⁰ Ibidem: 73.

⁵²¹ Ibidem: 57.

⁵²² Ibidem: 70.

tratava de alguém também inclinado à leitura e à escrita, às idéias filosóficas –, passando a despender o seu tempo também em longas conversas com o sujeito. Como Rocha Pombo, Fileto é incompreendido no seu meio e não tem mais lugar onde sempre vivera. Fileto é tirado da casa paterna. Rocha Pombo se vê coagido a deixar o Paraná. A personagem constrói seu novo mundo em um hospício. O autor reconstrói a vida no Rio de Janeiro. Ambos, no entanto, encontram na escrita o meio de sobreviver à solidão, à melancolia e à falta de perspectiva. Fileto estava envolvido na escrita de uma tese sobre psicologia e dizia ao narrador “*que só escrevia o que tinha na alma para consolar-se da vida*”⁵²³. Nesse sentido, não importava tanto o que escrevia: o ato da escrita, por si só, aplacava suas angústias. Rocha Pombo dedica-se a escrever *No hospício*, obra que lhe consumiu quatro anos de trabalho (1896-1900): período que se seguiu à Revolução Federalista (1893-1895), em que saiu do Paraná (1897) e o tempo de adaptação no Rio.

Rocha Pombo parece poupar, no entanto, sua personagem de sentimentos como o desespero e a decepção, que haviam tomado a ele próprio. Fileto não esperava muito da humanidade, nem tão pouco da vida: “*não havia, em Fileto, a alta caridade dos gênios: ele é indiferente...é de uma indiferença absoluta pela ordem social e pela sorte dos homens. Nem havia, na sua alma, o egoísmo temporal e humano [...]: o homem sabia ter, pela sua própria existência, um desprezo bárbaro*”⁵²⁴. Talvez, Rocha Pombo estivesse aprendendo, justamente, semelhante desprendimento que atribui a sua personagem. Todavia, tal qual caracteriza Fileto, Rocha Pombo também recolheu-se em si mesmo das decepções sofridas na vida pública, assumindo uma postura distanciada, de reclusão em relação ao seu entorno:

*Prefiro impor à minha razão um silêncio sagrado e criar para meu coração uma atmosfera pacífica e ideal, uma grande ilusão santa, onde ele pode viver de benção e de preces, de tolerância, de perdão.*⁵²⁵

A passagem, na qual Rocha Pombo refere-se à postura que assumiu após a Revolução Federalista, bem poderia ser dita por Fileto. Fileto toma ainda o caráter quixotesco de seu autor: tanto um quanto outro foram considerados loucos, visionários, inadaptáveis à realidade, devido à compulsão que tinham por ler e escrever. Ou melhor,

⁵²³ Ibidem: 68.

⁵²⁴ Ibidem: 128.

⁵²⁵ POMBO, José Francisco da Rocha. *Para a história: notas sobre a Revolução Federalista*. Curitiba: Fundação Cultural de Curitiba, 1980: 111.

pelo que esses hábitos produziram neles: tornaram-se distantes, falavam coisas incompreensíveis para aqueles que estavam fora do universo dos livros. De fato, como dois Dom Quixotes, tanto Fileto quanto Rocha Pombo liam e escreviam em meios em que isso não era habitual, desviando-se do modo de vida, das atividades e ocupações comuns a moços como eles. Operaram algo de novo. Mas disso, não saíram impunes.

Aos olhos do narrador – a partir de quem temos acesso a Fileto –, seu amigo teria as mais ternas e nobres qualidades. Era uma criatura elevada, portadora de valores que transcendiam as pequenezas mundanas e as contingências que o haviam levado ao hospício. “*Não sou capaz de refletir, [confessa o narrador,] nesta pobreza de linguagem humana, as cintilações daquela intensa luz*”⁵²⁶. O caráter intimista da obra – preocupada em esboçar as subjetividades das personagens – e Fileto voltado para dentro de si, ocupado com as questões que tangem a existência humana são alguns dos elementos que identificam a obra ao Simbolismo. De fato, o livro centra-se no pensamento e nos escritos de Fileto e do narrador, que discorrem sobre temas como ciência, arte, filosofia, fazendo do hospício um lugar onde se poderia re-encantar o mundo e a vida. Ou, pelo menos, onde se poderia sonhar com um novo tempo, planejar uma nova sociedade. Esta era a ocupação do protagonista e do narrador da história, que aproveitavam a tranqüilidade do hospício, onde os dias transcorriam todos iguais, para elaborarem os pressupostos de uma *sociedade futura*.

“*Uma nova sociedade é, pois, como se vê, o problema que se impõe ao pensamento e ao coração do século que inauguramos*”⁵²⁷, sintetiza o narrador. A questão se mostrava, para ele, de sobremaneira ligada à organização das cidades. As urbes modernas, altamente populosas, seriam o reino dos vícios, das desagregações e das violências, estando, assim, na contra-mão de uma sociedade guiada pela solidariedade e fraternidade entre as pessoas. A crítica também se estendia ao Estado que, centralizando o poder, organizava políticas que definiam a vida da população, cometendo, muitas vezes, abusos neste exercício: “*o estado [...] é o domínio da injustiça e a iniquidade organizada*”⁵²⁸, escrevia Fileto. Uma *cidade futura* esboçava-se, então, nas conversas dos dois internos: falavam em pequenos núcleos urbanos, com, no máximo, uma centena de famílias, onde todos teriam trabalho, mas também boas horas de lazer, para cuidar de si. Um lugar que dispensaria um governo centralizado,

⁵²⁶ POMBO, José Francisco da Rocha. *No hospício*. op.cit: 68.

⁵²⁷ Idem: 176.

⁵²⁸ Ibidem: 231.

sendo gerido comunitariamente e onde todos teriam acesso à educação, um bem que acompanharia a vida daqueles cidadãos até a morte⁵²⁹.

Proclamavam, enfim, valores coletivos, que nada teriam a ver com os egoísmos e individualismos que imperavam nas grandes cidades modernas que, no dizer do narrador de *No hospício*, seria o verdadeiro *mundo de Dante*⁵³⁰. Almejavam uma sociedade renovada, com novos valores e novos sujeitos:

*Em vez de ricos e poderosos, teremos os bons e os grandes espíritos: em vez de democracia e de aristocracia, teremos ou a desídia de coração ou a augusta formosura moral. Em vez de reis das minas de ouro, em vez de reis do carvão de pedra, em vez de reis do petróleo, em vez de reis das estradas de ferro, teremos os belos tipos que encarnarem o espírito da tribo – teremos O SÁBIO, O POETA, O ARTISTA.*⁵³¹

Sábios, poetas e artistas ganhavam, então, o estatuto de serem os mais legítimos representantes da *sociedade futura* e da *cidade futura*, sonhadas e planejadas nos escritos e nas conversas de Fileto e seu amigo. Em outro ponto do livro, aquelas três atividades – de sábio, de poeta e de artista – são postas, juntamente com a irmã-de-caridade, o médico, o mestre, o apóstolo e o profeta como as representantes das funções sagradas da vida⁵³². A vida era, então, pensada a partir de novos pressupostos, que em muito se distanciariam dos vigentes nas sociedades modernas e nas grandes cidades, nas quais figuras como banqueiros e engenheiros se destacavam. A crítica aos esgarçamentos da modernidade – tão bem encarnadas pelas cidades inchadas – era freqüente entre os simbolistas. Rocha Pombo se faz, assim, através de suas personagens, porta-voz da corrente literária que abraçava. Contudo, suas personagens fizeram-se igualmente porta-vozes de sonhos e anseios antigos de seu autor: uma sociedade mais justa, fraterna e igualitária, na qual a educação, o solo, o trabalho, o lazer fossem acessíveis a todos. De fato, desde moço, quando começou a escrever para jornais e a envolver-se em atividades políticas (lembramos que ele era filiado ao Partido Conservador e foi deputado provincial no biênio 1886-7), Rocha Pombo era motivado pelos princípios republicanos e pelo desejo de uma maior democratização dos meios de vida.

⁵²⁹ Sobre a Cidade Futura, ver: *Ibidem*: 170-182.

⁵³⁰ *Ibidem*: 268.

⁵³¹ *Ibidem*: 179. Caixa alta do original.

⁵³² *Ibidem*: 190.

O escritor morretense fora um grande entusiasta da modernidade, não poupando esforços no seu empenho por modernizar o Paraná: quando deputado, defendera a estrada de ferro entre Curitiba e o litoral, a diversificação da agricultura, o desenvolvimento da indústria, a agilização da colonização da Província por imigrantes europeus, a criação de uma universidade no Paraná⁵³³. Todos esses elementos, na sua percepção, confluíam para a constituição de uma Província mais próspera e moderna. O mesmo defendera nos artigos apaixonados que publicava nos jornais e revistas paranaenses. Acreditava na modernidade como forma de inclusão do Paraná no país. Acreditava ainda que somente por meio dela a Província não passaria mais por períodos de estagnação e dificuldades econômicas⁵³⁴. Ressalta-se, no entanto, que Rocha Pombo apostava no potencial harmonizador e solidário da modernidade; apostava no seu caráter democrático, ou seja, acreditava que as benesses trazidas pelos tempos modernos beneficiariam a todos, aproximando-os e colocando-os no mesmo nível de prosperidade e contribuindo para a consolidação de dias de paz e bem-aventurança.

Dá a sua frustração ao vivenciar, no final da década de 1890, a faceta excludente, violenta e desagregadora da modernidade. Rocha Pombo torna-se, então, crítico dessa modernidade voraz e avassaladora. Encontra no Simbolismo ecos da sua insatisfação e acolhida entre os moços escritores que despontavam no Paraná. Se ele havia se tornado *persona non grata* no meio político paranaense, entre os moços escritores ele era uma referência a quem se dispensava todos os carinhos e atenções. Rocha Pombo se refugia de suas decepções com a ciência e com a política na arte, na

⁵³³ Ver: Anais da Assembléia Legislativa do Paraná 1886-1887.

⁵³⁴ Caracteristicamente, durante todo o século XIX (portanto, desde os tempos da 5.^a Comarca de São Paulo) a economia da região era baseada na exportação (de gado e de erva-mate) e dependia da importação para sanar as necessidades locais, apesar de se contar com alguma agricultura de subsistência. Na segunda metade do século, a crise no mercado de internagem paulista, que acarretou na diminuição de 50% na entrada de gado na feira de Sorocaba (principal destino do gado paranaense) representou um baque na economia da Província. No início dos anos de 1880, o mate, que vinha sendo a menina dos olhos da economia desde a derrocada do gado também entra em crise (entre outros fatores que deflagraram a crise, destaca-se o aumento de impostos do governo provincial e a dependência da Argentina para se fazer o beneficiamento da erva). O aumento da urbanização, estimulado pelos ervateiros, no período auge da erva-mate acarretou déficit de produtos agrícolas para consumo, especialmente nas cidades. Em reunião da Assembléia Legislativa de dezembro de 1886, Rocha Pombo faz o seguinte balanço da situação da província: “*não é mesmo boa a situação da nossa Província. Não temos indústrias, nossa lavoura é insuficiente e improfícua mesmo, não temos artes, e, por consequência não temos elementos de comércio – por consequência a nossa renda pública é exígua.* (Anais da Assembléia Legislativa do Paraná. 29.^a sessão ordinária. Curitiba, 15 de dezembro de 1886. Pág. 20). A solução estaria na diversificação da economia, que garantisse que não se dependesse do sucesso de um único produto, além do investimento em infra-estrutura, como estradas e imigração. Sobre estas questões, ver: QUELUZ, Gilson. A atuação política de um metafísico. IN: *Rocha Pombo: Romantismos e Utopias (1890-1905)*. Curitiba: aos quatro ventos, 1998: 15-29. PEREIRA, Magnus Roberto de Mello. *Fazendeiros, industriais e não morigerados: ordenamento jurídico e econômico da sociedade paranaense. (1829-1889)*. Curitiba: UFPR, 1990. [Dissertação de mestrado].

literatura, na escrita. A literatura abarcará as questões que antes eram resolvidas na esfera pública (ou seja, nas assembleias provinciais, nas reuniões partidárias). É escrevendo *No hospício* que Rocha Pombo dará voz e vez aos seus descontentamentos e críticas aos rumos que vinha tomando a República, à modernização dos centros urbanos, aos excessos de cientificismo.

Segundo José Murilo de Carvalho, “*desapontaram-se os intelectuais com as perseguições do governo Floriano [...] desistiram da política militante e se concentraram na literatura*”⁵³⁵. Rocha Pombo sintetiza bem esse processo de desencantamento com a República e o refúgio na literatura. Através desta irá expressar seus projetos, mesmo os de cunho político, os que se vinculavam à coletividade: o que antes tinha espaço na tribuna, agora era reivindicado através das tramas dos romances. Tal como acontece nas formulações de Fileto e do narrador a respeito da *cidade futura*: “*a cidade futura não se há de parecer com estes grandes infernos que tem o nome de grandes cidades: a nossa terá ar e terá natureza*”⁵³⁶. Enxergamos, assim, o autor através das personagens. Fileto e o narrador mostravam-se, muitas vezes, como espelhos de Rocha Pombo, refletindo seus anseios e frustrações. Enquanto obra simbolista, *No hospício* prima, de uma maneira especial, por manifestar sentimentos e emoções, além da crítica à modernidade e ao capitalismo.

“*Não creia que a sociedade futura venha a ser exatamente isso que lhe indico a traços gerais. O que eu proclamo é a possibilidade da reforma*”⁵³⁷, esclarece uma de suas personagens. A possibilidade da reforma era, certamente, também uma reivindicação de Rocha Pombo. Era o nó em torno do qual se organizavam os simbolistas e os demais avessos aos rumos da modernidade. Eles falavam em justiça e igualdade social, proclamavam a liberdade e a autonomia dos indivíduos, projetavam uma sociedade menos invasiva e castradora. Fileto testemunha o quanto seu jeito taciturno e ressabiado tinha raízes na maneira como fora tratado, no fato de ter sido sempre tão incompreendido pelos que o cercavam: “*eu não era assim [...]: fizeram-me assim os meus... e o mundo. Não quiseram que eu fosse o que eu era e eu não pude ser o que queriam que eu fosse*”⁵³⁸. Nesse hiato entre o que Fileto era e o que esperavam que ele fosse, constitui-se um moço – interno de um hospício – que, voltado para dentro

⁵³⁵ CARVALHO, José Murilo de. *Os bestializados: o Rio de Janeiro e a República que não foi*. São Paulo: Companhia das Letras, 1991: 37.

⁵³⁶ POMBO, José Francisco da Rocha. *No hospício*. op.cit: 178.

⁵³⁷ Idem: 181. Grifo meu.

⁵³⁸ Ibidem: 239.

de si, buscava se autocompreender e compreender a vida, e que elabora, a partir de então, suas próprias concepções a respeito da vida, projetando um mundo mais condigno com os princípios de igualdade, respeito e liberdade que ele tanto prezava.

Assim, Fileto sentencia: “*para mim, ser emancipado é estar no caso de obedecer sempre, exclusivamente, a minha consciência. Não há deveres fora da minha moral*”⁵³⁹. Expressava, dessa forma, sua concepção de liberdade, que implicava, antes de tudo, em um compromisso consigo mesmo, com a própria consciência. Afirmava tal liberdade como condição de vida, como condição do surgimento do novo: de um novo homem, de uma nova sociedade. Nesse sentido, Rocha Pombo, através de seus textos e suas personagens participava das disputas a fim de dar contornos aos tempos futuros, ao futuro do Paraná. Sua preocupação, neste exemplo específico, girava em torno do homem, sua condição de livre e consciente de si e do seu entorno para gerar uma sociedade mais autônoma e feliz. Ironicamente, Fileto – essa personagem preocupada com a emancipação do homem – vive enclausurado em um hospício. Lá exerce sua liberdade de pensar, opinar e escrever sobre o mundo e a vida que se desenrolam para além dos muros da instituição. O hospício era um lugar de exceção: lugar de exílio e reflexão, onde a vida corria paralelamente, dissociada do que acontecia no seu exterior.

Ao final do romance, o narrador insiste com Fileto na importância de que eles conseguissem sair do hospício, chegando a sugerir uma fuga. “*Quem conceberia que nos resignássemos a esperar aqui pela morte... quando a terra é tão vasta e tão bela!... Demais: bem vê que estou são, como o senhor, e que só parecemos doentes enquanto estamos no hospício...*”⁵⁴⁰, argumenta. De fato, para o narrador, o hospício significava uma espécie de morte, a morte social. Era preciso enfrentar o mundo, com suas mazelas e belezas. Fileto, que acaba por morrer no hospício, não compactua da opinião do amigo. Ele encontrava conforto em sua vida contemplativa, ocupado com idéias, livros e escritos, não necessitando tanto da ação como o amigo do cubículo vizinho. Fileto era alguém que acreditava na força das palavras, no seu poder de concentrar toda a intensidade de vida daquele que a proclamava. Através delas, ia-se além do real, além do visível, além do tangível, além das formas. Por isso, sua dedicação extrema às palavras, à descobrir novos usos para elas, ao uso intenso de metáforas. A questão da linguagem constitui-se como preocupação central no pensamento de Fileto, que postulava as condições para que ela bem expressasse o que lhe ia na alma:

⁵³⁹ Ibidem: 233.

⁵⁴⁰ Ibidem: 235.

*As almas [...] procuram na palavra, na forma, na cor, no som, formosuras ideais e intangíveis. Esquadrinhai a palmeira ou o céu; medi a piedade, a misericórdia ou o amor e já me provareis que vossos olhos submissos à figura, não têm a precisa intensidade visual para ver além da matéria.*⁵⁴¹

O desejo de Fileto por uma linguagem capaz de transcender a matéria e elevar o homem atesta sua identificação com o Simbolismo. Ou antes, a grande afinidade que Rocha Pombo estabeleceu com a corrente, que o levou a escrever um romance não apenas a partir das questões pertinentes a esta tendência literária – tais como a subjetividade, a crítica à modernidade e à sociedade burguesa, a valorização da morte –, como exercer uma reflexão sobre a concepção simbolista de linguagem. Com efeito, a necessidade de expressar a subjetividade, as questões mais íntimas e preciosas do ser esbarrava na questão da linguagem. Daí a afirmação de uma linguagem simbólica e metafórica, baseada na evocação e na sugestão e que permitisse vislumbrar as realidades ocultas, as realidades da alma. Assim, da mesma forma que Fileto reivindica uma nova sociedade, clama também por uma nova linguagem. Uma linguagem que o arrancasse do real, que o colocasse diante dos mistérios e da beleza da vida:

*Parece mesmo deplorável extravagância da nossa natureza incompleta este capricho de reduzir a medida e a cadência as grandes emoções a que a alma se exalça em certos momentos. Como é que me hei de satisfazer com a harmonia material quando meu espírito anda vivendo de outras harmonias! Do mesmo modo que em toda a natureza – isto é, no mar, na estrela, no espaço, na árvore, no perfume, na luz, no movimento – procuro na linha, no som, na cor, na eloquência intangível do verbo, o signo excelente e invisível da vida.*⁵⁴²

Estabelecia, então, uma relação profunda entre a palavra e o mundo exterior, entre o verbo e a vida. “A grande questão [escrevia Fileto em um de seus cadernos] é achar a palavra, o signo da vida”⁵⁴³. De fato, o poeta era investido, na concepção simbolista, da condição de decifrador dos mistérios do universo, da Beleza, da Verdade. Depreende-se, contudo, a partir da leitura de *No hospício*, que a vida não poderia ser plenamente decifrada, havendo sempre algo para além da compreensão humana: para

⁵⁴¹ Ibidem: 76-77.

⁵⁴² Ibidem: 76.

⁵⁴³ Ibidem: 156.

Fileto, a mente humana seria incapaz de alcançar os fins absolutos da vida⁵⁴⁴. Tal reconhecimento das limitações humanas vai de encontro ao espírito cientificista da modernidade, que acreditava tudo poder conhecer e desvendar. Assim, par a par com a percepção da contingência humana estava a percepção de que as palavras não comportavam dizer tudo, havendo experiências que ficariam na esfera do indizível. Da mesma forma, acreditava-se que, por força da sua arte, os poetas seriam capazes de atribuir valor ao que antes não o tinha⁵⁴⁵. Os símbolos, de acordo com Baudelaire, eram um meio de possibilitar aos poetas se insinuarem por zonas intangíveis e obscuras, realizando *correspondências* entre essas realidades e o mundo corpóreo⁵⁴⁶. A natureza é um templo, um bosque de segredos – sugere um célebre soneto baudelairiano⁵⁴⁷ – na qual “*cores e sons, imagens e coisas referem-se uns aos outros, revelando afinidades e consonâncias misteriosas*”⁵⁴⁸.

Fileto também se dedica a refletir sobre os segredos guardados na natureza e a relação destes com a linguagem e com o homem capaz de fazer mediações entre o símbolo e a palavra. No seu entender, “*assim como há almas que passam inabaladas ante o oceano, o firmamento e a montanha, e não se agitam interiormente à vista de um inseto ou uma flor – não é a todos que fala o verbo, pois que o verbo, no que tem de Augusto, só se faz entendido de almas verdadeiramente grandes*”⁵⁴⁹. O poeta e os demais artistas eram sujeitos especialmente afetos à percepção e à decifração dos símbolos – ainda que a personagem não restrinja a esse grupo a sensibilidade de realizar tal *correspondência*. Os artistas, conforme anteriormente inferido, teriam papel angular na *sociedade futura* sonhada por Fileto e seu amigo, pois que seriam eles importantes agentes de novos valores, referências e atitudes, que realizariam a ruptura com os desequilíbrios e as injustiças reinantes nos governos e nas cidades modernas. O que expressa, em alguma medida, a própria decepção e o desencantamento de Rocha Pombo com a vida política e os políticos, que se revelaram incapazes de realizar as promessas de um novo tempo feitas, sobretudo, pela República.

Assim, conjecturar a respeito de um futuro que libertasse os homens de opressões e sofrimentos trazia consigo a necessidade de se elaborar concepções a

⁵⁴⁴ Ver: *Ibidem*: 113.

⁵⁴⁵ Ver: ECO, Humberto. A religião da Beleza. IN: *História da Beleza*. op.cit: 349.

⁵⁴⁶ No poema *Correspondências*, de Charles Baudelaire, publicado em *Flores do Mal* encontramos a síntese dessa compreensão dos símbolos mediando as realidades tangíveis e intangíveis.

⁵⁴⁷ Trata-se de *Correspondências*. Ver: BAUDELAIRE, Charles. *As Flores do Mal*.

⁵⁴⁸ ECO, Humberto. A religião da Beleza. IN: *História da Beleza*. op.cit: 346.

⁵⁴⁹ POMBO, José Francisco da Rocha. *No Hospício*. op.cit: 76.

respeito de outros temas, tidos como fundamentais para aqueles novos tempos, tais quais a arte e a linguagem. Nos escritos de Fileto, essas elaborações se concretizavam:

*Não tolero que me obriguem a dizer tudo... Quero que me entendam por uma palavra, por um movimento, por um sinal. É por isso que acredito que uma nova arte ainda está para vir, uma arte para os espíritos: uma arte que nos revele as grandes figuras apenas pelas diagonais...*⁵⁵⁰

A linguagem e a arte desejadas por Fileto tomavam, conforme a passagem que antecede, os atributos do Simbolismo. Valendo-se de símbolos e sinais, o interno revela o seu interesse por uma linguagem sutil e não explícita, que conduzisse a realidades e revelações inesperadas. Os símbolos favoreciam, por exemplo, conexões com o atemporal e o imemorial, já que determinadas imagens e seus significados atravessariam as gerações⁵⁵¹. Em uma época em que tudo era profanado, os símbolos estariam resguardados, pois se referiam a uma realidade ausente⁵⁵².

Nas propostas de se pensar o caráter simbólico da linguagem, suas relações com o tempo e com a arte – ou a linguagem no tempo e na arte – entrevê-se o desejo de ir além do real, comprometendo-se com o onírico e a fantasia. O processo criativo, tanto no uso da linguagem verbal quanto da pictórica, realizava-se na medida em que o artista dava voz àquele universo de mistérios e sonhos. “A arte só se realiza quando há uma exata correspondência entre a vida interior e os meios de objetivação”⁵⁵³, acreditava Fileto. Na busca por uma espiritualidade e na constituição de uma esfera de sonhos, a arte simbolista encontrava um meio de combater os domínios da racionalidade. Clamava-se pelo imaterial e pelo incorpóreo, pelo sagrado e pelo desconhecido como formas de afastar-se do comum e do ordinário e sobreviver às violências identificadas no mundo. Tratava-se, então, de *buscar um fundo que sustentaria os fenômenos, seja ele chamado de Absoluto, Deus ou Nada*⁵⁵⁴. Uma referência que sustentasse o homem em um mundo em intensas transformações, no qual tradições e antigos valores ruíam ou tinham seu lugar deslocado. Um contexto que gerava questionamentos a respeito do próprio sentido da vida, a exemplo dos versos de Dario Vellozo:

⁵⁵⁰ Idem: 156.

⁵⁵¹ Ver: GAGNEBIN, Jeanne Marie. Alegoria, Morte, Modernidade. IN: *História e Narração em Walter Benjamin*. 2ª ed. São Paulo: Perspectiva, 1999: 31-53.

⁵⁵² Ver: OLIVEIRA, Valéria Ochoa. *Um olhar sobre as musas de Eliseu Visconti: a pintura do foyer do Teatro Municipal do Rio de Janeiro*. Dissertação [mestrado em história]. Uberlândia: UFU, 2004: 70-71.

⁵⁵³ POMBO, José Francisco da Rocha. *No hospício*. op.cit: 163.

⁵⁵⁴ BOSI, Alfredo. op.cit: 263.

*Por que vivemos nos? Por que se gera a vida
E a estrela se escraviza à lei das atrações?
Por que não sente a rocha a dor suicida
Que abate frágeis corações?*

*Por que o mar não se amolda aos destinos do homem?
Por que o homem tem as cóleras do mar?
Por que os anos de dor e as ilusões consomem
Na infância da existência a meiguice do olhar?⁵⁵⁵*

Este gênero de composição que prima por questionar as possibilidades de felicidade, o sentido da vida, os por quês de dores e sofrimentos, valendo-se de analogias ou aproximações com coisas inanimadas (a pedra, especialmente), encontra-se em outros escritos do período. Este foi um dos meios encontrados para materializar, através da literatura, a perplexidade diante de um mundo caótico, desestruturado. Neste contexto de desgosto pelas soluções racionalistas e mecânicas e interesse pelo incognoscível, pelo mistério e pelo além, a morte constitui-se como temática relevante entre os simbolistas. Gerou inúmeros escritos, em prosa e verso, nos quais repetidas vezes, ela era clamada com insistência e ardor, funcionando como uma espécie de missionária a serviço da libertação humana dos sofrimentos terrenos.

*Morte, morte piedosa, consoladora dos afflictos, irmã de
caridade dos que soffrem, ouve, escuta, trasgo forasteiro das
vontades absolutas do céu, escuta este psalmo, este réquiem de
afflicções que passa soluçante por meos lábios enfebrecidos
n'um tropel angustioso de desespero, e vò para ti n'uma
ascenção edenica de supplicas.*

*Morte, eu tenho n'alma o negro desengano dos precitos,
conheço a esculcerante nostalgia da ventura, porque sou um
exilado do Paiz do Sonho; no sacrílego altar das minhas
crenças, os círios das illusões não ardem mais [sic].⁵⁵⁶*

Julio Pernetta, autor da passagem que antecede, é especialmente afeto ao tema da morte (bem como do satanismo), conforme se verifica nos seus artigos, principalmente os publicados na revista *O Cenáculo*. Encontramos aí um núcleo de convergências, afinal os cenaculistas desenvolviam suas produções baseados largamente nas temáticas baudelaireanas. Salienta-se que o interesse pela morte expressava-se no próprio brasão do grupo. Além de freqüente, o tema em questão se manifestava de diferentes maneiras:

⁵⁵⁵ VELLOZO, Dario. Abismos. IN: *Cinerário & outros poemas*. Curitiba: Prefeitura Municipal de Curitiba, 1996: 51. [Datação do poema: Curitiba, 11 de fevereiro de 1894]

⁵⁵⁶ PERNETTA, Julio. *Litania da Morte*. Revista O Cenáculo. Tomo I. Anno I, 1895: 183.

poderia tanto gerar textos como os de Julio Pernetta, que confessava sua sedução pela morte: “*vamos, o meo mais ardente desejo é viajar contigo o assombroso mysterio do Alem [sic]*”⁵⁵⁷; quanto através de uma constatação da banalidade da vida, como em *Sonhos mortos*, um pequeno conto de Leôncio Correia que narra a perplexidade de uma moça diante da morte de seu amado na guerra, em nome da glória nacional⁵⁵⁸.

No entanto, qualquer que seja a abordagem dada ao tema, uma questão se coloca: apesar de um conteúdo literário que privilegiava a morte, percebendo-a como positiva, os moços festejavam, com sua escrita, a vida. Dito de outra maneira, o interesse pelas letras que viemos acompanhando ao longo deste trabalho – que implicou na constituição dos meios de escrita (suas possibilidades de efetivação e circulação) – vinculava-se a um desejo de ativar a vida cultural no Paraná e a concepção de que a literatura seria agente dos progressos humanos e dos povos. Nesse sentido, a literatura era vida: ela estaria comprometida com predicados que positivavam a vida, com a crença de que um futuro de prosperidade para os paranaenses seria possível. Assim, se os moços, simpáticos ao simbolismo, afirmavam a lua, o outono e a chuva⁵⁵⁹, o intuito que os movia a escrever estaria mais associado ao sol, à primavera e ao céu azul. Ou seja, positivavam a escrita, as artes, a literatura, compreendendo-a como vida, independente da afirmação do tema da morte em tantos dos seus escritos. O ensejo que os motivavam, de atrelar-se à palavra e participar do fortalecimento da escrita e da literatura, baseava-se na crença no futuro; seus textos que tratavam da morte, fundavam-se na impossibilidade do futuro.

Neste desencontro, expressa-se o próprio caráter ambíguo da modernidade. Em solo europeu, onde os desencantos causados pela modernidade estavam mais deflagrados, as manifestações de pessimismo encampavam bem as sensações de ruína, destruição e morte. No Paraná, não deixou de existir, entre a mocidade amante das letras, decepções em relação à República (expressa especialmente pela Revolução Federalista). No entanto, observa-se também o forte encantamento que lhes despertou a República e a modernidade – de fato, toda essa mocidade, em algum momento da vida, acreditou na modernidade. Salienta-se que, via de regra (há a exceção de Rocha Pombo), os moços não foram capturados pelo Simbolismo devido a uma decepção ou um desencantamento com a modernidade: é difícil determinar os motivos que os

⁵⁵⁷ Idem: *Ibidem*.

⁵⁵⁸ CORREIA, Leôncio. *Sonhos Mortos*. Revista O Cenáculo. Tomo I Anno I, 1895: 58.

⁵⁵⁹ Ver: OLIVEIRA, Valéria Ochoa. *op.cit*: 70.

levaram a se identificar a esta estética, mas verifica-se que se engajaram nela muito cedo, quando a crença em um futuro próspero para o Paraná marcava-lhes fortemente o espírito (lembramos, por exemplo, que Baudelaire foi introduzido entre os paranaenses quando Emiliano Pernetta estudava ainda em São Paulo). Neste sentido, ao acreditarem em um futuro mais igualitário e próspero e colocarem sua escrita em favor disso estavam sintonizados com a positivação da vida, com o entusiasmo e a vontade de viver.

1.3 *uma mocidade republicana*

Leitores de filósofos e literatos europeus, os moços tinham o pensamento fortemente marcado por estas referências. Seja quando colocavam em causa a condição humana, questões relativas ao Paraná, à contemporaneidade, ou à literatura verifica-se que as concepções desses moços eram embebidas por matrizes de pensamentos européias. Tinham a tendência ao universalismo e ao cosmopolitismo, expressa, por exemplo, na assimilação do Simbolismo. No entanto, foi forte entre eles a reflexão, ou, mais do que isto, o envolvimento com questões locais e da ordem do dia. Um traço expressivo disto se verifica na identificação com a República: queriam ver realizadas as promessas de maior igualdade e liberdade na/no Província/Estado em que viviam, no cotidiano dos paranaenses. Entre as influências desses moços encontramos a leitura de Augusto Comte, alicerçando a concepção que tinham de República. O Positivismo encarnou, de fato, a preocupação com o devir, com o futuro, com o progresso, com a ciência, fundamentando argumentos e embasando textos.

O Positivismo se manifestou, entre outras formas, através de uma vertente anticlerical com a qual se identificaram moços como Dario Vellozo, Julio Pernetta e Silveira Netto. De fato, o embate contra a influência clerical na vida pública e privada, contra sua intervenção na educação e seus palpites no que concernia à ciência marcou a vida intelectual curitibana dos últimos anos do século XIX e princípio do XX⁵⁶⁰. Fazia-se frente a uma diocese que se organizava (a diocese de Curitiba foi criada em 1892, tendo sob sua responsabilidade os Estados do Paraná e Santa Catarina) e a clérigos fortalecidos por argumentos contrários às teorias científicas (para propalá-las, utilizavam-se das revistas católicas, dos colégios religiosos, das missas, do

⁵⁶⁰ Sobre o movimento anticlerical em Curitiba, ver: MARCHETTE, Tatiana Dantas. *Corvos nos galhos das acácias: o movimento anticlerical em Curitiba (1896-1912)*. Curitiba: Aos quatro ventos, 1999; BALHANA, Carlos Alberto de Freitas. *Idéias em Confronto*. Curitiba: Grfipar, 1981. [coleção estudos paranaenses].

confessionário). Era através das palavras que os moços se colocavam neste combate. Seja através da escrita: observa-se um volume expressivo de livros e artigos em periódicos locais que se manifestavam sobre a questão. Seja através da oratória: Dario Vellozo, por exemplo, valia-se das suas aulas de História no *Ginásio Paranaense* para angariar adeptos à causa anticlerical, fortalecendo o repúdio aos padres entre a mocidade curitibana.

O anticlericalismo e o Positivismo encarnavam os ideais de autonomia de pensamento e liberdade de expressão, emancipação do homem, soberania da razão, educação como iluminadora. Questões que se identificavam amplamente com o pensamento da mocidade, com as concepções e expectativas que tinham a respeito da vida. Nesse sentido, o engajamento na crítica à intervenção religiosa e à intransigência dos padres não está desvinculado de um conjunto mais amplo de anseios e lutas que os uniam e os motivavam. A identificação com o Positivismo assinalava também a boa entrada que a ciência tinha no pensamento desses moços. Aliás, característico do período que abordamos. Os intelectuais anticlericais refutavam veementemente os dogmas propalados pela Igreja por serem incompatíveis com as verdades da ciência, o que se materializava como uma batalha entre luz e sombras, progresso e atraso, na qual a ciência era associada ao futuro e à iluminação. Julio Pernetta, dando voz ao repudio pelos padres, exclama:

*[...] ignorantes e boçais gesticulam dentro de uma obesidade animalesca, pensando assim fazer recuar a marcha assombrosa da civilização do século XX, para o fundo sombrio de 1530, onde Santo Bartolo defendia o suplício do fogo em nome do Evangelho!*⁵⁶¹

A Igreja Católica e seus representantes encarnavam, assim, a ignorância, o atraso, a barbárie, opondo-se diretamente à razão e à ciência que se estabeleciam. Defendia-se, assim, o livre pensamento, obstruído pela Igreja através do dogma. Para tanto, atualizavam a imagem do embate entre luz e trevas que, ironicamente, tinha grande reverberação no universo religioso. Os anticlericais se autoproclamavam a luz que dissuadiria as trevas e o obscurantismo, marcando a influência Iluminista que havia inspirado tantos movimentos em favor da liberdade nos séculos XVIII e XIX⁵⁶². No

⁵⁶¹ PERNETTA, Julio. Apud: MARCHETTE, Tatiana Dantas. Idem: 32.

⁵⁶² Ressalta-se que um dos traços do Iluminismo era o anticlericalismo: Voltaire, especialmente, atacava os abusos do clero. Vale enfatizar que o anticlericalismo não era uma exclusividade do Paraná, mas uma

Paraná, Dario Vellozo anunciava, em nome de uma das revistas que dirigia: “*O Cenaculo protesta [...] em nome da Patria republicana, contra esse invadir da Igreja nos domínios da Intelligencia [sic]*”⁵⁶³. E prossegue, condenando as práticas da Igreja que tolhiam os progressos da humanidade ou incutiam compreensões a respeito do funcionamento da Vida já derrubados pela ciência:

*Conserve a Igreja as tradições do Christianismo, commemore a divinização de seos Martyres e Apostolos, celebre com pompas as suas festas, continue de manter o culto da Virgem; estabeleça o culto da Esposa; fale ao Coração, fale ao Sentimento; seja a caridosa irman dos degredados da Ventura; – porem uma vez que não pode, ou não deve, se adaptar ao progresso da Humanidade, – consorciar-se a Sciencia – estabelecer o casamento, obrigatório, de seos sacerdotes; uma vez que está mettida em circulo de ferro; uma vez que não pode pugnar pela Liberdade; – não procure também, tolher a marcha dos Povos que caminham para a Luz; não incuta no espírito da Infancia e da Juventude erroneas noções do Universo, falsas noções da Vida, inexactas noções da Sciencia, superficial comprehensão da Philosophia; não propague o Erro; não depaupere a Especie; não tente inutilizar toda uma geração vigorosa, toda uma geração robusta que aponta agora, que deve crescer para a Patria, e da qual a Patria espera tanto e tanto! [sic]*⁵⁶⁴

Conclamava-se uma nova maneira de se viver a religiosidade e de organização da Igreja, através, justamente, de elementos identificáveis com o Positivismo: o culto à figura feminina, a eleição de heróis e mártires, a preocupação em assimilar os desvalidos, a valorização da humanidade, do progresso e da ciência e o entendimento de que esta última seria a propulsora de novos tempos e essencial para *a marcha progressiva da humanidade*. Ressalta-se que, apesar de preocupados em se posicionar em um contexto local de fortalecimento do clero, os moços anticlericais recorriam a argumentos universalistas, invocando noções tipicamente positivistas como a Sociedade, a Nação ou a Humanidade. Tal qual preceituava o Positivismo, cultuava-se a

tendência daquele século, quando aprofundava-se o sentido de privacidade (a confissão foi considerada uma forma de infringir a privacidade), de liberdade de pensamento e se questionava a interferência da Igreja na vida pública, nas questões que tangem o Estado. Igreja e clero eram considerados incompatíveis com a ciência, a civilização, o progresso, a modernidade. A crítica ao clero, que já havia se manifestado em outros momentos da história (Renascimento, Reforma, Iluminismo), recaía no combate aos abusos, a intolerância, a ganância, a prepotência dos sacerdotes e o seu afastamento do ‘verdadeiro’ sentido do seu ministério.

⁵⁶³ VELLOZO, Dario. *A Imprensa e o Clero*. Revista O Cenáculo. Tomo II. Anno II, 1896: 38.

⁵⁶⁴ Idem: 44.

Pátria e defendia-se a separação entre Igreja e Estado, argumento fortalecido por já vigorar, então, o regime republicano, de Estado laico.

Dentre as leituras de fundamentação à crítica à Igreja e à fomentação das idéias positivistas encontramos o português Ramalho Ortigão – que, conforme previamente mencionado, também influenciava as concepções de arte dos moços do Paraná. Dario Vellozo o citava: “*independentemente porem do Dogma ecclesiastico, existe uma outra couza mais sagrada que elle, por assim dizer mais divina: a tradição dos povos, a terna fidelidade ao sentimento colectivo da raça, o doce respeito ao legado da família [sic]*”⁵⁶⁵. A valorização de uma fraternidade universal, que englobasse a *família humana* através de um sentido de coletividade e nutrido por afetividade, transparece a inspiração comtista no pensamento de Ramalho Ortigão e, por extensão, de Dario Vellozo, que confessa comungar do pensamento do escritor português. Conforme propunha Augusto Comte, acreditavam em uma irmandade entre os homens baseada em dimensões comunitárias e afetivas. De forma que a superioridade atribuída aos nobres sentimentos na constituição da família, da Pátria ou da Humanidade seriam motrizes do progresso e de tempos de paz.

Citando novamente Ramalho Ortigão, Dario Vellozo enfatiza:

*basta-me saber que há neste mundo um supremo ideal de justiça e bondade, a que a arte ainda não conseguiu dar uma forma definitiva e instavel. È o culto desse ideal que constitui a religião de cada homem. A egreja que nos reune em nome desse culto, qualquer que ella seja, é um logar sancto e bemdito [sic]*⁵⁶⁶

Proclamava-se, desta forma, uma religiosidade que cultivasse – ou seria melhor dizer, cultuasse – valores nobres e altruístas como a bondade e a justiça. Repensar a religiosidade foi, de fato, um desafio que Dario Vellozo se impôs mais do que qualquer outro de seus colegas⁵⁶⁷. Para Dario, a religião seria o lugar de excelência para se conectar e viver o *Além*, o *au-delà*, o *incognoscível*, lamentando que a Igreja Católica tenha perdido as ligações com a tradição, com o mistério e com o seu próprio

⁵⁶⁵ RAMALHO ORTIGÃO. Apud: Idem: 42.

⁵⁶⁶ RAMALHO ORTUGÃO. Apud: Idem: 43.

⁵⁶⁷ Um dos traços do pensamento de Dario Vellozo é o esoterismo. Foi leitor durante toda a vida de obras teológicas e esotéricas. Fundou revistas de cunho esotérico, a exemplo de *Esfinge*, em 1899, que tinha por lema “Ciência, Arte e Mistério” e escreveu diversos livros e artigos sobre o assunto. Sua obra como um todo (incluindo a produção literária) tem uma forte influência dessa sua formação esotérica.

simbolismo⁵⁶⁸. Dessa forma, se perguntava: “*onde [estão] as chaves de seos Mysterios? onde [está] o Verbo inspirado que explicava os symbolos? Perdidas as TRADIÇÕES CHRISTAMS, a Egreja é hoje um santuario violado e immudecido [sic]*”⁵⁶⁹.

Por outro lado, nem todo o progresso alcançado pela ciência no limiar do século XX dissolvia os mistérios em torno do que houvesse além-vida – “*o Porque da morte, o Depois da morte, o Amanhan da morte, a Vida futura, emfim!*”⁵⁷⁰ – nem tão pouco a necessidade humana de se envolver e perguntar sobre essa questão. Assim, Dario Vellozo argumentava,

[o século XIX] *teve a illusão de ter creado uma sciencia, uma civilização própria – rompidos completamente os laços que o prendiam ao Passado. Momento houve em que, arrastado no cyclone do orgulho obcecante, negou em altos brados a TRADIÇÃO GLORIOSA, – chave de toda a sabedoria e de toda a crença, – dogmatizando estabelecendo o Absoluto, firmando falsos Princípios, outros tantos problemas, outras tantas hypotheses. Emtretanto, o problema do ABSOLUTO não ficou resolvido [sic].*⁵⁷¹

A questão estava, então, na cisão entre religião e ciência. As duas que *outrora caminhavam pari passo*⁵⁷² pareciam irreconciliáveis:

*A Sciencia não resolveo o magno problema do ABSOLUTO ; a Religião perdeo o verbo esoterico da Fé. Nesse immenso, esconso abysmo a que o levaram o Christianismo exoterico e a sciencia experimental, o Homem sente-se vencido, disseccado, num desequilibrio esterilicante, numa completa derrocada de suas Illusões, de suas Crenças, de suas Esperanças [sic]*⁵⁷³.

Convencido da necessidade humana vital de ter tanto uma dimensão espiritual quanto uma dimensão material em sua vida, Dario Vellozo busca a chave possível da reconciliação entre as duas dimensões. E a encontra na arte: seria ela que reconectaria o homem com o *Além*, trazendo-o para o centro de suas preocupações e das suas produções. Sempre teria sido assim, argumentava Dario enumerando exemplos. Arte,

⁵⁶⁸ VELLOZO, Dario. Missão da Arte. IN: Dos Cinerarios: Esotericas (1897-1900). Curitiba: Imprensa Paranaense, 1900: 07-15. [Texto datado de 29 de abril de 1899, na cidade de Curitiba]

⁵⁶⁹ Idem: 10.

⁵⁷⁰ Ibidem: 08.

⁵⁷¹ Ibidem: Ibidem.

⁵⁷² Ibidem: 10.

⁵⁷³ Ibidem: 11.

ciência e religião – “*as trez Irmãs simbólicas da Vida Superior [sic]*”⁵⁷⁴ – teriam estado ligadas desde a Antiguidade, parceria que resultara em um rico legado. Dario referia-se, por exemplo, aos templos erguidos no Egito, Babilônia e Índia que só teriam sido possíveis graças ao alinhamento entre emoção e razão, à conjugação entre ciência, religião e arte. O mesmo diz da grande Esfinge egípcia: *nostálgica, sonhadora, os olhos abstraídos em cismar profundo, ante o deserto*⁵⁷⁵. Ou ainda das catedrais Renascentistas: “*elevadas num intenso fervor mystico, atirando para o azul as flechas finissimas, num elance de almas fieis para o INCOGNOSCIVEL [sic]*”⁵⁷⁶. E os exemplos se proliferavam: o *Moisés* de Miguel Ângelo, as *Madonas* de Sanzio de Urbino, *A Divina Comédia* de Dante Alighieri. A dúvida de *Hamlet* ou o amor de *Romeu e Julieta* nada mais seriam que encarnações da arte realizando o seu papel mais sublime: conectar o homem com o *Absoluto*.

Dessa forma, a dimensão imaterial da vida, que Dario Vellozo chama de *Além*, *Au-delà* ou *o incognoscível* não estaria apenas a cargo da Igreja. A religiosidade transcenderia as instituições, constituindo uma esfera pujante da vida. Ela seria responsável por conferir um sentido de equilíbrio e paz aos seres humanos. Em um momento em que a Igreja não mais conectava o homem com o *Absoluto*, deixando-o desorientado, taciturno e angustiado – como costumavam ser os poetas simbolistas – a arte apresentava-se como redentora. Nas palavras de Dario Vellozo: “*Neste fim de seculo, atormentado de duvidas e loucuras, de nevrose e desalentos, procura inexcédível, [a Arte] desperta-nos etherificos elances de AMOR e ESPERANÇA [sic]*”⁵⁷⁷ e “*eleva-nos ás regiões beatificas da PAZ*”⁵⁷⁸. Marca-se a dimensão de imortalidade da arte e a sua ligação com a religiosidade, com o transcendental. Neste contexto, pode-se compreender a simpatia que se tinha pelas idéias de Augusto Comte: a filosofia Positivista também inclinou-se para o desenvolvimento de uma metafísica.

Encontramos aí o ponto de contato entre arte simbolista e Positivismo: a preocupação com o *Além*, com uma certa espiritualidade – que, conforme Dario Vellozo, não se vivenciava apenas através das instituições religiosas – marcava ambas as tendências. O Positivismo, com a valorização do sentimento, o culto a heróis – com direito a calendário comemorativo das figuras que contribuíram para o desenvolvimento

⁵⁷⁴ Ibidem: 12.

⁵⁷⁵ Ibidem: 13.

⁵⁷⁶ Ibidem: 14.

⁵⁷⁷ Ibidem: 15.

⁵⁷⁸ Ibidem: 14.

da humanidade – e a construção de templos e altares, aproximou-se da organização de uma Igreja. O Comtismo dava entrada a uma dimensão metafísica na filosofia: *“Augusto Comte reuniu e coordenou, nas relações do Homem com o Planeta, os elementos esparsos ; ha, porém, que o dignissimo philosopho succumbiu, sem que pudesse alcançar os solos magnificentissimos do ALEM, que sentira illuminar-lhe a alma [sic]”*⁵⁷⁹. A perda de valores humanos fundamentais, tão sentida pelos simbolistas, também encontrou eco no Positivismo: identificava-se na metafísica de Comte uma espiritualidade, que elevaria o homem, ajudando-o a questionar o mundo e a vida.

Proclamar a possibilidade de questionar o mundo e a vida como um direito inalienável do homem era, de fato, um elemento constitutivo do pensamento não apenas de Dario Vellozo, mas de outros tantos moços como ele. Para isto convergem suas concepções de arte, de vida, de República. Para tanto, convertem-se ao anticlericalismo, evocam uma nova linguagem. Reivindicavam, em última instância, uma nova partilha do sensível baseada em uma maior autonomia, liberdade e igualdade entre os homens. Propunham uma nova forma de vivenciar e partilhar o que era comum, o que dizia respeito à comunidade. Suas falas tinham uma dimensão de coletividade (a pátria, a humanidade, a família, a sociedade), especialmente inspiradas no Positivismo. Mas, que ecoavam um ensejo de ampliação da esfera daqueles efetivamente livres, de democratizar os acessos às oportunidades de vida. Afirmavam as faculdades de pensar, decidir e produzir arte como não mais restritas a poucos privilegiados. Quebrava-se, assim, hierarquias para se instituir a igualdade na comunidade.

Depreende-se dos escritos desta mocidade que a educação (assim como as artes) teria papel decisivo na maior democratização do que era comum. Ela permitiria que se alargasse o contingente dos aptos a pensar sobre a comunidade. Para tanto, deveria incitar a formação do homem livre e do livre pensamento. O combate à intervenção religiosa no ensino escolar – personificada, especialmente, no Jesuitismo – ganhava fôlego neste contexto. Queria-se uma nova educação, laica, como previa os princípios republicanos. Dario Vellozo explicita a questão:

a instrução religiosa não pode explicar com lealdade a Sciencia moderna: falsea a verdadeira interpretação da Filosofia, condemna a Seleção natural, é contra o

⁵⁷⁹ Ibidem: 09.

*Polygenismo; a instrução religiosa está metida em círculo de ferro: o Dogma [sic]*⁵⁸⁰.

Através da leitura dos escritos dessa mocidade, a maneira como projetava o futuro, entrevê-se o desejo de romper com um certo passado, no qual o ensino, mantido muitas vezes sob a guarda de religiosos, estava reservado a uma elite. O novo regime, a República, deveria alargar o círculo de acesso à educação. Caídos por terra os dogmas, caberia às novas gerações construir suas novas verdades, através de um ensino, quiçá, menos retórico, teórico e dogmático.

Podemos considerar que substituir a religião pela ciência, propunha uma nova percepção da realidade circundante que, certamente, também teria as suas limitações. Contudo, mais do que uma substituição, visava-se uma ruptura que implicava, em última instância, no questionamento de qual homem se desejava para o Paraná: apontava-se não apenas para alguém mais autônomo, mas também mais comprometido com as questões relativas à comunidade. Daí uma educação mais democrática e acessível, alerta aos novos tempos: “*annule-se com a Pedagogia os rosários e os jejuns; substitua-se, no templo, as missas em latim por lições de Historia Natural [sic]*”⁵⁸¹. O que se propunha, ao se falar de história natural e origem biológica do homem, era um desvio em relação ao que fora dominante, não apenas no ensino e na religiosidade brasileira até então, mas em uma estrutura mais ampla e complexa. As verdades e práticas instituídas pela Igreja, além de aprisionar o homem e castrar sua autonomia, estavam comprometidas com uma velha ordem de coisas, uma antiga divisão de poder, que instituía quem poderia pensar e quem não poderia, quem poderia decidir e quem não poderia. Ou seja, um tipo de *partilha do sensível* que hierarquizava as atividades e ocupações humanas e, por extensão, distinguia os seus corpos.

A constituição de uma nova *partilha do sensível* que desfizesse uma antiga ordem hierárquica da comunidade, implicou para os moços, em reflexões sobre o homem: a condição humana, o homem visto como ser universal e genérico, sua dignidade, opulências e fraquezas foram tratados em textos de diversas naturezas. Aliado a isto, pensavam sobre o homem local, o homem paranaense. Participavam, dessa forma, da discussão (fortemente empreendida na esfera administrativa) sobre os grupos humanos que habitavam o Paraná e a legitimidade de fazê-lo. A respeito disso, salienta-se uma série de artigos publicados por Dario Vellozo ou Julio Pernetta (ou por

⁵⁸⁰ VELLOZO, Dario. *A Imprensa e o Clero*. Revista O Cenaculo. Anno II. Tomo II, 1896: 33-34.

⁵⁸¹ NETTO, Silveira. *Socialismo e Clero*. Revista O Cenáculo. Anno II. Tomo II, 1896: 115.

ambos conjuntamente), na revista *O Cenáculo* em 1896 e artigos de Silveira Netto publicados na revista *Club Curitibano* no mesmo ano, que tomavam a defesa do indígena paranaense. O interesse por essa questão e a decisão de encampá-la ocorreu, provavelmente, nas reuniões do grupo *Cenáculo*: ali os moços se aperceberam da relevância e da pertinência do tema e valeram-se da revista que editavam para dar voz à questão. Era, dessa forma, um projeto do grupo e contou com colaborações de amigos, como um artigo de Rocha Pombo sobre as línguas indígenas para a revista *O Cenáculo*, escrito a pedido de Silveira Netto⁵⁸².

Na nota introdutória às publicações de 1896, da revista *O Cenáculo*, lê-se:

Ao publico

[...]

Ficou resolvido, desde Dezembro findo, pugnarmos por esa idea – acceitando penhoradissimos, em as columnas desta Revista, tudo quanto possa interessar á vida e costumes de nossos Selvagens. Não pretendemos continuar a litteratura indianista nos moldes vazados por Domingos de Magalhães e José de Alencar; procuraremos interpretar o Indio, elucidal-os, – se assim é possível – apresentando-o como verdadeiramente se encontra – estudando-o como factor indispensavel á caracteristica do povo Brasileiro [sic]⁵⁸³.

A questão se centrava na situação do aborígine no Paraná (*‘explorado, tornado servil, caçado impunemente em nossas florestas; sem que ninguém se preocupasse com o assunto, nem se apiedasse da sorte do silvícola’*⁵⁸⁴), tendo em vista incorporá-lo à civilização, ao ritmo de um Estado que se modernizava. Assim, ao mesmo tempo em que se enumerava as violências praticadas contra o indígena (também chamado de aborígine, índio, selvagem, gentio ou autóctone nos textos em questão), apontavam para a necessidade de políticas públicas para lidar com o tema. Em linhas gerais, os moços embasavam-se no Positivismo e no ideal de constituir uma República soberana e autônoma. E ainda afirmavam o anticlericalismo através de textos marcados pela crítica à catequese e aos Jesuítas. Estaria a cargo do Estado ocupar-se do gentio, incutindo-lhes

⁵⁸² Ver: ROCHA POMBO. Os índios. Revista *O Cenáculo*. Redactores: Dario Vellozo, Silveira Netto, Julio Pernetta e Antonio Braga. Curitiba, 1896. Anno 2. Tomo 2. Págs. 138-140.

⁵⁸³ VELLOZO, Dario. *O Cenáculo*. Revista *O Cenaculo*. Curitiba, janeiro de 1896. Anno 2. Tomo 2. Pág. 6.

⁵⁸⁴ VELLOZO, Dario; PERNETTA, Julio. Pelo aborigene. IN: *Pelo Aborigene*. Curitiba: Typ. da Livraria Econômica Annibal Rocha &C, 1911: 6. Em 1911, Dario Vellozo e Julio Pernetta publicam uma reunião dos textos relativos ao aborígine escritos pela dupla em 1896 em uma coletânea denominada *Pelo Aborigene*. O trecho referente a esta nota é a introdução dessa coletânea, com a seguinte datação: Retiro Saudoso, de 21 de abril de 1911.

o sentido e o valor da pátria, da República, da família e do trabalho formando, assim, cidadãos:

*Impõe-se o desdobrar de todo um plano de iniciativas lucidas e logicas [...] em o sentido de trazer o aborigene, suavissimamente, do amago das selvas ao amago dos centros populosos. É fazer cidadãos, não cathecumenos. Nada ha que ver com a feição subjectiva da alma do aborigene; mas com sua educação civica [sic]*⁵⁸⁵.

A cidadania implicava em certos atributos, como a liberdade e a autonomia e seria garantida pelo trabalho, pela educação. Neste quadro, em que se montavam as referências necessárias para a efetivação de um Estado republicano na excelência da palavra, o aborígine, elemento autóctone, encarnava uma possibilidade ímpar para iluminar e propiciar a constituição de um país (não nos esqueçamos a relevância que a dimensão pátria tinha para o Positivismo) e de um Estado que encontrasse as suas particularidades, o que lhe era próprio, suas feições. Isto não apenas porque o gentio seria o *brasileiro autêntico*, mas também por ser ele próprio singular: “*Por mais que alguns escriptores queiram fazer do sympathico e denodado Índio, um animal selvagem, elle se nos apresenta, atravez das paginas de Historia, como um protesto sublime em prol da liberdade da autonomia de suas florestas [sic]*”⁵⁸⁶. Alguém que tudo faria para defender o solo de onde seu grupo tirava a subsistência e que abrigara os seus ancestrais, estaria absolutamente apto a desenvolver o sentido patriótico de vínculo e amor à terra, à pátria.

Nesse sentido, a vocação para a liberdade e a independência que os indígenas carregariam seria primordial para a constituição de uma Nação soberana. Ao abordar a questão, Dario Vellozo justifica: “*é que, sem liberdade, não ha autonomia; sem patria, não ha lar; e sem patria e sem lar, não ha progresso [sic]*”⁵⁸⁷. Reportando-se novamente a uma concepção positivista de República, o escritor assegura-se de marcar um posicionamento comprometido com valores fundadores do tempo futuro, de paz e progresso:

⁵⁸⁵ Idem: 10.

⁵⁸⁶ PERNETTA, Julio. *O selvagem brasileiro*. Revista O Cenáculo. Redactores: Dario Vellozo, Silveira Netto, Julio Pernetta e Antonio Braga. Anno 2. Tomo 2. Pág. 134.

⁵⁸⁷ VELLOZO, Dario. O brasileiro autochtone [sic]. IN: *Pelo Aborigene!* Idem: 60. (publicado originalmente na revista *O Cenáculo*, em agosto de 1896).

*Elemento autochtone, primitivo, reaccionario, tendo em alto grau a noção instintiva de liberdade, de independencia, prompto sempre a defender o grande lar commum, – a Patria – sem a qual não há liberdade, não há independencia, e se dissolve e prostitue a familia [sic]*⁵⁸⁸.

A liberdade, característica inalienável do indígena brasileiro, era condição para a efetivação do país e do Estado fortes e autônomos. Mais do que isso, sabemos que a liberdade seria o valor supremo para se fundar uma nova *partilha do sensível*. A nobreza e a dignidade atribuídas ao indígena, no entanto, divergia da imagem que circulava dele em outros meios, nos quais era costumeiramente apresentado com selvagem, débil e violento⁵⁸⁹. Havia, de fato, divergências a respeito da compreensão do indígena, caracterizando um ambiente de partilha, de disputa. Nesse sentido, para além da finalidade confessa de rogar pela sorte do aborígene nos textos dos moços, há que se ter em conta o seu caráter de pensar o Paraná de uma maneira mais ampla, considerando que o autóctone era parte constitutiva e promotora de um território coeso, soberano, autônomo.

Isto porque, além de se identificar nos indígenas uma “*raça heroica e sobranceira [sic]*”⁵⁹⁰ e portadora do já referido instinto de liberdade, o autóctone não teria “*nostalgia de outro ceo [sic]*”⁵⁹¹, tendo as suas tradições e reminiscências ligadas ao solo brasileiro⁵⁹². O que era considerado um elemento importante na constituição de uma pátria que necessitava de homens patriotas, com sentido de amor e dever pelo país. Aliado a isto, o indígena favoreceria a formação de uma unidade étnica nacional, tida como importante na constituição do brasileiro: o imigrante seria menos dado a miscigenações que o autóctone⁵⁹³. Um ponto forte defendido nos artigos em questão era a idéia de que o brasileiro seria fruto da congregação das raças: a branca, a negra e a

⁵⁸⁸ O Problema. IN: VELLOZO, Dario; PERNETTA, Julio. *Pelo Abirígene*. Ibidem: 38. (publicado originalmente na revista *O Cenáculo* em maio de 1896).

⁵⁸⁹ Predominantemente, as fontes da época vinculavam uma imagem depreciativa do indígena. A guisa de exemplo, selecionamos a passagem, que se refere ao indígena do Paraná, retirada de um relatório de governo: “*de intelligencia atrophizada e sentimentos moraes completamente apagados*”; “*infeliz população que tanto horro apresenta no estado de selvageria*”. Relatório apresentado á Assembleia Legislativa do Parana, no dia 30 de outubro de 1887, pelo presidente da provincia, o exm. Snr. dr. Joaquim d’Almeida Faria Sobrinho. Curityba, Typ. da Gazeta Paranaense, 1886: 103-105.

⁵⁹⁰ VELLOZO, Dario. Pelos Índios. IN: VELLOZO, Dario. PERNETTA, Julio. *Pelo Aborigene!* op.cit: 78.

⁵⁹¹ O selvagem brasileiro. IN: *Pelo Aborigene!* Idem: 32. (publicado originalmente na revista *O Cenáculo*, em abril de 1896)

⁵⁹² Ibidem: Ibidem.

⁵⁹³ Ver: O problema. IN: Ibidem: 36-45.

amarela⁵⁹⁴. Citando o Coronel (futuro Marechal) Rondon, acreditava-se: “*sabeis que, como patriota anhele vehementemente por ver congraçadas as três raças que constituem o fundo ethnico do povo brasileiro, para, fundidas, formarem afinal a unidade da população desta grande Republica [sic]*”⁵⁹⁵. Contudo, apesar da referência às três raças, observa-se um verdadeiro silêncio em relação aos negros: as discussões encerram-se em imigrantes, indígenas e caboclos. Aliás, isto é característico do conjunto do pensamento a respeito da legitimidade das raças habitarem o Paraná, neste período.

Como era característico do século XIX, observa-se no Paraná que os homens eram pensados e divididos em critérios raciais e a partir desses, se instituíam suas potencialidades e limitações. Ou seja, a raça seria um fator determinante da personalidade: na superfície do corpo, na cor da pele estaria inscrito o caráter de um homem, suas nobrezas e fraquezas⁵⁹⁶. No Brasil, em um contexto de instalação do regime republicano (agravado pelo recente fim da escravidão e a entrada maciça de imigrantes no país), em que se buscavam parâmetros para se pensar o homem nacional – aquele que construiria a pátria soberana – as teorias racialistas européias, que entravam amplamente no país, produziam seus ecos. Dario Vellozo, Julio Pernetta e Silveira Netto, engajados como estavam no Positivismo, falavam a partir do Paraná, mas se referiam à Pátria e aos brasileiros. Ainda assim, as questões e as preocupações com

⁵⁹⁴ A respeito da congregação das raças que formaria o brasileiro ver, por exemplo, VELLOZO, Dario. Pelos índios. IN: *Pelo Aborigine*. Ibidem: 66. Retiro o termo raça da documentação, salientando a ascendência que tinha no pensamento da época: com a República intensificou-se a preocupação de definir as características do brasileiro, que recaía em discussões racialistas. Ao mesmo tempo em que haviam correntes, inspiradas nas teorias racialistas européias, que viam na mestiçagem um obstáculo ao progresso do país, havia quem considerasse a miscigenação como uma vantagem, uma originalidade. Salientamos que o bávaro Karl Friedrich von Martius, ganhador do concurso *Como se deve escrever a história do Brasil*, lançado pelo IHGB em 1842, já propunha tratar a história nacional a partir do encontro entre as três raças, considerando esta formação uma originalidade, uma peculiaridade brasileira. O texto de Von Martius influenciou inúmeros intelectuais que o sucedeu. Ver: CARVALHO José Murilo de. *Pontos e Bordados: escritos de história e política*. Belo Horizonte: UFMG, 1998: 242. Sobre a mestiçagem, Silvio Romero argumenta: “*Deste imenso mestiçamento físico e moral, desta fusão de sangues e de almas é que tem saído diferenciado o brasileiro de hoje e há de sair cada vez mais nítido o do futuro*”. VENTURA, Roberto. *Estilo Tropical: história cultural e polêmicas literárias no Brasil (1870-1914)*. São Paulo: Companhia das Letras, 1991: 48.

⁵⁹⁵ VELLOZO, Dario; PERNETTA, Julio. *Pelo Aborigine!* op.cit: 6.

⁵⁹⁶ É válido salientar que o contato das nações da Europa Ocidental com povos do *Novo Mundo* – seja, por exemplo, através de políticas colonialistas ou viagens de naturalistas – impulsionou o interesse pelas questões racialistas. As diferenças entre os povos eram colocadas em bases filosóficas e científicas. Assim, entre meados do século XVIII e meados do século XX, foram criadas inúmeras teorias racialistas que conferiam identidade às raças e marcavam as diferenças entre elas. Montando-se, com isto, um arsenal de justificativas para os processos coloniais e exploração de localidades tidas como pobres ou primitivas. A utilização de teorias raciais perpassava, inclusive, interesses econômicos e políticos na relação entre povos. Predominantemente, negros e indígenas eram colocados em um patamar menor ‘na escala evolutiva’ da humanidade. Ver: TODOROV, Tzvetan. *Nós e os Outros: a reflexão francesa sobre a diversidade humana. Vol.1*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1993; YOUNG, Robert J. C. *Desejo Colonial: hibridismo em teoria, cultura e raça*. São Paulo: Perspectiva, 2005.

relação ao Estado em que viviam estavam subjacentes à escrita desses textos: além do comprometimento pessoal que os autores tinham com o Paraná, facilmente detectável cotejando outros escritos de suas autorias, recorriam, na maior parte das vezes, a exemplos da difícil situação do indígena paranaense. Ou seja, sensibilizavam-se com as formas brutais de apropriação das terras indígenas no Paraná e com o abandono dessa questão pelo governo. Foi, provavelmente, movidos pela indignação contra o que vinha se sucedendo no Paraná que moços tomaram a pena em defesa do indígena.

A solução estaria em conferir dignidade ao indígena, positivando sua imagem e colocando-o em igualdade com os demais brasileiros/paranaenses, favorecendo o acesso à cidadania, ao trabalho, à educação. A concepção de que o autóctone não era refratário à civilização⁵⁹⁷, apontava para seu potencial de participar da sociedade moderna e republicana: integraria a mistura de raças indispensável à formação do tipo nacional. O que não se faria com violência ou escravidão, mas com educação e fraternidade⁵⁹⁸. No sul do país, para onde eram dirigidos a maior parte dos imigrantes, a miscigenação acontecia com dificuldade: diferentemente do que sucederia no norte do Brasil, onde “*ou o imigrante cruza com as raças indígenas, ou succumbe*”⁵⁹⁹, nos estados sulinos os europeus se mostravam mais resistente a miscigenação. Um problema estava, então, colocado para intelectuais e políticos do sul, ao menos na percepção dos moços do *Cenáculo*:

*O Brazil possui uma certa unidade ethnica que lhe tem garantido a existência até hoje. Mas esta unidade não deve ser perturbada com a ingestão systematica de elementos estrangeiros em privilegiada zona do paiz [sic]*⁶⁰⁰.

A cautela demonstrada pela instalação majoritária dos imigrantes no sul do país destoava do que era dominante no Paraná. Ressalta-se que o que se lia nos documentos públicos (relatórios de governo, relatórios de viagens, correspondências), era uma defesa veemente da imigração europeia, como a grande esperança de efetivar um Paraná desenvolvido e civilizado. O dissenso deflagra-se em um texto de Dario Vellozo e Julio

⁵⁹⁷ Isto está expresso em várias passagens nestes textos que estamos tratando. A guisa de exemplo: “*Eram homens [os gentios] que só com a música e o canto podiam ser chamados á civilização [sic]*”. GONÇALVES DIAS. Apud: O Selvagem Brasileiro. IN: VELLOZO, Dario; PERNETTA, Julio. *Pelo Aborigene!* op.cit: 31.

⁵⁹⁸ Ver: VELLOZO, Dario; PERNETTA, Julio. *Pelo Aborigene!* IN: *Pelo Aborigene!* Idem: 9.

⁵⁹⁹ O Problema. IN: VELLOZO, Dario; PERNETTA, Julio. *Pelo Aborigene!* Ibidem: 37. (publicado originalmente na revista O Cenáculo em maio de 1896)

⁶⁰⁰ Pelos Índios! IN: Ibidem: 34. (publicado originalmente na revista O Cenáculo, em abril de 1896)

Pernetta: “*a avalanche das raças europeas, a demandarem a America [...] precisa ser equilibrada por vigorosos elementos americanos, ou o continente voveria á humilhante condição de colônia europeia – eivado dos vícios, da degenerescencia moral da Europa contemporanea [sic]*”⁶⁰¹. O alerta com relação à entrada indiscriminada do europeu no país, ameaçando com seus vícios e degenerações e a positividade com que se tratava o autóctone é efetivamente uma novidade para o contexto paranaense. Portanto, os moços, ao se colocarem como partidários dos indígenas, colocam-se em diálogo com outras vozes que se manifestavam sobre a questão da legitimidade de se habitar o Paraná.

Instalava-se, dessa forma, uma partilha: um ambiente de dissenso em torno de uma questão comum. De acordo com Jacques Rancière, “*partilha significa duas coisas: a participação em um conjunto comum e, inversamente, a separação, a distribuição dos quinhões. Uma partilha do sensível é, portanto, o modo como se determina no sensível a relação entre um conjunto comum partilhado e a divisão de partes exclusiva*”⁶⁰². Convergiam-se as concepções de que a comunidade deveria ser pensada a partir dos seus componentes. O homem era, de fato, a grande questão colocada no século XIX: aquecia-se um debate nacional em torno da constituição do brasileiro legítimo. Um debate que se dava em termos racialistas. No que concerne ao Paraná, observa-se semelhante interesse em se pensar o homem e de fazê-lo a partir de compreensões raciais. No entanto, se havia um consenso em se pensar a legitimidade dos diversos grupos em habitar o Paraná, a partilha se deflagrava nos dissensos: dividiam-se as opiniões a respeito de quem era portador de tal legitimidade; divergiam-se as concepções a respeito de imigrantes, indígenas e caboclos.

Enquanto índios e caboclos eram postos como empecilhos à civilização nos documentos públicos, ganhavam, na pena dos moços, atributos que os colocavam como indispensáveis à formação do paranaense. Da mesma forma, o imigrante, tão festejado na esfera governamental, tinha a sua importância relativizada no pensamento da mocidade. Observa-se o ensejo dos moços de alargar a partilha, melhor dizendo, de alargar o grupo daqueles que tomam parte dela. Assim, grupos que estariam alijados de participar da comunidade (notadamente índios e caboclos) eram incluídos, instituindo a igualdade entre os corpos. Seus predicados – de indígenas e caboclos – eram considerados imprescindíveis para a constituição de uma comunidade mais igualitária, onde se fosse mais autônomo, livre e autêntico. O que embasa o comprometimento dos

⁶⁰¹ VELLOZO, Dario; PERNETTA, Julio. Pelo Aborigene! IN: *Ibdem*: 8.

⁶⁰² RANCIÈRE, Jacques. *Políticas da Escrita*. op.cit: 7.

moços com a constituição de uma república livre, de um território soberano. Para tanto, brasileiros e paranaenses haveriam de ser um tipo novo, resultado da miscigenação.

A mistura de raças garantiria, por exemplo, a dissolução de *vícios e degenerações* atribuídas aos colonizadores europeus. Contrariamente ao que era dominante no pensamento de então, a mistura com os autóctones expurgaria os declínios biológicos e de conduta dos imigrantes: indígenas e caboclos ganhavam, assim, relevância no processo de constituição do homem nacional. Configurava-se, então, um quadro em que não se festejava a pureza racial, mas a homogeneidade que viria, justamente, do caldeamento das raças, uma mistura que formaria um homem novo, original que, no entanto, carregaria em si todos os povos do globo: “*O Brazil caldeará as raças em typo mais homogêneo. Preso pelos antepassados a todos os povos do Planeta, não terá estioladores preconceitos separatistas, a forte brutalidade dos Bárbaros para os vencidos [sic]*”⁶⁰³. De fato, a questão estava em refletir sobre o caráter que deveriam ter o país e seus habitantes, descobrir o que lhes era próprio, a sua missão. Era preciso encontrar o lugar do país entre as demais nações e isso só aconteceria na medida em que ele se fizesse único, em que suas peculiaridades fossem valorizadas:

*Para o europeu, europizar a America é condição primordial de assimilação fácil;
Para o americano, americanizar o europeu é condição inalienável á característica da civilização deste continente.
A função da América, em face da Humanidade futura, não pode ser a mesma da Europa em fase da sociedade contemporânea.
A missão da America é outra, outra a missão humaníssima da Nação Brasileira [sic].*⁶⁰⁴

Um Brasil moderno e soberano não resultaria da simples importação da civilização europeia e seus homens. Isso nos aponta o trecho que antecede, ao sinalizar que as características e a missão das nações americanas eram diferentes das do *Velho Mundo*. A constituição do novo passava, então, por uma ruptura com o passado português, colonial: era preciso estabelecer novos referências⁶⁰⁵. Marcar uma assimetria

⁶⁰³ Idem: 7.

⁶⁰⁴ Ibidem: Ibidem.

⁶⁰⁵ O sentimento de aversão ao português manifestou-se no país com a República. Alguns grupos identificavam na figura do português o atraso, o entrave ao desenvolvimento, uma cultura retrógrada, um elo com o passado colonial. Raul Pompéia, por exemplo, que era partidário desse pensamento, acreditava que as dificuldades de consolidação da República se devia a presença portuguesa na população e em setores importantes da política, da economia, da imprensa (CARVALHO, José Murilo. op.cit: 249). O anti-lusitanismo ressoava no país (inclusive em terras paranaenses, conforme viemos apontando) inserido

com o período colonial, apontando um interesse e um comprometimento com o futuro, significava também questionar a própria figura do português na composição étnica do brasileiro, conforme vinham fazendo os moços. O homem do futuro seria alguém novo, desvinculado dos colonizadores portugueses – “*homens sordidamente cobiçosos, que procuravam um pouco de ouro, pregando a religião de Christo com armas ensangüentadas [sic]*”⁶⁰⁶. Assim, romper com um passado de exploração e de homens pragmáticos, cheios de cobiça e interessados em enriquecimento fácil tornava-se vital. A questão estava, portanto, em incitar o novo, em não promover a continuidade.

Apesar de ser uma novidade no contexto paranaense a postura de rompimento com o passado português e, sobretudo, a cautela em relação à colonização européia e a positivação de índios e caboclos na composição étnica do homem nacional, existia um esforço, entre os intelectuais brasileiros do final do século XIX, de pensar o Brasil a partir de novas bases. Especialmente o seu passado, a sua história. Tendia-se a reinterpretar a história brasileira privilegiando o povo e a sua constituição étnica (racial), em detrimento do Estado⁶⁰⁷. Em alinhamento às projeções de um futuro que rompesse com dependências e explorações, o português sintetizava uma imagem que não mais agradava. “*O futuro não será luso-brasileiro, mas brasileiro: uma nação livre, soberana, autônoma, habitada por um povo novo com interesses e sentimentos singulares*”⁶⁰⁸. Além disso, da mesma forma que observamos acontecer entre os paranaenses, a influência de um pensamento cientificista – baseado em Comte, Darwin, Spencer, Taine – embasava a maneira como se concebia a história. Assim, a tematização do homem foi marcada por determinismos e pela noção de progresso.

Os moços paranaenses não constituíam, dessa forma, uma exceção ao rearticularem os elementos da história brasileira. Buscaram conferir coerência à explicação do que era e do que fora o país e o fizeram através de uma reavaliação da legitimidade de se habitar o Brasil e o Paraná. Uma legitimidade disputada por europeus, índios e caboclos. O presente em que tal articulação acontecia era o momento em que se vivia as expectativas de um Brasil moderno, encorajadas, sobremaneira, pela efetivação de um novo regime político, a República. A modernidade não se amoldava

em um movimento de busca de identidade para a nação. O rompimento com os elementos da cultura lusitana, ajudariam a conferir uma sensação de real independência. Ver: CARVALHO, José Murilo de. Brasil: Nações imaginadas. IN: *Pontos e Bordados*. op.cit: 233-268.

⁶⁰⁶ GONÇALVES DIAS. Apud: O selvagem brasileiro. IN: VELLOZO, Dario; PERNETTA, Julio. *Pelo Aborigene!* op.cit: 30.

⁶⁰⁷ Ver: REIS, José Carlos. *As identidades do Brasil: de Varnhagen a FHC*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1999: 89.

⁶⁰⁸ Idem: 17.

com a herança de um Brasil tradicional, português, colonial. No esforço por constituir o brasileiro, figuras como as do índio e do caboclo ganhavam novas dimensões: em artigos em prol dos indígenas escritos por componentes do grupo *Cenáculo*, os caboclos também ganharam defesa. Em alguns destes textos, fica explicitado que o caboclo se somaria ao indígena enquanto elemento constituinte de um Paraná autônomo, com homens novos e singulares.

Não é so pelo indígena independente que pugnamos; o Cenaculo também almeja ver, para logo, fecundamente aproveitada na civilização do Paiz toda essa enorme população sertaneja, – genuinamente nacional, – de dia a dia escurraçada pelo immigrante europeu, repellida dos centros mais civilizados; – porque o Governo não a tem sabido preparar para a grande lucta, há se descurado de civilizal-a, deixando-a vegetar pobremente, sem instrucção, sem escolas dirigidas por professores de merito, com a verdadeira intuição do ensino, – capazes de reagir contra a rotina estioladora [...] [sic]⁶⁰⁹

Em torno do caboclo estariam armados os mesmo empecilhos que dificultavam a inclusão do indígena: a presença do imigrante europeu ocupando maciçamente os espaços urbanos – lugar por excelência da civilização – e a falta de uma estrutura educacional que arrancasse a população sertaneja do estado de pobreza em que se encontrava. A passagem reafirma também que seria papel do governo zelar por aquela inclusão, afinal, tratava-se de construir a pátria soberana e autônoma, de constituir valores e referências para a nação. Era preciso incutir no caboclo (assim como no indígena), o sentido de coletividade e de pátria, a noção de que tinham uma missão a desempenhar em relação ao país: “*É indispensável fazel-o comprehender sua missão social, fazel-o prezar o passado, allial-o á conquista do futuro, dando-lhe a consciencia de sua vitalidade*”⁶¹⁰. A valorização de índios e caboclos aponta para um investimento no interior do país: ocupar e desenvolver essa região, adentrar o território e construir a grandeza da nação. Nos *sertões*, distantes dos grandes centros, um contingente populacional existia, perfeitamente apto a ser incorporado ao movimento de construção nacional. Homens e mulheres que, mesmo vivendo isolados, mostravam sua vocação à civilização através do trabalho:

⁶⁰⁹ O Problema. IN: VELLOZO, Dario; PERNETTA, Julio. *Pelo Aborigene!* op.cit: 44.

⁶¹⁰ Idem: 45. Caixa alta do original.

*Vós vereis, aqui e alli, nos sertões brasileiros, a solidariedade no trabalho: os velhos, os moços, mesmo as creanças e as mulheres, se reúnem marcham ao encontro da floresta virgem, e a chamma que corre e se enovela, abre o sulco em que o machado se esgarra, batendo e derrubando [sic].*⁶¹¹

Dario Vellozo, Julio Pernetta e Silveira Netto, ao acreditarem na capacidade de trabalho do caboclo, estão operando algo de novo no meio intelectual e político paranaense. Concebiam um Brasil mais miscigenado do que ‘puro’, mais sertanejo do que litorâneo. Distinguiam-se da opinião corrente no Paraná de que apenas a imigração européia poderia efetivar um tempo de progresso e civilização⁶¹². Destoavam dos seus conterrâneos também ao identificarem no indígena e no caboclo os formadores legítimos do cidadão paranaense, tipo trabalhador e comprometido com o progresso do seu Estado e do seu país. O repertório de discursos a respeito de imigrantes e autóctones que circulavam no Paraná foi sacudido pelos textos desses moços: fugindo à regra, não apenas incitavam a formação de um espaço de discussão, alimentada, justamente pelo dissenso, mas propunham uma nova *partilha do sensível*. Caboclos e indígenas,

⁶¹¹ Ibidem: 45. Salienta-se que a afirmação da inclinação de caboclos para o trabalho não era uma unanimidade no Paraná. A título de exemplo, a passagem que se segue refere-se a um relato de viagem pelo interior do Paraná feita pelo presidente de província Alfredo d’Escragnolle Taunay, em 1886. Para ele, o caboclo seria um entrave para o progresso e a civilização, devido a sua indisposição ao trabalho. “*O estrangeiro que viaja pela nossa principal artéria de comunicação, fica na verdade impressionado e pasmo ao completar os verdadeiros desertos que ela vai atravessando e se de vez em quando descobre alguma casinha, é uma palhoça, um rancho mais ou menos em ruínas, desequilibrado, todo furado, aberto aos quatro ventos, e debaixo do qual se abrigam a malandrice e a indolência; mulheres desgrenhadas a fumarem cigarrinhos o dia inteiro, homens deitados em esteiras ou espichados em redes a arranharem a viola, criancinhas cobertas de farrapos ou de todo nuas, com ventres intumescidos, um terreno mais ou menos sujo, defronte da choupana, cães e porcos em quantidade mas muito magros, algumas galinhas a cacarejarem por ali, tudo á espera da pequena porção de milho que foi plantado e dias de menos preguiça ou dos cachos de banana que ainda não ficaram de vez, isto é, que não começaram a amadurecer para logo serem comidos*”. TAUNAY, Alfredo d’Escragnolle. Pelos Verdes Campos (de Curitiba a Palmeira – 1886). IN: ABREU, Aluizio Ferreira de [et al]. *Campos e Pinheirais*. Curitiba: Fundação Cultural de Curitiba: 121. [coleção Farol do Saber].

⁶¹² A positivação do imigrante europeu, tido como laborioso e agente da civilização, tem presença constante nas fontes do período que estudamos. São postos em contra-ponto com caboclos e indígenas, que encarnariam a preguiça e a barbárie. A guisa de exemplo, algumas passagens que abordam o imigrante europeu: “*Os seus conterrâneos, que por certo os induziram a immigrar, e de preferencia procurar o nosso Estado, constituindo a nossa melhor colonisação, são homens trabalhadores, de indole pacifica e ordeira, e sobretudo obdientes ás leis [sic]*”. Secretaria d’Estado dos Negocios de Obras Publicas e Colonisação. Relatório apresentado ao Dr. José Pereira Santos Andrade, governador do Estado do Paraná pelo Engenheiro Civil Candido Ferreira de Abreu, secretario d’Estado dos Negocios de Obras Publicas e Colonisação em 31 de janeiro de 1899. Curityba, 1899: 06. “*Nenhuma duvida mais, em todos os pontos do paiz de que a immigração é uma das soluções para a grande questão economica que affecta actualmente o Estado e todas as provincias do Império. Alem de sua relevancia por este lado, sua importancia sobe de ponto considerada a immigração como factor ethnico de primeira ordem destinado a tonificar o organismo nacional abastardo por vicios de origem e pelo contacto que teve com a escravidão [sic]*”. Relatório que ao Exm. Snr. Ildfonso Pereira Correia, 2º vice presidente de provincia, apresentou o Exm. Snr. Dr. José Cesário de Miranda Ribeiro, por ocasião de passar-lhe a administração da Provincia do Paraná, em 30 de junho de 1888. Typ. da Gazeta Paranaense, 1888.

considerados brasileiros legítimos, tomariam parte na formação do povo paranaense. Partilhariam da prerrogativa da inclusão, através do trabalho, do sentimento cívico, do cultivo de valores coletivos.

Os moços, comprometidos que estavam em refletir a viabilidade de se construir um Paraná soberano, moderno e livre produziram um pensamento marcado pelo ensejo do novo. Afinal, para ver realizado o que desejavam, era preciso romper com certos elementos e vibrar em nova sintonia. Com o sonho da República, uma série de temas ganham espaço na pena desta mocidade, tais como, arte, trabalho, educação. Em todos esses casos, propunham uma nova maneira de partilhar a vida em comum, reformulando quem teria qualidades para participar de tal partilha. Os escritos sobre caboclos, indígenas, portugueses e demais colonizadores europeus (bem como o silêncio a respeito de negros e asiáticos, por exemplo) inserem-se neste contexto: recortavam quem participaria e como participaria da construção do Estado almejado. Assim, um Paraná *ideal* se configurava nas penas desta mocidade. Uma mocidade das letras que concebia que as palavras estivessem a serviço da ação e do futuro. A serviço do novo.

1.4 uma busca pelas origens: a literatura de Fernando Amaro e Julia da Costa

O Paraná ao qual se dedicou a pensar a mocidade de escritores paranaenses não se faria apenas com rompimentos e esquecimentos. Administrar um jogo de lembranças e esquecimentos costumeiramente é fecundo para constituir um sentido de unidade e de pertencimento a uma região. A história é, sem dúvida, relevante neste processo, o que não escapou à percepção dos moços. Assim, da mesma forma que investiram na legitimidade de caboclos e indígenas habitarem o Paraná, conferiram um passado, uma história para a cultura escrita no Paraná. Constituíram uma origem, um ponto de partida de uma trajetória que explicaria e daria sentido às suas próprias produções literárias; um passado que ajudaria a dar legitimidade e estabilidade ao interesse presente pelas letras.

Emiliano Pernetta, em um texto publicado em forma de carta ao amigo Dario Vellozo, remonta passagens e personagens que considerava relevantes para contar a história da literatura no Paraná⁶¹³. Essa história esbarrava, em partes, nas suas memórias e vivências: nas lembranças que tinha dos paranaenses que escreviam quando ele era

⁶¹³ PERNETTA, Emiliano. *Litteratura*. Revista Club Curitibano – orgam da associação. Instrução e Recreio. Revista mensal. Distribuição gratuita aos sócios. Director litterario: Dario Vellozo. Curityba, 03 de maio de 1900: CXXII-CXXV. Numero especial: O Parana no centenario do descobrimento do Brazil.

criança – “a geração que em minha infância eu conheci batalhando, d’armas na mão, foi a de Jose Moraes, Antonio de Camargo, Gabriel Pereira, Rocha Pombo e Lucio Pereira [sic]”⁶¹⁴. Ou ainda dos seus próprios colegas, parceiros de ofício, como Leôncio Correia, Emilio de Menezes, Nestor Victor, Nestor de Castro, Jayme Ballão, José de Santa Rita, Manoel Pernetta, os moços do *Cenáculo*. Alguns deles, salientava Emiliano Pernetta, estavam estabelecidos ou viveram uma temporada no Rio de Janeiro, o que indicaria a qualidade dos escritores paranaenses. No entanto, tal qualidade se revelaria, sobretudo, na maneira como os moços sustentavam a existência de uma vida cultural, de um meio literário no Estado.

Assim, no conjunto, o texto em questão positivava o *grau de adiantamento* em que se encontrariam as letras no Paraná, que não se empalideceriam diante de nenhum outro Estado da nação:

[...] o Paraná é um dos Estados que a litteratura floresce com mais verdura, com mais realzeza e graça [...]
Sejamos francos, Onde vive grupo d’artistas mais distinctos, e cuja tortura de toda a hora, é apenas febre de Perfeição? [sic]⁶¹⁵

Emiliano mostrava-se orgulhoso da literatura que se desenvolvia no Paraná, que acreditava ser um dos traços mais contundentes do progresso de um povo. Uma marca das mais significativas a ser deixada às futuras gerações.

Contudo, a história literária do Paraná não se encerraria no presente, nem nas lembranças de Emiliano Pernetta. Havia escritores que escapavam às vivências e memórias pessoais do autor do texto, mas que, no entanto, têm sua existência e importância registradas em sua carta a Dario. Conforme indica a seguinte passagem: “Os primeiros que fizeram de facto aqui, isso que se chama litteratura, meo charo Dario, foram, como sabes, Fernando Amaro e Julia da Costa, ambos representantes do lirismo lamarteano de 1840 [sic]”⁶¹⁶. A relevância atribuída aos dois escritores ligava-se ao seu pioneirismo: Fernando Amaro teria sido o primeiro poeta paranaense e Julia da Costa a primeira pessoa, nascida no Paraná, a publicar um livro. Portanto, tratava-se de figuras fundadoras de algo que os moços tentavam conferir à Província/Estado: literatura. Ou antes, um meio literário que favorecesse a palavra escrita rolar livremente. Para tanto, era necessário, além de recursos materiais e humanos que garantissem a

⁶¹⁴ Idem: CXXIII.

⁶¹⁵ Ibidem: CXXII.

⁶¹⁶ Ibidem: CXXIII.

efetivação e a circulação da palavra, instituir referências, elementos que ajudassem a inserir o trabalho dos moços em um universo mais amplo e complexo.

Contar uma história da literatura no Paraná significava, portanto, pinçar e organizar elementos dispersos, conferindo a eles uma estabilidade através de um alinhamento cronológico. Sobre Fernando Amaro e Julia da Costa muito pouco se sabia. Isto fica evidente em todas as referências que se pode encontrar a respeito deles, feitas pelos moços, na virada do século. Aqueles dois foram descobertos por esses moços: na última década do século XIX, Fernando Amaro e Julia da Costa, poetas que teriam vivido na primeira metade daquele século e caídos no esquecimento, são recuperados. A respeito de Fernando Amaro, coube à revista *O Cenáculo* fazer a primeira referência sobre poeta⁶¹⁷. Recuperados, ele e Julia da Costa passam a ser investidos de atribuições e importância impensáveis até então. O que estava esquecido é capturado para a história, inserido em uma cronologia. Ganha uma síntese histórica através da atribuição de um sentido lógico, de uma linearidade. Assim, os dois poeta são investidos do papel de fundadores da literatura no Paraná.

A respeito disto, Dario Vellozo sintetiza: “*indispensavel será ao critico consciencioso conhecer as primicias litterarias com que os sapadores do Verso, neste Estado, abriam caminho às legiões em que está reservado brilhante e confortavel futuro [sic]*”⁶¹⁸. *Conhecer as primícias literárias* e enunciá-las era uma maneira de iluminar e explicar o próprio tempo presente. Funcionando, assim, como um espelho em que ao se olhar para o passado enxerga-se o reflexo da própria imagem. Dito de outra maneira, o que se pinçava no passado eram imagens reconhecíveis no presente; imagens que proporcionassem um auto-reconhecimento. Nesse sentido, Julia da Costa e Fernando Amaro se mostravam familiares aos moços do final do século, que reconheciam na vida e obra deles parte de uma história a qual eles próprios se queriam fazer pertencentes. Uma história construída, instituída, ordenada no presente. E, por isso, completamente dependente dos esforços dos moços literatos.

“*E que seja bemdicto o artista que tomar a si a gloriosa tarefa de brindar a nossa litteratura com essas escavações históricas [sic]*”⁶¹⁹, lia-se em um artigo da

⁶¹⁷ Ver: *Dicionário histórico-biográfico do Paraná*. Curitiba: Chaim/Banco do Brasil, 1991: 466. [verbete *simbolismo*, revista, de Cassiana Lacerda Carollo].

⁶¹⁸ VELLOZO, Dario. *Esmerilhos – A litteratura no Parana*. Revista do Club Curitibano – orgam da associação. Instrução e Recreio. Revista quinzenal. Director litterario: Dario Vellozo. Redacção: Alberto José Gonçalves, João Ferreira Leite, Silveira Netto. Coritiba, 15 de abril de 1896. Anno VII. N.º 4. Pág. 7.

⁶¹⁹ DURVAL, Hilario. *Poetiza Paranaense*. O Sapo – Semanario litterario e humoristico. Redactores: Diversos. Curityba, 23 de abril de 1899. Anno II. N.º 17. Pág. 1.

revista *O Sapo*, o qual dava a dimensão da dificuldade de se ter informações a respeito de Fernando Amaro ou Julia da Costa. Vários dos moços arriscaram-se a escrever sobre aqueles dois poetas, mas todos limitavam-se a um restrito número de informações, dadas muitas vezes sem precisão ou certeza. Conforme fez Nestor Victor: “*Sobre Fernando Amaro, as informações que tenho são bem poucas, quase todas extraídas dos seus versos. Sei que ele era paranaense, que foi guarda-livros, que aqui esteve, e esteve em Morretes, em Curitiba, e que morreu moço ainda*”⁶²⁰. A respeito de Julia da Costa, as informações costumavam ser ainda mais precárias. O pouco que se sabia a seu respeito parece bem sintetizado em uma passagem de Dario Vellozo: “*a primeira obra litteraria, firmada por Paranaense, creio ser opúsculo de D. JULIA MARIA DA COSTA – Esta senhora, nascida em Paranaguá, escreveo as Flores Dispersas, publicadas em Santa Catharina, durante o anno de 1868 [sic]*”⁶²¹.

No entanto, contrastando com a escassez de conhecimento sobre os dois poetas, sobressaía-se a certeza unânime de que seriam figuras angulares das letras paranaenses. Percebe-se, então, que mais do que o conteúdo ou a qualidade dos versos que escreveram, o interesse por ambos foi desperto pela necessidade de se conferir um passado, uma história para a literatura e pela percepção da afinidade entre a escrita dos poetas em questão com a deles próprios, moços do final do século. Fernando Amaro e Julia da Costa teriam sido os primeiros a escrever literatura no Paraná. Neste reconhecimento, obtinha-se o ponto de partida para se instituir uma história da literatura que atestasse a existência de uma tradição da cultura escrita no Estado. Tal relação com o passado indica estar aí, na literatura, um laço com o passado que não deveria ser rompido. Mesmo que os moços estivessem voltados para o futuro, afirmassem que o seu trabalho nas letras estivesse comprometido com o devir, com um tempo de prosperidade, com a consolidação da República, buscavam raízes no passado que dessem estabilidade ao que construía no presente.

Marcar a existência de uma tradição literária era uma maneira de fortalecer as letras e a afirmação de que a literatura tinha boa morada entre os paranaenses e um futuro promissor. Dario Vellozo, inserido no ensejo de afirmar tal tradição, organizou

⁶²⁰ SANTOS, Nestor Victor dos. Apud: POMBO, José Francisco da Rocha. Pgresso Intelectual. Criação da Imprensa. IN: *O Paraná no Centenário (1500-1900)*. 2.^a ed. Rio de Janeiro/Curitiba: José Olympio/Secretaria da Cultura e do Esporte do Estado do Paraná, 1980: 102.

⁶²¹ VELLOZO, Dario. *Esmerolhos – A litteratura no Paraná: Primeira Epocha (1853-1870)*. Revista do Club Curitibano – Orgam da Associação. Instrução e Recreio. Revista quinzenal. Redacção: Alberto José Gonçalves, João Ferreira Leite, Silveira Netto. Director litterario: Dario Vellozo. Coritiba, 15 de junho de 1896. Anno VII. N.º 6. Pág. 1. Caixa alta do original.

uma periodização literária: dividiu a história da literatura paranaense em três momentos distintos. São eles, 1853-1870; 1870-1885; 1885-1895⁶²². Atrelava, portanto, a gênese literária à fundação da Província. Antes disso, “*anexado a S. Paulo, tinha apenas a vida vegetativa das comarcas longuiquas, quase inteiramente alheio á evolução litteraria da metrópole [sic]*”⁶²³. O surgimento e o estabelecimento de uma cultura letrada estariam vinculados à criação de uma estrutura provincial. Fernando Amaro e Julia da Costa representavam, justamente, este momento de formação da Província e de possibilidade de se fazer literatura. Ainda que, salienta-se, escreviam os seus poemas mesmo antes da emancipação da 5ª Comarca de São Paulo: Fernando Amaro, por exemplo, faleceu em 1857, quando a criação da Província iria ainda completar quatro anos. Ainda que tenha falecido cedo, aos 26 anos, é bastante provável que já fosse poeta antes de 1853.

Fernando Amaro e Julia da Costa foram instituídos os poetas dos primeiros tempos provinciais. Os poetas primeiros, que marcariam a origem. Uma origem que se confundia com a própria origem da Província. Neste sentido, a história da literatura cruzava-se com o processo de autonomia política: ambos se afirmavam conjuntamente. Afinal, conforme elucidado anteriormente, para os moços, a soberania de um território (país, Província, Estado) passava pelo seu desenvolvimento cultural. A literatura servia, assim, como indicativo do grau de estruturação do Estado. Por isso, não se deixava de capturar para as *páginas da história* tudo quanto fosse possível e preciso para se organizar uma história da literatura. *Flores Dispersas*, o livro de Julia da Costa, ganha destaque, como sendo o primeiro livro publicado por um paranaense, mesmo que isto tenha sido em Santa Catarina. Isto não arranhava a soberania paranaense. Ao contrário, pois o que se festejava era o acontecimento de tal publicação. O marco histórico da primeira obra literária, vinculada a um paranaense, a ir para o prelo. Assim,

O livro de Julia da Costa abre e encerra a primeira phase literaria do Paraná. São pois as Flores Dispersas precioso documento que atesta a influencia do lyrismo de Casimiro de Abreo nas lettras Paranaenses, – antes que as Espumas

⁶²² VELLOZO, Dario. *Esmerilhos – A litteratura no Parana*. Revista do Club Curitibano – Orgam da Associação. Instrução e Recreio. Revista quinzenal. Redacção: Alberto José Gonçalves, João Ferreira Leite, Silveira Netto. Director litterario: Dario Vellozo. Coritiba, 15 de abril de 1896. Anno VII. N.º 4. Pág. 7.

⁶²³ VELLOZO, Dario. *Esmerilhos – A litteratura no Paraná: Primeira Epocha (1853-1870)*. Revista do Club Curitibano – Orgam da Associação. Instrução e Recreio. Revista quinzenal. Redacção: Alberto José Gonçalves, João Ferreira Leite, Silveira Netto. Director litterario: Dario Vellozo. Coritiba, 15 de junho de 1896. Anno VII. N.º 6. Pág. 1.

*Fluctuantes, de Castro Alves assignalasse nova epocha em a Litteratura Brasileira [sic].*⁶²⁴

A construção de uma periodização literária implicou, inclusive, na sua aproximação com o que acontecia nas letras nacionais. Julia da Costa, bem como Fernando Amaro, representariam o romantismo lírico, ao estilo de Casimiro de Abreu. A tentativa de se criar elos com a literatura feita nos grandes centros, através da associação com as escolas literárias, fortalecia a produção local, pois colocava-a em pé de igualdade com as características de escritas literárias já estabelecidas e consagradas. Apontava ainda para o desejo de se estabelecer no Paraná uma literatura sintonizada com o que acontecia em outros meios, especialmente o europeu. Apesar de dever portar particularidades, que conferissem uma identidade própria à literatura produzida no Paraná, esta não poderia deixar de estar filiada a uma concepção e a uma tradição de literatura que extrapolassem as fronteiras do Estado. Assim, Dario Vellozo reconhece na poesia romântica de Julia da Costa, traços de outros poetas, um lirismo familiar. No entanto, confere à poetisa uma particularidade importante: seria a sua obra a primeira a marcar referências a respeito do Paraná. Pela primeira vez, um poeta paranaense tratava da sua terra em sua arte.

O Paraná não apenas produzia artistas, mas tornava-se motivo de arte, caracterizando o estabelecimento de uma relação entre o poeta e a terra paranaense. Talvez, pelo fato de os próprios moços se preocuparem em tratar o Paraná em suas escritas, eles valorizassem a relação que Julia da Costa estabelecera com sua terra natal em sua literatura. A poetisa efetiva esta relação através da afetividade: afastada do Paraná, realiza uma arte que canta a saudade da Província natal, bem ao gosto do romantismo. A coletânea de poesias que publicou em Santa Catarina, em 1868, era a obra que encarnava aquela ausência, aquela saudade: “*as Flores Dispersas, como toda a poesia lyrica, têm a nota passional e intima dos affectuosos nostalgicos pungidos de tristeza e saudade [sic]*”⁶²⁵. O Paraná surgia na pena de Julia da Costa: era a referência das lembranças afetivas, do tempo da infância, que se redimensionava ao serem inseridos na poética da arte romântica.

“*A uma poetisa se deve o primeiro hyno que revela encantadora feição da alma Paranaense [sic]*”⁶²⁶, analisa Dario Vellozo, valorizando o exemplar do livro que

⁶²⁴ Idem: 2.

⁶²⁵ Ibidem: 1.

⁶²⁶ Ibidem: Ibidem.

constituía a única referência que tinha da obra de Julia da Costa⁶²⁷. Dele, destaca alguns trechos de poemas, como *Minha Terra*, cujo mote era a saudade da infância e da terra natal: numa espécie de *Canção do Exílio*, Julia da Costa faz do Paraná sua pátria e expressa a nostalgia de se encontrar longe dela e a saudade de um tempo pretérito, que não voltaria mais.

Minha Terra

*Eu choro por meu berço mimoso,
Como o pobre proscrito por pão!
E sequer não ouvi neste mundo
Nem um brado de doce afeição.*

*E hoje ainda da patria me lembro
Com dórida saudade e pezar;
Quando a noite desdobra seo manto,
E é mais brando, mais lindo o luar⁶²⁸*

Dario propõe que Julia da Costa teria sido influenciada por alguns poetas. Cita Lamartine, Soares Passos e, especialmente, Casimiro de Abreu⁶²⁹. Preocupa-se em enunciar as características, os temas, os elementos que marcariam a obra da poetisa. Esboçava, assim, um quadro explicativo, que ajudava a encaixá-la nos padrões e referências já constituídos. Seus poemas, marcados pela languidez, nostalgia e singeleza, caracterizariam um *romantismo saudosista*. “*Julia da Costa é, por vezes, compassiva torturada da Ausencia, por vezes penitente ciliciada do Sonho* [sic]”⁶³⁰, definia Dario. Submeter a obra de Julia da Costa a uma crítica, inserindo-a em padrões explicativos, era uma forma de aproximá-la da inteligibilidade do cânone literário. E explorar as aproximações entre a obra da artista paranaense e a literatura que se

⁶²⁷ Dario Vellozo, no artigo em que se refere à importância de Julia da Costa para as letras paranaenses, confessa as limitações de informações que tinha a respeito da obra e da vida da poetisa: “*Apenas consegui um exemplar da 2ª série das Flores Dispersas. Não me foi possível obter nenhum da primeira; muito menos saber alguns dados bibliographicos que me podessem orientar no estudo da escriptora. Mui grato ficaria a quem proporcionasse alguns apontamentos, por onde podesse melhor eu interpretar a obra da distincta poetisa* [sic]”. Ibidem: Ibidem.

⁶²⁸ COSTA, Julia da. Apud Ibidem: Ibidem. Este é apenas um trecho do poema. Dario Vellozo também não o publica integralmente em seu artigo. Mariana Coelho, tratando de Julia da Costa, em seu *O Paraná Mental*, também afirma que uma das vertentes da poesia de Julia da Costa era cantar a saudade da sua Província natal, “*sonhar o regresso à pátria*”. A esse respeito, cita o seguinte trecho de uma poesia de Julia da Costa: “*E a brisa geme – Paraná – dizendo; / E os ecos tristes remurmuravam – lá – / Nota dorida de uma lira amiga / Ao meu ouvido silencia já.*”. Ver: Coelho, Mariana. *O Paraná Mental*. 2.ª ed. Curitiba: Imprensa Oficial do Estado do Paraná, 2002: 40. [coleção Brasil diferente].

⁶²⁹ Ibidem: Ibidem.

⁶³⁰ Ibidem: 2.

realizava nos principais centros do país e da Europa, legitimava a produção literária paranaense, pois que essa era uma forma de torná-la representativa.

A questão estava, então, em atribuir um lugar de excelência a Julia da Costa, bem como a Fernando Amaro, na história literária do Paraná, fortalecendo a representatividade das suas produções e a simbologia das suas existências. Surpreendentemente, isto se fez com um restrito conhecimento a respeito de ambos. Possivelmente por Julia da Costa ter vivido fora do Paraná, juntar informações a respeito dela era ainda mais difícil do que reunir as referentes a Fernando Amaro. De fato, as referências sobre este último não apenas são em maior quantidade, como mais freqüentes. Fernando Amaro recebeu, inclusive, uma homenagem da revista *Turrís Eburnea*, logo no seu primeiro número. Na edição, dedicada ao poeta, sua fotografia ocupa lugar central na folha de rosto, vindo acompanhada da seguinte explicação: “foi quem primeiro despertou, em terras paranaenses, a orientalesca enrythmia do Verso [sic]”⁶³¹. As folhas internas da publicação confirmam a importância atribuída a Fernando Amaro, como primeiro nome da literatura paranaense. Trazem *Versos a Armia*, que se tornou o mais famoso de seus poemas (Armia, um anagrama de Maria, a musa que inspirou boa parte de sua arte). A referida edição traz também um pequeno histórico de sua breve vida, no qual projetava em Fernando Amaro as expectativas presentes de que a arte seria o melhor de um tempo: “*Fernando Amaro celebrava as grandezas do Sonho nos violinos da Rima, plantando no seu tempo o mais glorioso marco do espirito de nossa terra [sic]*”⁶³².

A edição da revista marcava o aniversário de morte do poeta e indicava a existência de outras manifestações que celebravam a data:

*Alem da homenagem que ao glorioso vate prestamos nesta revista, Silveira Netto fez-lhe hoje, 16 de Novembro, no Instituto Histórico, brilhante e rara apoteose, desfolhando goivos d'amor sob o tumulo onde, ha 43 annos, dorme quem primeiro, em terra paranaense, orchestrou a ouverture do Sonho [sic].*⁶³³

Fernando Amaro ganhava, assim, visibilidade também através da oratória. O discurso de Silveira Netto sobre o poeta reforça o investimento que se fazia em torno da celebração

⁶³¹ Turrís Eburnea – revista de arte. Novembro de 1900. Anno I. N.º 1. Pág. 1.

⁶³² Idem: 2.

⁶³³ Ibidem: 16.

do nome de Fernando Amaro. É bem verdade que, acontecendo no *Instituto Histórico*, Silveira Netto falava, certamente, apenas para seus pares: uma intelectualidade que também comungava da certeza da importância de se festejar as letras e nomes como o de Fernando Amaro.

Contudo, tendo em conta todo o interesse literário ocorrido em Curitiba, percebe-se que a afirmação das letras e da literatura ocorria predominantemente no meio intelectual, que dava corpo às suas idéias, justamente, movimentando a palavra em artigos, discursos. Neste processo, Fernando Amaro recebe o papel de fundador da escrita literária no Paraná, o que, de tantas vezes repetido, torna-se inquestionável. Além de discursos e artigos em revistas, o nome do poeta aparece também em livros comprometidos em construir a memória do Estado, o que aumentava a esfera de alcance – e, talvez até de credibilidade – daqueles enunciados. Assim, Rocha Pombo, em seu *O Paraná no Centenário*, afirma a respeito de Fernando Amaro e os primeiros tempos provinciais: “*Incontestavelmente a primeira manifestação literária de valor sob aquele esplêndido céu. Só o seu nome enche aquele período*”⁶³⁴. Indo no mesmo sentido, Mariana Coelho, no capítulo de *O Paraná Mental* em que avalia o desenvolvimento literário do Paraná, registra:

*FERNANDO AMARO, o iniciador da poesia no Paraná;
falecido em 1857. Obras publicadas: Vibrações de
minh'alma.*⁶³⁵

Apesar de breve e simples, a passagem confere ao poeta um lugar único e emblemático na história literária do Paraná. Falecido em 1857, Fernando Amaro conheceu um Paraná com significativas diferenças em relação àquele em que viverá os moços. A começar pelo fato de que ele tenha vivido a maior parte da vida no tempo em que, aquilo que se tornará Paraná, era apenas a 5ª Comarca de São Paulo. Portanto, não era tocado pelas questões que identificamos entre a mocidade do final do século, tais como, a preocupação com o futuro e em fomentar a cultura paranaense, a valorização da história, as discussões em torno do homem paranaense. Ao que tudo indica, não teve a experiência de morar em Curitiba, a capital que a mocidade do final do século via se transformar rapidamente: Fernando Amaro, nascido em Paranaguá, passou sua vida na

⁶³⁴ POMBO, José Francisco da Rocha. *O Paraná no Centenário (1500-1900)*, op.cit: 104.

⁶³⁵ COELHO, Mariana. Literatura. IN: *O Paraná Mental*. 2.ª ed. Curitiba: Imprensa Oficial do Paraná, 2002: 32. [coleção Brasil Diferente].

região litorânea, especialmente em Morretes. De acordo com José Moraes, no tempo em que viveu nesta vila, sobrevivia do comércio e de um emprego público: “*era negociante a varejo, no Largo da Parada, e tinha casa de comissões. Era também secretário da Câmara Municipal desta Vila*”⁶³⁶.

Nota-se que, diferentemente dos moços do final do século, Fernando Amaro não tinha na atividade intelectual a espinha dorsal de sua ocupação e sustento. Aqueles, mesmo que não sobrevivessem propriamente da literatura, voltaram-se para atividades profissionais eminentemente intelectuais ou associadas à escrita: trabalhando nas redações dos periódicos, nos cargos públicos ou como professor, valiam-se da formação intelectual que adquiriram e do gosto pelas palavras. Suas vidas estavam, portanto, centradas na atividade intelectual e de escrita. Em se tratando de Fernando Amaro, seu ganha-pão (o trabalho no comércio) era absolutamente dissociado de sua atividade intelectual, como poeta. Mesmo o emprego na secretaria da Câmara Municipal de Morretes, marcava mais sua faculdade de escrever, do que propriamente sua veia intelectual: não tinha um cargo de decisão, no qual estivesse em suas mãos planejar, decidir e executar os rumos de determinada área de governo. Em um período em que o acesso às letras era restrito, cabia aos letrados ocuparem as colocações públicas. Afinal, a sustentação do aparato governamental dependia da escrita, de homens capazes de executá-la.

Isto se dava em toda a estrutura administrativa: sabemos que os cargos do executivo e do legislativo eram exercidos, nesta época, por filhos da elite, que voltavam formados de centros maiores do país ou da Europa. Era essa formação sofisticada de uma elite letrada que garantia e autorizava o governo da coisa pública. Da mesma forma, para cargos de menor poder, que participavam da sustentação da estrutura em questão, dependia-se também de homens que conhecessem a escrita. Fernando Amaro era mais do que apenas alfabetizado, era alguém que tinha domínio da língua, visto que era poeta. Sendo assim, representante de uma minoria letrada, Fernando Amaro preenchia a necessidade dos quadros de pessoal do governo. Por outro lado, salienta-se a peculiaridade de um poeta, como Fernando Amaro, em um tempo em que o acesso às

⁶³⁶ MORAES, José. Apud: POMBO, José Francisco da Rocha. *O Paraná no Centenário (1500-1900)*. op.cit: 103. Lembremos que José Moraes era uma referência para os moços do final do século, por ter sido um dos primeiros paranaenses a publicar um livro, *Semprevivas*, um volume de poesias, em 1874. Rocha Pombo cita um longo trecho em que José Moraes trata de Fernando Amaro: diz ter conhecido este poeta, que freqüentava a casa de seus pais e morreu quando ele, José Moraes, tinha em torno de 6 anos de idade.

letras era tão restrito. Os relatórios de governo dos primeiros tempos da Província mencionam as debilidades da estrutura educacional do período. Salvaguardadas todas as limitações do curso primário, não se contava com ensino secundário no Paraná⁶³⁷. Segundo Rocha Pombo, o próprio Fernando Amaro sentia essa situação: “*o poeta, em seus versos, queixa-se constantemente de não ter tido estudos, nem convívio que lhe fosse útil e diz que escreve por gosto não para passar por vate*”⁶³⁸.

Contrastando com esta situação, algumas décadas mais tarde, quando a educação estará mais estruturada, moços como Silveira Netto, Nestor Victor, Nestor de Castro, José Henrique de Santa Rita – oriundos, como Fernando Amaro, da região litorânea do Paraná – saem das suas localidades natais, geralmente em direção a Curitiba, para estudar e se imiscuem, cada vez mais, no universo das letras. Esta geração, à diferença do que se queixava Fernando Amaro, contava com o apóio de um meio literário que começava a se formar, graças à movimentação e ao interesse deles mesmos e de uma conjuntura favorável⁶³⁹. Fernando Amaro foi um poeta isolado, sem um meio literário que o amparasse e o incentivasse: não tinha, portanto, um ambiente que lhe proporcionasse discussão, circulação de idéias. Não tinha com quem trocar livros, não tinha acesso a bibliotecas ou livrarias. Não tinha um círculo de amigos com interesse pela literatura semelhante ao dele com os quais pudesse compartilhar a experiência literária, dividir o que lia e escrevia. Não contava com jornais ou revistas locais onde pudesse publicar suas produções: costumava publicá-las em um pequeno jornal de Santos⁶⁴⁰.

Destituído de um meio literário, Fernando Amaro se fez poeta em condições diversas das que se estabelecerão nas últimas décadas do século, ainda que tenham

⁶³⁷ No relatório da abertura da assembléia legislativa de 1854, lê-se: “*Exceptuando a cadeira de lingua latina e franceza existente em Paranaguá, não ha absolutamente na provincia ensino secundário. E todavia promulgou-se huma lei, creando nesta cidade em 1846 hum lycêo, que, em resultado, offerece-nos uma historia singular como poucas instituições semelhantes apresentam, porque das 4 cadeiras creadas, a de geographia nunca houve quem a quizesse, a de geometria foi preenchida, mas nunca exercida, a de philosophia racional e moral, preenchida, teve em hum anno 2 alumnos, e a de latim e francez pouco durou, porque reduzido por lei o respectivo vencimento, não pôde o professor continuar, tendo havido um período de tempo em que só elle existia no lyceo, de que era ao mesmo tempo director! [sic]”*. Relatório do presidente da provincia do Paraná, o conselheiro Zacarias de Góes e Vasconcellos, na abertura da Assembleia Legislativa Provincial em 15 de julho de 1854. Curitiba, Typ. Paranaense de Candido Martins Lopes, 1854. Págs. 20-21.

⁶³⁸ POMBO, José Francisco da Rocha. *O Paraná no Centenário (1500-1900)*. op.cit: 102.

⁶³⁹ Refiro-me, especialmente, ao próprio curso secundário, que contribuía para reunir a mocidade interessada na escrita e na literatura. Além de outros ambientes – especificados nos capítulos anteriores, principalmente no primeiro – organizados, em geral, pelos próprios moços, que também serviam para reuni-los em torno das letras.

⁶⁴⁰ MORAES, José. Apud: POMBO, José Francisco da Rocha. *O Paraná no Centenário (1500-1900)*. op.cit: 103.

experimentado todos a mesma ordem de dificuldades: de acesso a livros, de publicar o que escreviam. José Moraes menciona que os livros que Fernando Amaro possuía – “*um Parnaso Lusitano, uma Mitologia, uma Arte poética, um Livro dos amores, 2 revistas mensais (Acaiaba), 1 livro de ciências, 5 livros escritos, contendo obras do finado. O lote composto de um volume de poesias (Pulsações de minha alma) e de um drama em 4 atos*”⁶⁴¹ – juntamente com um quadro, *Triunfo dos Agredidos*, fizeram parte do seu espólio. Caracterizando, assim, um tempo em que os livros eram tão raros naquelas paragens, que constituíam verdadeiros bens. A respeito dos escritos de Fernando Amaro, José Moraes acrescenta:

*Muitos anos depois [do seu falecimento], achou-se nessa casa [de Vicente Loyola, amigo íntimo de Fernando Amaro, onde se dera o seu falecimento], em um caixote aberto, entre papéis velhos e sem valor, três manuscritos seus, sendo dois cadernos de versos e um caderno contendo um começo de drama. Tive os três cadernos em meu poder, durante muito tempo, e hoje estão na Biblioteca Pública desta capital (Curitiba) para onde os mandei no fim da administração Taunay.*⁶⁴²

Na medida em que Fernando Amaro é trazido para a cronologia da história, que tem reconhecida a sua importância na trajetória literária paranaense, sua produção artística também ganha lugar especial: torna-se verdadeiro patrimônio cultural do Paraná. Por isso, os manuscritos, que permaneceram anos esquecidos em um caixote e depois sob a guarda de José Moraes, tornam-se um bem público, devendo ser guardados, portanto, na *Biblioteca Pública*. Arrematava-se, então, um processo de reconhecimento de Fernando Amaro como escritor. Escritor paranaense.

Um reconhecimento que só fez sentido, conforme viemos defendendo, na medida em que a própria literatura era valorizada. Em vida, Fernando Amaro não gozou de tamanha evidência: não encontramos, por exemplo, referências a ele ou escritos seus nos poucos periódicos da época. Muito embora, o *Dezenove de Dezembro* não tenha deixado de publicar uma nota de falecimento que informava que o poeta e comerciante residente em Morretes, de apenas 25 anos, fora vitimado de uma congestão cerebral, no domingo, 15 de novembro de 1857⁶⁴³. No mais, conforme é comum em falecimentos, diz-se que se tratava de um homem caridoso, que muito sofreu e pouco gozou a vida.

⁶⁴¹ Idem: *Ibidem*.

⁶⁴² *Ibidem*: *Ibidem*.

⁶⁴³ *Necrologia*. Dezenove de dezembro. Sabbado, 21 de novembro de 1857. Anno IV. N.º 60. Pág. 3.

Que era um cidadão devotado à sua pátria. Seguidor de Gonçalves Dias e Gonçalves de Magalhães na poesia e devedor do Comendador Alves de Araújo na carreira comercial⁶⁴⁴. Sua morte não mereceu maior destaque que a de qualquer outro cidadão paranaense: a notificação foi feita em uma coluna fixa do periódico, *necrologia*, que anunciava os falecimentos da semana. Localizada na terceira página da publicação, em letras miúdas e sem qualquer realce para o nome do falecido, a nota referente à morte de Fernando Amaro poderia até passar despercebida aos leitores mais desatentos.

Contraste marcante com a importânciã conferida aos falecimentos dos escritores da virada do século. Para estes, grande destaque foi dado pela imprensa que anunciava, em letras garrafais, nas primeiras páginas de suas edições, o infausto acontecimento, que costumava figurar em vários números consecutivos⁶⁴⁵. Evidenciava-se e lamentava-se, nestas ocasiões, perdas de personalidades tão significativas das letras paranaenses. Para além das páginas dos jornais, os falecimentos ganhavam visibilidade em festejos e cerimônias que confirmariam a ênfase atribuída aos nomes destes escritores: o funeral de Dario Vellozo, por exemplo, falecido oitenta anos depois de Fernando Amaro, em setembro de 1937, contou com cortejo pelos bairros de Curitiba. A morte súbita e inesperada de Emiliano Pernetta, em janeiro de 1921, noticiada, inclusive, na imprensa carioca, causou verdadeira comoção na capital paranaense. No funeral, recebeu honrarias que denotavam sua importância em vida: o corpo partiu em cortejo da rua XV de Novembro em direção ao cemitério municipal, acompanhado por oficiais do exército, autoridades civis e de governo, intelectuais, estudantes do *Ginásio Paranaense*, operários e demais homens do povo. Diante do túmulo, discursaram intelectuais representando órgãos de imprensa, do ensino e instituições ligadas às letras (a exemplo do *Centro de Letras do Paraná*), como Jaime Ballão Junior, Dario Vellozo, Azevedo Macedo e Heitor Stockler⁶⁴⁶. Acrescido a isto, inúmeras outras homenagens foram prestadas ao poeta, ao longo do ano de sua morte⁶⁴⁷.

⁶⁴⁴ Idem: *Ibidem*.

⁶⁴⁵ Ver os números dos jornais *Diário da Tarde*, *Commercio do Paraná*, *Correio do Paraná*, *O Dia*, *Gazeta do Povo* que circularam no Paraná entre as décadas de 1920 e 1940, período em que se concentram os falecimentos dos escritores que estudamos nesta tese.

⁶⁴⁶ Sobre o funeral de Emiliano Pernetta, ver: *Dr. Emiliano Pernetta*. *Diário da Tarde* – Folha de maior circulação do Paraná. Director: Generoso Borges. Sexta-feira, 21 de janeiro de 1921. Anno XXII. N.º 6806. Pág. 2.

⁶⁴⁷ “No trigésimo dia de seu falecimento, realizou-se no salão de conferências do *Jornal do Comércio*, no Rio de Janeiro, uma sessão em homenagem presidida por Alberto de Oliveira, laudado por Jackson de Figueiredo, Rodrigo Octavio, Xavier Marques, Goulard de Andrade, Nestor Victor, Rocha Pombo e Moyses Marcondes. Neste ano seus amigos publicaram **Em honra do poeta**, publicação que contém

Nas ocasiões da morte de Emiliano Pernetta e Dario Vellozo – lembremos que se tratava de poetas residentes em Curitiba –, eles eram considerados escritores representativos, expressões vivas de que o Paraná era capaz de produzir arte. Por isso, eram figuras certas nos grandes acontecimentos da cidade, eram convidados a discursar em inaugurações ou festas cívicas. Ocasões onde reforçavam o bom traquejo com as palavras, além de positivarem as próprias imagens e a de um Paraná que se desenvolvia francamente. Neste sentido, a projeção que tinham em vida refletia-se nos seus rituais fúnebres. E estes contribuiriam ainda para ajudar a perpetuar seus nomes, pois que para manter a sustentabilidade do meio literário era importante manter as suas memórias. Ou seja, precisavam continuar sendo reconhecidos como importantes e representativos mesmo depois de mortos.

Nestes exercícios de perpetuação da memória destes escritores, ressalta-se a afirmação e a apropriação – inclusive dos corpos – daqueles que viveram e morreram longe do Paraná. Estes, não receberam funerais tão pomposos quanto aqueles que faleceram no Estado natal, contudo o ritual de seus enterros não deixou de marcar que se tratava de nomes significativos das letras: Nestor Victor, por exemplo, teve o poeta baiano Astério de Campos como orador no seu funeral⁶⁴⁸. Na medida em que se personificava nos escritores a afirmação literária, requeria-se celebrações em torno dos nomes considerados decisivos no processo de fortalecimento das letras. Assim, seguindo a mesma lógica dos investimentos feitos nos funerais de Emiliano Pernetta e Dario Vellozo, os restos mortais de Rocha Pombo, falecido na capital federal em 1933, foram trasladados para o Paraná e depositados em uma praça em Morretes (que a partir de então, passou a se chamar praça Rocha Pombo), cidade natal do escritor, em 1940⁶⁴⁹. Silveira Netto, também falecido no Rio de Janeiro, em 1942, teve seus despojos transferidos para Morretes, onde nascera, em 1967. Na mesma ocasião, uma

todas as notícias e informações relativas a seu falecimento. Trinta dias após sua morte intelectuais paranaenses e cariocas prestam uma homenagem ao poeta". CAROLLO, Cassiana Lacerda. Emiliano Pernetta: da fuga e dissipação à busca do absoluto. IN: Pernetta, Emiliano. *Ilusão & outros poemas*. Curitiba: Prefeitura Municipal de Curitiba, 1996: xLiii. [coleção Farol do Saber]

⁶⁴⁸ Ver: CAROLLO, Cassiana Lacerda. Nestor Vítor: um olhar crítico sobre o Paraná. IN: SANTOS, Nestor Vítor dos. *A Terra do Futuro: impressões do Paraná*. Curitiba: Prefeitura Municipal de Curitiba, 1996: xxvii. [coleção Farol do Saber].

⁶⁴⁹ Ver: CAROLLO, Cassiana Lacerda. No hospício: entre a estufa e a utopia social. IN: Pombo, José Francisco da Rocha. *No hospício*. Curitiba: Prefeitura Municipal de Curitiba, 1996: 39. [coleção Farol do Saber]

escola de curso Normal da cidade, passou a ter o nome do escritor⁶⁵⁰. No entanto, Julia da Costa, que provavelmente também faleceu longe do Paraná, não recebeu os mesmos cuidados: nem ao menos se sabe onde ela está enterrada.

Nestes distanciamentos de tempo e de atitude, evidencia-se a irrupção de uma nova relação com a cultura escrita, especialmente com a escrita literária. As últimas décadas do século XIX foram marcadas por mudanças na relação com a palavra escrita, que ganha ênfase e importância em um novo círculo: o literário. A valorização da literatura implicou, por extensão, na valorização dos escritores. Daí, considerar-se que os despojos mortais de Rocha Pombo e Silveira Netto devessem ser transferidos para suas cidades de origem: identificando seus corpos com suas produções, contribuía-se para a construção e a perpetuação de uma memória literária para o Paraná. Ou ainda dar-se tamanha evidência para aos funerais de Emiliano Pernetta ou Dario Vellozo: através da morte celebra-se vidas, vidas vinculadas à constituição de um meio literário e a propagação de suportes da escrita. Celebrações impensáveis na ocasião da morte de Fernando Amaro ou Julia da Costa e que propõem como a relação com os escritores espelhava um Paraná que se construía e construía a sua imagem, atrelada à positivação cultural e intelectual do Estado e de sua gente.

2. *Histórias Paranaenses (tradição, ficção e cultura popular)*

Janeiro de 1896. Dario Vellozo assina uma nota ao público, introdutória às edições da revista *O Cenaculo* daquele ano, onde lê-se:

Queremos o auxilio e apoio dos que labutam valorosamente para que o Paraná se não conserve alheio ao movimento scientifico-litterario do Brazil, para que o Paraná tenha litteratura, para que o Paraná reaja contra a fratecida inercia do Indifferentismo sem nervos, concorrendo com robustos elementos para a autonomia da Patria, reagindo contra o derrocar de nossas tradições, contra o cosmopolitismo que nos avassala, que nos corrompe, que nos submerge, esmaga e destroe [sic].⁶⁵¹

⁶⁵⁰ CAROLLO, Cassiana Lacerda. Luar de inverno de Silveira Neto – expressão do Decadismo. IN: Silveira Neto, Manoel Azevedo da. *Luar de inverno*. Curitiba: Prefeitura Municipal de Curitiba, 1996: 18. [coleção Farol do Saber]

⁶⁵¹ VELLOZO, Dario. *O Cenaculo*. Revista O Cenaculo. Anno 2. Tomo 2. Pág. 5.

A novidade trazida no trecho que antecede está na afirmação da necessidade de se preservar as tradições e se resguardar do cosmopolitismo, como condições fundamentais para se construir a autonomia pátria e paranaense. Concomitante ao esforço por se incrementar o movimento científico-literário que crescia nacionalmente, Dario Vellozo alerta sobre a importância de não deixar desaparecer elementos tradicionais da cultura paranaense, frente a uma avalanche de novidades, conceitos e valores cosmopolitas que ganhavam o Ocidente. Entrechocava-se, então, o local e o universal, o cosmopolita e o regional na configuração do Paraná, da sua identidade, do seu caráter. Havia, certamente, um esforço por filiá-lo a uma tradição cultural ocidental, de matriz européia, que pode ser caracterizada pela boa acolhida que os filósofos e poetas do *Velho Mundo* tinham entre os moços paranaenses. O que, aliás, era uma marca da intelectualidade brasileira de então. Contudo, o que Dario Vellozo propõe é que o Estado moderno, forte e autônomo que se desejava não se faria sem o respeito e a valorização de elementos tipicamente locais, ligados à história e às tradições do Paraná e sua gente.

Dario Vellozo não era uma voz solitária. Como ele, vários outros moços que lhe eram contemporâneos identificaram que certos elementos da cultura paranaense vinham se desenraizando, estando ameaçados a desaparecer completamente diante do avanço implacável da modernidade. Um impasse desenhava-se aí: a tão acalentada modernidade que arrancaria o Paraná do atraso e da pobreza, inserindo-o no movimento frenético do progresso, tinha a sua faceta perigosa e ameaçadora. No final do século XIX, os moços percebem que as grandes transformações pelas quais o Estado vinha passando, manifestadas, especialmente, nas mudanças urbanas de sua capital – onde moravam Dario Vellozo e boa parte dos demais – propunham um paradigma e um ritmo de vida incompatíveis com a realidade da maior parte dos paranaenses. E, desfazer-se desta realidade, de elementos típicos e manifestações culturais brotadas naquelas terras sulinas, significaria perder aquilo que fazia do Paraná e dos paranaenses únicos, autênticos. O interesse pelo que se refere ao popular propõe que a participação de grupos que escapavam do nicho de erudição característico da mocidade que viemos estudando era imprescindível à formulação da cultura paranaense.

Para Nestor de Castro, “*A evolução dos costumes brasileiros, nestes dez annos de Republica, tem desviado muito a pratica das antigas usanças nacionaes da sua*

verdadeira linha tradicional [sic]”⁶⁵². Ele, bem como outros moços, percebem que seriam nas regiões distantes da capital que estariam preservados os elementos tradicionais, que não se contaminavam com os ventos cosmopolitas que sopravam em Curitiba. Por isso, produziram uma arte que focalizava o interior e seu habitante: em contos ou romances aparecem figuras e localidades que nada tinham a ver com o burburinho frenético que se instalava em Curitiba. Valorizava-se, então, justamente aquilo que a modernidade corroía: em uma Curitiba que se modernizava rapidamente, apontada para o futuro e para a afirmação do progresso, o passado e a tradição ganhavam visibilidade através da pena de seus moços escritores. Rocha Pombo caracteriza bem a questão em uma obra sobre a história do Paraná escrita na virada do século. Em um capítulo denominado *A nossa poesia popular. Festas tradicionais*, dedica-se integralmente a caracterizar e lamentar o crescente desaparecimento das festividades, das canções e do ritmo popular. Desapareciam uma cultura, um modo de vida, conforme marca a preocupação do escritor morretense:

*Hoje, não mais se canta como se cantava nos bairros e nos sítios tanto da marinha como do interior. A vida dos centros, o bulício das cidades foi contrafazendo a primitiva simplicidade dos costumes e usos populares. Baniu-se o que havia de mais poético entre a população dos campos. As próprias festas religiosas, em que a fantasia rústica e ingênua credulidade do nosso povo criavam as cerimônia mais bizarras, essas mesmas foram quase todas esquecidas.*⁶⁵³

Eram essas festas religiosas referidas por Rocha Pombo (ou mesmo as profanas que, segundo ele, sempre davam prosseguimento àquelas primeiras), que encarnariam com maior propriedade o espírito simples e poético da gente paranaense. Elas eram ocasiões para o caboclo manifestar aquilo que lhe era próprio: os doces típicos, as cantorias, as modas de viola, o fandango, a porfia, os terços rezados conjuntamente. Através delas, manifestava-se a alegria de estar vivo. Ou, antes disso, representavam o consolo, uma espécie de trégua das dificuldades da vida:

⁶⁵² CASTRO, Nestor de. *A poesia popular paranaense*. Revista do Club Curitibano – orgam da associação. Instrução e Recreio. Distribuição gratuita aos sócios. Director litterario: Dario Vellozo. Curityba, 3 de maio de 1900: LXVII. Numero especial: O Parana no centenário do descobrimento do Brazil.

⁶⁵³ POMBO, José Francisco da Rocha. *A nossa poesia popular. Festas tradicionais*. IN: *O Paraná no Centenário (1500-1900)*. op.cit: 106.

*Podiam andar penando as tristes almas... podia ser dolorosa a existência... na humildade e no trabalho: quando na devesa próxima ou na primeira curva do caminho, a BANDEIRA DO DIVINO aparecia iluminando os corações, o castigo se acabava; os semblantes transfiguravam-se, como se aquela visita andasse a compensar à mísera criatura os sofrimentos daquela vida*⁶⁵⁴.

No entanto, “*hoje, não há mais FOLIA DO DIVINO*”⁶⁵⁵, lamentava. Assim como estariam em decadência a *feira do Rocío* e a do *Senhor do Iguape*, que costumavam juntar, segundo Rocha Pombo, verdadeiras multidões vindas de todas as partes, inclusive de fora da Província, em Paranaguá, para saldar os santos protetores do mar e dos marinheiros⁶⁵⁶. Da mesma forma, a *feira da Nossa Senhora do Pilar*, em Antonina, de *Nossa Senhora do Porto*, do *Espírito Santo* e de *São Benedito*, em Morretes não davam mostras do que já haviam sido⁶⁵⁷. Em Morretes acontecia também a *feira do Senhor do Cardoso*: Cardoso era um sítio nos arredores da cidade, onde afluía gente para rezar o terço⁶⁵⁸. Havia um tempo, dizia, em que as festividades da *Semana Santa* em Castro atraía gente desde os Campos Gerais até Curitiba. Castro era também o lugar da *feira da Conceição*⁶⁵⁹. Em Curitiba, havia a *feira do Cabral*, ocasião de se render terços a *São Francisco*⁶⁶⁰. No mesmo movimento, as várias irmandades espalhadas especialmente nas regiões litorâneas – a de *São Benedito*, por exemplo, existiria deste 1787 – vinham desaparecendo⁶⁶¹.

Neste inventário, que exprime a preocupação pela maneira como vinha se descaracterizando o modo de vida típico da gente paranaense, sobressaía-se a ênfase que a afirmação da cultura popular ganhava no contexto do final do século em questão. Os moços se valem de suas penas para fixar modos de vida e manifestações culturais ameaçadas de desaparecimento e a positivavam como a encarnação daquilo que era genuinamente nacional, a maneira de combater a invasão do estrangeirismo. Nas palavras de Julio Pernetta:

⁶⁵⁴ Idem: Ibidem. Caixa alto do original

⁶⁵⁵ Ibidem: Ibidem. Caixa alto do original.

⁶⁵⁶ Ibidem: 112.

⁶⁵⁷ Ibidem: 113.

⁶⁵⁸ Ibidem: Ibidem.

⁶⁵⁹ Ibidem: Ibidem.

⁶⁶⁰ Ibidem: Ibidem.

⁶⁶¹ Ibidem: Ibidem.

Recordar as nossas lendas e tradições populares, meos senhores, que vão soturnamente desaparecendo amortalhadas pela indiferença criminosa e pelo convencionalismo pedante, producto das civilizações importadas, é exaltar velhos costumes, verdadeiramente brasileiros, ainda não maculados pelo importuno bafejo das manufaturas estrangeiras ; é folhear pagina por pagina o sacratismo missal de ouro em que a Patria escreveo os primeiros capitulos de sua historia [sic].⁶⁶²

O interesse pela gente simples do Paraná e pelas suas manifestações culturais típicas estava implicado à já conhecida preocupação dos moços em caracterizar a Província/Estado, identificando e promovendo os elementos que contribuiriam para o seu fortalecimento. Nesse sentido, a positivação do caboclo juntava-se à valorização das artes, da República, da educação, do trabalho e evidenciava o desejo de se construir um Paraná forte, autêntico e autônomo; ligava-se à discussão, previamente iniciada, do caráter do Paraná, especialmente do seu habitante: assim como o indígena ganhava espaço no pensamento e nos escritos dos moços, insurgindo como um legítimo habitante das terras paranaenses, o caboclo recebe tratamento semelhante. Nota-se que tanto um quanto outro – indígenas e caboclos – são construídos (e positivados) em contraposição ao europeu. “*A nossa preocupação em assimilar os occidentaes fez-nos perder bem cedo a accentuação tão suave e brilhante dos nossos costumes primitivos*”⁶⁶³, pondera Romário Martins. Julio Pernetta é categórico em indicar que a questão armava-se em torno da investigação sobre a história e as raças que compunham o Estado, que permitiriam conhecer o caráter e as características da gente paranaense. Assim,

É nesse missal [de páginas dos primeiros capítulos da história Pátria], que recebemos um dia das mãos tremulas dos nossos Paes, como reliquia a mais santa, que vamos conhecer os elementos que contribuíram para a formação da nossa nacionalidade, as causas que actuaram obstando o nosso desenvolvimento intelectual, o papel que representam as três raças que formaram a nossa nacionalidade, a origem das nossas lendas, costumes, tradições [sic].⁶⁶⁴

Observa-se que, somando-se ao estudo das raças e da história, a preocupação com a formação da nacionalidade englobava elementos como lendas, costumes e

⁶⁶² PERNETTA, Julio. Apud: CASTRO, Nestor de. *Bento Cego*. Corityba: Typ. a vapor – Impressora Paranaense Correia &C, 1902: 87.

⁶⁶³ MARTINS, Romário. Apud: Idem: 88.

⁶⁶⁴ PERNETTA, Julio. Apud: Ibidem: Ibidem.

tradições. O Paraná não se constituiria, assim, apenas com o fortalecimento do que concernia à política, à economia, às artes ou à educação: sua autenticidade e força residiam, em boa medida, nas tramas de uma vida rústica levada por muitos de seus habitantes. Ou, talvez seja mais correto colocar, conservando-se as tradições dos costumes e das lendas características desses homens, ameaçadas de desaparecer ante a modernização dos meios de vida. Salienta-se, no entanto, que o interesse e, sobretudo, o tratamento dado ao caboclo e à cultura popular, demonstrados pela mocidade que indicamos, representa um desvio em relação ao pensamento dominante no Paraná: é apenas nos escritos desses moços que encontramos registros que positivavam a gente simples do Paraná e a vida pacata e despreziosa vivida longe dos centros urbanos. De fato, ainda que as questões relativas ao homem, à definição do caráter do paranaense estivessem na ordem do dia para todos aqueles preocupados em pensar o Paraná – como políticos, por exemplo –, o que se encontra comumente são registros que primam por desconsiderar o universo de tradições, costumes e lendas do caboclo e tê-lo como alguém sujo, preguiçoso e cheio de vícios, impróprio, portanto, para conferir ao Paraná o futuro que se desejava.

Entre os moços do meio intelectual que pesquisamos, a preocupação com a história, o passado, a tradição, investida, especialmente, no interesse pelo que dizia respeito à vida e à cultura do caboclo do Paraná, ganhou sentido de verdadeira missão. Sentiram-se responsáveis por arregimentar conhecimento e recolher informações a respeito de tudo que dissesse respeito às festividades, às músicas, às crenças, às lendas, aos costumes, aos hábitos, à religiosidade daquele homem, antes que seu modo de vida desaparecesse definitivamente. *“Eis uma tarefa [...] que anda à espera de um obreiro: a de recolher nos nossos povoados os produtos mais característicos da nossa musa popular”*⁶⁶⁵, proclamava Rocha Pombo. Citamos anteriormente o inventário de antigas festas por ele arroladas e que desapareciam ou se descaracterizavam: este registro é, por si só, um exemplo do esforço para guardar a memória de tradições que se fragmentavam. As comodidades da vida moderna interferiam no ritmo e no andamento de antigos hábitos, desestruturando tradições: em determinadas localidades onde as romarias costumavam chegar a pé para as festas, já se contava com o trem ou o bonde facilitando as comunicações⁶⁶⁶.

⁶⁶⁵ POMBO, José Francisco da Rocha. A nossa poesia popular. Festas tradicionais. op.cit: 111.

⁶⁶⁶ Idem: 112.

Neste novo contexto, em que a modernidade batia à porta, ameaçando entrar despudoradamente, o modo de vida característico do caboclo – que costumava ser rechaçado, ou pelo menos, não ganhar ênfase – passa a ser valorizado. Caberia, então, aos homens das letras, no exercício dessa valorização, a tarefa de registrar sobre a vida daquele homem. A respeito disso, Rocha Pombo menciona a necessidade de se deixar para as futuras gerações de pesquisadores materiais que garantissem a perpetuação da memória e da tradição de tais homens:

*Como Teófilo Braga em Portugal e como Sílvio Romero entre nós, bem se podia ainda no Paraná arquivar em volumes grande quantidade de material endereçado ao futuro investigador do espírito anônimo da raça. E bastante valioso havia de ser semelhante trabalho, porque revelaria, nas tradições que subsistem, toda a excelência do antigo gênio que esplendeu, espontâneo e exuberante, sob o sereno céu lá do Sul.*⁶⁶⁷

Vivia-se, portanto, – não apenas em terras paranaenses – um momento de se refletir sobre a pátria, sobretudo a partir do que dizia respeito à cultura, à tradição, aos costumes de seus homens. A valorização desses elementos implicou em uma significativa produção escrita que primava por abordar o homem nacional inserido em seu meio e evidenciando suas manifestações culturais. No Paraná, não foi diferente. Conforme sugestão de Rocha Pombo, surgiram registros preocupados em dar testemunhos de vivências populares que desapareciam. Disto se tratará o trecho que se segue: a partir do romance *Bento Cego* de Nestor de Castro e de um conjunto de contos de Julio Pernetta que costumavam carregar o subtítulo *Costumes Paranaenses*, refletir-se-á as relações dos homens letrados e da estruturação de uma cultura escrita no Paraná com a cultura popular. De que forma esta insurgiu como categoria a ser pensada e como participou do universo das letras. Como respondia a necessidade de elaboração de um sentido e de uma história para o Paraná.

A literatura mostrava-se, assim, como instrumento de ação política. Através de textos literários, Nestor de Castro e Julio Pernetta dão visibilidade ao caboclo, valorizando aspectos relativos a sua religiosidade, oralidade, crenças, trabalho. É certamente relevante o fato deste homem ter emergido como preocupação e matéria de escrita para a mocidade que estudamos, dentre tantos outros possíveis. A afirmação da cultura popular, através do caboclo, eclipsa a existência de outros homens, como

⁶⁶⁷ *Ibidem*: 106.

imigrantes, negros e mesmo indígenas. Apesar deste último gozar de semelhante simpatia e visibilidade em outro conjunto de textos, já abordados previamente. A discussão em torno do homem insere-se, certamente, em uma esfera mais ampla, de construção do que seria o Paraná. Todavia, há questões propriamente literárias em jogo: a reflexão sobre o homem estava na pauta dos simbolistas. A condição humana, sua existência, sua dignidade, sua sobrevivência moviam a reflexão e a escrita dos poetas desta tendência, e se fez presente no tratamento dado ao caboclo nos textos que abordaremos em seguida.

Através da literatura, moços manifestavam tanto a sua preocupação com o humano, quanto se colocavam a tarefa de pensar uma originalidade para o Paraná. Os textos sobre o caboclo manifestam isto com propriedade. A literatura estruturava-se engajada às questões que diziam respeito ao Paraná, pois que a mocidade tinha a sua produção enraizada nas problemáticas paranaenses. Neste quadro, produzir escritos sobre a tradição e a cultura popular fazia parte do mesmo movimento de estruturação da história da literatura: da mesma forma como se recuperou a memória de figuras como Fernando Amaro e Julia da Costa, outros personagens (reais ou fictícios), que sintetizavam a cultura popular, também ganharam espaço na pena desta geração. Buscar um passado, instituir uma memória, transformar isto em história: era essa a tarefa da literatura. E os literatos paranaenses instituíram a memória e a história da sua terra valendo-se amplamente da tradição. Pois história e tradição equivaliam-se neste contexto: ambas eram concebidas como proteção contra o caráter destrutivo do tempo e da morte. Todas essas questões pontuarão as análises que se seguem: a partir da afirmação da cultura popular, colocar-se-á em questão a evidência atribuída ao passado, ao homem nacional além da própria literatura e do ensejo de escrita dos moços.

2.1 *a poesia popular em Bento Cego*

Bento Cego, livro de Nestor de Castro, aparece ao público em 1902. Era resultado de um projeto antigo e de um trabalho de pesquisa ao qual se dedicava desde a década anterior. Isso porque, apesar do caráter literário dado à obra, o objetivo do autor era tratar com fidelidade uma personagem que já se tornara quase lendária entre os paranaenses mas, cuja memória, que se mantinha pelos mecanismos da oralidade, estava ameaçada de desaparecer. O livro garantiria, assim, graças à promessa de perenidade da escrita, a perpetuação de uma memória que se mostrava, para um escritor como Nestor

de Castro, significativa para o Paraná. Sobre Bento Cego, ele também já havia escrito um artigo, para uma edição especial da revista do *Club Curitibano* dois anos antes⁶⁶⁸. Rocha Pombo também se interessara pela personagem: no capítulo sobre festas tradicionais e poesia popular do seu *O Paraná no Centenário* dedica-lhe algumas páginas⁶⁶⁹. A atenção dispensada a Bento Cego – homem simples, caboclo, respeitador dos mistérios da natureza e amante da viola – liga-se, justamente, ao crescente interesse que a cultura popular e a vida fora dos centros urbanos ganhavam entre a mocidade de escritores de Curitiba.

Bento Cego fora um dos mais afamados poeta e cantador popular paranaense, um tipo que, segundo Rocha Pombo, ainda se poderia ver vinte ou trinta anos antes da virada do século⁶⁷⁰. Munido de sua viola, Bento Cego seguia como andarilho, de localidade em localidade, cantando modas populares e versos de sua autoria. Diz-se que era imbatível na porfia, uma disputa poética em forma de diálogo, em que cada uma das partes, a seu turno, improvisava versos cantados – geralmente acompanhado da viola –, em resposta ao desafio do outro. As porfias, bem como os cantadores especializados nelas, eram comuns no Paraná, manifestação típica da cultura popular e costumavam acontecer em ocasiões nas quais muita gente se juntava, como nas festas:

*Muitas vezes, de súbito cessavam os folguedos e os alaridos, fazia-se um grande silêncio de expectativa geral em torno dos violeiros. E estes começavam o desafio ou a porfia. Cantavam horas e horas, improvisando um para o outro, tendo suspenso todo o tumulto da casa. E quando ambos se reconheciam fortes e invencíveis, erguiam-se anchos apertando-se as mãos, sob a estralada de aplausos...*⁶⁷¹

De fato, foi por ser considerado um poeta popular exímio, perito em porfias, que Bento Cego atraiu tantas atenções dos moços letrados que pesquisamos. Justamente quando a literatura se estruturava no Paraná, quando a poesia era valorizada – lembremos a primazia dada a este gênero pelos poetas simbolistas –, é que os poetas cancioneiros populares ganham importância e visibilidade. Nisto, o interesse por Bento

⁶⁶⁸ CASTRO, Nestor de. *A poesia popular paranaense*. Revista do Club Curitibano – órgão da associação. Instrução e Recreio. Distribuição gratuita aos sócios. Director litterario: Dario Vellozo. Curityba, 3 de maio de 1900: LXVII. Numero especial: O Parana no centenário do descobrimento do Brazil.

⁶⁶⁹ POMBO, José Francisco da Rocha. *A nossa poesia popular*. Festas tradicionais. op.cit: 108-111.

⁶⁷⁰ Idem: 108.

⁶⁷¹ Ibidem: 107.

Cego muito se assemelha ao já assinalado interesse por Julia da Costa e Fernando Amaro: recuperar figuras esquecidas, ou em vias de cair no esquecimento, que pudessem ser associadas ao desenvolvimento literário no Paraná ou à afinidade com o verso existente entre os paranaenses. No entanto, é preciso pontuar que os próprios moços distinguem poetas como Julia da Costa e Fernando Amaro dos poetas populares: enquanto aqueles eram postos na genealogia da história da literatura do Paraná, os outros pertenciam ao nicho da tradição. Para Emiliano Pernetta, por exemplo, Bento Cego era, certamente, um símbolo, alguém significativo no universo cultural paranaense, mas não era uma personalidade literária⁶⁷².

As vidas e os versos produzidos e cantados pelos poetas populares eram agrupados às lendas, às manifestações folclóricas. Estavam fora da produção intelectual, pertenciam a uma outra esfera de manifestação, ligadas ao universo popular. No entanto, foram bastante valorizadas por moços intelectuais da virada do século: da mesma forma como esses se preocupavam com a história, em recuperar, organizar e contar os acontecimentos que compunham a história da literatura e a história do Paraná, se preocupavam igualmente em recuperar o que se relacionava às tradições (crenças, ritos, mitos presentes entre os habitantes do Paraná). Compor o quadro de referências que explicasse o Paraná e o paranaense mostrava-se decisivo no processo de estabelecimento, de consolidação do Estado. E isto não escapou aos moços, comprometidos que estavam com tal consolidação e convictos de que era função dos intelectuais e da escrita realizar tal intento.

Acomodados em compartimentos distintos, figuras como Fernando Amaro e Julia da Costa por um lado e Bento Cego por outro acabam por responder a uma necessidade semelhante: a de atribuir estabilidade ao presente, valendo-se do passado. Em sua biografia sobre Bento Cego, Nestor de Castro recupera a memória do cancionista, salvando com ela outros elementos, típicos da vivência popular, que envolviam e davam sentido à vida do cego⁶⁷³. Assim, a culinária, os costumes, as festas típicas são citados no decorrer da trama constituindo mais do que meros aparatos contextuais, mas uma maneira de perenizar, através da escrita, o maior número possível de informações e conhecimentos a respeito das vivências e da cultura popular. Em linhas gerais, o enredo amarra os fatos conhecidos sobre a vida de Bento Cego, os

⁶⁷² Ver: PERNETTA, Emiliano. *Litteratura*. Revista Club Curitibano – orgam da associação. Instrução e Recreio. Revista mensal. Distribuição gratuita aos sócios. Director litterario: Dario Vellozo. Curityba, 03 de maio de 1900: CXXIII. Numero especial: O Parana no centenario do descobrimento do Brazil.

⁶⁷³ Ver: CASTRO, Nestor. *Bento Cego*. op.cit.

versos que costumava cantar acompanhado de sua viola e comentários e considerações de Nestor de Castro. Aqueles dados eram, no entanto, escassos: o que era sabido da vida do canceiro poderia ser resumido em poucas linhas, informações que o autor teve que saber valorizar para que rendessem um livro.

Evidencia-se, então, que da pena do escritor constitui-se uma personagem que carrega as referências e características conhecidas de Bento, mas que é, de sobremaneira, resultado da criação de Nestor de Castro. O canceiro andarilho, campeão de porfias que conhecemos ao ler *Bento Cego* reflete as questões e anseios do seu autor e do tempo em que foi escrito. Sendo assim, os elementos valorizados na composição da personagem, como o fato de ser filho de uma família pobre de Registro (município de Antonina)⁶⁷⁴, ter freqüentado as festas tradicionais na região litorânea durante a infância⁶⁷⁵ e ter se tornado um andarilho que teria percorrido parte do Paraná (localidades como Curitiba, Tindiquera, Guarapuava, Palmas, Lapa e Rio Negro), Santa Catarina, Rio Grande do Sul, São Paulo e Minas Gerais⁶⁷⁶ são manejados de forma a bem aproveitar o que se apurou nas pesquisas e a caracterização que se desejava dar a Bento Cego. Bento Cordeiro, cego de nascença que teria vindo ao mundo em uma manhã de 1821⁶⁷⁷, aglutinava, com propriedade, as características típicas do caboclo paranaense, tendo sido marcado pelas vivências comuns desse homem.

No entanto, havia nele algo de especial que valeu a escrita de um livro sobre sua vida: seu nome encarnava, como nenhum outro, uma atividade típica dos interiores e das regiões litorâneas do Paraná, que vinha desaparecendo. Trata-se dos poetas populares. Bento teria andado por vastas regiões da parte meridional do país, reproduzindo modinhas populares em sua viola e, principalmente, criando seus próprios versos, impulsionado pelos desafios da porfia. Nestor de Castro sugere, inclusive, que sua personagem teria um certo sentido de amor e pertencimento a terra natal, desenvolvido a partir de tantas andanças, da distância do solo onde nascera, que lhe serviu de inspiração em certas composições:

*A patria, ou antes a nesga de terra onde nascêra, sérvio de
thema a esse surto maravilhoso de intelligencia.
Oh! elle soube evocar paixões antigas, recordando o floral dos
seos amores filiaes, as saudades de um ceo que elle nem vio, mas*

⁶⁷⁴ Idem: 1.

⁶⁷⁵ Ibidem: 8.

⁶⁷⁶ Ibidem: 13; 54-72.

⁶⁷⁷ Ibidem: 1.

que lhe vivia sempre n'alma como se fôra a impressão carissima dos ósculos maternos.

*A Pátria! Oh! com que magnificencia de imagens Bento atravessou o firmamento azul-claro do Registro, onde tantas vezes se deixava abstrahir pelas vaporosas essencias das flôres sertanejas, ou pelo gasnar das aves marinhas batidas pelo sibilar do sueste enfurecido [sic].*⁶⁷⁸

A relação filial que a personagem estabelece com a região onde nascera é um sentimento que fazia sentido no final do século, no contexto em que Nestor de Castro estava inserido: atribui, portanto, a sua personagem um sentimento de pertencimento e afetividade em relação ao Paraná que era caro a ele próprio e a seus colegas escritores, mas que, provavelmente, não fizesse sentido para alguém como Bento Cego. Nestor de Castro cria um sentimento de nacionalismo para Bento, a exemplo da situação em que a personagem defende, em uma festa em Sorocaba, que se cante modinhas brasileiras, em detrimento das portuguesas⁶⁷⁹. Configurava-se uma preocupação em afirmar e preservar o que era próprio da cultura popular brasileira, o que, em última instância, justificava a própria escrita do livro em questão. Nestor de Castro é categórico: *“esse destruir de tradições, que vae transfigurando miseravelmente a physionomia do nosso nacionalismo, tende, como já se tem demonstrado, a sopitar de vez as originaes manifestações dos costumes patrios, substituindo-os pela praga das parasitarias assimilações absorventes [sic]”*⁶⁸⁰.

Apoderava-se, dessa maneira, na sua literatura, da história de Bento Cego, alguém que lhe era distante no tempo e no espaço, para defender uma questão que cintilava no presente. Acreditava que, com a sua escrita, com a sua literatura fosse capaz de não apenas preservar para as gerações futuras o conhecimento sobre a cultura de homens como Bento Cego, mas também alertar seus contemporâneos sobre a necessidade de proteger e afirmar a cultura nacional⁶⁸¹. *“Dest’arte, para que não fiquem perdidos os bellos cabedaes do cancionero paranaense, torna-se preciso que os contemporaneos incubam-se de leval-os á luz da publicidade, no intuito de prestar homenagem ao talento dos nossos rusticos trovadores e um grande serviço ao levantamento de nossas tradições [sic]”*⁶⁸², argumenta. Entrevê-se, então, que o que move Nestor de Castro na escrita do livro são questões pujantes no presente: preservar a

⁶⁷⁸ Ibidem: 82.

⁶⁷⁹ Ibidem: 81.

⁶⁸⁰ Ibidem: 86.

⁶⁸¹ Ver: Ibidem: 87.

⁶⁸² Ibidem: s/pág.

memória e a tradição, incitar o sentimento nacional. Interessava-lhe, por exemplo, mapear a existência dos cancioneiros populares: seriam um tipo característico da cultura nacional, resultado da miscigenação. Assim,

*Entre nós, aqui no Paraná, as inspirações populares vêm do mesmo phenomeno indiosyncratico que produziu a trova nacional. O concurso do branco, do negro e do indio, tendo fornecido o cunho do nosso nacionalismo, imprimiu até nas invias defesas do territorio patrio a característica invariabilidade do nosso cancionero [sic].*⁶⁸³

A questão que se assinalava estava inscrita, portanto, na compreensão da formação do homem e da cultura nacional e do paranaense que se constituía neste contexto. O caboclo, tipo que encarnava a brasilidade – resultado da miscigenação entre brancos, negros e índios – é também investido da prerrogativa de representar, com maior pureza, quem seria o paranaense. A literatura atestava isso, elegendo-o como enfoque de suas preocupações e tratando-o com tal distinção e respeito difíceis de se encontrar em fontes de outras naturezas. Em *Bento Cego*, os elementos que mais se destacam na constituição do caboclo são aqueles que se relacionam à composição de seus versos: musicalidade, oralidade. Com efeito, era como poeta popular que a figura de Bento insurge entre os moços escritores: “*Bento Cego, d’entre essa multidão de bardos que povoam os sítios e sertões do Estado, foi quem se destacou com verdadeiro luzimento de intelligencia, elevando-se á gloriosa altura de pontífice popular paranaense*”⁶⁸⁴.

O relevo que adquire deve-se, em parte, ao fato de ser o único dentre os cancioneiros populares sobre quem se conseguiu reunir alguma informação. A respeito dos demais, quando muito, se levanta os seus nomes: “*Como Bento Cego, há em nossa Província alguns outros poetas populares, mais ou menos conhecidos. Em Morretes, o JANUÁRIO CONTENDA, o JOSÉ MARINHO e outros. Em Antonina, NHO DORO. Aqui, em Curitiba, o CORONEL, o IGNÁCIO SAGAZ*”⁶⁸⁵. Esses homens representavam uma prática que vinha se perdendo no Paraná. Os versos improvisados ao sabor da

⁶⁸³ CASTRO, Nestor de. *A poesia popular paranaense*. Revista do Club Curitibano – orgam da associação. Instrução e Recreio. Distribuição gratuita aos sócios. Director litterario: Dario Vellozo. Curityba, 3 de maio de 1900: LXVI. Numero especial: O Parana no centenário do descobrimento do Brazil.

⁶⁸⁴ Idem: *Ibdem*.

⁶⁸⁵ POMBO, José Francisco da Rocha. *A nossa poesia popular. Festas tradicionais*. op.cit: 108. Caixa alta do original.

ocasião e acompanhados pela viola vinculavam-se a um ritmo de vida pacato e rural, alicerçado na oralidade. Os versos cantados por estes cancioneiros sobreviviam na memória popular, facilitado pela sua musicalidade. Dessa forma, era a repetição que garantia a sua manutenção. Quando Nestor de Castro se interessa em fazer um registro escrito da vida e dos versos de Bento Cego está movido pelo receio de que a memória e a oralidade não mais sustentassem aqueles conhecimentos, dado que pertenciam, justamente, a um ritmo de vida que ruía. Para o escritor em questão, a escrita se mostrava o mecanismo mais confiável para a preservação de uma memória.

O universo letrado e o da oralidade se encontravam, assim, na pena de Nestor de Castro, que tenta apagar as divergências entre eles no processo da escrita: seu Bento Cego bem se amolda aos traços grafados no papel. Contudo, isto também resultava da consolidação dos meios da escrita e da fragilização da cultura oral. Ao transformar a oralidade em escrita, Nestor de Castro está produzindo literatura e instituindo, dando peso e valor de poesia aos versos cantados por Bento Cego. É neste contexto que Bento e os demais são investidos da categoria de poetas. No entanto, retirados do meio em que foram produzidos e onde circulavam, os versos cantados pelos cancioneiros são deslocados da esfera popular para a erudita, tornam-se efetivamente literatura: presos à imobilidade do papel, perenizados pela escrita, tais versos passavam a desfrutar dos códigos e das prerrogativas literárias. Os versos, antes restritos às camadas populares, passam a circular em outros grupos, que não os ouviam em ocasiões festivas, mas os liam em momentos de recolhimento e introspecção⁶⁸⁶. Perdem a dinâmica da fluidez e da mobilidade, próprios da oralidade. Não contam mais com o ritmo e a musicalidade que lhe eram característicos.

Agora, os versos sobrevivem como poemas, rígidos e imóveis nas páginas de um livro, multiplicados pela prensa e guardados em estantes, à espera de um leitor. Antes, quando dependentes da memória e da oralidade, os versos estavam sujeitos a serem modificados a cada nova vez que fossem repetidos e o ritmo e a cadência com que eram cantados – que se perdem com a escrita – eram constitutivos desses versos e dessa forma de expressão. Em meio a este processo, assistimos a literatura construir seus caminhos no Paraná: os temas considerados nobres, o estilo de seus escritores. Criava-se uma literatura própria, paranaense, insuflada por um meio literário que se estabelecia e

⁶⁸⁶ A respeito do caráter introspectivo da leitura e da relação entre a consolidação do romance na modernidade e a derrocada da tradição, da oralidade, ver: BENJAMIN, Walter. A crise do romance. Sobre Alexanderplatz, de Döblin; O Narrador. Considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. IN: *Magia e Técnica, Arte e Política*. (obras completas, vol. 1). São Paulo: Brasiliense, 1994: 54-60; 197-221.

que se valia, além das leituras e da influência dos europeus, da incorporação de temas e problemáticas locais, de formas de manifestação da cultura popular que agonizavam. A literatura era, então, o saber que se ocupava e classificava as vivências populares: a escrita organizava e significava tais vivências, que existiam e se mantinham tão distantes dos meios letrados. Assim, sendo a escrita e a leitura incompatíveis com a prática dos canceiros, não é de se estranhar que o declínio da oralidade tenha coincidido, justamente, com a ampliação dos círculos letrados através da expansão da educação (inserido no projeto republicano) e da imprensa.

Bento, cego e analfabeto, era tido como o Homero do Paraná: assim como o grego, o paranaense nunca escrevera uma única linha, mas era posto em lugar de honra no meio letrado. Ambos são reverenciados como exímios poetas orais. “*Que seja elle [Bento Cego] o Homero destas regiões do sul, já que entre ambos tanto se affinizam os enlaces da sorte e o condão da imaginação poética*”⁶⁸⁷, sentencia Nestor de Castro. A cegueira, a pobreza, a vida errante eram outros elementos que aproximavam os dois. De fato, tratava-se, em ambos os casos, de vidas cheias de lacunas, de desconhecimento. Figuras lendárias, cujas memórias a respeito da vida e dos versos ficavam a cargo da tradição. Rocha Pombo se encarrega de apontar as aproximações existentes entre ambos:

*Como Homero, [Bento] era cego, e cego de nascença. E como o cantor grego, vivia de cantar. Em vez de lira, como os poetas literários, ele trazia unida ao coração, a sua viola, o instrumento que sabe gemer rudemente como a alma ingênua do povo. Conta-se que tinha até as feições do grande épico da Ilíada: era corpulento, de traços fisionômicos regulares, barba espessa e longa e cabelos bastos.*⁶⁸⁸

Enquanto figuras do povo, imiscuídas de uma lógica de viver regida pela tradição e pela oralidade, Homero e Bento Cego têm nos versos cantados uma expressão da coletividade. Seus versos são inseparáveis do que eles são e sentem e do *ethos* da comunidade. Há, portanto, uma total identificação entre homens e meio (um é extensão do outro), entre ação e emoção, um vínculo estreito entre o homem, tudo que ele produz e a natureza. Conforme propõe Jacques Rancière, “*a ficção de Homero é feita como o cetro de Agamenon, o leito de Ulisses ou o escudo de Aquiles: ela é feita e não feita;*

⁶⁸⁷ CASTRO, Nestor de. *Bento Cego*. op.cit: s/p.

⁶⁸⁸ POMBO, José Francisco da Rocha. *A nossa poesia popular. Festas tradicionais*. op.cit: 108.

*produzida como a manifestação singular de uma maneira de ser que não conhece a separação dos modos de fazer*⁶⁸⁹. Desse modo, os versos equivalem a tudo quanto o homem fabrica com as próprias mãos ou todas as suas ações e atitudes: são extensões de si mesmo e do grupo no qual está inserido. Nesta circularidade, característica de um mundo anterior à racionalidade técnica e industrial, os versos – identificados com a tradição – carregam e comunicam a vida em toda a sua complexidade. Por isso, cantar – seja acompanhado da lira ou da viola – apresenta-se como uma atividade tão vital para esses homens. Bento Cego bem expressa isto, justamente através de versos cantados, recuperados por Nestor de Castro:

*Eu hei de morrer cantando
Cantando me hei de enterrar,
Cantando irei para o ceo
Cantando conta hei de dar [sic]*⁶⁹⁰

Neste processo em que a oralidade se transforma em escrita, a tradição em literatura e que se desponta o interesse pela cultura popular, entrevê-se o rompimento com os elementos que caracterizavam a vida e a vivência de Bento Cego. De fato, a civilização letrada estabelece-se sobre os escombros da vivência tradicional: elas se embasam em princípios tão radicalmente antagônicos, que a coexistência de ambas torna-se impossível. “*O livro é a morte das linguagens autênticas*”⁶⁹¹, diz Walter Benjamin. Assim, para o surgimento e a consolidação da cultura letrada, a maior democratização de acesso à leitura e à escrita – característicos do processo de individualização moderno – foi necessário o distanciamento das organizações de vida comunitárias, baseadas na comunhão das experiências e na oralidade. “*Neste sentido a escritura dos letrados é uma sepultura onde é imobilizada, fixada e detida para sempre a produção oral. Esta é, por essência, alheia ao livro e à sua rigidez individualizadora, pois se modula dentro de um fluxo central em permanente plasmação e transformação*”⁶⁹², esclarece Angel Rama.

Ao ganhar a forma literária, fixada nos limites, nos ditames e na rigidez das páginas de um livro, as tradições orais perdem, portanto, a vivacidade que as animava. A transformação em literatura significava o fim (ou a morte) de uma manifestação

⁶⁸⁹ RANCIÈRE, Jacques. *Políticas das Escrita*. Rio de Janeiro: Editora 34, 1995: 32.

⁶⁹⁰ CASTRO, Nestor de. *Bento Cego*. op.cit: 23. Rocha Pombo também cita esses versos, ver: POMBO, José Francisco da Rocha. *A nossa poesia popular. Festas tradicionais*. op.cit: 108.

⁶⁹¹ BENJAMIN, Walter. *A crise do romance. Sobre Alexandersplatz*. op.cit: 55.

⁶⁹² RAMA, Angel. *A cidade das letras*. São Paulo: Brasiliense, 1985: 90.

cultural que para manter-se viva precisava habitar a língua e a memória do povo, bem longe do aprisionamento da letra presa ao papel. Concretizada, no entanto, a passagem da oralidade para a escrita – da tradição para as páginas da literatura paranaense –, as tradições ganham o estatuto literário, ou melhor, passam a ser pensadas como literatura – *literatura oral* – mesmo quando existiam apenas como oralidade. Aquilo que Bento Cego cantava, enganchado em sua viola, é percebido por Nestor de Castro e os demais literatos de sua geração como literatura. Ou seja, esses não apenas transformam os versos de Bento em literatura ao registrá-los por escrito, mas os denominam *literatura oral* em sua forma cantada.

Contudo, a *literatura oral* é uma invenção de homens letrados: apenas com o estabelecimento da escrita e, sobretudo, a partir do momento em que a literatura é pensada e compartimentada como um saber específico, é que a categoria *literatura oral* surge. Jacques Rancière nos ajuda a melhor pontuar a questão:

As poéticas clássicas nunca conheceram 'poesia oral'. Foi apenas depois da nomeação romântica 'da' literatura, depois da nova dramaturgia do espírito, da letra e do corpo, de que foram teatro a poética romântica e a filosofia idealista, que o conceito de 'poesia oral' e a busca sistemática de seus vestígios tomaram sentido. [...] Foi preciso que o poema homérico fosse incluído na escrituralidade 'literária' para que sua oralidade pudesse ser colocada como refutação da natureza 'escritural' do poema.⁶⁹³

Bento Cego é, assim, capturado para o interior do processo de estruturação literária. Seus versos cantados tornaram-se literatura, fixados no papel por Nestor de Castro, ainda que o cancionero não fosse alguém para pertencer ao cânone literário paranaense. Fazia poesia popular, que ganhou espaço no meio letrado graças à escrita. Nesses cruzamentos entre tradição e escrita, oralidade e literatura, percebe-se como Bento Cego, de poeta e cancionero popular à personagem título de livro, sintetiza os anseios dos moços. Sensibilizados como estavam para as artes, a literatura e a poesia, os moços se identificam com os cancioneros populares, reconhecendo neles verdadeiros poetas: mais uma vez, é o calor de um ambiente literário que se fortalecia que motiva e impulsiona esta relação entre os literatos e os poetas populares. Pensar Bento Cego como um poeta – um poeta popular – fazia parte do universo que envolvia a consolidação do processo literário no qual a mocidade de escritores se inseria. E isto

⁶⁹³ RANCIÈRE, Jacques. *Políticas da Escrita*. op.cit: 97-98.

implicou em atribuir a Bento verdadeira alma de poeta, havendo até quem lhe comparasse com Byron ou Casemiro de Abreu.

*Bento Cego é realmente uma organização poética. Sabe sentir e exprimir com vivacidade e exatidão assombrosas. Quando seu coração agita-se, quando uma destas crises de tristeza invade-lhe a alma, produz versos repassados de melancolia tão comovedora, que chega a arrancar as lágrimas daqueles que o ouvem. É triste contemplar aquela fronte rústica, onde habita uma centelha do gênio de Byron e de Casemiro de Abreu, aqueles olhos sem vida, sem movimento, fechados para a natureza, em que poderia encontrar o mais enérgico despertador de seu talento, a mais abundante fonte de inspiração*⁶⁹⁴

A descrição de um poeta denso, dotado de um processo produtivo complexo, que desperta emoções contundentes naqueles que entram em contato com os seus versos e pode ser colocado ao lado de expoentes consolidados da literatura, talvez nos soe, mais de um século depois, um tanto descabido ou exagerado. Bento Cego, encerrado em sua cegueira, impossibilitado, portanto, de contemplar as belezas do mundo é construído como um poeta intimista, atormentado e dono de uma desenvoltura e um domínio de expressão de um verdadeiro artista da palavra. Tais predicados sugerem tratar de um poeta bem constituído e consciente de sua arte e da sua condição de artista. Rocha Pombo menciona que aqueles que conviveram com Bento Cego não se apercebiam do gênio que tinham diante de si: “*não reunia em torno de si admiradores conscientes do seu gênio, mas provocava a curiosidade dos que sabem ao menos espantar-se diante do que é extraordinário*”⁶⁹⁵. Esboça-se, então, um quadro, em que o poeta popular, reconhecido como importante representante da tradição e da cultura popular paranaense ganha pompas e adjetivos próprios aos grandes literatos.

Se isto denota o esforço por fazer Bento Cego espelhar a literatura, também nos deixa um tanto desconcertados ante as relações e aproximações feitas entre o poeta popular e os escritores pertencentes aos círculos literários constituídos: os atributos de recolhimento e introspecção típicos da escrita literária moderna são, conforme já elucidado, incompatíveis com a vivência popular. Da mesma forma como a noção de genialidade não faz o menor sentido no meio em que Bento Cego vivia. Com efeito, este não teria como ter domínio ou consciência sobre o seu processo de criação, tal como

⁶⁹⁴ SILVA, Manoel Vicente da. Apud: POMBO, José Francisco da Rocha. A nossa poesia popular. Festas tradicionais. op.cit: 111.

⁶⁹⁵ Ibidem: 108.

concebiam os moços literatos, já que os seus versos eram extensões deles mesmos, não uma obra separada, independente. Assim, no processo de afirmação da cultura e da poesia popular, os moços do final do século, encantados com o universo que envolvia os cancioneiros, *perdem a mão* nos adjetivos: primam por aproximá-los de si próprios atribuindo-lhes um processo de criação semelhante aos deles.

Atribuíaam valor aos versos cantados e reconheciam valor poético neles, não apenas por se tratar de uma genuína manifestação da cultura popular paranaense que desaparecia, mas por reconhecerem valor em poesias. O fortalecimento da escrita e da atividade intelectual e o estabelecimento de um círculo literário valeram-se, conforme viemos indicando, de fatores externos à escrita e ao próprio meio literário que se formava, e nisto o *resgate* da oralidade popular ganhou destaque. Para Nestor de Castro, “*Os [...] repentinos poéticos [de Bento Cego] ficaram gravados n’alma das multidões, e esta foi como que o livro aberto da existencia intellectual do poeta [sic]*”⁶⁹⁶. O exercício de identificação da cultura oral com elementos típicos da cultura letrada – livro, existência intelectual, poeta – indicam como o trânsito entre as duas culturas fortaleceu o discurso e o estabelecimento da segunda, em um jogo em que ao se dar visibilidade à oralidade e à tradição se evidenciava a escrita e a literatura.

2.2 o caboclo nos Costumes Paranaenses

*“Todo e qualquer estudo que contribua para o esclarecimento das populações nacionais, todo e qualquer esforço para fazer a luz sobre as origens, os costumes, a psychologia de nossas classes populares, deve ser bem recebido e encorajado [sic]”*⁶⁹⁷

Sílvio Romero

Com essas palavras, citadas de Sílvio Romero, Silveira Netto introduz a crítica a um conjunto de contos escritos por Julio Pernetta, que em sua maioria levavam no título a indicação *Costumes Paranaenses*. Os contos integrariam a coletânea *Amor Bucólico* (1899), que reunia textos publicados originalmente em revistas locais, entre 1895-

⁶⁹⁶ CASTRO, Nestor de. *Bento Cego*. op.cit: 26.

⁶⁹⁷ ROMERO, Sílvio Apud. SILVEIRA NETTO. *Amor Bucólico, de Julio Pernetta*. Revista do Club Curitibano. Curitiba, março de 1899. Anno X. N.º 3. Pág. 39.

1896⁶⁹⁸. Silveira Netto, em sua crítica, rejubilava-se com o propósito dos textos do amigo e a qualidade da sua execução, inserindo-os no ainda precário esforço por se debruçar sobre a *vida popular*, em especial no sul do país. Louvava a sensibilidade com que Julio Pernetta havia transposto para o papel as originalidades, as particularidades e as diferenciações do caboclo paranaense⁶⁹⁹. E apontava para a riqueza com que a escrita romanceada, ficcional exprimiria os *costumes* de um povo: seus hábitos, tradições, psicologia; como as características de um povo podem ser *apanhadas* nesse gênero de escrita⁷⁰⁰. No conjunto, a crítica de Silveira Netto entendia que os contos de Julio Pernetta eram verdadeiros estudos sobre a *vida sertaneja*, felicitando a sua pertinência para uma melhor compreensão das questões do Estado.

Nesse sentido, os contos de Julio Pernetta engrossavam o esforço por se mapear a cultura popular, identificando e registrando as características do modo de vida do caboclo, ameaçado de desestruturar-se frente à modernidade e à civilização. Movido, portanto, pelo propósito de *salvar* do esquecimento as tradições típicas do homem paranaense (aquele que vivia longe dos centros urbanos), Julio Pernetta contribui para a instituição de uma memória para o Estado, bem como para a constituição de uma literatura própria, com temas e características ligados ao Paraná. Com efeito, a literatura exerceria, então, o papel de organizar e propalar um sentido para o Estado, bem como refletir sobre as questões que lhe diziam respeito. “A literatura nacionalista [...] é o mais poderoso reflector das originalidades populares [sic]”⁷⁰¹, acreditava Silveira Netto. E os contos de Julio Pernetta estariam filiados a esta tendência de comprometimento da escrita literária com o Estado e/ou a Nação: além da preocupação em se eleger um tema local, havia a proposta de se refletir sobre o caráter do Paraná e de seus homens, implícito no projeto de escrita desses contos.

Insistimos na novidade da positividade conferida a caboclos e índios: os moços propunham com isto uma interpretação do Paraná e um projeto de futuro distintos do que era dominante, embaralhando a maneira como se partilhava as questões pertinentes ao Estado. O fato da valorização do caboclo, da tradição e da cultura popular não gozar de unanimidade no Paraná, recaía na escrita dos moços literatos que se dedicavam a

⁶⁹⁸ Não encontrei, em minhas pesquisas, o livro *Amor Bucólico*. Baseio essa análise nos contos publicados nos periódicos (revista *O Cenáculo* e revista *Club Curitibano*). São esses contos: *Amor Bucólico*, *Totó Bueno*, *Benedicto Buzina*, *Lenda Sertaneja*, *Exorcismos* e *A capela de São Francisco*. Há pelo menos um conto, *Porfia*, que não encontrei.

⁶⁹⁹ SILVEIRA NETTO. *Amor Bucólico de Julio Pernetta*. Revista do Club Curitibano. Curitiba, março de 1899. Anno X. N.º 3. Pág. 39.

⁷⁰⁰ Idem: 39.

⁷⁰¹ Ibidem: Ibidem.

esses temas. Afinal, se colocar na contra-mão do que era dominante redimensionava o processo de escrita: requeria que se fortalecesse os argumentos, que se levasse em conta o que era defendido por outras partes. Contudo, ainda que esta mocidade seja uma voz dissonante no que se refere à legitimidade de habitar o Paraná, não divergiam no desejo de ver o Estado forte, coeso, moderno, tal qual era a intenção daqueles que apostavam no processo imigratório como agente do desenvolvimento.

Conforme já é de nosso conhecimento, os moços acreditavam que o progresso intelectual e cultural seria decisivo para a concretização de um Paraná autônomo, autêntico e moderno. As artes confeririam uma carne, uma forma, uma cor a esse Estado que se estabelecia. Acrescido à ênfase dada à cultura e à intelectualidade, os moços atribuíam importância à história e à tradição como fatores que ajudariam a organizar, a dar sentido ao Paraná e construir o esteio de sua prosperidade e autonomia futura. À literatura cabia a tarefa de fundir todos esses elementos, instituindo memória, história, perspectivas futuras. Nisto se inscreve o empenho de Julio Pernetta em dar corporeidade escrita às tradições que rolavam livremente. Leôncio Correia, ao falar sobre os contos do amigo Julio Pernetta, refere-se a eles como carregados de tamanha vivacidade que era como se a escrita portasse pinceladas de cor e notas de música. A questão do caboclo e da vida sertaneja – inseridos na problemática de se pensar o caráter do Paraná e seu habitante – tocava tão fortemente esta mocidade que os fazia, unânimes, prestigiar essas questões:

*Pesquisador e estudioso, Julio Pernetta tem, no pequeno meio literario de nossa terra, ferido assumptos que nos tocam de perto, pintando costumes paranaenses e chegando por vezes a nos por diante dos olhos, palpitanes e vivas, scenas que se desdobram sob o plácido silencio dos logares ermos. A sua prosa vae ganhando uma elasticidade opulenta, cantando como um riacho crystallino que tamborila sonoro no coração das matas.*⁷⁰²

Configurava-se, então, um olhar bastante particular e peculiar sobre a vida de homens, mulheres, crianças e idosos que viviam no interior paranaense. A propósito, o interesse por esse tipo de vivência não é uma prerrogativa dos moços literatos do Paraná: muitos escritores se ocuparam, na segunda metade do século XIX, em escrever

⁷⁰² CORREIA, Leôncio. *Galeria Paranaense – O Cenaculo*. Revista O Cenaculo. Tomo I. N.º I. Pág. 255.

sobre comunidades tradicionais que desapareciam⁷⁰³, bem como com da temática do exótico, do longínquo e do diferente⁷⁰⁴. A exemplo do livro *Marrocos*, do francês Pierre Loti, mencionado por Silveira Netto em artigo em que trata da formação do grupo Cenáculo⁷⁰⁵, do qual, aliás, Julio Pernetta fazia parte. Nos *Costumes Paranaenses*, seu autor traça o perfil do caboclo, capturando suas especificidades na maneira de falar, gesticular e silenciar, nas suas manifestações de fé ou de desconfiança, nos seus medos e nos seus ímpetos de coragem. Através da literatura, concebia o paranaense autêntico: aquele que não havia se desenraizado da tradição. A mestiçagem, vista muitas vezes como degeneradora e como entrave para o progresso, em Julio Pernetta é tida como depositária de características fundamentais para a construção de um Paraná vigoroso e diferenciado.

Os contos em questão primavam por uma valorização do ritmo de vida e dos conhecimentos caboclos. Para Julio Pernetta, interessava captar as particularidades desse homem sertanejo do Paraná, compreender as complexidades daquelas vidas simples. De fato, o termo costume – da denominação *Costumes Paranaenses* – denota a tendência a uma concepção relativista do homem, preocupada em perceber aquilo que seria próprio – hábitos, crenças – do paranaense, o que fazia do caboclo alguém único, diante da diversidade humana⁷⁰⁶. Julio Pernetta identifica, então, os elementos que caracterizariam a vivência popular do paranaense – tais como a musicalidade, a religiosidade –, fazendo deles uma constante nos seus contos. Nesses, se destaca a relação de afetividade e uma certa nostalgia em relação ao interior e à *vida sertaneja*, tidos como impolutos e genuínos, puros e bucólicos. Da mesma maneira, seu morador era concebido como um ser impolido pela civilização, por isso, ingênuo e puro. Uma similitude identificava, portanto, homem e meio.

Costumes Paranaenses são marcados pelo esforço de seu autor em atribuir dignidade ao caboclo e à maneira como ele vivia: para tanto, os recursos literários eram

⁷⁰³ Ver: RAMA, Angel. A cidade modernizada. IN: *A cidade das letras*. op.cit: 76-101.

⁷⁰⁴ Ver: SAID, Edward W. *Cultura e Imperialismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

⁷⁰⁵ SILVIERA NETTO. O Cenáculo. Revista do Club Curitbano. Curitiba, 31 de janeiro de 1895. Anno VI. N.º 5. Pág. 6.

⁷⁰⁶ A tendência a se inclinar ou para o universalismo ou para o relativismo marcou a filosofia européia que se dedicou a pensar o homem, especialmente nos séculos XVIII e XIX. Os universalistas acreditavam existir uma natureza humana que identificava todos os homens, em qualquer tempo e em qualquer parte do planeta. Os relativistas, refutando a idéia de natureza humana, interessavam-se pelas particularidades de cada grupo humano. Salienta-se a predominância do termo costume no pensamento desses últimos: quando estudavam um determinado grupamento humano estavam interessados nos seus costumes (que englobava crenças, tradições, hábitos...). Sobre essa questão, ver: TODOROV, Tzvetan. O Costume. IN: *Nós e os outros: a reflexão francesa sobre a diversidade humana*. op.cit: 50-56.

de grande valia para conferir beleza e autenticidade àquelas vivências. Na medida em que se constrói histórias que respeitam e valorizam a cultura popular e personagens complexos, cujos dramas e sonhos são capazes de tocar o leitor, que se sente próximo e identificado a eles, Julio dignifica o sertanejo. É assim, no exercício de constituir, através da escrita, um homem cuja singularidade o fazia tão único e tão comum ao mesmo tempo, que o escritor dá visibilidade ao caboclo. Com efeito, as histórias e as personagens de Julio Pernetta nada tinham de extraordinário: seu intuito era, justamente, capturar através da escrita o banal, o cotidiano, o ordinário. Caracterizar as vivências comuns desse homem. A arte, no entanto, transfigura o real: através da literatura, o escritor atribui complexidade àquelas experiências simples e corriqueiras. O ordinário, o comum e o cotidiano tornam-se, então, experiências excepcionais.

Pequenas anedotas e casos pueris constituem os acontecimentos que movem a sua escrita, esmerada e sensível. O que faz lembrar passagens de Baudelaire a respeito do trabalho de Balzac: “*é o pintor do circunstancial e de tudo que este sugere de eterno*”⁷⁰⁷ e de Trimolet e Traviès, “*cronistas da pobreza e da banalidade cotidiana*”⁷⁰⁸. Os *Costumes Paranaenses* possuem justamente a riqueza da coexistência entre o *eterno* e o *transitório*, permitindo extrair o *poético* no *histórico*, tal qual sugere o pensamento baudelaireano⁷⁰⁹. Interessando-se por elementos banais e circunstanciais da vida de pessoas desprovidas de recursos econômicos, mas plenas de vitalidade, Julio Pernetta transforma tais elementos no substrato que concede perenidade à sua obra. O transitório, o passageiro, o histórico tornam-se, assim, eternos. Para tanto, cria personagens típicas do universo que queria caracterizar: são agricultores, violeiros, curandeiros, tropeiros, devotos, paralíticos, moços sonhadores, idosos sábios, crianças dóceis e traquinas. Tipos familiares e ordinários que, no entanto, tornam-se únicos e autênticos através da literatura. Excepcionais pelo seu caráter ordinário e pueril. Eternos graças à radicalidade de sua historicidade.

As personagens que criou bem encarnam, portanto, essa coexistência do transitório e o eterno, sugerida por Baudelaire. Viveriam de maneira plena, intensa e verdadeira: isto não apenas era um mecanismo de constituição de beleza literária, como de eternizar a obra, de acordo com Baudelaire. Os dramas que afetavam as personagens

⁷⁰⁷ BAUDELAIRE, Charles. *Sobre a modernidade: o pintor da vida moderna*. op. cit: 13.

⁷⁰⁸ Idem: *Ibidem*.

⁷⁰⁹ Ver: BENJAMIN, Walter. *Charles Baudelaire um lírico no auge do capitalismo*. 3ª ed. São Paulo: Brasiliense. 2000; GAGNEBIN, Jeanne Marie. Alegoria, Morte e Modernidade. IN: *História e Narração em Walter Benjamin*. São Paulo: Perspectiva, 1999: 31-53.

nada têm de inédito, podendo ser encontrados em muitos outros textos literários e manifestações artísticas produzidas em outros tempos e outros lugares. Contudo, carregam algo de peculiar e original que advém da própria particularidade da escrita de Julio Pernetta. De acordo com Silveira Netto, “*a novella* Amor Bucólico, Totó Bueno, Benedicto Buzina, Porfia, *são estudos magníficos de aspectos e de typos em que há individualidades traçadas com a maestria do romancista senhor do seo terreno [sic]*”⁷¹⁰. Esta ponderação salienta uma dupla dimensão da escrita desses contos: ao mesmo tempo em que o autor se preocupa em compor personagens que sintetizassem a vida e o homem sertanejo, sente necessidade de conferir beleza a eles. Uma beleza que advém, justamente, do autêntico, do ordinário, do pueril, do humano.

As histórias criadas por Julio Pernetta costumam ter uma dimensão trágica. Elas tratam de dramas humanos, situações em que as personagens viam-se no limite: seja diante da morte, seja diante de seus semelhantes. É bem verdade que tratam também de sonhos, aspirações. No entanto, o traço forte da maioria dos contos é o sofrimento: um amor irrealizável, a morte de um ente querido, a dor do arrependimento ou da saudade, a experiência de finitude. Enfim, um desassossego da alma. Salienta-se que tal característica, aliada a já citada tendência em tratar de temas banais e cotidianos e de pessoas comuns, são traços de uma modernidade literária. De fato, esses temas passam a ser investidos de um sentido de beleza: fazendo do ordinário, o extraordinário e do feio, o belo, a arte moderna encontra em motivações simples e nos temas populares, um lugar para realizar-se. O mesmo pode ser dito das situações humanas limites: o trágico investe-se do belo. As histórias de sofrimento, dor e final trágico têm a sua historicidade e costumam apelar para a sensibilidade de seus leitores, tendo uma grande força de comoção. A arte redime e torna belo o que, se fosse realidade, seria insuportável.

Nos *Costumes Paranaenses*, Julio Pernetta não apenas valoriza o homem simples, como o seu modo de vida. Os contos consistem em um verdadeiro elogio à tradição: a vida em comunidade, as manifestações de solidariedade, o catolicismo popular, as rodas de viola, as histórias contadas em torno do fogo são experiências ímpares, plenas de beleza. É bem verdade, conforme já sabemos, que contribuía para isto o propósito de moços como Julio Pernetta de preservar a memória das tradições populares que desapareciam. Contudo, a dimensão de uma arte moderna que se constituía também teve participação ativa na escolha e no tratamento dos temas da

⁷¹⁰ SILVIEIRA NETTO. *Amor Bucólico, de Julio Pernetta*. Revista do Club Curitibano. Curitiba, março de 1899. Anno X. N.º 03. Pág. 40.

literatura que ora tratamos. A configuração do anônimo como tema literário está inserido no processo de constituição de um novo paradigma artístico. Lembremos que nos capítulos anteriores apontamos que ocorria no Paraná um aumento do número de escritores, leitores e de suportes de escrita: a constituição de um círculo literário efetivou-se pelo alargamento do acesso às letras. No mesmo movimento, aumentava-se também a esfera daqueles que são tidos como passíveis de ser tratados pela arte: quebra-se a hierarquia de temas. *Qualquer um* torna-se digno de ser motivo de arte⁷¹¹.

Já sabemos que Baudelaire, estando na vanguarda da modernidade literária, colocou a deformidade, a feiúra, a sujeira, o mal do mundo no centro de sua arte e atribuiu a esses elementos uma beleza autêntica. Os moços paranaenses, simpatizantes do Simbolismo, estavam dentro do campo de influência dessa concepção, que abarcava ainda a valorização do comum e do banal. Os *Costumes Paranaenses* expressam a emergência desse novo paradigma e caracterizam como os moços do Paraná buscavam se inserir nos rumos que tomavam a literatura, especialmente a européia. As questões levantadas por Baudelaire repercutiam na constituição dos caminhos da modernidade literária brasileira: a redefinição de conceitos de arte e de beleza implicou na elaboração de novos elementos a conferirem legitimidade à produção literária. Em sua análise sobre a obra de Lima Barreto, Nicolau Sevcenko evidencia a irracionalidade, a emoção e os sentimentos como caminhos de uma arte nova, autêntica: “*todo o seu sistema [de Lima Barreto] convergia para a irracionalidade presente no ‘mistério’, e consagrava como categorias fundamentais as emoções e os sentimentos. Daí seu louvor [...] às ‘trevas, miséria, dor, sofrimento e tristeza’ como caminhos da verdade e do belo*”⁷¹².

A associação de elementos relacionados à miséria e à dor, bem como os relacionados ao ordinário e ao banal com a verdade e a beleza são, para Jacques Rancière, próprios do *regime estético das artes*. De fato, é característico deste regime atribuir positividade a elementos historicamente depreciados pelas artes, constituindo uma dimensão *fantasmagórica* do verdadeiro⁷¹³. A promoção dos anônimos, via literatura, é peça-chave em todo esse processo de re-elaboração estética da produção

⁷¹¹ Ver: RANCIÈRE, Jacques. Dos regimes da arte e do pouco interesse da noção de modernidade. IN: *A Partilha do Sensível: Estética e Política*. op.cit: 27-44.

⁷¹² SEVCENKO, Nicolau. *Literatura como missão: tensões sociais e criação cultural na Primeira República*. 2ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2003: 252.

⁷¹³ Segundo Rancière: “[...] o banal torna-se belo como rastro do verdadeiro. E ele se trona rastro do verdadeiro se o arrancarmos de sua evidência para dele fazer um hieróglifo, uma figura mitológica ou fantasmagórica. Essa dimensão fantasmagórica do verdadeiro [...] pertence ao regime estético das artes [...]”. RANCIÈRE, Jacques. Das artes mecânicas e da promoção estética dos anônimos. IN: *A Partilha do Sensível: Estética e Política*. op.cit: 50.

literária: “que o anônimo seja não só capaz de tornar-se arte, mas também depositário de uma beleza específica, é algo que caracteriza propriamente o regime estético das artes”⁷¹⁴. Para Flaubert, a excepcionalidade literária estaria ligada, justamente, “ao princípio de igualdade de qualquer representável e a capacidade da literatura em dar a qualquer vida obscura o brilho do Único”⁷¹⁵. No mesmo contexto, Jacques Rancière chama a atenção ainda para o fato dos anônimos terem se tornado parte do programa literário antes de torna-se interesse da ciência⁷¹⁶. Citando Balzac, Hugo, Flaubert, Tolstói, Proust, mostra que foram os literatos os primeiros a passar dos grandes acontecimentos e personagens à vida dos anônimos, a identificar os sintomas de uma época, sociedade ou civilização nos detalhes ínfimos da vida ordinária, a explicar a superfície pelas camadas subterrâneas e a reconstruir mundos a partir de seus vestígios⁷¹⁷.

Pensando nos moços escritores do Paraná, contrastando-se com os contos de Julio Pernetta que ora tratamos, os trabalhos sobre a geografia do Estado de Sebastião Paraná ou os de história de Romário Martins (ainda que este tenha produzido majoritariamente nas primeiras décadas do século XX), não haviam voltado seu interesse e sua pesquisa para o cotidiano e o anônimo. Além disso, esses dois, sendo partidários do processo imigratório e do branqueamento, percebiam o caboclo como um problema, como um entrave ao progresso. Enquanto o caboclo de Julio Pernetta era concebido como trabalhador e íntegro. Nesta diferença, que expressa os contrastes entre a modernidade literária e a modernidade científica, deflagra-se como o representante das classes populares é dignificado pela literatura. Esta, ao invés de aplinar os indivíduos através de conceitos classificatórios e estratificadores e dados estatísticos, conforme era próprio da ciência (história, sociologia, geografia), enche de cores e complexidade as personagens. Ao debruçar-se sobre os sonhos e os dramas de pessoas comuns, a literatura aproxima leitor e personagem: aquele se sente próximo, identificado e cúmplice do outro. A literatura humaniza, aproxima vivências.

Citemos o exemplo da personagem Pedrinho, do conto *Lenda sertaneja*: o menino pobre que fora morar longe da casa paterna para aprender as letras sentia saudade da família,

⁷¹⁴ Idem: 47.

⁷¹⁵ RANCIÈRE, Jacques. Políticas da Escrita. op.cit: 15.

⁷¹⁶ RANCIÈRE, Jacques. Das artes mecânicas e da promoção estética dos anônimos. IN: *A Partilha do Sensível: Estética e Política*. op.cit: 45-51.

⁷¹⁷ Idem: 49.

[...] o rancho paterno, passava-lhe pelos olhos da imaginação :
via seus irmãos brincando no terreiro da mangueira, com os
terneiros ; sua mãe debulhando feijão, sentada junto á porta que
dava para o quintal, e seu pai revolvendo a terra para a nova
plantação. E as lágrimas chegaram a humedecer-lhe os olhos
[sic]⁷¹⁸.

A cena da família em torno do rancho pode ser lida em vários documentos desse período (relatório de governo, notas de viagens pelo interior paranaense). No entanto, sempre de maneira descritiva, distante e comumente depreciativa. Na literatura, a afetividade que Pedrinho sentia pelos parentes, motivava-lhe as lembranças e conferia a eventos banais e cotidianos uma dimensão especial. Eram olhos de afeto, completamente imiscuídos do universo sertanejo e que expressam a relação deste homem com a terra e com o trabalho. Esta era, certamente, uma interpretação de Julio Pernetta, mas que só se fazia possível na literatura.

Salienta-se que o próprio homem que ganha corpo nos contos de Julio Pernetta é alguém que vive o banal, o comum e o familiar como algo extraordinário. A tradição e a cultura popular, amplamente valorizadas nesses textos, tinham por característica cultivar as coisas simples, cotidianas. Neste sentido, tem-se um encontro entre o tema dos contos (o caboclo, com ênfase no seu modo de vida) e a abordagem, o tratamento literário dado a eles. O homem sertanejo sentiria afetividade pelo seu lugar, se sentia uma extensão da natureza. Ela funcionava como um espelho, uma imitação, uma repetição: havia uma relação direta entre a movimentação das plantas, dos animais e dos astros e as suas próprias vidas. Viviam plenamente o lugar que os circundavam, de forma a fazer do circunstancial, uma experiência excepcional, como Dom Quixote que ao lutar com moinhos de vento, fazia da paisagem familiar da Mancha, um lugar incomum. Uma das personagens de Julio Pernetta, Benedicto Buzina, *um valentão indolente que vivia a andar pelas estradas do sertão, sem conhecer o que fosse trabalho e cuja fama metia medo*⁷¹⁹, era um exímio conhecedor de todas as veredas do sertão, no entanto estava sempre sendo surpreendido em suas andanças e a lutar, feito um Dom Quixote contra tudo e todos:

Convenceu-se que ser valente era profissão honesta, que se adaptava perfeitamente com o programma da vida que traçara, e

⁷¹⁸ PERNETTA, Julio. *Lenda Sertaneja*. Revista O Cenáculo. 2º ano/3º tomo, 1896: 13-14.

⁷¹⁹ PERNETTA, Julio. *Benedicto Buzina (Costumes Paranaenses)*. Revista O Cenáculo. 1º ano/1º tomo, 1895: 266.

zaz! Começou, como um D. Quixote intuitivo lutando até com a própria sombra, porque parecia que lhe fazia sombra até que meia dúzia de Sanchos-panças levaram o seu nome ao capitolio do assombro [sic]⁷²⁰.

A experiência quixotesca de viver o banal e o habitual como momentos excepcionais relaciona-se com a um tipo específico de vivência, uma maneira particular de estar no mundo. Sobre a questão, Giorgio Agamben formula: “*Dom Quixote, que vive o cotidiano e o familiar (a paisagem da Mancha e seus habitantes) como extraordinário, é o sujeito de uma quête perfeitamente correspondente àquelas medievais*”⁷²¹. O caboclo paranaense, alicerçado na tradição, vivendo suas experiências cotidianas como extraordinárias, sentindo-se imiscuído no meio em que está inserido, aproxima-se de Dom Quixote e, por extensão, do medieval, da maneira como este se colocava no mundo. A vivência tradicional, em comunidade aproxima os dois mundos e deflagra a correspondência existente entre o banal e o excepcional, que não estava restrita ao pensamento intelectual.

É justamente dos elementos tradicionais, perpetuados pela oralidade que tratam os contos de Julio Pernetta. Vidas simples, histórias comuns que ganham complexidade através da literatura. Para tanto, o autor vale-se de recursos estéticos, literários para atribuir excepcionalidade e beleza às histórias que escrevia. Criava-se, assim, um vínculo entre a concepção que tinha do caboclo e a estrutura literária. Exemplo disso é a junção da musicalidade própria do caboclo à utilização estética das músicas em seus contos. A música fazia parte do universo do sertanejo: Julio Pernetta valoriza em seus contos um caboclo dócil, festivo, ligado às tradições, e a música era de grande valia nessa construção. Daí a recorrência da viola, das ladainhas, das cantigas populares, dos fandangos, dos barulhos da natureza (cantar dos pássaros, assobio do vento) nas suas histórias. Uma de suas personagens, Nho Lau, protagonista de *Amor Bucólico*⁷²², encarna talvez como nenhuma outra o espírito alegre e festeiro que Julio atribuía ao caboclo: exímio dançarino, tocador de viola e dono de uma simpatia que a todos seduzia, Nho Lau é uma figura completamente envolta pela música.

Ratificando a importância da música para esses homens e, sobretudo, preocupado em constituir um estilo para seus contos, Julio Pernetta se vale da

⁷²⁰ Idem: *Ibidem*.

⁷²¹ Ver: AGAMBEN, Giorgio. *Infância e história: destruição da experiência e origem da história*. Belo Horizonte: UFMG, 2005: 39. [Quête = busca, investigação].

⁷²² PERNETTA, Julio. *Amor Bucólico (Costumes Paranaenses)*. Revista O Cenáculo. Anno I. Tomo I, 1895.

musicalidade cabocla para marcar o curso das suas histórias: a música se fazia presente, quase que invariavelmente, nos momentos decisivos dos contos, especialmente naqueles trágicos. Assim, tocando viola se chorava as mágoas de amor, ao som de uma ladainha distante se recebe a notícia da morte de alguém querido, através de um canto desatinado marca-se a loucura de alguém, o cantar do grilo fora de hora anunciava morte próxima, ao som do canto de um bando de pássaros retorna-se a casa paterna depois de vários anos ausentes. Esses são alguns exemplos. Através deles inferimos como os recursos literários eram decisivos para conferir beleza aos textos e reafirmar os propósitos do escritor: estabelecer, através da escrita, os contornos de vivências comuns, alicerçada na tradição e cuja simplicidade sinalizava uma beleza ímpar. A música, um elemento importante para a sociabilidade cabocla e para o sustento da vida em comunidade, é cooptada como recurso literário a dar envergadura e identidade aos contos.

Aliava-se, assim, os elementos propriamente ligados à especificidade artística (como os recursos estéticos para atribuir beleza ao texto) aos elementos relacionados à realidade que se queria abordar. Outro elemento que ganha ênfase na construção dos *Costumes Paranaenses* – dando liga às vivências comunitárias e beleza aos textos – é a religiosidade: o autor caracteriza uma vivência imiscuída de crenças, que se revelava na própria maneira como o caboclo se colocava no mundo e se relacionava com tudo o que o envolvia. Em todas as suas histórias, Julio constrói personagens que manifestavam, de diferentes maneiras, este universo de crenças caboclas. Assim, premonições, superstições, benzeduras, rezas eram constantes nesses contos. Figuras como mulas-sem-cabeça, lobisomens, bruxas, boitatás, almas de outro mundo faziam-se presentes nas histórias em questão, convivendo harmonicamente com as devoções aos santos, promessas, novenas e procissões. Este tipo de religiosidade que estruturava a cultura popular é descrito com grande sensibilidade, atento às suas particularidade, valorizando as suas especificidades.

No entanto, além da atribuição de beleza e dignidade à vivência cabocla e à cultura popular, a defesa do catolicismo popular, traz outras questões próprias ao pensamento de Julio Pernetta. Refiro-me à sua postura anticlerical. Através da literatura, expressa a sua crítica ao abuso dos padres e faz frente ao fortalecimento do catolicismo no Paraná. Em um de seus contos, *A capela de São Francisco*, ele trata, justamente, da tentativa de se transformar uma antiga capela, localizada em uma distante colina, em

uma Igreja moderna, com a presença de padre enviado do Vaticano⁷²³. A reforma, segundo a interpretação poética de Julio Pernetta, destruiria as histórias compartilhadas por aquela comunidade, pois seria nas ruínas da antiga construção que estariam preservadas as vivências que a identificava:

*Hoje, quando me assento nas pedras frias d'aquellas grossas paredes, em ruínas, vergastadas pelo azorrague destruidor do tempo, vejo surgir dos tradicionaes escombros desoladores, e erguer-se à altura dos olhos da minha alma, [...] o passado, que é a tradição da minha felicidade [sic].*⁷²⁴

O catolicismo romanizado que se instalava no Paraná ia de encontro à maneira como o homem tradicional tinha a sua vida estruturada. Este é o argumento em que se assenta a crítica de Julio Pernetta. A dissipação dos laços comunitários, corroborada pela crescente modernização que ganhava cada vez mais partes do globo, acarretaria a morte de um modo de vida que era digno dos mais nobres predicados, na literatura deste escritor. Confrontavam-se, assim, o antigo e o novo, a tradição e a modernidade, o passado e o futuro: em *A capela de São Francisco*, por exemplo, a construção de um novo templo encarna a morte, a destruição executada pelo progresso. A solução proposta no conto para interromper a construção da igreja baseia-se na partir da lógica do sertanejo: o santo padroeiro da capela faz chover torrencialmente para impedir o trabalho dos obreiros.

*Diversas vezes organizaram procissões, e removeram S. Francisco para a igreja do Rosário, com o proposito de continuarem os trabalhos de reconstrução ; mas o santo protestava, fazendo desabar chuvas interminaveis, paralyndo os trabalhos, castigando a impertinência dos operarios. Elle queria a sua capella com toda a simplicidade, queria viver entre aquellas quatro paredes velhas e esburacadas que lembravam a tradição do povo [sic].*⁷²⁵

Julio Pernetta fazia de São Francisco um opositor da romanização. O santo que costumava ser retirado em procissão da capela nos períodos de seca – o que, segundo a tradição popular, faria chover – vale-se do mesmo recurso para impedir a obra. Era na tradição, portanto, que a literatura de Julio Pernetta buscava os argumentos para fazer

⁷²³ PERNETTA, Julio. *A capella de São Francisco*. Revista O Cenáculo. Anno II. Tomo II, 1896.

⁷²⁴ Idem: 92.

⁷²⁵ Idem: 90.

frente ao avanço do catolicismo ultramontano. Uma característica das histórias escritas por Julio Pernetta é a efetividade que tinham as premonições e supertições populares: todas as vezes que uma personagem pressente algo que está por acontecer – seja por um sinal dado pela natureza, seja por uma sinalização do coração – isto se confirmava ao longo da trama. Assim, a morte de uma das suas personagens, *Totó Bueno*, foi anunciada pelo cantar de um grilo em hora e local impróprio: “*quando o grilo canta dentro de casa e fora de horas, é desgraça ou hospede*”⁷²⁶. Em outro conto, Benedicto Buzina pressente que algo de mal lhe aconteceria. Confessa, então, a um amigo, “*Eu bem quero estar alegre,/Mas não posso, meo amigo;/Meo coração adivinha/Que me espera algum perigo [sic]*”⁷²⁷. Totó é fatalmente mordido por uma jararaca; Benedicto mata Rosendo Bugre e amarga um eterno arrependimento. A sabedoria popular, o conhecimento que se tinha da natureza, bem como a confiança nas próprias intuições garantiam a sobrevivência desses homens, imprimiam a forma como se colocavam no mundo. Os movimentos da natureza tinham relações diretas com o que se sucedia com os homens. Sobre as crenças caboclas, Julio Pernetta formula:

*O caboclo vê nas menores coisas o prenuncio de uma [...] fatalidade. Se lhe passa por sobre a casa o thesoureiro zirrando a cauda em V, é que no céu se talha uma mortalha para alguma pessoa da sua família [sic].*⁷²⁸

*O coração é o propheta das grandes desgraças [sic]*⁷²⁹

*A supertição faz parte da crença religiosa do nosso caboclo; elle ouve, à roda do fogo, essas narrativas contadas pelos paes e as transmite aos filhos ; e assim vão, de geração em geração correctas e augmentadas como os Almanaks de noticias [sic].*⁷³⁰

Da mesma forma acontecia com as devoções aos santos: como é característico do catolicismo popular, a eles se recorria nas mais variadas situações do dia a dia.

⁷²⁶ PERNETTA, Julio. *Toto Bueno (Costumes Paranaenses)*. Revista O Cenaculo. Anno II. Tomo II, 1896: 165

⁷²⁷ PERNETTA, Julio. *Benedicto Buzina (Costumes Paranaenses)*. Revista O Cenáculo. Anno I. Tomo I, 1895: 270.

⁷²⁸ PERNETTA, Julio. *Exorcismos (Costumes Paranaenses)*. Revista O Cenaculo. Anno I. Tomo I, 1895: 208.

⁷²⁹ PERNETTA, Julio. *Benedicto Buzina (Costumes Paranaenses)*. Revista O Cenaculo. Anno I. Tomo I, 1895: 270.

⁷³⁰ PERNETTA, Julio. *Exorcismos (Costumes Paranaenses)*. Revista O Cenaculo. Anno I., Tomo I, 1895: 208.

Assim, enterrava-se uma imagem de Santo Antonio na raia em que iria correr um determinado cavalo, para garantir a vitória em uma corrida⁷³¹; castigava-se este mesmo santo até que um casamento desfeito fosse reatado⁷³²; tirava-se os santos do oratório em caso de doença ou peste – “há muitos annos apparecera [uma peste] na freguesia, devastando muita gente. Fóra preciso tirar S. Sebastião do oratorio do nho Chico capellão, para que se acabasse a doençada [sic]”⁷³³. Todas essas estratégias, além de se mostrarem eficazes nos contos de Julio Pernetta (davam o resultado esperado), caracterizam a valorização conferida pelo autor à vida em comunidade, em que as crenças eram sustentadas na tradição do grupo, passada através das gerações.

Constata-se, então, a preocupação de Julio Penetta não apenas em caracterizar a efetividade das crenças populares, como inventariar o maior número possível delas: era preciso, como já sabemos, *salvar* do esquecimento tudo que dizia respeito à cultura popular. Sendo assim, os contos, ricos em detalhes, fornecem, através de informações muitas vezes periféricas na trama, subsídios para melhor compreender o universo sertanejo. Informações que se perenizariam através da escrita. Nesta investida, positiva-se uma memória e uma cultura: não apenas se preservava do esquecimento as práticas populares ameaçadas a desaparecer, como elas são tratadas como verdadeiras preciosidades, *uma bela maneira de se viver*. A romanização subtrairia beleza da vida sertaneja, burocratizando aspectos da vida que antes podiam ser vividos livremente. Assim, ao caracterizar um catolicismo sincrético, mergulhado em superstições, imiscuído no cotidiano e sustentado na tradição e na oralidade, Julio Pernetta dá visibilidade a um tipo de vivência que estava na contra-mão da modernidade que se estabelecia em Curitiba.

Com efeito, a disciplinarização das práticas religiosas, através da romanização, não estava desvinculada do processo civilizatório e modernizador que se gestava no país: a religiosidade era o elemento que dava maior sustentação à vivência popular, por isso colocá-la em parâmetros modernos era importante⁷³⁴. Em *Totó Bueno*, Pedrinho, companheiro do protagonista no trabalho na roça, encarna as idéias de seu criador

⁷³¹ PERNETTA, Julio. *Amor Bucólico (Costumes Paranaenses)*. Revista O Cenaculo. Anno I. Tomo I, 1895: 45.

⁷³² PERNETTA, Julio. *Exorcismos (Costumes Paranaenses)*. Revista O Cenaculo. Anno I. Tomo I, 1895: 209.

⁷³³ PERNETTA, Julio. *Lenda Sertaneja*. Revista O Cenáculo. Anno II. Tomo III, 1896: 15.

⁷³⁴ Ver: SERPA, Élio Cantalício. *Igreja e Poder em Santa Catarina*. Florianópolis: UFSC, 1997.

quanto ao abuso dos padres⁷³⁵. Dessa forma, ao ouvir de um dos companheiros que satanáas teria levado o corpo de um homem que não ia à missa, não se confessava e nem respeitava os padres (*ministros privados de Deus*⁷³⁶), Pedrinho indigna-se:

– *Qual o que, os padres são assim mesmo ; dizem isso para enganar o povo ; mas a mim mesmo eles não enganam, porque conheço quem eles são: uma súcia de vadios que vivem do suor do povo. Por que não vão trabalhar na roça, puxar o cabo de uma foice? Eu se fosse subdelegado, punha tudo que é padre na cadeia. Eu não acredito nisso. É bobage inventada para eles roubarem dinheiro do povo [sic].*⁷³⁷

Deflagra-se que a modernidade requerida por Julio Pernetta guardava as suas diferenças daquela que se estabelecia no Paraná. Apesar dos moços mostrarem-se a favor da modernização da Província/Estado e colocar a sua arte a serviço disso, acreditavam, como bons simpatizantes do *Iluminismo*, que esta deveria vir incorporada de atributos de liberdade de pensamento. Os padres representavam o atraso, o pensamento retrógrado, os dogmas, o empecilho ao avanço da ciência. Assim, as diretrizes do Vaticano visando o controle e disciplinarização das práticas religiosas e dos corpos dos fiéis – princípios caros à modernidade – intervinham na maneira como a religiosidade era vivenciada, abarcando, inclusive, as regiões longínquas do controle mais efetivo do poder do Estado. E desestruturavam a maneira como o poder estava assentado em uma determinada comunidade. Em seus contos, Julio Pernetta trata dessas questões valendo-se de situações e personagens variados: o cerceamento de festas e romarias e o fortalecimento da missa, com a substituição do antigo capelão pelo padre enviado de Roma, em *A capela de São Francisco*⁷³⁸; Em *Exorcismo*, tio Chico, um velho feiticeiro que curava e dava conselhos, valendo-se tanto de santos como de benzedoras no seu ofício, era a figura mais respeitada da comunidade.⁷³⁹

Através da literatura, Julio Pernetta realiza uma dupla investida: preserva a memória de tradições populares ameaçadas de desaparecer e investe-se contra a Igreja e os padres (somando-se aos seus livros e artigos, publicados em revistas de Curitiba, onde defendia sua posição anticlerical). Questões pujantes de uma Curitiba que se

⁷³⁵ PERNETTA, Julio. *Totó Bueno (Costumes Paranaenses)*. Revista O Cenáculo. Anno II. Tomo II, 1896: 174.

⁷³⁶ Idem: *Ibidem*.

⁷³⁷ *Ibidem*: *Ibidem*.

⁷³⁸ PERNETTA, Julio. *A capella de São Francisco*. Revista O Cenáculo. Anno II. Tomo II, 1896.

⁷³⁹ PERNETTA, Julio. *Exorcismo (Costumes Paranaenses)*. Revista O Cenaculo. Anno I. Tmo I, 1895.

modernizava e de um intelectual que se pretendia sintonizado com as questões do seu tempo investiam-se em contos cujos temas contemplavam, justamente, a evasão dos centros urbanos, da modernidade e dos meios letrados. Percebe-se, então, o quão política são as questões estéticas. E vice-versa, o quão estéticas são as questões políticas. A recorrência de determinados elementos nos *Costumes Paranaenses* aponta para o que Julio Pernetta considerava relevante no modo de vida do caboclo, bem como o que deveria tornar-se memória e os pontos de embate que tinha, no contexto paranaense de então. Em síntese, esses elementos demarcavam o círculo de ação dos contos em questão e ajudavam a estabelecer os contornos, os traços definidores da sua obra literária.

Vivendo e produzindo em um momento em que a modernidade se estabelecia como parâmetro em tantos lugares da parte mais ocidental do globo e quando Curitiba, sua cidade natal, engajava-se galopantemente neste ritmo cosmopolita, a obra de Julio Pernetta estava perpassada pela modernidade. Sua escolha em tratar vivências periféricas, não estava desconectada do movimento moderno: ligava-se, conforme viemos caracterizando, tanto à necessidade de transformar em memória aquilo que estava sendo soterrado pelos novos tempos – mecanismo tipicamente moderno, vinculado à desestruturação da tradição e da oralidade como meios de manutenção da memória de uma comunidade – quanto à estruturação de uma modernidade literária. Salienta-se que, apenas quando as vivências definharam como experiências possíveis de serem vividas é que elas ganharam espaço no meio letrado. É, assim, sobre o tórumulo da tradição que a literatura se estabelece.

A experiência de morte é, de fato, constitutiva da modernidade: esta não apenas se estabelece sobre ruínas, como se desfaz constantemente nelas, graças à necessidade de novidade que move os homens modernos, que não mais viviam o extraordinário nas vivências ordinárias, como faziam aqueles que estavam sob a égide da tradição. A obra de Baudelaire, que no dizer de Walter Benjamin é o primeiro poeta moderno, prima por compreender a modernidade como o espaço da fragilidade, da transitoriedade, da ruína⁷⁴⁰. Percebe-se, então, que implicado à questão da morte, a modernidade é marcada por uma forte relação com o tempo: o antes e o depois, o nascimento e a morte são

⁷⁴⁰ Ver: BENJAMIN, Walter. *Charles Baudelaire: um lírico no auge do capitalismo*. São Paulo: Brasiliense, 1989. [obras escolhidas, vol. III]; GAGNEBIN, Jeanne Marie. Alegoria, Morte e Modernidade. IN: *História e Narração em Walter Benjamin*. 2ª ed. São Paulo: Perspectiva, 1999; BUCK-MORSS, Susan. Natureza histórica: ruína. IN: *Dialética do olhar: Walter Benjamin e o Projeto das Passagens*. Belo Horizonte/Chapecó: UFMG/Argos, 2002: 200-245.

questões que se colocavam para homens que viam tudo mudar rapidamente em torno de si, *numa paisagem que nada permanecera inalterado, salvo as nuvens*⁷⁴¹. A modernidade é um momento em que o homem se vê dividido entre o *efêmero* e o *eterno*, entre a *harmonia* e a *destruição*. Um momento em que a *perda da tradição* e a *expectativa de um novo salvador* contrabalançam-se como os dois pratos de uma balança, num equilíbrio nem sempre fácil de estabelecer⁷⁴².

Estas questões recaem na literatura. Segundo a interpretação de Jeanne Marie Gagnebin do pensamento de Walter Benjamin, “*o que caracteriza a literatura moderna [...] é a consciência aguda do tempo, ou melhor, da temporalidade e da morte*”⁷⁴³. A obra de Baudelaire, de acordo com Benjamin, perenizou-se, justamente, por coabitar os escombros, a decadência e a ruína com a novidade do burburinho e das novas edificações: “*Seu [de Baudelaire] conceito da caducidade da grande metrópole está na origem da perenidade dos poemas que escreveu sobre Paris*”⁷⁴⁴. Em um momento em que, como propõe Baudelaire, o poeta perde a *aura* – pois nem mesmo a sua obra escapava ao caráter corrosivo do capitalismo que a tudo transformava em mercadoria – a sensação de finitude e de morte estabelece-se vorazmente, afetando diretamente a produção artística. Nos contos de Julio Pernetta, a questão do tempo e da morte não apenas marcam a circunstância da produção desses textos – momento de modernização urbana de Curitiba e da preocupação em resguardar a memória daquilo que desaparecia –, mas são elementos recorrentes nas suas histórias.

Em quase todos os contos que compõem a série *Costumes Paranaenses*, encontramos a temática da morte balizando as histórias. A experiência da finitude e a percepção da contingência humana atravessam, de diferentes maneiras, o cotidiano das personagens: o medo de morrer, a angústia do pressentimento de que a morte se aproxima, o sofrimento pela perda de alguém querido, a aflição paradoxal que leva ao suicídio, a velhice como uma experiência de finitude, a naturalidade com que se pode matar alguém ou o remorso por fazê-lo são formas através das quais o tema se apresenta. Extrapolando os contos, nota-se que a temática da morte – bem como as demais que se ligam ao Simbolismo, como o satanismo, a angústia da vida – são

⁷⁴¹ BENJAMIN, Walter. Experiência e pobreza. IN: *Magia e Técnica, Arte e Política*. 7ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1994: 115.

⁷⁴² Ver: GAGNEBIN, Jeanne Marie. Alegoria, Morte e Modernidade. op.cit.

⁷⁴³ Idem: 49.

⁷⁴⁴ BAUDELAIRE, Charles. Apud: Ibidem: 50.

comuns nos escritos literários de Julio Pernetta⁷⁴⁵. A percepção da fragilidade humana ante a transitoriedade, a efemeridade e a instabilidade da vida faz do tema da morte essencial em seus escritos. Nos *Costumes Paranaenses*, enredos e personagens expressam esse caráter perecível do humano e do provisório da vida, encarnando uma experiência peculiar de passagem do tempo.

Sintonizado com uma temporalidade moderna que se instalava vorazmente em Curitiba, Julio Pernetta transporta para os seus contos a premência da experiência da passagem do tempo. Entrecruza-se, assim, ao tema da vivência tradicional e atrelada à oralidade, a questão do tempo, destruidor, implacável, tão característico dos tempos modernos. Uma senhora, personagem do conto *Lenda sertaneja*, exemplifica essa relação paradoxal. A velha senhora, acorçada no chão e comendo pinhão macerado por não ter mais dentes para mordê-los, fazia do exercício da lembrança uma maneira de cultivar a vida, quando a morte já se avizinhava. Ela tem um papel secundário no conto. Sua existência só se justifica como um pretexto para o autor tratar a velhice como uma experiência ímpar de concentração de tempo e morte, já que ela nada move na trama da história. Era apenas mais uma presença, junto a algumas crianças – dentre elas, Pedro, o protagonista do conto – que escutavam a viola e as histórias de velho Vadô, em torno do fogo. As crianças, com todas as expectativas de vida futura contrapunham-se à velha mulher, muda e solitária, definindo o passado em um canto do cômodo.

A música atiçava-lhe a memória, trazia-lhe à mente os tempos de juventude: “*Lembrava-se da sua mocidade, dos fandangos e das resas. Tempo bom, em que os moços viviam loucos por ella!...Reconstruia o templo em ruínas do seo passado, todas as suas paixões, o seo casamento... trez dias de festa...a morte de seo marido... [sic]*”⁷⁴⁶. Os anos de vida pesavam-lhe. As lembranças a atormentavam. Sentia o “*pezadello de tão dolorosas recordações espezinhar-lhe a alma vasia de esperança e cheia de saudade [sic]*”⁷⁴⁷. Queria de volta o vigor da juventude: “*‘A velhice é o diabo’, dizia ella, suspirando n’um desconsolo de vencida.*” [sic]⁷⁴⁸. A proximidade da morte a jogava nos braços do passado. Afinal, já não seria possível sonhar com o futuro. Como uma personagem que condensava a experiência do tempo, a senhora permite Julio Pernetta ratificar a temporalidade que regia a lógica cabocla: além do tempo cíclico,

⁷⁴⁵ Exemplo: PERNETTA, Julio. *Litania da Morte*. Revista O Cenáculo. Anno I, Tomo I, 1895: 183; PERNETTA, Julio. *Oração a Satan*. Revista O Cenáculo. Anno I, Tomo I, 1895: 157.

⁷⁴⁶ PERNETTA, Julio. *Lenda Sertaneja*. Revista O Cenáculo. 2º anno/3º tomo, 1896: 15.

⁷⁴⁷ Idem: 15.

⁷⁴⁸ Ibidem: 14.

análogo ao movimento da natureza, o sertanejo caracterizaria-se pelo cultivo da tradição. As histórias e os conselhos compartilhados entre gerações, as superstições, as práticas do catolicismo popular evidenciam que a sua referência temporal era o passado.

Ao mesmo tempo, observando a velhinha percebemos que o passado tinha algo de redentor. Não apenas por funcionar como um bálsamo, um refúgio da deteriorização do tempo, mas também pelo fato de a personagem identificar uma superioridade do passado em relação ao presente: “*No meu tempo é que se sabia contar histórias bonitas...oh! No meo tempo! quem me dera ser moça outra vez...[sic]*”⁷⁴⁹. A afirmação do passado, associando-o à vida contrapunha-se à morte representada pelo presente. Mais do que um saudosismo em relação a uma mocidade que não voltaria mais, a personagem reflete a angústia gerada pelo tempo e pela morte na modernidade, que afetava seu criador. Além de estarem sintonizados com o momento em que foram produzidos, os contos contribuem com a constituição de uma modernidade literária no Paraná: a tematização do anônimo (abordado como depositário de uma beleza específica), a linguagem coloquial, a preocupação em instituir, através da literatura, uma memória para o Estado remetem a uma certa modernidade literária.

Uma modernidade literária que se constituía conectada com preocupações e discussões européias, mas que guardava especificidades regionais. O importante a salientar é o ensejo dos moços em fomentar uma literatura tida como moderna, sintonizada com o que acontecia além das fronteiras paranaenses. A escolha do tema regional insere-se, igualmente, em uma tendência que se fortalecia: falar a respeito do seu lugar, da sua realidade; transformar em literatura a banalidade da vida que transcorria na sua circunvizinhança, na sua localidade. Nesse movimento, os moços constituíam as características da sua própria arte e da literatura do Paraná, escrevendo, com as suas produções, páginas da história literária do Estado. É justamente no hiato entre o universal e o regional que se queria formar uma literatura com traços próprios, paranaense. Observa-se, então, que apesar da influência simbolistas entre esses moços – uma tendência estética caracteristicamente não afeta a regionalismos e não preocupada em instituir memória e história –, no Paraná esses elementos se fizeram presentes no fortalecimento da literatura, na constituição de uma modernidade literária.

As características do romance europeu impregnaram-se na escrita dos moços paranaenses, afinal esta era a referência que tinham, que exercia, aliás, grande

⁷⁴⁹ Ibidem:Ibidem.

autoridade entre eles. Leitores dos clássicos europeus, os moços paranaenses tinham o seu processo criativo atravessado por essas influências. Assim, Julio Pernetta ao escrever os *Costumes Paranaenses* – apesar de preocupado em capturar no papel as especificidades do caboclo do Paraná – insere em suas histórias elementos narrativos que não eram próprios da vivência desse homem. A exemplo do conto *Lenda sertaneja*: trata-se da história de Pedro da Cruz, um menino como tantos outros filhos de caboclo, nascido sobre a égide da pobreza. Alguém que vivia no limite entre suportar a própria sina e a tentativa de escapar dela. Sua história é atravessada pelos empecilhos que a pobreza pode apresentar para a felicidade de alguém, para as realizações de seus sonhos. Mas, também pelo inconformismo, pela não resignação, que conviviam harmoniosamente no temperamento de uma criatura doce, amorosa e preocupada com os pais e os irmãos.

Pedro é um tipo comum, protagonista de uma história que nada tem de extraordinária: passada a infância em que o menino tímido, curioso e inclinado aos livros deixa a proteção da casa paterna para aprender as letras, apaixona-se por Ditinha, filha de um rico coronel. Impedido de desposá-la, em um momento de desespero e tristeza profunda, opta por uma atitude drástica: “o Pedro, na roça, sentado á sombra de copado pinheiro [...], afagava com os dedos tremulos os dous canos da velha pistola, sua companheira de há muito. Subito a detonação de um tiro echoou pelo silencio das matas, e, com ella, a queda surda de um corpo que tombava. E nada mais. [sic]”⁷⁵⁰. No amor irrealizável de Pedro e no seu sofrimento extremo reconhecemos um enredo familiar, que ecoa vozes de outras histórias, de matrizes européias. O conto de Julio Pernetta nos dá, de fato, uma impressão de *déjà vu*. Nos é familiar porque carrega uma marca muito forte das histórias de amor que se perpetuaram no Ocidente: o amor trágico, imbuído de dor e sofrimento, vivido intensamente, como experiência extrema a colocar os amantes irremediavelmente diante da morte.

Um sofrimento e uma dor que não terminam com o ato extremo de Pedro, mas subsistem em Ditinha. Após a morte de seu amado, torna-se, no dizer de Julio Pernetta, uma “figura andrajosa da melancholia louca [sic]”⁷⁵¹, a vagar sem rumo porque sua própria vida não tinha mais sentido. O obstáculo irremediável para a felicidade dos dois apaixonados parece legitimar o amor que tinham: a prova cabal da nobreza dos seus sentimentos era o sofrimento e a distância que amargavam. Para Denis de Rougemont, o

⁷⁵⁰ Idem: 19.

⁷⁵¹ PERNETTA, Julio. *Lenda Sertaneja*. Revista O Cenáculo. 2º anno/3ºtomo, 1896: 21.

amor feliz não tem história na literatura ocidental. Esta teria sido marcada pelo amor-sofrimento, pela exclusividade apaixonada à dama ideal, a comunhão final dos amantes na agonia, na morte, na eternidade:

Consideremos nossa literatura. A felicidade dos amantes só nos comove pela expectativa da infelicidade que os ronda. É necessária essa ameaça da vida e das realidades hostis que a afastam para longe. A saudade, a lembrança, e não a presença, nos comovem. A presença é inexprimível, não possui duração sensível, só pode ser um instante de graça⁷⁵².

Estabelece-se, então, uma forte relação entre amor e morte, realizada no exercício literário e que ajudava a consolidar uma literatura regional que marcasse sua filiação aos traços característicos da literatura ocidental.

Percebe-se que os moços tinham o seu pensamento irrigado pelos europeus, não apenas no que se referia às suas concepções de filosofia, de política ou de ciência. Mas também nas suas concepções de arte e beleza, nos seus exercícios de criação. O que implicou na elaboração de textos literários como *Lenda sertaneja*, em que o autor, movido pelo propósito de registrar as particularidades do homem paranaense, acaba por elaborar uma trama que extrapola as especificidades locais e na qual suas personagens são dotadas de uma sensibilidade para o amor que não é própria daquele homem, mas que repercute a historicidade do amor trágico e romântico na literatura européia. A literatura paranaense fazia-se, portanto, embebida em referências e valores que extrapolavam regionalismos ou nacionalismos, vinculada à trajetória histórica do Ocidente. Ironicamente, ao se esforçar por constituir um caboclo genuíno, eminentemente paranaense, Julio Pernetta o faz a partir de uma lógica narrativa de traços fortemente europeus. Fazendo, dessa forma, com que ambos – caboclos e europeus – coexistam na sua escrita. Assim, mesmo o esforço por se estabelecer a literatura no Paraná, só poderia se dar em um processo de interação e *diálogo* com outras culturas. Nesse sentido, quanto mais se avança na modernidade, menos se pode falar em *purismos* culturais: as culturas se interconstituem, estando todas mutuamente imbricadas⁷⁵³.

⁷⁵² ROUGEMONT, Denis. *História do amor no Ocidente*. São Paulo: Ediouro, 2003: 71.

⁷⁵³ Ver: SAID, Edward W. *Cultura e Imperialismo*. op.cit.

Esses moços do Paraná...

(à guisa de considerações finais)

Em 1946, era lançada em Curitiba a revista *Joaquim*. Uma publicação de vanguarda, expressão de um grupo de intelectuais e artistas que surgia no Paraná. Dela, destacamos um texto, assinado por Dalton Trevisan (1925 -) – uma espécie de líder desse grupo e da publicação – em que criticava a hegemonia de Emiliano Pernetta entre os literatos paranaenses. Em um momento em que uma nova geração de escritores se estabelecia, aquele que havia sido aclamado, algumas décadas antes, o *príncipe dos poetas paranaenses*, tinha questionadas as suas qualidades literárias, em um texto de título impactante – *Emiliano poeta medíocre*:

Emiliano Pernetta foi uma vítima da província, em vida e na morte. Em vida, a província não permitiu que ele fosse o grande poeta que podia ser, e, na morte, o cultua como sendo o poeta que não foi. Há no Paraná, por razões sentimentais, a mística de Emiliano, que não tem raízes na admiração dos moços; eles não a aceitam e repudiam. [...] Emiliano fez poesia, como se fez poesia naquele tempo, afim de ser recitada nas sessões lítero-musicais dos colégios em festa no dia da árvore. E, precisamente, sua poesia, borrifada em água de flor, é uma

*POESIA DE DIA DA ÁRVORE. Versos bonitos, com sonoridade de sílabas de encher bochechas, mas por acaso poesia é mais do que isso? Se é, Emiliano não é poeta.*⁷⁵⁴

Dalton Trevisan reivindicava uma arte comprometida com a vida e com o cotidiano das pessoas, para tanto, seria preciso romper com a poesia de Emiliano: “*uma poesia de casinha de chocolate, desligada da vida [...]*”⁷⁵⁵. E acrescenta, “*Ilusão é por ventura o melhor livro de poesia escrito no Paraná, grato ao nosso coração, por um laço afetivo, mas nem por isso é livro que ultrapasse as fronteiras da Rua 15 e, para nós, neste instante, são as fronteiras do mundo, e não as da Rua 15, que procuramos atingir*”⁷⁵⁶. Dalton anunciava uma nova postura ante a arte, questionando aquele cuja imagem melhor representava a geração que lhe precedera. Da mesma maneira que Emiliano e outros tantos, que quando moços reuniram-se em torno da palavra e gestaram as suas concepções de sentido e valor da escrita e da arte, Dalton e os demais da revista *Joaquim* se colocavam no cenário das letras re-elaborando aquelas concepções. A publicação que lançaram em 1946, valia-se, certamente, de um meio gráfico e de vendagem já estruturados – o que se dera, em boa medida, em coincidência com o tempo de vida e de produtividade de Emiliano Pernetta.

Uma nova mocidade surgia proclamando uma nova modernidade; marcando que Emiliano Pernetta e os demais que figuraram nesta tese fariam parte de um tempo pretérito. Com efeito, os novos homens das letras criticavam a *Torre de Marfim* em que viveriam poetas como Emiliano Pernetta e o seu afastamento da vida que transcorria nas ruas, nas praças, nos liceus, nas fábricas. Assim, se os simbolistas fizeram-se modernos valorizando o atemporal e o universal, a modernidade requerida nos anos de 1940-50 voltava-se para o local e o cotidiano. Em sua crítica, Dalton refere-se a Emiliano como excessivamente acadêmico (“*tudo o que fez, foi transportar para nossa língua um figurino de escola*”⁷⁵⁷, alfineta), enfatizando que em sua poesia *não havia lugar para as asas de um pássaro, o grito de um humano amor, o riso de uma criança ao sol, o sonho de saúde de um moço convalescente*⁷⁵⁸. Essa arte comprometida com as vivências cotidianas do povo reivindicada por Dalton Trevisan era, com efeito, expressão de uma modernidade que se gestava nacionalmente: o movimento artístico e intelectual que

⁷⁵⁴ TREVISAN, Dalton. *Emiliano, poeta mediocre*. Joaquim – revista mensal de arte. Diretor: Erasmo Pilotto. Proprietário: Dalton Trevisan. Curitiba, junho de 1946. N.º 2: 16. [caixa alta do original].

⁷⁵⁵ Idem: Idem.

⁷⁵⁶ Idem: Ibidem.

⁷⁵⁷ Ibidem: Ibidem

⁷⁵⁸ Ibidem. Ibidem.

agitou São Paulo em 1922 – refutando os modelos importados e buscando temáticas e problemáticas nacionais – despontava em novas regiões do país, com uma nova busca de especificidade, a compreensão do local, do cotidiano.

O ensejo de ruptura com o passado, com a arte que vinha sendo produzida até então – expressa, por exemplo, pelo artigo *Emiliano, poeta medíocre* – incitava a experimentação, a liberdade criadora, a renovação de linguagem. Assim, se Emiliano encontrara na poesia o gênero nobre para expressar a sua arte, Dalton notabilizar-se-á pelos seus contos, de linguagem coloquial e concisa, nos quais Curitiba e seus habitantes compõem o universo ficcional. De fato, em um país que se organizava no pós-guerra e pós-Estado Novo, em crescente urbanização e industrialização, que havia ampliado as discussões nacionalistas, remodelado os meios de comunicação e alargado a circulação de informações, observa-se a ampliação, para além do eixo Rio-São Paulo, dos círculos da modernidade artística proposta em 1922. O artista propunha-se, então, estar próximo das aspirações e reivindicações do povo, expressar o fazer e o sentir populares. Nas palavras de Dalton Trevisan:

*Não é em vão que a nossa geração, com sua mentalidade formada entre o suor, o sangue e as lágrimas de duas guerras mundiais, sofrendo a sua inquietude tremenda, a provar experiências decisivas na própria carne, procedeu como um motivo de sobrevivência a subversão de todos os valores. Nossa geração não quer mais nutrir-se de equívocos que a afastem da rua, dos homens*⁷⁵⁹

A espécie de ostracismo a que Dalton e os demais que se organizaram em torno da revista *Joaquim* queriam impor a Emiliano (ou à sua imagem e obra) não resistiria à passagem do tempo: se foram repudiados por um segmento da intelectualidade nos anos de 1940-50, os poetas do início do século foram positivados em outros momentos. De fato, ressalta-se que esses se tornaram referências recorrentes da cultura paranaense, sendo re-pensados e reinscritos em tempos diversos. Na segunda metade dos anos de 1990, por exemplo, a prefeitura de Curitiba (gestão de Rafael Greca de Macedo) reeditou uma seleção de livros de literatura e história escritos por paranaenses ou relativos ao Paraná (formando a coleção *Farol do Saber*), por ocasião das

⁷⁵⁹ Idem: *Ibidem*.

comemorações do terceiro centenário de Curitiba⁷⁶⁰. Na seleção de títulos da coleção, encontramos obras de boa parte dos escritores contemplados neste trabalho. Aliás, os títulos escritos e publicados originalmente nas primeiras décadas do século XX somam a maior parte da coleção. Indicando, assim, quais intelectuais e artistas deveriam fixar uma memória a respeito do Estado; compondo as referências culturais que significariam o Paraná.

A coleção em questão proporcionava trazer às livrarias e às bibliotecas (especialmente das escolas públicas, para as quais a prefeitura encaminhou esses livros), títulos que eram uma espécie de raridade, pois não eram editados há muito. Assim, tais obras ganhavam novo fôlego para circular. A presença desses literatos na Curitiba (e mesmo em outras localidades paranaenses, especialmente algumas litorâneas) contemporânea ultrapassa, no entanto, os livros que ocupam as estantes de bibliotecas e livrarias ou mesmo acervos particulares. Durante os anos de pesquisa e escrita, não foram poucas as vezes que encontrei os nomes daqueles moços que pesquisava em monumentos e lugares pelos quais passei. Referências que marcam *lugares de memória*⁷⁶¹. A exemplo da *livraria Dario Vellozo*, da *rua Emiliano Pernetta*, da *Casa Romário Martins*, da *praça Rocha Pombo*⁷⁶². Freqüentei também lugares que os moços freqüentaram, que de uma forma ou de outra subsistem hoje: a rua XV de Novembro, a praça Tiradentes (antigo Largo da Matriz, rebatizado em 1880 como Dom Pedro II – marco zero de Curitiba), a *Biblioteca Pública do Paraná*, o *Museu Paranaense*, o *Instituto Histórico, Geográfico e Etnográfico do Paraná*, o *Centro de Letras do Paraná*, o Passeio Público, o Largo da Ordem. Alguns desses foram reconstruídos ou transferidos de lugar, mas, ainda assim nos remetem aos espaços freqüentados pelos moços desta pesquisa.

Dois desses lugares, o *Centro de Letras* e o *Instituto Histórico*, diferentemente dos demais, guardam um certo *cheiro* de outros tempos. O *Centro de Letras*, de maneira especial, me causava a sensação de que tudo permanecera intacto desde os tempos em

⁷⁶⁰ Os governos que seguiram a administração de Rafael Greca não reeditaram a coleção, de modo que hoje, uma década depois do seu lançamento, vários títulos se esgotaram. É difícil encontrar esses livros na maior parte das livrarias da cidade – é mais fácil encontra-los em sebos. A Fundação Cultural de Curitiba também vende esses livros (os poucos títulos e exemplares que ainda restam), em preço bastante acessível.

⁷⁶¹ NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. *Projeto História*. São Paulo: PUC-SP. N.º 10, 1993.

⁷⁶² A praça Rocha Pombo a qual me refiro é a de Londrina. Os demais exemplos são de Curitiba. A rua Emiliano Pernetta situa-se no centro de Curitiba, paralela à rua XV de Novembro. Há também a rua Julio Pernetta, no bairro Mercês. Observa-se que o nome do irmão que alçou maior reconhecimento batizou uma rua central, enquanto o outro, uma rua periférica de Curitiba.

que Emiliano Pernetta presidia as reuniões da agremiação, fundada em 1912. Os móveis antigos (as cadeiras largas, pesadas e de estofamento desgastado, os livros guardados em armários), o auditório acanhado para os padrões atuais, a velha fachada, corroída pelo tempo: o *Centro de Letras* tem algo de anacrônico que pode incomodar ou surpreender o visitante. Grandes fotografias pregadas em paredes, referentes a vários dos moços contemplados neste trabalho e o busto de Emiliano Pernetta no saguão remetem aos tempos áureos do *Centro de Letras*. Dos espaços do prédio onde fica instalado, ressalta-se a biblioteca e o auditório que bem caracterizam a forma como os interessados pelas letras organizavam-se em torno da palavra à época da fundação de tal instituição: o interesse pelo debate, pela oratória, pela leitura; a constituição de espaços de convivência e sociabilidade.

Hoje, esses espaços não são usados com tanta intensidade como nos seus primeiros tempos, mas ainda assim, quem visita o *Centro de Letras* às terças-feiras, no final da tarde, assiste a chegada de senhores que se reúnem para discutir e palestrar sobre assuntos que considerem pertinentes sobre a cultura paranaense. O *Instituto Histórico*, de maneira semelhante, também tem a sua reunião semanal dos sócios; fotografias e pôsteres pelas paredes que remetem a um passado no qual as letras e os homens das letras gozavam de grande prestígio; móveis antigos, biblioteca e auditório com uma aparência antiga. São instituições criadas no início do século, tidas como modernas na época de sua criação, mas que hoje parecem não conseguir se reinscreverem, tendo suas existências voltadas para o passado, vivendo da memória. Nisso se diferem, por exemplo, da *Biblioteca Pública do Paraná* e do *Museu Paranaense*: esses dois, tendo constituídas as suas funções no presente, guardam uma atualidade. Não transmitem a sensação de anacronismo como as duas outras agremiações citadas. São instituições públicas, que recebem verba governamental, o que possibilita que tenham uma estrutura física e de organização mais moderna e atual, diferentemente do *Instituto Histórico* e do *Centro de Letras* que sobrevivem dos pagamentos de mensalidade dos sócios.

Essas instituições – *Instituto Histórico*, *Centro de Letras*, *Biblioteca Pública*, *Museu Paranaense* –, bem como as praças, ruas, monumentos que levam o nome de figuras contempladas neste trabalho tornam, de certa forma, tais intelectuais nossos contemporâneos. Ao emprestarem seus nomes e suas imagens para os espaços da cidade contemporânea, tornam-se referências para o Paraná atual. Ao mesmo tempo aquelas instituições supracitadas pertencem e dizem respeito não apenas à virada do século XX,

mas também a Curitiba que entra no século XXI. Encontro, assim, no presente, o passado que buscava. E, de maneira semelhante, posso dizer também que, ao longo da pesquisa encontrei no passado, o meu próprio presente: algumas das questões levantadas pelos moços que estudei fazem-se pertinentes ainda hoje e permeiam meus questionamentos de historiadora. As reflexões sobre o sentido da literatura, da arte, da vida, da história; o sentido e a importância de se questionar o mundo: são aspectos que me identificam aos moços que estudei.

Assim como eles, eu também me dediquei a um exercício de escrita e de reflexão e, nesse processo, me descobri, muitas vezes, tão falível e movida a questões do meu tempo, quanto aqueles moços que pesquisava. Descobri que os homens do passado são iguais a mim: pessoas com projetos, sonhos, receios, méritos e limitações. Movidos, como eu, pelo desejo de compreensão do homem e do mundo. Percebê-los como humanos e identificados a mim modificou minha relação com as fontes de pesquisa e, sobretudo, a maneira como lidei com suas biografias e escritos. Aprendi a aceitá-los e abarcá-los, sem deixar de realizar a crítica historiográfica; percebi o valor de suas produções, sem perder-me no encantamento de tais descobertas e percepções. Ao mesmo tempo, compreendi o quanto minha própria vivência e produção intelectual têm status e complexidade semelhante a dos moços que pesquisava. Estas descobertas que podem parecer banais, sobretudo para alguém com formação em ciências humanas, teve um significativo impacto na escrita deste trabalho.

De fato, perceber a densidade da vida e da obra desses homens tão diferentes e tão parecidos comigo, tão distantes e tão próximos foi um processo que entremeou-se à escrita deste trabalho. Foi gratificante para mim descobri-los, mergulhar em seus escritos e no tempo em que viveram; estabelecer diálogo com eles. Percebi, em um determinado momento da pesquisa, que mais do que um pretexto para refletir sobre questões que me pareciam instigantes e significativas, trazer à baila os escritos dos moços era algo importante por si só, uma maneira de manter *vivos* tais escritos. Isso porque o que mantém *vivo* o pensamento de um determinado intelectual é o diálogo permanente que outros pensadores e outras produções estabelecem com ele. Como bem sintetiza Fileto, personagem de Rocha Pombo, “*as almas vivem exatamente quando se comunicam e se entendem*”⁷⁶³. Assim, apenas na medida em que novas gerações se interessam em ler, refletir e *usar* escritos de homens que lhe precederam – o mesmo

⁷⁶³ POMBO, José Francisco da Rocha. *No hospício*. Curitiba: Prefeitura Municipal de Curitiba, 1996: 122.

vale para os seus contemporâneos – aqueles mantêm a sua atualidade e a sua pertinência.

Nesse sentido, a obra esquecida, que se empoeira em alguma estante de qualquer biblioteca – intacta! – é uma *obra morta*. Apenas a *obra aberta*, lida e relida constantemente, reinterpretada à luz de novos tempos e novos questionamentos pode guardar em si uma dimensão de perenidade e atualidade. Ainda que essa dimensão só se sustente pelo constante desmonte da obra por novas leituras. Ou seja, uma obra só pode ser eterna na medida em que sofra constantes apropriações, que o seu sentido e os seus significados cambiem, que ela seja retalhada, interrogada, refutada e aclamada. Uma obra só pode ser eterna na medida que seja histórica e que seja datada; que sofra a ação do tempo, que seja reinscrita em novos tempos e espaços. Nesse sentido, foi uma alegria, um verdadeiro prazer desempoeirar livros e revistas e descobrir escritos ao longo da escrita dessa tese. Conhecer *esses moços do Paraná*, seus sonhos e seus projetos e dialogar com eles. Contribuir para que suas obras não percessem, esquecidas no vão de uma estante de um acervo qualquer. Ler os escritos dessa mocidade e pensá-los a partir das questões e das urgências do meu tempo e da minha profissão: a premência que tinham, especialmente embalados pelo Simbolismo, em refletir sobre o Homem e a Condição Humana atribui uma atualidade aos seus escritos, colocando em pauta questões que produzem ecos em um presente tão caótico, violento e intolerante.

Minha tese também se pretende aberta – à intervenções, questionamentos, aceitações ou refutas – porque ela se pretende *viva*, porque ela tem a pretensão de ser lida e relida, porque ela aspira não se empoeirar, esquecida em bibliotecas. Ao final deste trabalho, sinto que ele seja cada vez menos meu: agora seu destino é *rolar* de mão em mão, livremente; não posso controlar os caminhos que vai percorrer, as mãos nas quais vai cair, as formas pelas quais vai ser lido e apropriado. Soprei uma semente ao vento, agora ela não me pertence mais. Nesse sentido, me sinto mais uma vez identificada aos moços desta pesquisa: também dediquei minhas melhores energias ao trabalho intelectual e à escrita não para guardá-los para mim, mas para que circulassem livremente. Para tanto, busquei conferir à tese uma estrutura e uma escrita abertas: organizei-a em ensaios, pois não tinha pretensão à totalidade. Não tive a pretensão de fazer um tratado, de esgotar e de dizer tudo, mas de fazer considerações que considero pertinentes para lançar luz sobre o Paraná que entrava no regime republicano e sobre a prática da escrita, a vida dos intelectuais, a batalha do pensamento que se configurava

então. Existem, certamente, silêncios e lacunas neste trabalho, que quiçá contribuam para despertar novos questionamentos e novas pesquisas.

No exercício anacrônico da escrita da história, aquilo que é dito e, sobretudo, que ganha corpo através da escrita contribui para decidir o que ganhará o caráter de *verdade*, o que será perpetuado. Por mais que o processo de pesquisa nos faça perceber o quanto a história é construída a partir dos caminhos trilhados pelo historiador, sabemos o quanto somos responsáveis pelo que escrevemos, pelas concepções de história que imprimimos. Por isso, o que há de gratificante em escrever um trabalho como este entrecorta-se com o peso da responsabilidade de conferir-lhe o caráter adequado, de conduzi-lo comprometidos não apenas com a disciplina, mas com o mundo em que vivemos. Assim, para finalizar este trabalho, gostaria de citar uma passagem de Emiliano Pernetta que expressa o que há de prazeroso na vida intelectual, apesar das agruras: *A vida intelectual é cruel, meus confrades. Ah! mas que ouro da terra pode pagar a ventura de conceber-se e executar-se uma obra nova!*⁷⁶⁴. Faço minhas, as palavras de Emiliano.

*“De tudo ficaram três coisas:
A certeza de que estamos começando,
A certeza de que é preciso continuar e
A certeza de que podemos ser interrompidos antes de terminar.
Fazer da interrupção um caminho novo,
Fazer da queda um passo de dança,
Do medo uma escada,
Do sonho uma ponte,
Da procura um encontro,
E assim terá valido a pena existir!”*

Fernando Sabino

⁷⁶⁴ No original: “*A vida litteraria é cruel, meus confrades. Ah! mas que ouro da terra pode pagar a ventura de conceber-se e executar-se uma obra nova e rara!*”. PERNETTA, Emiliano. O Sapo – Semanário Litterario e Humoristico. Redactores: Diversos. Curityba, 6 de março de 1898. Anno I. N.º I. [Sem título].

Fontes

1- Livros, Folhetos e Artigos

- Abreu, Aluizio Ferreira. *Campos e Pinheirais*. Curitiba: Fundação Cultural, 1995. [coleção Farol do Saber]
- BALLÃO, Jaime. *A Fóz do Iguassú e as cataratas do Iguassú e do Paraná (descrição de viagem)*, 1920. Curitiba: Typ. d'A Republica, 1921.
- BIGG-WITHER, Thomas. *Novo Caminho no Brasil meridional: a Província do Paraná*. Curitiba: Imprensa Oficial do Paraná, 2001.
- BORBA, Nestor. *Excursão ao Salto da Guayra ou Sete Quedas*. Rio de Janeiro: Casa Mont'Alverne, 1897.
- CASTRO, Nestor de. *Bento Cego*. Curitiba: Typ. a vapor – Imprensa Paranaense Correia &C, 1902.
- _____. *Brindes*. Curitiba: Imprensa Paranaense, 1899.
- COELHO, Mariana. *O Paraná mental*. 2ª ed. Curitiba: Imprensa Oficial do Paraná, 2002. [coleção Brasil Diferente].
- CORREIA, Leôncio. *A bohemia do meu tempo*. Rio de Janeiro: F. Lopes, 1935.
- _____. *Meu Paraná*. Curitiba: Edição do Estado do Paraná, 1954.
- INSTITUTO NEO-PITAGÓRICO [org.]. *Obras Completas – Dario Vellozo*. Curitiba, 1975. [4 volumes]
- MARTINS, Romário. *Catálogo de jornais do Paraná*. Curitiba: S/editora, 1908.
- _____. *Curitiba de outr'ora e de hoje*. Curitiba: Prefeitura Municipal de Curitiba, 1922.
- _____. *História do Paraná*. Curitiba: Travessa dos Editores, 1995: 402. [coleção Farol do Saber].
- _____. *Paraná antigo e moderno*. Curitiba: Livraria Econômica, 1900.
- _____. *Terra e Gente do Paraná*. Curitiba: Prefeitura Municipal de Curitiba, 1995 [coleção Farol do Saber]
- MENEZES, Emílio de. *Poesia lírica & satírica*. Curitiba: Prefeitura Municipal de Curitiba, 1996.
- MURICY, José Cândido da Silva. *Ligeira descrição de uma viagem feita de Guarapuáva á Colonia de Foz do Iguassú em novembro de 1892*. Curitiba: Imprensa Paranaense, 1896.

_____. *Viagem ao país dos Jesuítas*. Curitiba: Imprensa Oficial do Estado, 1975.

NASCIMENTO, José Francisco Thomaz do. *Viagem feita por José Francisco Thomaz do Nascimento pelos desconhecidos sertões de Guarapuava, Província do Paraná, e relações que teve com os índios coroados, mais bravios daquelles lugares*. IN: Salles, Ana Luisa Fayet. Documentação sobre povos indígenas (séculos XVIII e XIX). Curitiba: Aos quatro ventos, 2000: 87-102.

NASCIMENTO, Virgilio Domingos do. *Pela Fronteira*. Curitiba: Typographia d'A Republica, 1903.

_____. *Pelo Dever*. Curitiba: Editora Moderna, 1902 [Folheto].

_____. *A Hulha Branca no Paraná*. Rio de Janeiro: Turnauer & Machado, 1914.

PARANÁ, Sebastião. *Esboço Geográfico da Província do Paraná*. s/local: Pinheiro, 1889.

_____. *Chorographia do Paraná*. Curitiba: Typographia da livraria economica Annibal Rocha & C, 1899.

PERNETTA, Emiliano. *Ilusão & outros poemas*. Curitiba: Prefeitura Municipal de Curitiba, 1996.

PERNETTA, Julio. *A Capella de São Francisco*. Revista O Cenáculo. 2º anno/2º tomo, 1896.

_____. *Amor Bucolico (Costumes Paranaenses)*. Revista O Cenaculo. 1º anno/1º tomo, 1895.

_____. *Benedicto Buzina (Costumes Paranaenses)*. Revista O Cenáculo. 1º anno/1º tomo, 1895.

_____. *Exorcismos (Costumes Paranaenses)*. Revista O Cenaculo. 1º anno/1º tomo, 1895.

_____. *Lenda Sertaneja*. Revista O Cenáculo. 2º anno/3ºtomo, 1896.

_____. *Totó Bueno (Costumes Paranaenses)*. Revista O Cenaculo. 2º anno/2º tomo, 1896.

_____. *A Igreja de Roma*. Curitiba: Impressora Paranaense, 1901.

_____. *A Pátria*. Curitiba: Livraria Econômica, 1898.

_____. *Bronzes*. Curitiba: Editora A. Guimarães, 1897.

_____. *Galileu e a Estrella*. Curitiba: Editora Au Louvre, 1904 [Folheto].

- _____. *Malditos*. Curitiba: Editora Econômica, 1909.
- _____. *Missões jesuíticas no Brasil*. Curitiba: A. Rocha, 1903
- _____. *Os Chacaes*. Curitiba: Editora Econômica, 1898.
- _____. *O Clero e a Monarquia*. S/local: S/editora, 1897 [Folheto].
- _____. *Pelas Tradições*. Curitiba, 1900.
- _____; VELLOZO, Dario. *Pelo Aborigene*. Curitiba: Editora Econômica, 1911.
- PILOTTO, Erasmo [org.]. *Obras Completas – Emiliano Pernetta*. Curitiba: Gerpa, 1945.
- POMBO, José Francisco da Rocha. *A Supremacia do Ideal: estudos sobre educação*. Castro: Editora e Typographia do Echo dos Campos, 1883.
- _____. *História do Brazil*. Rio de Janeiro: W.M. Jackson Inc, 1935. [4 volumes]
- _____. *História do Paraná*. 2.^a ed. São Paulo: Cia Melhoramentos, 1929.
- _____. *No Hospício*. Curitiba: Prefeitura Municipal de Curitiba, 1996 [coleção Farol do Saber].
- _____. *O Paraná no Centenário (1500-1900)*. 2.^a ed. Rio de Janeiro: José Olympio; Curitiba: Secretaria da Cultura e do Esporte do Estado do Paraná, 1980.
- _____. *Para a História: notas sobre a invasão federalista no Paraná*. Curitiba: Fundação Cultural de Curitiba, 1980.
- _____. *Petrucello*. Curitiba: Imprensa Paranaense, 1892.
- REBOUÇAS, André. *Parque Nacional – Notas e Considerações Geraes*. IN: BORBA, Nestor. *Excursão ao Salto da Guayra ou Sete Quedas*. Rio de Janeiro: Casa Mont'Alverne, 1897.
- RIVIEVE, Carlos. *Notícias sobre a Província do Paraná*. Rio de Janeiro: S.A Sisson, 1877.
- SAINT-HILAIRE, Auguste. *Viagem pela comarca de Curitiba*. Curitiba: Fundação Cultural de Curitiba, 1995.
- SANTOS, Nestor Vítor dos. *A Terra do Futuro: impressões do Paraná*. Curitiba: Prefeitura Municipal de Curitiba, 1996.
- _____. *Obra Critica de Nestor Vítor*. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa/Ministério da Educação e da Cultura, 1969. [3 volumes]

SILVEIRA NETTO, Manoel de Azevedo da. *De Guairá aos Saltos do Iguassú*. São Paulo: Edições da Companhia Editorial Nacional, 1914.

_____. *Luar de Hivero*. Curitiba: Prefeitura Municipal de Curitiba, 1996.

_____. *Paraná: palavras em louvor ao dia 19 de dezembro na festa comemorativa do Centro de Letras do Paraná*. Curitiba: Mundial, 1923.

_____. *Socialismo e Clero*. Revista O Cenáculo. Anno II. Tomo II, 1896.

TAUNAY, Alfredo d'Escragnolle. *Curiosidades Naturaes da Provincia do Paraná*. IN: Revista do Instituto Historico e Geographico Brasileiro. Tomo LIII. Parte I (1º e 2º trimestres). Rio de Janeiro: Typographia e Encadernação a vapor de Laemmert & C., 1890: 193-241.

_____. *Memórias*. São Paulo: Melhoramentos, 1948.

_____. *Os Índios Caingangs (Coroados de Guarapuava) – Monographia acompanhada de um vocabulario do dialectos de que usam*. IN: Revista do Instituto Historico e Geographico Brasileiro. Tomo LI. Rio de Janeiro: Typographia de Pinheiro & C., 1888: 251-309.

_____. *Pelos Verdes Campos (De Curitiba a Palmeira – 1886)*. IN: Abreu, Aluizio Ferreira. *Campos e Pinheirais*. Curitiba: Fundação Cultural, 1995. [coleção Farol do Saber]: 117-130.

TREVISAN, Edilberto. *Visitantes estrangeiros no Paraná*. 2.^a ed. Curitiba: Torre de Papel, 2002.

VELLOZO, Dario. *A Imprensa e o Clero*. Revista O Cenaculo. Anno II. Tomo II, 1896.

_____. *Cinerário & outros poemas*. Curitiba: Prefeitura Municipal de Curitiba, 1996.

_____. *Efêmeras*. Curitiba: Imprensa Paranaense, 1899.

_____. *Esquifes*. Curitiba: Imprensa Paranaense, 1896.

_____. *Lições de História*. Curitiba: Imprensa Paranaense, 1901.

2- Periódicos

2.1 revistas

Revista Paranaense, 1881.

O Mosqueteiro, 1887.

A Opinião, 1887.
A Vida Litteraria, 1887.
Revista do Paraná, 1887.
Santelmo, 1888.
O Trovão, 1888.
A Idea, 1888-1889.
A Galeria Illustrada, 1888-1889.
Club Curitibano, 1890-1900.
O Guarany, 1891.
O Futuro, 1892.
Revista Azul, 1893.
A Arte, 1895.
O Cenáculo, 1895-1897.
A Penna, 1897.
Jerusalém, 1897.
Pallium, 1898; 1900.
O Sapo, 1898-1900.
Esphynge, 1899-1900.
Azul, 1900.
Breviário, 1900.
Turris Ebúrnea, 1900.
Joaquim, 1946.

2.2 jornais

Jornal Dezenove de Dezembro, 1854-1890.
Jornal Diário do Commercio, 1891-1894.
Jornal Província do Paraná, 1883.

3- Documentos Públicos

Relatórios de Governo, 1854-1900.
Mensagens do Governador para a Assembléia Legislativa, 1892-1900.
Anais da Assembléia do Paraná, 1892-1900.

4- Fotografias

José Henrique, Emiliano Pernetta, Nestor Victor e Silveira Netto. Sem data. IN: PERNETA, Emiliano. *Ilusão & outros poemas.* Curitiba: Prefeitura Municipal de Curitiba, 1996: s/d.

Nestor Victor, Emiliano Pernetta, José Henrique de Santa Rita e Silveira Netto. Sem data. IN: SANTOS, Nestor Vítor dos. *A Terra do Futuro (impressões do Paraná).* Curitiba: Prefeitura Municipal de Curitiba, 1996: s/d.

Casa do Retiro Saudoso. Sem data. IN: VELLOZO, Dario. *Cinerário & outros poemas.* Curitiba: Prefeitura Municipal de Curitiba, 1996: s/d.

Ildefonso Pereira Correia, José Henrique de Santa Rita, Emílio de Menezes e Emiliano Pernetta. Sem data. IN: VELLOZO, Dario. *Cinerário & outros poemas.* Curitiba: Prefeitura Municipal de Curitiba, 1996: s/d.

Casa onde nasceu Emiliano Pernetta. Sem data. IN: PERNETA, Emiliano. *Ilusão & outros poemas.* Curitiba: Prefeitura Municipal de Curitiba, 1996: s/d.

D. Cristina Maria dos Santos e os filhos. Sem data. IN: PERNETA, Emiliano. *Ilusão & outros poemas.* Curitiba: Prefeitura Municipal de Curitiba, 1996: s/d.

Emiliano Pernetta, Leôncio Correia e Nestor Victor. Sem data. IN: PERNETA, Emiliano. *Ilusão & outros poemas.* Curitiba: Prefeitura Municipal de Curitiba, 1996: s/d.

Augusto Stresser, Annibal Scheleder e Silveira Netto no Passeio Público. Sem data. Acervo: Fundo da Casa da Memória (Curitiba).

Dario Vellozo entre o final da década de 1880 e 1890. (duas fotografias). IN: VELLOZO, Dario. *Cinerário & outros poemas.* Curitiba: Prefeitura Municipal de Curitiba, 1996: s/d.

Dario Vellozo aos 15 anos, no Rio de Janeiro. 1885. IN: VELLOZO, Dario. *Cinerário & outros poemas.* Curitiba: Prefeitura Municipal de Curitiba, 1996: s/d.

Dario Vellozo aos 23 anos. 1893. IN: VELLOZO, Dario. *Cinerário & outros poemas.* Curitiba: Prefeitura Municipal de Curitiba, 1996: s/d.

Silveira Netto. Sem data. IN: NETO, Manoel Azevedo da Silveira. *Luar de Inverno.* Curitiba: Prefeitura Municipal de Curitiba, 1996: s/p.

Nestor Victor aos 32 anos. 1900. Acervo: Fundo da Casa da Memória (Curitiba).

Nestor Victor no final da vida. Final da década de 1920. IN: SANTOS, Nestor Vítor dos. *A Terra do Futuro (impressões do Paraná).* Curitiba: Prefeitura Municipal de Curitiba, 1996: s/d.

Última fotografia de Dario Vellozo. 1937. IN: VELLOZO, Dario. Cinerário & outros poemas. Curitiba: Prefeitura Municipal de Curitiba, 1996: s/d.

Dario Vellozo. Sem data. Acervo: Fundo da Casa da Memória (Curitiba).

Emiliano na escrivania. Sem data. Acervo: Centro de Letras do Paraná.

Emiliano aos 42 anos. 1908. IN: PERNETA, Emiliano. Ilusão & outros poemas. Curitiba: Prefeitura Municipal de Curitiba, 1996: s/d.

Emiliano Pernetta. Sem data. Acervo: Fundo da Casa da Memória (Curitiba).

Pessoas chegando ao Passeio Público para o coroamento de Emiliano Pernetta. 20 de agosto de 1911. IN: PERNETA, Emiliano. Ilusão & outros poemas. Curitiba: Prefeitura Municipal de Curitiba, 1996: s/d.

Ilha da Ilusão, Passeio Público. Sem data. IN: PERNETA, Emiliano. Ilusão & outros poemas. Curitiba: Prefeitura Municipal de Curitiba, 1996: s/d.

Intelectuais homenageiam Emiliano Pernetta. Sem data. IN: PERNETA, Emiliano. Ilusão & outros poemas. Curitiba: Prefeitura Municipal de Curitiba, 1996: s/d.

Desfile na rua XV de Novembro. Novembro de 1911. (duas fotografias). IN: PERNETA, Emiliano. Ilusão & outros poemas. Curitiba: Prefeitura Municipal de Curitiba, 1996: s/d.

Pensão Kröhner. Sem data. IN: PERNETA, Emiliano. Ilusão & outros poemas. Curitiba: Prefeitura Municipal de Curitiba, 1996: s/d.

Intelectuais reunidos no 90º dia de falecimento de Emiliano Pernetta, Rio de Janeiro. Abril de 1921. IN: POMBO, José Francisco da Rocha. *No hospício.* Curitiba: Prefeitura Municipal de Curitiba, 1996: s/p.

Dario Vellozo, Olavo Bilac e outros docentes do Ginásio Paranaense. 17 de dezembro de 1916. IN: VELLOZO, Dario. Cinerário & outros poemas. Curitiba: Prefeitura Municipal de Curitiba, 1996: s/d.

Dario Vellozo discursando na recepção a Olavo Bilac. 17 de dezembro de 1916. IN: VELLOZO, Dario. Cinerário & outros poemas. Curitiba: Prefeitura Municipal de Curitiba, 1996: s/d.

Dario Vellozo discursando no Club Curitibano. Junho de 1911. IN: VELLOZO, Dario. Cinerário & outros poemas. Curitiba: Prefeitura Municipal de Curitiba, 1996: s/d.

Alunos do Instituto Paranaense. Sem data. IN: PERNETA, Emiliano. Ilusão & outros poemas. Curitiba: Prefeitura Municipal de Curitiba, 1996: s/d.

Alunos do Instituto Paranaense. Abril de 1886. Acervo: Fundo da Casa da Memória (Curitiba).

Vista de Curitiba, em torno de 1870, com igreja matriz ao fundo. Acervo: Fundo da Casa da Memória (Curitiba).

Vista do Alto da Glória (Curitiba). 1880. IN: PERNETA, Emiliano. *Ilusão & outros poemas.* Curitiba: Prefeitura Municipal de Curitiba, 1996: s/d.

Rua XV de Novembro, esquina com Presidente Faria. 1900. Acervo: Fundo da Casa da Memória (Curitiba).

Escola de Belas Artes e Indústrias. Sem data. Acervo: Fundo da Casa da Memória (Curitiba).

Estrada da Graciosa, no Alto da Glória. 1886. Acervo: Fundo da Casa da Memória (Curitiba).

Rocha Pombo em uma de suas últimas fotos. Década de 1930. IN: POMBO, José Francisco da Rocha. *No hospício.* Curitiba: Prefeitura Municipal de Curitiba, 1996: s/p.

Homenagem do Colégio Batista a Rocha Pombo. 29 de abril de 1933. IN: POMBO, José Francisco da Rocha. *No hospício.* Curitiba: Prefeitura Municipal de Curitiba, 1996: s/p.

Dario Vellozo, Silveira Netto, Antonio Braga, Julio Pernetta, sentados (Grupo Cenáculo). Sem data. IN: VELLOZO, Dario. *Cinerário & outros poemas.* Curitiba: Prefeitura Municipal de Curitiba, 1996: s/d.

Dario Vellozo, Antonio Braga, Silveira Netto e Julio Pernetta, de pé (Grupo Cenáculo). Sem data. IN: VELLOZO, Dario. *Cinerário & outros poemas.* Curitiba: Prefeitura Municipal de Curitiba, 1996: s/d.

Silveira Netto, Dario Vellozo e Julio Peretta (Grupo Cenáculo). Sem data. IN: VELLOZO, Dario. *Cinerário & outros poemas.* Curitiba: Prefeitura Municipal de Curitiba, 1996: s/d.

Impressora Paranaense, vista externa. 1905 (data estimada). Acervo: Fundo da Casa da Memória (Curitiba).

Impressora Paranaense, vista externa. Década de 1910. Acervo: Fundo da Casa da Memória (Curitiba).

Impressora Paranaense, vista externa. 1915 (data estimada). Acervo: Fundo da Casa da Memória (Curitiba).

Erma de Emiliano Pernetta. Sem data. IN: PERNETA, Emiliano. *Ilusão & outros poemas.* Curitiba: Prefeitura Municipal de Curitiba, 1996: s/d.

Cerimônia de inauguração do busto de Emilio de Menezes na Praça Osório. Sem data. IN: MENEZES, Emílio de. *Poesia lírica & satírica.* Curitiba: Prefeitura Municipal de Curitiba, 1996: s/d.

Chegada dos restos mortais de Emilio de Menezes em Curitiba. 1927. IN: MENEZES, Emílio de. *Poesia lírica & satírica.* Curitiba: Prefeitura Municipal de Curitiba, 1996: s/d.

Monumento em que está sepultado Rocha Pombo, em Morretes. Sem data. IN: POMBO, José Francisco da Rocha. *No hospício.* Curitiba: Prefeitura Municipal de Curitiba, 1996: s/p.

Casa Rocha Pombo. Sem data. IN: POMBO, José Francisco da Rocha. *No hospício.* Curitiba: Prefeitura Municipal de Curitiba, 1996: s/p.

Bibliografia

Bibliografia Específica – obras relativas ao Paraná

BALHANA, Carlos de Freitas. *Idéias em confronto*. Curitiba: Grafipar, 1981. [coleção estudos paranaenses]

BEGA, Maria Tarcisa Silva. *Sonho e Invenção do Paraná: geração simbolista e a construção de identidade regional*. Tese [doutorado em Sociologia]. São Paulo: USP, 2001.

BERBERI, Elizabete. *Impressões: a modernidade através das crônicas no início do século em Curitiba*. Curitiba: Aos quatro ventos, 1998.

BRAGA, Rubem & D'Horta, Arnaldo Pedroso. *Dois repórteres no Paraná*. 2ª ed. Curitiba: Imprensa Oficial do Estado, 2001. [coleção Brasil Diferente]

CARNEIRO, Newton Isaac da Silva. *Surto e desenvolvimento das artes gráficas em Curitiba*. Curitiba: edições Paiol, 1975.

CAROLLO, Cassiana Lacerda. *Decadismo e Simbolismo no Brasil: crítica e poética*. Rio de Janeiro/Brasília: Livros Técnicos e Científicos/INL, 1980.

_____. *Do Simbolismo aos antecedentes de 22*. Rio de Janeiro/Curitiba: Fundação Casa de Rui Barbosa/Secretaria de Estado da Cultura e do Esporte do Paraná, 1982.

_____. Decadismo e Simbolismo. IN: Vellozo, Dario. *Cinerário & outros poemas*. Curitiba: Prefeitura Municipal de Curitiba, 1996: xiii-Lii. [coleção Farol do Saber]

_____. Emiliano Pernetá: da fuga e dissipação à busca do absoluto. IN: Pernetá, Emiliano. *Ilusão & outros poemas*. Curitiba: Prefeitura Municipal de Curitiba, 1996: vii-xLiii. [coleção Farol do Saber]

_____. Emilio de Menezes: expressão de seu tempo. IN: Menezes, Emilio de. *Poesia lírica & satírica*. Curitiba: Prefeitura Municipal de Curitiba, 1996: xiii-xix. [coleção Farol do Saber]

_____. Luar de Hivero de Silveira Neto – expressão do decadismo. IN: Silveira Neto, Manoel Azevedo da. *Luar de Hivero*. Curitiba: Prefeitura Municipal de Curitiba, 1996: 7-19. [coleção Farol do Saber]

- _____. Nestor Vítor: um olhar do crítico sobre o Paraná. IN: Santos, Nestor Vítor. *A Terra do Futuro: impressões do Paraná*. Curitiba: Prefeitura Municipal de Curitiba, 1996: vii-xix. [coleção Farol do Saber]
- _____. Rocha Pombo e o naturalismo dos simbolistas. IN: Pombo, José Francisco da Rocha. *No hospício*. Curitiba: Prefeitura Municipal de Curitiba, 1996: 7-42. [coleção Farol do Saber]
- _____. Romário – Um historiador combatente. IN: Martins, Alfredo Romário. *História do Paraná*. Curitiba: Prefeitura Municipal de Curitiba, 1998. [coleção Farol do Saber]
- CARVALHO, Alessandra Izabel de. *Nestor Vítor: um intelectual e as idéias de seu tempo (1890-1930)*. Curitiba: Aos quatro ventos, 1998.
- COSTA, Odah Regina Guimarães. *Ação empresarial do Barão do Serro Azul: subsídios para o estudo da industrialização no Paraná*. Curitiba: Secretaria de Estado, da Cultura e do Esporte: GRAFIPAR, 1981.
- DENIPOTI, Cláudio. Viagens, viajantes e quedas d'água: as possibilidades de uma série documental. IN: Berberi, Elizabete & DeNipoti, Cláudio. *Relatos de viagem a Guairá e Foz do Uguaçu*. Curitiba: Aos quatro ventos, 1998. [série Monumenta]
- HABITZREUTER, Rubens R. *A Conquista da Serra do Mar*. Curitiba: Pinha, 2000.
- IORIO, Regina Elena Sabóia. *Intrigas & Novelas: literatos e literatura na década de 1920*. Tese [doutorado em História]. Curitiba: UFPR, 2003.
- LACERDA, Maria Thereza B. Subsídios para a história do teatro no Paraná. IN: Boletim do Instituto Histórico, Geográfico e Etnográfico Paranaense. Vol. XXXVII. Curitiba, 1980.
- LAMB, Roberto Edgar. *Uma jornada civilizadora: imigrante, conflito social e segurança pública na Província do Paraná (1867-1882)*. Curitiba: Aos quatro ventos, 1999.
- LINHARES, Temístocles. *Paraná Vivo*. Curitiba: Imprensa Oficial do Estado, 2000. [coleção Brasil Diferente].
- _____. *História econômica do mate*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1969.
- MACHADO, Brasil Pinheiro. *Poemas seguidos de dois ensaios*. Curitiba: Imprensa Oficial do Paraná, 2001.
- MARCHETTE, Tatiana Dantas. *Corvos nos galhos das acácias: o movimento anticlerical em Curitiba (1896-1912)*. Curitiba: Aos quatro ventos, 1999.

- MARTINS, Wilson. *Um Brasil diferente: ensaios sobre fenômenos de aculturação no Paraná*. 2.ed. São Paulo: T.A Queiroz, 1989.
- MELLO, Sílvia Gomes Bento de. *Trilhos do Progresso: notas sobre a estrada de ferro Paranaguá-Curitiba*. IN: *Processos de Territorialização: entre a história e a antropologia*. Goiânia: UCG, 2005.
- MOTA, Lúcio Tadeu. *As colônias indígenas no Paraná provincial*. Curitiba: Aos quatro ventos, 2000.
- MURICY, José Cândido de Andrade. *Panorama do Movimento Simbolista Brasileiro. Vol. 1*. 2ª ed. Brasília: Conselho Federal de Cultura e Instituto Nacional do Livro, 1973.
- OLINTO, Beatriz Anselmo. *Pontes e Muralhas: diferença, lepra e tragédia*. Tese [doutorado em História]. Florianópolis: UFSC, 2002.
- OLIVEIRA, Luiz Cláudio Soares de. *Joaquim contra o Paranismo*. Dissertação [mestrado em Literatura]. Curitiba: UFPR, 2005.
- PEREIRA, José Ernesto Erichsen. *Uma história de caminhos: estudo sobre a formação e a influência do Paraná no sul do país*. Curitiba, 1997.
- PEREIRA, Luís Fernando Lopes. *Paranismo: o Paraná inventado – Cultura e Imaginário no Paraná da I República*. Curitiba: Aos quatro ventos, 1997.
- PEREIRA, Magnus Roberto de Mello. *Fazendeiros, industriais e não-morigerados: ordenamento jurídico e econômico na sociedade paranaense*. Dissertação [mestrado em História]. Curitiba, 1990.
- PILOTTO, Osvaldo. *Cem anos de imprensa no Paraná (1854-1954)*. Curitiba: Instituto Histórico, Geográfico e Etnográfico do Paraná, 1976.
- QUELUZ, Gilson Leandro. *Rocha Pombo: romantismos e utopias (1890-1905)*. Curitiba: Aos quatro ventos, 1998.
- SALLAS, Ana Luisa Fayet. Os povos indígenas dos Campos de Guarapuava. IN: *Documentação sobre povos indígenas (séculos VXIII-XIX)*. Curitiba, 2001: 1-22. [série Monumenta]
- SÊGA, Rafael Augustus. *Tempos Belicosos: a revolução federalista no Paraná e a rearticulação da vida político-administrativa do Estado (1889-1907)*. Curitiba: Aos quatro ventos/CEFET-Pr, 2005.
- STRAUB, Ericson Luiz. *A tipografia nos meios editoriais de Curitiba*. Dissertação [mestrado em Engenharia de Produção]. Florianópolis: UFSC, 2002.
- SZVARÇA, Décio Roberto. *O Forjador: Ruínas de um mito (Romário Martins, 1893-1944)*. Curitiba: Aos quatro ventos, 1998.

WACHOWICZ, Ruy. *História do Paraná*. 10ª ed. Curitiba: Imprensa Oficial do Estado, 2002. [coleção Brasil Diferente].

Cem anos de Imprensa Paranaense. Curitiba, 1988. [catálogo de exposição]

Cincoentenario da Estrada de Ferro do Paraná (1885-1935). Curitiba, 1935. [publicação comemorativa da Rede de Viação Paraná-Santa Catarina]

Dicionário histórico-biográfico do Paraná. Curitiba: Chain/Banco do Brasil, 1991

Bibliografia Geral

ABREU, Márcia; SCHAPOCHNIK, Nelson [orgs.]. *Cultura Letrada no Brasil: objetos e práticas*. Campinas: Mercado das Letras, 2005. [coleção Histórias de Leituras].

AGAMBEN, Giorgio. *Infância e História: destruição da experiência e origem da história*. Belo Horizonte: UFMG, 2005.

ARENDETT, Hannah. *A Condição Humana*. 10ª ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2001.

AZEREDO, Vânia Dutra de [org.]. *Encontros Nietzsche*. Ijuí: Ijuí, 2003. [coleção Filosofia].

AZEVEDO, Fernando de. *A Cultura Brasileira: introdução ao estudo da cultura no Brasil*. 2º Tomo. 3ª edição. São Paulo: Melhoramentos, 1958.

_____. *A Transmissão da Cultura*. São Paulo: Melhoramentos, s/d.

BARREIRO, José Carlos. *Imaginário e viajantes no Brasil do século XIX: cultura e cotidiano, tradição e resistência*. São Paulo: Unesp, 2002.

BATAILLE, Georges. *História do Olho*. São Paulo: Cosac Naify, 2003.

BAUDELAIRE, Charles. *Sobre a Modernidade: o pintor da vida moderna*. [organização de Teixeira Coelho]. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.

BENJAMIN, Walter. *Arte e Técnica, Magia e Política: ensaio sobre literatura e história da cultura* (obras escolhidas, vol. I). 7ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.

_____. *Rua de mão única* (obras escolhidas, vol II). 5ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1995.

_____. *Charles Baudelaire, um lírico do auge do capitalismo*. 3ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.

BODEI, Remo. *As formas da beleza*. Bauru: Edusc, 2005.

BOLOGNIMI, Carmen Zink [org.]. *História da Literatura: o discurso fundador*. Campinas: Mercado das Letras, 2003. [coleção Histórias de Leituras].

- BOSI, Alfredo. *História concisa da literatura brasileira*. 40ª ed. São Paulo: Cultrix, 2002.
- BRESCIANI, Maria Stella Martins. *O charme da ciência e a sedução da objetividade: Oliveira Vianna entre os intérpretes do Brasil*. São Paulo: Unesp, 2005.
- BROCA, José Brito. *A vida literária no Brasil – 1900*. 3ª ed. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1975.
- BUCK-MORSS, Susan. *Dialética do olhar: Walter Benjamin e os projetos das Passagens*. Belo Horizonte/Chapecó: UFMG/Argos, 2002.
- BURKE, Peter & PORTER, Roy. *Linguagem, Indivíduo e Sociedade*. São Paulo: Unesp, 1993.
- CARDOSO JR. Helio Rebello. *Tramas de Clio: convivência entre Filosofia e História*. Curitiba: Aos quatro ventos, 2001.
- CARVALHO, José Murilo de. *A formação das Almas: o imaginário da República no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.
- _____. *Os bestializados: o Rio de Janeiro e a República que não foi*. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.
- _____. *Pontos e Bordados: escritos de história e política*. Belo Horizonte: UFMG, 1998.
- COMPAGNON. Antoine. *O Demônio da Teoria: literatura e senso comum*. Belo Horizonte: UFMG, 2003.
- COMTE, Augusto. *Discurso sobre o Método Positivo*. São Paulo: escala, s/d.
- DELEUZE, Gilles. *Conversações (1972-1990)*. Rio de Janeiro: Editora 34, 1992. [coleção TRANS].
- _____. *Diferença e Repetição*. Rio de Janeiro: Graal, 1988.
- _____ e GATTARI, Felix. *Mil Platôs – capitalismo e esquizofrenia, vol 1*. Rio de Janeiro: Editora 34, 1995. [coleção TRANS].
- DERRIDA, Jacques. *A Escritura e a Diferença*. São Paulo: Perspectiva, 2002.
- _____. *Espectros de Marx*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, s/d.
- DUARTE, Rodrigo [org.]. *Belo, Sublime e Kant*. Belo Horizonte: UFMG, 1998.
- ECO, Humberto [org.]. *História da Beleza*. Rio de Janeiro: Record, 2004.
- ELIAS, Norbert. *A Peregrinação de Watteau à Ilha do Amor*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.
- FIGUEIREDO, Vera Lúcia Follain de. *Da profecia ao Labirinto: imagens da História na ficção Latino-Americanas*. Rio de Janeiro: Imago/UERJ, 1994. [série Diversos]

- FLORES, Maria Bernardete Ramos; LEHMKUHL, Luciene; COLLAÇO, Vera. *A casa do baile: estética e modernidade em Santa Catarina*. Florianópolis: Fundação Boiteux, 2006.
- FOUCAULT, Michel. *Arqueologia do Saber*. 6ª ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2000.
- _____. *As Palavras e as Coisas: uma arqueologia das Ciências Humanas*. 8ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2000.
- _____. *Em Defesa da Sociedade*. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- _____. *História da Loucura*. 6ª ed. São Paulo: Perspectiva, 2002.
- _____. *Isto não é um cachimbo*. 3ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.
- _____. *Microfísica do Poder*. 13ª ed. Rio de Janeiro: Graal, 1979.
- _____. *Resumo dos cursos do Collège de France (1970-1982)*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.
- FRANGE, Lucimar Bello Pereira. *Por que se esconde a violeta? Isto não é uma concepção de desenho, nem pós-moderna, nem tautológica*. São Paulo: Annablume, 1995.
- GAGNEBIN, Jeanne Marie. *História e Narração em Walter Benjamin*. São Paulo: Perspectiva, 1999.
- _____. *Sete Aulas sobre Linguagem, Memória e História*. Rio de Janeiro: Imago ed., 1997.
- GOETHE, Johann Wolfgang. *Afinidades Eletivas*. Rio de Janeiro: Edioro, s/d.
- _____. *Escritos sobre Arte*. São Paulo: Associação Editorial Humanitas/Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2005.
- GOMES, Ângela de Castro. *Essa gente do Rio... modernismo e nacionalismo*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1999.
- HARVEY, David. *A Condição Pós-Moderna*. 9ª ed. São Paulo: Loyola, 2000.
- HARTOG, François. *Memória de Ulisses: narrativas sobre fronteira na Grécia antiga*. Belo Horizonte: UFMG, 2004.
- HOLANDA, Sérgio Buarque. *Caminhos e Fronteiras*. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.
- _____. *Visão do Paraíso: os motivos edênicos no descobrimento e colonização do Brasil*. São Paulo: Brasiliense, 2000.

- IGLÉSIAS, Francisco. *Os historiadores do Brasil: capítulo de historiografia brasileira*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira; Belo Horizonte: UFMG/IPEA, 2000.
- LICHTENSTEIN, Jacqueline [org.]. *A Pintura – Vol. 4: O belo*. São Paulo: Ed. 34, 2004.
- LISBOA, Karen Macknow. *A nova Atlântida de Spix e Martius: natureza e civilização na Viagem pelo Brasil (1817-1820)*. São Paulo: Hucitec, 1997.
- LOUSADA, Janaina Zito. *Desejos e Melancolias: uma história da idéia de natureza no Brasil (1839-1870)*. Curitiba: Aos Quatro Ventos, 2000.
- LUCA, Tânia Regina de. *A Revista do Brasil: um diagnóstico para a (N)ação*. São Paulo: Unesp, 1999.
- LUSTOSA, Isabel. *Mendes Fradique: História do Brasil pelo método confuso*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.
- MAGNOLE, Demétrio. *O Corpo da Pátria: imaginação geográfica e política externa no Brasil (1808-1912)*. São Paulo: Unesp/Moderna, 1997.
- MARIN, Louis. *Sublime Poussin*. São Paulo: USP, 2000.
- MARTIN-BARBERO, Jesús. *Dos Mitos às Mediações: comunicação, cultura e hegemonia*. 2ª ed. Rio de Janeiro: UFRJ, 2003.
- MARTINS, Luciana de Lima. *O Rio de Janeiro dos Viajantes: o olhar britânico (1800-1850)*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar editor, 2001.
- MURICY, Kátia. *Alegorias da Dialética: imagem e pensamento em Walter Benjamin*. Rio de Janeiro: Relumê Dumirá, 1998.
- NEEDELL, Jeffrey D. *Belle Époque Tropical: sociedade e cultura de elite no Rio de Janeiro na virada do século*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.
- NIETZSCHE, Friedrich. *Além do Bem e do Mal: prelúdio a uma Filosofia do Futuro*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.
- _____. *Humano, demasiado humano: um livro para os espíritos livres*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005. [coleção Companhia de Bolso].
- _____. *Crepúsculo dos Ídolos ou Como filosofar a marteladas*. São Paulo: escala, s/d.
- _____. *O Nascimento da Tragédia ou Helenismo e Pessimismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.
- _____. *Segunda Consideração Intempestiva: da utilidade e desvantagem da História para a vida*. Rio de Janeiro: Relumê Dumará, 2003.

- OLIVEIRA, Valéria Ochoa. *Um olhar sobre as musas de Eliseu Visconti: a pintura do foyer do Teatro Municipal do Rio de Janeiro*. Dissertação [mestrado em História].Uberlândia: UFU, 2004.
- ORTIZ, Renato. *Românticos e Folcloristas: cultura popular*. São Paulo: Olho D'água, s/d.
- PETERS, Michael. *Pós-estruturalismo e filosofia da diferença: uma introdução*. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.
- RAMA, Angel. *A cidade das letras*. São Paulo: Brasiliense, 1985.
- RAMOS, Maria Bernardete. *O mito de Adão e Eva revisitado: acerca do feminino e do masculino na cultura da nação*. IN: Esboços (Revista do Programa de Pós-Graduação em História – UFSC). N.º 09. Chapecó: Argos, 2002.
- RANCIÈRE, Jacques. *Políticas da Escrita*. Rio de Janeiro: Editora 34, 1995. [coleção TRANS]
- _____. *O Desentendimento: política e filosofia*. São Paulo: Editora 34, 1996. [coleção TRANS]
- _____. *A Partilha do Sensível: estética e política*. São Paulo: EXO experimental org./Editora 34, 2005.
- REIS, José Carlos. *As Identidades do Brasil de Varnhagen a FHC*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1999.
- REVEL, Jacques. *A invenção da sociedade*. Lisboa: Difel, 1989.
- RIBON, Michel. *A Arte e a Natureza*. São Paulo: Papyrus, 1991.
- ROSENFELD, Kathrin Holzermayr [org; colaboração de Francisco Marshall]. *Filosofia e literatura: o trágico*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001.
- ROSSATO, Luciana. *A lupa e o Diário: história natural, viagens científicas e relatos sobre a capitania de Santa Catarina (1763-1822)*. Tese [doutorado em História].Porto Alegre: UFRGS, 2005.
- ROUGEMONT, Denis. *A História do Amor no Ocidente*. São Paulo: Ediouro, 2003.
- SAID, Edward W. *Orientalismo: O Oriente como invenção do Ocidente*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.
- _____. *Cultura e Imperialismo*. São Paulo: Companhia da Letras, 1995.
- SALOMON, Marlon. *O Saber do Espaço: ensaio sobre a geografização do espaço em Santa Catarina no século XIX*. Tese [doutorado em História]. Florianópolis: UFSC, 2002.

- SALOMON, Marlon; SILVA, Joana Fernandes; ROCHA, Leandro Mendes [orgs]. *Processos de Territorialização: entre a história e a antropologia*. Goiânia: UCG, 2005.
- SELIGMANN-SILVA, Márcio [org.]. *Leituras de Walter Benjamin*. São Paulo: Annablume, 1997.
- _____. *Ler o livro do mundo – Walter Benjamin: Romantismo e crítica literária*. São Paulo: Iluminuras, 1999.
- SERPA, Élio Cantalício. *Igreja e Poder em Santa Catarina*. Florianópolis: UFSC, 1997.
- SEVCENKO, Nicolau. *Literatura como missão: tensões sociais e criação cultural na Primeira República*. 2ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.
- _____. [org.] *História da Vida Privada no Brasil. Vol. 3 – República: da Belle Époque à Era do Rádio*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.
- SUASSUNA, Ariano. *Iniciação à Estética*. 7ªed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2005.
- SÜSSEKIND, Flora. *Cinematógrafo das Letras: literatura, técnica e modernização no Brasil*. São Paulo: Cia das Letras, 1987.
- _____. *O Brasil não é longe daqui: o narrador, a viagem*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.
- TAINÉ, Hippolyte. *Da natureza e produção da obra de arte*. Lisboa: editorial inquérito, s/d.
- TODOROV, Tzvetan. *Nós e os Outros: a reflexão francesa sobre a diversidade humana. Vol. 1*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1993.
- TOLSTOI, Leon. *O que é arte?* São Paulo: Ediouro, 2002.
- TORRES, Marie-Hélène Catherine. *Cruz e Souza e Baudelaire: satanismo poético*. Florianópolis: UFSC, 1998.
- VELOSO, Mariza Motta Santos & MADEIRA, Maria Angélica. *Leituras Brasileiras: itinerários no pensamento social e na literatura*. 2ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 2000.
- VENTURA, Roberto. *Estilo Tropical: história cultural e polêmicas literárias no Brasil (1870-1914)*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.
- _____. *Casa-Grande & Senzala*. São Paulo: Publifolha, 2000. [coleção folha explica].
- _____. *Os Sertões*. São Paulo: Publifolha, 2002. [coleção folha explica].
- _____. *Euclides da Cunha – Esboço biográfico (retrato interrompido da vida de Euclides da Cunha)*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.
- WEGNER, Robert. *A conquista do Oeste: a fronteira na obra de Sérgio Buarque de Holanda*. Belo Horizonte: UFMG, 2000.

WILLIAMS, Raymond. *O Campo e a Cidade na história e na literatura*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

YOUNG, Robert J. C. *Desejo Colonial: hibridismo em teoria, cultura e raça*. São Paulo: Perspectiva, 2005.